
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Lidiane Tania Ronsoni Maier

**Uma história dos primeiros cursos de formação de professores de Matemática
em Santa Catarina: movimentos e particularidades**

Rio Claro – SP

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Julio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática
Câmpus Rio Claro

LIDIANE TANIA RONSONI MAIER

**Uma história dos primeiros cursos de formação de professores de Matemática
em Santa Catarina: movimentos e particularidades**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Educação Matemática.

Orientador: Antonio Vicente Marafioti Garnica
Coorientador: Antonio Carlos de Souza

Rio Claro – SP

2021

M217h Maier, Lidiane Tania Ronsoni
Uma história dos primeiros cursos de formação de professores de
Matemática em Santa Catarina : movimentos e particularidades /
Lidiane Tania Ronsoni Maier. -- Rio Claro, 2021
383 p. : il., tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientador: Antonio Vicente Marafioti Garnica
Coorientador: Antonio Carlos de Souza

1. Educação Matemática. 2. História da Educação Matemática. 3.
História Oral. 4. Santa Catarina. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LIDIANE TANIA RONSONI MAIER

**UMA HISTÓRIA DOS PRIMEIROS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DE MATEMÁTICA EM SANTA CATARINA: MOVIMENTOS E
PARTICULARIDADES**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos de Souza (coorientador) – UNESP/Guaratinguetá (SP)

Profa. Dra. Heloísa da Silva – UNESP/Rio Claro (SP)

Profa. Dra. Maria Ednéia Martins Salandim – UNESP/Bauru (SP)

Profa. Dra. Adriana Richit – UFFS/Erechim (RS)

Profa. Dra. Leoni Malinoski Fillos – Unicentro/Irati (PR)

Resultado: APROVADO

Rio Claro - SP, 30 de março de 2021. .

Esclarecendo...

Devo esclarecer, de início, que duas pessoas muito especiais acompanharam o desenvolvimento dessa tese. Antonio Vicente Marafioti Garnica acompanhou-me desde meus primeiros passos nesse Programa de Doutorado, auxiliando-me no processo de produção de dados, transcrições e textualizações, como meu orientador, até o momento de minha qualificação. A partir desse momento, Vicente e eu, convidamos Antonio Carlos de Souza para coorientar esse trabalho. Ele aceitou e assumiu minhas orientações, passando a ser, efetivamente, meu orientador, mesmo sendo coorientador. Gostaria de deixar registrado, aqui, a eficiência do trabalho dos dois. Sinto-me honrada de ter sido orientada por eles!!

♡ Dedico esse trabalho a todos que passaram por mim,
me deixaram marcas e memórias,
e me tornaram quem sou.

♡ Dedico também, a grande educadora que perdemos, entre a qualificação e a defesa dessa
tese em função da covid-19.
♡ Professora ♡ Ivete ♡ Baraldi, essa tese tem também suas marcas.

♡ Agradecimentos

Agradecer torna as coisas mais fáceis, faz você se sentir livre, humano, feliz... Agradecer me faz parar para pensar no primeiro dia, na disciplina concentrada da professora Rosa, e ainda antes disso, quando conheci Vicente – o primeiro Antônio – e no seu chamado de longe no dia da entrevista: “Quem é Lidianne?” Eu não o conhecia e não poderia saber o quanto ele seria importante nesse processo. Obrigada Vicente!!!

Naquele dia, também conheci Helô – Heloisa da Silva – e Ivete – Ivete Maria Baraldi e naquela entrevista pude falar de minha felicidade de ter chego até ali e, de poder conhecê-las pessoalmente. Quando lia seus textos (Vicente, Helô e Ivete) no mestrado, eles me pareciam tão longe, distantes, intocáveis, por isso tamanha alegria ao conhecê-los, por saber que eram humanos também. Helô e Ivete, obrigada!!

Logo na primeira semana conheci muita gente nova, os colegas de turma, os professores, a Ina – Inajara (secretária) – obrigada Ina!! Com tantas pessoas novas chegando, vamos nos afeiçoando aos mais próximos. Iara e Leda. Moramos juntas por um ano. Elas viram e ouviram o choro, por várias vezes, à noite, no escuro. Por vezes só ouviam, outras abraçavam, davam forças e isso servia de combustível. Obrigada Iara!! Obrigada Leda!!

Na primeira reunião do GHOEM pude conhecer mais gente, gente que estava chegando, Jean, Eliete, Natália, Iara, gente que estava no meio do processo, Vinícius, Ana Claudia, Bruna, Érica, Marinéia e Leoni, e, gente que estava encerrando, Marcelo, Alex. Pessoal, conviver esses anos com vocês, foi incrível, aprendi muito, desconstruí e construí conhecimento novo. Obrigada, vocês são excelentes colegas!!

Depois fui conhecendo os professores, um a um, quase todos do programa, e agradeço a cada um, por todo ensinamento, toda troca, toda contribuição para minha formação.

Entre idas e voltas a Rio Claro, conheci Leoni. Foi minha companheira de estrada por diversas vezes. E agora sei, que o doutorado pode ter me trazido inúmeros conceitos, mas alguns dos mais importantes foram: amizade, companheirismo e confiança. Obrigada minha querida Leoni por me ensinar, a cada trajeto, a construção desses conceitos.

Com a produção dos dados, também me produzi, me construí, me desafiei. E, a cada entrevista, pude saber que era isso mesmo que queria para mim. Não quero só pesquisar sobre docentes, sobre formação. Quero ser docente! Aos meus depoentes, Ailton, Valdeci, Aroldo, Lili, Neda, Teresinha, Osni e Mirian, obrigada, pela grandiosidade de informações e histórias, que tornaram possíveis esses agradecimentos.

Bem, pouco antes de minha qualificação ele chegou – o segundo Antonio. Tímido, calmo, com sotaque. Foi ganhando minha confiança e eu, a sua. Nos acertamos, nos compreendemos, produzimos juntos. Antonio Carlos, muito obrigada, por toda confiança, direção e carinho!!

Na qualificação, chegou mais gente: Maria Edneia e Leoni. Junto à Ivete, Antonio Carlos e Helô, indicaram vários caminhos. Sugeriram, debateram, recomendaram... E percebi, o quanto fomos felizes (Vicente e eu) na escolha da banca. Agradeço, imensamente, a oportunidade que tive, mais uma vez, de

aprender com vocês. Aproveito para agradecer também, Alex, Vinícius e Bruna, que também aceitaram esse desafio e se juntarão a nós para a defesa dessa tese.

Quando retornei de meu afastamento da universidade onde trabalho, encontrei as colegas que havia deixado, dois anos antes, Gesibel, Karine, Bruna e Priscila, e que assumiram minhas atividades para que eu pudesse assumir o doutorado. Meninas, essa tese, além de conter agradecimentos a vocês, também é dedicada a vocês. Obrigada por todo apoio! Obrigada também à Universidade Federal da Fronteira Sul pelo afastamento de 24 meses essencial para que eu pudesse frequentar às aulas e produzir os dados dessa tese.

E aí, para as escritas da tese, foram essenciais as pessoas que estão mais próximas a mim. Ao meu Ezequiel, que acompanhou tudo, que dormia no sofá, pertinho da mamãe durante as noites que passava escrevendo, agradeço não só sua compreensão, mas todo seu carinho, seu apoio, suas conversas com meu orientador, isso me fortalecia, a cada dia. Ao meu pequeno Emmanuel, que chegou há pouco tempo, mudou nossa rotina e minhas estratégias de escrita, agradeço sua escolha, não podias ter chego em melhor hora.

Ao meu Edilson, por sua paciência, compreensão, carinho, afeto. Por embarcar comigo em cada viagem, em cada entrevista, por me conhecer e saber a importância desse passo em minha vida, por me apoiar, acreditar e garantir que eu chegaria até aqui.

Ao meu irmão Igor que, em um ato de amor, cedeu seu quarto, sua escrivaninha, e todo seu apoio nos últimos dois meses, momento em que nos mudamos – Edilson, Emmanuel, Ezequiel e eu – para a casa de meus pais, para que eu pudesse finalizar essa tese. Obrigada mano!

A minha irmã Patricia, por auxiliar nos cuidados aos meus meninos e por ler cada linha desse trabalho, com olhar crítico, discutindo e questionando. Pode parecer clichê, mas, não há palavras para tudo o que tens feito por mim. Obrigada!!

Lembrei-me agora, do dia em fui para Rio Claro pela primeira vez, para o processo seletivo do doutorado. Meus pais me levaram, me conduziram para onde eu queria ir. Dona Terezinha e seu Agostinho tenho muito orgulho de vocês, e, nada disso seria possível sem vocês. Obrigada!!

Esses agradecimentos, escritos assim, em espaçamento simples, significam minha gratidão, simples e humilde a todos vocês, que deixaram um pouco de vocês em mim e levaram um pouco de mim com vocês!!

Enfim, obrigada Deus, por todos eles e por cada um!

E agora, me vejo na defesa. O que significa toda essa gente que passou por mim? O que eu levo deles? E o que eles levam de mim? Marcas, memórias e histórias. É por isso que estamos aqui.

♡ A lista

Faça uma lista de grandes amigos
Quem você mais via há dez anos atrás
Quantos você ainda vê todo dia
Quantos você já não encontra mais
Faça uma lista dos sonhos que tinha
Quantos você desistiu de sonhar
Quantos amores jurados pra sempre
Quantos você conseguiu preservar
Onde você ainda se reconhece
Na foto passada ou no espelho de agora
Hoje é do jeito que achou que seria
Quantos amigos você jogou fora
Quantos mistérios que você sondava
Quantos você conseguiu entender
Quantos segredos que você guardava
Hoje são bobos ninguém quer saber
Quantas mentiras você condenava
Quantas você teve que cometer
Quantos defeitos sanados com o tempo eram o melhor que havia em você
Quantas canções que você não cantava, hoje assobia pra sobreviver
Quantas pessoas que você amava
Hoje acredita que amam você?

Oswaldo Montenegro

Difícilimo é o acto de escrever, responsabilidade das maiores...
(SARAMAGO, 2006, p.11)

RESUMO

A formação de professores de Matemática no Estado de Santa Catarina tem um passado muito recente. Os registros dos primeiros cursos ofertados no estado datam do final da década de 1960 e início da década de 1970, o que justifica a periodização proposta para esta pesquisa. Informações sobre cursos e datas foram coletadas no sistema E-mec e na Revista Documenta, publicada pelo Conselho Nacional de Educação. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo compreender, historicamente, a partir de fontes orais e documentais, o processo de criação e constituição dos quatro primeiros cursos superiores de formação de professores de Matemática em Santa Catarina e as circunstâncias de formação e atuação de seus professores. Para tal, metodologicamente, nos valem de conceitos e procedimentos da História Oral (HO), desenvolvidos a partir de entrevistas com professores e ex-alunos dos cursos criados e autorizados entre as décadas de 1960 e 1970 em Santa Catarina. Este relatório inscreve-se nas dinâmicas do Grupo História Oral e Educação Matemática – GH OEM, sendo parte do Projeto de pesquisa Mapeamento da Formação e Atuação de Professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil. Nossas compreensões indicam que o movimento de criação dos primeiros cursos de formação de professores de Matemática em Santa Catarina foram centralizados nas regiões da Grande Florianópolis (Florianópolis), do Norte (Joinville), do Vale do Itajaí (Blumenau), e da Região Serrana (Lages), num cenário marcado pelo governo militar (final de 1960 e início de 1970), com infraestrutura precária, recursos raros e pouquíssimos docentes com formação em Matemática. Com relação aos quatro primeiros cursos de formação de professores de Matemática no estado, destacamos pontos convergentes, como os signos da urgência e da carência como marcas da necessidade de qualificação profissional para atuar no ensino superior e na educação básica, já constatados em diversas outras pesquisas; as mudanças legislativas/educacionais propostas em cada um dos cursos; além de outros movimentos surgidos a partir do processo de criação de tais cursos.

Palavras-chave: História Oral. Educação Matemática. História da Educação Matemática.

ABSTRACT

The academic formation of mathematics teachers in State of Santa Catarina has a very recent past. The first courses' records offered in the state was from late 1960s and early 1970s which justifies the proposed periodization for this research. Informations about courses and dates was collected in the E-mec system and in Documenta Magazine, and, published in the Nacional Education Council. So, this research report had like objective to understand, historically, from oral and documentary sources, the creation process and constitution the first four courses of academic formation of mathematics teachers in Santa Catarina, and the circumstances of the formation and performance of your teachers. For that, methodologically, we use concepts and procedures of Oral History (HO) developed from interviews with teachers and alumni of the courses created and authorized between the 1960s and 1970s in Santa Catarina. This report is inserted in the dynamics of the Oral History and Mathematical Education Group - GH OEM, and compose of the research project Mapping the Formation and Performance of Teachers who teach / taught Mathematics in Brazil. Our understandings indicate that the movement to create the first mathematics teacher academic formation courses in Santa Catarina was centralized in the regions of Greater Florianópolis (in Florianópolis), North (in Joinville), Itajaí Valley (in Blumenau), and, Mountain Region (in Lages), in a scenery marked by the military government (late 1960s and early 1970s), with precarious infrastructure, and rare resources and very few teachers with academic formation in mathematics. Concerning of the first four mathematics teachers academic formation courses in the state we highlight convergent points, such as the signs of urgency and lack as marks of the need for professional qualification to work in higher education, already verified in several other researches; the legislative / educational changes proposed in each of the courses; in addition to other movements arising from the process of creating such courses.

Keywords: Oral History. Mathematical Education. History of Mathematics Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E FOTOGRAFIAS

Ilustração 1: Logo da Universidade Federal de Santa Catarina.....	210
Ilustração 2: Logotipo da UNIPLAC	231
Ilustração 3: Convite da Primeira Oktoberfest de Blumenau	251
Ilustração 4: Brasão do município de Blumenau.....	252
Ilustração 5: Logotipo da FURB.....	257
Ilustração 6: Representação do brasão de Joinville	271
Ilustração 7: Logomarca da UNIVILLE	273
Ilustração 8: Gráfico de Relação candidato/vaga	276
Ilustração 9: Número de alunos que colaram grau em Matemática.....	276
Ilustração 10: Organograma para formação de professores – LDB 1961.....	296
Ilustração 11: Organograma para formação de professores – LDB 1971.....	297
Fotografia 1 – Ailton Durigon	533
Fotografia 2: Valdeci Costa.....	79
Fotografia 3: Lili Althoff Kalvelage	89
Fotografia 4: Neda de Mello Altenburg	100
Fotografia 5: Mirian Buss Gonçalves	112
Fotografia 6: Aroldo Moretto	134
Fotografia 7: Teresinha Selinke	154
Fotografia 8: Osni Piske	185
Fotografia 9: Primeiro avião do tipo Convair aterrissando na cidade em 1965.....	215
Fotografia 10: Serra do Rio do Rastro – SC	225
Fotografia 11: Neve na Região Serrana em São Joaquim	226
Fotografia 12: Construção dos primeiros blocos da UNIPLAC	232
Fotografia 13: Hermann Bruno Otto Blumenau.....	247
Fotografia 14: Rua do Príncipe - Joinville, 1866	269

MAPAS, QUADRO E TABELA

Mapa 1: Estado de Santa Catarina	196
Mapa 2: Regiões de Limites.....	197
Mapa 3: Municípios atuais de Santa Catarina e suas Associações	198
Mapa 4: Trajetórias da pesquisa	206
Mapa 5: Campus Trindade (sede) da UFSC.....	213
Mapa 6: Região da Amures	224
Mapa 7: Lages	230
Mapa 8: Território pertencente a Blumenau em 1850	249
Mapa 9: Municípios pertencentes à AMMVI.....	250
Mapa 10: Componentes do Brasão	253
Mapa 11: Municípios pertencentes à AMUNESC	266
Mapa 12: Caminho dos Príncipes	267
Quadro 1: Depoentes e Universidades.....	207
Tabela 1: Educação superior em Joinville	274

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAFE – Associação Catarinense das Fundações Educacionais
ACC – Associação Catarinense de Cultura
ACT – Admitido em Caráter Temporário
ADR – Agência de Desenvolvimento Regional de Lages
AM – Associação dos Municípios
AMAVI – Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí
AMMVI – Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí
AMREC – Associação dos Municípios da Região Carbonífera
AMUNESC – Associação dos Municípios do Nordeste de Santa Catarina
AMURES – Associação dos Municípios da Região Serrana
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
BCC – Bacharel em Ciências da Computação
CADES – Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
CASAN – Companhia Catarinense de Água e Saneamento
CAV – Centro de Ciências Agroveterinárias
CDI – Cálculo Diferencial Integral
CEDUP – Centro de Educação Profissional
CEE – Conselho Estadual de Educação
CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CEP – Conselho de Estudos e Pesquisas
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
CMV – Centro de Memória Universitária
CNEC – Conselho Nacional de Escolas da Comunidade
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPU – Unidade Central de Processamento
CREEM – Centro de Referência de Modelagem Matemática no Ensino
DE – Dedicção Exclusiva
EAD – Ensino a Distância
E- MEC – Sistema Eletrônico dos Processos de Regulação, Credenciamento e Recredenciamento de Instituições de Ensino Superior
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FACEP – Faculdade de Ciências Econômicas de Lages
FACIP – Faculdade de Ciências e Pedagogia de Lages
FECAM – Federação Catarinense dos Municípios
FEJ – Faculdade de Engenharia de Joinville
FEL – Fundação Educacional de Lages
FESSC – Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina
FIDENE – Fundação de Integração, Desenvolvimento, e Educação do Noroeste do Estado
FNMat – Feira Nacional da Matemática
FUNC – Fundação Universidade Norte Catarinense
FUNDAMAS – Fundação Municipal Albano Schmidt
FUNDAJE – Fundação Joinvillense de Ensino
FUNDEC – Fundação Dracenense de Educação e Cultura
FUNDES – Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior

FUNDESTE – Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste
FUNPLOC – Fundação Universidade do Planalto Norte Catarinense
FURB – Universidade Regional de Blumenau
FURG – Universidade federal do Rio Grande do Sul
FURJ – Fundação educacional da Região de Joinville
FUSVE – Fundação Educacional Severino Sombra
GERED – Gerência Regional de Educação
GHOEM – Grupo História Oral e Educação Matemática
HO – História Oral
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC-GHOEM – Iniciação Científica Grupo História Oral e Educação Matemática
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IES – Instituição de Ensino Superior
IFC – Instituto Federal Catarinense
IFMA – Instituto Federal do Maranhão
IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina
IMPA – Instituto de Matemática Pura e Aplicada
INPE – Instituto Nacional de Pesquisa Espacial
INRP – Institut Nacional de Recherche Pédagogique
INSA – Institut Nacional des Sciences Appliquées
IPPUJ - Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville
ISB-PROPE – Iniciação Científica Sem Bolsa – Pró-Reitoria de Pesquisa
ITA – Instituto Tecnológico de Aeronáutica
JK – Juscelino Kubitschek
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MAGISTER – Programa de Formação em Serviço
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
MEC – Ministério da Educação
OLIMPLAC – Olimpíadas de Matemática da UNIPLAC
PCC – Projeto Curricular de Curso
PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional
PE – Pernambuco
PIN – Programa de Acesso aos Povos Indígenas
PNUB – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PPGEM – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática
PR – Paraná
ProfMat – Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional
PSD – Partido Social Democrático
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PUC-MG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC-RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RS – Rio Grande do Sul
RU – Restaurante Universitário
SBEM – Sociedade Brasileira de Educação Matemática
SC – Santa Catarina
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SEPUD – Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UDN – União Democrática Nacional
UEL – Universidade Estadual de Londrina
UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná
UEPG – Universidade Federal de Ponta Grossa
UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UEM – Universidade Estadual de Maringá
UFCSPA – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS – Universidade Federal Mato Grosso do Sul
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UFPEl – Universidade Federal de Pelotas
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UFU – Universidade Federal de Uberlândia
UnC – Universidade do Contestado
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense
UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”
UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná
UNIARP – Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe
UNIBAVE – Centro Universitário Barriga Verde
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
UNIDAVI – Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
UNIFEBE – Centro Universitário de Brusque
UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul
UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNIOESTE – Universidade Federal do Oeste do Paraná
UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampas
UNIPLAC – Universidade do Planalto Catarinense
UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul
UniSociesc – Sociedade Educacional de Santa Catarina
UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina
UNIVALI – Universidade do Vale de Itajaí
UNIVILLE – Universidade da Região de Joinville
UNOCHAPECÓ – Universidade Comunitária da Região de Chapecó
UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina
USJ – Centro Universitário Municipal São José
USP – Universidade de São Paulo
UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?	17
2	DOS LUGARES ONDE ANDEI... ..	22
3	SOBRE O ANDAR E O OUVIR: UM EXERCÍCIO EM HISTÓRIA ORAL	34
4	SENSIBILIDADES, TRILHAS E NARRATIVAS.....	52
	4.1 Ailton Durigon.....	53
	4.2 Valdeci Costa	79
	4.3 Lili Althoff Kalvelage	89
	4.4 Neda de Mello Altenburg.....	100
	4.5 Mirian Buss Gonçalves	112
	4.6 Aroldo Moretto	134
	4.7 Teresinha Selinke	154
	4.8 Osni Piske	185
5	ESPAÇOS DE FORMAÇÃO E MOVIMENTOS DE PESQUISA	193
	5.1 A formação de professores de matemática nas décadas de 60 e 70 ...	194
	5.2 Os cursos e a formação catarinense em Matemática.....	201
6	A PRECURSORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	209
7	O PLANALTO CATARINENSE E A UNIPLAC: A INTERVENÇÃO	223
8	O ALTO VALE DO ITAJAÍ E A FURB: UMA ALIANÇA FORTE.....	246
9	A CIDADE DOS PRÍNCIPES E A UNIVILLE	265
10	A POESIA NÃO PODE PARAR: MOVIMENTOS E PARTICULARIDADES ...	285
	10.1 Movimentos do interior Catarinense	285
	10.2 As marcas de um estado	286
	10.3 Movimentos outros de Formação	303
	10.3.1 A formação complementar.....	304
	10.3.2 As questões de gênero na educação catarinense	308
	10.3.3 Outros movimentos no ensino	312
11	LINHAS PARA PRÓXIMAS TECITURAS	315
	REFERÊNCIAS.....	319
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	330
	APÊNDICE B – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS.....	331
	ANEXO I – ENTREVISTA RIVADÁVIA WOLLSTEIN	332
	ANEXO II - CARTAS DE CESSÃO DE DIREITOS ASSINADAS.....	375

1 COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

*Caminhante, são teus passos
O caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho,
Faz-se caminho ao andar.
Ao andar se faz caminho,
E ao voltar a vista atrás
Se vê a senda que nunca
Se voltará a pisar.
Caminhante não há caminho,
Mas sulcos de espuma ao mar.*

(MACHADO, Antônio)

A formação de professores sempre foi tema que desejei pesquisar, mais especificamente a formação de professores de Matemática, pela afinidade com a área e também por minha formação inicial em curso superior.

Este desejo foi estimulado em minha pesquisa de Mestrado, concluída em meados de 2016, na Universidade Federal da Fronteira Sul, quando investiguei os desafios educacionais enfrentados pelas professoras de Matemática da 4ª Gerência Regional de Educação de Santa Catarina – GERED Chapecó¹. Entre esses desafios, estavam àqueles relacionados ao ensino, bem como os relacionados à profissão e, mais fortemente indicados, os relacionados à formação inicial das depoentes.

Neste sentido, e buscando entender de que forma se deu a formação de professores de Matemática em Santa Catarina, é que pensamos em desenvolver essa pesquisa mantendo como região a ser investigada o mesmo estado de Santa Catarina. Nesse estado, situado na região Sul do país, a formação de professores enfrentou historicamente alguns percalços. Se o primeiro curso de licenciatura foi criado no Brasil em 1939², em Santa Catarina a formação superior docente só teve início em 1959 com a criação do primeiro curso de Pedagogia, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, em Florianópolis. Em relação à formação mais específica, de professores de Matemática, as primeiras solicitações

¹ A 4ª Gerência Regional de Educação de Santa Catarina, com sede em Chapecó, possui em sua abrangência nove municípios da região oeste catarinense: Águas Frias, Coronel Freitas, Chapecó, Caxambu do Sul, Nova Itaberaba, Guatambu, Cordilheira Alta, Planalto Alegre e Nova Erechim. À época, a 4ª GERED contava com quarenta e três (43) escolas em funcionamento e cerca de 24.000 alunos ativos.

² SAVIANI (2009)

de criação foram aprovadas em 1968 em duas instituições catarinenses, a Universidade da Região de Joinville (no mês de abril) e a Universidade Regional de Blumenau (em junho). Porém, as informações que temos desses cursos são os registros de reconhecimento de curso disponíveis no Sistema E-MEC. No decorrer da elaboração desse relatório e no registro oral dos depoentes, coletados nas entrevistas realizadas, fica evidenciado que o primeiro curso de formação de professores de Matemática em Santa Catarina, foi sediado na UFSC, em 1964, e foi reconhecido dez anos depois, em 1974.

Buscando conhecer um pouco mais sobre a história da formação de professores de Matemática no estado, esta pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus Rio Claro, teve como objetivo principal compreender, historicamente, a partir de fontes orais e documentais, o processo de criação e constituição dos quatro primeiros cursos superiores de formação de professores de Matemática em Santa Catarina e as circunstâncias de formação e atuação de seus professores. Dessa forma, este estudo vincula-se à área de Educação Matemática e, mais particularmente, à História da Educação Matemática.

Entendemos como contexto de criação e constituição, os aspectos relacionados às questões políticas, sociais e culturais da época narrados pelos depoentes, bem como aspectos regionais que influenciaram o desenvolvimento dos cursos. Nesse sentido, o projeto inicial teve como espaço geográfico o Estado de Santa Catarina e como cenário cultural as Universidades do Estado Catarinense com seus primeiros cursos de Formação de Professores de Matemática.

Assim, esse projeto está inserido no Grupo História Oral e Educação Matemática – GH OEM, e foi desenvolvido junto ao projeto/linha de pesquisa “Mapeamento da Formação e Atuação de Professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil”. Os projetos vinculados a esta linha de pesquisa buscam constituir um mapa de “movimentação” da formação de professores no país, suas concepções e suas práticas. Para tal, os trabalhos operam a partir de acervos vários, sejam eles de fontes escritas específicas (livros didáticos, materiais de referência, legislações, biografias e autobiografias etc.) ou de fontes orais.

Tomamos inicialmente, como recorte temporal inicial, a década de 1960, em função da criação dos primeiros cursos e, como final, a década de 1990, em função do término do século XX, destacando assim quatro décadas de formação de

professores de Matemática no Estado. Com o desenvolvimento do trabalho, verificamos um aumento na quantidade de cursos – passando de 4 para 10 cursos – e resolvemos então diminuir este recorte e estudar os quatro primeiros cursos de formação datados de meados da década de 1960 e início da década de 1970.

As questões de pesquisa da qual abordamos foi, a partir de fontes orais e documentais, como se deu o processo de criação e constituição dos quatro primeiros cursos superiores de formação de professores de Matemática em Santa Catarina? E as circunstâncias de formação e atuação de seus professores?

Para respondermos ao objetivo principal traçamos algumas metas como: registrar de forma menos lacunar os cursos de licenciatura em Matemática ofertados em Santa Catarina entre as décadas de 1960 e 1970; compreender aspectos da criação dos cursos de licenciatura em Matemática no estado catarinense; produzir fontes orais sobre a formação de professores de Matemática no Estado de Santa Catarina entre as décadas de 1960 e 1970; e compreender as proveniências e as instituições em que se formaram os professores de Matemática que ministravam aulas nos primeiros cursos de licenciatura em Matemática no estado catarinense.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa mobilizamos e discutimos aspectos teóricos e metodológicos da História Oral, como se tem feito no GHOEM, e também tentamos tencionar princípios e procedimentos que temos utilizado quando desenvolvemos pesquisas dessa natureza, destacando limites e potencialidades desta metodologia.

Destacamos que a proposta inicial dessa pesquisa abordou a formação de professores de Matemática no Estado de Santa Catarina tendo como foco os cursos de formação inicial. Porém, surgiram, no decorrer da pesquisa, em função da abordagem metodológica, indícios e discussões sobre a formação continuada. Desta forma, não nos limitaremos a falar somente sobre formação inicial. Para apresentar mais detalhadamente os capítulos deste texto, apresentamos, a seguir, a descrição de cada um deles.

Dos lugares onde andei... é um texto escrito na primeira pessoa do singular e tem por objetivo narrar algumas faces da vivência da pesquisadora, sua infância, sua adolescência e sua trajetória acadêmica (graduação, mestrado e ingresso no doutorado). Ao longo desse texto, entre narrativas e poemas, destacamos as condições e desafios enfrentados para formar-se professora de Matemática no

interior de Santa Catarina, discutindo também conceitos como Memória, História e Narrativas.

Em **“Sobre o Andar e o Ouvir: um exercício em História Oral”** tencionamos conceitos que não estavam claros quando do ingresso da pesquisadora no doutorado, como História Oral e História da Educação Matemática, por exemplo. Narramos, neste capítulo, como se deu a construção da metodologia que guiará a tese: a seleção dos depoentes, as entrevistas, transcrições, textualizações e o quão importante foi ouvir e andar pelo estado de Santa Catarina, além de apontarmos limites e potencialidades de alguns procedimentos utilizados.

A íntegra da textualização das entrevistas com cada um dos nossos depoentes é destacado, em oito tópicos, no texto **Sensibilidades, Trilhas e Narrativas**. É importante ressaltar que optamos por disponibilizar a textualização das entrevistas neste relatório, não só como estratégia de transparência acadêmica (pois a partir dessas textualizações seguiu boa parte das nossas compreensões sobre nosso tema de pesquisa), mas também para que o leitor possa ter compreensões outras, próprias, diferenciadas daquelas da pesquisadora. Além disso, sabendo que com a textualização produzimos fontes historiográficas, julgamos necessário que esses documentos sejam públicos para, quiçá, serem utilizados em outros trabalhos, acadêmicos ou não.

Em **“Espaços de formação e movimento de pesquisa”**, apresentamos uma discussão inicial sobre espaços e tempos de formação e nesse sentido abordamos o espaço catarinense sob olhar político, econômico e educacional com suas territorialidades e regionalidades. Em duas seções, apresentamos um panorama inicial da formação de professores de Matemática em Santa Catarina nas décadas de 1960 e 1970 discutindo os cursos e a formação catarinense no estado. Há também, nesse capítulo, um movimento de trilhas, percorridas no desenvolvimento da produção de dados.

Para **“A precursora Universidade Federal de Santa Catarina”**, abordamos em dois tópicos o primeiro curso de formação de professores de Matemática no estado, apresentando características da instituição (UFSC), particularidades dos docentes, peculiaridades do curso, além de discussões sobre sua regionalidade. Destacamos nesse capítulo a importância do curso de formação de professores de Matemática da UFSC na constituição de todos os outros cursos do Estado.

Apresentamos em **“O Planalto Catarinense e a UNIPLAC: a intervenção”**, a região serrana e a partir dela o município de Lages onde está situada nosso próximo espaço de formação, a UNIPLAC. Abordamos versões históricas da instituição e também do curso de formação de professores de Matemática de Lages. Finalizamos esse capítulo com uma discussão sobre a interiorização do ensino superior em Santa Catarina.

Para apresentarmos questões relativas a Blumenau situada no Alto Vale do Itajaí, ao norte de Santa Catarina, construímos **“O Alto Vale do Itajaí e a FURB: uma aliança forte”**. Abordamos aqui, sua origem, processo colonizador, cultura, características regionais e sociais. Também apresentamos e discutimos aspectos sobre a FURB e o curso de formação de professores de Matemática da instituição como currículo, professores e eventos produzidos.

Em **“A Cidade dos Príncipes e a UNIVILLE”** destacamos a região de Joinville e o Caminho dos Príncipes. Abordamos questões regionais como os sambaquis, fatores econômicos e sociais da região, sobre a Universidade da Região de Joinville e seu curso de formação de professores de Matemática, além de, discutirmos sobre os impactos desse curso para a região.

Destacamos em **“A poesia não pode parar: movimentos e particularidades”** pontos disparados em nossas entrevistas que se sobressaem como a colonização do estado e suas relações políticas, o trânsito de docentes de outras instituições/estados, o impacto dos cursos de formação de professores de Matemática em Santa Catarina, a carência e urgência na formação docente no estado, as adaptações legislativas nos cursos, o formar-se professor nas décadas de 1960 e 1970, os cursos de especialização na área de Matemática, questões de gênero nos cursos catarinenses de Matemática, o ensino no período militar e as instituições cristãs de ensino.

Por fim, este relatório apresenta a seção **“Linhas para as próximas tecturas”**, que tem por objetivo retomar pontos importantes da tese não abordados com a profundidade necessária no decorrer dos textos anteriores.

Essas disposições todas são a representação de como foi constituída esta tese, dos seus percalços, seus objetivos alcançados, leituras e narrativas de desconstruções e novas construções de conceitos, releituras e reinterpretações.

2 DOS LUGARES ONDE ANDEI...

Essa é uma narrativa. Ela tem vários começos, muitas expectativas e muitas histórias, pois “narrar é contar uma história, narrar-se é contar nossa história ou uma história da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. Esse contar se dá sempre em direção a alguém.”³ Assim, inicio relatando em versos⁴...

*Dos lugares onde andei
Não vi bonecas nem balanços,
Mas vi a ganância humana
Destruir muitos sonhos...*

*Dos lugares onde andei
Ouvi dizer muitas vezes: se você trabalhar duro,
Bem lá no futuro, conseguirá tudo o que quiser,
Porém, se não trabalhar, o futuro não chegará,
E o nada você conseguirá.*

*Trabalhar me fez pensar:
Minha mão de obra,
Tão barata, tão pequena,
Em que se diferenciava?*

*Então, comecei a ver que de minha vivência tão simples,
Sem luxo, sem qualquer esperança,
Despertava a herança,
De uma escrita tão pobre.*

*Mas o desejo de escrever,
Em mim começou a crescer, como forma de desabafo.
Vi a fome desaparecer e a alegria em mim renascer,*

³ CURY; SOUZA; SILVA (2014, p. 915)

⁴ Todos os poemas que não possuem referências nessa tese, são de autoria própria dessa autora que vos escreve.

Como um riso, um abraço.

*Vi também passar por mim
Oportunidades sem fim,
Quando parti do primeiro passo.
E então consegui compreender,
Que nada me fez entender
A exploração do meu trabalho.*

*Como pode alguém, que não você,
Conseguir convencer que a vida pode ser cinza?
Se na imensidão do arco-íris,
A vida deixar que brilhe a reluzente alegria
Que pode mudar meu dia, que pode mudar meu mundo.*

*E, assim, por onde andei,
Vi no brilho dos olhos alheios,
A esperança de um menino.
A mesma esperança que tive um dia,
Quando, com muita alegria, aprendi o BE-A-BÁ.*

*E, desde então, venho tentando, na vida me exercitando,
Na busca da minha escrita.
Que um dia, na vida, eu possa,
Por meio de minha prosa, falar do que me toca.*

*Sem deixar aquele menino,
Olho raso, riso fino,
A alegria
Perder de vista!*

Ontem me percebi pensando – por que mesmo resolvi entrar no doutorado? – e fiquei lembrando-me de como foi minha trajetória até aqui. Talvez isto faça pouco sentido quando se ingressa no doutorado: vir de longe, morar sozinha, passar por

dificuldades, cidade nova, pessoas novas, experiências novas... Porém, prefiro começar por aqui: o que faz alguém lembrar-se disso no início de uma tese?

Sim, as marcas. E o quanto essas marcas nos deixam cicatrizes. O quanto tais lembranças nos passam é o tanto que nos fazem sentido. Eu poderia começar, portanto, do primeiro dia em que estive em Rio Claro. Mas prefiro falar um pouquinho sobre minha história de vida, minhas experiências, para que, talvez futuramente, alguém, lendo este texto, consiga compreender muitas das minhas escolhas e para “descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”⁵, que não necessariamente é “a verdade”.

Eu nasci e vivi muito de minha vida em uma cidadezinha do interior do Estado de Santa Catarina – Águas Frias, com pouco mais de dois mil habitantes. Sou a mais velha dos três filhos de um casal de agricultores, Agostinho e Terezinha. Tive uma infância feliz, com visitas semanais à casa de minha avó materna, com todas as delícias que uma casa de avó pode proporcionar. Minha família sempre foi muito humilde, sem recursos financeiros, mas sempre fomos muito unidos e cuidadosos uns com os outros.

Em certa ocasião, meu pai, em busca de uma vida melhor, decidiu que mudaríamos para o estado do Mato Grosso, onde as oportunidades de trabalho e de ganhos pareciam melhores à época. Recebeu uma proposta e nos mudamos, em meados de 1988, para o interior daquele estado.

Foram tempos difíceis; pelo que me lembro, os mais difíceis que já enfrentamos. O trabalho era muito; ganhava-se pouco e, por muitas vezes, não tínhamos nada para comer. Retornamos após aproximadamente um ano e meio, na carroceria de um caminhão, com menos dinheiro que tínhamos quando nos mudamos, mas com muito aprendizado sobre exploração de trabalho, acúmulo de capital e sobre o quanto era necessário lutar contra esse fluxo. A infância deu lugar à adolescência e aos estudos, sempre bem sucedidos, e em escolas públicas.

A adolescência foi tranquila e trabalhosa junto aos pais e irmãos – Patrícia e Igor – no meio rural, concluindo os ensinos fundamental e médio na Escola de Educação Básica Sete de Setembro, em Águas Frias. Em 2003 fiz vestibular na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ) para o curso de Licenciatura em Matemática no qual fui aprovada. Durante o ensino superior,

⁵ THOMPSON (1992, p.197).

cursado em instituição privada, tive a necessidade de continuar trabalhando em período integral para pagar meus estudos⁶ e ajudar no sustento da casa – da minha casa –, pois com a universidade também veio o casamento. Durante a graduação, tive a infelicidade de perder meu primeiro filho no final da gestação, momento doloroso que eu e meu esposo, Edilson, enfrentamos.

Colei grau em março de 2008, titulando-me Licenciada em Matemática. Fiz pós-graduação *Lato Sensu* em Ensino de Matemática e Física entre dezembro de 2007 e dezembro de 2008. Neste mesmo ano, comecei minha carreira docente, interrompida em meados de 2012, com o ingresso no quadro técnico, por concurso público, da Universidade Federal da Fronteira Sul. Em 2010, chegou, para nossa alegria, meu filho Ezequiel, saudável e radiante, enchendo nossas vidas de harmonia.

A sala de aula e os alunos me fazem muita falta, até hoje. Em março de 2013, fiz seleção no Mestrado em Educação na Universidade Federal da Fronteira Sul, na cidade de Chapecó. O curso, à época, era recém-aprovado (2012) e o Programa de Pós-Graduação em Educação estava no seu primeiro processo seletivo, que teve 513 inscritos para 20 vagas. Não passei neste processo e resolvi me inscrever então para o edital de aluno especial e frequentar o componente curricular “Formação de Professores para a Educação Básica”.

Em 2014, na segunda seleção, fui aprovada e iniciei as aulas em agosto. Sobre a pesquisa desenvolvida, o tema era o Ensino de Matemática no oeste catarinense, com o objetivo de investigar os desafios enfrentados pelas professoras de Matemática que ministraram aulas entre as décadas de 1970 e 1990 na região de abrangência da 4ª Gerência Regional de Educação de Santa Catarina (GERED). Entre os desafios apontados, detectamos as dificuldades do ensino, os desafios da profissão e, em um tom mais forte, os desafios da formação profissional.

Daí surgiu a ideia de escrever um projeto para o doutorado: “A formação de professores de Matemática do Estado de Santa Catarina”. E, assim, em maio de 2016, antes mesmo de defender o mestrado, me inscrevi para o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, na UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, em Rio Claro–SP.

⁶ É preciso destacar aqui que a instituição pública de ensino superior mais próxima da cidade onde eu residia ficava em Florianópolis, a 600 km de distância. No oeste catarinense, o ensino público superior somente foi implantado em meados de 2009, com a Universidade Federal da Fronteira Sul, cujo funcionamento iniciou-se em 2010.

Fui aprovada no processo de seleção para o doutorado e minhas aulas se iniciaram em março de 2017. Em Rio Claro era tudo novo: casa nova, professores novos, colegas novos e muita saudade de casa. A saudade foi o que de mais difícil enfrentei neste período. Foi um período produtivo, aulas em Rio Claro e em Bauru, reuniões do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), leituras, noites em claro, eventos, artigos, discussões, jornadas acadêmicas, seminários de Educação Matemática, reuniões discentes... Tudo era novidade. Por onde havia andado até então, não havia visto um Programa com tamanha estrutura educacional e organizacional.

E o novo traz visões diferentes, modos de pensar e sentir que não me eram familiares e que não me moviam; proporciona interação, mas, ao seu lado, caminham a angústia e a preocupação. E mais versos ajudam a expressar o que sinto:

*Os tempos que trazem glórias,
São também tempos de solidão.
O caos nem sempre diverge da vitória,
Às vezes é só uma questão de reestruturação.*

*Um período de estudos
Serve, contudo, para libertar
De amarras por tempos impostas,
Que se deseja alforriar.*

*Ir em busca de um mundo novo
Cheio de instigações e desafios,
É encorajar-se por um caminho
Que nem sempre reconhece seus brios.*

*Eis que surge no horizonte
Um ponto de convergência,
É uma nova forma de mundo
Aplicada com indulgência.*

Num período instável da História

Há sempre um lugar para ficar,

Um porto seguro, um cuidado,

Um ombro amigo para chorar.

A tese é o lugar para falar de um tudo,

Inclusive para tencionar

Até que ponto se pode

Elevar a loucura de estudar?

Noites em claro, dias de angústia...

E um desejo a latejar...

Que, ao fim e ao cabo, eu possa

Minhas experiências compartilhar.

Talvez, então, a melhor forma de começar a dialogar seja por aqui: com o ingresso no doutorado, mudei-me para Rio Claro, visitando minha família a cada 20 ou 30 dias. Meu filho tinha 6 anos na época; esta foi, de longe, a maior dificuldade que enfrentei nestes tempos de doutoramento. Em Rio Claro, morando no Cortiço⁷, dividi a casa com Lara Oliveira (mineira de Itanhandu, sul de Minas Gerais) e com Leda Cabral (maranhense de Caxias) colegas do curso de doutorado em Educação Matemática. Trocamos, entre outras coisas, culturas, a do Sul, a de Minas e a do Maranhão, em igual proporção, e muitas histórias.

Minhas experiências acadêmicas no doutorado começam com as acaloradas discussões da disciplina do professor César⁸, da confusão que fazíamos entre Experiência e Memória e do quanto isso me despertou para a conscientização do procurar “os contornos da memória, memória falha, memória pouco clara, memória vida, que sendo minha e tão íntima, é impossível tomar seus contornos e ver com clareza sua imagem”⁹. Discussões sobre infância, memória, narrativas e história também permearam nossos dias.

⁷ Localizado próximo ao Campus, o local recebe este nome por se tratar de uma habitação coletiva.

⁸ César Donizete Leite, professor da UNESP, *campus* de Rio Claro.

⁹ LEITE (2010, p. 5-6).

Os debates das aulas do professor César eram intensos e com muitos colegas, pois ele recebia alunos do Programa de Educação da UNESP e alunos do Programa de Educação Matemática, entre outros convidados. Essa abertura proporcionava visões diferenciadas sobre um mesmo tema. As discussões sobre memória e narrativas que tivemos me nutriram muito, quando César destacava: a “memória se configura na escrita dos movimentos, movimentos de tempos, sentidos, histórias, detalhes, vestígios, e que podemos compreendê-la, de certa forma, como uma arte de composição”¹⁰. E quando reforçava, com Benjamin, que “a narrativa não é uma arte livre, mas um trabalho de artesão”¹¹.

E, assim, venho percebendo a narrativa do processo de minha formação como um trabalho artesão, lendo, relendo, relembando, tencionando, mas, acima de tudo, fazendo um trabalho manual de juntar os pontos de minha memória e descrever as emoções em cada fração da história, pois “Narrar história é sempre a arte de continuar contando, e esta, se se perde, as histórias não são mais retidas. Perde-se porque já não se tece. Quanto mais esquecido em si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava nele a coisa escutada”¹².

Nesse sentido, começou a despertar em mim uma curiosidade intensa sobre esta arte de narrar. Poderia eu narrar qualquer coisa? Narrar minha história? Fatos de minha infância? Narrar como estava enfrentando as novidades do doutorado? Poderia narrar de que forma? Um diário? Uma gravação oral? O que Benjamin quis dizer com um trabalho artesão? Assim, a memória é mesmo um movimento do(s) tempo(s). A memória que tenho hoje é de algo que me fez sentido ao longo do tempo, dos anos, algo que me marcou, me passou. Tal compreensão me permite afirmar que, alicerçada em minhas memórias, eu posso compor quem eu sou. Estes primeiros conceitos de memória e narrativa despertaram em mim um desejo de discutir alguns conceitos relacionados à ideia de narrar memórias.

Ainda no primeiro semestre do meu curso, houve a oferta da disciplina “Narrativas como Fontes para a Pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática: Metodologias Qualitativas de Pesquisa, Análise Crítica, Fundamentos e Procedimentos”, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, de Bauru ministrada pela Profa. Dra. Maria Ednéia Martins Saladim e pelo Prof. Dr.

¹⁰ IDEM (2010, p. 8-9).

¹¹ BENJAMIM (1983, p. 62).

¹² IDEM.

Antonio Vicente Garnica, no Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, no *campus* da UNESP, em Bauru¹³. Matriculei-me. Eu e mais quatro colegas do curso de Rio Claro frequentamos a disciplina: Eliete Both (matogrossense de Barra do Graças), Hannah Lacerda (curitibana de nascimento, mas rio-clarense há anos), Jean Toillier (Paranaense de Itaipulândia) e Leoni Malinoski Fillos¹⁴ (paranaense de Irati), com quem fiz grande amizade. Encontrei, em Leoni, particularmente, uma forte incentivadora. Dividimos quarto em hotel, leituras e discussões durante este período e pelo restante dos anos de doutoramento. Nos anos posteriores, fomos, Leoni e eu, de carro, a Rio Claro por diversas vezes – fazendo mais de mil quilômetros – discutindo sobre orientações, eventos e temas pertinentes às nossas pesquisas.

Esta disciplina me trouxe um mundo novo e me aproximou muito de autores que tenho interesse em discutir por aqui: Veiga-Neto e seus olhares investigativos na pesquisa; Garnica e sua gama de textos sobre Educação Matemática, História Oral, Narrativas, Arte e Cultura; Goldenberg e a arte de pesquisar; Bolívar e o biográfico-narrativo em educação; Larrosa com experiência, relato, subjetividade, literatura e formação; Galzerani com memória, história e tempo; Delgado, Thompson e Le Goff com memória, identidade, tempo e história, Albuquerque Junior com história; Fernandes com suas considerações sobre narrativas; entre outras várias leituras, filmes, curtas-metragens e discussões que fizemos.

Por vezes me percebo pensando em algumas definições de Larrosa sobre “o lugar de elaboração e reelaboração da identidade, do que somos, de quem somos, do que nos tornamos, do que nos passa, de como nos tornamos, do que não podemos e não queremos ser, do que já estamos deixando de ser”¹⁵, e me questiono se estou conseguindo mobilizar isso em minha pesquisa. Tenho várias preocupações com o entendimento da identidade do outro, preocupações por vezes relacionadas à falta de conhecimento de sua cultura, de suas raízes, do que se passa com o outro no momento em que – no caso de meus depoentes – falam sobre e com os elementos que apontam. Larrosa, ao tempo em que me estimula a pensar no outro, também me amedronta no sentido de estar causando no outro a impressão

¹³ Bauru – SP fica a menos de 200 Km de Rio Claro.

¹⁴ Leoni defendeu seu doutorado em dezembro de 2019, sob orientação do professor Vicente Garnica.

¹⁵ LARROSA (2014, p. 721).

de uma invasão de privacidade, de estar querendo adentrar em suas memórias, revisitar seu passado e trazer à tona lembranças que o depoente não quer reviver.

Gosto do exercício deste autor de colocar-se no lugar do depoente, de tentar imaginar-se respondendo a questões que talvez não tenha relevância para eles, mas para nós são vitais.

Tenho encontrado sentido em pensar sobre de que forma posso relatar minhas experiências, sobre como descrever o que tenho vivenciado, e Larrosa me desperta para a experiência como o que nos passa. Assim,

o relato é um dos modos privilegiados de como tratamos de dar sentido narrativo a isso que nos passa e o sujeito da experiência, convertido no sujeito do relato, é o autor, o narrador é o personagem principal dessa trama de sentido e de sem-sentido¹⁶.

As palavras do autor permitem-me refletir sobre quem sou e quem é o meu depoente. Embora, às vezes, nossas histórias se confundam, ele é meu depoente, o sujeito do relato, o autor de toda trama, é dele a opção de narrar o que lhe passa, lhe convém, o que ele quer que seja dito, gravado, transcrito, textualizado e utilizado na pesquisa.

Larrosa traça vários pontos essenciais de construção e desconstrução, sentido e falta de sentido, de significância e de insignificância relativos à experiência de vida, e afirma que as experiências são a vida, o que nos passou, o que a pessoa viveu. Mas vai além para que percebamos que uma vida merece atenção não apenas por aquilo que foi vivido e tenha sentido, mas por explorar justamente a falta de sentido do valor daquela vida. É assim quando o silêncio do meu depoente me conduz pelas entranhas do que lhe fez muito sentido, mas que ele prefere silenciar.

Gosto essencialmente das discussões provocadas pelo autor quanto à relação entre experiência e formação, sendo a experiência o que nos passa e, ao nos passar, nos forma ou transforma, nos constitui, nos faz como somos, marca nossa maneira de ser, configura nossa pessoa e nossa personalidade. Porém, é preciso reconhecer o período vivenciado, ter conhecimento do que houve neste período para poder, ao menos, entender a formação desta personalidade¹⁷. Essas discussões me provocaram a tentar compreender meus depoentes, suas posições políticas, suas descrições, seus silêncios e seus gritos.

¹⁶ LARROSA (2014, p. 722).

¹⁷ LARROSA (2002).

Para além dos conceitos de Larrosa, a disciplina de Bauru me apresentou, entre outros autores, Le Goff e Thompson, discutindo memória e história. Le Goff define o estudo da memória social como “um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora adiantada, ora atrasada”¹⁸, chamando atenção para as sociedades de memória essencialmente oral e as sociedades de memória essencialmente escrita. O autor ainda descreve, em sua obra *“História e Memória”*, a “evolução” da memória ao longo dos anos, desde a memória étnica das sociedades sem escrita, o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, a memória medieval, o equilíbrio entre o oral e o escrito, os progressos da memória escrita até seu desenvolvimento atual.

Nesse desenrolar da história da memória, durante a segunda metade do século XX, é preciso destacar a importância da memória na necessidade da sociedade dominante em ser lembrada pelos feitos e atos desenvolvidos, assim como pela busca incessante da sociedade dominada em tornar memória viva toda luta e conquista advinda de seus movimentos, “lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção”¹⁹. Nesse sentido, me percebo pensando, por vezes, sobre o nosso exercício de rememorar as experiências, as memórias de nossos depoentes. A quem este exercício tem servido? A que ele tem se prestado?

Assim, o intuito de tal exercício é fazer com que a memória alimente a história, “procure salvar o passado para servir ao presente e ao futuro, para que a memória sirva para a libertação e não para a servidão do homem”²⁰. E quanto a mim: tenho me libertado ou estou constantemente servindo?

As concepções de memória descritas por Thompson²¹ possuem um viés mais psicanalista, trazendo exemplos de casos nos quais a oralidade da memória proporcionou melhoras consideráveis em pacientes que possuíam histórias traumáticas de vida. Thompson encaminha-se mais objetivamente rumo à História Oral e, portanto, retornarei a estas leituras nos capítulos seguintes, quando tratarei das leituras relativas aos procedimentos metodológicos da História Oral. Desse modo, entre emoções, saudades de casa, aprendizados, encontros, desencontros e muitas discussões, encerrei o primeiro semestre do curso de doutorado.

¹⁸ LE GOFF (2013, p. 390).

¹⁹ IDEM (2013, p. 435).

²⁰ IDEM (2013, p. 437).

²¹ THOMPSON (1996).

Para o segundo semestre, mudei minha estratégia e passei a viajar toda semana para frequentar as disciplinas em Rio Claro, às vezes de ônibus (24 horas de viagem), às vezes de avião e, muitas vezes, dirigindo (17 horas), em função, principalmente, de me fazer presente no crescimento de meu filho. Durante o segundo semestre, conheci diversos lugares fascinantes de Rio Claro: Horto Florestal Edmundo Navaro de Andrade, Biblioteca Municipal, Lagoa Azul, Jardim Sensorial da UNESP, entre outros²².

Ainda no segundo semestre, cursei uma disciplina com a professora Heloisa da Silva, na qual discutimos elementos de História, Historiografia e correntes historiográficas, Temporalidade, Memória, História das Ciências, História da Educação, História da Matemática e da Educação Matemática.

Durante 2018, concentrei-me em desenvolver a pesquisa, conversando com coordenadores e entrevistando professores dos cursos de formação de professores de Matemática em Santa Catarina, aprovados e iniciados entre as décadas de 1960 e 1970. Foram quatro cursos visitados e oito professores entrevistados. Entre os cursos, e por ordem cronológica de visitas, estão: o da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), em Lages, na serra catarinense; da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), em Joinville, no norte do estado catarinense; o da Universidade Regional de Blumenau (FURB), em Blumenau, localizada no Vale do Itajaí; e o curso da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, a capital do Estado. No capítulo sobre minha caminhada metodológica, descrevo mais detalhadamente os cursos e os depoentes.

No início de 2019, retornei a Rio Claro para frequentar a disciplina “Narrativas, Políticas de Narratividade e Pesquisa em Educação Matemática”, ministrada pelo Prof. Dr. Filipe Fernandes, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Essa disciplina discutiu temas que uso especialmente na elaboração do capítulo da tese sobre metodologia e leituras acerca da Educação Matemática, História Oral e Narrativas.

Ainda que, a maioria dos colegas enfrentem diversos tipos de dificuldades durante o percurso do mestrado e do doutorado, ainda assim, deixo descritos tais registros, não de uma forma queixosa, mas como situações que, no decorrer de uma jornada, são fortes indícios na formação da pessoa que nos tornamos, na escrita

²² A visita a estes locais foi facilitada em função da disciplina de Etnomatemática, cujas aulas aconteciam cada dia em um local diferente de Rio Claro.

que desenvolvemos e nas possibilidades que produzimos. Também aponto a predileção por descrever alguns dos registros e outros não, algumas das disciplinas e outras não, algumas das marcas em face das outras. São opções. E quando optamos, escolhemos, direcionamos e damos sentido ao que nos faz e nos fez sentido.

Ler, reler...

Escrever, reescrever...

Parecem exercícios tão simples

Na arte de tecer.

Engana-se, porém, aquele que pensa

Que tecer é mera coincidência...

3 SOBRE O ANDAR E O OUVIR: UM EXERCÍCIO EM HISTÓRIA ORAL

*Nas voltas que a vida dá
Nem sempre conseguimos ouvir o suficiente
E andar, o necessário,
Muitas vezes ouvimos somente o necessário e andamos tampouco o suficiente,
E esta é a proposta, por aqui, andar mais e ouvir mais....*

Li, certa vez, em um desses textos acadêmicos, sobre a “arte da escuta”²³ e, mais tarde, outro texto – de mesma autoria – que se intitulava “*Tentando aprender um pouquinho*”²⁴, e a partir deles pude tecer semelhanças e dependências entre os verbos escutar e aprender. Esses verbos, segundo esse tratamento dado pelo autor, me fizeram refletir sobre o quão constante é a aprendizagem produzida ao pensar e praticar a História Oral.

Escutar pressupõe ouvir, perceber, sentir – no caso da História Oral – para além da voz do depoente, seus anseios, seus medos, seus silêncios, suas percepções de vida, de política, de sociedade... Pressupõe compreender o tempo, o momento, as memórias. E aprender está – para mim – intimamente relacionado ao ato de internalizar algo, compreender, apropriar-se, no caso da escuta, em que “cada um de meus depoentes representou uma surpresa e uma experiência de aprendizado. Cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras”²⁵.

Para além de ouvir e aprender, o doutorado me proporcionou andar por diferentes contextos, por diferentes regiões do estado de Santa Catarina.

A trajetória desta pesquisa começa em meados de 2016, quando minha orientadora de mestrado, a professora Adriana Richit²⁶, me falou sobre a abertura do processo seletivo para o doutorado na UNESP de Rio Claro. Estávamos em vias de finalizar nossa pesquisa na Universidade Federal da Fronteira Sul. A dissertação tratou dos desafios educacionais enfrentados por professores de Matemática da região oeste catarinense, os quais apontaram para os desafios do ensino, da profissionalização e, mais latentemente, para os desafios da formação naquela região.

²³ PORTELLI (2016).

²⁴ PORTELLI (1997).

²⁵ IDEM (1997, p. 17).

²⁶ Professora Doutora Adriana Richit cursou Mestrado (2005) e Doutorado (2010) no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da UNESP de Rio Claro – SP.

Realizei algumas pesquisas, por indicação da professora Adriana e encontrei a página do Grupo de História Oral e Educação Matemática²⁷ (GHOEM), da UNESP. Vale ressaltar aqui que fiz algumas leituras, sem discussões, pois não participava de um grupo de pesquisa, como se tem praticado na UNESP com o GHOEM, por exemplo, sobre História Oral (HO), durante o mestrado. Minha orientadora pesquisava sobre formação de professores e não fez parte do GHOEM e não havia pesquisado em HO. Tive contato, assim, com vários textos de Garnica²⁸. Porém, talvez pela falta de discussão dentro e por minhas limitações, minha compreensão sobre esse tema era a de que a História Oral se resumia a uma metodologia baseada em entrevistas em que depoentes responderiam várias questões julgadas importantes para as pesquisas.

A História Oral não se resume a isso, pois ela é mais ampla, dinâmica e dialética. É um exercício em que é necessário fundamentar os procedimentos

²⁷ O Grupo “História Oral e Educação Matemática” (GHOEM) foi criado no ano de 2002 pelo Professor Doutor Antonio Vicente Marafioti Garnica. Sua intenção inicial foi reunir pesquisadores em Educação Matemática interessados na possibilidade de usar a História Oral como recurso metodológico. Desde então, essa configuração foi alterada, ampliando-se, de modo a incorporar discussões sobre outros temas e outras abordagens teórico-metodológicas. O interesse central do grupo é o estudo da cultura escolar e o papel da Educação Matemática nessa cultura. Os temas abordados nos inúmeros trabalhos desenvolvidos no grupo são vários: abordam a formação de professores de Matemática, as narrativas, a História Oral, os manuais didáticos, instituições de vários níveis e modalidades de ensino nos quais atuam professores de Matemática e dos quais a Matemática faz parte, a História da Educação Matemática, a análise de livros antigos e contemporâneos – didáticos ou não, formação e conservação de acervos, etc. Atualmente, há vários focos de trabalho que podem ser, de modo geral, caracterizados em Linhas de Pesquisas distintas, mas interconectadas: (1) Análise de Livros Didáticos – Hermenêutica de Profundidade; (2) Escolas Reunidas, Escolas Isoladas: Educação e Educação Matemática em Grupos Escolares; (3) História da Educação Matemática; (4) História Oral e Educação Matemática; (5) História Oral, Narrativas e Formação de Professores: pesquisa e intervenção; (6) IC-GHOEM; (7) Narrativas e ensino e aprendizagem de Matemática (Inclusiva); e (8) Projeto – Mapeamento da Formação e Atuação de Professores que ensinam/ ensinaram Matemática no Brasil. Todos os projetos dialogam por terem como pano de fundo a exploração de possibilidades teórico-metodológicas para estudos sobre a cultura escolar e, em particular, sobre a Matemática e a Educação Matemática nessa cultura. O GHOEM é um grupo multi-institucional, agregando pesquisadores da UNESP e da FUNDEC (São Paulo), UFMS (Mato Grosso do Sul), IFMA (Maranhão), UFPB (Paraíba), UFMG e UFU (Minas Gerais), UFRN (Rio Grande do Norte), FURB (Santa Catarina), UFPR e UEM (Paraná) dentre outras universidades e instituições. Ainda que seus braços estejam espalhados em várias instituições brasileiras, o Grupo tem sua sede fixa na Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru, em ampla sala na qual está alocado seu acervo de livros antigos que, disponível à toda comunidade de educadores matemáticos, abriga cerca de 1500 volumes, todos originais, produzidos desde o século XVII até o final do século XX, dentre os quais há vários exemplares – muitos deles raros – de manuais didáticos de Matemática; obras de referência em Matemática, Educação Matemática, Educação, Pedagogia, Sociologia e História; livros didáticos de outras áreas utilizados em antigas escolas de primeiras letras; textos relativos à legislação educacional brasileira além de teses, dissertações e monografias em Educação e Educação Matemática. O site do GHOEM entrou em funcionamento no ano de 2004 e em 2007 foi criado site específico para divulgação do catálogo de todo acervo do GHOEM (IC GHOEM). Para mais informações: <http://www2.fc.unesp.br/ghoem/>.

²⁸ Professor Doutor Antonio Vicente Marafioti Garnica, orientador desta tese juntamente com o Professor Doutor Antonio Carlos de Souza.

utilizados. Um exercício que não busca apenas o “como fazer, mas por que fazer de determinado modo”²⁹. Como definir, então, um trabalho em História Oral? Minha compreensão é a de que existe a necessidade de uma “criteriosa análise metodológica que avalie os limites dos procedimentos e a pertinência das justificativas que os alicerçam, indicando sucessos, fracassos, potencialidades, necessidades e possibilidades para as pesquisas futuras”³⁰. E por ser algo em constante construção, entendo a História Oral como uma trajetória, no sentido de que pensar metodologicamente deve ser algo vinculado ao objeto a ser estudado, possibilitando que as tramas e justificações de como fazer e por que fazer ocorram simultaneamente com a pesquisa em realização³¹.

Na pesquisa do mestrado, utilizei procedimentos da História Oral apresentados nos livros de Thompson (1992) e Meihy (1998). Comecei definindo um roteiro de entrevistas, estabelecendo critérios para localizar depoentes, agendando entrevistas, realizando-as, transcrevendo, textualizando, validando, elaborando as cartas de cessão de direitos autorais e, posteriormente, fazendo uma análise das entrevistas.

Foi um processo, *a priori*, tranquilo. Trabalhoso, porém tranquilo. No decorrer do trabalho, eu e minha orientadora optamos por usar fichas com palavras-tema, disponibilizando-as às depoentes (todas professoras), em vez de utilizarmos um roteiro para as entrevistas. Essa mudança se deu em função de uma sugestão do professor Emerson Rolkouski, em minha banca de qualificação. Dizia ele: “optei pelas fichas para que os depoentes escolhessem tanto os temas como a ordem de encadeamento em que iriam abordá-los em suas falas”³². Fiquei interessada por aquele movimento. Porém, mais tarde, em leituras do doutorado, refleti que os depoentes, por fichas ou por roteiros, escolhem os temas, as ordens, escolhem até o que não falar durante a entrevista.

Para essa pesquisa, optamos por usar um roteiro de entrevista pré-estabelecido, que foi pensado em dois momentos. No primeiro, para que o depoente refletisse e falasse sobre sua apresentação pessoal, formação inicial, vida escolar, formação superior, formação em pós-graduação e vida profissional. O objetivo aqui

²⁹ GARNICA (2015, p. 38).

³⁰ IDEM.

³¹ GARNICA (2015).

³² ROLKOUSKI (2006, p. 9).

era conhecer um pouco mais de nosso depoente, compreender o que ele pensa sobre sua formação e, sobre suas práticas profissionais.

Em um segundo momento do roteiro, descrevemos alguns tópicos sobre o curso pesquisado como: histórico, ano de criação, vagas, características iniciais, circunstâncias de criação, condições físicas e estruturais, cenário político, os alunos, impacto do curso para a região, os primeiros anos, as dificuldades enfrentadas, entre outros pontos.

O roteiro foi enviado, antecipadamente, por e-mail a cada um dos depoentes. Porém, durante as entrevistas, alguns depoentes fizeram uso do roteiro, ora descrevendo, ora não, as questões definidas nele. Outros ainda, não tocaram nos tópicos pré-definidos. Compreendi que, por fichas ou por roteiros, os depoentes falam e silenciam o que querem, e que, por mais que queiramos e tentemos entusiasamá-los a falar, ainda assim, não temos poder sobre suas decisões.

Outro aspecto que eu questionava, no mestrado, e também consegui compreender melhor nas discussões do GH OEM, no doutorado, foi sobre a confiabilidade das entrevistas e de como os depoimentos eram tratados como subjetivos pela comunidade acadêmica. Como poderia confiar nas narrativas dos depoentes, sendo que eles falam e silenciam o que querem durante as entrevistas, “principalmente quando reconheço que não apresento, aqui, a história de um santo, de um herói, nem de um tirano”³³? Para além disso, se tiver compromisso com a “verdade”, como conseguirei que minhas “fontes” deem sua versão daquilo que realmente acreditam ser verdadeiro”?³⁴

Com meu ingresso no doutorado, frequentei uma disciplina³⁵ na UNESP de Bauru na qual se discutiu sobre os contextos das entrevistas, as subjetividades e as análises. Houve reflexão sobre a imparcialidade dos documentos, quer sejam orais ou escritos. Despertei para: o autor sempre escreve sobre o que lhe afeta, sobre o que lhe faz sentido em ambos os casos. Também tive oportunidade de refletir que a História Oral nos “fornece uma base metodológica que nos permite criar fontes a partir da oralidade”³⁶; “a História Oral é um dos modos de se criar narrativas”³⁷;

³³ PORTELLI (1997, p. 15).

³⁴ PORTELLI (1997, p. 20).

³⁵ Narrativas como Fontes para a Pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática: Metodologias Qualitativas de Pesquisa, Análise Crítica, Fundamentos e Procedimentos, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências na UNESP campus de Bauru, ministrada pela Profa. Dra. Maria Ednéia Martins Saladim e pelo Prof. Dr. Antonio Vicente Garnica no primeiro semestre de 2017.

³⁶ FERNANDES; GARNICA (2012, p. 43).

“registros de narrativas orais são fontes historiográficas”³⁸ e “narrativas orais escritas são fontes historiográficas legítimas”³⁹. E é nesse sentido que mobilizaremos a História Oral nesta pesquisa.

Pensar em uma história oral segundo o GHOM é compreender que os procedimentos e mobilizações feitas no grupo, foram e, tem sido lapidados ao longo dos anos. É compreender que as narrativas escritas, produzidas por narrativas orais possuem a mesma legitimidade que outras fontes escritas e, além disso, perceber que as narrativas que produzimos são fontes historiográficas, pois possuem

registros de um tempo, de um espaço, de uma série de práticas etc. – e disponibilizá-las, o pesquisador que usa a história oral, pretendendo ou não ele próprio utilizar essas fontes em estudos propriamente historiográficos – voltados a escrever a história de alguém ou de algo –, não pode fugir de uma discussão sobre a concepção de história que defenderá e que pode estar promovendo com as fontes que cria e segundo o modo como as cria. Em síntese, a história é uma invenção de um passado num presente; a presentificação (um registro) de uma ausência (o passado); um recurso que nos permite perceber que o passado comportava muitos outros futuros além daqueles que se efetivaram no presente⁴⁰.

No grupo, o trabalho foi realizado na perspectiva de que as fontes criadas são subjetivas e parciais, sendo, ao mesmo tempo, imparciais e objetivas, pois não se entende a imparcialidade como o não lugar, além dos desejos, dos interesses e das circunstâncias humanas. Ela é entendida como “o esforço de trazer à cena versões diferenciadas”⁴¹ no processo de construção histórica no qual se descarta a alternativa de vitória ou derrota e, ao menos, se tenta “articular posições conflitantes, criando significados a partir do respeito ao ponto de vista do outro”⁴² (nosso depoente). Trabalhamos aqui com o propósito de criar fontes também visando operações historiográficas para escrever histórias de formação de professores de Matemática no Brasil

Uma operação historiográfica é um movimento composto por um conjunto de ações que se iniciam com a opção por algumas fontes para, a partir delas, analítica e metodicamente, compor uma narrativa. Usar a história oral numa operação historiográfica implica inaugurar essa operação com as fontes produzidas a partir da oralidade e, segundo as circunstâncias, incorporar paulatinamente fontes outras que possam apoiar a criação da narrativa. Não se trata de recorrer à oralidade apenas quando as fontes

³⁷ GARNICA (2015a, p. 40).

³⁸ IDEM.

³⁹ IDEM.

⁴⁰ GARNICA (2015a, p. 41).

⁴¹ GARNICA; FERNANDES; SILVA (2011, p. 238).

⁴² GARNICA; FERNANDES; SILVA (2011, p. 239).

escritas são insuficientes, nem de teimar em restringir-se apenas às fontes orais quando há disponíveis inúmeras fontes de outra natureza (escritas, pictóricas, arquiteturas etc). Trata-se de iniciar um processo a partir de uma perspectiva singular, a da narrativa de um sujeito situado, e ir aos poucos abrindo esse diálogo, incorporando escritos e informações outras, ampliando essa perspectiva não para checar a (ou chegar à) verdade do sujeito, mas para criar um enredo plausível no qual narrador e ouvinte se reconheçam: um enredo que narrador e pesquisador julguem significativo como parte do acervo de que dispõem para conhecer determinado aspecto do mundo⁴³.

Vale ressaltar as importantes discussões acerca desse tema. Leituras e discussões auxiliam na compreensão do entendimento sobre narrativas, experiências, história, Educação Matemática, historiografia, História Oral, entre outros temas. Outro aspecto a se destacar também é a defesa pela necessidade de mobilizar autores das mais diferentes áreas, como propõe o GHOM: Elias e Bertaux – da Sociologia; Ricoeur e Foucault – da Filosofia; Gertz e Augé – da Antropologia; Le Goff, Ginzburg, Hartog, Darton, Certeau – da História; Miorim, Gomes, Miguel, Larrosa, Bolivar, John Thompson e Paul Thompson, Portelli, Albuquerque Jr – da História da Educação e da Educação Matemática, entre outros, para que, talvez, seja possível abraçar a História Oral desejada, uma vez que isso implica “esforçar-se para romper as fronteiras disciplinares, ou ao menos esgarçá-las”⁴⁴.

Como indicação ao leitor, também destacamos alguns dos trabalhos produzidos nas discussões do GHOM sobre as potencialidades da História Oral na Educação Matemática. Tais trabalhos podem ser visualizados na página do grupo⁴⁵ e são alguns, dos muitos que discutem essa temática. Alguns títulos estão inclusos no Mosaico, Mapa e Memória: ensaios na interface História Oral-Educação Matemática⁴⁶, coleção de textos com a intenção de investigar as possibilidades da História Oral para a Educação Matemática discutindo concepções, procedimentos e fundamentações que tomam como exercício a pesquisa em História Oral. Outras leituras ainda podem ser encontradas no banco de teses, dissertações e outros relatórios de pesquisa disponíveis na página⁴⁷ do GHOM, atualizado com os trabalhos até 2017.

⁴³ GARNICA (2015a, p. 42).

⁴⁴ GARNICA; FERNANDES; SILVA (2011, p. 240).

⁴⁵ <http://www2.fc.unesp.br/ghoem/emporio.html>

⁴⁶ GARNICA (2006).

⁴⁷ <http://www2.fc.unesp.br/ghoem/trabalhos.php>

O ingresso no doutorado trouxe-me experiências várias, entre as quais estão: discussões em grupo de pesquisa (como já destacado); desconstrução da ideia de História Oral (somente) como procedimentos (criei fontes historiográficas no mestrado, por exemplo, e não tinha conhecimento sobre isso); participação em um projeto de pesquisa, amplamente destacado no GHOM, intitulado “Mapeamento da formação de professores que ensinam/ensinaram matemática no Brasil”.

Tal projeto é de longa duração, tendo iniciado em meados dos anos 2000 e sem previsão de término. No princípio, o Mapeamento foi criado como um único projeto de pesquisa. Entretanto, foram se incorporando a ele vários outros projetos e, atualmente, são diversos os trabalhos voltados ao estudo de como são/eram formados e como atuam/atuaram professores de Matemática no Brasil em diferentes instituições e níveis escolares, em distintos tempos e espaços. O Mapeamento, assim, transformou-se em uma linha de pesquisa do GHOM. As pesquisas que compõem este projeto possui a formação docente como um tema central e nele são desenvolvidos estudos segundo a metodologia da História Oral, interligação com outras linhas de pesquisa do GHOM, como é o caso da História da Educação Matemática Brasileira, posto que é possível, por exemplo, estudar formação de professores, usando a História Oral, sem se estar inscrito em um projeto historiográfico.

O sentido de mapear pode ser compreendido a partir do seguinte trecho, o qual destaca o contexto em que temos trabalhado no GHOM:

Esboçar um *mapeamento* – termo inspirado nos fazeres cartográficos – é elaborar, em configuração aberta, um registro das condições em que ocorreram/ocorrem a formação e atuação de professores de Matemática, dos modos com que se deram/dão a atuação desses professores, do como se apropriam/apropriavam dos materiais didáticos, seguiam/seguem ou subvertiam/ subvertem as legislações vigentes. [...] Por isso a opção pelo termo *mapeamento* e a inspiração no que já foi chamado de *cartografia simbólica*: um mapa é um cenário de relevâncias que não são apenas ditadas pelo cartógrafo, mas, também, pelo cartografado e pelos que contribuem para a cartografia; é uma expressão de pontos de vista, um jogo entre presenças e ausências, não um retrato do que *está lá*, mas um registro dos sentidos percebidos, dos significados que atribuímos ao que pensamos que lá esteja.⁴⁸

Minha proposição de projeto para o doutorado teve aderência neste projeto do GHOM, que já compreendia uma variedade de espaços geográficos – São Paulo, Santa Catarina, Maranhão, Paraná, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Paraíba, Rio

⁴⁸ GARNICA; FERNANDES; SILVA, (2011, p. 241-243).

Grande do Norte, Bahia, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais – e diversos cenários culturais – escolas urbanas, rurais, técnicas, de nível fundamental, médio, superior, antigas escolas de primeiras letras, etc.⁴⁹.

Dessa forma, me dispus a investigar, sob os parâmetros da História Oral, inserida no projeto “Mapeamento da formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil”, desenvolvido no GH OEM, como foram criados e constituídos os cursos de formação de professores de Matemática em Santa Catarina, entre 1960 e 1990.

O primeiro levantamento⁵⁰ da formação de docentes que ensinam/ensinaram Matemática em Santa Catarina, realizado em 2017, apontou para um universo de dois cursos na década de 1960, um em Joinville, na UNIVILLE, e outro em Blumenau, na FURB. Datados da década de 1970, temos a criação do curso da UNIPLAC, de Lajes; o curso da UFSC⁵¹, de Florianópolis; o curso da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em Criciúma; o curso da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), em Tubarão; o da Universidade do Contestado (UnC), em Marombá, e o curso da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), em Caçador. Na década de 1980, foi criado o curso da UNOCHAPECÓ, em Chapecó, e na década de 1990, o curso da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), de Itajaí, totalizando, neste mapeamento inicial, dez cursos autorizados e criados entre estas quatro décadas (1960-1990).

A partir deste levantamento inicial e vendo o escopo da pesquisa aumentado em comparação ao que esboçamos inicialmente, optamos por iniciar a pesquisa pelos dois cursos autorizados na década de 1960 e avançar, cronologicamente, conforme as datas de criação, à década de 1970. Dessa forma, investigamos a criação e constituição dos quatro primeiros cursos de formação de professores de Matemática em Santa Catarina, dois da década de 1960 – UNIVILLE e FURB – e dois da década de 1970 – UNIPLAC e UFSC.

Após essas definições, agendamos uma visita técnica a cada um dos cursos, com exceção do curso da UNIVILLE, que me informou, à época, que só poderiam

⁴⁹ GARNICA; FERNANDES; SILVA (2011).

⁵⁰ Os registros foram coletados no sistema E-MEC e em três relatórios de pesquisa desenvolvidos por Letícia Gomes (GOMES, 2014; GOMES, 2016) e por Tamiris Corrêa Luiz (LUIZ, 2017) sobre a Revista Documenta (revista de periodicidade mensal, publicada pelo Conselho Nacional de Educação).

⁵¹ Este curso está com data de criação, no sistema E-mec, de 1975, porém, esta é a data de reconhecimento do curso, que teve seu início em 1964.

me atender se meu projeto de pesquisa tivesse, obrigatoriamente, sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de minha instituição. O grupo de pesquisa do qual faço parte em Rio Claro não utiliza esse procedimento para teses e dissertações, dado o estágio ainda incipiente dos CEPs na UNESP. Diante disso, a UNIVILLE rejeitou agendar um horário para conversarmos sobre minha pesquisa, nem permitiu que eu consultasse a base documental da instituição sobre o curso. Essa foi a primeira dificuldade que encontrei e me fez pensar o quanto isso poderia impactar minha pesquisa. Por que a academia tem regras tão rígidas impostas muitas vezes por uma burocracia que desconhece os processos de pesquisa, ou ainda, que julga os processos todos igualmente, sem olhar para as peculiaridades de cada objeto?

A necessidade de registrar tal pesquisa no CEP se justifica para “proteger” o depoente. Porém, nos procedimentos utilizados em pesquisas desenvolvidas no GH OEM, há uma forma própria de validação/legitimação das informações. Trata-se de uma negociação com o depoente no sentido de que o pesquisador, ao produzir a textualização, tem a oportunidade de discutir com ele – em posterior revisão – as proximidades e distanciamentos desse entendimento em relação àquilo que o depoente afirma ter dito,

A textualização elaborada pelo pesquisador-entrevistador ainda deve passar por um processo de legitimação da produção de significados (pelo pesquisador), pelo entrevistado. Através da legitimação, o depoente poderá afirmar se o que ali está escrito poderia ser dito por ele, além de poder rever, modificar e aprofundar aspectos de seu registro. Trata-se, portanto, de um processo interativo entre aquele que “pretende se fazer entendido” – o entrevistado – e aquele que almeja “produzir um texto com os pensamentos do outro” – o pesquisador/entrevistador.⁵²

Além da legitimação, à qual a autora faz referência, temos ainda a Carta de Cessão de Direitos⁵³ que o depoente assina, após a verificação e concordância do que está textualizado. Não se tem, assim, protegido suficientemente os depoentes no GH OEM? Há necessidade de seguir normas alheias ao Grupo? Os pesquisadores podem ser julgados a partir do que fazem e não do que deixam de fazer?

⁵² SILVA (2006, p. 7).

⁵³ A Carta de Cessão de Direitos Autorais é o documento do qual o depoente autoriza o entrevistador/pesquisador a utilizar seus registros orais, agora transcritos e textualizados, em sua pesquisa. No Apêndice B desta tese, apresentamos o modelo de Carta de Cessão enviado a nossos depoentes. Nos anexos disponibilizamos as cartas de cessão assinadas por nossos depoentes.

Porém, dizer às instituições que, meu grupo de pesquisa e eu, temos um compromisso com a ética em pesquisa, pode não ser o suficiente para alguma instituição e é direito delas solicitar. Entretanto, há de se destacar aqui, que devemos fazer o possível para divulgar em nossos trabalhos como nos comprometemos com a ética em pesquisa, pois isso pode fazer diferença para pesquisas futuras em instituições que conheçam o trabalho do nosso grupo. E é nessa perspectiva que decidimos não encaminhar o trabalho para o comitê de ética. Com o decorrer das entrevistas, conseguimos alguns contatos de professores e de alunos que frequentaram a primeira turma do curso da UNIVILLE e, assim, demos prosseguimento à pesquisa.

Estive em Blumenau, em abril de 2018, para conversar com o professor José Carlos Althoff, coordenador do curso de Matemática da FURB. O professor José Carlos forneceu um vasto acervo de materiais do curso, bem como, após a apresentação de minha proposta, indicou e forneceu os contatos de duas professoras que poderiam contribuir de forma mais específica com minha pesquisa: a professora Neda de Mello Altenburg e a professora Lili Althoff Kalvelage.

Também em abril de 2018 estive em Florianópolis para conversar com a professora Sonia Elena Palomino Castro, coordenadora do curso de Matemática da UFSC. A Profa. Sonia disponibilizou alguns materiais do curso e fez uma lista com nomes de professores aposentados. Combinou comigo que ligaria para uma das professoras listadas e conversaria sobre meu projeto, solicitando-lhe autorização para me informar seu telefone. E assim o fez, encaminhando por e-mail o contato da professora Mirian Buss Gonçalves.

Em maio de 2018, estive na UNIPLAC, em Lages, para uma conversa com a coordenadora do curso de Matemática, professora Neusa Barros, que disponibilizou seu acervo de materiais do curso. Na ocasião, ela me contou sobre a enchente que destruiu grande parte do acervo existente sobre o curso e também contactou alguns docentes para as entrevistas. Indicou-me o professor Ailton Durigon, por seu conhecimento em torno da criação e da constituição do curso, e o professor Valdeci Costa.

Como não consegui agendar com a UNIVILLE e não tinha o contato dos professores de Joinville, fiquei bastante preocupada com essa situação. No entanto, na entrevista com a professora Mirian Buss Gonçalves, da UFSC, ela comentou acerca de alguns professores de Joinville que foram alunos da primeira turma do

curso de Matemática da UNIVILLE. Entre esses professores, estava o nome da professora Teresinha Selinke, com quem fiz contato e que aceitou meu convite.

Após esse contato com as coordenações dos cursos, conversei com os professores e agendei as primeiras entrevistas. Liguei para os professores Ailton Durigon e Valdeci Costa, da UNIPLAC (Lages), e agendamos as entrevistas para o dia 23 de maio: às 10 horas, com o professor Ailton; e às 14 horas, com o professor Valdeci. Além disso, fiz contato telefônico com as professoras Lili Althoff Kalvelage e Neda de Mello Altenburg, da FURB (Blumenau), com as quais agendei as entrevistas, separadamente, para o dia 25 de maio: às 8 horas, com a professora Lili; e às 14h30, com a professora Neda.

Viajei com meu esposo, Edilson, e meu filho, Ezequiel, de Águas Frias-SC a Lages, na serra catarinense. Saímos de casa às 3 horas e dirigimos por 380 quilômetros, no dia mais frio daquele ano de 2018, em Santa Catarina, rumo a uma das cidades mais geladas do Brasil. Havia muita neblina, o que dificultou um pouco o trajeto, mas chegamos a Lages às 9 horas e 30 minutos, no Instituto Federal de Santa Catarina, Campus de Lages, atual local de trabalho do professor Ailton Durigon.

Foi minha primeira entrevista para a tese, e, como tal, fiquei insegura, com medo de errar, de não conseguir alcançar meu objetivo, de não ter conversa em comum com meu depoente, enfim, a ansiedade usual do iniciante. A posição de inferioridade na escuta de algo que eu não conhecia ou conhecia muito pouco me deixava desconfortável, mas, surpreendentemente, senti um pouco de desconforto do professor com minha presença também, algo que soava como uma desconfiança, hesitação, e essa atitude “levantou à questão de quem observa quem na entrevista”⁵⁴.

Meu sentimento era de estar perdida na imensidão do conhecimento do professor, mas assim também Durigon parecia estar desconfortável com minha presença ali; eu, ele e meu gravador naquela enorme sala de aula. Com o andamento da entrevista, Durigon foi se sentindo mais confortável e, por vezes, se emocionou, falando de suas lembranças e de seus sentimentos em períodos difíceis de sua trajetória familiar e rindo das lembranças profissionais, das amizades antigas. Fiquei por 02 horas e 30 minutos ouvindo e interagindo com meu depoente, com o

⁵⁴ PORTELLI (1997, p. 21).

que me foi “possível perceber qual futuro foi projetado e qual estratégia relativa à memória foi disparada ao criar seu passado”⁵⁵. Portelli⁵⁶ diria que as fontes orais contam não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acredita estar fazendo e o que agora pensa ter feito. O professor Durigon reforçou a indicação do professor Aroldo Moretto para uma entrevista, pois, por ser um professor aposentado há alguns anos, poderia contribuir muito com minha pesquisa. Mais tarde, naquele mesmo dia, contatei o professor Moretto e agendamos uma entrevista para seu retorno, uma vez que estava embarcando, com sua família, para a Europa, em viagem de férias.

Cada entrevista é única, com suas particularidades e peculiaridades. E assim foi minha segunda entrevista, agendada para as 14 horas do dia 23 de maio, com o professor Valdeci Costa. Assim como fizera com o professor Durigon, disponibilizei, na data de agendamento da entrevista, meu roteiro⁵⁷ ao Prof. Costa, com questões relacionadas à vida pessoal e profissional, à formação superior, à criação e manutenção do curso ao qual ele estava relacionado e questões sobre a universidade à qual o curso estava vinculado. Encontramo-nos em sua sala, no prédio do Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV), da UDESC, local de seu atual trabalho.

O professor Costa se ateve a responder; foi sucinto, respondendo em 30 minutos as questões do roteiro. Por vezes, tentei retornar ao tema, porém Costa advertia que sua estada como docente do curso era recente (1992), se comparado ao início do curso. Mesmo assim, destacou que poderia contar do período em que foi aluno do curso de Ciências Naturais [com habilitação em Matemática] da UNIPLAC, e, nesse sentido, tive uma visão mais de aluno do que propriamente profissional do curso.

De Lages, viajamos mais 300 quilômetros até Blumenau, em função das entrevistas agendadas para o dia 25 de maio, com duas professoras do curso de Matemática da FURB de Blumenau. Meu objetivo? Mais uma vez conversar sobre suas vidas, suas formações e sobre o curso de Matemática no qual elas lecionaram por anos, na FURB de Blumenau.

⁵⁵ GARNICA (2015, p. 45).

⁵⁶ PORTELLI (1997)

⁵⁷ O roteiro da entrevista é o instrumento utilizado para nortear, em alguns aspectos, os assuntos que serão abordados. Vale ressaltar que é o entrevistado quem direciona o que vai querer falar ou não. No Apêndice A desta tese, disponibilizamos o Roteiro de Entrevista enviado, com antecedência, aos depoentes.

A professora Lili Althoff Kalvelage me recebeu em sua casa, junto ao seu esposo e seu neto. Agendamos para as 9 horas. Cheguei às 8 horas e 30 minutos e ela já estava me aguardando. Mostrou-me seu lindo e espaçoso quintal, me apresentou sua nora, neto e o esposo. Descreveu-me a eles, como pesquisadora de uma universidade e que eu pesquisaria sua “trajetória” no curso de Matemática. Sua casa ficava no final da rua, em um lugar alto da cidade. Da janela do seu escritório – local onde me aconcheguei – pude ver grande parte da cidade de Blumenau, um cenário agradável para imaginar-se as histórias daquele local, as festas da Oktoberfest⁵⁸, entre outras que Kalvelage narrou.

Conversamos por mais de uma hora. Kalvelage, com 72 anos, falava baixo, o que dificultou um pouco a captação do áudio da entrevista, necessitando repetir sua execução por várias vezes no momento da transcrição. Kalvelage descreveu as dificuldades do início do curso, pois ela foi aluna da primeira turma e, após a finalização da formação inicial, ingressou como docente do curso. Narrou também as circunstâncias da criação do curso e toda sua participação no dia a dia da instituição, do ingresso à aposentadoria.

Com a professora Neda de Mello Altenburg, agendei a entrevista para o Café do Hotel Glória, na Rua 7 de Setembro, no centro de Blumenau, às 14 horas e 30 minutos. Cheguei ao local, um ambiente bastante sofisticado, às 13 horas e 20 minutos, e me deparei com uma grande confeitaria. Nunca havia visitado Blumenau e fiquei impressionada com a cultura alemã desta cidade, principalmente com sua culinária. Havia ali muitos tipos de doces e de cucas alemãs, com cores de encher os olhos e aromas de dar água na boca. O ambiente era bastante movimentado. Expliquei à garçonne que estava à espera de alguém e então encontrei uma mesa mais afastada, procurando um local menos tumultuado.

Altenburg não se demorou a chegar e já foi cumprimentando todos do Café, como frequentadora assídua que era. Perguntou à atendente sobre alguém que estava lhe aguardando, e a moça apontou em minha direção. E foi a partir daí que nos apresentamos, nos conhecemos e tomamos um café, antes de iniciarmos a entrevista. Foram 40 minutos de histórias marcantes, momentos delicados e muita informação sobre o curso de formação de professores de Blumenau. Assim como Kalvelage, Altenburg também foi aluna da primeira turma do curso de Matemática da

⁵⁸ Festa típica alemã que acontece anualmente em Blumenau.

FURB, e após a conclusão de sua formação inicial foi contratada como docente. Altenburg me entregou, por ocasião da entrevista, algumas cópias de documentos que havia separado para nossa conversa: diplomas de primeiro e segundo graus, de magistério e de ensino superior, ementas de disciplinas, histórico escolar da graduação, certificado e programas de disciplinas de sua especialização⁵⁹, além de um Currículo Vitae, datado de 1996, com dados de certificação de cursos e funções exercidas no magistério (básico e superior).

Retornei para casa, no final de maio de 2018, com quatro entrevistas realizadas, mais duas entrevistas agendadas para o mês de junho, muito trabalho e uma preocupação: o curso da UNIVILLE. Não havia conseguido, até o momento, contatar nenhum docente/discente do curso.

Edilson, Ezequiel e eu pegamos novamente a estrada, no dia 24 de junho, no final da tarde e viajamos 580 quilômetros até Florianópolis – capital do Estado, para, às 10 horas do dia 25, entrevistar Aroldo Moretto⁶⁰, professor aposentado do curso de Matemática da UNIPLAC (Lages).

O professor Moretto me recebeu no salão de festas de seu condomínio, no bairro da Trindade, próximo à UFSC, em Florianópolis, lugar calmo e tranquilo. A entrevista durou 1 hora e 30 minutos e foi acompanhada de muita emoção e lembranças... Por vezes, Moretto riu, se emocionou, chorou, se controlou e tornou a falar sobre sua infância, sua educação religiosa em colégios internos, longe de sua família, sua formação na UFSC e sua vida profissional em Lages. Com olhar deveras distante, narrou histórias sobre a UNIPLAC, sobre o curso de Matemática de lá, sobre sua trajetória profissional e pessoal e suas conquistas enquanto docente universitário.

Na tarde do dia 25, mais precisamente às 15 horas, cheguei à casa da professora Mirian Buss Gonçalves. Ela não estava, pois tínhamos agendado a entrevista para as 16 horas. Gonçalves foi indicação da coordenadora do curso da Matemática da UFSC, professora Sonia Castro, por ocasião de minha visita ao curso naquela universidade. Ela chegou em seguida e sentamo-nos à mesa da cozinha, na companhia do seu enorme cão, Beethoven. Conversamos por mais de uma hora,

⁵⁹ Cursada por meio de Convênio entre a Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul (FIDENE) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

⁶⁰ A indicação do Professor Moretto está destacada nas textualizações de Durigon e Costa, como sugestão de contribuição para esta pesquisa.

enquanto ela me mostrava com muito orgulho, em sua biblioteca, sua coleção de livros de Cálculo (I, II e III), de autoria própria, publicado em várias edições, usadas por muitos cursos das áreas exatas pelo país, inclusive no curso em que me formei no oeste catarinense, em 2007.

Gonçalves destacou, entre outros pontos, os desafios de uma mulher frequentar um curso superior na década de 1970, na capital do Estado de Santa Catarina, longe da família, e, já formada, para inserir-se profissionalmente em uma área totalmente masculina, à época. Destacou a qualidade do ensino em uma universidade federal e os desafios na elaboração de obras didáticas, além de abordar suas percepções – como aluna e docente aposentada – do curso de Matemática da UFSC. Ao término da entrevista, questionou-me sobre o curso da UNIVILLE (Joinville), se eu havia conseguido contato e encontrado depoentes. Respondi que não. Então, para minha surpresa, ela citou um nome e me passou o contato de uma professora que havia ingressado na segunda turma do curso daquela universidade, a professora Teresinha Selinke.

E assim cheguei à minha sétima depoente. Localizei-a no Paraná – em Medianeira – porém, por ocasião do nascimento da neta, estava passando alguns dias em Maravilha- SC, a 50 quilômetros de minha casa. Agendamos a entrevista para o dia 4 de julho, às 9 horas, na casa de seu filho, naquela cidade. Selinke e eu conversamos por mais de 1 hora e 30 minutos. Ela contou histórias das aulas, dos docentes, dos colegas de curso, da formação em pleno período militar. Falou sobre sua formação no internato para meninas em Joinville, sobre seus professores ao longo de sua vida escolar, com uma memória que lhe permitia detalhar minuciosamente cada situação narrada. Selinke também falou muito sobre sua profissão, sobre a educação no estado vizinho – o Paraná –, sobre reformas, planos de salários, (des)valorização dos docentes e lutas da classe.

Após as entrevistas, comecei o processo de transcrição. Mas, por que se faz transcrição dessas narrativas orais? Não há um modo de as utilizarmos da forma como são produzidas? Sim, há. Porém, “usualmente as narrativas orais são registradas por escrito devido a durabilidade do suporte e a facilidade de manuseio”⁶¹. No meu caso, foram mais de oito horas de gravação, ouvidas e reouvidas, tantas vezes quantas necessárias para escrever, palavra por palavra, o

⁶¹ GARNICA (2015, p. 40).

que meus depoentes falaram. Esse foi, para mim, o processo mais cansativo dentre os realizados para esta tese, pois demandou bastante tempo e concentração para constituir narrativas que, a partir daqui, passam a ser registros escritos.

O passo posterior ao da transcrição foi a textualização das narrativas orais, agora tornadas escritas. Nesta fase, pós-registro escrito, é “o momento em que o pesquisador transforma mais radicalmente a transcrição, reordenando cronologicamente as informações e constituindo um texto coeso e pleno”⁶². Com as pesquisas desenvolvidas no GH OEM, o processo de textualização foi sendo rediscutido e ressignificado, assim como sua abordagem dependendo das fundamentações teóricas que são mobilizadas, nem sempre em HO, podemos afirmar que, nossas textualizações, atualmente são uma edição da transcrição, escrito, de forma conjunta, com nossos depoentes. Nesse meu processo, não reordenei o texto cronologicamente, optando pela lapidação na ordem que foi oralizada.

Ao transformá-lo em tal texto, é importante que respeitemos os dados do depoimento, mesmo alterando seu estilo de escrita. Esse processo foi, em certo ponto, transformador, na medida em que, quanto mais lia e textualizava, mais me aprofundava e familiarizava com os depoimentos, surgindo dessa fase os primeiros grifos e destaques para posterior análise.

Ainda neste processo de textualização das entrevistas e elaboração da tese, em outubro de 2019, apresentei meu primeiro seminário obrigatório do curso, intitulado “A formação de professores de Matemática em Santa Catarina: os primeiros cursos, memórias e histórias”, discutindo um panorama inicial sobre os depoentes e os cursos. Nessa ocasião, apresentei meus sete depoentes – Ailton Durigon, Valdeci Costa, Neda Altenburg, Lili Kalvelage, Aroldo Moretto, Mirian Buss Gonçalves e Teresinha Selinke – e os cursos das quatro universidades – UNIPLAC, FURB, UFSC e UNIVILLE – contemplando cada depoente em seu curso. Nesse sentido, após discussões com colegas presentes, foi apontado um desequilíbrio relacionado à quantidade de depoentes por curso, pois até então só havia uma depoente – Teresinha Selinke – do curso da UNIVILLE. O encaminhamento foi procurar por, pelo menos, mais um depoente ligado àquela instituição.

⁶² GARNICA (2003, p. 32).

Voltei de Rio Claro, em outubro, preocupada com este encaminhamento, uma vez que não possuía mais indicações de depoentes. Antes de chegar em casa, entrei em contato com minha entrevistada da UNIVILLE, professora Teresinha Selinke, solicitando que me indicasse algum nome de professores ou ex-alunos que tiveram contato inicial com o curso. Ela prontamente me respondeu com o nome e o contato do professor Osni Piske. Entrei em contato com ele no início de novembro, que me passou o número da secretária para agendar um horário para a entrevista. Agendamos a entrevista para a metade de novembro, porém, houve um imprevisto e ele não pode me atender. Reagendamos a entrevista para meados de dezembro (11), em sua empresa em Joinville.

Piske e eu conversamos por mais de uma hora. Ele contou histórias sobre as dificuldades de sua formação inicial, sobre as distâncias até Paranaguá, onde iniciou o curso de Matemática, as estradas, as condições financeiras, a valorização do professor à época e sobre seu desencanto com a profissão. Contou também sobre sua vida política, seu mandato de deputado estadual e, mais detalhadamente, sobre sua atividade atual, como sócio-proprietário de uma empresa de consultoria ambiental e sobre seu programa de televisão, que aborda temas jornalísticos e investigativos. Assim como as demais entrevistas, também com a de Piske transcrevi, textualizei e comecei a fazer o processo de validação dos registros orais. Fiz contato telefônico com cada um dos depoentes, explicando o processo de validação e falando sobre a Carta de Cessão de Direitos.

O processo de validação da entrevista possui aspectos próprios como a negociação do que foi dito na entrevista, será realmente publicado na versão final da tese. Com nossos depoentes, esse processo foi cuidadosamente realizado em cada palavra. Ao ler sua entrevista, alguns dos depoentes não se sentiram a vontade com os termos utilizados, modificando, por vezes, frases e retirando parágrafos inteiros, quando de críticas ou comentários pessoais ou políticos.

Com nossos entrevistados este processo se deu de forma tranquila, com contato telefônico explicando essa fase da pesquisa, envio do material, contato telefônico novamente para verificação da leitura e para falar da carta de cessão de direitos. Alguns dos depoentes leram a entrevista, destacaram partes em vermelho no texto, com notas explicativas sobre pessoas citadas e nomes de locais dos quais não ficaram claros no áudio ou que grafia não era condizente com o descrito no material. Outros fizeram pouquíssimas anotações, outros ainda, passaram o material

por profissional de revisão gráfica. Alguns relataram a leitura emocionada de memórias de sua vida, destacando que não imaginavam o tamanho do trabalho que tivemos ao compor esse material.

Destacamos também, a morosidade desse processo, enquanto alguns depoentes retornaram com a primeira versão em uma semana, alguns demoraram três meses para o primeiro retorno, mesmo com contatos frequentes. Porém, quando desenvolvemos um trabalho acadêmico, com cronograma e prazos para protocolar material para qualificação essa delonga nos deixa apreensivos e ansiosos.

Deixamos registrado aqui, que retornaremos com os movimentos de pesquisa no capítulo cinco desse relatório, quando trataremos das trajetórias da pesquisa dentro do estado catarinense, apresentando mapas e discussões acerca dos movimentos executados.

Nessa trajetória de **andar** pelo estado no qual nasci, mas pouco conhecia, e **ouvir** as histórias que, mesmo sendo narrativas das décadas de 1960 e 1970, se assemelham muito com minha caminhada de formação, refleti sobre a minha própria formação e sobre a potencialidade dessas narrativas que ouvi para a discussão da formação de professores que ensinaram/ensinam Matemática no estado catarinense.

4 SENSIBILIDADES, TRILHAS E NARRATIVAS

*Que as palavras que falo
não sejam ouvidas como prece nem repetidas com fervor,
apenas respeitadas como a única coisa
que resta a um homem inundado de sentimentos
pois metade de mim é o que ouço
a outra metade é o que calo.
(Oswaldo Montenegro)*

Assumimos sensibilidade como expressão aproximada de “sentir algo vivido” e, além disso, analisar a experiência vivida e expressá-la como forma de sentimento, em narrativas. Assim, as sensibilidades dos depoentes, e também as nossas, ao ouvi-los, nos fazem refletir sobre o excerto da música “*Metade*”, citada na epígrafe, e por onde caminham suas interpretações, no sentido de que as palavras não sejam como preces, certas e verdadeiras, mas como forma de expressar o que é/está sensível em cada depoente.

Além da percepção de sensibilidade, destacado anteriormente, este texto também explora o sentido de transitar, de experienciar, enfim, de “trilhar” caminhos. Nessa concepção, tomamos “experienciar” não como forma de submeter à prova, mas como sentir e conhecer por experiência, de optar, de escolher, de eleger os caminhos por onde se quer percorrer.

Nesse sentido, entendemos “narrar”, aqui, como uma composição elaborada pelo depoente que, olhando para suas trilhas, e, “ao elaborar sua narrativa, faz isso em direção a alguém, geralmente o entrevistador/pesquisador, existindo, na maioria das vezes, um esforço de se posicionar frente ao outro”⁶³. Nesse sentido, tenho a convicção de que, “nesse esforço de construção da narrativa, quem narra articula suas memórias que estão ocupando papel de destaque, sendo um recurso indispensável à narrativa”⁶⁴.

Por fim, e para iniciar efetivamente, utilizamos o plural dos substantivos equivalentes aos verbos sensibilizar, trilhar e narrar justamente para expressar as múltiplas formas de interpretação (estar sensível à), que, para nós, cada um dos depoentes tem sobre suas experiências, sobre seu vivido, seu vivenciado (trilhas), e a transformação delas em histórias que ora ouvem, ora calam (narrativas), na

⁶³ SOARES; FRANCO; SOUZA (2019, p. 421).

⁶⁴ Idem (2019, p. 422).

expectativa de que outro ouça suas posições e perspectivas. Temos a seguir, portanto, algumas sensibilidades, trilhas e narrativas de nossos depoentes.

4.1 Ailton Durigon

Fotografia 1 – Ailton Durigon



Fonte: Arquivo pessoal do depoente

*Foi uma madrugada fria
E uma viagem longa;
Para estar em sua companhia
Com cuia, erva e uma bomba.*

*Foi a primeira entrevista
De outras tantas que vieram
Estava no topo da lista
Dos oito que se propuseram.*

*Um convicto serrano,
Foi ex-aluno e professor
Com crenças e vários planos
Se tornou inspirador.*

*Nas salas do Instituto
faz hoje transparecer
Que o que era só um intuito
Tornou-se o seu conhecer.*

*Ao reviver sua trajetória
Ailton se emocionou
Das fases de sua história
Que durante a entrevista contou.*

Eu sou serrano⁶⁵, então eu gosto do frio. Frio é muito bom! Eu venho de uma cidadezinha a 100 km daqui [Lages], chamada Anita Garibaldi, e eu sou do interior, da agricultura, fiquei na agricultura até os meus 18 anos. Meus pais moram ainda na área rural.

Eu estudei em escola multisseriada, de 1ª a 4ª série, e a minha mãe foi minha professora durante esse período. Então, passei a fazer o ensino fundamental na sede do município. Meu pai, mesmo com sacrifício, sempre incentivava todos os filhos a estudarem. Mas era longe, 15 km. A gente ia e voltava todo dia de Kombi. Foi um tempo bem difícil da minha vida; saíamos às 10 horas de casa, mas as aulas eram somente à tarde; retornávamos pra casa às 7 da noite.

Era muito difícil, porque tinha poucos veículos de transporte e eles faziam várias localidades ao mesmo tempo, então eles pegavam a gente e deixavam 11 horas na cidade e iam buscar estudantes em outras localidades. Era uma loucura, uma loucura... Enfim, eu fiz o Ensino Fundamental, que foram 4 anos, dessa forma, todo dia. O Ensino Médio, o Segundo Grau na minha época, era somente à noite, e não tinha transporte escolar noturno. Aí nós ficávamos na cidade em Anita [Garibaldi]. Morávamos eu e o meu irmão, e a gente fazia muita coisa para se manter e ocupar o tempo livre: pintor, serralheiro, servente de pedreiro. Foi um tempo bem difícil, e, no final de semana, nós íamos pra casa e trabalhávamos na lavoura.

No meu Ensino Médio eu fiz Magistério; na época, só existiam duas opções de curso: ou a gente fazia Magistério ou Técnico em Contabilidade. Enfim, por influência da minha mãe, talvez, eu fiz o Magistério, e terminei em 1987. Em 1988, vim pra Lages fazer o vestibular, fiz para o curso de Matemática na Universidade Federal de Santa Catarina, mas não passei, e aí eu fiz vestibular pra UNIPLAC⁶⁶, aqui, e passei, e, então, cursei, na época, Ciências de 1º grau, pois não tínhamos o curso de Matemática. Isso era 1988.

⁶⁵ Região Serrana é a denominação dada à região compreendida pelos municípios de Anita Garibaldi, Cerro Negro, Campo Belo do Sul, Capão Alto, São José do Cerrito, Correia Pinto, Otacílio Costa, Palmeira, Lages, Bocaina do Sul, Paineira, Rio Furino, Bom Retiro, Urupema, Urubici, São Joaquim e Bom Jardim da Serra, todos em solo catarinense. É nessa região que se localiza um dos pontos turísticos mais exuberantes de Santa Catarina: as serras do Rio do Rastro e do Corvo Branco. Também é uma localidade muito conhecida pelas baixas temperaturas, sendo o lugar mais frio do país. É essa a região à qual o professor Ailton se refere.

⁶⁶ Universidade do Planalto Catarinense.

O curso de Ciências do 1º grau nos habilitava para Matemática, Ensino Fundamental 2 e Ciências. Concluí o curso em 1991. Quando iniciei meu curso superior, em março de 1988, já comecei a dar aulas, pois eu tinha Magistério, e isso foi a única coisa que eu fiz aqui em Lages em termos de trabalho: dar aulas. Cheguei a procurar em algumas empresas alguma coisa, mas não consegui trabalho, e comecei a dar aulas como professor substituto na rede estadual de ensino. Trabalhei em 1988 e 1989. Passei por várias escolas da cidade. Foi bem interessante essa experiência. Também nessa época, em 1989, eu ingressei como professor na rede municipal, trabalhando nesse vínculo até 1998, com aulas de Ciências.

Eu fazia faculdade de Ciências e me formei em 1991. Aí conheci minha esposa, amada e idolatrada, estamos casados há 25 anos. Foi assim: começamos a trabalhar juntos e nos formamos em Ciências juntos, nos formamos em Matemática. Trabalhamos na prefeitura até 1998 e trabalhávamos juntos nas escolas municipais. A minha carga horária semanal até agora foi sempre 60 horas. Enquanto eu estava na fase de estudante, fazendo a faculdade, eu dava aula o dia todo e, à noite, frequentava o ensino superior; aqui, em Lages, trabalhei na escola Itinerante⁶⁷. Ainda existe essa escola. Ela foi criada em 1985. É uma escola que iniciou no interior do município, pois o município de Lages é o maior de Santa Catarina em extensão territorial hoje, mas na época ainda tínhamos mais três distritos, que eram Capão Alto, Bocaina do Sul e Paineira, e atendíamos também essas localidades na época. Então era muito maior, tu não tens ideia. Por exemplo, no sábado, a gente ia para Giacometti (vila), que são mais de 100 km de Lages, são 70 km de estrada de chão. Nós saíamos às 4 horas da manhã de casa nesse inverno, então imagina a situação. Os ônibus eram precários, entrava vento por todo lado, esse negócio de ar

⁶⁷ A Escola itinerante Maria Alice Wolff Souza, criada em 1984, é uma instituição educacional pertencente à rede pública de educação do município de Lages, SC. A Escola Itinerante originou-se de uma reunião dos agricultores com representantes do poder público de Lages, e trata-se de uma escola dinâmica, móvel. A ideia era que a escola tivesse pouca fixação em um lugar definido, e migrasse pelo interior do município. E assim se fez. A escola é composta por um setor administrativo, motorista, agente de serviços gerais e professor, o qual exerce a função de orientador, estimulador, motivador e avaliador. Diferenciada de uma escola regular, utiliza ônibus escolar, que transita pelas vias secundárias da área rural conduzindo professores e alunos ao local em que as aulas são ministradas, normalmente nos salões comunitários. Essa escola possui uma política educacional que teve originalidade histórica e que, na década de 1990, contava com aproximadamente 400 alunos. Hoje conta com 148 alunos matriculados. Fonte: <http://revista.uniplac.net/ojs/index.php/uniplac/article/view/1675> e <file:///C:/Users/Windows/Desktop/Doutorado%202019/Artigos/Lages%20%20Uniplac%20Escola%20Itinerante.pdf>

condicionado é coisa moderna. E chegávamos de noite em casa, então, não víamos o sol nem nascer, nem se pôr em Lages. Era uma coisa muito difícil, foram anos bem interessantes. Eu brinco que doe minha juventude para aquela escola, mas foi muito bom.

Enfim, me formei em 1994, em Matemática, na Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Em 1996, fiz uma especialização em Matemática em São Paulo e comecei a dar aulas na universidade. Entrei por processo seletivo. Todo mundo entrava por processo seletivo ou prova ou análise de currículo. Ingressei na UNIPLAC em 1996 e fiquei até 2010 como professor. Fiquei 14 anos e depois fui para a Rede Federal de Ensino. Ingressei no Instituto Federal, fiquei dois anos em Sombrio, no sul do Estado de Santa Catarina. Viajava toda semana também. Serra do Rio do Rastro é lindo para você passear, mas não para trabalhar. Depois fiquei 3 anos e meio em Urupema, aqui na Serra, e estou aqui no *Campus* Lages desde 2015. Isso é o resumo da minha trajetória profissional. Trabalhei em muitas escolas particulares, em instituições particulares, pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), pela UNIPLAC e fui professor efetivo da Rede Estadual muito tempo também, até sair em 2010, quando passei a trabalhar com dedicação exclusiva aqui no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

Ah, sim, trabalhei também muito tempo no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), da rede estadual, que é um órgão público, no mesmo período em que trabalhei na UNIPLAC. E, nesse período, trabalhei também no Instituto Superior de Ensino, com [cursos de] pós-graduações, especializações... Trabalhei em muitos cursos de especialização na área de formação docente de professores de Matemática, especialmente no Rio Grande do Sul, também em Florianópolis-SC e Tijucas-SC.

Mais ou menos foi essa minha trajetória acadêmica. Pessoal brinca aí que quem não foi meu aluno é porque não estudou... [risos]. Tive muitos alunos em Lages, muitos alunos, pois trabalhando na universidade [UNIPLAC], somos horistas, recebemos por hora trabalhada, então, para termos um salário razoável, precisamos trabalhar muitas horas, e, em função disso, tive muitos alunos. Assim, trabalhei em vários cursos: Administração, Contábeis [Ciências], Biologia, Pedagogia, Matemática, Enfermagem, Educação Física... Portanto, tinha um volume muito grande de alunos. Engenharias, claro, volume muito grande de alunos em todos os

semestres, por isso a gente conhece muita gente. Isso é interessante também, enfim...

Além disso, sobre minha vida acadêmica, em 1996, terminei a especialização, comecei a dar aulas em Universidade [UNIPAC], e, em 1998, ingressei no Mestrado em Matemática, na Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), que é no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. São 470 km de Lages. Eu ia e voltava toda semana. As aulas lá eram concentradas nas segundas, terças e quartas. Então, eu viajava no domingo à tarde, chegava aqui [Lages] na quinta de madrugada (2 horas da manhã era o horário de chegada) e quinta, às 8 horas, eu já estava dando aulas, porque eu não tinha bolsa, nunca tive bolsa de estudos, somente auxílio parcial da UNIPAC, sempre trabalhando. Então, eu dava aula na quinta e sexta, algumas aulas no sábado e voltava de novo para lá [Ijuí] no domingo, dois anos. Muito longe. Muito difícil.

Eu fiz Mestrado em Modelagem Matemática, fui aluno de russos, uma grande honra, eu aprendi muito com os russos. O meu orientador é um High Doctor⁶⁸, o que na academia russa é bastante forte. Ele é um dos três mil High Doctors; na academia russa, são 300 acadêmicos, abaixo dos acadêmicos está o High Doctor, e o High Doctor é um candidato ao acadêmico. Aí, depois do High Doctor, está todo mundo, todos os doutores, e ele é um High Doctor, e o orientador dele é um acadêmico, então, na hierarquia russa eu sou neto de um acadêmico russo, da academia russa...

Lidiane: O senhor fala Russo?

Não, mas tenho algumas publicações em Russo, pois o meu orientador publica com a gente. Até tem um livro em que escrevi um capítulo em Português, e ele traduziu para o russo. Às vezes fizemos alguma publicação meio paralela, porém, a academia russa é muito complexa... A gente sempre recebe contato, a relação de e-mails, todos os eventos da academia russa... Estamos sempre acompanhando, mas não publiquei mais nada nessa direção.

Ingressei em 1998 e, em 10 de março de 2000, terminei o Mestrado, algumas datas a gente nunca esquece [risos]. Depois eu fiz o Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Matemática Aplicada. Foi um tempo

⁶⁸ Membro da academia russa com grau maior que Doutor. Candidato ao mais alto nível (membro da Academia de Ciências da Rússia), da estrutura acadêmica daquele país. Fonte: <http://www.russobras.com.br/educacao.php>

bem interessante, porque no início também viajava toda semana, mas depois eu tive que me instalar lá. Como não tinha bolsa de estudo na UFRGS, somente um auxílio da UNIPALAC; então, gastei parte do dinheiro que eu tinha pra fazer o curso. A universidade ajudava com 20 horas, mas não era o suficiente. Enfim, fiquei um tempo lá em Porto Alegre, terminei meu Doutorado em 15 de dezembro de 2008; neste ano [2018] está fazendo 10 anos de Doutorado... Nossa!

Lidiane: Nesse sentido, a UNIPALAC ajudava vocês?

Nós tínhamos uma bolsa de 20 horas/aula por semana para fazer a pós-graduação. Ela incentivava. E para complementar, pegávamos mais aulas.

Lidiane: Mas essas 20 horas/aula o senhor ganhava sem ministrar?

Isso era uma espécie de bolsa, um incentivo, ganhava sem ministrar, mas aí a gente tinha que ficar na instituição por, no mínimo, o mesmo tempo que levamos para cursar o Doutorado, senão teríamos que repor, enfim, para ajudar a instituição. E se a gente não terminasse o curso, teria que devolver o recurso, então era meio forçado. Na UFRGS, eu senti dificuldades para concluir o curso, porque era muito complexo, especialmente porque a minha trajetória acadêmica não era muito forte para um Doutorado em Matemática Aplicada, porque eu fiz Licenciatura em Matemática, então Matemática Pura e Aplicada não era tão forte. Depois eu fiz o Mestrado em Modelagem Matemática, e a gente teve algumas disciplinas de Matemática, mas não forte academicamente, e a UFRGS cobra um nível alto. Análise é muito pesada, Introdução à Análise Real, Análise Real, Análise Abstrata, isso é coisa muito pesada pra quem fez licenciatura, mas eu consegui sobreviver, terminei. Tenho saudade de algumas coisas, mas de outras não. Enfim, é isso.

Bem, sobre Pesquisa e Extensão, na UNIPALAC, nós tínhamos editais de pesquisa e editais de extensão. Mas no início da minha carreira, não tínhamos isso. Depois, quando fomos oficialmente reconhecidos como Universidade pelo Conselho Nacional de Educação, pois antigamente era faculdade, aí sim, entrou a questão de pesquisa e extensão como obrigatória. A Universidade exigia isso, nós tínhamos uma determinada carga horária, mas era limitada e, obrigatoriamente, tinha que aprovar o projeto. Aí fizemos trabalhos de pesquisa. Eu e o Professor Valdeci (você vai falar com ele depois) éramos muito parceiros, ainda somos parceiros; a gente faz parte do mesmo grupo de pesquisa. Fizemos trabalho de pesquisa e extensão, pesquisa na área de Simulação Numérica, algumas coisas, mas também com uma

pesquisa na área de Ensino de Matemática com um orientando de Iniciação Científica.

Depois fizemos projeto de extensão. Na época, a Universidade tinha bolsas para alunos carentes, Artigo 170⁶⁹, e nós fizemos alguns projetos de extensão na linha de capacitação docente e de atividades de formação complementar dos nossos alunos nas escolas. Então, fizemos aulas complementares, aulas de reforço nas escolas que nós coordenávamos.

Com relação ao ensino, trabalhávamos muitas disciplinas, ministrávamos muitas aulas, muitas, muitas aulas: Matemática Básica, Informática Básica, Estatística, Cálculo, Topologia, Geometria, em todos os cursos, em muitos, muitos cursos. Eu dei aula em vários cursos, foram muitas aulas, era uma loucura isso em termos de registro. Aqui na rede Federal – eu vou dizer, a gente acostuma relativamente rápido quando as condições melhoram – as condições de trabalho são muito boas, e o que acontece? Quando eu saí da rede Particular [privada] em 2010, eu trabalhava em três instituições, tinha o SENAI, a UNIPLAC e o Estado, e na UNIPLAC eu ainda tinha os cargos administrativos. E quando ingressei na rede Federal, o máximo de aulas por semana aqui é 18 horas/aula. Isso é uma bênção. Lidiane, eu cheguei a ter 72 aulas dadas por semana em alguns períodos, você tem ideia disso? 72 aulas dadas é assim loucura... Trabalhava manhã, tarde e noite, e madrugada, porque dava 25 aulas de manhã, à tarde, mais 25, e, à noite, mais 20, bom 25+25+20 daria 70. E mais o sábado, porque também trabalhávamos aos sábados, em cursos de complementação, com algumas disciplinas seguindo um cronograma. Como no sábado eram 10 horas, então, de segunda a sexta, cheguei a ministrar 60 horas. Tinha pós-graduações e, normalmente, pós-graduações são aos sábados, além da coordenação. Misericórdia! Era uma vida realmente bastante pesada.

Naquela época, a gente trabalhava com apostilas também. Eu trabalhava em São Joaquim, viajava e ministrava aulas em uma escola particular, e lá usavam uma apostila do Positivo. Eu dava aula em escola particular aqui em Lages, o SIGMA, que usava outra apostila – a Companhia da Escola –, apostila muito forte de São Paulo. Eu dava aulas no Estado. No Estado, a gente usava apostila do Energia.

⁶⁹ Os recursos financeiros do **Artigo 170**, assegurados pelo Governo do Estado de Santa Catarina, são destinados à concessão de bolsas de estudo e de pesquisa a alunos economicamente carentes, matriculados em cursos de graduação presenciais e a distância.

Eram, portanto, três apostilas diferentes, e eu tinha que gabaritar aqueles exercícios, porque eu nunca fui pra sala de aula sem estar com os exercícios prontos. Logo, eu ia dormir toda noite às 2 e meia ou 3 da manhã e levantava 6, 7 horas todos os dias, e os finais de semana eu reservava pra corrigir provas e trabalhos, depois eu tinha ainda mais a universidade, além das escolas de Educação Básica. Então, em um bom período da minha carreira, eu cheguei a ter cinco instituições na minha Carteira de Trabalho. Não sobrava tempo nem pra gastar o dinheiro, nem pra receber o salário sobrava tempo.

Eu dava aulas, por exemplo, no Colégio Guarujá, que era lá no extremo da cidade, até às 9 horas e 50 minutos, e às 10 horas e 15 minutos eu estava dando aulas dentro da universidade [UNIPLAC], no outro lado da cidade. Então, literalmente, eu furava sinaleiras, eu não tinha tempo; se tinha uma coisa que eu não tinha era tempo, se tinha alguma coisa. Eu estava sempre 100% ocupado, era uma loucura. Eu não vivi, eu vegetei, mas ganhei dinheiro enquanto era mais jovem, eu nunca soube dizer não, esse foi o único problema da minha carreira, porque se alguém dizia: “Ailton, sexta-feira tá livre?” “Eu estou, vamos fazer”. Sempre, sempre, sempre. É muito interessante... um período bom.

Um fato interessante, Lidiane, aqui na região, sempre houve falta de professores de Matemática, e professores bons nunca ficaram sem trabalhar. Eu ia lá, em São Joaquim, era um dia por semana, quarta-feira, eu ia lá e dava 10 aulas, das 8 horas às 12 horas e das 13 horas e 30 minutos às 17 horas e 30 minutos, e às 18 horas e 30 minutos eu estava já dentro da universidade dando aulas (na verdade 18 horas e 30 minutos não: começava 18 horas e 40 minutos, mas 18 horas e 30 minutos eu estava lá porque eu era coordenador do curso, então eu ia direto). Fazia São Joaquim-Lages em 45 minutos, e são 80 km e uma estrada ruim. Eu literalmente cortava as curvas. Graças a Deus nunca aconteceu nada. Nunca tive acidente, mas eu maltratei os meus carros. Eu gastava mais de um tanque de gasolina, com certeza, por semana, por ser uma correria. Era uma loucura, mesmo, você não tem ideia. Que vida, hein? Isso é uma volta no passado.

Agora estou na Rede Federal. Aqui o pessoal não trabalha manhã, tarde e noite. Se tiver aula de manhã, não trabalha tarde ou noite. Não pode, bom, eu não tenho muito essa preocupação, eu hoje estou de manhã, pois eu tinha que discutir com os alunos bolsistas. Tenho 12 bolsistas hoje aqui e três projetos, dois de pesquisa e um de extensão. Veja, eu tenho dois projetos de pesquisa rodando, um

projeto de extensão, duas orientações de TCC de Ciências da Computação, e, na semana passada, graças a Deus, fechei duas orientações de TCC [Trabalho de Conclusão de Curso], TCC de pós-graduação.

Lidiane: Bom, professor, gostei muito de saber dessa parte da sua história, consegui conhecer um pouquinho da sua trajetória, acho muito legal quando conseguimos retomar nossas origens e nossas vivências e experiências.

Então, a gente compreende algumas coisas, por exemplo, a minha formação acadêmica é bem diferente da formação acadêmica de hoje, porque os professores eram mais rigorosos. Como vínhamos da área de Exatas, nós percebíamos isso. Ainda hoje, na área de Exatas, são professores que cobram um pouco mais, e as pessoas geralmente têm mais dificuldades, então gera certa duplicidade de situações.

Porém, há uma flexibilização muito grande na qualidade, e isso me preocupa, porque a gente tá recebendo alunos com carências na formação básica, e o Ensino Médio hoje e o Ensino Fundamental.... Eu sempre estudei em escola pública, mas a educação pública hoje está com muitos problemas. E, infelizmente, a valorização da educação não tem sido adequada pelos governos.

Os próprios concursos pra efetivar professores na Rede Pública: em alguns concursos, chegou ao absurdo de não ser cobrado Matemática na prova de concurso, cobra-se uma redação. O governo está inclusive instituindo a possibilidade de que para ser professor basta o Notório Saber. Eu acho que é interessante nós termos profissionais de outras áreas que podem ser professores, mas acaba sendo uma falta de respeito com a formação de professores, e ninguém mais quer ser professor em virtude disso. Eu tenho aqui, na Engenharia, excelentes alunos, alunos espetaculares, que tenho certeza absoluta que se o professor tivesse um salário equivalente ao do engenheiro e o respeito equivalente ao do engenheiro, uma grande quantidade desses profissionais mudaria de profissões. Tenho filhos, mas me preocupa muito, porque a gente está com o ciclo fechado.

Lidiane: Eu me vejo muito nas suas histórias, pontos muito parecidos.

Qual é a sua formação? De onde?

Lidiane: Eu sou formada pela Unochapecó, sou Licenciada também, fiz o Mestrado de 2014/2016 na Federal...

Em Florianópolis?

Lidiane: Não, na Universidade Federal da Fronteira Sul, em Chapecó.

2000 e?

Lidiane: 2014 a 2016...

Matemática?

Lidiane: Não, Educação.

Huum... Educação, não conheço ninguém dessa área lá. Sei que eles têm em Chapecó, na Federal da Fronteira Sul, o ProfMat [Mestrado Profissional em Matemática]. Eu fui convidado para a banca de um menino que concluiu agora lá, mas é em Matemática.

Bem, então, o que acontece? Na minha época era assim: eu tava lá em Anita [Garibaldi] e, para buscar Ensino Superior, ou vinha para Lages ou fazia mais distante, até tentei em Florianópolis, mas não consegui. E hoje estou aqui, mas a distância era muito complexa. Hoje, o ensino tá mais acessível, a formação, os alunos não precisam sair de casa, podem fazer inclusive em casa o ensino superior, com as instituições a distância, então facilitou muito. E, por outro lado, perdemos um pouco da qualidade, isso é uma coisa que me preocupa, mas que aconteceu e agora precisamos saber lidar com isso. Mas, na minha época, não tínhamos acesso, vou fazer uma observação: hoje, sou professor de cálculo aqui, porém, não sei como eu dava aula há 10 anos, porque hoje temos muito mais recursos. A gente usa projeção, usa *softwares* para ensinar, fizemos nosso cálculo todo com visualização gráfica, interpretação, a gente usa tudo na mão, no quadro, hoje o aluno com o celular na mão também faz essas simulações mais fácil de visualizar. Mas, na minha época, como é que funcionava? Eu fiz a graduação, cheguei em Lages, o que a gente tinha? Tinha biblioteca com alguns livros que não eram acessíveis a todos os alunos, não podia pegar emprestado, não tinha um para cada aluno, então, normalmente, a gente tinha o que o professor passava no quadro e o que ele deixava no xérox. Havia departamento de xérox. A gente ia lá e fazia cópia do exercício, fazia o exercício, ou a gente tinha aquele material físico ou não tinha, porque não havia acesso à internet. Digital, jamais. Nem computadores existiam praticamente. Então, não tinha *internet*, nós tínhamos que nos virar de uma forma ou de outra, tudo a gente guardava na memória. E hoje o aluno não guarda as informações na memória, porque tem acesso, uma infinidade de acessos, ele não se preocupa em memorizar. Resultado: a gente só aprende por associação. Quando estou falando algo, estou imaginando coisas paralelas dentro daquela informação que você tem na sua cabeça, acaba registrando pouca coisa e estabelece relações

e aproximações fazendo comparações. Mas se você não tem informação na sua cabeça, na sua memória, que é o que tá acontecendo com a sociedade atual, como é que aprende? Cada vez que vai escrever xícara, tem que ver se é com x ou com ch, e ainda acaba escrevendo com ç. Agora tem corretores automáticos, enfim, mas, se ele precisa de alguma coisa, não tem informação na memória.

Eu tenho filhos, Lidiane, estou acompanhando isso, e é difícil, a gente não tem como controlar, e o “pior” é que a tendência é que cada vez mais a informação estará disponível. Então, é importante, isso é extremamente importante: ter acesso a muita informação. Mas, por outro lado, ter a informação não é garantia, informação não é conhecimento, são coisas diferentes. Eu tenho informação, mas eu não conheço; então, eu tenho muita informação disponível, mas eu não conheço, e aí não adianta, pois a informação precisa ser transformada em conhecimento. Ninguém ensina o que não sabe, e isso é um grande problema para essas nossas escolas.

Bom, vamos voltar... Como eu avalio o curso? Meu curso da formação superior e também meu curso de segundo grau. Na época, vale lembrar que minha formação é de 1994, era baseado em uma área extremamente rigorosa [matemática]. Nós tínhamos professores que não permitiam que olhássemos para o lado. Hoje, todos os meus colegas profissionais, que se formaram comigo, são da minha época, estão todos bem instalados nas instituições de Ensino Superior ou em escolas particulares, e eles têm uma formação de conhecimento da área muito boa. Acredito que isso tenha feito diferença, sabe? Até então se privilegiava a formação acadêmica na área. Não se tinha muita preocupação com a formação pedagógica, com formação humana, era dado maior importância para a formação técnica. As metodologias de ensino acabavam sendo aprendidas na prática. De certa forma, você ia acabar logo descobrindo e desenvolvendo, mas, de fato, a gente sabe que tem esse conhecimento, e a formação, o rigor da formação, fez com que a gente fosse responsável. Então, você não ia para uma sala de aula pra brincar e não deixava as crianças brincarem também. Hoje tá mais difícil falar ou cobrar algumas coisas, dizer algumas coisas.

Lidiane: Então, professor, sobre o curso, como foi o seu primeiro contato com o curso da UNIPLAC, como que começou tudo isso?

Bom, como eu gostava da área das Exatas, fui procurar onde tinha um curso e eu sabia que em Lages tinha, porque eu não queria Ciências, queria Matemática, e os cursos de Matemática naquela época eram muito difíceis. Porém, eu não

conhecia o curso. Hoje você tem vários recursos para saber sobre o curso que quer frequentar, mas na época não. Resolvi buscar um curso de Matemática ou um curso de Engenharia. Eu gostava da área da Engenharia. Então, se tivesse Engenharia, certamente eu teria sido engenheiro, eu gostava da área, mas não havia curso de Engenharia aqui na região. O meu filho foi para Engenharia. Hoje você estuda a grade do curso na Instituição A, estrutura curricular da instituição B, que tipo de profissional tem, o que se estuda... Antigamente, a gente simplesmente sabia que tinha Matemática, então, ninguém procurava detalhes sobre um curso, e sim pelo que se estudava lá, pelo profissional que formaria no final.

Cheguei ao curso da UNIPLAC e fui direto para a sala de aula. Não me lembro de ter coordenação de curso, não existia núcleo pedagógico, não existia Apoio Pedagógico, o aluno chegava à Universidade e ia direto para a sala de aula. Primeiro, o professor falava algumas coisas, e a gente começa a ter aulas, e aí não existia envolvimento com o Centro Acadêmico, nem existia Centro Acadêmico, não tinha nenhuma organização estudantil. Não se conhecia a estrutura das disciplinas e da instituição, a gente ia lá e tinha aulas. Nós fazíamos provas e íamos avançando. Algumas coisas nós fazíamos, alguns pedidos não sabíamos para quem e nem como se encaminhava, faltava organização, não tínhamos muita informação, olha só, e a gente não era politizado suficientemente pra ir atrás de informações. Na Instituição você só tinha acesso a uma pessoa da secretaria, que sabia da sua vida acadêmica e orientava, acompanhava em algumas coisas.

Eu escolhi Ciências, tinha 100 vagas na época, então eram 2 turmas de 50 alunos; no segundo semestre, já fizeram a união das duas turmas, porque a desistência era gigantesca. Tinha alguns problemas com alguns professores, mas também não tínhamos a quem recorrer; alguns professores que reprovavam A e não reprovavam B, mas as notas eram iguais, as provas eram iguais, era muito confuso, enfim. A gente também não tinha as informações, não tínhamos orientação sobre o curso, especificamente, algumas informações. O que eu posso dizer? Eu entrei em Ciências, porque não tinha Matemática, isso era em 1988. Em 1989, eu descobri, por acaso, encontrando colegas professores, que havia um curso de complementação em Matemática. Então, naquela época, foi oferecido Complementação em Matemática. Eram turmas especiais para quem tinha cursado Ciências do 1º Grau, mas não existiam entradas regulares de Matemática.

Depois eu passo um documento do histórico do curso que eu tenho, porque datas é muito complexo pra gravar, eu tenho dificuldade com datas. Algumas eu sei. Uma das importantes vertentes do Ensino da Matemática é a história da Matemática, mas, sempre que eu tenho que dar um conteúdo novo, eu vou procurar saber o que é aquele conteúdo, a história do conteúdo, porque eu nunca me lembro de datas. É uma dificuldade que tenho. Nunca sei se Pitágoras veio antes do Newton, eu misturo. Sei que está errado, lógico, mas não sei pesquisar épocas. Enfim, eu não me lembro de datas, eu sempre procuro manter informações, datas pra mim é ruim.

O que eu sei é que o curso de Matemática da UNIPLAC começou em 1970, formou algumas turmas até 76, 78, aproximadamente, depois ele parou de ser oferecido por falta de demanda. Não existia grande demanda. Vinha gente de muito longe também pra fazer o curso de Matemática na UNIPLAC. O curso da UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina] acho que é um dos mais antigos de Santa Catarina, e essas são as mais antigas; enfim, teve uma época que ele parou, e daí foi oferecido Ciências de 1º grau, depois, voltou a ser oferecido Matemática. Nesse período, foram ofertadas turmas de Complementação, muitas complementações, porque a LDB de 1996 extinguiu o curso de Ciências, extinguiu Licenciatura Curta. Foi quando voltou a ser oferecida a Licenciatura Plena em Matemática novamente, mas já voltou um pouquinho antes, porque, em 1991, eu me formei em Ciências e, em 1994, me formei em Matemática; depois disso, sempre foi oferecido Matemática, até os dias de hoje. Estamos em fase de falência do curso, porque a última turma se forma esse ano e depois não tem nenhuma, só tem uma turma que acaba esse ano, e não houve mais entradas. Talvez ano que vem tenha mais entradas. Se não houver, acabou-se, não tem mais: sem procura, sem aluno, não há o que fazer, é uma equação muito complexa. Formou bastante gente.

Bem, deixa eu contar. No início, não tínhamos coordenação de curso, nós tínhamos um chefe de departamento, existia uma figura na nossa Instituição chamada Chefe de Departamento, que era o Departamento de Exatas. Ele coordenava o curso de Ciências, de Matemática, depois Ciências, e todos os professores da área de Exatas trabalhavam em vários cursos da instituição, Administração, Contábeis, enfim, Ciências Econômicas. E, quando foi instalada a Universidade, nos anos 90, foi obrigatória a presença de coordenador em cada curso de Graduação. Aí nós tivemos o primeiro no curso. O primeiro coordenador foi no ano de 1998; iniciou em 98 e terminou em 2000 a primeira gestão. O

coordenador já faleceu há uns dois anos, um grande amigo meu, meu professor de cálculo, foi o primeiro coordenador. Ele ficou dois anos na coordenação, depois ele encaminhou a coordenação, eu não queria ser coordenador, mas ele insistiu muito e me deu todo o apoio. Eu fui coordenador de curso de 2000 a 2002, o segundo coordenador de curso, o mais antigo coordenador vivo do curso sou eu. De 2004 a 2006 tivemos um terceiro coordenador, professor Carlos⁷⁰, professor da Universidade.

Lidiane: Professor, o senhor entrou na UNIPLAC em qual ano?

Então, eu entrei como aluno em 1988, saí como aluno em 1994, então fiz Ciências e fiz Matemática. Em 1996, entrei como docente, como docente de cálculo, e aí fiquei até 2010. Acompanhei a transição da instituição de Faculdade para Universidade e a instalação do curso de Licenciatura, da coordenação... Quando voltei do Doutorado – ficou meio acertado que, quando eu voltasse, assumiria novamente a coordenação –, me candidatei, com uma formação bem complexa, porque, como eu e o professor Carlos Sérgio queríamos ser coordenador de curso de novo, foi um processo bem desgastante. Ganhei a eleição, mas foi ruim, porque gerou alguns conflitos internos, e aí eu tive dois anos de coordenação, até praticamente 2008, quando entrou a intervenção judicial⁷¹ e não houve mais eleições internas, tudo era por indicação. Ah, sim, em 2005, também eu coordenei paralelamente o curso de Engenharia Civil, o primeiro curso de Engenharia na Serra Catarinense. Não tínhamos Engenharia Civil até então, não tínhamos Engenheiro Civil, porque nós não tínhamos área da Engenharia, não havia nenhum Engenheiro na Universidade, e instalamos o curso de Engenharia Civil. Na verdade, primeiro foi Engenharia de Produção, no ano anterior, depois Engenharia Civil, mas não tínhamos Engenheiro Civil para coordenar o curso. Aí o próprio reitor me convidou pra coordenar o curso na fase de implantação. Então, fiquei coordenador desde o início do curso em fevereiro. Eu organizei inclusive o vestibular do curso, que teve

⁷⁰ Carlos Sérgio Leão.

⁷¹ Em 2008 houve uma intervenção judicial na Universidade do Planalto Catarinense em função dos sérios problemas financeiros enfrentados. Atrasos de salários, dívidas com bancos... A UNIPLAC é pública (municipal) de direito privado (sobrevive das mensalidades dos alunos), pertencente ao sistema da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE). Houve, então, em comum acordo entre a reitoria da UNIPLAC e a Prefeitura Municipal de Lages, um pedido de intervenção à justiça. O Juiz determinou a indicação de um interventor. Houve várias extinções: departamentos, cargos de pró-reitores, dissolução parcial de conselhos, deixando-os com poderes reduzidos, visando a um reordenamento da instituição, que permitiu a recuperação judicial frente aos bancos e aos credores. Os cargos eleitos foram mantidos, porém com limitações e poderes reduzidos.

um vestibular próprio, e fiquei até outubro aproximadamente como coordenador, quando contrataram um Engenheiro Civil na disciplina de Introdução à Engenharia Civil, e fomos meio que treinando o coordenador porque ele não conhecia os processos acadêmicos. Então, para essa parte da instalação, tive assessoria do professor João Argon Preto de Oliveira, que também é arquiteto de Lages, aqui da região. Estabelecemos as parcerias com o 1º Batalhão Ferroviário do Exército e com o Centro de Educação Profissional (Cedup), que é uma escola Estadual, todo esse processo burocrático para garantir a estrutura para o curso. Aí instalamos o curso e passamos a coordenação para o Engenheiro.

No ano seguinte, em 2009, eu fui coordenador de Graduação na UNIPLAC, uma espécie de coordenador de coordenadores. Quando houve a intervenção judicial, extinguiram-se os departamentos. Havia departamentos e coordenações de curso. Extinguiram-se os departamentos, que eram cinco – Exatas, Biológicas, Administração, Jurídicas e de Humanas – e criou-se uma figura do coordenador de graduação da Universidade. Eu fui o primeiro coordenador de graduação. Recebi cinco departamentos e integrei o colegiado de coordenadores de curso. À época, tínhamos em torno de 30 cursos de Graduação, vários deles sem coordenador, pois a intervenção judicial extinguiu a função para os que não foram eleitos. Então, eu tive que coordenar, indicar professores de várias áreas, Design de Moda, Engenharia Industrial, Design de Interiores, cursos que não são da minha área, mas que eu tinha que resolver os problemas deles. Guria, você não tem ideia da loucura que era aquilo!

Fiquei nessa função até que nos desentendemos com a equipe de intervenção, porque eles me “quebraram as pernas”, fizeram algumas coisas que eu não gostei. Enfim, não deu certo, e eu coloquei meu cargo à disposição. Saí da coordenação de graduação em outubro de 2009.

Lidiane: Como o senhor define o cenário político, social e cultural dessa época, desde sua entrada na coordenação?

Nossa, tudo muito amplo [risos], tudo complexo... Não sei se vou conseguir responder.

Mas a ideia é assim: como eu trabalhava muito, acabava nem vendo muito as coisas. A estrutura, Federal, Estadual, Municipal, nesse período, nessa época, passou por alguns ajustes, especialmente na área de Ensino; foram muitos, muitos documentos, dentre eles, os da LDB, em 1996. A gente pode falar da proposta

curricular de Santa Catarina, uma emenda, 1997 ou 1998, nessa fase aí, começou a organização formal de algumas coisas que eram soltas. O Governo Federal também começou a estabelecer algumas normas mais específicas e mais rigorosas para o Ensino Superior, e surgiram as Diretrizes Curriculares para os cursos de Graduação. O de Matemática foi 2002. Não sei dizer o número da Lei, mas foi em 2002 a Lei de Diretrizes. Nesse período, obrigatoriamente, a gente foi se ajustando com as organizações. Foram necessárias muitas instruções, muitas parcerias e reestruturações de curso. Fizemos algumas reestruturações quando eu fui coordenador.

Um dos problemas que tivemos, Lidiane, foi fazer os docentes participarem de reuniões. Nossa, quando eu era coordenador, os professores eram horistas, ganhavam por aula dada, daí para participar das reuniões era bem difícil, pois eles tinham outros locais de trabalho também. Teve uma época em que a Universidade pagava por reunião, daí eles participavam mais. Como coordenador, eu tinha várias atividades: organizar documentos, digitar, todo o processo burocrático do curso, encaminhamos e coordenamos duas reestruturações curriculares, a primeira em 2000, pois existiam muitas distorções. Claro que, para todos os cursos, inclusive o primeiro curso na década de 70, houve o acompanhamento do Conselho da Educação, mas as exigências eram mais técnicas. Nós fizemos uma reestruturação em 2002, fizemos outra em 2005 ou 2006.

A segunda reestruturação foi mais forçada, era o desejo nosso mesmo: ou a gente reestruturava o curso ou ele acabava, pois chegamos a ter menos de 20 candidatos inscritos por semestre para 40 vagas. Nós corríamos o risco de não abrir novas turmas. Então, fizemos um processo na Universidade que foi bem interessante. Chamamos de Licenciaturas Compartilhadas. O que fizemos foi ofertar várias disciplinas para todos os cursos de Licenciatura no mesmo horário. Então, você tinha, por exemplo, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Didática, Pesquisa e Prática Pedagógica, Contexto e Organização do Discurso (Português), Metodologia Científica... Essas disciplinas todas eram oferecidas num mesmo horário para todos os alunos; assim, formavam-se turmas com 40 alunos. Encheu. Incluía alunos de Pedagogia, Matemática, de Letras, de Biologia, de Educação Física, de Artes, que eram nossos cursos. E aí, no outro dia, as aulas eram específicas da carga horária de [disciplinas] Pedagógicas, de formação humana aumentou muito, porque, pra poder fazer essa integração, automaticamente, a gente

teve que reduzir algumas de formação específica, porque senão não formávamos turmas. Esse é um processo bem interessante. Nossa! Gerou altas discussões, altas brigas de interesses pessoais. Veja só: extinguimos a disciplina A, e o que fazer com o professor? Então, tinha um novo processo seletivo e era bem complexo. Mas, enfim, foi se ajustando. E a gente tinha um processo de reconhecimento da Universidade. Foram feitos ajustes e depois novos ajustes, até eu sair da Universidade...

Lidiane: E como eram as condições das estruturas físicas, eram boas?

Tínhamos as salas de aula para as aulas normais, o Laboratório de Física, o Laboratório de Matemática, somente uma sala de professores, que era pra todos os professores da Instituição, todos na mesma sala, mas ninguém a usava para trabalhar, era um espaço mais de passagem. A gente tinha um gavetão nessa sala onde deixávamos alguns materiais. Não tínhamos mesa de trabalho, não tinha nada disso. Havia uma reunião de departamento que era a cada dois meses, isso quando não era Universidade; depois, quando passou a ser Universidade, continuou existindo Departamento, que também fazia as reuniões a cada dois meses. Mas os cursos tinham reuniões mensais e havia remuneração para participar das reuniões; a gente cobrava a presença dos professores, convocava, mas se ele não viesse também não tinha punição, porque a gente só pagava se ele vinha. Fazíamos um relatório de quem veio e era isso. Mais tarde criou-se na Instituição um Núcleo de Apoio Pedagógico. Na época, esse setor também assessorava os cursos e, quando fazíamos reestruturação, eles nos apoiavam e nos cobravam também. E aí, depois, criou-se a coordenação; havia uma sala de coordenador, era uma sala de aula dividida em várias salas. Nós tínhamos o espaço do nosso coordenador e, assim, começou um período em que colocávamos uma secretária, que no início eram bolsistas, uma estagiária, da própria Universidade, não aluna do curso, que a coordenação funcionava no mesmo horário do curso. A bolsista que atendia o nosso curso era uma menina que fazia Engenharia, tinha experiência na área das exatas, nós fazíamos algumas coisas, gastava muito tempo com a parte burocrática, atendia o telefone, quando coordenadores tinham reunião, ela fazia atendimento. Como coordenador, a gente tinha uma carga horária de aulas incluída na carga horária de coordenador.

Lidiane: Como era o perfil dos alunos que passavam pela Universidade? O senhor falou antes, achei bem interessante, sobre a abrangência da Universidade.

Então, tínhamos alunos de muitos lugares; do Rio Grande do Sul, formamos muita gente, tinha gente de Vacaria, de Vila Ipê, pessoal que vinha de muito longe. Eles vinham, frequentavam as aulas e voltavam, não estabeleciam vínculo, não tinha nem como fazer projeto de pesquisa, porque o pessoal só vinha para a aula.

O curso era noturno, sempre foi noturno, com exceção das complementações (turmas de alunos formadas por professores que tinham Licenciatura curta em Ciências de 1º Grau), que foram várias turmas. Eu dei aula nas complementações, coordenei complementações, ajudei a formar uma turma. Agora estou me lembrando de um fato interessante... Em 1996 (em 1994 eu me formei), voltei como professor e, quando entrei na sala de aula, o histórico de reprovação era muito alto no curso de Matemática. Tinha os alunos que eram meus colegas, que entraram comigo na Universidade, mas que não conseguiram passar, eles ficaram. E, quando eu cheguei, eu dei aula pra eles. Então, foi bem interessante essa relação. Outra situação foi quando nos formamos em 1991 em Ciências e muita gente não voltou para fazer a complementação em Matemática, e, nos anos 2000, tivemos turmas de complementação. Formamos duas turmas, uma de 50 alunos em 2000, e a outra, com 35 alunos. Foram 80 e poucos alunos, e boa parte deles foram meus colegas no primeiro curso; muitos eram remanescentes, os quais eram de várias turmas, não da minha turma especificamente, mas eu tive uma disciplina com eles, duas disciplinas. Fui professor de muitos dos meus colegas por essa razão. Foi bem interessante esse processo. Bem produtivo. Acredito que eu tenha falado muita coisa [risos].

Os alunos, muita gente, vinham de muito longe, de municípios da região toda, da região Serrana. A região serrana é diferente de outras regiões de Santa Catarina. As pessoas não vislumbram isso. A região serrana é muito extensa e com poucos municípios. As distâncias aqui são muito grandes. Então, as pessoas viajavam de um lugar para outro e, na época, não existia transporte escolar, a gente tinha que morar aqui [Lages], eram 100 km. Hoje os ônibus vêm, o pessoal vem de ônibus, fazem mais de 100 km para chegar a Lages. Recebíamos alunos, nos primeiros anos, interessados em Matemática, que gostavam de Matemática, que queriam ser professores de Matemática e que tinham uma base de Matemática. Eles já vinham para Matemática porque tiveram bons professores de Matemática e aí gostaram, se identificaram e queriam fazer Matemática. Então tínhamos uma “matéria-prima” boa. Com o passar dos anos, começamos a ter uma “matéria-prima” cada vez mais frágil.

Eu cheguei a ter alunos no curso de Matemática, nas primeiras fases que não sabiam resolver uma equação do primeiro grau, mas queriam ser professores de Matemática. Então, você tem um trabalho muito complexo e diferente do que faz a Universidade Federal, que recebe o aluno *top*, que já recebe um aluno apto. Nós não. Pegávamos o aluno com muitas dificuldades e soltava o aluno com, no mínimo, uma boa base. Os alunos se perpetuavam. A gente teve casos de alunos que estavam há 10 anos no curso, “tadinhos”, mas queriam. Faz, reprova, faz, reprova, faz, reprova... é triste, mas, enfim, talvez não tinham também outras opções. Em termos de qualidade, os alunos tinham mais dificuldade. Por outro lado, sempre alunos dedicados. Eu nunca tive alunos na Licenciatura em Matemática com falta de dedicação. Sempre um pessoal comprometido, a área das Exatas tem essas virtudes. Os alunos sempre são muito comprometidos, assumem, é diferente de algumas outras áreas.

Lidiane: Professor, quando o senhor assumiu a coordenação do curso, o senhor lembra qual era o curso de formação de professores de Matemática mais próximo aqui de Lages? Além do curso da UNIPLAC, tinha mais algum?

Não, nós não tínhamos aqui próximo, eu não sei dizer a distância; Joaçaba [SC] não tinha, Campos Novos [SC] não tinha; eu acho que, na direção do Litoral, o mais próximo era Florianópolis, no sul do Estado. Havia um curso em Criciúma, era o mais perto. Então, Criciúma, Florianópolis, depois a gente tinha Chapecó, UNOESC na época, tinha também a FURB em Blumenau, não tenho certeza, mas acredito que era a UNIVALI. Rio do Sul [SC], essa região, nada tinha. Rio Grande do Sul, Vacaria não tinha; o que tinha Matemática era Caxias do Sul, que daí dá 200, 300 Km de distância daqui. Lagoa Vermelha não tinha, na Serra Catarinense em lugar nenhum, na Serra Catarinense foi só a UNIPLAC; num raio de, aproximadamente 150 km, nós éramos os únicos.

Ao mesmo tempo em que a área territorial era grande, a densidade demográfica não era muito alta nessa região. Por exemplo, Anita Garibaldi, 8 mil habitantes, Campo Belo do Sul, 10 mil habitantes, mas é 100 km de distância, não é 50, 60. As distâncias são muito grandes. De São Joaquim, nós tivemos muitos alunos, mas São Joaquim fica a 80 km de Lages e hoje conta com 25 mil habitantes, em torno disso, cidade pequena, tem quantas escolas? Não tem muitas escolas, o número de escolas é relativamente pequeno nessa região, então, não tinha muito

campo de trabalho, ainda hoje não tem. Por outro lado, nenhum professor estava desempregado, isso era uma grande vantagem.

Lidiane: Professor, aproveitando... qual o impacto que o curso da UNIPLAC teve para formação docente da região?

Eu passei por algumas outras instituições, passei pela UNIJUÍ, Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, passei pela UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e passei por uma instituição em São Paulo, e eu visitei muitas instituições, trabalhei na UNISUL, Universidade do Sul de Santa Catarina, uma Instituição bem interessante, trabalhei em um curso ali em Curitiba [SC] no curso de Química, dei aula em algumas disciplinas, teve um período que a FURB fez o curso de Magister⁷² aqui, porque nós não tínhamos Matemática também. Talvez uma coisa interessante de ser olhada: o MAGISTER foi um programa do Governo do Estado de Santa Catarina, de formação de professores, e nós não tínhamos Licenciatura em Matemática.

Lidiane: Era uma formação inicial?

Não, era um curso de Graduação, ocorria de forma Especial no final de semana.

Lidiane: Magister?

Magister, nós formamos uma turma de Magister, aqui, nos anos... Guria, tem que olhar. No documento que eu te passar vai ter essa informação. Provavelmente, nós formamos uma turma de Magister de 30 e poucos alunos, mas tivemos que usar

⁷² Este programa foi destaque de um artigo do Professor Paulo Hentz na revista *EntreVer* de 2013, no qual ele afirma que Santa Catarina se antecipou à exigência da Lei nº 9.394/96 (art. 87, § 4º), procurando oferecer formação em serviço aos professores sem habilitação, atuantes nas escolas públicas da rede estadual e das redes municipais de ensino, por meio do Programa Magister. Esse programa foi criado pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Educação, ainda em 1995; portanto, no ano anterior à aprovação da atual LDB. O Programa Magister era destinado exclusivamente a professores da rede estadual e das redes municipais de ensino em regência de classe, sem habilitação em licenciatura plena. Dentre esses princípios orientadores, é significativo apontar que os candidatos à participação nos cursos a ele vinculados deveriam ser professores em exercício na rede estadual ou em rede municipal de ensino de municípios catarinenses; as metodologias eram as das Instituições de Educação Superior conveniadas com o Governo do Estado para a oferta dos cursos do programa; cada curso oferecido no âmbito do programa devia ser ofertado em sua integralidade, sem transferências, sem reprovações, sendo que o professor-aluno que ingressasse num curso deveria acompanhar a mesma turma até o final, ou abandonar o curso. Os cursos eram ofertados como resultado de convênio entre o Governo do Estado e as IES com sede em Santa Catarina. Por esse convênio, o Estado assumia a integralidade dos custos da oferta do curso, além da concessão de ajuda de custo aos professores-alunos para fazerem frente às despesas de transporte e alimentação no decorrer de sua realização. As matrizes curriculares eram as mesmas dos cursos em oferta regular nas IES. O que diferia era a forma de sua oferta. Ao invés de o aluno-professor frequentar as aulas diariamente, em horário regular, a carga horária era concentrada em períodos de recesso escolar e aos finais de semana (sextas-feiras e sábados) (HENTZ, 2013, p. 203-204).

a grade [curricular] da FURB, pois não podíamos usar a nossa grade interna. E a FURB era a única credenciada no Estado a oferecer esse curso, então ela ofereceu a todo estado, assim como a UNISUL foi credenciada pra dar os cursos de Química, por isso havia Química aqui em Curitiba... mas, o que era mesmo que a gente...?

Lidiane: O impacto...

O impacto [risos]... estou ficando velho. O impacto que acontece em termos de formação da sociedade, eu diria que foi gigantesco, porque o nosso curso de Graduação em Matemática era muito sério, muito correto, muito rigoroso e aí talvez por isso reprovava bastante gente, mas os profissionais formados ali eram muito bons, e, automaticamente, se não tivesse essa instituição aqui formando esses professores, nós não teríamos professores trabalhando nas escolas da região. Vou te dar um exemplo: eu, em Anita Garibaldi, quando fiz o meu Ensino Médio, eu não tive professor formado em Matemática, quem deu aula pra mim foi um Engenheiro, depois um outro Engenheiro, depois um Agrônomo, cada um que chegava dava o que gostava e a gente assistia a aula que não tinha muito controle, não existiam muitos professores, sempre houve carência. Então, mesmo com a falta de professores habilitados, formavam-se as pessoas nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio, e o fato da Universidade formar professores, com certa qualidade (tem que admitir que é de qualidade porque me formei lá) tem um impacto muito forte na formação da nossa sociedade serrana, e da região, enfim. Até mesmo Vacaria [RS], bons professores foram formados ali, e esses bons professores certamente influenciaram alunos para a área das Exatas, alunos que se tornaram professores de Matemática ou que estão atuando no Mercado de Trabalho. E muitos desses professores não estão em sala de aula, tem muitos formados no curso de Matemática que estão em outras profissões e com um domínio de Matemática bastante forte, então o pessoal que saiu dali pra fazer, por exemplo, um [curso de] Engenharia, saiu *top*, ele saiu muito bem. O impacto é difícil de medir, mas certamente sem essa Instituição, sem a seriedade com que as coisas eram conduzidas nós não teríamos bons profissionais. Um exemplo disso: nós formamos muita gente. Em 1998, especialmente, a gente formou um menino, esse menino fez o Mestrado no INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. É um orgulho nosso, da Universidade Serrana, eu tive o prazer de dar aula pra ele, o César Costa, César Augusto Costa. Encaminhamos ele, por recomendação, ao INPE. Ele foi

aceito no Mestrado lá, e ele fez o Mestrado, fez o Doutorado, depois ele fez vários Pós-Doc.

Hoje ele é professor do INPE, um egresso nosso. Para nós, é uma grande honra, e ele é um dos pesquisadores que faz parte do grupo que descobriu as ondas gravitacionais⁷³, o que ganhou o Nobel de Física. Então é uma “cria” nossa, é um orgulho. Porque, se não tivesse o curso de Licenciatura em Matemática, o curso de Matemática aqui, e ele tinha interesse forte em Matemática, e esse menino foi o professor Valdeci que orientou ele, foi bem forte em Topologia, Topologia de Distorção Espacial. Ele tinha interesse por essa questão Aero Espacial, então foi o que acabou também o ajudando a ir pro INPE, foi uma grande honra. O impacto geral, ele é muito importante, da seriedade e da qualidade dos profissionais aqui formados, o resultado, trabalhando em muitas instituições de Ensino Superior por aí, aqui no IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina, *campus* de Lages, nós temos dois egressos da UNIPLAC que são concursados aqui. E eu tenho vários colegas concursados que foram ex-alunos nossos e são professores de Instituições por aí a fora.

Lidiane: Professor, das informações do meu roteiro, acredito que todas foram contempladas. Tem alguma informação que o senhor julgue relevante e que eu não citei aqui sobre o curso, sobre o senhor?

Acho que tudo foi contemplado, foi só isso. Ah, uma coisa ruim é que a gente era horista na Universidade, era por carga horária, isso era uma coisa ruim. Nós não tínhamos apoio, não tínhamos como fazer atendimento ao aluno, extraclasse, não havia muitos programas de extensão, de pesquisa, e nós tínhamos que correr atrás. Era bem delicado. A gente não tinha uma estrutura de apoio para o trabalho, mas também, por outro lado, eram as condições que a Universidade tinha para nos oferecer naquele momento. Poderia ter sido melhor, tinha também condições físicas para isso, o que impactava em custos também, e aí você tem alunos de escolas, nossos alunos todos eram egressos de escolas públicas. Dá pra contar nos dedos, foram pouquíssimos alunos que eu tive que eram egressos de escola particular e foram meus alunos na Licenciatura. A grande maioria era de alunos de escolas públicas. Eles também tinham dificuldades e por isso não tinham condições de pagar uma mensalidade tão alta. Então, se você aumenta as condições estruturais de

⁷³ Referência ao Prêmio Nobel de Física de 2017, entregue a Rainer Weiss, Kip Thorne e Barry Barish.

funcionamento do curso, alguém precisa pagar, é preciso compensar de alguma forma. Sem contar que a Instituição também precisava de lucro.

Uma coisa que eu ainda queria registrar é que nós tínhamos o colegiado de curso, que era muito, muito parceiro. Os meus colegiados foram espetaculares, foi extremamente interessante. Em 1994, eu me formei em Matemática; em 1996, voltei para a UNIPLAC como professor; e em 2000, assumi como coordenador, então eu virei chefe dos meus professores. Nós tínhamos professores, muito, muito, muito fortes, nós sempre tivemos, e eles eram muito parceiros. O primeiro coordenador, que já faleceu, era um grande parceiro, assim como os outros professores que foram saindo, professor Aroldo Moretto também (que passei pra ti), professor João Preto, um dos primeiros arquitetos da região Serrana, ele fez muitas coisas por essa região; acabamos nos tornando grandes amigos.

Bem, voltando ao ponto: eles foram muito parceiros, me ajudaram muito, me deram muita sustentação, porque eu, claro, era um piá, usando um termo serrano, eu era um guri. Eu comecei dar aulas na Universidade quando eu tinha 24 para 25 anos; hoje é mais comum as pessoas fazerem isso, porque você termina uma graduação e já começa um Mestrado, Doutorado, e a carreira acadêmica é mais fácil. Mas, na época, era mais difícil, e os meus professores eram todos já bem mais velhos. Meu professor Aroldo⁷⁴, professor João Preto, eram professores das primeiras disciplinas, professor Darcy⁷⁵, professor Aroldo, professor Andersen⁷⁶, professor Daltro⁷⁷ foram formados na primeira turma na década de 70. Então, da década de 70 para o final da década de 90, eram 30 anos. Hoje, infelizmente, o curso está fechando, com 48 anos, e eles foram da primeira turma.

Mas foram grandes responsabilidades, e eu vivi a fase, eu fui coordenador na fase em que eles saíram, foi uma coisa muito interessante. Saiu o Aroldo, saiu o Darci, saiu o Andersen e saiu o João Preto, depois saiu o Daltro, saiu a maioria. A coordenadora atual, que é a professora Neusa⁷⁸, se formou junto comigo, inclusive;

⁷⁴ Aroldo Moretto, depoente desta tese.

⁷⁵ Darcy de Liz Biffi. Possui graduação em Matemática pela Universidade do Planalto Catarinense(1974), especialização em Matemática Superior pela Fundação Educacional Severino Sombra(1987), especialização em Séries Iniciais pela Universidade do Planalto Catarinense(1995) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina(2000).

⁷⁶ Professor José Francisco Andersen graduou-se em Matemática pela UNIPLAC entre 1970 e 1974. Fez especialização em Matemática Superior pela Fundação Educacional Severino Sombra – FUSVE entre 1986 e 1987, sob orientação do Professor Aroldo Moretto.

⁷⁷ José Daltro Schwinden.

⁷⁸ Neusa Maria Sens de Barros, atual coordenadora do curso de matemática da UNIPLAC.

hoje a maioria dos professores do curso é egressa da própria Universidade, bons alunos que retornaram como professores.

Mas só queria registrar que, nesse período todo de minha formação docente, comecei a dar aulas em 1988, estamos em 2018, isso são 30 anos, já estou há 30 anos no magistério. Eu não gosto dessa ideia das pessoas dizerem “Ah, eu já estou com tantos anos de Magistério”, mas, nesses 30 anos, uma das coisas que eu mais gostei de fazer foi trabalhar com formação de professores, e eu dei aula muitos anos de Estatística e de Informática Aplicada no curso de Pedagogia. Eu gostava muito de fazer isso, e eu gostava muito de dar aulas nas licenciaturas, e também nas pós-graduações com professores de Matemática. Então, eu trabalhei muito tempo com formação de professores. Depois que eu saí da UNIPLAC, eu tive a felicidade também de trabalhar no IFC – Instituto Federal Catarinense, no *campus* Sombrio. Lá a gente chegou com a missão de instalar o curso de Licenciatura em Matemática. Tinham duas professoras lá que eram da Matemática, pois antes era Escola Agrotécnica. Uma das professoras estava afastada, então tinha uma professora de fato, e nós chegamos em cinco professores novos, e assim nós implantamos o curso, com a visão que a gente tinha. Graças a Deus, tive a felicidade de também ter uma professora que era da UNISUL, uma das mais antigas que tinha na UNISUL. Trabalhamos juntos e foi muito bom.

Já a problemática da formação continuada é complicada, porque o professor que está em sala de aula, ele se estabiliza e ele não volta a estudar, é muito difícil. Então, convencer a pessoa a voltar para a sala de aula como aluno é, no mínimo, complicado. Nós fizemos várias ações na Universidade. Eu trabalhei muito tempo com formação continuada, cursos de formação continuada e eventos acadêmicos. Hoje a Universidade não tem mais como fazer, porque demanda recursos. Nós tínhamos muitos alunos e tínhamos que coordenar 160 acadêmicos, na formação de matemática. Era uma turma muito grande, mas fazíamos formação continuada. Hoje quem faz formação continuada na matemática? Praticamente ninguém. O que tem são alguns cursos de extensão online e nem sempre de boa qualidade, é difícil avaliar.

Então, em 2015, depois que eu vim para cá [IFSC], eu comecei um projeto e tive quase 80 professores de Matemática aqui. Eu tenho uma boa relação com os meus ex-alunos, e aqui a gente é bem parceiro. Em 2017, tivemos um evento em parceria com a Universidade e a Prefeitura, chegou a 200 e poucos participantes;

neste ano não chegou a tanto, mas deu um número bom também, foram 130 participantes. Fizemos palestras, oficinas diversas sobre tecnologias do ensino, *softwares*, álgebra, entre outros assuntos nessa área. E para o ano que vem aprovamos um projeto para uma demanda externa, de um pessoal que veio aqui no ano passado. Começamos agora esse mês. Estamos entrando em contato com todo o grupo pra fazer formação continuada lá em Otacílio Costa [SC], sobre o Ensino de Matemática dos municípios. Aqui, internamente, não precisaríamos fazer isso, porque com as minhas aulas eu teria minha carga horária cheia. Mas eu sinto essa necessidade de que alguém tem que fazer, e quem tem tomado iniciativa são as prefeituras, mas as prefeituras não têm recursos. É muito difícil a formação continuada, e eu acredito sempre que na formação continuada a gente continua acompanhando e evoluindo...

Lidiane: São projetos de extensão?

Sim, são projetos de extensão. Eu gosto desses projetos, porque eu tenho contato com meus colegas de trabalho na minha área e também geram bolsas para nossos alunos. É interessante. Eu gosto da ideia de ter bolsistas, porque eu os ajudo, e aí é uma via de mão dupla. Mas estou cansando também. Fisicamente a gente vai sentindo, os anos vão passando, e hoje eu pago um preço alto por aquilo que eu fiz no passado, aquela loucura, de manhã, de tarde, à noite e madrugada, hoje tá me cobrando. Claro que a minha carreira envolve tudo isso, problemas físicos e emocionais. Eu me arrependo? Se voltasse ao passado, em algumas coisas eu precisaria pisar mais leve no acelerador. Eu tinha uma energia muito forte, uma disposição incrível. E, hoje, um dos meus maiores prazeres é trabalhar com formação continuada de professores. Ao longo dos anos fiz várias formações continuadas aqui pelo IFSC em parceria com as prefeituras: Fraiburgo, Caçador, Jaraguá do Sul, Palhoça, Braço do Norte, Sombrio, Águas Mornas. Entre vários assuntos, trabalhamos projetos de ENEM, de ensino complementar de Matemática, Prova Brasil, entre outros.

O IFSC teve, certa vez, um programa muito interessante: fazia parceria com as prefeituras. O IFSC criou o curso com uma demanda externa, e essa demanda foi se multiplicando em vários lugares de Santa Catarina, e aí nós viajavamos, conhecíamos pessoas, contatos, referências, contato com muita gente da área. Bom, isso não tem preço, aprendi muito com isso.

Outra coisa que aprendi ao longo da minha carreira é que as pessoas que sabem, em geral, são humildes. E tive vários exemplos disso, como o professor João Preto. É um cara que sabe, mas ele foi meu aluno, muito humilde, não no sentido de humildade mesmo, mas no sentido de que todas as contribuições que ele deu na minha disciplina, todas as participações foram no sentido de melhorar a aula e contribuir positivamente. Então, sempre me ajudaram.

Lidiane: Professor, agradeço sua disponibilidade e o aceite para participar desta pesquisa.

4.2 Valdeci Costa

Fotografia 2: Valdeci Costa



Fonte: Arquivo pessoal do depoente

*Lageano de nascença
Pela UNIPLAC tem formação
Hoje serve a UDESC
E fez parte da transformação.*

*Foi aluno de Moretto,
De Durigon foi colega,
Ministrou aulas de Matemática
Adepto do rigor, não nega!*

*Em sua sala no CAV
Fez questão de me receber.
Conversamos por momentos
Dos quais pude perceber*

*Percebi em sua expressão
Sua participação recente
Nas histórias de um curso,
Do qual já está ausente.*

*Em vários pontos Costa tocou
Que ficamos a nos perguntar
O que será do futuro docente
Que iremos visualizar?*

*Ao final de sua entrevista
Costa me acompanhou
Desejou-me sucesso na tese
Da qual por entrevista participou.*

Meu nome é Valdeci Costa, hoje sou servidor da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), do campus de Lages. Sou professor do curso de Engenharia Ambiental e Sanitária. Na verdade, eu comecei a lecionar lá na UNIPLAC, no curso de Matemática, em 1992. Mas eu fui aluno da UNIPLAC, quando era ainda curso de Ciências Naturais, fui aluno do professor Aroldo⁷⁹, fui aluno do professor falecido, nosso ex-coordenador, professor José Andersen⁸⁰, fui colega do professor Darcy⁸¹, que talvez fosse uma pessoa com quem você devesse conversar, ele mora em Itapema hoje, já é aposentado há vários anos.

Sobre a História do Curso da UNIPLAC: o curso era muito bom! Quando eu fazia Ciências Naturais, já era muito bom; houve uma mudança, e este novo curso veio pela área da Física e aí eu fui fazer graduação, terminar a Licenciatura de Física na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), em 1986. Em 1990, eu fiz uma Pós-Graduação em Física, em Santa Cruz do Sul, hoje é a Universidade de Santa Cruz (UNISC). Depois disso, fui trabalhar na UNIPLAC. Em 1996, eu fui fazer Mestrado em Matemática na área de Modelagem, na UNIJUÍ, e já em seguida iniciei um Doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, na área de Simulação Numérica. Enquanto isso, claro, eu estava ministrando aulas no curso de Matemática da UNIPLAC.

O curso da UNIPLAC, no meu ponto de vista, formou grandes profissionais, tanto é que a maioria deles, hoje, têm boas lembranças dos tempos de formação e estão firmes. Mas foi aparecendo muita concorrência desleal, como é o caso do Ensino a Distância (EAD), e a UNIPLAC, sendo uma Instituição Comunitária, da qual os recursos financeiros provêm, em sua maior parte, das mensalidades dos alunos, conseqüentemente, sentiu os impactos em seus cursos de Licenciatura, de uma forma geral, como a redução do número de alunos. Então, entre 2008 e 2010, surgiu a ideia da Licenciatura Compartilhada, que seria compartilhar algumas disciplinas comuns entre Biologia, Matemática, Educação Física, Pedagogia, com o intuito de organizar as turmas e fazer um melhor aproveitamento da carga horária docente.

⁷⁹ Professor Aroldo Moretto, é graduado em Licenciatura Plena pela UFSC.

⁸⁰ Professor José Francisco Andersen graduou-se em Matemática pela UNIPLAC entre 1970 e 1974. Fez especialização em Matemática Superior pela Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE) entre 1986 e 1987, sob orientação do Professor Aroldo Moretto.

⁸¹ Darcy de Liz Biffi. Possui graduação em Matemática pela Universidade do Planalto Catarinense (1974), especialização em Matemática Superior pela Fundação Educacional Severino Sombra (1987), especialização em Séries Iniciais pela Universidade do Planalto Catarinense (1995) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000).

Porém, acabou não dando muito certo. A gente sabe que esse tipo de coisa, de controle e racionamento, às vezes, não funciona. Para quem gosta de cálculo, para quem gosta de número, na Matemática, em minha opinião, isso não funciona, não dá certo. As pessoas precisam se sentir parte de um grupo. Então, os alunos acabavam por não se identificar com as turmas, com o curso e acabavam desistindo. O que não era nada bom para o curso de Matemática, que acabou fechando. Ficou uns três anos sem abrir nenhuma turma, até que o Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUNDES) viabilizou uma turma de Matemática e também uma de Biologia.

Hoje me parece que tem uma turma concluindo, não sei se entrou mais alguma, não conversei mais sobre isso com a professora Neusa⁸², que é uma ótima professora, uma ótima pessoa, uma batalhadora pela Matemática. Mas essa é a nossa realidade, de professores, matemáticos, e aqui, na região de Lages, vamos demorar um tempo para formar novamente, pela falta de incentivo, na verdade, porque a gente sabe que, no serviço público, principalmente na rede estadual, os últimos governos conseguiram acabar com o plano de carreira dos professores. Então, não se tem mais incentivo para ser professor, qualquer outra coisa que você vai fazer ocasiona menos estresse, menos incômodo, menos trabalho para levar para casa.

É como estava conversando semana passada, por incrível que pareça, estava conversando com um professor conhecido daqui, era no semestre passado (segundo semestre de 2017), ele tinha 18 turmas para poder cumprir suas 40 horas semanais, porque a disciplina dele tinha duas aulas por semana, então para fechar as 36 horas ele tinha 18 turmas. Isso é um número impossível de alguém dar conta, isso é indominável, é realmente primar pela extinção do cargo [de professor]. Então, para mim, nós estamos em uma fase bem crítica, seja de Matemática, de Biologia, várias áreas, porque a gente vê que o pessoal não está optando muito pelo magistério, e os que optam, em sua maioria, preferem cursos EAD. E a minha experiência diz que, de cada 100 formados em EAD, dois têm boa formação, porque são autodidatas; os outros só têm um diploma e, mesmo assim, eles vão lá, assumem as turmas, um mês, dois meses, seis meses, no máximo, e vão embora. Vão montar um cachorro-quente na esquina e vão ganhar mais e vão se estressar

⁸² Neusa Maria Sens de Barros, atual coordenadora do curso de matemática da UNIPLAC.

bem menos e não tem trabalho para levar para casa. Então, ou as políticas públicas mudam com relação à valorização do nosso profissional, ou então essa vai ser a nossa realidade. E a gente sabe, eu não tenho nada contra a EAD, nada absolutamente, mas como eu disse, na área de formação de professores, é algo bem difícil, você vai formar uma pessoa que está disposta a formar outra, e aí a questão de valores, a questão de ética, questão de formação profissional, de ir lá na frente de uma turma e falar a coisa correta, saber interpretar um livro didático, saber escolher um livro, escolher fontes confiáveis... Enfim, ser professor é algo que qualquer um pode fazer, se não tem mais escolhas, vamos fazer uma licenciatura e pegar umas aulas.... É complicadíssimo.

Lidiane: Profe, eu gostaria que o senhor me falasse sobre a sua experiência no curso da UNIPLAC. O senhor começou em ...

1992

Lidiane: Quais disciplinas o senhor ministrava?

Na verdade, Matemática Pura. Eu comecei trabalhando com Álgebra, Topologia, Matemática Aplicada, Análise Matemática. Por muitos anos, trabalhei com Análise Matemática. Era um dos temas mais puxados, e nós tínhamos uma excelente resposta dos alunos. Eles reclamavam, claro, como sempre. Choram, mas no final das contas eles aprendiam, e nós tínhamos a clareza de que, se não todos, pelo menos, a maioria aprendia a gostar de Matemática, e isso era o que nos movia. Professor de Matemática tem que gostar de Matemática, tem que saber Matemática, mesmo que ele vá dar aula na quinta série, ele tem que saber o que é uma equação diferencial, ele tem que ter a noção do todo, ele tem que ter a noção da Álgebra, tem que ter a noção dos números em si, da Aritmética, e eu vejo isso com bastante preocupação hoje, mas na época nós tínhamos turmas muito comprometidas, até por volta de 2004, 2005, quando algumas tendências, digamos assim, começaram a aparecer, não só a EAD, mas essa tendência de desvalorização quase total do Magistério, para mim é total. Cidadão faz concurso hoje, e eu tenho um colega, com quem eu falei há uns 20 dias, ele fez concurso no Estado e passou para 20 horas, trabalhou um ano, no final do ano ele pediu a conta, porque se sentia totalmente desmotivado. Ele disse: “professor, eu vou lá e não dá, eles não querem nada”. E detalhe: ele dava aula no Ensino Médio. Eu até entenderia se fosse uma quinta série em uma periferia, em que as condições são outras, os alunos são bastante difíceis,

não concordo, mas entenderia. Mas, mesmo assim, para a pessoa ganhar mil reais, para ganhar oitocentos reais... Não, ninguém merece...

Lidiane: Professor, com relação à estrutura da UNIPLAC, estruturas físicas, quais eram as condições que eles ofereciam aos professores?

Nós tínhamos dez laboratórios de Informática, sala de Desenho, Laboratório de Matemática, várias coisas que inclusive eu trouxe, e depois, outros professores. Professor Ailton⁸³, por exemplo, foi coordenador. Ele colocou aluno lá no curso, era um excelente profissional, lutou muito pelo curso. E nós tínhamos, eu diria, portfólios iguais ao de qualquer curso de Matemática. Nós tínhamos, inclusive, à época, a Olimpíada de Matemática da UNIPLAC – OLIMPLAC, que nós fizemos durante oito anos, de 98 até 2006, por aí, mas foram oito versões. Para você ter uma ideia, na primeira versão, a gente distribuiu, para o primeiro colocado da competição entre escolas, dois mil reais de prêmio, e o melhor: ganhamos tudo, ganhamos do Comércio, empresas... As Olimpíadas eram competições entre escolas, como se fosse uma gincana, tinham várias provas, tinham provas escritas, era uma época muito boa, e aí foi o auge do curso de Matemática, digamos assim. Conhecemos muitas pessoas e tivemos grandes professores, que hoje trabalham em vários locais do Estado e do País.

Lidiane: Uma das minhas questões é sobre o impacto que esse curso teve regionalmente. E no caso de existirem outras instituições que ofereciam formação para professores de matemática, onde elas ficavam?

A UNIPLAC atingia um grande raio, éramos um polo para a região. Especificamente na Matemática nós tínhamos alunos que vinham das proximidades de Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul; aqui de Urubici, de Santa Cecília, Curitiba, de Ponte Alta (de Ponte Alta tinham muitos alunos), São Joaquim... a nossa região de abrangência era enorme. De Anita Garibaldi, tivemos vários excelentes alunos, Campo Belo, Odacir Costa, certeza que de cada cidade sempre tinha um ou dois alunos, fora os alunos aqui da sede. Sempre fomos um Polo. Os alunos queriam ir para a UNIPLAC. Os alunos de Vacaria, por exemplo, poderiam

⁸³ Ailton Durigon possui graduação em Ciências de 1º Grau (1991) e Matemática (1994) pela Universidade do Planalto Catarinense, Mestrado em Modelagem Matemática pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2000) e Doutorado em Matemática Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). Atualmente, é professor do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Campus Lages

estudar na universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Caxias, mas a questão distância e a questão estadia eram limitantes fortes para eles, e até hoje isso permanece. Para um aluno se manter na UFSC, é muito caro, o custo de vida em Florianópolis é altíssimo; então, os alunos preferem vir a Lages todo dia, uma hora e quarenta e cinco minutos de ônibus para vir e uma hora e quarenta e cinco pra voltar... Eu penso que o impacto foi muito positivo, nós mantivemos um diferencial muito importante, nós mantivemos aqueles cérebros interessados em trabalhar com Matemática. Mas eu não garanto que, a partir do momento em que foi implantada essa política de desvalorização, eles continuem trabalhando por muito tempo com a Matemática, porque ninguém aguenta. Você precisa ser minimamente valorizado. À medida que o tempo vai passando e você não tem valorização de carreira, você vai fazer outra coisa, isso é óbvio.

Ontem, por exemplo, minha esposa encontrou uma ex-aluna minha. Ela estava em boas escolas aqui na época, na rede municipal. Ela foi atender essa minha ex-aluna no escritório de Contabilidade, ela me falou hoje de manhã, e eu até questioneei: “mas por que você não perguntou para ela por que ela não estava mais dando aulas?” Ela disse: “Eu não achei que devesse questionar, mas foi agora no meio do semestre que ela mudou. Ela provavelmente cansou”.

É a falta de educação. O professor antigamente tinha força, possuía sua liderança, podia tomar atitudes. Hoje em dia, se você olhar feio para um aluno, você é processado, o aluno chama o Conselho Tutelar. Tem aluno mau caráter, bandido, e você não pode fazer nada, não pode colocar o cara para fora da sala de aula, porque daí você é o bandido, é o mau caráter. Então, a pessoa ou tem sangue de barata e concorda com essa política de proteção ao vagabundo, com a impunidade, ou ele busca passar a vida te prejudicando.

Lidiane: Professor, para além das aulas ministradas no curso da UNIPLAC, quais foram suas experiências profissionais? A UNIPLAC oferecia condições de pesquisa, de extensão? Vocês eram horistas ou efetivos?

Existia um tempo em que os professores tinham estabilidade. Eu, por exemplo, tenho até hoje, porque eu entrei numa época em que a estabilidade era medida por processo seletivo público. Então, eu fiz um processo seletivo, um concurso público, e tenho estabilidade, mas depois de 2004, eu acho, 2005, isso foi rompido, não existe mais. Com relação à pesquisa, eu entendo pesquisa como questão de perfil, não é a questão de você receber a autorização ou a ordem de

alguém para fazer o processo, não funciona assim. Eu trabalho na UNIPLAC desde uma época em que pesquisa era você sair na rua fazendo pesquisa de opinião pública, perguntando para as pessoas o que achavam disso ou daquilo. Isso era pesquisa... Então não se tratava na época de pesquisa básica, de comunicação de artigos etc. E aí a realidade exterior foi mudando, mas, internamente, pesquisa é algo muito difícil, porque não há incentivo. A UNIPLAC não incentiva, porque é preciso pagar, e a UNIPLAC esteve muitos anos mergulhada numa crise financeira bem difícil. Para você ter uma ideia, nós chegamos a ficar seis meses sem receber salário em 2008, houve uma intervenção municipal na Instituição.

Lidiane: O que foi essa intervenção municipal professor?

Em 2008, houve uma intervenção judicial na Universidade, pois estávamos com sérios problemas financeiros, atrasos de salários... houve uma decisão de uma intervenção judicial, então a Justiça, por meio de um Juiz, indicou um interventor, para estar à frente da universidade. Esse interventor extinguiu uma porção de coisas, entre elas os departamentos. Extinguiu os cargos de pró-reitores, dissolveu parcialmente os conselhos, deixando-os com poderes reduzidos, enfim, fez todo um reordenamento na instituição, que permitiu a recuperação judicial frente aos bancos, aos credores... Os cargos da instituição que haviam sido eleitos foram mantidos, os coordenadores, por exemplo, com algumas limitações e poderes reduzidos. Essa intervenção aconteceu, pois a universidade é pública de direito privado, ela é do sistema da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE). É pública (municipal), mas considerada de direito privado, pois sobrevive das mensalidades. Então, a prefeitura, em comum acordo com a reitoria, solicitou a intervenção. Na época, o reitor continuou sendo reitor, pois havia sido eleito. Os pró-reitores foram exonerados dos cargos, e foram nomeados um diretor de ensino e um diretor administrativo. O reitor continuou, mas com poderes muito restritos, quase que figurativo, resolvia, em sua maioria, questões burocráticas. E isso teve impacto no andamento da Universidade. E, em função disso, hoje a Universidade conseguiu se reerguer e sair do processo de intervenção.

E enquanto a intervenção resolvia o problema financeiro, os problemas pedagógicos, tal qual como pesquisa e extensão, ficaram à margem. A extensão é feita de forma quase que natural, porque existem alguns cursos que precisam ter e manter a interface com a comunidade, como Odontologia, Medicina, Psicologia, o próprio Direito, que tem um escritório modelo. Esses cursos têm uma inserção muito

boa e muito forte na Extensão. Agora, falar de extensão no curso de Matemática, que tem uma turma a cada três anos, que é a nossa realidade atual, não é possível, não se mantém. Muito menos a pesquisa. Primeiro que precisa ter doutores, e nós tínhamos, eu, o professor Ailton, professor Darci que era de Formação, professor Andersen, que era mestre. Eram dois ou três que gostariam de trabalhar com pesquisa, mas nunca tiveram grandes resultados. Vou falar por quê: uma hora por semana cria o projeto para o aluno. Pronto, comecei a brincar de fazer pesquisa!! Isso é amadorismo, não é profissionalismo. Então se você quer profissionalizar, você precisa de, no mínimo, dez horas semanais de pesquisa, senão não sai. Mas o ensino ali é muito bom, a formação de nossos profissionais é boa, mesmo a gente não tendo quase pesquisa no curso de Matemática. Em extensão, por *internet*, sempre tinha um projeto aqui, ali, um estágio, o próprio estágio obrigatório, livre, estágio não obrigatório, abre sempre muita vaga para professor colaborador, e os alunos acabam se envolvendo, desenvolvendo alguma coisa, mas falando especificamente para Matemática não é muito fácil. E a demanda tende a continuar baixando, cada vez mais.

Lidiane: O senhor é daqui mesmo, da região?

Sou nascido, crescido e envelhecido em Lages [risos]. Eu sou professor desde os 17 anos, comecei a dar aulas com 17 anos, de primeira a quarta série, de Educação Física, porque eu sou Técnico em Educação Física. Eu fiz o Técnico de Ensino Médio, daí trabalhei três anos com Educação Física e comecei a trabalhar com a Matemática Aplicada.

Lidiane: O senhor acha que tem mais alguma informação que seja relevante e precisa ser contemplada, sobre o curso, sobre a formação, sobre a UNIPLAC?

Olha, uma de minhas indicações é a de que o nosso curso esteve bem, quando nós tínhamos um bom corpo docente, enquanto nós tínhamos professores de nível, e não é de nível Mestrado/Doutorado, o nível aqui está relacionado com o comprometimento dos professores, envolvidos com a formação de professores. Enquanto nós tínhamos um grupo coeso, tínhamos pessoas querendo ir trabalhar independente de qualquer coisa, ir dar aula em uma turma e outra, o curso foi bem, a Instituição foi bem, na Instituição como um todo houve uma época áurea da UNIPLAC. E aí começaram algumas divergências entre áreas, e essas divergências, quer queira, quer não, acabam sempre afetando os alunos. Talvez por fatores externos também, como a concorrência desleal da qual já falei de cursos que eram

oferecidos na época. Veja: a UNIPLAC cobrava, digamos, quatrocentos reais de mensalidade por um curso de Licenciatura, e apareciam cursos que cobravam duzentos reais, era um fundo de garagem, que eu vi, ninguém me contou, eu vi, mas eles começaram a aparecer, e a pessoa, querendo ou não, em virtude do financeiro, acabou optando por esse tipo de coisa, e talvez aliada a essa divisão interna que aconteceu, depois a crise financeira da UNIPLAC, foi que acabou assim, a se sucumbir as Licenciaturas de uma vez por todas. Essa desvalorização, esse desrespeito, é uma série de fatores que contribuem, dia por dia, para o fechamento dos cursos presenciais de qualidade pelo Brasil afora.

Lidiane: Professor, atingimos vários pontos, porém, gostaria que o senhor falasse um pouquinho sobre o perfil dos alunos que frequentavam o curso. O curso sempre foi noturno?

Os alunos, em sua maioria, já trabalhavam em outras atividades, às vezes já trabalhavam como professor, colaborador, substituto, mas, via de regra, eram pessoas que trabalhavam para pagar o seu curso, e essa realidade continua até hoje. O aluno depende do curso noturno, numa Instituição como a UNIPLAC. Ele almeja um lugar ao sol, um cidadão que trabalha o dia todo e vai lá à noite para tentar dar uma melhorada na sua vida, buscar uma promoção, buscar uma progressão na carreira, mais conhecimento e assim por diante. E continua. Isso não mudou.

Lidiane: O senhor lembra-se de algum curso de formação de professores próximo de Lages, além do curso da UNIPLAC?

Eu lembro que surgiram esses, assim, de meio venda de diplomas, em São Joaquim, mas pontuais, porque eles não resistem, é uma turma, duas, e acabou. Então eu me lembro do que aconteceu em São Joaquim, tivemos um numa Instituição Superior aqui que também não resistiu, ficaram aí quatro ou cinco anos e depois acabou fechando, acabaram migrando para as Engenharias, que é mais lucrativo para as Instituições. Houve uma no fundo de uma garagem aqui em São Cristóvão⁸⁴, que eu me lembro exatamente, era Matemática, formava professor para Matemática, Física, Química e Pedagogia, tudo ao mesmo tempo, algo assim, mas, por favor, isso é uma informação que eu não tenho como provar, não tem como provar, então... E eu lembro que também depois começou a surgir, se não me falha

⁸⁴ Bairro de Lages, situado próxima a UNIPLAC.

a memória, tinha até em Vacaria, mas os alunos de Vacaria que queriam estudar vinham fazer aqui, porque era difícil se visualizar em um curso no fundo de garagem.

Bem, era isso de minha parte.

Lidiane: Certo professor, agradeço sua colaboração.

Como falei, acredito que os professores que ministraram aulas no início possam contribuir mais com sua pesquisa.

Lidiane: Mesmo assim, eu agradeço

4.3 Lili Althoff Kalvelage

Fotografia 3: Lili Althoff Kalvelage



Fonte: Arquivo pessoal da depoente

*Ao chegar em Blumenau
Com ela fui conversar
Me recebeu no seu quintal
Para suas histórias contar.*

*Aluna da primeira turma
De um curso de formação
Se estabeleceu como professora
De tal instituição.*

*A Matemática da FURB
Com professores externos pode contar
E a formação daquela região
Os professores puderam moldar.*

*Histórias de uma depoente
Com muita disposição
Discutiu cada palavra
De sua textualização.*

*Kalvelage me ensina
Com paciência e determinação
Que o segredo para o sucesso
É primar pela perfeição.*

*E assim entrevistamos
Uma grande educadora
Que do gosto pela Matemática
Resolveu ser professora.*

Sou a Lili Althoff Kalvelage, tenho 75 anos. Sempre fui professora, que era minha paixão, e minha segunda paixão era a Matemática, e isso sempre foi visível até para os alunos. Sempre me identifiquei mais com as disciplinas de Cálculo: Cálculo I, Cálculo II, Cálculo III, Cálculo IV. Dei muita aula nos cursos de Engenharia Civil, Engenharia Química e Matemática.

Nasci em Jaraguá do Sul⁸⁵, porque meu pai foi morar lá por uns 8 anos, depois regressou para Blumenau, e me criei aqui [Blumenau]... Vivi minha infância aqui. Estudei o Ensino Fundamental todo em escola pública. Primeiro em Colégio Municipal, depois em Colégio Estadual, onde fiz também o Magistério. Contabilidade eu fiz no Colégio Santo Antônio, hoje Bom Jesus [Escola Privada], pois não havia em escola pública, e depois cursei a faculdade.

Fiz meu curso de graduação na Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) e ganhei uma bolsa de três meses para fazer um curso no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Minha especialização foi pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ). Veio a Blumenau um professor Doutor. Ele veio ministrar especialização para nós em vez da FURB pagar uma pessoa para ir para o Rio de Janeiro, pagou uma pessoa para vir para cá e assim atingir um grupo maior.

Na época, passávamos as férias fazendo cursos. Às vezes me perguntam: “Por que você não fez Mestrado?” Não fiz Mestrado, pois optei pela minha família. Não fiz e não me arrependo, porque nesses cursos que fiz e aprendi muito. Eu me formei em dezembro, em janeiro fiz o curso do IMPA e, em março, já estava dando aula para os meus colegas, que não se formaram comigo. Já de início assumi a disciplina de Cálculo Diferencial Integral.

Os nossos professores eram, na maioria, engenheiros; eles não conseguiam nos auxiliar quando tínhamos dúvidas. Foi uma época muito difícil. Mas nós tínhamos um professor, Rivadavia Wollstein⁸⁶, que nos ajudava. Ele é quem trouxe o curso de Matemática para Blumenau. Ele foi nosso primeiro diretor e ficou durante muitos anos; ele era quem lutava pela matemática, que fez todo o currículo junto com um engenheiro.

⁸⁵ Município catarinense localizado na região metropolitana do Norte/Nordeste Catarinense. Possui uma população estimada de 174.000 habitantes.

⁸⁶ Nascido em 27 de novembro de 1931 em Blumenau – SC. Fez Bacharelado (1955) e Licenciatura em Matemática (1957) na PUC do Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores da FURB de Blumenau.

Tínhamos grandes dificuldades, e uma das maiores era a aceitação dos homens, na época, de uma mulher lecionar cálculo na engenharia. Deixa eu voltar um pouquinho atrás: no começo, o currículo era bem diferente do atual, porque nós não estávamos preparados para enfrentar uma faculdade de Matemática e Engenharia. Fiz Magistério⁸⁷. No Magistério, não tínhamos Matemática. Eu não sabia nem o que era trigonometria, nunca tinha visto, porque no Ginásio, no básico, não se aprende, não fiz Científico⁸⁸, fiz Magistério. Então, tivemos que incrementar o currículo com uma disciplina chamada Matemática Básica, para nivelar a turma, e eu achei isso muito bom, porque vestibular não nivela ninguém, e essa Matemática básica nivelava a turma. Voltando: comecei minha carreira na FURB ministrando Matemática Básica e Cálculo.

Comecei o curso de Matemática em 1968. Fui da primeira turma do curso de Matemática da FURB e me formei em 1972. Terminei em 1971, porém o curso ainda não havia sido reconhecido. Somente depois de um ano é que a Portaria foi publicada.

Lidiane: Então, a senhora se formou em 1972 e já no mesmo ano passou a ser docente da FURB?

Bom, quando eu me formei no Magistério... Vou começar pelo começo. Na época, em Blumenau, não tinha faculdade de Matemática... se criou uma faculdade de Ciências Econômicas, organizada por pessoas influentes da cidade, os que possuíam os meios industriais, pois eles estavam notando que as pessoas que faziam o Científico iam fazer uma faculdade fora e não voltavam para Blumenau... Então, estavam perdendo essa faixa etária. Aí eles se reuniram e se organizaram para começar a fazer uma faculdade aqui para preservar a nossa mocidade e a mão de obra local. Começaram com Ciências Econômicas. Na época era de praxe ter o Magistério, que ensinava praticamente a ser dona de casa, a professora dos pequeninhos, artes e tudo. A Contabilidade era para ser contador nas firmas, e o Científico só fazia quem, vamos dizer, quem tinha condições financeiras de estudar fora depois, porque para ir daqui a Florianópolis eram mais de 6 horas de viagem, quase 8 horas na época. Era muito difícil. Então, eles criaram essa faculdade de Ciências Econômicas primeiro e, depois de certo tempo, se teve a necessidade de

⁸⁷ O Magistério é o curso inicial, de nível secundário, para formação de professores que ministrariam aulas para o Ensino Primário, na época.

⁸⁸ O Colegial era dividido em Magistério, Científico e Contabilidade.

formar professores. Foi quando criaram as faculdades de Letras, Pedagogia, Matemática, Ciências Naturais, Química... Quase todos eram professores do curso Básico⁸⁹ e, como não tinha faculdade de Matemática, fizeram o magistério, para dar aula. Quando abriu o curso de Matemática, éramos vinte alunos, e destes vinte se formaram cinco no total.

Isso na primeira turma. Cada turma formava 12, 11, 9, 4, às vezes. Todas as turmas de formandos eram pequenas, tanto é que teve uma época que quiseram fechar o curso porque era muito gasto para poucos alunos, e aí ele não se pagava, mas nós batalhamos para este curso ficar em pé. A Matemática era assim, uma coisa especial, que todo mundo queria fazer, só que não era fácil. E a nossa turma teve uma vantagem muito grande: nossos professores eram de fora. Claro, nos primeiros anos eram engenheiros daqui da cidade [Blumenau] que davam cálculos, geometria..., mas quando chegou nessa parte final de análise matemática, topologia... para essas disciplinas, vieram professores de Porto Alegre para ministrar aulas.

Eram excelentes professores. Eles trabalhavam em Porto Alegre. Nas sextas-feiras vinham ministrar aula na Universidade de Florianópolis (UFSC) e no sábado lecionavam em Blumenau. Então, tínhamos aulas aos sábados pela manhã e à tarde. Não era ruim. Nós nos propusemos a ter aulas nos sábados, porque queríamos que eles viessem, queríamos aprender, queríamos um bom ensino. Por isso, às vezes, tínhamos aulas nos finais de semana e também, quando necessário, na sexta tínhamos aula até a meia noite. Era incrível. Ninguém faz isso hoje. Foi assim a nossa história, da primeira turma de Matemática da FURB. Me formei em dezembro de 1971, e, no dia primeiro de janeiro de 1972, já estava no Rio de Janeiro, fazendo um curso, de tão bons que eram os nossos professores que vinham de fora, um de Curitiba, alguns de Florianópolis e dois de Porto Alegre, e os outros eram os que estavam aqui [Blumenau].

Quando começamos a nossa faculdade, alugaram uma sala no centro para ter aula. Aí, os amigos da FURB, que são os que batalharam para criar essa universidade, fizeram rifa e tudo o que podiam para construir a faculdade, a nossa faculdade, para construir um prédio, e nós fomos os primeiros a entrar naquele prédio. Nossa, que orgulho! Era só um galpão, agora é um complexo, e assim

⁸⁹ A professora faz referência ao curso primário, que englobava as quatro primeiras séries do ensino, tidas hoje como Ensino Fundamental I ou primeiros anos do Ensino Fundamental.

acompanhamos tudo. As reuniões de colegiado, eram de toda faculdade, não era só um curso, era tudo junto. Mas era bom, éramos uma família, uma família unida na época. Preparávamos o vestibular, cuidávamos dos vestibulares e corrigíamos a prova. Tudo isso era feito nas férias, e o vestibular era feito em julho e em janeiro. Íamos para a Faculdade e ficávamos o tempo todo lá trabalhando. Dias atrás falei com um ex-diretor e ele disse: “Meu Deus, Lili, naquela época nós éramos unidos”, e eu confirmo: “Éramos”.

Por várias vezes tentaram fechar a faculdade de Matemática, porém, no fim voltavam atrás porque diziam: “Não, é uma necessidade”. Olha, a gente fazia Semana de Matemática, nós agíamos muito, trabalhávamos muito, mas era prazeroso... Até que eu me aposentei. Ministrei aulas por 32 anos de aula porque eu não queria me aposentar, não queria sair da sala de aula.

Sobre o curso, a gente reformulou ele várias vezes, durante todo esse tempo que estive lá. Currículo, método, objetivos.... Várias coisas. Era muito envolvida com esse curso. Todos os anos, fui Nome de Turma, ou Patronesse... Mas gostava desse reconhecimento dos alunos.

Nunca tive problema com aluno, porque, apesar de ser exigente, sempre me punha no lugar do aluno, nunca batia de frente. Era flexível, mas flexível dentro da exigência, pois foi assim que aprendi com meus professores. Meus professores saíam da sala e diziam: vou deixar com vocês tal Teorema de Análise, quando voltar quero pronto; quando voltava, tudo estava prontinho. Era responsabilidade.

Lidiane: Como a senhora avalia o curso?

Vamos ver. Alguns professores eram ótimos, alguns não. Quando iniciei o curso de Matemática, já havia me formado no Magistério há 4 anos e desde então eu já lecionava, já tinha uma experiência, não era tão jovem assim, já sabia que o que queria era realmente me formar. Tínhamos vários docentes muito bons, e o professor Rivadavia foi muito inteligente na seleção dos docentes. Tínhamos professores que vinham de Florianópolis, muito bons; e os professores de Porto Alegre, tinha um que vinha de Curitiba, também muito bom. Sobre minha formação na Pós-Graduação, sempre pesquisei na Matemática Pura e Aplicada. No final da Pós, precisávamos fazer um TCC. Fiz o trabalho sobre um capítulo do livro do professor Aristides. Teve um capítulo que ele disse que não gostou. “Esse capítulo é todo defeituoso, arranje outro capítulo”. Então, o trabalho final do meu TCC foi esse capítulo.

Sobre a formação, acho que era isso. Sobre minha vida profissional.... Minha experiência profissional começou quando terminei o Magistério. Trabalhei 8 anos com alunos de 1ª a 4ª série, o que hoje corresponde aos primeiros anos do Ensino Fundamental. Sempre em escola pública. Aí comecei a faculdade de Matemática e, depois que terminei a faculdade, entrei direto como docente da FURB. Ministrei várias disciplinas: Cálculo, Geometria, Análise Matemática, Topologia... Os alunos do curso de Matemática tinham aulas do primeiro ao último semestre comigo. Foram 25 anos de FURB no total. Além de docente, desempenhei as funções de Coordenação de Departamento, e, também fui, durante uma época, do Conselho de Estudos e Pesquisas (CEP), também exerci o cargo de vice-diretora.

Lidiane: A senhora teve um período em que foi coordenadora do curso também...

Sim, fui coordenadora do curso e chefe de departamento também durante alguns anos. No começo, quando foi criado o curso, não havia coordenador, era um Colegiado de Coordenações, era de toda a Faculdade, todos os cursos juntos pertenciam a um colegiado que decidia tudo sobre todos os cursos. Depois, à medida que a Faculdade foi crescendo, foi se separando e criando um coordenador para cada curso.

Lidiane: Coloquei um tópico sobre o histórico do curso, ano de criação, as características iniciais, as circunstâncias que foram criadas o curso, a senhora falou bastante das circunstâncias iniciais em que se criou o curso de Ciências Econômicas, em função de todo o arranjo social que se tinha na época...

Exatamente. A partir daí houve a necessidade de criação do curso de Matemática, do curso de Licenciatura em Matemática, Licenciatura em ... Biologia, Ciências Naturais, Pedagogia, porque eram cursos relativamente baratos para se criar e tinham um impacto social muito grande. Havia necessidade de formar esse tipo de profissionais, e a própria Faculdade tinha a necessidade de formar professores para ela, que, até então, não tinha professores, eram engenheiros, entre outras formações. Com relação às adaptações legislativas que você pôs no documento que me mandou, lembro de uma, mais radical, que foi a implantação da matemática em dois anos, a dita Licenciatura Curta. Isso foi uma necessidade de formar mais professores, porque a procura era muito grande, mas eles desanimavam porque o curso era muito difícil, muito longo, dispendioso. Na Faculdade particular é caríssimo, para você ser professor e ganhar pouco. Então, a

gente readequou o curso, fomos nos colégios fazer uma pesquisa para formar um currículo único, em um curso de 2 anos somente, o que ficou conhecido como Licenciatura curta em Matemática, mas a gente notou que a maior parte dos alunos seguia para a longa depois; a curta, posteriormente, foi extinta.

Olha, eu penso o seguinte: O aluno que fica dois anos num curso de Matemática já está apaixonado por ele, tanto é que teve alunas minhas que queriam fazer Ciências Contábeis, mas não passaram, e a segunda opção no vestibular era Matemática, aí elas não queriam fazer, achavam difícil, muito longo e dispendioso, mas começaram o curso mesmo assim, se apaixonaram e ficaram lá até se formar.

Lidiane: E como eram as condições estruturais, a estrutura física da FURB?

Ah, isso era precário! Nós não tínhamos computador na época, as salas eram boas, grandes, mas não havia nenhum ar-condicionado, nem ventilador. Você sabe o que é dar aula e pingar o suor na folha que você tem na mão? Isso era precário, só que era em todo lugar assim. Nós estávamos todos acostumados. Hoje em dia, você entra é tudo com ventilador, tudo com ar-condicionado.

Nosso curso na FURB era de Licenciatura e Bacharelado. No início, poucos alunos queriam fazer o Bacharelado, por não entender muito bem o que era. Por isso, nosso foco principal foi se tornando a Licenciatura, mesmo porque era objetivo da própria Instituição formar professores de Matemática, pois estavam tendo um gasto enorme trazendo professores de fora.

E também para a região, Lidiane, uma coisa bem legal que fizemos antes de abrir o curso de Matemática foi criar um grupo de estudos que, na época, era bem grande, e restaram apenas 8 pessoas. Era um grupo de estudos sobre Matemática Moderna. Isso aconteceu ao longo da década de 1960, acredito que começamos o grupo em 1964 ou 1965, pois a Matemática Moderna trouxe um grande impacto na época, e precisávamos entender o que era, o porquê da mudança e o que fazer com essa mudança. Então, criamos um grupo de estudos. Nos reuníamos uma vez por semana. E quando abriu o curso de Matemática, o grupo todo foi para a Faculdade, alguns como professores, outros como alunos. E, por esse motivo, por estarmos sempre estudando, demos muitos cursos para as prefeituras da região, para explicar essas mudanças na Matemática.

Lidiane: Profe, a senhora me falou um pouquinho sobre a estrutura curricular do curso, que precisaram adaptar a Matemática Básica, depois o Cálculo....

Os alunos que chegavam no curso de Matemática nem sempre tinham a mesma formação. Alguns vinham do Científico e tinham uma noção maior de Matemática; outros vinham do Magistério, e não tinham noção nenhuma, por exemplo de trigonometria, de Física Básica, não conheciam nada. Para que todos cursassem a disciplina de Cálculo com a mesma base, criamos uma disciplina chamada Matemática Básica, e os que não queriam fazer a disciplina poderiam fazer a prova de Conhecimento Prévio. Se fossem aprovados, eliminavam a disciplina sem frequentá-la e cumpríamos o nosso objetivo de deixar todos os estudantes no mesmo nível para ingressar no Cálculo. Funcionou tão bem que acabamos colocando Matemática Básica também no curso de Engenharia. Nosso objetivo principal, assim como o da FURB, era não perder alunos. Depois de alguns anos, as disciplinas básicas foram excluídas do currículo, pois os alunos já chegavam preparados. Sobre o currículo também havia umas coisas assim, havia períodos máximos e mínimos para finalizar o curso. Se o aluno terminasse o curso antes dos 4 anos, ele não poderia colar grau e se passasse do período máximo, agora não lembro quanto era, precisava ingressar novamente por vestibular. Não concordava com essa prática, pois penalizava o aluno inteligente, aquele que conseguia dar conta do conteúdo e de tudo o que o curso exigia em menos tempo do que estava lá escrito.

Lidiane: E como era o perfil dos alunos do curso? E que condições tinham esses alunos?

Os alunos do curso vinham do interior e da cidade, geralmente, eram professores que vinham para fazer o curso, para ter a formação, pois a prática, a maioria deles já tinha, e nos identificávamos muito, pois todos tinham histórias parecidas. O curso de Matemática mais próximo daqui, na época, era na UFSC⁹⁰, em Florianópolis. Depois lembro que, mais tarde, criaram o de Joinville e, bem depois, o de Itajaí. É tanto que quem vivia aqui [Blumenau] estudava aqui ou partia para a Federal.

O nosso curso era durante o dia. Nossos alunos, em sua maioria, davam aula nos outros períodos do dia, pois eles precisavam pagar a mensalidade.

⁹⁰ Universidade Federal de Santa Catarina.

Sobre o ingresso, os alunos entravam por vestibular. A FURB sempre teve vestibular, era do Sistema ACAFE⁹¹, agora não sei como é. Faz 20 anos que estou aposentada.

Lidiane: Profe, e sobre seu vínculo institucional com a FURB, como funcionava? A senhora era contratada? Era horista? Efetiva? Como funcionava?

Nós éramos horistas. Ganhávamos por hora-aula dada. Não havia horas de planejamento, para fazer provas, nada disso. Eu só ganhava 4 horas semanais extras quando fui coordenadora do curso e quando era da Coordenação de Departamentos.

Mais tarde, a Universidade foi decretada municipal, foi quando fizeram um grande concurso, só que eu já estava me aposentando. Era um concurso interno, que envolvia todos os funcionários, na época. Desde a intervenção municipal, estão sendo feitos concursos, e as pessoas são servidoras do município. A FURB é uma autarquia municipal.

Lidiane: Profe, qual foi o impacto do curso de Matemática, do curso de formação de professores de Matemática aqui para essa região?

Muito grande, tanto é que quando nós começamos o curso, no primeiro semestre, a enxurrada de convites que recebemos foi muito grande, dos colégios, todo mundo queria que fôssemos professores lá. Eram escolas particulares que pagavam super bem. Tínhamos muito reconhecimento na sociedade, as pessoas falavam: “Óhh, é a fulana, que faz Matemática”, e isso me enchia de orgulho. Com o curso, começamos a fazer vários eventos para os professores da região: Semana Acadêmica de Matemática, cursos para as prefeituras... Nos reuníamos muitas vezes para organizar esses eventos.

Olha, Lidiane, minha turma de Matemática tinha, dois meninos, que já davam aulas há 15 anos, eles eram o nosso paizão, eram os que tiravam dúvidas. Eram dois senhores, mais velhos, eram nossos professores na época do Magistério. Além dos meninos, éramos três meninas. Esses são os que se formaram na primeira turma. Nossa turma começou com 20 alunos e terminamos em 5. A demanda do

⁹¹ A Associação Catarinense das Fundações Educacionais – ACAFE – foi criada em 1974 com o objetivo de desenvolver o ensino superior em Santa Catarina. Participaram da criação deste órgão 16 Fundações Educacionais criadas pelos municípios, com as atribuições de planejar, articular e coordenar ações integradas entre elas. A ACAFE é uma sociedade civil sem fins lucrativos que congrega as fundações educacionais criadas, no Estado de Santa Catarina, por leis dos poderes públicos estaduais e municipais. <https://www.new.acafe.org.br/acafe/>

vestibular foi diminuindo depois, entravam 15 alunos, 11 alunos. O curso de Matemática, no início, tinha um *status* muito bom, todo mundo queria fazer, até os funcionários do Banco do Brasil na época entraram no curso, mas depois desistiam. E eu acho que até hoje a Matemática tem este *status* de Ciência superior, plena, cheia de si. Qual professora de Matemática que, quando questionada sobre sua formação, não recebeu: “Você é louca”? É isso. É como as pessoas veem a Matemática, é a cultura, a tradição de uma disciplina forte, robusta e difícil.

Lidiane: E todos os colegas que se formaram com a senhora foram contratados pela FURB?

Todos eles, não só para o curso de Matemática, mas também para o de Ciências Contábeis, Engenharia Civil... Na verdade, para os que tinham as disciplinas de Matemática: Matemática Financeira, Estatística, Cálculos.... Então, cada um foi para um lado.

Lidiane: Profe, tem alguma informação que a senhora acha relevante sobre o curso, alguma história que a senhora lembra, que acha relevante e que não foi abordada no que nós falamos?

Nós fizemos muitas semanas da Matemática, e acho que essa história de Semana da Matemática⁹² começou aqui na FURB. A gente ia em colégios e os incentivava a fazer trabalhos sobre Matemática (é mais matemática aplicada). Por exemplo, a bicicleta. Olhando para uma bicicleta, o que vemos de matemática? Paralelas, Circulares, Velocidade, etc. A gente procurou em muitos dos colégios fazer essa semana... Envolvia toda a comunidade. Deu muita repercussão, depois virou rotina, mas foi uma das primeiras coisas que a gente fez dentro da faculdade. Hoje são as feiras de Matemática.

⁹² Leia-se aqui “Feiras de Matemática”. Trata-se de uma iniciativa da FURB, do início da década de 1980, após criação do laboratório de Matemática, no Curso de Licenciatura Plena em Matemática daquela instituição. As feiras, conforme Silva e Garnica (2015, p. 913), serviam como “um local (um *ambiente*) em que os professores que desenvolvessem metodologias inovadoras as apresentariam e as discutiriam, incentivando outros professores a procederem dessa forma em suas salas de aula”. Em 1985, ocorreram, ambas em Blumenau, a primeira Feira Regional de Matemática e a primeira Feira Estadual de Matemática, em julho e novembro, respectivamente. Essa iniciativa inovadora foi fruto da organização de egressos, docentes e discentes do curso de Matemática da FURB de Blumenau. A partir de 2001, as feiras deixaram de ser organizadas exclusivamente pela FURB, e passaram a ter uma Comissão Central Organizadora Permanente das Feiras de Matemática. Em 2015, a FURB, o Instituto Federal Catarinense (IFC), a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) assinaram um convênio no intuito de expandir a organização de Feiras de Matemática em todas as unidades federativas.

Lidiane: Então, profe, eu quero agradecer a senhora por conceder esta entrevista e por dividir comigo suas lembranças...

Eu que agradeço e espero ter auxiliado. Qualquer coisa, estou a disposição.

4.4 Neda de Mello Altenburg

Fotografia 4: Neda de Mello Altenburg



Fonte: Arquivo pessoal da depoente.

*Em uma tarde de maio
No Café do Hotel Glória,
Altenburg resolveu me contar
Algumas de suas histórias.*

*Encantadora com sua disposição
Logo ela foi chegando
Mostrando-me documentos
Que há muito estava guardando.*

*Sobre o curso de formação
Do qual ela frequentou
Contou-me das dificuldades
Que há algum tempo superou.*

*Suas histórias eram repletas
De um companheirismo sem fim
Altenburg e Kalvelage
Conheci as duas enfim.*

*Essas duas entrevistadas
Compartilham até da admiração
Rivadavia, o professor
Descrevem com emoção.*

*E assim Blumenau
Deixa em mim marcada
As marcas dessas Histórias
Das quais me foram contadas.*

Nasci em Florianópolis- SC, mas passei minha vida inteira em Blumenau, porque minha mãe, na época, só foi para lá [Florianópolis] para eu nascer. Eu sempre morei em Blumenau e estudei o curso primário⁹³, o ginásial (como se chamava antigamente) e fiz o curso de magistério⁹⁴ no colégio Pedro II, uma escola estadual. No ano de 1965, me formei, e, em 1966, eu já entrei como professora primária na escola Barão do Rio Branco, que é uma escola particular, lecionando no curso de Admissão, que hoje em dia já não existe mais. O curso de Admissão era o seguinte: os alunos estudavam até a quarta série e faziam, naquela época, um exame para ver se estavam aptos para entrar no ginásio. Se eles reprovavam, eles ficavam um ano parados, porque eles tinham passado na quarta série, mas não podiam entrar no ginásial; então se criou esse curso de admissão, que era um grande resumo de terceira e quarta séries, como se fosse um cursinho vestibular, só que era para entrar no ginásio naquela época. Então, eu lecionei lá uns quatro anos e aí é que eu decidi fazer matemática, porque até então eu não tinha entrado em curso superior nenhum.

E aí surgiu esta oportunidade⁹⁵: abriram novos cursos na Fundação Universitária da Região de Blumenau (FURB), que era uma faculdade nova ainda, relativamente nova. Abriu o curso de Letras, de Filosofia, de Matemática e Física juntos, e o curso de Biologia também. Estavam ali, estudando comigo, pessoas que seriam professores de Português, de Biologia, de Química, além daqueles que iriam ser professores de Matemática. Só tinha um problema: em Blumenau, na época, só havia um professor formado em matemática, o professor Rivadavia Wollstein, que também lecionava em uma escola particular, tinha feito faculdade em Curitiba- PR. Dessa forma, praticamente todos os nossos professores das áreas específicas, de Cálculo, Álgebra Linear, de todas essas disciplinas, Geometria, Topologia... vieram de fora da cidade. Então, o nosso curso foi bem exigente, em que a gente praticamente tinha aula na sexta, no sábado e no domingo. Porque eles [os professores] vinham de Florianópolis, de Curitiba, Porto Alegre e São Paulo. Então, nós tínhamos intensivos de cada matéria. Era assim: nós, os professores, e Deus, na universidade, à noite, porque não tinha mais ninguém. Ah, o guarda, e mais

⁹³ O primário da época corresponde hoje aos primeiros anos do ensino fundamental.

⁹⁴ O Magistério era o curso inicial para formação de professores que ministrariam aulas para o ensino primário, na época.

⁹⁵ Aqui, a entrevistada refere-se à criação da Faculdade de Ciências, Filosofia e Letras de Blumenau.

ninguém. A gente tinha que avisar ao guarda que, pelo amor de Deus, não trancasse as portas, senão a gente ia ficar presa lá dentro [risos].

E o nosso curso foi assim, nessa base. Começamos, mais ou menos, em uns 20 alunos e, que eu me lembre, foram sete formados. A Lili⁹⁶ falou cinco. Mas, que eu me lembre, fui eu, a Lili, a Maria Marli⁹⁷, o Jaime Floriani, o Valdir Floriani⁹⁸, e a...., tinha mais uma, que não estou lembrando agora.

Destes sete, seis foram convidados a lecionar na FURB logo que se formaram. Então, nós nos formamos e já tínhamos as nossas turmas lá para dar aula. Formamos, logo no início, uma dupla para Cálculo Diferencial e Integral, eu e a professora Lili. Eu ministrava Cálculo I e II, e a Lili, o III e o IV. Também lecionamos em praticamente todos os cursos em que havia matemática. Eu lecionei Desenho, Estatística, mas eu não me encontrei nessa área de Estatística, aí eu fiquei mais na Álgebra. Então, eu tinha várias disciplinas nos cursos. Aí começou a ter mais cursos, e o leque foi se abrindo. Aqueles que foram nossos alunos começaram a ser professores também. Logo, entendo que nós fomos as raízes de toda essa turma que está lecionando matemática hoje em dia aqui em Blumenau e nas cidades vizinhas. Por isso é que eu digo que a gente teve um trabalho de enxada, árduo, mas que deu frutos. Inclusive, nós tivemos que fazer o Departamento de Matemática, que não existia. Criamos o Departamento de Matemática e, depois, o Colegiado de Matemática. Então, nós nos revezávamos na diretoria desses departamentos, por anos. Foram 25 anos de trabalho na FURB.

Lidiane: No início não havia coordenação de curso? Como funcionava?

No começo não tinha nada. Eram somente os professores lecionando as disciplinas. Nós é que organizamos tudo. Nós é que nos reuníamos, começamos a buscar, em outras universidades, para criarmos, dentro das nossas características e das nossas necessidades, os departamentos. Mas nós que fizemos tudo. Fomos criando tudo. E como a gente se formou e logo foi lecionar, nós fizemos, por dois anos (não sei se a Lili falou), fizemos um curso de especialização que foi no Rio

⁹⁶ Lili Althoff Kalvelage também é depoente deste estudo.

⁹⁷ Maria Marli Cardoso.

⁹⁸ Segundo GAERTNER (2004, p. 200) “A primeira colação de grau ocorreu em 21 de dezembro de 1972, sendo os primeiros licenciandos do curso: Christl Wiltrich, Elisabeth Maria Cavalca Bork, Jaime Floriani, José Siqueira, José Valdir Floriani, Lili Althoff Kalvelage, Maria Regina Spengler, Maria Marly Cardoso, Marli Porath, Neda Melo Altenburg, Rosemarie Darius Ávila e Ursula Schroeder”.

Grande do Sul, na FIDENE⁹⁹, uma Universidade chamada FIDENE, uma Fundação. Então, lá na FIDENE a gente fez esse curso de especialização, com professores da UNICAMP. Assim, por exemplo, o professor Mauro Bianchini¹⁰⁰ foi um professor que veio de lá. Ele ministrou Introdução à Álgebra Linear. Tivemos também Topologia, e assim foi. Então, a gente fez por dois anos, nas férias, em julho. Teve também o professor Rodney Bassanezzi¹⁰¹, são professores que eram professores “de peso” naquela época. A UNICAMP tinha renome naquela época, não sei se hoje em dia continua tendo, mas era muito importante. E aí a gente fazia concentrado, em julho, janeiro e fevereiro, a especialização.

Lidiane: E onde era o curso? Em qual cidade do Rio Grande do Sul?

Era na cidade de Ijuí, no Rio Grande do Sul. Tinha uma estação de águas lá e tinha essa universidade, a FIDENE. Um calor no verão... horrível, muito pior do que aqui [Blumenau], e o inverno, bem frio, e assim nós fizemos a nossa especialização. Foram dois anos de especialização. Ah, trouxe também meu diploma da FURB, aqui está: Licenciada em Matemática. Também poderia ter licença para lecionar Física. Então na época se dava Matemática e Física.

Lidiane: Aqui, o curso da FURB licenciava em Física também?

Sim, possuía Licenciatura em Física também. Aqui são os certificados que eu tenho desses cursos também. Tenho outras cópias. Se você quiser levar essas, não tem problema. Eu trouxe algumas coisas, assim, que me ajudassem a falar sobre.... Essas você pode ficar, não são originais, são cópias, as originais estão com caneta azul. Aqui tem o meu histórico da graduação se você precisar, para você ver que disciplinas tinham naquela época. Acho que é interessante ver o que houve de mudanças e tudo mais. Eu lembro que, com relação às disciplinas, quando comecei a lecionar, nós tivemos que introduzir, no nosso curso aqui, de Matemática, eu acho que foi inédito em Santa Catarina, Matemática Básica, porque os alunos começavam no Cálculo e não sabiam nada do conteúdo do segundo grau. Não sabiam uma função exponencial, o que era uma função exponencial, logaritmo, não sabiam

⁹⁹ Fundação de Integração, Desenvolvimento, e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE). Curso de pós-graduação ofertado conjuntamente entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí - RS e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), coordenada pelo professor Mauro Bianchini.

¹⁰⁰ Docente aposentado do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da UNICAMP.

¹⁰¹ Um dos precursores da Modelagem Matemática no Brasil. Durante a década de 1980 coordenou alguns cursos promovidos pela UNICAMP, oferecidos em diversas Instituições de Educação Superior do sul do Brasil. Foi, por exemplo, coordenador de um Curso de Pós-Graduação organizado pela Universidade Estadual de Guarapuava - PR.

trabalhar com essas operações. Era assim, meu Deus, era uma dificuldade tremenda! A gente ia conseguir entrar no Cálculo mesmo praticamente depois de um mês de aula. Então, nós decidimos introduzir essa disciplina no curso, Matemática Básica, que era uma revisão dos conteúdos do segundo grau, na época, hoje Ensino Médio.

Podes ver aqui, olha, no meu currículo ali... onde está? Esse, esse não tem Matemática Básica... Fomos nós que introduzimos. Olha, não tem a Matemática Básica. Foi quando nós começamos a lecionar que nós vimos essa necessidade. Não, assim não dá, como é que a gente vai dar Cálculo? Ou a gente reprova 90% dos alunos, senão mais, ou vamos ter que fazer alguma coisa para amenizar isso, já que era uma escola particular e não era barato estudar lá. Por isso, a gente tinha que ajudar as famílias dos alunos, porque senão nós estávamos virando o terror ali. As duas professoras que mais reprovavam na faculdade eram as professoras de Cálculo, eu e a Lili, no caso.

Bom, melhorou, continuou havendo dificuldade por parte dos alunos, porque a gente começou, na realidade, a lecionar para a Engenharia, que era o curso que estava funcionando. Aí continuou, Matemática, as Engenharias, abriram Bacharel em Computação, que também precisava de Matemática, a outra engenharia também, primeiro era só a Engenharia Civil, depois a Engenharia Química, e assim foi... Pedagogia também precisava de Matemática, era uma matemática mais simples, mas precisava.

Lidiane: E o professor Rivadavia¹⁰²?

Sim, esse foi o único professor formado atuando em Blumenau. Ele era diretor da Faculdade na época. Foi ele quem começou o movimento para criar o curso de Matemática. Ele foi um dos pioneiros, dos primeiros que fez o movimento. Ele lecionava no Santo Antonio¹⁰³, que hoje é da Rede Bom Jesus. Ele tomou a iniciativa de fundar o curso de Matemática, porque ele viu a necessidade, viu que não havia professores formados em matemática em Blumenau, nem cursos de formação de professores por perto. O que havia era em Florianópolis, na Universidade Federal. Como eu digo, nós tivemos tudo de bandeja. Nós não fizemos concurso naquela época, não havia necessidade, porque não tinha professor. Foi só pelo currículo

¹⁰² Nascido em 27 de novembro de 1931 em Blumenau- SC. Fez Bacharelado (1955) e Licenciatura em Matemática (1957) na PUC do Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores da FURB de Blumenau

¹⁰³ Escola privada situada na cidade de Blumenau.

mesmo, por isso é que duas não entraram, porque a média delas era abaixo de 7. Nós permanecemos na média, de 7 para cima. Por isso entramos como docentes da FURB, logo após terminar o curso. Começamos o curso de Matemática na FURB em vinte alunos e nos formamos em sete e, destes sete, cinco foram chamados para trabalhar na FURB. Nós cinco fomos contratados, três mulheres e dois homens.

Lidiane: Profe Neda, sobre sua vida profissional, então, ela iniciou alguns anos antes de começar a graduação, a senhora lecionava no ensino básico, e depois foi contratada pela FURB, foi isso?

Eu comecei em uma escola particular, também muito conhecida aqui em Blumenau, Escola Barão do Rio Branco. Eu não deixei a Barão, trabalhei trinta e três anos lá. Eu trabalhei concomitante, trabalhei independente, porque uma era em regime de trabalho da CLT¹⁰⁴ (Escola Barão) e a outro era Fundo Municipal (FURB). Então, eu continuei na Barão, depois que eu comecei a lecionar na FURB, aí eu deixei a sala de aula na Barão e passei a ser orientadora pedagógica. Comecei orientando matemática e, quando eu vi, estava orientando todas as disciplinas. Depois eu também criei o laboratório de informática lá na Barão. Começamos com aqueles primeiros computadores, acho que você não pegou, eram computadores que eram umas caixinhas ligadas a uma TV, TK 85, CP 200, CP 400, teclado rígido. A gente tinha que digitar com lápis borracha, senão não pegava a tecla, porque tinha que fazer força, o dedo ficava vermelho. Eram assim os computadores. Depois é que foi inovando. Dali a pouco apareceu aquela história das janelas, o "*Windows*", aí trocamos tudo, tudo. Eles devem ter guardado uns dois lá para o museu [risos], para as pessoas verem como é que era.

A evolução é muito rápida, e eu peguei essa evolução, porque, olha só, o primeiro computador da FURB ocupava quase a metade de uma sala, era i-men-so; a parte da máquina, da CPU, era imensa. E hoje tem o notebook, o tablet, para você ver a diferença. Então, eu peguei esse período todo, nesse período que praticamente eu entrei na FURB... quando foi? Deixa eu ver... deixa eu ver a data certinha, aqui na minha carteira. Eu resolvi dar uma olhadinha e ver o que eu tinha lá em casa. Vamos ver aqui, se fala nesta aqui. É, na Barão foi 1972, na FURB, está aqui, 1972. Na Barão, em 1972, foi quando eu entrei no cargo de orientadora

¹⁰⁴ Trata-se da Consolidação das Leis de Trabalho – CLT, regime de trabalho aprovado nacionalmente pelo Decreto de Lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943, pelo Presidente da República da época, Getúlio Vargas.

pedagógica, é que eu cheguei lá para a diretora e disse: "Dona Ilse, é o seguinte, eu não vou mais poder lecionar em dois lugares, vai ficar pesado, preparar aula, corrigir prova, aquele negócio todo, então eu vou pedir a minha demissão." Ela disse: " De jeito nenhum, daqui tu não sai". "Pode ser uma coisa que não tenha que corrigir prova? Preparar aula?" Aí eu disse: "Pode". "Então, vou te dar o cargo de orientadora pedagógica". Como eu fiz o magistério, e foi um magistério muito bom, foi excelente, os professores, a formação, a maioria eram doutores, você acredita? Naquela época, eram doutores, no magistério. Era uma escola pública, mas os professores eram excelentes, quer dizer, então, eu tive muita base de pedagogia, filosofia, tudo isso que eu poderia usar aqui, como orientadora pedagógica. Então, na FURB, eu entrei em 1972.

Lidiane: Quantas horas a senhora ministrava lá na FURB? Dava para conciliar, tranquilamente, os dois cargos?

Sim, dava, dava tranquilo. Eu comecei, na FURB, com uma carga horária de 16 [horas], nunca menos que quatro turmas. A gente recebia por horas de aula dada. Eu nunca tive aulas de preparação, nunca. A gente só recebia 4 horas, quando era chefe de Departamento ou coordenador de Departamento. Antigamente, era chefe de Departamento que se chamava, ou chefe de Colegiado, ou coordenador de Colegiado, como se chama hoje. Nesse caso, ganhava por quatro horas aula. Aí fazia eleição (era eleição na época). Então eu nunca trabalhei assim, dentro da instituição, num cargo que não fosse sala de aula. Por isso que quando eu me aposentei, me aposentei integral. Nos últimos cinco anos eu peguei a carga horária máxima, que eram 40 horas aula, e me aposentei em tempo integral. Muitos dos meus colegas perderam 12, 15 horas, 20 horas, porque eles tinham cargo administrativo, e isso não contava para a aposentadoria porque eles entraram como professores.

Eles não foram contratados para o cargo de gestão, mas para o cargo de professor. Eu me preparei, me "antenei". Por isso que eu me formei em matemática, para fazer cálculos, né? [risos].

Lidiane: A senhora falou que ministrou as disciplinas de Cálculo I e Cálculo II, no início. Depois...

Bom, eu comecei com Cálculo, daí peguei Álgebra... a Lili, não sei se ela falou, mas ela deu uma disciplina de Análise Matemática também, que era uma disciplina bem difícil do curso de Matemática, mas eu me diversifiquei um pouco

mais do que ela, porque eu dei a Matemática para a Pedagogia, dei Desenho, Desenho Geométrico I e II, eu dei Fundamentos da Matemática também, eu não sei se você teve, mas é um que se estuda toda a fundamentação da Matemática. Dá uma olhada no currículo e veja se já tinha lá, quando eu fiz. Queria me lembrar do livro que a gente usava, não era muito fácil não, Fundamentos da Matemática Elementar I e II, eram esses que a gente tinha.

Esses não eram fáceis não, porque tinham também teoremas, sabe?! Não era coisa básica, não, mas era muito interessante a matéria, muito boa, por isso me interessei e acabei lecionando a disciplina. Eu também dei uma Álgebra Moderna. Chamava Álgebra Moderna I. Tinha três Álgebras Modernas.

Lidiane: E este componente: Estudos dos Problemas Brasileiros...

Ah, esse era obrigatório, hoje em dia tem uma obrigatória, não tem? Não é Estudo dos Problemas Brasileiros, mas tem uma obrigatória. Na verdade, mudam os nomes, são essas que eram obrigatórias, que a gente era obrigada a fazer, era um crédito só, 15 horas.

Lidiane: Profe Neda, sobre o histórico do curso, o ano de criação foi 1968...

Sim, foi quando a gente fez vestibular. Foi 1968. E quando nos formamos já tinha o reconhecimento do MEC. A FURB, na época, Lidiane, era pequena. Ela cresceu muito, mas era no primeiro bloco, não sei se você foi lá, era no primeiro bloco, subindo as escadas. Aí a universidade foi aumentando, era só um, digamos assim, um retângulozinho ali, depois foi para trás, para cima, mas a sala de aula era uma sala bem confortável, não tinha ar condicionado (evidente, né?). Aliás, no ano em que eu saí é que eles instalaram o ar condicionado. No ano que eu me aposentei. Deixe eu ver aqui, foram quase 25 anos de FURB, vamos ver se está aqui. Vamos ver, acho que mais atrás. Eu fiquei mais um pouquinho na Barão ainda. Aqui, está aqui: Universidade Regional de Blumenau... esse era o nome, ela mudou agora, né? Olha, aposentadoria especial.. não tem data?! Ah sim, foi 1996, está certo, o ano que minha neta nasceu. Trabalhei de 1972 a 1996. Acompanhei todo o trajeto da FURB. Hoje a universidade é uma potência.

Lidiane: Um dos pontos do roteiro é sobre o impacto do curso de formação de professores de matemática da FURB para a região...

Ah, foi excelente. Eu tinha alunos que vinham de várias cidades, e depois de formados eles se tornaram líderes, chefes de departamentos das escolas, diretores de escola, muitos diretores de escola foram alunos do curso de matemática. Aqui da

região próxima, muita gente vinha para cá para fazer o curso, muita gente mesmo, de Gaspar, Indaial, Timbó, Jaraguá, vinham todo dia, de várias cidades. O curso, na época, começou matutino. O nosso foi aquela coisa de final de semana, mas aos poucos ele passou a ser às tardes. Começou matutino, depois migrou para a tarde. Noturno eu nunca lecionei no curso de Matemática. Tinha Engenharia, tinha BCC – Bacharel em Ciência da Computação – esses eram noturnos. O curso de Matemática teve uma característica de fazer créditos. Por exemplo, tinha uma disciplina com quatro créditos, 60 horas aula, que a gente fazia nas férias, porque muitos alunos ali já eram professores de matemática, entende? Sem ter um diploma. Então fazíamos durante as férias, pois para os alunos também era melhor nas férias, para aliviar a carga horária durante a semana, porque eles tinham que trabalhar.

Então nós dávamos o curso em dezembro, um pouco antes do Natal, em janeiro e fevereiro. Eu dei várias turmas, várias, assim, em regime concentrado, é assim que a gente chamava. Então eram quatro horas por dia, a semana toda, para daí fechar a carga horária. Eram praticamente todos os professores de Matemática.

Nas primeiras turmas os alunos eram todos professores de Matemática, que já eram professores e vinham procurar a formação. Só tinham o segundo grau, e como não havia cursos por perto, vinham para cá. Com relação ao incentivo, havia alguma coisa, mas nada tão organizado como tem agora. Mas eu nunca me interessei por essa parte, então também não posso responder por que a nossa turma não usou nada disso, de bolsas... Então foi tudo no "*cash*" mesmo. Pagávamos tudo. E assim era com todos os alunos: precisávamos trabalhar para nos sustentar e pagar a universidade.

Com relação à formação complementar para os docentes da FURB, este curso de especialização do qual lhe falei, esse de Ijuí - RS, depois, se quisesse fazer Mestrado, havia bolsa. Eles liberavam algumas horas da carga horária para poder fazer o Mestrado e o Doutorado. Sempre teve esse incentivo, não sei se hoje em dia tem, mas enquanto eu estava lá, muitos fizeram isso, a maioria, aqueles que foram nossos alunos é que fizeram, eram mais novos. Como a gente já estava praticamente garantida, a gente se acomoda. É uma verdade, não é? Então, eram os alunos que começaram a procurá-los para ter maior titulação para poder conseguir vaga como docente da FURB. Mas havia a preocupação, por parte da FURB, de formação dos seus docentes.

Sobre a contratação dos docentes, no início não tinha muita exigência de titulação para o ingresso. Começaram a ficar mais seletivos depois, com o passar do tempo. Nós tínhamos, assim, uma pontuação, de anos de trabalho. Funcionava como uma promoção, aí você passava de níveis, A1, A2, A3, atingindo até o A4, era o nível máximo que eu poderia ter atingido dentro da pontuação, sem ter Mestrado. Com o Mestrado, contava mais pontos e passava para outra categoria. Dentro dessas categorias, eu fui até o A4. Com o Mestrado passava para B, e com o Doutorado para C. E isso tudo ia aumentando o salário.

Teve também um tempo em que houve concurso público. Nós inclusive fomos várias vezes banca para ingresso de professores no Departamento de Matemática. Sempre eram nossos ex-alunos. Era até engraçado. A gente já conhecia eles, já sabia se eles tinham o perfil ou não. Quer dizer, ali poderia rolar "marmelada" solta, mas é claro que nunca houve. Conhecíamos eles, pois eles ficavam quatro anos conosco e, portanto, sabíamos quem teria o perfil ou não para ser nosso colega de trabalho. Isso foi uma vantagem, porque a gente conseguiu formar um grupo que conhecia mesmo, trabalhava que arregaçava as mangas, e foi isso que deu nome ao curso de Matemática da FURB.

Sabe Lidiane, se eu tivesse meus 20 anos, eu gostaria de começar tudo de novo. Eu adorei. Se teve uma coisa que eu gostei de fazer nesta minha vida, foi ser professora, e continuo sendo, porque agora eu sou professora de religião, leciono espiritismo, preparo médiuns. Para a preparação, são cinco livros, o espiritismo é uma religião que estuda muito, então eu continuo sendo professora [risos]. Eu acho que até quando eu tiver condições vou estar lecionando.

Lidiane: Profe Neda, as dificuldades maiores que a senhora se lembra de ter enfrentado com o curso, quais foram?

Bom, eu não tive dificuldades. A gente teve que se adaptar, eu não posso falar que era uma dificuldade porque a gente sabia da situação. Porque não era fácil. Veja bem, eu já era casada, e tinha que deixar o marido e os filhos no final de semana, que era quando ele estava em casa, para ir estudar. Então, isso seria uma dificuldade, mas em virtude das circunstâncias, pois foi só conosco, a gente não pode considerar. A gente teve que se adaptar à situação. Foi pontual. Sobre o curso, talvez, o que eu pudesse apontar como dificuldade é que quem saiu do magistério e foi direto para a faculdade de Matemática teve que estudar a parte toda de Matemática e Física do segundo grau, que não conhecia. O magistério, como você

pode ver no meu histórico, não tinha essas disciplinas. Então, a gente teve que estudar tudo separado, porque a Física entrou de cara com o Halliday¹⁰⁵, aquele livro, a bíblia da Física, e o Cálculo entrou de cara no Taylor¹⁰⁶. Os nossos livros eram praticamente todos livros russos, com tradução para o francês. Este é o currículo da especialização, você pode ficar. Não sei em quais livros você estudou, mas era Davidov¹⁰⁷, era tudo com "ovs" no final.

Enquanto professora, houve até uma época em que nós abdicamos de uma parte dos nossos salários para que todos pudessem receber, quando houve dificuldades financeiras na FURB. Nós abdicamos de parte do nosso salário para que a FURB continuasse aberta e o curso de Matemática não fechasse. No geral, foram muitos professores que fizeram isso. Realmente, a gente vestiu a camisa da instituição, porque era de Blumenau, então sabíamos da importância dela para a cidade.

Lidiane: O que a senhora vê de pontos positivos do curso da FURB, além deste impacto regional e social que a senhora acabou de falar? O que a senhora destacaria como pontos positivos no curso em que a senhora foi docente?

Bom, um ponto positivo, como eu falei, é que a gente tinha alunos que vinham de várias cidades, que já eram professores, traziam suas experiências de sala de aula, e a gente discutia. Começamos inclusive com a semana da matemática, que depois eles passaram também a fazer nas suas escolas. Criamos muito material didático, tabuadas, dominós de tabuadas, isso depois se espalhou. Havia o Tangran, já ouviu falar do Tangran¹⁰⁸? Naquela época só se ouvia falar em livros, e a gente criou todo esse material. Então, estas Feiras de Matemática¹⁰⁹ e as Semanas da

¹⁰⁵ HALLIDAY D.; RESNICK R. **Physics for students of Science and Engineering**. New York: John Wiley & Sons, 1963.

¹⁰⁶ TAYLOR, Howard E.; WADE, Thomas L. **Cálculo Diferencial e Integral**. Mexico: Limusa Wiley S. A., 1967.

¹⁰⁷ DAVIDOV, August. **Geometria Elementar**. Moscovo: Wikisource, 1878.

¹⁰⁸ O Tangram é um quebra-cabeça chinês que contém sete peças (dois triângulos grandes, um triângulo médio, dois triângulos pequenos, um quadrado e um paralelogramo) que são chamadas de "tans". Acredita-se que o jogo surgiu na China durante a dinastia Song (960 - 1279 d.C.) e que chegou à Europa no começo do século XIX. Na China antiga, o Tangram era um dos mais famosos "testes" utilizados para estudar a inteligência humana.

¹⁰⁹ Trata-se de uma iniciativa da FURB, do início da década de 1980, após criação do laboratório de Matemática, no Curso de Licenciatura Plena em Matemática daquela instituição. As feiras, conforme Silva e Garnica (2015, p. 913), serviam como "um local (um *ambiente*) em que os professores que desenvolvessem metodologias inovadoras, as apresentariam e as discutiriam, incentivando outros professores a procederem dessa forma em suas salas de aula". Em 1985, ocorreram em Blumenau a primeira Feira Regional de Matemática e a primeira Feira Estadual de Matemática, em julho e novembro, respectivamente. Essa iniciativa inovadora foi fruto da organização de egressos, docentes

Matemática que têm ainda nas escolas, isso se disseminou em toda a região. Eu acho que isso foi um ponto positivo, as crianças começaram, é claro, a gostar mais da matemática, porque ela se tornou mais ilustrativa, não era só aquela coisa maçante, ficou bem mais acessível. Depois as Olimpíadas de Matemática, tudo isso conta positivamente.

Lidiane: Profe, acredito que conseguimos contemplar todo o roteiro, tem alguma informação que a senhora julgue importante e que não foi comentada? Alguma história, algo sobre o curso... sobre a sua formação...sobre a sua vida profissional que a senhora lembre e que queira dividir conosco?

Olha, foi muito tranquila, realmente foi assim aquela época. A gente não tinha licença prêmio (apareceu depois). Nós somos uma turma que não foi contemplada com todas essas regalias que há hoje em dia. Mas isso nunca nos incomodou, porque o importante ali era lecionar, e lecionar Matemática, e passar Matemática da forma mais simples possível, para que entendessem e passassem adiante. Então, a gente viu o resultado com o passar dos anos, porque os alunos que estudaram conosco tiveram isso, a gente passou isso tudo para eles, e eles, evidentemente, passaram para os seus alunos. Portanto, eu posso dizer que, da minha parte, foi muito tranquilo e muito gratificante. Não só eu, mas meus colegas também, cada um na sua área. Não houve greves, poderia até haver, mas não fazíamos greve. Eu sempre fui contra a greve, é uma questão de respeito aos alunos que estavam pagando. Se a gente não ia receber ou se não teria aumento, não importa, eu assumi o compromisso, e quando a gente assume uma coisa, a gente tem que levar até o fim. Então, se eu sou professora, eu preciso cumprir minhas horas. Isso tudo, em minha opinião, foi um exemplo, a nossa postura, que fez com que outros levassem isso adiante. Porque, olha, "os professores não fazem greve, são pessoas que levam a sério"..., eu acho que isso foi um ponto de referência, sabe?

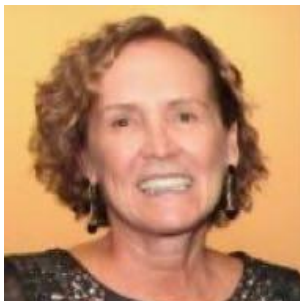
Lidiane: Profe, de minha parte era isso, então. Eu agradeço imensamente a senhora ter aceitado prontamente o convite para participar.

Nada, imagina. Vou deixar aqui meu currículo e mais alguns documentos. Obrigada.

e discentes do curso de Matemática da FURB de Blumenau. A partir de 2001, as feiras deixaram de ser organizadas exclusivamente pela FURB, e passaram a ter uma Comissão Central Organizadora Permanente das Feiras de Matemática. Em 2015, a FURB, o Instituto Federal Catarinense (IFC), a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) assinaram um convênio no intuito de expandir a organização de Feiras de Matemática a todas as unidades federativas.

4.5 Mirian Buss Gonçalves

Fotografia 5: Mirian Buss Gonçalves



Fonte: Arquivo pessoal da depoente

*Estive em Florianópolis
Para ela entrevistar
Gostei da simplicidade
Que a vi demonstrar.*

*As histórias se assemelham
As minhas, as dela, as de tantos
Uma infância bem humilde
Foi preciso me contar o quanto.*

*Gonçalves em sua casa
Com Beethoven em companhia
Mostrou-me sua biblioteca
Com orgulho e alegria.*

*Apontou diversos desafios
De uma mulher educadora
Que ao portar conhecimento
Tornou-se libertadora.*

*Formar docentes com sensibilidade
Para que consigam compreender
Que as diferentes regionalidades
Fazem o estado crescer.*

*Minha passagem por Floripa
Tornou-se essencial
Mostrou-me a UFSC como precursora
De um ensino potencial.*

Eu sou a professora Mirian Buss Gonçalves. Minha história começa em Medianeira, no Paraná, na realidade começa onde nasci, em Trombudo Central - SC, meu pai foi pra Medianeira quando eu tinha dois anos e eu era a penúltima de 6 irmãos. Eu tinha 2 anos de idade, o pai comprou umas colônias de terras, porém não gostou da terra. Ele tinha um caminhão Ford Thames e começou a trabalhar carregando mudança das pessoas e madeira, pois era a época da exploração da madeira, da mata atlântica, e bem no começo fizeram umas casas, para os primeiros colonizadores. Também levaram para Medianeira algumas freiras para fazer um colégio e termos onde estudar. Eu comecei muito pequena no jardim de infância e, como éramos em três irmãs e eu era a menor delas, a freira sempre tinha pena de me deixar em casa e me deixava ir para o colégio junto com minhas irmãs [risos].

Era bom, mas tem algumas lembranças bem tristes, por exemplo, naquela época não tinha balas, não tinha nada quase, as freiras tinham o negrinho do pastoreio de vidro, cheio de bala e nunca davam as balas pra nós [risos]. E quando eu tinha quatro anos, ela (freira) deu uma palmada na minha mão porque eu não conseguia fazer o (número) quatro [risos], quando eu tinha quatro anos.

E isso ficou marcado. A gente lembra bem. Bom, daí, não sei por quê, dois anos depois, elas resolveram fechar o jardim (de infância). Naquela época, a gente tinha que ir para o primeiro ano aos sete anos. Novamente, por pena de mim, me colocaram no primeiro ano. Mas como eu era muito nova, tive que fazer o primeiro ano A e o primeiro ano C. E mesmo que eu tirasse o primeiro lugar, elas eram sempre bem “caxias” (bravas).

Medianeira era uma cidadezinha bem pequena, mas foi crescendo, desenvolvendo-se, e eu fui estudando no colégio das freiras até o final do ginásio, até a quarta série do ginásio, mais precisamente. Quando terminamos o estudo lá, como meu pai sempre foi meio visionário e queria muito que os filhos estudassem, conseguiu para meu irmão mais velho, que hoje é poeta, Alcides Buss, por intermédio do irmão dele, que era padre no seminário em Taió- SC, uma vaga para meu irmão no seminário. Quando chegou a nossa vez, o tio havia se mudado para Joinville, era padre lá, e ele conseguiu que ficássemos no Colégio Santos Anjos, que era das freiras da Divina Providência, e nós ficávamos lá, trabalhávamos e dormíamos lá, e estudávamos no colégio Governador Celso Ramos, que era um colégio público. Naquela época, os colégios públicos eram muito bons e tinha dois colégios públicos em Santa Catarina que tinham uma fama muito grande, que era o

Instituto Estadual de Educação, que até hoje é referência aqui em Florianópolis, e o colégio Governador Celso Ramos, em Joinville.

O que aconteceu? Morei lá, estudei esses três anos e, de repente, quis vir pra Florianópolis fazer Engenharia Civil. Em Joinville já tinha Matemática. A minha irmã é uma das que se formaram em Matemática lá, o marido dela também, Alberto Selinke, formados na mesma turma.

Lidiane: Olha! Interessante!

Você pode entrevistar os dois, passo os contatos. Mas eu quis fazer Engenharia Civil, vim para Florianópolis, passei no vestibular em oitavo lugar, sem cursinho nenhum. Olha como o colégio público era bom naquela época. Daí entrei no vestibular, na Engenharia eram todos juntos, aquele monte de gente, pois funcionava assim: a gente só ia escolher o que queria depois de feito o básico, essa forma não deu muito certo, acabaram mudando depois. Imagina o curso de Engenharia, todos queriam Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica. Para conseguir escolher a área específica era pelas notas, as notas mais altas se classificavam, os que não tinham as notas mais altas, continuavam no básico, repetindo as mesmas cadeiras para melhorar o índice. Mas isso gerou um acúmulo de alunos... Nas Ciências Biológicas, foi muito maior o acúmulo, todo mundo ficou lá dentro querendo Medicina. Isso foi um tempo que terminou, não havia condições. Mas na minha época foi assim, eu estudei o básico junto com a Engenharia e, no fim da terceira fase, eu optei por fazer Matemática. Eu vim para fazer Engenharia e, chegando aqui, optei por fazer Matemática.

Lidiane: Qual foi o fator que contribuiu para esse processo?

Qual o fator? São dois fatores muito importantes: Primeiro: na minha família, há muitos professores. De onze filhos, sete são professores. Na época, era preciso ter vocação para ser professor. Segundo: nossa condição financeira exigia que trabalhássemos durante o dia e estudássemos à noite, não tínhamos dinheiro para sermos sustentados. E a Engenharia Civil da UFSC era diurno, aulas de manhã e à tarde. Tínhamos que comprar os materiais, livros e não sei o que mais, e Matemática era só um período. Então, naquela época, eu já trabalhava no Colégio Catarinense como secretária, à noite, e, pela manhã, ia para a faculdade aqui na Trindade [bairro de Florianópolis, onde está localizada a UFSC]. Mas eu gostava da matemática, eu ia muito bem, podia ter escolhido qualquer curso, eu tinha notas muito boas, muito nove e dez. Mas daí eu optei por Matemática. Então, na quarta fase comecei as

cadeiras específicas. Depois disso, fui indo normalmente, mas sempre trabalhando, trabalhei um tempo no Tribunal de Justiça, fiz concurso e ingressei como Escriturária, e fui fazendo a Matemática. Quando faltavam dois anos para me formar, entrei em uma chamada pública para aulas excedentes, no estado, que até hoje existe uma figura similar, que é professor não concursado.

Lidiane: Os ACTs! (Admitidos em Caráter Temporário)

Isso, os ACTs. Então, nessa época, as pessoas que eram concursadas escolhiam suas aulas, depois, sobravam várias aulas e a Secretaria Estadual reunia todas as vagas num balaio, e a gente se inscrevia para dar essas aulas. Enquanto eu ainda estava na faculdade, antes de me formar, eu dei aula no Instituto Estadual de Educação, na 6ª série¹¹⁰ e no 2º científico¹¹¹. E dei aula no (esse foi muito mais difícil) Colégio Anchieta, que fica aqui na Agrônômica [bairro] em Florianópolis, mas que do lado tinha o abrigo de menores, e esse abrigo de menores era daquelas crianças, meninos malfeitores, que fizeram coisas, e eles frequentavam esse colégio. Em paralelo, teve outra reforma, que o Brasil é campeão nas reformas de ensino, e a reforma era que não poderiam reprovar¹¹², então, esses meninos, como não podiam reprovar, eles represavam na 8ª série. E aí, não eram mais meninos, eram adultos... Recordo-me de uma noite em que os meninos de lá, um deles alterado, cuspiu na cara do diretor. O meu início, como professora, foi bem marcante. No Instituto, foi maravilhoso, mas ali foi marcante. Então, lembrei-me de algo, tem um professor que você tem que entrevistar, o professor Aparício Siqueira Filho. Ele foi professor, meu professor, dessa época bem do início da Matemática da

¹¹⁰ O que chamamos hoje de 7º ano.

¹¹¹ O que representa hoje o segundo ano do Ensino Médio.

¹¹² Para Baretto e Mitrulis (2001, p. 109), "Santa Catarina foi o estado brasileiro onde a experiência de progressão continuada se deu de modo mais expressivo, abrangente e duradouro, embora pouco conhecido e divulgado no país. Em atenção aos dispositivos constitucionais de 1967, que ampliavam de quatro para oito os anos de escolaridade obrigatória, o Plano Estadual de Educação de 1969 instituiu oito anos de escolaridade contínua e obrigatória na rede estadual, abrangendo o então ensino primário e médio (primeiro ciclo), o que antecipava a Lei da Reforma do Ensino de Primeiro e Segundo Graus. Além de extinguir os exames de admissão, que durante muitos anos constituíram obstáculo à continuidade dos estudos, a implantação do novo sistema, que teve início em 1970 em toda a rede catarinense de escolas estaduais, estabeleceu os avanços progressivos como forma de avaliação contínua dos alunos, abolindo a reprovação ao longo das quatro primeiras e das quatro últimas séries, do que viria a chamar-se ensino de primeiro grau. Ao final das 4^{as} e das 8^{as} séries foram implantadas classes de recuperação para aqueles que não alcançavam o desenvolvimento adequado no processo de aprendizagem, sendo que a escola deveria ajustar o ensino à capacidade e ao ritmo próprio do aluno, procurando obter de cada um o rendimento de acordo com suas possibilidades, ao mesmo tempo em que deveria conduzi-lo à iniciação ao trabalho e à criação de hábitos de estudo".

UFSC, ele mora aqui perto da minha casa, eu tenho o telefone dele. Ele já era professor da UFSC quando foi fazer o Mestrado em Matemática no Rio de Janeiro. Tivemos o básico na formação. Depois do básico, íamos para as cadeiras específicas da Matemática, e Análise Matemática era fogo, não era pouca coisa, o livro do Elon Lages Lima. Os exercícios do Elon, olha, a gente fazia. Puxadíssimo, e o Aparício tinha vindo cheio de gás do Rio, com o Mestrado pronto. Topologia, Álgebra..., todas essas cadeiras a gente teve, com bastante profundidade. Mas os meus professores, que foram os primeiros a se formar na UFSC, diziam que os professores que vinham do Rio Grande do Sul eram muito exigentes, e eles também tiveram uma boa formação. Então eles passavam uma boa formação para nós.

Lidiane: A senhora começou o curso de matemática em que ano?

Em 1972, e me formei em 75.

Lidiane: A senhora trabalhou no Instituto, em...

Em 74 e 75. Porque daí, o que aconteceu? Eu me formei em dezembro de 75, e em fevereiro de 76 eu fiz concurso pra UFSC, pois havia várias vagas, nove vagas se não me engano, e éramos doze candidatos, e passamos em seis. Eu ainda era uma criança, pois eu tinha 21 anos quando me formei, com 22 comecei a dar aula na UFSC.

Lidiane: 22 anos, já era professora universitária?

Sim, e o pior de tudo foi que o primeiro curso que me deram foi Cálculo IV, pois eu havia sido monitora de Cálculo IV; então, me deram essa disciplina para ministrar. E um dos alunos era meu ex-professor, do segundo ano do ensino médio do científico de Joinville [risos]. O professor bem velho, meu aluno [risos]. Inverteram-se os papéis.

Lidiane: Profe, a senhora terminou o curso superior, fez o concurso para UFSC, passou. A senhora continuou estudando, fazendo pós-graduação, algum outro curso? Ou parou por aí? Como foi?

Não, nunca paramos [risos]. Eu nunca parei [risos] até hoje, eu tenho 65 anos, e a maior parte da minha vida eu vivi na UFSC e, desde o início, quando eu entrei, como professora, nunca gostei de dar aulas nos cursos que tinham matemática básica, os cursos do Centro Sócio Econômico: Biologia, Economia... Eu sempre gostava de alunos que gostassem de matemática. Tínhamos o Departamento da Matemática na UFSC, que ministra aula de Matemática para toda a Universidade. E eu gostava muito de dar aulas nos cursos de Engenharia Mecânica, Engenharia

Civil, na Engenharia de Produção, mas sempre nas engenharias, e dei aula também na Arquitetura. Na arquitetura era muito ruim, porque tinha aluno... nem sei se vale a pena registrar [risos].

Havia alunos, que foram fazer Arquitetura por que gostavam muito de desenho e matemática e iam super bem, e havia outros que gostavam de fechar os olhos, ver o infinito e desenhar, e daí foram para lá, e só tiravam zero nas provas [risos]. A gente tinha que lidar com essas duas situações. Era uma experiência interessante; não era uma experiência ruim. Lembro que tinha um aluno de Blumenau que fez umas três vezes, e ele já tinha conseguido todas as cadeiras profissionalizantes, trabalhava na prática com a Arquitetura, e não conseguia passar no cálculo. Até que um dia, não sei que nota ganhou [risos], mas passou e se formou.

Mas eu sempre gostei de trabalhar com a matemática. A minha experiência é algo que guardo como valioso, desse tempo todo que eu dei aula no curso de matemática. E porque eu também comecei, logo depois, a escrever os livros de Cálculo¹¹³. Eu acho que os primeiros livros que saíram ainda não era 1990, ou era na década, início da década de 90, por aí. E aí na licenciatura teve alunos que fizeram Introdução ao Cálculo, Cálculo I, Cálculo II, Cálculo III comigo, daí foram fazer Mestrado comigo [risos] na Engenharia de Produção e depois Doutorado. A Engenharia de Produção, na época, era muito aberta, e teve alunos que conseguiram trabalhar Educação Matemática na Engenharia de Produção. Uma delas é Ivanete Zuchi¹¹⁴. Se você quiser entrevistá-la, ela trabalha na UDESC de Joinville, eu acho que talvez fuja da sua janela de tempo, mas, de todo modo, fez Educação Matemática, trabalhou com umas coisas bonitas, já no Mestrado, sobre as dificuldades dos alunos entenderem Limite. E era um trabalho bem bonito que ela

¹¹³ A depoente é autora da coleção de livros de Cálculo: GONÇALVES, M. B.; Gonçalves, D. **Elementos de Análise**. Florianópolis: UFSC/EAD/CED/CFM, 2009. v. 1. 158p. GONÇALVES, M. B.; FLEMMING, D. M. **Cálculo B - Funções de várias variáveis, integrais múltiplas, integrais curvilíneas e de superfície**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. v. 1. 435p. FLEMMING, D. M.; GONÇALVES, M. B. **Cálculo A - Funções, limite, derivação e integração**. 6. ed. revista e ampliada. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. v. 1. 448p. GONÇALVES, M. B.; FLEMMING, D. M. **Cálculo C - Funções Vetoriais, integrais curvilíneas e de superfície**. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2000. v. 1. 425p. GONÇALVES, M. B.; FLEMMING, D. M. **Cálculo B - Funções de várias variáveis, integrais duplas e triplas**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1999. 450p. e; FLEMMING, D. M. ; GONÇALVES, M. B. **Cálculo A - Funções, limite, derivação e integração**. 5. ed. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1992. v. 1. 617p.

¹¹⁴ Ivanete Zuchi. O desenvolvimento de um protótipo de sistema especialista baseado em técnicas de RPG para o ensino de matemática. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Mirian Buss Goncalves.

fez, bem bonito. Depois ela também fez Pós-Doc na França, uma linha bem boa¹¹⁵. Na licenciatura em matemática, então, eu dava aula disso tudo. Dei muitos anos aula de análise matemática, e uma das coisas que chegou para a gente, que me alegrava e me ajudou muito, porque eu era colona, lá do interior, e hoje eu tenho certeza que existia muito *bullying*, embora a gente não enxergasse como *bullying* naquela época. E tenho essa certeza porque eu sou casada com uma pessoa que é aqui da ilha [Florianópolis], “manézinho da ilha”¹¹⁶. Nossos filhos e netos, e os amigos conhecem toda a história dele de antes da Universidade, de quantas tainhas pegaram, de quantas vezes ele foi com o pai dele na Lagoa [da Conceição] e como traziam as tainhas, tudo isso. E essas pessoas não conhecem nada da minha vida, da minha história. Daí eu comecei a refletir sobre isso agora, mais na idade madura, e percebi que é porque a gente tinha vergonha. Porque a gente tinha vergonha de dizer que levantava de manhã, tirava leite de quatro vacas, que ajudava trilhar milho, que cuidava da lavoura, do campo. Isso então era uma espécie de *bullying*, porque quando a gente ia falar, eles riam da gente, sempre era uma piada. Eu não tinha essa consciência de que era *bullying*, mas eu me fechei, o resultado foi que eu me fechei de não contar. Por exemplo, meu marido dizia que era só nós pensarmos em ir para Medianeira, que já trocava um erre por dois erres. Então, isso é uma coisa que eu me lembro de quando eu estava dando aula. Às vezes uma palavra, mas será que é com um erre ou é com dois? E daí eu tentava achar outra palavra para não dizer aquela. Então, essas coisas. Não só eu, mas muitas pessoas. Porque na minha visão, muita gente que foi fazer Matemática ou outros cursos, que nem minha irmã que foi fazer Geografia, a outra, professora de Português, meu irmão mais velho professor de Português... Nós fomos muito pela facilidade de ser uma faculdade possível e de ter emprego. E todas essas pessoas na realidade tinham um pouco de vergonha dessa origem humilde. E, quando dentro da minha sala de aula, eu já estava mais madura, foi posteriormente, eu tinha alunos que começaram a vir, muito aluno, de Itapiranga, lá do Oeste, os alemães, de colonização bem fechada. E eu me lembro de que tinha um que dizia “eu di”, “eu fazi”, e os meninos começaram a rir. Daí eu disse assim: Não, aqui nós todos vamos aprender Português e Matemática. Então eu dizia: e como é mesmo? E todo mundo dizia: “eu dei”, “eu fiz”.

¹¹⁵ Estágio Pós-doutoral em Educação Matemática pelo Institut National de Recherche Pédagogique-INRP, Lyon-França, 2008.

¹¹⁶ Expressão usada por pessoas do interior do estado para definir os moradores da Ilha de Santa Catarina – Florianópolis.

E não foi só esse. Teve outra aluna que falava muito errado o português. Ela também é lá de São Lourenço do Oeste [oeste catarinense]. E eles venceram. Juntos. Eu fiquei até conhecida um tempão como a professora com quem todo mundo podia brincar e dizer suas origens, sem ter vergonha das suas origens, sem ter vergonha de não saber o português. Nós todos estávamos lá para aprender. Essa é uma experiência que eu tenho, bem bonita, que eu guardo comigo das aulas na licenciatura.

Lidiane: Representa todos nós do interior. Eu também quando saí de casa, para estudar, também foi um choque de cultura na verdade, uma cultura que não é da gente, uma cultura nova. Então, muitas vezes, a gente sentia receio até de abrir a boca para falar.

Mas a gente achava que eles tinham uma cultura superior. Porque meu pai, uma vez, teve a infeliz ideia de botar nós em cima de um caminhão e nos trazer para visitar os parentes em Santa Catarina, pois nós morávamos em Medianeira - PR. E aí ele parou em Joinville, onde meu tio era Padre, e aí as pessoas do colégio Santos Anjos, ali da região toda, todos de classe média alta, ricos, são cidades ricas, elas olhavam e diziam: “ooo bicharada!” Nós nunca nos esquecemos do “bicharada”. Então, hoje tem *bullying*, mas naquela era muito forte, muito forte. Eu não sei se era mais forte. É porque hoje também, por conta da internet, é muito visível. E diz que se propaga muito mais rápido. Mas naquele tempo as pessoas não tinham vergonha de desprezar os outros.

Lidiane: Quanta experiência, profe, e que belas lembranças! Então, a sua experiência docente é, majoritariamente, da UFSC?

Sim, minha vida, praticamente, como eu disse antes, tem mais UFSC do que qualquer outro momento. Porque eu nasci em 1953, entrei para começar a Universidade em 1972, com 18 anos. Eu estou com 65 e ainda estou na UFSC [risos].

Lidiane: Ainda está na UFSC?

Estou como voluntária na pós-graduação da Engenharia de Produção e ainda tenho aula no curso de Doutorado.

Lidiane: E por que Engenharia de Produção?

De novo, porque foi possível, porque daí eu já estava casada. Ah, o meu Mestrado, a gente pulou o Mestrado na Matemática. Porque eu tinha o Mestrado, já estava escrevendo livros de Cálculo, dava aulas de Cálculo, mas me faltava aquele

tripé que eu considero: pesquisa, ensino e extensão. Faltava a pesquisa. E a professora Diva¹¹⁷, que escreveu os livros comigo, também sentia essa necessidade, aí fomos fazer umas disciplinas na Engenharia de Produção e nos aceitaram lá. Quando abriu o curso, já nos candidatamos. Eu sou da primeira turma do curso de Engenharia de Produção. Toda minha formação matemática deu para ser usada, para fazer matemática aplicada dentro da Engenharia de Produção. Área de transportes e área de logística. Lá eu orientei muitos alunos, porque, com a nossa Matemática, do meu departamento, que tinha o Mestrado puro, os alunos não se davam bem com provar teorema e tudo. Eles tinham uma capacidade diferente e não precisam ser alunos de conceito A, de nota 10, para fazer um bom trabalho. Isso eu descobri também ao longo da vida. Às vezes, os alunos que tiram 7 ou 8, que a gente discriminava muito, pois o Mestrado em Matemática na UFSC só queria aluno muito bom, eram os que faziam trabalhos belíssimos na área mais aplicada, numa área diferenciada.

Mas meu Mestrado como é que era? Foi assim: a gente se formou em Matemática e foi aquele bando de professor jovem lá para o Departamento de Matemática. Tinha um professor chamado Walter de Bona Castelan, que já faleceu na década de 80, quando caiu aquele avião da TransBrasil, em Florianópolis. Ele era muito visionário e disse: “vou criar um Mestrado”. E criou o Mestrado na Matemática pura. Então, nós todos fizemos o Mestrado que a CAPES considerava muito endogênico. Para ser bom, tem que ter professor de fora, alunos de fora, tudo. E o nosso era fechadinho, porque, praticamente, eram só professores dali que estavam fazendo o Mestrado. Daí abriu-se para professores estrangeiros, que não sabiam falar português, e nosso Mestrado foi assim a trancos e barrancos, mas nos formamos mestres, aqui na UFSC.

Lidiane: Quando foi isso?

Terminei em 1980. Eu tive o primeiro orientador chamado Teófilo. Ele também já morreu. E eu perdi uma criança, um bebê de um ano no meio desse meu mestrado. Foi muito traumatizante para mim [silêncio]. E daí, depois, quem foi o meu orientador do Mestrado foi o professor Bil¹¹⁸, marido da Carmen¹¹⁹. Ele era americano. E, de fato, eu terminei o Mestrado em 80. Sem afastamento. No caso, a

¹¹⁷ Diva Marília Flemming.

¹¹⁸ William Glen Whitley.

¹¹⁹ Carmen Rosa, professora do curso de matemática da UFSC.

gente dava as aulas normais [durante a semana] e ia estudar na universidade aos sábados, pela manhã. Tudo com criança pequena em casa. Era muito louco. Igual você faz agora e continua. Tem que ter, assim, um pouquinho de idealismo, um pouquinho de... não é sacerdócio, que eu não gosto de dizer que professor tem que ser sacerdote, mas se pensar só em dinheiro, não se faz nada. E vou contar mais: quando eu estava fazendo o Mestrado, eu ganhei o Maurício, que é meu segundo filho. Eu perdi um e depois eu ganhei o Maurício. E eu, com bebê de 15 dias, levantava às 5 horas da manhã para escrever a dissertação para poder passar no concurso de adjunto. Estávamos na ditadura militar, veio o Golbery¹²⁰ e a primeira greve dos professores das universidades em 1980. Eles passaram todos os professores para Assistente por decreto. Então, meu concurso não serviu para nada.

Lidiane: Na época era feito concurso interno?

A gente entrava como Auxiliar de Ensino e depois fazia concurso para assistente – Mestrado, para depois fazer para Adjunto – Doutorado, e depois para titular, cargo superior. E nesse negócio de Auxiliar de Ensino para Assistente, eu levantava 5 horas da manhã com meu filho de 15 dias. A partir daí, todo mundo entrou por decreto¹²¹ do Golbery, no final de 1980. Eu nunca consegui ser titular também. Eu terminei como Adjunto, porque a mim nunca foi possibilitado fazer concurso pra titular. Depois eu fiz Pós-Doutorado no INSA de Rouen na França¹²², tudo em matemática aplicada. Era Modelagem Matemática aplicada a Transportes.

Lidiane: Profe, quando a senhora terminou o Doutorado, começou a ministrar aula na Pós-Graduação, ou com Mestrado, a senhora já participava dos cursos?

Não, Pós-Graduação nunca participei, nunca dei aula na Pós-Graduação da Matemática. Teve uma época em que criamos, não vou saber precisar as datas, mas tem outra pessoa aqui, que é a Regina Flemming Damm. Então, nós criamos uma especialização em matemática, que durou alguns anos. Foi a única especialização em matemática que teve nesta época, antes, eu acho, de 90. Não, foi depois de 90, não sei quando foi, não vou saber precisar quando foi, mas a gente criou esse curso de especialização em matemática daí vários professores da rede pública fizeram pela UFSC. Mas sempre foi difícil, porque, como eu fiz Doutorado na Engenharia de

¹²⁰ Golbery do Couto e Silva foi general brasileiro, chefe da casa civil, durante o período militar no Brasil. Tornou-se reconhecido como um dos principais teóricos da doutrina de segurança nacional, sendo um dos criadores do Serviço Nacional de Informações.

¹²¹ Decreto nº 85.487, de 11 de dezembro de 1980, que dispunha sobre a carreira do magistério nas instituições federais, autárquicas e dava outras providências.

¹²² Institut National des Sciences Appliquées de Rouen, INSA, França.

Produção, eu nunca fui aceita para ser professora nos cursos de matemática. Por exemplo, a Regina¹²³ fez Doutorado em Educação Matemática, professor Mérciles Tadeu Moreti fez Doutorado em Educação Matemática na França. Esse pessoal nunca conseguiu dar aula na Pós-Graduação e também nunca se abriu concurso para uma vaga para Educação Matemática, na nossa época, porque os outros barravam, porque achavam que não sabíamos matemática o suficiente porque tínhamos outra formação. Tem um preconceito dentro dos departamentos, muito forte, contra a Educação Matemática, porque acham que as pessoas não sabem matemática para ser de um departamento de matemática.

Mas isso eu acho muito triste. Porque, claro, você nunca vai conseguir ensinar técnicas, como ensinar para algum professor como fazer o aluno aprender, se não sabe o conteúdo. Então, para mim, é uma coisa básica: eu tenho que saber o conteúdo, entender o sistema de numeração decimal para poder transmitir, porque vou precisar fazer uma transposição didática. Eu vou ter que ler, entender, me apoderar daquele conhecimento e ver como vou passar aquele conhecimento para as crianças. Porque dizer que vai dar uma cadeira de topologia, de análise matemática, sem conhecer os conteúdos, eu não acredito que dê, que seja possível. Nem de cálculo, principalmente os cálculos de várias variáveis. Cálculo I, tudo bem, que é..., se bem que mesmo cálculo de limite e derivada, você sabe muito bem que muita gente termina a vida sem conseguir entender. Assim como eu também não entendo a física quântica. Por mais que me falem, eu não consigo entender.

Lidiane: Profe, a senhora lembra sobre o curso da UFSC? Ele foi criado em 1968... . A senhora começou em 1972. Então, havia cerca de quatro turmas, mas ele estava bem no início ainda.

Tem outras pessoas que conhecem a história, a professora Neri¹²⁴, a professora Carmen¹²⁵, o professor Aparício¹²⁶... A professora Maria Helena Oltramari¹²⁷ tem uma memória super boa. A Jane de Oliveira Crippa¹²⁸ está disposta..., tem tanta gente que você vai passar um ano entrevistando todo mundo desse jeito. Mas tem muita gente que mora aqui em Florianópolis e com quem seria possível você falar... Digamos que já existia uma turma de formados, que foram os

¹²³ Regina Flemming Damm

¹²⁴ Neri Terezinha Both Carvalho iniciou o curso de Licenciatura em 1974 e finalizou em 1978.

¹²⁵ Carmem Suzane Comitre Gimenez, professora aposentada pela UFSC.

¹²⁶ Aparício Siqueira Filho, professor aposentado da UFSC.

¹²⁷ Maria Helena Maia Oltramari, professora aposentada pela UFSC.

¹²⁸ Jane de Oliveira Crippa, professora aposentada pela UFSC.

meus professores. A primeira turma de formados já começou a dar aula para gente. Meus professores foram o Aparício, a Maria Helena, a Maria da Graça Rodrigues Araújo¹²⁹, a Balster¹³⁰, o Toninho¹³¹, o professor Bosco¹³². O professor Bosco foi diretor de centro. Já falecido. Faleceu muito novo.

Lidiane: Foi o primeiro coordenador, que não era coordenador, era integrador. É isso?

Então, ele não era da primeira turma, ele se formou em outro lugar. Mas tem gente que eu tenho certeza que se formou ali. A Maria Helena Balster¹³³. Eles falavam sempre. Dorado¹³⁴, Toninho, Tothi¹³⁵, também são dessa turma, anterior a minha.

Lidiane: Professora Sônia me falou dele, Antônio Carlos, Tothi. Profe Mirian, como era o curso quando a senhora entrou? Havia muita concorrência para entrar no vestibular?

Não, como eu disse, eu entrei pelas ciências físicas e matemáticas. Daí a concorrência era grande, muito grande, sei lá, 10, 8 por 1, mas era em função das engenharias. E daí, para escolher matemática, não tinha concorrência nenhuma. Quem quisesse pegava. Só que o problema era passar nas cadeiras, pois elas tinham fama de ser difíceis. Daí tinha muita gente que começava e desistia. E não tinha outra forma. Eu me formei com um pinga de gente, nem teve formatura, de fazer uma festa grande. Eram bem poucas pessoas com quem eu me formei. Formavam poucos.

Lidiane: A senhora lembra-se de ter alguma adaptação legislativa enquanto a senhora estava fazendo o curso?

Que eu peguei? Sim, foi essa adaptação, eu não sei se foi de nível federal, mas foi essa história de se fazer o básico todos juntos e optar pelo curso que se quer só depois do básico. Isso foi uma modificação enorme. Foi uma transformação, uma experiência que não deu certo, mas que mexeu com toda a estrutura da nossa

¹²⁹ Professora pertencente ao quadro inicial de docentes do Departamento de Matemática da UFSC.

¹³⁰ Maria Helena Cordeiro Balster, professora da década de 1970, pela UFSC

¹³¹ Antônio João da Silva pertencente ao quadro inicial de docentes do Departamento de Matemática da UFSC.

¹³² Pedro José Bosco, pertencente ao quadro inicial de docentes do Departamento de Matemática da UFSC.

¹³³ Aluna da primeira turma de Licenciatura em Matemática da UFSC.

¹³⁴ Luíz Alves Rodrigues, aluno da primeira turma de matemática da UFSC.

¹³⁵ Antônio Carlos Gandolfo Dutra, aluno da primeira turma de Licenciatura em Matemática da UFSC.

universidade. Foi traumatizante. Depois que entrei na Licenciatura em Matemática, até o fim, eu não me lembro de ter tido nenhuma mudança.

Lidiane: E como eram as condições de estrutura da universidade? A senhora já falou que era no meio do mangue...

Na época eram horríveis, e não havia cultura diferenciada. Eu lembro muito dos banheiros imundos. Daí nós tivemos na federal um Reitor chamado Stemmer¹³⁶, que mudou tudo. Ele conseguiu mudar muito a cultura universitária da época. Ele pôs um funcionário na frente de cada banheiro, fazendo com que os banheiros ficassem limpos. Dizem que ele chegou a esvaziar pneu de quem botava o carro fora do estacionamento [risos]. Então, a cultura era muito ruim. Depois que eu conheci, que eu entrei lá, eu via que as primeiras pessoas com que os alunos procuravam fazer contato, fazer amizade, eram com as “matutas” do interior, digamos assim. Eram aqueles que diziam: “Ah, o básico, não, ninguém sai virgem do básico. Todo mundo reprova em alguma disciplina.” Era assim o ambiente. A gente tinha que tomar um cuidado no início, porque se a gente escolhesse o lado errado, poderia ir para o caminho errado. Eu acho que escolhi o caminho certo sempre. Bom, eu sempre fui muito “caxias” e sempre tirei notas muito boas. Sempre gostei muito da matemática. Sempre disse que a matemática é cor de rosa. E também, para mim (vou vender o meu peixe), era uma questão de motivação. Eu tentei a vida inteira ensinar meu marido a limpar o fogão e ele nunca aprendeu. E não é porque ele não é inteligente, é que ele não tinha vontade mesmo. Acredito que nossos alunos passam muito pela motivação.

Na época, eu gostava muito da matemática. Nas fases posteriores, eu trabalhava 8 horas por dia e, à noite, estudava, sábado, domingo... para continuar a tirar aquelas notas boas. Na verdade, não sei se eu queria nota boa ou se era porque eu gostava mesmo. Teve uma época que eu trabalhei no Tribunal de Justiça como escriturária e datilógrafa, achei aquilo a coisa mais horrível da minha vida,

¹³⁶ Caspar Erich Stemmer, nascido em 1930 em Novo Hamburgo (RS), o professor Stemmer foi um dos responsáveis pela implantação do curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Santa Catarina, instituição criada em 18 de dezembro de 1960. Em 1962, a partir de convênio com a então Universidade do Rio Grande do Sul, vários professores gaúchos passavam três dias por semana em Florianópolis dando aulas e preparando os instrutores locais que os substituiriam mais tarde. De 1974 a 1976, ele assumiu a coordenação do Programa de Expansão e Melhoramento das Instalações do Ensino Superior do Ministério da Educação, conhecido como Premesu. De 1976 a 1980, o professor Stemmer foi reitor da Universidade Federal de Santa Catarina e, nesse período, a participação dos docentes em regime de tempo integral cresceu de 37,8% para 67%. Fonte: <https://noticias.ufsc.br/2012/12/trajetoria-do-professor-stemmer-foi-marcada-por-conquistas-importantes-para-a-universidade/>.

embora ganhasse um salário bem maior do que aquele que eu ganhava quando fui dar aula. Eu fui dar aula no Instituto, nas turmas de 2º ano científico, e no colégio Anchieta também, na 8ª série, mesmo assim eu preferia dar aula. Mesmo que no Tribunal eu ganhasse muito melhor e eram só 6 horas, era tranquilo, eu não suportei aquilo. Então, eu descobri que eu tinha vocação para ser professora, mesmo não ganhando bem.

Lidiane: Como era o cenário político e social da época?

Eu tenho muito orgulho da minha geração, porque a gente fez a revolução dos pais e filhos e fez a revolução feminina. Então, só para citar um exemplo, naquele tempo, quando eu namorei a pessoa que hoje é meu marido, ele me levou na casa da vó: “Mas que menina é essa? Mas que menina é essa que está na faculdade? Que menina é essa que mora sozinha?” Existia um conservadorismo muito grande.

E outra, era período militar. Eu me lembro de que, em 70, na copa do mundo, era: “Brasil, ame-o ou deixe-o”, era “Brasil Grande”, era o Médici [presidente]. Em 80, nós fizemos aquela greve na universidade contra o Figueiredo, e ele deu esse aumento de 170% para a gente. Daí tinha um ministro que dizia: “Eu não sou ministro, eu estou ministro.” E daí ele caiu, claro, ele tava ministro e caiu [risos]. Mas, com relação à Ditadura Militar, a gente, na universidade, era muito ingênuo, vindo do interior, a gente não sabia que na universidade teve perseguição. Eu não cheguei a vivenciar. Mas tem uma pessoa que eles citam sempre, Cardoso, Marcos Cardoso Filho, se não me engano, ele chegou a ser professor. Dizem que vários foram presos dentro da universidade, que eram tirados de lá. O professor Bosco, lá da UNIVILLE, que era Faculdade de Ciências e Letras de Joinville, na época, contava que sempre salvou o meu irmão que era poeta das garras da ditadura. Meu irmão gostava de escrever e inovar. Escreveu um livro chamado Círculo Quadrado e liderava um Varal Literário. Aí dizem que a ditadura chegou para pegá-lo, e o professor Bosco conseguiu liberá-lo. Então, teve muitas intervenções. Naquela época, ao mesmo tempo em que a gente vivia a Ditadura, também não vivia. A gente não sentia tanto, porque não estava em um grande centro como Rio, São Paulo. Era mais de ouvir falar do que, propriamente, sentir, pois em Florianópolis as coisas estavam mais calmas.

Lidiane: É importante ouvir isso, pois muitos da minha geração estão querendo que volte o regime militar. Como explicar isso?

Mas eu choro. Tirei foto hoje, quer ver? Vou mostrar. Meu Deus, tirei a foto agora há pouco, chegando em casa, com muita vontade de chorar. Olha aqui, uma foto de um carro que estava na minha frente: “Tropa Bolsonaro, pela honra, moral, ética e pela família”. Gente, naquela época da ditadura, também foi assim, eles diziam: “Família, tradição e propriedade”, e foi uma junção de forças de extrema direita, para tirar o João Goulart. Mas teve um momento ainda pior, o sumiço dos jovens que fizeram a Guerrilha do Araguaia. E eu vivi isso, mas a consciência disso tudo veio para mim um pouco mais tarde. Quando eu tava na faculdade, mesmo que estivesse no auge de meu processo de formação, eu não tinha consciência. Só em 80 fui com meu filho lá para a praça. Meu filho Daniel nasceu em 76, ele é professor da UFSC hoje, nós fomos todos no centro da cidade pedir aumento de salário.

Lidiane: E ele se beneficiou com a greve, profe, pois hoje ele é professor da UFSC [risos].

Mas depois, eu fui também para tirar a Dilma. Naquela época, em 80, eu vi um monte de gente pedindo comunismo, pedindo não sei o quê, os da extrema esquerda. Eu quase voltei pra casa. E daí eu disse: “Não, eu quero salário, e vou ficar.” Daí, quando eu fui ali para tirar a Dilma, tinha um monte de gente, jovens, uns 30 anos, com escritas nas costas “Intervenção militar já”. Daí eu também quase voltei para casa. Daí eu disse: “Não, mas eu não quero nem uma coisa, nem outra”. E acabei ficando. Está horrível a situação do país hoje. Eu morro de medo.

Lidiane: Sobre os objetivos do curso, quando a profe frequentava, ele era licenciatura ou já tinha o bacharelado? Qual era o objetivo? Era formar professores?

Eu não lembro. É engraçado. Hoje a minha memória falhou. Eu acho que sou licenciada. Então, se tinha bacharelado, já era separado. Mas a gente estudava, mas era licenciado sim. Mesmo sendo licenciatura, não tinha o viés para formar professores de ensino médio, de ensino fundamental e médio. Tinha para aprender matemática. E hoje está assim de novo. Está formando um pingo de gente.

Lidiane: Profe, depois que você entrou na instituição, como docente, houve uma reformulação do curso, me conta um pouquinho como que foi?

Sim, mas acho que essa reforma talvez tenha sido já depois da sua janela de tempo. Eu acho que foi depois. Não tenho certeza. Mas, de todo modo, foi uma reforma muito bonita. Foi um grupo grande de professores, liderados pela professora

Carmem¹³⁷, pelo professor Waldir¹³⁸, que também já não está mais entre a gente. Eles reformularam a oferta de Cálculo. Entrávamos direto no Cálculo I, e eles resolveram ofertar Introdução ao Cálculo e Fundamentos em Matemática lá nas primeiras fases, para o aluno aprender bem tudo isso, pois era o objeto dele, pois ensinaria no ensino fundamental e médio. E outra coisa que mudaram foi retirar as cadeiras pesadas do bacharelado, do curso de licenciatura: Equações Diferenciais, Topologia, Análise I e Análise II, Álgebra. Na minha turma, todas as cadeiras pesadas de bacharelado nós tivemos na licenciatura. Então nós somos formados para ser bons professores da universidade [risos]. Essa que é a verdade: mesmo que se dizia licenciatura em matemática, nós somos formados pra ser bons professores de cálculo, de todas as cadeiras de engenharia, principalmente da matemática.

Lidiane: E como é que era a parte didática do curso? Era boa também? Forte?

[Risos] Não. Não era boa e nem forte. A parte didática, era assim, dependia muito do professor. Então, tinha aquele professor que gostava de ser professor. Mas tinham aquelas cadeiras que eram de formação de professor de matemática, que era sobre as leis, eu nem me lembro do nome das cadeiras. Legislação. Sobre a estrutura e o funcionamento do ensino, de primeiro e segundo graus. Todo mundo dizia que era perfumaria, ninguém se interessava por aquilo. Então, era um curso de licenciatura de mentirinha para eles, e os professores nossos eram assim. Aparício era um grande professor, Maria Helena Balster também, mas havia outros que não tinham nenhuma preocupação que a gente aprendesse. O negócio deles era ir lá e “vomitar” o conteúdo. Isso permeia a história da Universidade Federal de Santa Catarina, na matemática, desde o início. Até hoje é assim, não tem diferença. Infelizmente [risos].

Lidiane: Profe, como era o perfil dos alunos que ingressavam na Matemática da UFSC? Eles eram aqui de Florianópolis mesmo? Eles vinham de outros lugares...?

Quando eu estava me formando, tinha bastante gente daqui. Depois, quando eu comecei a dar aula, tinha muita gente do interior, que veio para cá. Bastante e bastante gente dessas bandas dos alemães [risos]. Mais do Oeste. Eu tive, por

¹³⁷ Carmem Suzane Comitre Gimenez professora assistente do departamento de Matemática da UFSC em 1989.

¹³⁸ Waldir Quandt professor adjunto do Departamento de Matemática da UFSC em 1989.

exemplo, uma aluna de São João Batista. Ela vinha todo dia de ônibus. Parece que todo dia saía cinco horas da manhã de casa e nunca chegou tarde à aula. E finalizou, foi minha aluna, na licenciatura, no Mestrado e no Doutorado. É professora da UDESC de Joinville. Então, bastante gente daqui sim, mas também atraía algumas pessoas do interior.

Lidiane: Profe, qual era o impacto deste curso para o estado?

Bom, eu acho que o impacto do curso para o estado foi formar professores para poderem atuar no nível superior do Estado. Na minha avaliação. Por mais que o rótulo fosse outro, o que a gente via era isso. Uns seguiam para ser professores da universidade; outros para depois exercer outra função, fazer concurso. Mas ficar em sala de aula do ensino básico, não. Na escola técnica tinha bastante. Hoje é universidade lá. Também iam para lá. Então, é possível que tenha relação com o salário. Pode ver que tem. Os pontos de concentração de egressos da UFSC são os Institutos Federais, Universidades Estaduais e Universidades Federais que, em sua maioria, possuem condições melhores de ensino. As condições de ensino sempre foram muito precárias nas escolas públicas. Formar professor para ir para essas escolas públicas era algo que não atrai o professor. Ele tem que pensar nele e na família dele. Eu acho que desde aquela época não vejo muita mudança. Muita evasão, muita evasão. Mesmo que forme gente, há evasão pra outras profissões.

Lidiane: Quando a senhora entrou como docente no curso, como eram as condições da instituição?

Tinha sala de aula, giz e espaço físico para aula. O problema nosso era o espaço físico para os professores. Porque nós éramos contratados em Dedicação Exclusiva (DE), e onde ficávamos? A gente se amontoou em alguns galpões que a Eletrosul doou para a universidade durante muitos anos, muitos anos. Era uns galpões com telha quente, quente, quente. Quatro pessoas dentro de uma sala. Então, para estudar, para atender aluno, tudo era difícil. Eu sei que comprei 4, 3 aparelhos de ar condicionado na universidade. Pra minha sala [risos]. Conforme fui mudando de sala, fui comprando ar! Para ter um pouco de condições de trabalhar, porque as condições eram bem precárias, principalmente no calor de Florianópolis. Novembro e março são dois meses terríveis. E esse galpão da Eletrosul, onde era o Departamento da Matemática, não tinha as mínimas condições de a gente ficar. E a gente era “caxias” e ficava. Mas eram bem difíceis as condições. Para dar aula tinha

salas de aula para os alunos, 40 alunos cabiam na sala, tudo bem. Tinha carteira, tinha tudo. O problema éramos nós: onde nós íamos ter nosso espaço?

Lidiane: Quando melhoraram essas condições?

Com a construção do prédio novo. Isso eu não sei precisar, porque eu ainda cheguei a ir para o prédio novo, mas nem todos foram. Alguns se aposentaram antes. Um prédio bem bonito da Matemática. Hoje estou com 65, então eu tinha 50 anos na época. Eu estava vivendo uma vida dupla. Explico: me formei no Doutorado em Engenharia de Produção e queria fazer pesquisa, mas o pessoal da Matemática não aceitou minha formação, pois eles são Matemática Pura, e eu não servia para aquilo. Daí eu fiquei como voluntária na Engenharia de Produção e trabalhava muito, uma vida dupla [risos]. Quando fiz 50, acabei pedindo a aposentadoria na Matemática e fiquei só na Engenharia de Produção.

Eu pegava muitos orientandos. Há 4 anos, eu disse que eu ia parar, daí fui diminuindo, diminuindo, e só tenho um que não se formou ainda. Só que agora eu estou fazendo uns outros projetos, não vou mais querer orientar. Tenho outros projetos de extensão e continuo, ainda estou me sentindo com vontade, mas eu já pedi para eles: quando eu começar a ficar gagá, por favor, me avisem [risos], que eu não quero ficar velha e gagá dentro da universidade.

Lidiane: E com relação ao colegiado, aos colegas do curso, como era?

As pessoas entravam recém-formadas, com o gás todo, mas aí já diminuía o ritmo [risos]. Até hoje, eu dou um conselho: entra, pega só um livro e estuda bem aquele. Quando dá a segunda vez, pega outro e dá mais uma olhada. Tem uma coisa bem bonita, eu vou contar, que a gente ria muito. Teve uma tarde que nós todos do colegiado ficamos no departamento, pois tínhamos dado uma lista de exercício de cálculo para os alunos, e ninguém conseguia resolver uma integral. Ninguém conseguia. Eu passei uma tarde toda, até que, no dia seguinte, alguém abriu um livro e disse assim: “olha, uma das funções que não tem primitiva entre as funções elementares de cálculo” [risos]. Tínhamos ficado em 15 pessoas procurando uma integral de uma função não integrável. Então, era isso, eu sempre fui humilde, eu sempre pedi ajuda. Porque a gente ia dar aula pras engenharias. Pegava as engenharias pesadas com alunos que eram bem bons. E dava aula para matemática, eu sempre dei aula para matemática também, mas a maior parte dos colegas não: só entrava para dar aula para engenharia. Então, os colegas se ajudavam, e isso era uma festa. Era bem alegre o departamento.

Lidiane: O contrato dos professores do Departamento de Matemática sempre foi dedicação exclusiva?

Não, não precisava ser DE. O Toninho¹³⁹, por exemplo, nunca teve DE. Poderia ter contrato de 20 horas ou 40 horas ou DE. Vários professores que davam uma aula ou tinham outra atividade davam aula na UDESC, tinham outros interesses, não eram DE. Eu sempre fui DE. Quando eu dava aula no Instituto e no Padre Anchieta, deixei os vínculos e fiquei só na universidade, pois era muito melhor. Foi bem na fase da procriação, fui tendo filhos e diminuindo o ritmo.

Lidiane: Profe, olhando para sua trajetória, o que a senhora acha que foi o maior enfrentamento, com relação à educação, na sua história de formação ou na sua história profissional? Ou os seus enfrentamentos...

Tive um grande enfrentamento quando saí de Medianeira e fui fazer o ensino científico em Joinville. Eu ficava no colégio das freiras da Divina Providência, chamado Santos Anjos. E a gente trabalhava, e eu estudava o científico à noite, no Colégio Estadual Governador Celso Ramos. Um trabalho braçal, que foi muito triste, porque, quando as meninas saíam, a gente tinha que entrar com as vassouras para limpar a sala de aula. E elas debochavam muito da gente. Foi um enfrentamento social difícil para mim. Quando saí de Joinville, que me deu essa loucura de vir com outro rapaz que estudava comigo para Florianópolis, viemos fazer a inscrição e fazer o vestibular na UFSC, e passamos. Ele é médico e até hoje mora aqui. Neste momento, o enfrentamento foi de morar sozinha, porque não tinha nenhum irmão meu aqui. Meu Deus! 18 anos, não tinha internet, não tinha como falar com ninguém, era só por carta, de três a quatro cartas por ano, para a família. Esse amadurecer, meio forçado, foi um enfrentamento muito grande.

Meu pai sempre foi uma pessoa muito alegre, ele adorava que a gente contasse as coisas de escola e queria que estudássemos. Porque ele era meio engenheiro, inventava trilhadeira¹⁴⁰, inventava roda d'água, inventava não sei o quê. Então, ele sonhava com isso. As pessoas diziam que ele era louco por deixar as filhas, meninas, irem para a cidade. Era como se fosse levar para um "puteiro", era assim na cabeça de alguns. Então, quando eu cheguei em Florianópolis, enfrentar a família do meu marido, foi essa sensação. Todos diziam: "mas que menina é essa?"

¹³⁹ Antônio João da Silva pertencente ao quadro inicial de docentes do Departamento de Matemática da UFSC.

¹⁴⁰ Maquinário usado para extrair grãos de sua planta. Tipo de colheitadeira usada na época.

Que mora sozinha numa república com outras meninas?” Que anda com o Deca [namorado], sozinha. A dificuldade nunca foi do conteúdo. Não. Sempre foi a dificuldade social. E eu era tímida naquela época. Bastava falar de mim que eu já ficava vermelha. Mesmo quando entrei no Departamento de Matemática, tendo passado no concurso. Quando, numa reunião do colegiado, eu precisava falar, eu ficava muito vermelha, era muito difícil. O enfrentamento social, para mim, sempre foi mais difícil.

Foi o que mais me marcou. De conteúdo não, de conteúdo, eu levava, como se diz [risos], “dez na testa”. Depois, com o amadurecimento, a gente percebe, mas era difícil. Na época era um jeito de a gente chegar e dizer: “Olha, eu venci”. Você sabe, Lidiane, você também é de descendência italiana, tem muita formação forte em casa. Uma vez, que todo mundo foi se confessar no sábado, chegamos em casa com cheiro de bergamota, minha mãe mandou todo mundo se confessar de novo, porque ela descobriu, pelo cheiro, que tínhamos passado no pomar da vizinha [risos]. Lembro que o padre disse para mim, ele era estrangeiro: “ah, foram roubar bergamota? Tá bom, tá bom, três Aves e um Padre nosso” [risos]. Essa formação muito rígida eu sinto em alunos que vieram de Porto Novo, que é Itapiranga - SC. Mas eu li um livro, se você um dia puder ler, é “Os Sinos se dobram por Alfredo”. É a história da colonização de Porto Novo/ Itapiranga. Foi uma das colonizações alemãs mais fechadas do Brasil. Tem um dos professores que trabalha comigo nesses projetos, o Marino¹⁴¹, que é da UDESC de Ipirama, fez o Doutorado comigo. Ele fez muita terapia para passar tudo isso, mas ainda é forte, é muito forte essa educação rígida. E com relação a achar que gente falava errado, então, nossa!

Lidiane: Uma vez, logo que eu assumi o concurso da Universidade, eu “puxava” muito o “r”, e uma professora de Linguística, formada na UFSC, professora Cláudia Rost, conversou comigo sobre isso, ela me disse: “não se preocupe em falar diferente, isso é um direito seu. E quem questionar, você diga que isso é um preconceito linguístico”. Isso me ajudou muito.

Ah, vou ter que anotar. Preconceito linguístico, eu não sabia que existia não. A minha folhinha, dá uma folhinha destas, que isso eu quero guardar para as minhas lembranças. É porque hoje tenho muita noção de que isso não é errado, e sim, regional. Mas claro, por ser linguístico, não significa que a pessoa escreva errado,

¹⁴¹ Marino Luiz Eyerkauffer

nisso eu sou meio conservadora, escrever certo. Mas preconceito linguístico, eu acho muito bonito, porque se você pensar bem, os manezinhos daqui da Ilha, eles têm o jeito de falar deles, que é cantadinho, oioioio, e falam muito rápido, muito rápido. Todo mundo aqui debocha dos colonos que puxam o “r”, e nós, alemães e italianos, não nos importamos com o jeito engraçado que eles falam. É engraçado, porque aqui tem grupos de teatro, tem manezês¹⁴², vocabulário, inclusive. Eu nunca vi um vocabulário “alemãozês”.

Lidiane: Não, nós tentamos esconder isso.

É porque sempre disseram para nós que era errado, por causa disso que eu falei sobre o *bullying*. A gente tinha vergonha de ser da roça, em vez de ter orgulho. Hoje que eu estou contando para os meus netos, comecei a contar, mas eles não acreditam que é verdade. É, porque, de fato, o avô contou tudo para os filhos. E eu nunca contei minhas coisas para eles. Então, se os meus filhos não sabem, como é que os meus netos vão saber? Não sabem. Que coisa, né?

Lidiane: Profe, tem mais alguma coisa que a senhora acha relevante sobre sua vida profissional ou acadêmica que a senhora não se lembrou de contar?

A única coisa relevante e que me deixou um pouco chateada é que, em função desse preconceito contra a formação que não é de Matemática Pura, eu nunca consegui fazer concurso para titular. E eu sou pesquisadora do CNPq, eu consegui atingir até o nível I D, acho que não é pouca coisa. Mesmo assim, não consegui fazer o concurso e fiquei como adjunto, que ganha muito pouco. Porque depois, nesses últimos governos, botaram aqueles planos de carreira que têm o associado entre o adjunto e o titular, e o salário da gente ficou muito baixo. Estagnado e baixo. Isso me chateou, porque isso foi preconceito dos colegas, não foi do governo. Foi desses colegas que têm essa visão que você deve sentir também. Se um dia você for para o Departamento de Matemática, vai sentir esse preconceito, porque ele continua forte, ainda hoje. Tenho exemplos claros da UDESC de Joinville, por exemplo. Precisa ter a formação toda em Matemática para poder fazer concurso para titular. A licenciatura vai ficar esquecida. Vai deixar de ser licenciatura de novo para ter aquele viés de ensinar matemática como se fosse um bacharelado. Ou seja, formar professores de nível superior de matemática. Porque daí faz um pouco de pedagogia ali, de estrutura e funcionamento, de psicologia, de não sei o quê, então

¹⁴² Dialeto falado na Ilha de Santa Catarina.

está ok. É assim que vai funcionar. Uma pena, perdemos mais uma vez na formação docente.

Lidiane: Profe, eu tenho uma curiosidade, como é que foi escrever os livros de cálculo? A senhora falou pouco sobre isso.

É. Essa é uma parte que me deixa muito orgulhosa na minha profissão. E para você ter uma ideia do trabalho que dá, eu tive uma menina que morou comigo e cuidava dos meus filhos durante oito anos. Um dia, ela disse assim para mim: professora Miriam, se fosse para eu ficar rica e ter que trabalhar assim, que nem você trabalha, eu não queria não, prefiro morrer pobre como eu sou [risos].

Porque os livros foram trabalhados metodicamente. A Diva e eu, a gente distribuía os conteúdos. Ela escrevia um pedaço; eu, outro. Daí eu lia o que ela tinha feito, e ela lia a minha parte, para ficar padronizado. Criávamos os exercícios; ela resolvia os meus; eu resolvia os exercícios dela. E a gente conferia os resultados. Tudo muito trabalhoso. São 3 no total: Cálculo A, Cálculo B e Cálculo C. O Cálculo A era da editora da UFSC, depois migrou para a Makron Books, que depois foi comprada pela PEARSON. A Pearson pediu para juntar o B e o C, que era Cálculo Vetorial e o B, Cálculo de várias variáveis. Essa junção, para mim, não foi muito feliz, porque a gente acabou voltando um pouco atrás nos conteúdos de várias variáveis e nos conteúdos de cálculo vetorial. Picou o livro. E eu acho que não foi bom. Eu até voltaria atrás, se fosse hoje. Então tem o Cálculo A, Cálculo B e Cálculo C, mas o A é mais conhecido, pois tem curso de Administração que usa ele.

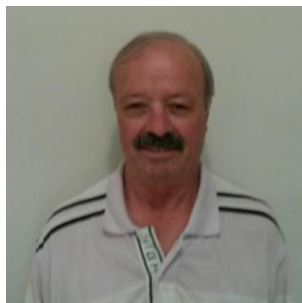
Lidiane: Meus cursos de Cálculo foram com seu livro.

Nossa, é muito bom saber que as pessoas estudaram com o livro da gente, que a gente escreveu, muito legal. Eu posso levar você na minha biblioteca para ver a evolução física dos exemplares, das edições.

Lidiane: Que legal, profe! Eu quero sim. Parabéns e obrigada por compartilhar comigo essas memórias.

4.6 Aroldo Moretto

Fotografia 6: Aroldo Moretto



Fonte: Arquivo pessoal do depoente

*Talvez uma das entrevistas
Concedidas com maior emoção,
Foi a do professor Moretto
A qual causou comoção.*

*Entre uma instituição católica e outra
Moretto nos faz lembrar
A falta que a família faz
Quando se sai estudar.*

*Ao optar por Matemática
O professor procurou
Uma instituição confiável
E a UFSC encontrou.*

*Depois de estar formado
Moretto se destacou
Fez concurso na UNIPLAC
E sua vida profissional começou.*

*Alunos do Planalto Catarinense
Com Moretto puderam contar
Lecionou por vários anos,
Até lá se aposentar.*

*A contribuição de sua obra
A toda uma região faz menção
Faz parte de sua história
E seu processo de intervenção.*

Meu nome é Aroldo Moretto. Em 1971, me formei em Matemática pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, no final do ano, fui a Lages prestar um concurso, na UNIPLAC, porque eles estavam precisando de professores com formação em Matemática para trabalhar, principalmente, nas áreas de Álgebra, Geometria, enfim, em disciplinas importantes do curso de Matemática. Eu fui a Lages, fiz o concurso e classifiquei em 1º lugar; no fim do ano de 1972, comecei a lecionar no curso de Matemática da UNIPLAC.

O curso de Matemática, em Lages, começou em meados de 1970, se não me engano, deve ter sido no segundo semestre de 1970. Então, quando eu cheguei, o curso estava no seu quarto semestre. Assumi as disciplinas de Álgebra I e II, visto que o professor que trabalhava com essa disciplina era um arquiteto e não tinha formação para tal, conforme a nova visão da Matemática. Trabalhar com as estruturas algébricas, estruturas de anel, de grupo, não, ele era um operacional, fazia contas, fazia cálculos, e o curso de Matemática nós sabemos, não é só isso. Engloba muito raciocínio, muita formação, o porquê das coisas.

Fui o primeiro professor contratado para o curso, que tinha Licenciatura em Matemática, a chegar em Lages. Havia uma professora que tinha formação em Matemática, mas não era Licenciatura, era Bacharel, a professora Rose, não me lembro mais do nome completo dela. Trabalhamos um tempo juntos no curso de Matemática da UNIPLAC, depois ela se desligou, então me coube a responsabilidade de, dentro do trabalho, tentar inovar um pouquinho. Precisava mudar aquela visão do curso, de basicamente cálculos. Precisava buscar outras formas de raciocínio e trazer coisas novas, principalmente das estruturas, que era a minha área, Topologia. O curso, na época, era estruturado com uma parte de Física, uma vez que o curso de Matemática da UFSC, que foi depois implantado na UNIPLAC, habilitava os formados para lecionarem Matemática e Física em nível de primeiro e segundo graus na época, hoje, fundamental e médio.

Eles tinham algumas disciplinas na Física, faziam inclusive, depois, o estágio no final do curso de Matemática e também de Física, enfim, eles recebiam aquela carteirinha do MEC habilitando como tal. Os alunos, na época, tinham um diferencial no pagamento por serem habilitados na disciplina de Física também.

Então, em 1972, eu comecei na UNIPLAC, e o curso era estruturado, basicamente, pelas disciplinas fundamentais. Algumas foram introduzidas mais tarde, mas a parte inicial do curso foi assim: Geometria, Álgebra, Física, Cálculo,

essas eram as disciplinas básicas que se trabalhava no curso. O curso funcionava no Colégio Diocesano, cedido gratuitamente para a Instituição, e nós tínhamos aula a semana toda e aos sábados à tarde também. Eu fui um dos contemplados, por ser novato no curso, a ministrar aulas no sábado à tarde. Mas deu tudo muito certo. E o interessante é que, das primeiras turmas do curso de Matemática – eram turmas pequenas, no máximo vinte e cinco alunos – quase 100% dos alunos eram professores de Matemática no Estado ou em escola privada, mas basicamente nas escolas do Estado, que, porém, não tinham formação em Matemática.

Eles tinham a prática, mas não tinham a formação, e era em busca disso que eles estavam. Em meio aos primeiros alunos, tinha diretores de colégio e alunos com vinte anos de experiência como professor de Matemática, entre outros. Alunos que faziam atualizações de metodologia de ensino, de didática, em cursos do MEC, porque o conteúdo eles iam buscar dentro dos livros, do material que eles tinham, e desenvolviam aquilo. Então, nenhum dos alunos que estavam fazendo curso de Matemática tinha experiência de trabalho em nível superior. A experiência deles era de escolas públicas, eles eram profissionais que aprenderam a Matemática pelo próprio esforço, buscando em livro, em apostila.

Quando eu cheguei, eles tinham uma boa fundamentação do trabalho matemático, do cálculo matemático, de como fazer as operações, mas não tinham a vivência da nova visão da Matemática, estruturas de grupos, de anéis, todas essas propriedades que envolvem a Matemática. Eles não tinham a menor noção, o que me permitiu desenvolver este trabalho aliado à forte fundamentação que eles possuíam. Isso foi em 1972, 73, 74, depois de 74 já começou a aparecer outro tipo de aluno, que era o que vinha da escola pública, mas que não exercia Magistério. Eles chegavam com muita dificuldade com relação à nova visão da Matemática¹⁴³, dificuldades com relação ao material didático também, mas, em sua maioria, estavam lá, pois queriam aprender, mas também buscar uma formação/titulação, uma vez que a legislação começou a apontar exigência para professor formado na área de atuação. Logo, nas primeiras, tínhamos alunos superinteressados,

¹⁴³ Movimento da Matemática Moderna foi um movimento internacional do ensino de matemática que surgiu na década de 1960 e se baseava na formalidade e no rigor dos fundamentos da teoria dos conjuntos e da álgebra para o ensino e a aprendizagem de Matemática. O Movimento da Matemática Moderna pode ser caracterizado como forte mudança no ensino de matemática da época (SANTOS, 2020, p. 370).

extremamente responsáveis, colaboradores na sala, enfim, um trabalho bem fácil de fazer.

Depois de um período, o curso sofreu algumas alterações e foi oferecido em período de férias: janeiro, fevereiro e um complemento em julho, nas férias escolares. E nós tivemos a felicidade de trabalhar, em torno de uma década, no período de férias, com professores de escola pública ou privada do interior do estado, não da cidade de Lages, porque estes tinham o curso semanal, mas para os do interior era mais difícil o acesso, o trabalho, as horas de estrada. Então, o curso de férias foi pensado exatamente para este público com dificuldade de acesso ao curso normal. Dessa forma, o Estado de Santa Catarina propunha, junto com a UNIPLAC, a formação de professores que não tivessem curso, no interior do estado. Nós tínhamos alunos do litoral ao oeste do Estado de Santa Catarina, alguns do Rio Grande do Sul que vinham e faziam o curso durante o período de férias. E, hoje, eu tenho a felicidade, às vezes, de caminhar um pouquinho, de ir de uma cidade a outra e encontrar ex-alunos, que foram alunos do curso de férias, uma coisa que me marcou bastante. E eles também valorizaram muito, pois era a oportunidade que tinham de se realizarem e aprenderem, se titular para melhorar a questão da remuneração, já que estavam vinculados ao Estado. A duração do curso de férias era de 4 anos.

A UNIPLAC deixou de funcionar no Colégio Diocesano, no Centro da cidade, e se transferiu para onde hoje funciona o Centro Universitário da Universidade da UNIPLAC, no antigo aeroporto, em sua sede própria. As instalações eram muito precárias, porque era interior, a dificuldade financeira era muito grande, as instituições basicamente viviam do que arrecadavam dos alunos e de alguns projetos que eram encaminhados em busca de algum recurso. Era trabalhar com o que se recebia da contribuição dos alunos e alguma outra doação. Foi um período muito difícil esse período inicial da Instituição. Com a formação dos primeiros alunos, das primeiras turmas, alguns se propuseram a trabalhar na Instituição, prestaram concurso, foram classificados e puderam contribuir, uma vez que o pessoal, os primeiros docentes – engenheiros e arquitetos – foram deixando a instituição.

Eles sentiram que o curso de Matemática não era bem aquilo que eles queriam. Então, o curso de Matemática começou a primar por pessoal formado especificamente em Matemática, e aí já se tinha uma visão da nova modalidade a se trabalhar dentro do curso de Matemática, coisa que a UFSC deve ter começado no

início dos anos 60, 64 por aí. A minha turma, que iniciou em 1968, era a quarta turma do curso de Matemática da Federal, não tinha nenhuma turma formada da Universidade Federal em Matemática. Então, a minha turma era a quarta turma a ser oferecida.

Lidiane: Naquele ano ia se formar a primeira turma de Matemática.

No final do ano, final do ano se formava a primeira turma de Matemática, na Universidade Federal. O curso que eu fiz foi um curso muito puxado, muito exigente, quase todos os professores eram oriundos da Federal ou da PUC de Porto Alegre.

Vários deles, professor de Topologia, de Álgebra, de Geometria, professor de Análise Real, pegavam um avião às seis e meia da manhã em Porto Alegre, desciam aqui [Florianópolis] sete e quinze, e sete e meia começava a aula na Universidade. No fim do dia, voltavam porque tinham trabalho nas Universidades de Porto Alegre. Então, eles traziam na bagagem uma visão muito grande, já que no Rio Grande do Sul esses cursos funcionavam há bem mais tempo, e eles tinham uma forma específica da época, uma cobrança muito forte, quem soubesse ia adiante e quem não soubesse ficava. Na nossa turma, começamos em quarenta, uma turma completa, o pessoal que fez vestibular. Em 1971, nós nos formamos em nove.

Foi uma peneira muito grande, a gente resistiu porque nós (contando um pouquinho da história da nossa vida acadêmica), além de morar em república e fazer as refeições no RU – porque a gente era do interior do Estado – tínhamos uma dificuldade muito grande. Criamos um grupo de estudos de quatro colegas e, aos sábados e domingos, quando havia provas pesadas, estudávamos, pois todo mundo trabalhava durante a semana, como uma forma de sustentar-se – pagar pensão, pagar transporte. E é isso, graças a Deus a gente conseguiu completar o curso. Mas terminamos em nove.

A UNIPLAC era formada por duas Instituições: a FACIP e a FACEP. A Faculdade de Ciências e Pedagogia (FACIP) era a área das Licenciaturas e tinha Ciências Sociais, Letras, Matemática... E a Faculdade de Ciências Econômicas (FACEP) tinha os cursos de gestão: Economia, Contabilidade, Administração... Depois, não lembro exatamente qual foi o ano, fundiram as duas Instituições e fundaram a UNIPLAC. A área das Pedagogias, da qual eu fazia parte, tinha o curso de Matemática, com uma estrutura bastante tradicional no início, muito próximo dos

cursos da região, da UFSC de Florianópolis, de universidades de Porto Alegre – UFRGS e PUC – e Universidade de Curitiba.

Com o passar dos anos, o curso foi se moldando dentro das novas exigências do MEC, introduzindo algumas disciplinas mais pedagógicas, didáticas de ensino, filosofia, enfim, outras disciplinas que vieram complementar. Então, a história inicial do curso é essa, uma história bastante difícil, pois tudo precisou ser moldado, inclusive os próprios alunos. A dificuldade de se adaptar à nova visão da matemática era a dificuldade maior. Novas estruturas que o curso de Matemática hoje oferece: não é somente cálculo diferencial, não é somente análise, nem somente Física ou Geometria... É um conjunto de coisas: raciocínio, demonstrações, deduções, o porquê das coisas.

Como professor trabalhando em escola pública, no estado – fui professor no estado durante vinte e sete anos, completei os trinta averbando três anos em escola particular e, uma vez completados os trinta, solicitei a aposentadoria e me retirei do estado e continuei na UNIPLAC – eu fazia muito com que os alunos soubessem calcular, mas que também soubessem pensar, analisar e entender o porquê das coisas. Às vezes, a gente comete erros, como é que às vezes a gente evita cometer erros? O espaço das avaliações, dos trabalhos de casa, porque às vezes a gente não pensa direito ou não entende direito. O responder a questão é um dos momentos da questão, primeiro você tem que ler, entender, tem que buscar o caminho, o formulário, as fórmulas e depois resolver. Então, todo esse encaminhamento os alunos vão ter, e depois eles vão compreendendo. “Entendeu? Não entendeu? Então, qual é a fórmula? A fórmula é essa aqui, ok. Então, agora vamos trabalhar com ela, vamos colocar os elementos que temos na fórmula e vamos buscar seu resultado.”

A gente trabalhava muito essa questão do raciocínio, do entendimento, com o aluno da escola, de Ensino Médio – pois trabalhei 95% do meu tempo de serviço com Ensino Médio – buscar esse entendimento que não era apenas para ser aplicado na Matemática, não, era para entender. Se você ler um artigo de uma revista, de um jornal, você tem que entender o que ele está querendo dizer. O porquê de aquilo estar colocado daquela forma. Então, muitas coisas, muitos erros a gente evita se a gente souber fazer uma boa análise. Prever o que pode acontecer se pegar o caminho errado e assim por diante, saber o que fazer...

Lidiane: Professor, eu gostaria de saber: quem é o Aroldo? De onde vem? Onde nasceu? Como foi sua escolaridade até chegar ao curso superior?

Pois é, a minha foi muito difícil. Eu morava com meus pais e meus irmãos no interior de Nova Prata, no Rio Grande do Sul, a uns 8 km da cidade, e a gente trabalhava na roça. Plantava e colhia. A minha escola municipal se situava a 3,5 Km da nossa casa, e eu e meus irmãos íamos e voltávamos, fazíamos esses sete quilômetros tranquilamente, pois a mãe sempre falava para gente: “Olha, estudem, porque senão vocês vão sempre ter que trabalhar na roça, e na roça é difícil, pé no chão, as formigas mordendo... Então, vão estudar. Vocês não precisam pensar em ajudar o pai e a mãe. Vão estudar!” Com oito ou nove anos, a gente já tinha um pouquinho essa perspectiva que íamos sair, fazer um curso fora.

Eu fiz todo o primário, foram cinco anos, porque naquela época o curso era estruturado de primeira a quarta série, mas como eu era muito novo, quando terminei a quarta série, eu tinha dez anos, comecei com cinco, e eu não podia ficar um ano parado. No interior, naquela época, existia o quarto ano adiantado. Eram aquelas crianças que tinham feito o quarto ano e que tinham possibilidade de avançar um pouquinho, aí a professora trabalhava com eles também. Fiz o quarto ano adiantado e, como tradição de família, com onze anos de idade – hoje nenhum pai, nenhuma mãe deixa um filho sair de casa – saí de casa e fui para o seminário. Em nossa família, temos muitos religiosos, irmãos do meu pai são quatro Irmãos Maristas¹⁴⁴ e na família da minha mãe são três religiosas, três freiras e um Irmão Jesuíta¹⁴⁵. Então, nós tínhamos oito religiosos na família, e aquilo passou um pouquinho para a gente, muito seminário, ensino religioso, uma vida mais tranquila, mais pacífica, viver dentro de uma estrutura....

Saí de Nova Prata em janeiro e fui para o seminário em Antonio Prado - RS. Eu só me comuniquei, só fui ver meu pai, minha mãe e meus irmãos no dia 13 de dezembro. Um ano sem falar, porque telefone era proibido, não adiantava nem insistir. Onze anos quando eu saí de casa. Faço aniversário em maio; saí em janeiro

¹⁴⁴ Congregação cristã fundada na França, em 1817, que tem por missão educar crianças e jovens, com valores humanos, éticos e solidários. Nos quatro cantos do mundo, em mais de 80 países, aproximadamente 500 mil pessoas são atendidas diariamente com base na filosofia de São Marcelino Champagnat, fundador do instituto. Mais informações em: <https://colegiosmaristas.com.br/sobre-o-colegio/quem-somos/>.

¹⁴⁵ Congregação cristã fundada na França em 1540, que tem objetivo de oferecer educação de qualidade. Atualmente, há aproximadamente 16 mil jesuítas atuando em torno de 100 países dos cinco continentes destacado pelo forte trabalho missionário, indo às fronteiras das dificuldades sociais.

e fiz os doze anos em maio e fiquei até dezembro, só me comunicando por carta. Se tudo ocorria bem, demorava dez dias, quinze dias por aí e voltava. Então, a única informação que a gente tinha da família era quando recebesse alguma carta. Fiz a admissão ao ginásio, que era um curso preparatório para o primeiro grau na época, era o exame de admissão, ele durava um ano. E aí fui aprovado. Mas já dentro da congregação dos Irmãos Maristas em Florianópolis, Seminário Juvenato, fui para o meu ensino primeiro grau. Fiz lá até a oitava série. Eu fiz o exame de admissão, que servia para você terminar o primeiro, o ensino primário... Ele dava direito de ingressar no primeiro grau, que era o primeiro ano do primeiro ciclo, que chamavam o primeiro e segundo ciclo, ou seja, primeiro grau e segundo grau.

Eu fui a Veranópolis- RS, fiz os quatro anos e fui aprovado. Aí a congregação tinha um sistema de rodízio, que era o seguinte: Veranópolis de primeiro a quarto ano do primeiro grau, segundo grau ia pra Farroupilha - RS ou Caxias do Sul - RS. Então, o primeiro ano do Ensino Médio fiz em Farroupilha, e o segundo e terceiro ano fiz em Caxias do Sul. Como a estrutura dos Irmãos Maristas não era tão boa em termos de professores para trabalhar todas as disciplinas, frequentamos o segundo e o terceiro ano do Ensino Médio na escola de Nossa Senhora do Carmo, em Caxias do Sul, que é um colégio dos Irmãos Lasalistas¹⁴⁶, que fica atrás da Catedral de Caxias do Sul.

Eu sempre gostei de estudar. Sempre busquei os melhores resultados, as melhores notas, e, na minha turma do terceiro ano do Ensino Médio, com mais de quarenta alunos, eu me classifiquei entre os três primeiros. Na época, como o Brasil tinha um convênio com Portugal – a Universidade de Coimbra oferecia curso de Graduação para quem ficasse entre os mais bem colocados do Ensino Médio –, eles me ofereceram para ir a Portugal, para Universidade Pública. Mas como nós não tínhamos dinheiro – meu pai era colono –, a gente abriu mão e foram outras pessoas escolhidas. Bem, fazer o que agora?

Eu me identificava muito com a área de Exatas e com a área de Química. Eu sempre fui muito bem em Química. Eu queria fazer Engenharia Química. Onde tinha Engenharia Química? Na PUC, de Porto Alegre. Mas como eu iria para Porto Alegre, pensando em pensão, alimentação, deslocamento, etc.? O pai não tem dinheiro.

¹⁴⁶ Congregação cristã fundada na França em torno de 1700, com o objetivo de educar os jovens nos valores cristãos e para a vida. Tem como pilar filosófico, os ideais de São João Batista de La Salle e atende em torno de 47 mil alunos com trabalho de mais de 5 mil educadores. Informações disponíveis em: <http://www.irmaosdelasalle.org/sobre-a-congregacao/quem-somos>.

Apareceu, numa virada de ano, no primeiro do ano, meu tio, irmão marista que morava aqui, em Florianópolis. Ele passou a virada de ano em Nova Prata e, conversando na hora do almoço, primeiro de janeiro de 1968, ele disse: “Aroldo, por que você não vai comigo? Você fica um tempo lá no Seminário. Eu arrumo um quarto lá, e você fica um tempo até arrarmos uma colocação para você. Lá tem possibilidade para aula, aula particular e você vai se virar. Vamos lá comigo?”

Eu olhei para o pai, olhei para mãe, e daí a mãe disse: “Vai”. E eu, às quatro da tarde, estava saindo de casa novamente, com a coragem do menino que saiu de casa aos 11 anos! Vim para cá e aí não tinha curso de Química, de Engenharia Química, então resolvi fazer Matemática. E me inscrevi. Fiz a inscrição para o Processo Seletivo de Matemática e no início de fevereiro fiz vestibular. Classificado, comecei o curso, em 1968. Em 71, consegui me formar, estudando muito, como falei, porque o curso era muito exigente e os professores não queriam saber de recuperar trabalho. Era prova e a avaliação era em cima da prova, sobre o que você demonstrou ali e acabou-se.

A gente não podia bobear. Nós não íamos mal porque nosso grupo de estudo era muito bom, e hoje esses profissionais que se formaram comigo, todos aposentados, a maioria deles foram professores na Universidade aqui na UFSC, e eu, como tinha a tendência de sair de Florianópolis, então apareceu a oportunidade de ir para Lages fazer o Concurso Público. E eu fui. Então, minha caminhada inicial da vida, desde a infância até chegar à Universidade, foi assim...

Eu fiquei oito anos com os maristas, um ano em Antonio Prado, quatro em Veranópolis e três entre Farroupilha e Caxias. Fiz o Ensino Médio e desisti dos Maristas. Senti que não era para mim essa coisa de identificação de vocação e eu não recebi a titulação. São momentos difíceis da vida que a gente tem que decidir. Às vezes precisamos tomar decisões ainda enquanto jovens, e eu tive que decidir. Não é para mim isso aqui, eu vou procurar outro caminho, embora toda a dificuldade que já sabia que enfrentaria, da situação econômica e tal, mas vamos começar a vida de novo, vamos embora. E viemos.

Lidiane: Nesse tempo de Universidade, o senhor não morou com o seu tio? O senhor morava na república?

Morei uns três meses no colégio dos maristas, que era uma residência deles, não era colégio, e depois eu fui para uma república, aqui na Trindade¹⁴⁷. Depois morei um tempo lá no centro da cidade, parei em duas repúblicas, e quem não fica dentro da república não sabe que é muito difícil, que não tem espaço para estudar, para trabalhar. Era muito complicado. No quarto mesmo, às vezes, dormindo com outros colegas, com outros amigos, a gente tinha que se virar. Foi um período difícil o da faculdade. Durante o curso de Matemática, para poder me virar aqui, em termos de sobrevivência, comecei em 1969 a trabalhar numa escola da CNEC¹⁴⁸, que hoje é uma escola abandonada. Na época, era no centro da cidade, na frente do quinto Distrito Naval. Então, em 69, 70, 71, eu lecionava à noite, porque era um curso noturno para quem trabalhava durante o dia e não tinha tempo para estudar durante o dia. Eu lecionava Matemática para essas turmas.

Lidiane: O curso da UFSC era diurno?

O curso de Matemática da UFSC era matutino. Para algumas disciplinas, o professor vinha de fora, por exemplo, um coronel do Exército que trabalhava conosco, não lembro o nome dele, ele trabalhava na Economia, no centro da cidade de Florianópolis. Com esse eu lembro que fizemos a disciplina à noite, mas o curso era basicamente das sete e meia ao meio-dia, todo dia, de segunda a sábado.

Lidiane: De segunda a sábado?

Segunda a sábado, sim. Um dos professores, inclusive, no terceiro ano da faculdade, com o qual tivemos a disciplina de Topologia, o professor Penido¹⁴⁹, não consigo lembrar o nome completo dele, vinha de Porto Alegre, naquele esquema de vir cedo e voltar à tarde, de avião. Ele só podia se ausentar da Universidade de Porto Alegre para trabalhar com nós, no sábado, com aulas de Topologia, que eram das sete e meia ao meio dia, no terceiro ano da Universidade aqui, uma das disciplinas mais difíceis de Física...

¹⁴⁷ Bairro de Florianópolis, onde se situa a UFSC.

¹⁴⁸ A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) surgiu em 1943, no Recife (PE), para atender crianças e jovens que não eram atendidos pelo poder público ou não tinham condições financeiras para ingressar em colégios privados. Fundada por Felipe Tiago Gomes, a Instituição implantou um modelo brasileiro de escolas, que envolvia a comunidade na construção da missão do projeto. O então movimento Ginasiano Pobre foi acolhido como uma ponte para a participação, o desenvolvimento e a independência das regiões mais interiorizadas. De caráter filantrópico, sua missão era formar líderes capazes de mobilizar iniciativas pelo bem comum. Informações disponíveis em: <http://www.cnec.br/nossa-historia>.

¹⁴⁹ Penido Fontoura da Silva, professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Lidiane: Profe, o senhor falou várias vezes da rigidez do curso da UFSC. O senhor levou isso para sua profissão docente?

Eu sempre gostei de trabalhar com aluno num clima de muito respeito. Acho que isso facilita, pois você tem um ambiente bom de trabalho, e as coisas se tornam mais fáceis. Então, eu era exigente na questão da disciplina, mas não era tão exigente de cobrar a fundo a questão do aproveitamento. Eu dava chance para o aluno, eu dava oportunidade para ele. Em muitas provas, eu permitia que os alunos fizessem um formulário, não precisa decorar fórmulas, eu permitia que elaborassem um formulário do que estávamos trabalhando, Trigonometria, Álgebra, Geometria... Meus alunos até hoje, quando me encontram, tem aluno que diz: “Professor, aquele dia, eu estava numa questão, e não sabia como fazer, qual era a fórmula que eu teria que usar, e o formulário me ajudou muito”. Pequenas coisas, e eu dava a oportunidade se o aluno, durante as aulas, durante o período de trabalho, fizesse a parte dele. A dificuldade era natural, é de um e outro. Mas eu também não era assim extremamente rígido na questão, não. Considerava meia questão, você precisa ver se o aluno tentou encaminhar o raciocínio, se ele conseguiu entender, tem alguma coisa que pode ser aproveitado, isso eu fazia, porém, eu não abria mão de disciplina.

Lidiane: Profe, depois que o senhor terminou o Ensino Superior na UFSC, o senhor falou que passou num concurso público na UNIPLAC, em Lages. O senhor chegou a fazer Pós-Graduação?

Sim, fiz dois cursos *Lato Sensu*. Um pelo IMPA, do Rio de Janeiro, que foi oferecido pela FURB de Blumenau, e nós, eu e o professor José Carlos¹⁵⁰, que também é professor da UNIPLAC, nos inscrevemos e fomos fazer. Quando eu estava fazendo a última disciplina, me acidentei gravemente e tive que suspender o curso. Então, não tenho a titulação, porque eu não pude completar esse período. O professor Aristides Barreto¹⁵¹, que era do Rio de Janeiro e inclusive tem livros

¹⁵⁰ José Carlos Prado, aluno da UNIPLAC e, posteriormente, professor do Departamento de Matemática.

¹⁵¹ Aristides Camargo Baretto professor da PUC-RJ e pesquisador da área de Modelagem Matemática na década de 1970, utilizava como estratégia de ensino nas disciplinas de Fundamentos da Matemática, Prática de Ensino e Cálculo Diferencial Integral. Em 1976, realizou a primeira experiência pedagógica com 212 alunos de um Curso de Engenharia. Conjuntamente com os alunos, elaborou vários modelos em áreas específicas como Linguística, Ecologia, Biologia, dentre outras. A partir de 1989, Barreto passou a interpretar e produzir textos literários em prosa e verso, com ênfase em letras de música. Muitos desses trabalhos ele divulgou por meio de artigos e de eventos. Também, a convite do professor D'Ambrosio, fez palestra na UNICAMP, sobre este tema. Disponível em: <http://www.furb.br/cremm/portugues/cremm.php?secao=Precursores>.

publicados, estava dando curso para nós, mas ele não abriu mão da presença, não permitiu que eu fizesse trabalhos, compensações... E eu não recebi a titulação. Em função disso, dois anos depois, fiz o curso de Matemática Aplicada pela Católica de Minas Gerais [PUC – MG]. Nós ficamos três anos viajando durante o período de férias, e fiz, então, o *Lato Sensu*. Apareceram oportunidades, depois, de fazer o *Stricto Sensu*, mas o volume de trabalho não permitia. Se eu abrisse mão do trabalho, eu sei que, talvez, pudesse ir para uma Universidade maior, mas eu não tinha essa pretensão. E sei que, se deixasse das aulas em Lages, acabaria criando um mundo de problemas nos colégios onde eu lecionava, porque praticamente você tem que ter um tempo integral pra fazer esse curso. Então, minha maior titulação é *Lato Sensu*.

Lidiane: O senhor passou em um concurso na UNIPLAC, em Lages, quantas horas eram? O senhor falou também que era efetivo no Ensino Público... no Segundo Grau. Depois que o senhor estava em Lages, o senhor fez concurso para o Estado?

Sim... Eu tinha um professor que era diretor da maior escola pública do interior do Estado, o Centro Educacional Vidal Ramos Junior, em Lages. Mais de três mil alunos na época. Ele teve informação de que o Aroldo Moretto tinha feito concurso na UNIPLAC para dar aula de Matemática. Ele veio a Florianópolis e me procurou. Eu o conhecia vagamente, porque ele morava próximo ao meu irmão, em Lages. Ele perguntou se eu queria dar aula de Matemática no Centro Educacional, isso foi em outubro de 1971, e eu ia me formar no final do ano. Eu assumi o compromisso, quem não iria garantir uma possibilidade de trabalho para o ano seguinte? Ele me ofereceu quarenta horas no Ensino Médio, na época eram quarenta horas de aula dadas. Na UNIPLAC, eu iria trabalhar com duas disciplinas, de quatro horas, hoje as horas se transformaram em créditos. Mas eram quatro horas. Portanto, eu tinha uma carga horária de oito horas semanais do curso de Matemática e quarenta horas no Estado. Mas eu entrei no Estado como convidado, hoje se chama ACT, Caráter Temporário, pois o Estado, desde 64, não fazia mais concurso para admissão de docentes. Então, os professores eram convidados pelo diretor ou pela Gerência de Educação para trabalhar nas escolas. Era assim que funcionava. No Estado de Santa Catarina, abriu o primeiro concurso no ano de 1978, e aí me efetivei como professor do Estado.

Aproveitei, para fins de aposentadoria, todo o tempo que trabalhei no Estado, desde 72. E, no final de 98, consegui fechar os trinta anos de trabalho, contando com esses três que eu fiz aqui em Florianópolis, durante a Faculdade, e me aposentei no Estado. Poderia ter continuado, o convite surgiu, mas eu quis abrir possibilidade para quem estava formado e procurando serviço. O Ensino Médio que eu fiz foi muito bom, muito forte. Fiz nos Lasalistas, só para incluir mais um fato, o Colégio Nossa Senhora do Carmo de Caxias do Sul. Ele foi muito exigente. Era uma tradição dos colégios religiosos exigirem muito. Na nossa turma, estávamos em 42 alunos, e a maioria foi para a área da Saúde (Medicina, Odonto...) ou para as Exatas (Engenharia e Arquitetura). Destes 42, 41 passaram no primeiro vestibular. Um colega meu, de Caxias do Sul, foi para a Aeronáutica. E eu fui para a Matemática. Lembro que nós tínhamos aula de reforço, de Matemática e Física, de Português, porque Português basicamente se baseava em redação, e foi o que me deu uma boa classificação no Vestibular. Minha professora exigia muito estas coisas de início, meio e fim, boa redação, comunicação, não ter erros de Português, de concordância.

Tínhamos tempo para estudar. O Seminário permitia. A gente tinha os horários de estudo, os religiosos – principalmente os maristas – primavam muito pela educação. Eles primam muito pela formação e cobram muito do aluno, não é só questão dos bons hábitos, mas de valores, tem muita cobrança de conteúdo. Mas a vida é assim, a vida cobra. Se não tiver o resultado, a vida o dispensa. A sociedade hoje é assim, e tanto eu como a minha esposa, nós passamos isso para os nossos três filhos. De um determinado período até agora, final de abril, tivemos sempre uma vinculação com o trabalho político, além de nossos trabalhos profissionais. Então, eu era consultor da Casa Civil, e a minha esposa era secretária adjunta de Educação do Estado de Santa Catarina.

Lidiane: Como é o nome de sua esposa?

Elza Moretto

Nosso vínculo era com o ex-governador Raimundo Colombo, desde meados de 1980. Sempre trabalhamos juntos e, nas nossas conversas com os nossos filhos, a gente sempre deixou muito claro para eles: “você vão buscar o espaço de vocês. Não esperem que o pai e a mãe arrumem politicamente um emprego para vocês. Nós até podemos fazer, pontualmente, mas vocês vão procurar a própria carreira”. E, graças a Deus, os três hoje estão muito bem encaminhados. Meu filho mais novo

viajou na sexta-feira para Londres. Ele presta serviços para uma empresa Americana e estão fechando um grande contrato, milhões de dólares. E ele está lá por uma semana. Um “piá”, fez o curso de Sistemas de Informação na UNIPLAC, ele é resultado do curso de formação de Sistemas de Informação da UNIPLAC. As Universidades estão formando grandes profissionais.

Lidiane: Profe, como era o cenário político, social e cultural da época em que o senhor ingressou na UNIPLAC?

Quando a gente tá dentro da Universidade como acadêmico, o mundo é pequeno, o mundo é aquilo ali: são os colegas, professores... mas é aquilo ali. Então, em 1972, quando eu cheguei a Lages, eu estranhei muito. A gente se encontrava com um e com outro, algum familiar, algum amigo, volta e meia, o assunto era política. Não falavam sobre o que aconteceu no Brasil e no mundo, não. Era porque o prefeito fez isso, porque o secretário fez aquilo. A UNIPLAC havia sido criada por um ato do prefeito municipal, logo, a escolha das direções, que era FACIP e FACEP, era escolha do prefeito, bem como os dois diretores e o presidente da Instituição: indicação do prefeito. Não era eleição. Na época, esses cargos eram indicações do prefeito.

No final de 1972, teve a eleição municipal, e aquele grupo que estava na prefeitura perdeu. A partir de janeiro de 73, assumiu um novo grupo, que era oposição. E aí começou a dificuldade de comunicação com o Poder Público, pois eles queriam se meter na Universidade. Foram dois anos em que a prefeitura – mantedora da UNIPLAC – praticamente não repassou nenhum recurso para a Instituição. Deixou de passar o nosso salário. Ficamos quatro ou cinco meses sem receber, pois o que a Instituição recolhia/recebia não era suficiente para pagar os funcionários, as despesas... Então, foram 4 ou 5 meses para receber o salário, devido à interferência política dentro da Instituição. Houve alguns embates, depois as coisas se normalizaram.

Lidiane: O senhor tem ainda contato com o curso de Matemática da UNIPLAC? A professora Neusa é a coordenadora do curso, atualmente.

Ah, a Neusa, foi minha aluna...

Lidiane: Eu estive na UNIPLAC conversando com ela sobre o curso, e ela me contou de uma enchente que teve...

Ah, sim, começou com uma chuva de pedra que destelhou a UNIPLAC quase inteira, mais de 70% da UNIPLAC. A chuva de pedra foi tão forte que quase perdi

minha casa. Tive que trocar quase 80% do telhado da casa e olha que o meu telhado era de telha de amianto de 6 mm. As pedras eram tão grandes que pipocou os telhados. Na UNIPLAC, além de pipocar, arrancou telhado. O vento foi muito forte e teve uma danificação de materiais. Eu não sabia que tinha atingido o curso de Matemática, que pena! Antes de a Neusa assumir a coordenação, era o professor Alexandre¹⁵², que também foi meu aluno. Ele fez o curso de Matemática. Com o curso de Matemática ocorreu uma coisa interessante: começou com o curso de Matemática, mas, devido à baixa demanda, a Instituição migrou para o curso de Ciências de 1º grau. E, em vez de quatro, eram três anos, com uma carga muito grande de aula, 27 ou 28 créditos por semestre. Esse pessoal recebeu o título de Licenciatura Curta, só que baixava o salário, pois não tinha a Plena [Licenciatura], logo, fazia a complementação no curso de Matemática. Então, quem queria, é claro, fazia mais um ano e meio e tinha direito de receber o título da Licenciatura Plena. O curso de Licenciatura Curta de 1º grau foi extinto e aí então voltou ao normal, e o curso de Matemática funciona até hoje.

Lidiane: Como foram as adaptações legislativas na época, quando foi criado o decreto?

Muitos dos professores do estado fizeram Ciências, depois Matemática; outros fizeram Matemática direto quando ele ainda existia... Então, o curso de Matemática da UNIPLAC tem uma história em termos de formação profissional...

Lidiane: O senhor lembra quais eram os cursos de Formação de Professores de Matemática que havia aqui na região, na época?

Não lembro, e não sei se havia. Penso que não, pois as universidades que nós temos aqui: a UDESC não trabalha com formação nessa área; os polos da UNIVALI e da UNISUL, aqui próximos, em Palhoça, não tinham Matemática. O único que tinha Matemática, aqui na região, que eu lembre, era a UNIVILLE, em Joinville, e na FURB, em Blumenau, que eu sei de certeza, porque depois eu fiz uma parte da Pós ali. Mas aqui, nas redondezas, a única que tinha era a Federal.

Lidiane: O senhor lembra quem foram os professores do senhor na UFSC? Eu preciso entrevistar alguns professores do início do curso. Eu consegui o contato da professora Miriam e do professor Nereu, não sei se são da época do senhor...

¹⁵² Alexandre Tripoli Venção possui graduação em Matemática (2006), especialização em Educação Matemática (2008) e Mestrado em Educação (2015) pela Universidade do Planalto Catarinense (2015). Atualmente, é Pró-Reitor de Ensino da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC).

Nereu... Eu acho que o Nereu estava fazendo o quarto ano, e eu estava entrando no curso.

Lidiane: Era da primeira turma?

Ele devia ser da primeira turma... Vixe... da época, que eu lembro, quem dava cálculo era a Maria Helena Ultramari, acho que é Ultramari; o Jaime Ultramari também era professor de Física, e os outros eram de Porto Alegre. Tinha o professor Ari Nunes Stitbow, professor Penido, que dava Topologia. Ai, meu Deus, como que era o nome do professor de Álgebra que eu gostava tanto? Me identifiquei com ele e comecei a trabalhar da mesma forma que ele. Ele chegava e já escrevia, tinha um traço, começava assim, parecia um livro, você olhava para o quadro, não tinha nem vontade de apagar, de tão bonito que ficava...

Era esse professor de álgebra que era de Porto Alegre também, era um dos que vinha cedo e voltava quase no outro dia... Não lembro do nome do professor de Álgebra, que ensinava os fundamentos. Naquela época em que comecei, ninguém falava em estrutura de conjuntos, união e intersecção, não existia isso, começou conosco.

Lidiane: Com a implantação da Matemática Moderna?

Isso. Foi concentrado um pouquinho em Lógica Matemática, Vetoração, Análise das Proposições, dos conectivos, dos condicionais, começou ali. E quando eu cheguei à UNIPLAC não tinha nem bibliografia para isso. Estava começando mesmo. Consegui um material e levei para lá, pois a biblioteca lá não tinha um material que fosse dessas áreas.

Lidiane: E com relação ao impacto do curso da UNIPLAC, profe...

Os dois impactos mais fortes que eu vejo sobre o curso foi possibilitar o pessoal que já era professor, mas não tinha a titulação, a acessar a titulação do curso. Os alunos das primeiras turmas, de 72 a 74, 75, que a UNIPLAC habilitou tiveram a titulação como professores licenciados. Eles eram enquadrados dentro do estado em outro patamar, no plano de carreira deles. E a outra contribuição muito grande foi titular professores do interior que trabalhavam com Matemática, mas não tinham formação Matemática. Inclusive, muitos, eu lembro, eram professores do interior que chegavam a trabalhar com turmas do Ensino Médio; eles iam até uma altura do conteúdo, aquela parte inicial, Funções, Progressões, um pouquinho de Trigonometria, chegando até Matrizes e Determinantes e, quando entrasse numa Matemática um pouquinho mais exigente, Estrutura de Polinômios, Matrizes, eles

não davam, porque não se sentiam seguros. E isso tudo a gente conseguia trabalhar. Conseguimos trabalhar um pouquinho aquelas unidades do Ensino Médio que eles tinham dificuldades, da nossa estrutura de grade, e conseguimos que eles saíssem de lá mais seguros para ensinar. São lições para trabalhar, além, claro, de uma melhora salarial, que era o que eles buscavam.

Lidiane: Sobre o colegiado do curso, o senhor lembra-se dos colegas da UNIPLAC?

Eu me lembro de alguns deles, sim. Lembro-me do professor Willy Brum¹⁵³, arquiteto, hoje falecido, ele trabalhava com Geometria Analítica. Professor João Carlos Duarte, que morava em Florianópolis e trabalhava com Cálculo. Professor Galeno Vieira, arquiteto, trabalhava com Álgebra. Ele levantou as mãos para o céu o dia em que me viu, deu graças a Deus [risos]: “Vou deixar minha disciplina para alguém que entende de Estruturas Matemáticas, porque aquilo que eu estou dando aula, os alunos dizem que não é, e não sei dar outra coisa.” Uma figura boníssima! João Argon Preto de Oliveira, arquiteto que trabalhava com Geometria e Geometria Diferencial. João Preto de Oliveira foi colega desde a primeira hora de UNIPLAC e trabalhamos juntos no Ensino Médio. Ele também se aposentou como professor do Estado, que na época era o *top*.

Lidiane: E era arquiteto?

Arquiteto

Lidiane: Não tinha formação Matemática?

Não, não.

Lidiane: E, mesmo assim, lecionava no estado, era convidado também.

Fez concurso. Em 1964, foi o último concurso antes do meu [1978], e quem fizesse o concurso na época era chamado de Lente Catedrático.

Lidiane: Lente Catedrático?

Sim. O Lente Catedrático. 60 horas mensais. Sim, cerca de 12 horas por semana. No meu colégio, no Centro Educacional, eram ter 3 ou 4 apenas que prestaram concurso em 64, até porque para prestar concurso tinha que ter uma formação superior. E pouquíssimas pessoas tinham formação superior na época. O salário de um Lente Catedrático, só para você ter uma ideia, por 60 horas mensais, era igual ao salário de um juiz. Então, vamos supor que, se o juiz ganhasse quatro

¹⁵³ Professor do início do curso de Matemática da UNIPLAC. Deixou o magistério para cuidar de sua empresa na área de construção civil.

mil reais, o professor ganhava quatro mil. Depois essa estrutura foi caindo fora, não fizeram mais concurso para isso; à medida que o pessoal foi se aposentando, encerrou esse cargo. Não abriram mais. João Preto ainda mora em Lages. Para você ver, o Magistério, há algumas décadas atrás, podia receber igual ao juiz...

Lidiane: Bons tempos [risos]

Que não voltam mais.

Lidiane: Professor, naquela época, o senhor foi o primeiro formado em Matemática que chegou a Lages, na UNIPLAC...

Na UNIPLAC, mas, especialmente em Lages, na escola pública e na escola particular, Colégio Diocesano Santa Rosa, não tinha ninguém formado em Matemática, com Licenciatura, fui o primeiro. Tinha a professora Rosi, que fez aqui na Federal, bacharel, então ela não tinha a titulação de licenciada. Ela não quis fazer aquelas disciplinas complementares, estágio, na época. E eu fiz. A minha carteirinha do MEC é 12.610, habilitava para Matemática, Física e Desenho Geométrico. Minha carteira está no meu cofre, lá em Lages.

Lidiane: Que legal! Profe, alguma informação que o senhor considere relevante, e que a gente não tenha abordado?

Quero falar um pouquinho da questão do trabalho do professor. Teve um momento melhor para se trabalhar, porque nós tínhamos muito apoio do quadro funcional, da estrutura do Estado, das famílias cobrando dos próprios filhos, as associações de pais e professores funcionando nas escolas, o que permitia que a gente trabalhasse e exigisse mais do aluno, no ensino fundamental e médio. Infelizmente, hoje isso se perdeu um pouco. O professor está jogado à própria sorte. Está sentindo muita dificuldade, os alunos são outros, são totalmente digitais. O aluno não é mais dependente do professor, ele é autodidata. Os pais já não conseguem controlar, e isso vai adentrando o espaço da sala de aula. E o professor vai acumulando preocupações, de ensinar, de cuidar do aluno, de educar, de fazer o aluno aprender, de fazer pensar na vida... E isso vem acumulando em nossos professores um descontentamento sem tamanho com a educação. A indisciplina, o desrespeito, está bem complicado. A questão do aprendizado envolve muita concentração, muita persistência. Você não pode fazer por fazer, principalmente nessas áreas de Exatas, você precisa ter, como eu falei, para resolver o problema, uma leitura correta, uma boa interpretação, ver o caminho a ser adotado, ver a

complementação que proporciona. Então, em todos esses passos o aluno tem dificuldade.

Enfim, eu acho que se me perguntassem se eu queria ser engenheiro químico ou se voltaria a ser professor quando saísse da Universidade, eu diria: gostaria de ser professor, pois é uma realização sem igual. As amizades que a gente deixa; no começo a gente tem alunos, depois a gente tem colegas de trabalho e, mais adiante, muitos amigos. Então, deixa de ter alunos para ter amigos. Tem pessoas que a gente gosta de conversar, dialogar, isso é uma coisa que o professor consegue, e poucas pessoas conseguem, porque é outra forma de relacionamento. Pensa comigo: se eu dava 12 ou 13 aulas no dia, 12 x 30 alunos, 400 alunos que eu tinha contato diariamente. A cada 45 ou 50 minutos eu tinha uma plateia diferente, e isso me forçava a ter muita criatividade, porque, às vezes, o que você trabalha com um grupo, tem que mudar para o outro, forçava até a gente a se moldar. E isso cria uma relação que não é no começo que a gente consegue, é na vida... Mas o professor é muito realizador. Financeiramente não, infelizmente, mas fazer o quê? Não somos prioridade para nossos governos.

Pois é, a vida é assim. Eu estava assistindo ontem no Fantástico a emocionante história do Cristiano Ronaldo¹⁵⁴, que tinha um pai alcoólatra, o irmão era alcoólatra, e ele teve que ajudar a mãe para poder dar a volta. Contou um pouquinho da história da dificuldade, da fome que ele passou, junto com outros tantos irmãos que tinha. Ele contou que pôs na cabeça que se daria bem, jogaria, que queria ser jogador de futebol, pois queria dar uma casa para a mãe. E hoje está aqui, na Copa do Mundo, mostrando que vale a pena irmos atrás do que a gente quer. É preciso ter foco, ter determinação, claro, e outras qualidades. Olha, nos 25 primeiros anos que eu dei aula na UNIPLAC, 23 me convidaram para paraninfo ou patrono de turma. O reconhecimento, sabe? Então, uma forma de agradecimento...

O próprio Ailton foi meu aluno, Valdeci foi meu aluno, professor Ernani Mendes, um dos primeiros na turma também, deve ter sido em 73 ou 74. Todos foram meus alunos. No Estado, eu fui diretor três anos, depois fui cassado, pois mudou o governo, e nos tiraram, pois não éramos do partido. Coisas da vida. Mas aprendi também um pouquinho de gestão de escola. Tínhamos um grupo no colégio de mais

¹⁵⁴ Cristiano Ronaldo dos Santos Aveiro conhecido como Cristiano Ronaldo ou "CR7" – número de sua camisa – é um famoso jogador de futebol português que atua como extremo-esquerdo ou ponta de lança. Atualmente joga pela Juventus (Itália) e pela Seleção Portuguesa. Com 34 anos, conquistou cinco Bolas de Ouro – maior prêmio do futebol mundial – 2008, 2013, 2014, 2016, 2017.

de 100 professores, um colégio muito numeroso, muito grande, de estrutura. No nosso colégio passava, por dia, entre 3500 a 4000 pessoas: pais, alunos, professores, funcionários. Era uma estrutura gigantesca. Ficamos três anos na gestão desse espaço. Tenho muita história para contar.

Lidiane: Professor, muito obrigada por sua colaboração.
Eu que agradeço.

4.7 Teresinha Selinke

Fotografia 7: Teresinha Selinke



Fonte: Arquivo pessoal da depoente

*Encontrar Teresinha Selinke
tão próximo de minha casa
foi uma surpresa tão grande
e minha imaginação criou asas.*

*Ao visitar sua netinha
Me recebeu com sorriso
E seus tempos de Joinville
Recordou com emoção.*

*Sua infância bem humilde
Contou-me tão atenta
E a liberdade de seus pais
É o sentimento que sustenta.*

*Selinke com seus trejeitos
Fez tamanha discussão
Ao lembrar da ditadura
Que tratou com comoção.*

*A copa de 70 na Rua dos Príncipes
Selinke comemorou
Dentre suas lembranças marcadas
Essa foi que perdurou.*

*Mesmo não permanecendo no Estado
Depois de sua formação
Selinke partiu para Medianeira
E fez lá sua transformação.*

*Têm Selinke e Gonçalves
Histórias de vida parecidas
Também pudera, são irmãs
Não podem passar despercebidas.*

A minha família é originária daqui de Santa Catarina; hoje eu moro no Paraná, em Medianeira, para onde meus pais se mudaram em 1955. Eles já tinham 6 filhos e lá nasceram mais 5. Então, nós somos num total de 11 irmãos, todos vivos ainda. Destes, têm um grande número de professores. Muita gente, às vezes, pergunta: seus pais eram professores? Não, nós é que somos [risos]. O primeiro que saiu para estudar foi o meu irmão, que é um pouquinho mais velho que eu, o Alcides Buss, escritor aqui de Santa Catarina¹⁵⁵, bem conhecido. E ele foi com 11 anos para o seminário. Primeiro ele estudou em Cascavel [PR], depois foi para Joinville [SC], que foi onde eu acabei parando também no futuro, um pouco em função do meu irmão, um pouco em função de um irmão do meu pai, que era padre, sacerdote. Ele arrumou para que a gente ficasse em Joinville, e isso se constituiu uma ponte de ligação, auxiliando bastante para que pudéssemos estudar. Isso foi depois de fazer o Primário¹⁵⁶ lá em Medianeira, que foi uma das cidades pioneiras da colonização no oeste do Paraná.

E por que o meu pai foi parar lá? – muitas pessoas perguntam. É que foi fugindo de uma grande enchente, em 1954, que teve aqui em Santa Catarina, em Trombudo Central, cerca de 200 quilômetros de Florianópolis. Morávamos em Trombudo Central na barranca do rio, e a água subiu, entrou na nossa casa, levou tudo... Nessa época, havia uma propaganda muito grande do oeste do Paraná, que dava para plantar café. Havia também muitos indicativos de que, em Londrina e Maringá, no norte do Paraná, a produção estava “bombando”, crescendo muito, quem ia pra lá plantar café ficava rico, em 1955. Meu pai ficou empolgado e resolveu mudar para lá.

Lidiane: Profe, como vocês ficavam sabendo sobre isso? Eram regiões bastante distantes...

Era através de propaganda de jornal do Correio Rio-grandense, essa história de saber que esses lugares existiam e que estavam com essas produções.

No ano de 1955, meu pai partiu para Medianeira, levando primeiramente uma mudança para conhecer o local, pois ele tinha um caminhão, depois levou a mudança do irmão dele que trabalhava com ele na marcenaria que ele tinha. Comprou terra lá para plantar café e comprou um terreno na vila [cidade] para que

¹⁵⁵ Vale ressaltar que a entrevista da professora Teresinha foi realizada na cidade de Maravilha, em Santa Catarina, na casa de seu filho, por ocasião de sua visita à neta recém-nascida.

¹⁵⁶ Primário: Definição da época do que hoje se denomina Ensino Fundamental I de 1º ao 5º ano.

podéssemos morar. Nunca fomos morar no interior. E aí, sim, fomos morar em Medianeira. Mas o que já tinha lá de ensino?

As Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo [Congregação] tinham chegado um pouco antes para tocar o colégio com o Ensino Primário, o que hoje seria nosso Ensino Fundamental, os cinco primeiros anos. Meu pai, muito esperto, para convencer minha mãe a mudar para Medianeira, dizia: lá tem escola, chegaram as Irmãs, tem colégio bom, tem de tudo para os nossos filhos, pois meus dois irmãos mais velhos já tinham iniciado o primário em Trombudo Central. Então, ao mudarmos para lá, todos nós estudávamos neste colégio das Irmãs, que era o único que havia na cidade. Olha só, para o primário na época, era preciso estudar muito, todo final de ano aparecia na escola a tal da inspetoria regional de ensino, que era a representante do Estado, para aplicar as provas de fim de ano¹⁵⁷. Não havia nenhuma história de passar por média. Mesmo que você tirasse 9 e 10 o ano inteiro, ainda assim, você fazia aquele exame final, da inspetoria para ver se estava apto a avançar para a próxima série. O ensino era muito bem controlado.

Muito bem, aí quando terminou o primário, a gente não tinha mais o que estudar lá, porque em Medianeira só havia o primário. O primeiro que saiu da cidade foi meu irmão Alcides, depois eu saí e fui para Curitiba, para o colégio das Freiras [Congregação Religiosa] Congregação da Divina Providência, e fiz todo meu Ginásio¹⁵⁸ lá. Precisei fazer o tal do exame de admissão para entrar no ginásio que tinha na época, e eu era aquela coloninha¹⁵⁹ que saiu do sítio. Medianeira não era nem município: era uma vilazinha ainda, assinaram o decreto para transformá-la em município quando eu saí de lá, em 1960. Mas consegui me virar na Capital [Curitiba], sabe, passei no exame de admissão, dei conta dos estudos, era uma boa aluna da turma e sempre gostei muito da matemática. Engraçado isso!

E, no primário, ainda lá em Medianeira, quando a gente resolvia aqueles problemas das quatro operações, de vez em quando, tinha algum de tema de casa que eu não dava conta de resolver. Aí eu esperava meu pai, à noite, às vezes até com luz de vela, e ele me ajudava a resolver aqueles problemas de matemática. Porque eu tenho bem claro que matemática precisa desenvolver, treinar e ter

¹⁵⁷ Essa era a prática usual das escolas rurais da época.

¹⁵⁸ Ginásio: definição da época equivalente ao que hoje corresponde ao Ensino Fundamental II de 6º ao 9º ano.

¹⁵⁹ Coloninha: expressão usada para denominar pessoa que veio do interior, caipira, da colônia, da roça.

desafios, porque é a partir dali que você vai aprender. Tem que ter uma alfabetização igual como para as letras. Todo um trabalho de desenvolvimento e raciocínio. E eu acho que esses fatos, de ter os primários assim com os problemas das quatro operações bem difíceis de resolver, e de ter a ajuda do meu pai, aquilo me incentivou muito na matemática, e eu sempre fui uma excelente aluna em matemática. Todo o Ginásio, depois no Científico¹⁶⁰ também. Em Curitiba, fiquei até o primeiro científico, daí eu fui para Joinville, morar com meu irmão que já estava lá, pois meu tio, que era padre, arrumou um lugar para ele.

Fui para Joinville, mas fiquei morando no Colégio Santos Anjos, que ainda existe; sei disso, pois meu neto estuda lá [risos]. Terminei meu científico em Joinville aí fiz vestibular. Nessa época, eu morava no Colégio Santos Anjos, que era das Irmãs, foi onde meu tio arrumou para eu morar em Joinville, mas o Colégio Santos Anjos não tinha Científico na época, então eu frequentava o Estadual Celso Ramos. Nós éramos duas internas que íamos para o Celso Ramos estudar. E eu lembro que os nossos professores do Celso Ramos, por exemplo, a disciplina de Biologia era ministrada por um dentista, na de Matemática, tínhamos o professor Mario Cesar Moraes que tinha se formado em Paranaguá [PR], pois ele ia, na época, para Paranaguá fazer o curso de matemática.

Acho que eles iam de carro, na sexta-feira; assistiam aulas às sextas-feiras e aos sábados, em Paranaguá, e eles eram formados em matemática, então davam aulas pra gente, lá. Depois, esse Moraes foi um grande incentivador da criação de faculdade para formar professores, porque eu lembro que no Científico, os professores não tinham essa formação. Quando a gente passou no vestibular, já havia uns quantos que davam aula, que não tinham [formação superior], tinham o ensino médio ou terminaram o científico junto comigo, só que talvez no período da noite ou no período da manhã, e vários deles já davam aula, porque não existia professor. Eu, no terceiro ano da faculdade, passei a dar aula também, porque não tinha professor. E até a faculdade fechava o olho para as faltas, assim, a gente compensava com outras coisas, porque eles sabiam da necessidade do professor

¹⁶⁰ Em 1942, Getúlio Vargas criou uma reforma educacional denominada Reforma Capanema, em homenagem ao então Ministro de Educação e Saúde, Gustavo Capanema. Essa legislação dividia o ensino secundário em dois níveis: Clássico e Científico, do qual o aluno poderia optar em qual nível gostaria de se matricular. O nível Clássico era mais focado em filosofia e línguas – latim, espanhol e grego –, enquanto o Científico focava nas disciplinas voltadas para as Ciências e as Exatas.

estar lá pra dar aula. Eu lembro que no Celso Ramos¹⁶¹ tinha 10, 12 turmas de primeiro Científico no período noturno. Então, começou aquela valorização do ensino. Entre os interessados, havia homens casados, operários de empresas, que vinham todos para fazer o Científico, porque só tinham feito o ginásio até então. E eu dei aula para essas turmas da noite. A maioria dos alunos eram mais velhos do que eu, eu estava com 20 anos na época.

Era um tempo diferente, sabe, Lidiane? Eles tinham o maior respeito pela gente, e, assim, a gente aprendeu bastante matemática no curso, mas também era autodidata de estudar o que tinha que passar para os alunos, para não passar vergonha perante eles. Porque eles tinham aquele esforço grande também, nesse sentido. A faculdade [curso superior] foi uma “mão na roda”. Eu terminei o Científico, já estava no segundo ano do curso de matemática, que tinha começado em 68, e eu entrei em 69, no auge do governo militar, que eles dizem que não é ditadura. E a repressão era violenta. Foi até interessante que, no segundo ano do meu curso de matemática, de repente chegou um capitão do exército na nossa turma, para estudar conosco. Mas, claro, a gente tinha consciência que era para estabelecer um controle ali dentro da faculdade, um controle dos alunos. Mas na época a gente não podia abrir a boca pra dizer alguma coisa. Ele veio pra nossa turma, sei lá onde tinha feito o primeiro ano, porque ninguém nem tinha coragem de chegar e perguntar isso pra ele, porque no regime havia um limite de fala, era extremamente rígido. Só para você ter ideia do controle da época, eu fui presidente do diretório acadêmico lá da nossa faculdade [UNIVILLE]. E tinha o jornal na faculdade, do qual meu irmão era o responsável. Acadêmicos era o nome. Será que era? Acho que era. Mas era Diretório Acadêmico de Filosofia. Para imprimir esse jornal, saía mais barato imprimir em Brusque do que nas gráficas de Joinville. Então, foi para Brusque. Foi quando morreu Castello Branco¹⁶² [Presidente], no acidente de avião lá no Rio Grande do Norte. Mas no jornal só estava assim: Castelo Branco morreu e uma interrogação. Apenas narrava o acidente do avião e não tinha mais nada, só aquela interrogação na manchetezinha em cima da notícia. Pois o meu irmão foi chamado no batalhão para saberem o que estava acontecendo e teve que tirar do jornal para poder

¹⁶¹ Escola Estadual de Joinville, uma das mais antigas do Município.

¹⁶² Humberto de Alencar Castello Branco nasceu em Fortaleza em 20 de setembro de 1897 e faleceu também em Fortaleza, em 18 de julho de 1967. Foi militar e político brasileiro. Castello Branco foi o 26º Presidente do Brasil e o primeiro do período da Ditadura Militar (1964-1985). As causas de sua morte estão relacionadas a um acidente aéreo logo após deixar o poder, em 1967.

imprimir. Naquela época, para tudo era chamado no batalhão; durante a faculdade, se você falava alguma coisa e tal, ia lá passear no batalhão [risos]. Era interessante.

Lidiane: Profe, o curso de matemática fazia parte de qual faculdade?

Pois é, eu acabei não contando. A falta de professores, na região de Joinville, fez prefeituras, alguns empresários e professores se unirem para trazer uma faculdade para Joinville. E, portanto, foi criada a FUNDAJE, que era Fundação Joinvillense de Ensino, a qual abriu os cursos de Matemática, que tinha formação de Física e Desenho Geométrico junto, o curso de Letras que era com Inglês, além do curso de Geografia e o curso de História. Esses cursos formavam a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Joinville. Uma coisa interessante: o curso de Letras tinha mais mulheres, pois na época era mais destinado a formar professoras, e o curso de Matemática só tinha homens; eu fui a única mulher a fazer vestibular entre os homens na época. Uma das coisas interessantes da época! Já Geografia e História tinham tanto homens quanto mulheres.

Eu e meu irmão começamos juntos o curso superior; eu, em Matemática, e ele, em Letras, pois adorava e já tinha algumas poesias, ele já gostava da parte de escrita. Nossa, quantas pessoas que chegavam e diziam: “Escuta, vocês dois entraram errado no curso, tinha que ser ao contrário” [risos]. Sim, coisas da época... mas ele continuou no curso de Letras e depois acabaram entrando mais duas mulheres na minha turma durante o ano, uma com a segunda chamada e uma de transferência. O curso tinha 40 vagas, os outros cursos mantinham um número maior de alunos, porém a Matemática, como eu imagino que ocorria com todos os cursos de Matemática da época, por ser mais difícil e pesado, acabava acontecendo uma desistência. Bem, acabamos nos formando em 14 ou 16 dos 40 que começaram, não lembro bem ao certo. Fizemos até um encontro quando completamos 30 anos de formatura, foi muito legal! Foi em Joinville mesmo, conseguimos nos reunir. Já tínhamos dois colegas falecidos na época do encontro e parece que agora tem mais, eu não tenho muita notícia, agora já são quase mais 15 anos, porque eu me formei em 1972, então, já se passaram mais 15 anos depois daquele encontro. Vamos tentar nos reunir novamente quando completarmos os 50 anos de formados, vamos ver quem ainda vai estar lá... [risos].

Lidiane: Eu acredito que seja muito bom, profe, reencontrar os colegas...

É uma coisa muito legal, eu acho que quando alguém fala: “Ai, estão planejando um encontro, não sei se eu vou...”, pois vá, sim, que será muito legal. Eu

lembro que, nesse encontro, eu levei o álbum de formatura, era eu mocinha, bonita [risos], e, agora velha barriguda [risos], e aí tive a ideia de levá-lo junto, foi muito divertido. Naquela época, na faculdade, comecei a namorar com o Selinke [esposu] e acabei casando com ele.

Lidiane: Selinke era seu colega?

Sim, do curso de Matemática. Quando terminamos a faculdade [curso de matemática], nós fomos para o Paraná, voltei para minha cidade, onde estava minha família, para Medianeira. Eu brinco, porque eu digo que levei junto, na mala [risos]. Ele lecionou somente Matemática, e eu acabei dando muita aula de Física, porque, mesmo dentro da Faculdade, fui a única que assumi mais a parte de Física, eu gostava da Física, estudava, ia bem e me dediquei à Física. E, como sempre faltaram docentes desta área, e em Medianeira, onde eu morava, faltavam mais professores de Física do que de Matemática, acabei fazendo, no Paraná, dois concursos. Trabalhava 20 horas com Física e 20 horas com Matemática, mas na escola acabava dando praticamente só Física. No início, para manter o padrão, eles deixavam uma turma de Matemática e, lá pelas tantas, depois que teve mais ensino médio na escola, eu fiquei só com Física. Eu sempre tive alguma turma de Matemática para justificar o padrão. Com Matemática, trabalhei Desenho Geométrico, daí quando teve a reforma, quando entrou o Propedêutico¹⁶³, aumentou o número de aulas de Física. Como apareceram aulas de Física no Ensino Médio, fiquei só com Física.

Lidiane: A senhora lembra em que data ocorreu essa mudança?

Bom, entrou a 5.692¹⁶⁴[Lei], que dividiu a educação em Primeiro Grau e Segundo Grau. Em Medianeira, passou a funcionar a partir de 1974, e a gente fez cursos para adequar-se à nova lei. Era um curso que eles [Estado] chamavam Curso de Reciclagem. O curso tinha umas 300 horas, equivalente a uma especialização. O Estado que promoveu esse curso. Mas o Propedêutico, já foi lá para o final da década de 1970, tanto que eu, no colégio onde trabalhava, dava aula de matemática

¹⁶³ Entre as décadas de 1970 e 1980, houve amplos debates, com a aprovação da Lei N. 5.692/71, que transformou o antigo curso de 2º grau propedêutico em curso de profissionalização compulsória, sob o argumento de que o país necessitaria fazer altos investimentos na formação de técnicos de nível médio, pela falta de mão de obra. Esses debates seguiram até a publicação da Lei N. 7.044, de 1982, que flexibilizou a ênfase na profissionalização compulsória e reabriu a possibilidade legal de oferta paralela do ensino médio propedêutico e do ensino técnico, como ocorria anteriormente à Lei N. 5.692/71. Há uma histórica dicotomia entre formação propedêutica e formação profissional, pautada em visões de classe a respeito das opções educacionais da época.

¹⁶⁴ Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Grau, publicada em 1971.

e não tinha Ensino Médio. Daí esse colégio me cedeu para eu ir dar aula de Física no outro colégio do Estado, lá na minha cidade mesmo, que não tinha professor para dar esse tipo de aula. E eu tinha o registro do MEC com Física, sem contar que eles [Estado e escolas particulares] ocupavam quem tinha esse registro para abrir todos os cursos para o Ministério de Educação e Cultura (MEC) autorizar. Meu registro foi passear bastantes vezes em Brasília pela necessidade do registro de Professor habilitado para o MEC autorizar o funcionamento dos Ginásios e Segundo Grau.

Lidiane: Todos os cursos, inclusive de ginásio, era o MEC que autorizava?

Sim, era. Tudo dependia da autorização do MEC. Até mesmo para os professores, quando terminavam a faculdade [curso superior]. A nossa faculdade foi reconhecida quando eu estava me formando, porque o curso ganhou autorização para funcionar e começou a primeira turma de 1968 e daí, no final de 1972, foi nossa formatura e saiu o reconhecimento do MEC. Então, a gente já encaminhou o registro que precisava solicitar para comprovar que você estava habilitado a dar aulas. Inclusive eles pagavam mais para quem era habilitado, e tínhamos preferência na distribuição de aulas. No começo não tinha nem concurso, era todo mundo meio “bóia-fria”, só contratado; no final do ano, todo mundo era demitido e não tinha carteira, não tinha nada.

Lidiane: Profe, a senhora entrou em 1969 no curso e se formou em...?

Em 1972, 4 anos a gente teve aula. Nos 4 anos, todos os dias, íamos para a aula das 7 às 11 da noite e, aos sábados à tarde, das 2 às 6 horas. Hoje, se você falar para alguém fazer alguma coisa no sábado só falta jogar pedra, e nós tivemos aula durante os quatro anos. Nós tínhamos alguns professores que vinham de fora para dar aulas para nossa turma, professores de Florianópolis, de Curitiba... até em função de conseguir o reconhecimento [do curso]. Tinha o Bosco [Pedro João Bosco], por exemplo, que você deve ter ouvido falar, ele dava aula para nós em Joinville. Eles saíam de Florianópolis, da UFSC, na sexta, às cinco da tarde, pegavam uma Kombi e vinham. Eram professores dos quatro cursos que vinham, daí terminava sábado à tarde, e eles eram levados de volta. Havia de Curitiba também. Havia a necessidade de se ter professores com habilitação e mais tempo de experiência para poder ter o reconhecimento do curso. Quando eu me formei, eles ainda continuaram ministrando aulas lá, depois, com tempo, foram entrando

novas gerações, e os próprios formados da FUNDAJE¹⁶⁵ começaram a dar aula na faculdade.

Lidiane: A senhora lembra o nome de alguns dos professores? Será que a gente consegue o contato deles?

Olha, tem o Divo Schneider¹⁶⁶ que, de repente, você pode localizar em Joinville. Ele era da primeira turma do curso de matemática e eu sei que ele deu aula na Faculdade [UNIVILLE]. E tem mais algumas, mas eu não lembro o nome delas, eram três irmãs que estão em Joinville, fizeram matemática na turma depois da minha. Hoje já não sei se estão na UNIVILLE. No início, a faculdade funcionava em um prédio alugado, lembro que, no primeiro ano, funcionou no Colégio Marista¹⁶⁷, era próximo ao [Colégio] Santos Anjos¹⁶⁸, bem perto do Hospital Regional de Joinville. Como eram quatro cursos no primeiro ano, eram só quatro turmas. No segundo ano, eram oito e, com o tempo, foram precisando de mais salas; a partir do terceiro ano, foi para o colégio Santos Anjos, porque lá tinha um número maior de salas. E foi nesse local que me formei, lá no [Colégio] Santos Anjos. Só depois é que foi construída a UNIVILLE, quando juntaram os cursos de Ciências Econômicas, Educação Física (começou um ano depois da filosofia) que funcionavam em outro local; juntaram todos no mesmo lugar e formaram o local da UNIVILLE. Eu lembro que, mesmo estando nos Santos Anjos, fazíamos nossas aulas práticas de física, por exemplo, nos laboratórios da UDESC (Universidade Estadual de Santa Catarina), que era no início da Rua Otto Boehm. Aí tínhamos, por exemplo, as duas primeiras aulas de laboratório de física e íamos direto para lá. Tinha um intervalo, e voltávamos para o Santos Anjos; era assim que funcionava por lá.

Lidiane: E quando aconteceu a mudança da FUNDAJE para a UNIVILLE? Como aconteceu isso?

¹⁶⁵ Fundação Joinvillense de Ensino.

¹⁶⁶ Tentamos contato por meio de redes sociais com o Professor Divo Schneider, por não conseguirmos contato telefônico nem e-mail. Porém, ele não respondeu às mensagens. Tentei contato, então, com uma de suas amigas desta rede social, Dalva Schneider, que me respondeu, em dezembro de 2019, que o professor Divo havia falecido em 2018.

¹⁶⁷ Rede de 11 escolas particulares baseadas em valores cristãos e de solidariedade, inspirados nos princípios de São Marcelino Champagnat. Foi fundada na França, em 1827, como instituto marista. A rede tem hoje 20 escolas situadas nos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Goiás e no Distrito Federal.

¹⁶⁸ O Colégio dos Santos Anjos faz parte da Rede Divina Providência. Foi fundado em 1907 em Joinville - SC.

Eu não sei dizer da FUNDAJE para a UNIVILLE exatamente porque eu já estava no Paraná, eu já tinha ido embora para Medianeira, isso está fora do meu conhecimento.

Lidiane: Profe, você sabe que o curso de matemática de lá fechou?

De matemática? Sério? Falta de clientela?

Lidiane: Não sei quais os motivos, tentamos contato com a Universidade, mas eles não fornecem informações. E não nos fornecem o contato dos professores e alunos das primeiras turmas também.

Ah, eu sei bem. A gente teve dificuldade para conseguir a lista dos formandos que um colega de Joinville queria para fazer o encontro dos formandos. Eu tenho, lá em Medianeira, por exemplo, meu histórico¹⁶⁹, se você tem interesse de saber quais eram as disciplinas que havia no curso, tenho o meu registro do MEC, eu posso encaminhar uma cópia disso depois. Um convite de formatura eu posso fotografar e mandar pelo whatsapp, mais fácil até do que ficar enviando. Essas coisas eu tenho lá em Medianeira. Deve ter algum professor nas fotografias, algo assim, que possa auxiliar no seu trabalho, se precisar.

Lidiane: Ok, eu agradeço. Profe, depois que você saiu de Joinville, mudou para Medianeira e ficou lá?

Sim, fiquei lá. Sabe que a gente ri, porque eu fui a primeira que voltei para minha cidade, depois de terminar os estudos fora. A primeira que saiu estudar e voltou para a cidade de origem. Geralmente, as pessoas conhecem outras pessoas, arrumam emprego, continuam a vida nos grandes centros, mas eu resolvi voltar. Na época, nós estávamos em quatro estudando fora. O Alcides [irmão] foi o primeiro que saiu de casa, depois fui eu e aí eu levei as minhas duas irmãs que vinham na sequência. A Dolores, que fez Geografia, e a Mirian, que fez Matemática na UFSC. Elas conseguiram fazer o ginásio em Medianeira. Então, houve uma época em que estávamos em quatro irmãos em Joinville. Mas os outros três ficaram lá. A Mirian fez o científico em Joinville e fez vestibular em Florianópolis, mas ela pegou aquele tempo em que a universidade fazia vestibular para Ciências. Exatas e Ciências Biológicas; por exemplo, quem fazia Biologia, Ciências ou qualquer outro curso desta área concorria todo mundo junto, eram 150 vagas, se não me engano, e quem fazia Engenharia, Matemática, etc., fazia outro vestibular. Ela [Mirian, irmã] passou

¹⁶⁹ A professora Teresinha me mandou, mais tarde, fotos de seu histórico escolar, diploma e outros documentos da época.

super bem no vestibular, se não me engano em oitavo lugar, junto com todas as Engenharias, ali no início da lista. Mas eu sei, eu tenho uma certeza muito grande de ter patrocinado para ela ir lá [Florianópolis] fazer o curso, como arrumar um lugar para ela ficar, arrumar trabalho e essas coisas todas. Quando eu as levei para lá [Joinville], eu estava entrando na faculdade. Eu consegui vaga para morarem no Santos Anjos, pois eu já estava lá. O Santos Anjos funcionava como internato, a gente ficava lá e trabalhava para pagar a pensão. Fazia a faxina do colégio... essas coisas todas. Ajudava a lavar roupa, ajudava a cozinhar, para tudo tinha escalas de trabalho e todas iam revezando. Aí, como as meninas [irmãs] vieram de Medianeira, eu consegui vagas para elas também. Daí a Miriam fez o Científico, e a Dolores fez o Magistério, na escola normal da época. Quando a Mirian resolveu fazer vestibular, primeiro ela fez junto com a Engenharia, mas ela sempre foi muito bem em Matemática. Durante o vestibular, que era uma semana toda, na época, fui para Floripa, ver como é que ela estava e para dar uma força moral. Sabe como é: irmã mais velha [risos]... Ela passou no vestibular e foi morar em Florianópolis, aí fomos para lá arrumar um lugar para ela morar e para trabalhar, aquele primeiro acompanhamento, mas depois ela se virou, depois namorou, casou e ficou lá em Florianópolis. Enquanto estudante de Matemática, pois era depois de dois anos que se fazia a opção pelo curso, ela arrumou um estágio com um professor e começou a trabalhar na Universidade e nunca mais saiu. Terminou, fez concurso, se efetivou... hoje é doutora em Matemática e já está aposentada.

E a Dolo [Dolores, outra irmã] fez Geografia em Joinville, fez Mestrado no Rio [de Janeiro], e daí ela fez o concurso para entrar na UFSC. Meu irmão [Alcides] também fez concurso para entrar na UFSC, e os três ficaram lá. Se eu tivesse ficado em Joinville, provavelmente meu caminho também teria sido esse, me efetivar na UFSC. E eu lembro que uma vez encontrei com o professor Bosco, e ele me perguntou: “Que que tu tá fazendo lá no interior perdida, podia vir para cá, para Florianópolis.” Mas eu não sei, eu acho que eu tinha uma vocação para optar pelos que precisavam mais. E fiquei por Medianeira mesmo.

Fui para lá, mas eu e meu marido trabalhamos muito e tivemos uma influência muito grande na cidade, pelo fato de a gente ter feito faculdade. No ano em que a gente foi para lá, na verdade, naquela escola pública em que a gente foi trabalhar, chegaram cinco professores licenciados. Imagina que revolução que foi dentro daquela escola! Porque os outros que estavam lá, profissionais liberais, que

estavam dando aula, perderam as vagas que tinham. Mas, em compensação, acho que o ganho dos alunos, da cidade, foi muito grande. Porque saltou a qualidade da escola. Lógico: professores formados especificamente para dar aula, é uma coisa muito diferente! E a gente já tinha dado aula em Joinville, então já tínhamos experiência. Não era a primeira vez que íamos entrar em sala de aula, mas tivemos um trabalho muito grande na nossa cidade. O meu marido foi diretor, eu não, sempre fiquei em sala de aula, sempre fiquei com meus alunos. Tanto que eu cheguei depois a fazer um concurso quando começou o CEFET¹⁷⁰ Medianeira, que hoje é a Universidade Tecnológica. Passei bem no concurso, para dar aula, fiquei um ano, mas daí eu trabalhava três turnos, era muito puxado. Eu digo: “não, isso é exagero”. Peguei e desisti desse Federal e fiquei com as aulas no estado. Eu não queria deixar meus alunos (esforçados) pobrezinhos do noturno, que trabalham durante o dia, sem professor de Física, e fiquei dando aula para eles. Desisti do Federal. Hoje eu fico com o pé atrás um pouco com essa decisão, mas eu acho que eu fiz tão bem para eles, dando aula, que fico compensada. Eu sempre digo que, no magistério, se você pensar em compensação financeira, esqueça, não existe, mas a compensação profissional, do bem que você faz, não há o que pague.

E eu sinto isso, sabe? De uma missão cumprida. Sempre gostei de dar aula, não gostava de corrigir prova, eu gostava era de dar aulas, porque o aluno queria aprender e estava lá com a gente para aprender e não para fazer uma prova, para ganhar uma nota. Mas fazia parte do processo, muitas vezes, nesta vida, levantei às 4 da manhã para corrigir prova.

Lidiane: Na época a senhora trabalhava 40 horas. Eram 40 aulas?

Quando eu fiz o concurso eram 44 aulas, nem 40 eram, comecei com 44 aulas, 22 de cada padrão¹⁷¹. Daí, um tempo depois, mudou para 40. Quando baixou de 48 para 44 horas na CLT – Consolidação das Leis de Trabalho –, eles diminuíram o nosso de 44 para 40 horas. Eu tinha na época dois padrões de 20 horas, porque o magistério no estado do Paraná era dividido em padrões. E, na época, decidimos voltar para o Paraná, porque pagavam bem mais. O salário era bem melhor do que em Santa Catarina. E meu pai insistiu para a gente voltar para casa. Os meus irmãos estavam na escola estudando, ainda era ginásio, daí tudo ajudou para a

¹⁷⁰ O Centro Federal de Educação Tecnológica da Medianeira teve suas primeiras turmas em 1990.

¹⁷¹ Padrão, conforme legislação educacional do Estado do Paraná, é o vencimento expresso em algarismos arábicos, aplicável a cada cargo como retribuição financeira pelo seu efetivo exercício. Existem padrões de 20 e 40 horas.

gente voltar para trabalhar lá. Eu tinha um irmão pequeno ainda, na época. Dei aula para vários dos meus irmãos, dei aula para os meus filhos também, na escola. Mas a gente trabalhou tanto nessa escola estadual que a gente conseguiu transformar ela como Escola Modelo da região. Só para ter uma ideia, a gente organizava uma feira de ciências. Eu era responsável, vinha pessoal de Cascavel [PR], os colégios fretavam um ônibus e vinham nos visitar, até Foz do Iguaçu [PR]. Agendavam e vinham visitar nossa feira, uma forma de reconhecimento da qualidade que ela tinha. Hoje não tem mais, mas na nossa época a gente fazia isso. A gente trabalhava muito, aquela dedicação de vocação, de amor pelo trabalho, pelo desenvolvimento, pela dedicação que a gente não consegue ver hoje, infelizmente.

Lidiane: E o seu esposo, também sempre foi efetivo nessa escola?

Foi. A gente fez concurso e foi junto para lá, e ele assumiu a direção por um período. Porque quando a gente mudou para lá era só contrato. Os “bóia-frias” do magistério (a gente usava esse termo na época), e começamos a brigar e entrar na justiça porque tinha que fazer concurso, porque o Estado não abria concurso. Eu lembro que meus pais disseram que, em função de termos entrado na justiça, nós éramos loucos e íamos perder o emprego. Mas não tínhamos medo, em algum lugar iríamos encontrar aulas para dar. Entramos em 1975 com a ação contra o Estado. O processo foi assim: quando chegamos em Medianeira, nos inscrevemos na Associação dos Professores Licenciados do Paraná, com sede em Londrina. A assessoria jurídica dessa instituição foi quem montou o processo, pois as leis da época definiam duas situações para trabalhadores públicos: concursado ou CLT. Nós não éramos nenhuma dessas opções. Éramos apenas contratados a cada início de ano para o período letivo. O primeiro pagamento só vinha lá pelo mês de setembro. Assim, entramos com processo em 1975, e, em 1979, teve o concurso. Porque ele foi perdendo, recorrendo e perdendo. E teve que fazer concurso. Passamos no concurso e, a partir de 1980, nos efetivamos. Acabei me aposentando depois no Estado. Mas, assim, foi lutado. Nós fazíamos muita greve, para melhores condições de ensino, entre outras coisas, também pela eleição de diretor, aula permanência, já lutávamos para ter. Eu nunca tive, não sei qual era o gostinho de uma aula permanência.

Lidiane: O que era uma aula permanência na época?

A gente já falava em ter um horário pago para preparar aula e corrigir prova, porque fazia parte do trabalho, e a gente achava justo que tivesse remuneração.

Então, ela teve o título de aula permanência. Era ficar na escola, pago, para poder fazer essas coisas. Hoje, no Paraná, tem um terço do horário para fazer esse trabalho, mas na nossa época não tinha. E a nossa geração foi uma geração que precisou trabalhar muito, dentro da escola, mas a gente não se importava de fazer hora extra, ir lá trabalhar sábado, domingo, se precisasse fazer um passeio ciclístico para os alunos, a gente ia, numa boa, não ficava preocupada. A gente pensava muito mais nos alunos do que na gente mesmo e no salário no final do mês.

Lidiane: Muito bem. Então Profe, esta apresentação inicial é muito legal para conhecermos quem é a Teresinha Selinke. Eu gostaria de saber um pouco sobre o curso de matemática da UNIVILLE. A senhora pegou bem o início do curso, foi das primeiras turmas. Quantas vagas tinha o curso? Quem eram os alunos?

Na primeira turma, havia vários alunos que eram professores, mas a nossa, a segunda, também tinha vários que já eram professores. A UNIVILLE atendia toda a região. Eu lembro que nos quatro cursos que nós tínhamos lá, tinha uma Kombi de São Francisco do Sul [SC], outra de Jaraguá [SC] e Guaramirim [SC], que ia todo dia para Joinville. Eu acho que o curso da FURB, de Blumenau, começou depois do nosso de Joinville¹⁷², seguindo o nosso exemplo, pois eu lembro que a Prefeitura bancava uma parte no início. A gente até fazia intercâmbio um pouco com essas universidades que já existiam. Eu lembro que uma vez nós fomos jogar vôlei em Florianópolis contra a Universidade Federal, acho que a gente tem que fazer esses exercícios de troca.

Na minha turma, por exemplo, havia uns que trabalhavam na empresa de fundição Tupy, trabalhavam na computação, com o famoso IBM [computador], que ocupava uma sala inteira, era o início da Computação. E a Fundição Tupy era a maior empresa de fundição da América Latina e foi a pioneira em Joinville em ter isso. Então, o Guido, o Renato e o Vili – esses três eu tenho certeza – trabalhavam na computação lá na Tupy e vieram fazer o curso de Matemática, porque era interessante fazer matemática para trabalhar até com a computação, mas eles nunca foram para a sala de aula. O Guido, da última vez em que encontrei com ele, era dono de um restaurante. Mas havia muitos colegas professores na minha turma, eram professores, continuaram professores e se aposentaram professores. O curso

¹⁷² O curso de Matemática da FURB de Blumenau foi aprovado em 1º de junho de 1968, dois meses depois da aprovação do curso de Matemática da UNIVILLE (1º de abril de 1968).

tinha 40 vagas, começava com 40 alunos, se não preenchesse na primeira chamada, tinha segunda chamada. É porque tinha eliminatória no vestibular.

Lidiane: Como era o vestibular?

O vestibular era assim: tinha redação, que nós, do curso de Matemática, tinha que tirar, no mínimo, nota cinco, senão já era eliminado; no segundo dia, tinha Matemática. Eles corrigiam as provas de redação de um dia para o outro, e só fazia a prova de Matemática no dia seguinte quem já tinha conseguido, pelo menos, 5 na redação. Todos os cursos faziam a redação no primeiro dia, e o assunto da redação era diferenciado para cada um dos cursos. Eu lembro que a nossa redação foi “a importância dos números na vida das pessoas”. A prova específica do curso era eliminatória também, tinha que tirar 4. E, no terceiro dia, o nosso curso tinha Física e eu acho que alguma coisa de desenho também, porque o nosso curso era Matemática, Física e Desenho Geométrico, com objetivo claro de formar professores, e foi por isso que foi criada a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Joinville.

Lidiane: Essa Faculdade, inicialmente, foi gerida pela prefeitura...

Não, Fundação Joinvilense. Foi criada uma diretoria para ela, não era da prefeitura. Ela pagava uma parcela dos custos e havia uma diretoria, que determinava o diretor, e ele é que mandava. E a gente pagava para eles porque uma parte éramos nós, os alunos, que pagavam. Então, tinha o carnezinho para pagar mensalmente. A gente pagou todo o curso, e o curso de Matemática era o que tinha maior desistência, porque era difícil, tinha o tal do CDI (Cálculo Diferencial Integral), naquela época, que incomodava, era o “calo” de todo mundo. Eu lembro que no primeiro ano de faculdade já tinha história de passar por média, mas era média 7, para passar tinha que ter 28 pontos, eram quatro notas. Era bimestral o sistema. No último bimestre, a única que tinha chance de ainda passar por média em cálculo era eu, mas eu precisava tirar 10, e eu desafiei o professor: “eu vou passar por média, vou tirar 10”. Eu me matei estudando, e só tinha o domingo para estudar, porque aos sábados pela manhã a gente trabalhava e, à tarde, ia para a aula. Estudei tudo o que eu podia, peguei tudo quanto era livro de Cálculo Diferencial e Integral, fazia todos aqueles problemas, todos aqueles exercícios, o conteúdo todo, fiz a prova, e se a gente estudou, sabe quando vai bem na prova. Entreguei a prova e disse para o professor: “nem precisa corrigir, tirei 10”. E passei mesmo. Era uma matéria difícil, e tinha gente que reprovava, que pegava dependência, por isso a desistência do

curso. Depois dessa disciplina, nós tivemos Cálculo Numérico, Análise Matemática, são as que eu me lembro, mas vou mandar o histórico para você ver as disciplinas que havia em cada ano. Tinha também Psicologia, que era para formar professor. Tivemos Didática também, Pedagogia, alguma coisa assim, porque o curso era com esse objetivo, de formar professores. Eu me lembro da minha professora de Psicologia e Pedagogia, que era de Florianópolis. Ela dava aulas aos sábados, porque as pessoas de Florianópolis e de Curitiba vinham na sexta à noite e eram divididos os horários para conciliar entre os quatro cursos. No final das três disciplinas, a gente fez estágio de Matemática, de Física e de Desenho Geométrico. Tinha didática de cada matéria e estágio de cada matéria, não era moleza a faculdade não. Era puxado.

Lidiane: A senhora lembra a concorrência do vestibular para Matemática?

Olha, eu me lembro do primeiro vestibular, que alguns não passaram na primeira chamada, daí fizeram segunda chamada, e teve uns que não passaram no primeiro vestibular e fizeram novamente. Mas Matemática fechou 40 alunos. Matemática era ali, perto dos 40 alunos, um pouquinho menos, um pouquinho mais. Os outros cursos tinham concorrência bem maior, principalmente o de Letras, porque as pessoas achavam que Letras era mais destinado às mulheres, então, a concorrência era maior.

Lidiane: Como eram as condições físicas e estruturais de onde vocês faziam aula, da Fundação, na época? A senhora falou de mudança de prédio, que era alugado...

No começo era no Colégio Marista, nas salas que eram do ginásio e do segundo grau. As salas de aula eram normais, carteira, quadro de giz, de restante não tinha nada.

Lidiane: Deixa perguntar, os quatro cursos eram noturnos? O objetivo de todos era alcançar a população que trabalhava durante o dia?

Sim, todos eram noturnos, para este público trabalhador. E eles até facilitavam de noite, por exemplo, a presença, a frequência era facilitada porque tinha os alunos que estudavam à noite e precisavam de professores à noite também. Eu, no último ano, várias aulas no colégio noturno, nos terceiros anos, eu tinha oito aulas no Colégio noturno, por falta de professor. O próprio colégio ligava para a faculdade, implorando que deixasse o aluno tal pegar as aulas no noturno, que, por amor de Deus, arrumasse alguém. Era meio assim que funcionava. E no quarto ano

do meu curso, eu acho que eu tinha uma turma de Matemática naquele Colégio Estadual, que era onde estudei o Científico, e o restante eram todas de física. Eu tinha muitas aulas de Física, porque não existia quem desse aula. Fui me enchendo de aula e pensava: “vou levar até onde eu der conta com a faculdade”, mas só que começou mais estágio e como eu conseguiria fazer o estágio em outros horários? Tanto que os horários do estágio de Física, meus colegas fizeram todos nas minhas turmas de aula, lá no estado, porque o professor conversou comigo, a gente acordou que eles assistiriam a uma aula, porque não tinha outro lugar para irem [risos] e davam aula prática para os meus alunos. O professor ia à minha turma, assistia a aula junto com os alunos. E isso foi o que me permitiu dar essas aulas à noite. As aulas de matemática eu dei no Colégio Bom Jesus, que era o colégio dos protestantes, colégio particular, pois tinha o Santos Anjos, que era só feminino, e o Bom Jesus¹⁷³, que era misto. Eu me lembro de assistir aula, tive que negociar no trabalho e assistir aula aos sábados pela manhã, porque tinha que assistir aula antes de começar o estágio e depois dar aulas. Então, assim, Lidianne, nossa faculdade [curso] foi bem puxada, não era moleza não, foram 4 anos super puxados. Às vezes, meus filhos reclamam e eu digo: “vocês estão na idade de trabalhar, a mãe de vocês lutou muito mais do que isso”.

Lidianne: Como era o cenário político da época? A senhora falou antes sobre a ditadura... É uma parte muito interessante da nossa história...

É sim, muito interessante, e os que não viveram nesta época estão loucos para que a ditadura volte. Só porque eles não sabem o que foi. Por isso. Olha só, nós tínhamos, dentro do curso, aquela matéria Organização Política e Social Brasileira, que era para catequizar dentro da ditadura. Diz que não é para chamar de ditadura, pois eles trocavam de governo, dizem ainda que hoje em dia tem mais ditadura do que naquela época, existe um questionamento muito grande em cima disso, mas eles preferem usar o termo Governo Militar. Então, vamos dizer que, no governo militar da época, eu tive colegas que foram presos, que foram torturados, só porque ele tinha o livro do Marx. Ele foi meu colega no Científico, no Celso

¹⁷³ A história da Associação Educacional Luterana Bom Jesus começou em 1866, com a criação da Escola Alemã (*Deutsche Schule*). No entanto, a fundação do Colégio Bom Jesus, com sede na Rua Princesa Isabel, 438, deu-se, em 1926, pela Professora Anna Maria Harger e tornou-se propriedade da Comunidade Evangélica de Joinville em 1968.

Ramos¹⁷⁴, ele já é falecido. Mas depois ele conseguiu estudar, acho que fez Mestrado na Alemanha e se tornou professor da UFSC. Ele faleceu num acidente de barco a vela, na lagoa [da Conceição, em Florianópolis], pois o mastro do barco bateu no fio de alta tensão e o eletrocutou. Olha só que destino. Uma vez eu conversei com ele, e ele me disse que as duas piores torturas da ditadura eram o choque elétrico e o afogamento, porque ele contava que eles [os militares] davam choque elétrico na pessoa e ela ficava desesperada, e o afogamento era um tambor de água que eles socavam a cabeça do cara lá dentro e seguravam até a pessoa quase afogar, daí tiravam. Ele achava as duas piores formas de tortura, mas contava sobre o pau-de-arara, com braços e pernas amarrados de cabeça para baixo, tiveram mulheres que eles colocavam cigarros acesos dentro da vagina, no ânus... nesse período de ditadura que a gente fala. Então, esse foi um período bem “negro” da nossa história. Eles [os militares] controlavam muita gente, a gente não podia abrir a boca e falar as coisas.

Lidiane: Como era o nome deste seu colega?

Era o Marcos Cardoso. Eu estava na faculdade, e a gente não tinha como ser a favor disso tudo, sabe? E olha que meu pai sempre foi aqueles de direita, quando tinha Arena¹⁷⁵ e MDB¹⁷⁶, meu pai era Arena. Que era UDN¹⁷⁷ antes da mudança de governo e depois continuou de direita, mas ele respeitava a gente, ele nunca nos questionou por termos inclinação para oposição. Eu nunca me filiei em partido nenhum, mas lógico que a gente fazia uma torcida grande para o outro lado, e hoje eu sou altamente decepcionada. Eu acho que os governos de esquerda foram muito piores do que até mesmo os governos militares. Bem, mas no governo militar o controle era muito rígido, eu acho que falei antes de você começar a gravar, quando a gente estava no segundo ano da faculdade, nossa turma era assim um pouco mais agitadinha, era na sua maioria homens, rapazes, a gente era mais de pôr a “Boca no Trombone”, quando podíamos, daí no segundo ano da faculdade simplesmente eu não sei de onde chegou um Capitão do exército. Capitão Lemos. Ele veio para estudar com a gente não sei se tinha feito o primeiro ano do curso e não sei nem

¹⁷⁴ Criada pelo Decreto nº SE – 11.11/961/668, de 11 de novembro de 1961, do então Governador Celso Ramos, foi criada a Escola Normal de Joinville, que funcionaria anexo ao Ginásio Estadual Governador Celso Ramos, ampliando assim sua capacidade de atendimento escolar gratuito ao 2º grau, na época.

¹⁷⁵ Aliança Renovadora Nacional, partido política da época.

¹⁷⁶ Movimento Democrático Brasileiro, partido político da época.

¹⁷⁷ União Democrática Nacional, partido político da época.

onde havia feito. Sei que ele se infiltrou no diretório acadêmico, em tudo ele estava inserido. A gente sabia, na época, que ele veio para cuidar da gente, porque hoje se sabe, com mais clareza, que tinha militares que apoiavam o esquema militar, mas uns apoiavam o socialismo. A gente tem clareza hoje disso, que as forças militares não eram unânimes, eram divididas também. E a gente ficava “encucada”, porque tinha um major do exército, por exemplo, que sempre estava do nosso lado. Se teria alguma bronca, ele chamava a gente e avisava: “cuida com isso”. E ele dava uns “alôs” para a gente, sabe? Se estavam perseguindo, ele avisava. Meu irmão quase foi preso nessa época, porque ele era quem cuidava do jornal da universidade. O professor Moraes, da Matemática, é que não deixou ele ser preso. Então, assim, de vez em quando, me chamavam para alguma coisa lá no batalhão, porque era o batalhão que controlava tudo. E eu fico pensando, não tinha internet, não sei como eles conseguiam controlar tudo tão bem. Eles eram muito eficientes no controle, imagine eles controlando hoje. Mas eles são muito divididos, por isso eles não tomam o poder hoje. Se eles tivessem competência, já teriam tomado o poder hoje. Você acha que o Temer¹⁷⁸ fez a intervenção no Rio [de Janeiro]¹⁷⁹ de graça? Não, foi para mostrar que os militares não têm competência para conduzir [risos]. Não é verdade? Se a gente analisa... mas quem é que vê isso? Poucas pessoas conseguem enxergar isso. As pessoas têm segundas, terceiras, quartas e quintas intenções. Tudo pelo poder, nada pelo povo.

Mas este capitão Lemos foi até o final do curso, formou-se conosco. Depois de formado, ele casou com uma moça de Joinville, a conheci naquele encontro. Hoje ele é reformado no exército, não sei ao certo se é em São Paulo ou em Curitiba que ele mora. Mas ele foi naquele encontro, daí eu cheguei para ele e falei: “Pois é, Lemos, na época eu não podia dizer, mas que você foi para lá só para cuidar de nós, isso você foi”. Ele só riu. Era óbvio, a gente sabia. Mas eu tive a chance de dizer isso para ele, que a gente sabia. Que a gente não era ingênuo e burro [risos]. Nunca fui radical de esquerda, era simpatizante. Quando estive em Cuba, voltei de

¹⁷⁸ Michel Miguel Elias Temer é político e advogado brasileiro. Foi o 37º presidente brasileiro, comandando o país entre 31 de agosto de 2016 a 1º de janeiro de 2019, quando foi empossado em função do *impeachment* da titular, Presidenta Dilma Rousseff.

¹⁷⁹ A intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro foi decretada em 16 de fevereiro de 2018 com o objetivo de amenizar a situação da segurança interna no estado e teve término em 31 de dezembro de 2018. Tal decreto restringiu os efeitos à segurança pública e foi assinado pelo Presidente da República, Michel Temer. Como interventor foi nomeado o general do Exército, Walter Souza Braga Netto, do Comando Militar do Leste.

lá agradecida aos militares por não terem deixado implantar, em nosso país, o comunismo.

Mas eu vou fugindo dos assuntos. Eu estava falando do Colégio Marista, era um colégio normal do ginásio, que já tinha o Científico na época. O meu irmão dava aulas no ginásio lá, de Português, e ele era aluno do Científico. Ele foi servir o exército, mas deve ter tido uma mãozinha do meu tio, que era padre, que conseguiu uma vaga para ele no Marista para dar umas aulas. No exército, ele fez curso lá dentro e saiu como cabo. Enquanto estava no exército, ele continuou estudando, pois nós estudávamos no mesmo ano, eu estudava de manhã o Científico no estadual [Celso Ramos], e ele, à noite, pois ele trabalhava e dava aulas no Marista. Depois ele fez o vestibular e nós nos formamos juntos na Faculdade, eu em Matemática, e ele em Letras. Os meus pais foram, lá de Medianeira, para a formatura. Imagina só: os dois filhos se formando na Faculdade, era um *must* da época. E o orgulho deles, sabe? Dois filhos se formarem. Eu sempre digo assim, Lidiane, eu admiro os meus pais, porque não é que eles deram o estudo para a gente, eles deixaram a gente sair para estudar. Porque, para os padrões da época, eu principalmente, por ser mulher, ficar fora, estudando, não era normal. Eles tinham uma confiança muito grande em nós, um respeito muito grande por nós, pelas ideias políticas, não ficavam implicando, sabe? Pegando no pé, nada disso. Eles eram muito compreensivos, fugiam dos padrões da época, pense em pais assim em 1960, era muito raro. Em função disso, é que eu consegui levar a Dolores e a Mirian para lá. Depois, os outros tiveram oportunidade de estudar na região, daí tinha faculdade em Cascavel [PR], bem mais próximo, e Cascavel também tinha curso de Matemática. Quando voltei a Medianeira, já tinha curso de Matemática em Cascavel, era Ciências com Habilitação em Matemática.

Lidiane: Eu acho que nós não chegamos a falar: a senhora fez o curso superior, fez especialização?

Bem, a especialização eu fui fazer depois que eu me aposentei no estado do Paraná. Eu me aposentei em 1995, porque eu já tinha o tempo de serviço e não tinha limite de idade, eu estava com 45 anos na época. Então, fui fazer especialização em Florianópolis, com o grupo da Mirian e da Regina, porque eu tinha o intuito de trabalhar com a formação de professores na minha região. Eu estava aposentada, então poderia me dedicar a isso. Mas olha o que aconteceu: fui numa prefeitura lá da minha região para conversar, pois eu achei que, como eles

estavam investindo, eles estavam ganhando os *royalties* de Itaipu¹⁸⁰, ganhariam bastante dinheiro e poderiam contratar facilmente, mas eu não fiz preço abusivo, nem nada, fiz um preço normal. Fui lá conversar com eles, e sabe o que eu tinha que fazer? Eu tinha que abrir uma empresa, e daí eu descobri a história da corrupção, porque, por exemplo, se eles me pagassem R\$ 1.000,00, eu teria que dar uma nota fiscal para eles da minha empresa de uns 4 ou 5 mil. Fui ver para abrir uma empresa, eu ia ter que pagar tanto imposto para ter uma empresa, para poder fazer esse trabalho, que eu desisti, não fui mais. Fiz uma formação com um grupo de professores de Medianeira, um curso de formação para meninas que estavam terminando magistério. Mas foi bem restrito, foi bem pouco, não consegui fazer essa minha ideia, esse meu sonho, pois a minha intenção era mais ajudar do que ganhar mas não deu certo, não fluiu. Bem, daí eu fiz um concurso, trabalhei um tempo no CEFET, que depois se transformou em Universidade Tecnológica, mas eu era contratada, porque o cargo efetivo eu já tinha largado antes, lembra que contei? Para esse só me chamaram porque precisavam de professor, aí fui lá, trabalhei um tempo. Eu não sei sua posição política qual é, mas ainda tive que ouvir de um desses radicais recém-formados: “não sei por que aposentado vem aqui dar aula, tirar a vaga dos novos que podem estar aqui.” Eu virei para ele e só disse assim: “olha, eu só estou aqui porque foram me buscar em casa, pois faltava professor”. Ele ficou quieto, não retrucou nunca mais. Mas o cenário atualmente é assustador, Lidiane, as pessoas falam o que não sabem, brigam pelo que não conhecem e gostam cada vez mais de opressão.

Nós, professores do Paraná, desde que entrou o Requião¹⁸¹, eu.... Nós tivemos o Richa¹⁸², que foi um governo muito bom para os professores. O Richa foi eleito quando ainda era governo militar, quando teve a primeira eleição de governador, se não me engano. Antes era nomeado. Mas não o Beto¹⁸³, o pai dele, o

¹⁸⁰ Em Toillier (2013) há um destaque com relação aos *royalties* pagos pela Usina de Itaipu (PR) às prefeituras em função do Decreto nº 1 de janeiro de 1991 que definiu o pagamento mensal de uma compensação financeira pela área atingida pelo Lago de Itaipu. Mais detalhes podem ser consultados em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91144>.

¹⁸¹ Roberto Requião de Mello e Siva, eleito governador do Paraná por três mandatos: de 1991 a 1994, 2003 a 2006, e 2007 a 2010. Disponível em: <http://www.robertorequiao.com.br/trajetoria-2>

¹⁸² José Richa, eleito governador do Estado do Paraná para mandato entre 1983 a 1986.

¹⁸³ Beto Richa governador do Estado do Paraná entre 2011 e 2018. É importante ressaltar que, enquanto José Richa foi eleito o 47º governador (1983-1986) do estado do Paraná pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), partido de centro e também foi prefeito de Londrina – PR (1973-1977), seu filho Carlos Alberto (Beto) Richa foi eleito duas vezes governador do estado

José Richa. Acho que o José Richa está se mexendo lá no túmulo com as coisas que o filho fez. Nós tínhamos na época reivindicações fortes, que eram eleições para diretor e o piso salarial. Pois nós tínhamos feito greves, pois éramos ousados, era proibido fazer greve no governo militar, mas a gente andou fazendo umas lá. E aí o Richa prometeu que o primeiro ato dele como governo seria fazer o projeto, deixar pronto para mandar para Assembleia Legislativa, para aprovar a eleição de diretor. E realmente, naquele ano, em outubro, teve eleição para diretor. E tem até hoje. Mudaram um pouco os critérios, está mais manipulado um pouco do que foi na época, pois na época foi um processo muito aberto, e hoje já não é tão transparente assim. Antes de ter eleição, era o prefeito quem escolhia o diretor da escola, e aí havia uma interferência política muito grande dentro das escolas públicas, mesmo as que eram do estado. Mas mesmo assim era o prefeito quem escolhia, e ele era fiel ao governo militar. Eu lembro que eu estava em Joinville quando foi eleito o primeiro prefeito depois do governo militar. Quem ganhou foi o Pedro Ivo¹⁸⁴, eu tava lá, foi o último ano da minha faculdade e uma imagem que ficou na minha cabeça foi o povo do Iririú, que era um bairro Operário de Joinville, vindo todos abraçados, caminhando, do bairro, para festejar, todo mundo junto na Rua do Príncipe. Estava chovendo em Joinville naquele dia. É uma imagem muito forte que ficou, eles vindo de lá... daquele bairro, festejando.

E o José Richa também conseguiu o piso salarial para o magistério paranaense. O piso salarial na época era três salários mínimos para os iniciantes de primeira a quarta série. Eu, como tinha Licenciatura Plena, já tinha um salário maior, então, nós tivemos uma boa melhora salarial naquela época. Depois, a Constituição de 1988 tirou o piso salarial¹⁸⁵, tirou o salário-mínimo como referência. Isso foi uma perda muito grande, pois, a partir daí, o governo começou a manipular os aumentos. Passou a não fazer mais reposição inteira, essas coisas. Hoje minha aposentadoria

Paranaense (2011-2018), além de prefeito de Curitiba (PR) por dois mandatos (2001-2010) e deputado estadual do Paraná de 1995 a 2001 pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

¹⁸⁴ Militar e administrador, natural de Florianópolis/SC. Prefeito em Joinville/SC.

¹⁸⁵ No inciso V do Artigo 206 da Constituição Federal de 1988, ficou instituído como forma de “valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União”, o que foi alterado pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006, que passou a ter a seguinte redação: “valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas, tirando assim a obrigatoriedade do piso salarial”. Porém, essa mudança de legislação ocorreu em 2006, destoando da época citada pela depoente.

está bem reduzida, se for comparar em termos de salário-mínimo, quando eu me aposentei e hoje, já perdi 50% do meu salário. Tenho certeza de que a hora em que eu estiver velhinha, que eu precisar de mais dinheiro, vai chegar a um salário-mínimo, se eu viver bastante, é claro [risos]. Do jeito que andam as coisas... Isso que é funcionalismo público, porque tem uma lei que determina e ainda está valendo, que se der aumento para o funcionário público precisa dar também para o aposentado.

O que o Requião fez? Ele criou mais o nível de Mestrado, no Plano de Cargos e salários do magistério paranaense o tal do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE)¹⁸⁶, porque a gente já poderia acessar até a especialização. Eu não consegui incluir minha especialização, porque eu me aposentei em 1995 e fiz a pós no segundo semestre de 1995, fui para Floripa, fiquei lá assistindo aula. Bem, daí o Requião criou este nível, de Mestrado. Além disso, liberou os professores que quisessem fazer o Mestrado. Eles eram dispensados do trabalho e poderiam tirar essa licença para fazer o Mestrado. Isso melhorou muito as condições do magistério paranaense. Hoje tem professores no Paraná que chegam a ganhar R\$ 16.000,00 por mês. É ótimo o salário, é salário de professor universitário, professor de Universidade Federal praticamente, com responsabilidades de professor de escola pública estadual de Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Hoje, no Paraná, o ensino de Fundamental I, aquele que antes eram as quatro primeiras séries, hoje são cinco, do primeiro ao quinto ano, ficou sob a responsabilidade das prefeituras. Aqui, em Santa Catarina, eu vejo que não é assim tão forte, uma regra. Mas lá no Paraná essa divisão é rígida, tanto que vários colégios estaduais de primeira a quarta série na época ficou de quinta a oitava, e as prefeituras assumiram todo esse ensino básico inicial. E o que eles fizeram com os professores de ensino Fundamental I das escolas estaduais? Havia algumas faculdades estaduais, e eles [Estado] deram oportunidade a esses professores de trabalhar com alguma disciplina específica na faculdade. Havia professores que tinham outras formações, além da Pedagogia, e acabavam assumindo disciplinas específicas, como Matemática, por exemplo. Quando me formei em Santa Catarina, o pessoal queria que eu ficasse lecionando por lá, mas eu sabia que o Paraná tinha condições melhores para os professores, pagava mais, e as condições eram outras, então

¹⁸⁶ Programa de Desenvolvimento Educacional.

resolvi retornar assim que me formei. Eu sei que a prefeitura de Joinville paga melhor que a rede estadual, porque a prefeitura de Joinville tem também do sexto ano para frente, a segunda etapa do fundamental. Quando eles fazem concurso lá, os professores aproveitam, pois eles pagam bem, melhor que o Estado de Santa Catarina.

Lidiane: Que legal, profe, que você teve oportunidade de trabalhar em dois estados diferentes e poder nos contar essas diferenças. Então, nós já contemplamos vários assuntos aqui: cenário político, social, cultural, as condições da instituição, o objetivo do curso da UNIVILLE era mesmo o de formar professores. Os alunos, nós falamos um pouquinho sobre eles, os espaços e os horários das aulas também nós conversamos. Os cursos de formação de professores de Matemática próximos de Joinville, quais eram na época?

Eu lembro que Blumenau andou abrindo depois, se não me engano. No começo, Jaraguá [do Sul] vinha para Joinville, mas eu acho que depois abriram lá também, bem depois, porque eu lembro que vinha de Guaramirim [45 km de Joinville], e eles não vinham somente para o curso de Matemática, vinham para Geografia, História, Letras. Os alunos vinham toda noite, de ônibus, estrada de terra, saíam do trabalho e vinham direto porque a faculdade começava às sete. Tinha alunos de São Francisco do Sul [50 km de Joinville], Araquari [40 km]. Eu tinha uma colega de lá. A maioria vinha de Kombi, porque não tinha tanto aluno. Eu acho que depois que foi tendo mais alunos talvez viessem de ônibus. Alguns vinham com carro, davam carona, faziam lotação de carros, aquela compartilhada que eles querem que faça hoje, já tinha na época...

Lidiane: Profe, qual foi o impacto para a região de Joinville o curso que a senhora fez de Formação de Professores de Matemática?

Eu acho que houve uma ampliação da rede escolar, iniciou essa ampliação, pois havia poucas turmas de Científico no Celso Ramos e isso foi se ampliando; logo em seguida, tínhamos de 10 a 12 turmas de primeiro ano do Científico. Então, imagina, todo mundo teve a consciência de que era bom estudar e foi para escola. Havia senhores de idade que trabalhavam em empresas, não sei se houve incentivo das próprias empresas, mas eles frequentavam o Científico. As empresas, como eu falei, participaram da formação da FUNDAJE, e, a partir disso, encaminhavam as pessoas para se formarem, para retornarem e trabalharem na empresa com mão de obra especializada. Eu acredito que foi por essa necessidade que eles começaram a

se reunir, e isso causou um impacto muito grande, pois o povo todo começou a estudar para melhorar as condições de vida. Então, para Joinville, que era uma cidade industrial, de muito emprego, a formação do pessoal melhorou os salários, as condições de vida e, conseqüentemente, a economia da cidade e assim por diante. A necessidade de formação acabou atingindo todos os setores, também as escolas, pois foram abrindo escolas novas nos bairros e precisando de professores formados, professores para as escolas particulares... A população da cidade foi crescendo e foram aparecendo muitos interessados em estudar. Eu me lembro do Celso Ramos, na época em que eu estudava lá, era um prédio novo, várias salas ociosas. Depois que comecei a dar aulas, as salas estavam sempre cheias de alunos. Uma mudança radical depois da criação do Científico. Com relação ao curso de Matemática, a FUNDAJE formou professores da região toda de Joinville, um salto educacional muito grande, uma vez que esses professores retornavam para suas cidades e trabalhavam nas escolas, municipais e estaduais. O curso teve impacto não somente para Joinville, mas para todo o seu entorno.

Lidiane: A senhora lembra se tinha algum apoio institucional, alguma forma de ajuda de custo, bolsa para formação para estes professores?

Não tinha. Era aula e formação para professores, especificamente direcionado para isso mesmo. Não tinha aquele aluno que ajuda o professor [estagiário], não tinha nada. Eu não sei se, de repente, a diretoria da FUNDAJE dava desconto para alguém. Nunca soube de alguém que não pagasse a mensalidade integral, pode ser que tivesse, mas eu nunca soube. Era mais provável ter alguma empresa que ajudasse a pagar a faculdade de algum funcionário do que um auxílio da instituição. A instituição não ajudava ninguém.

Lidiane: Bem, a senhora falou um pouquinho sobre o colegiado do curso, sobre os professores, falou que eles vinham alguns de Florianópolis, outros de Curitiba e alguns da própria cidade. Esses professores eram formados em matemática ou tinha professores que não eram da área?

Alguns não tinham formação de professor. Eu lembro, por exemplo, Cálculo. Era o Spartacus¹⁸⁷ que dava para nós, ele tinha três engenharias.

Lidiane: Esse Spartacus é muito famoso. A senhora lembra o nome dele?

¹⁸⁷ Spartacus Sonnesen.

Não lembro, ele era conhecido só como Spartacus. Era muito famoso, porque ele era muito exótico, um crânio. Sabe aquelas equações de diferencial? Aquelas que ocupavam o quadro inteiro mais uma linha? Com ele era tan, tan, tan e o resultado vai dar isso. Ele fazia integral e diferencial com uma facilidade, o cara era gênio, e ele dava para nós o Cálculo Diferencial e Integral, mas ele era engenheiro, não era formado como professor. Eu sei que ele tinha Engenharia Civil, [Engenharia] Elétrica e parece que tinha mais uma Engenharia. Ele era formado em São Paulo. Ele era um gênio. Eu lembro também que Cálculo Numérico quem deu foi um tal de Malchisky, que também era engenheiro em Joinville.

Lourival Malchisky era o nome dele. Ele dava Cálculo Numérico, era engraçado que ele fazia provas. As questões eram padrão, iguais, mas ele punha uma sequência de resolução para cada aluno, para ninguém colar. Olha o trabalho dele para corrigir essas provas. Claro que a turma já tinha ficado bem pequena, pois o Cálculo Numérico era no terceiro ano, devia ter uns 15 alunos, nem sei se tinha tantos.

Além do Malchisky, durante o curso, veio um professor com formação de magistério, que era o Avelino Marcante¹⁸⁸. Ele era um irmão Marista que saiu da Congregação e veio dar aula na Universidade também. Então, na verdade, ele era formado em curso de magistério, provavelmente com um curso de Matemática, Física, Ciências da Computação, não sei, mas ele tinha algum curso superior, pois na Universidade só podia dar aulas quem tinha formação superior. Os professores que vinham de Florianópolis eram da área das Exatas, os que vinham de Curitiba também, o Moraes tinha feito Matemática em Paranaguá, o Piski também, acho que ele está vivo e morando em Joinville, Osni Piski¹⁸⁹. Ele deu aula para mim no

¹⁸⁸ Avelino Marcante era graduado em Física, e mestre e doutor em Ciências pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Ligado ao Departamento de Engenharia Elétrica foi o primeiro professor da Udesc Joinville com título de doutor. Morreu em 18 de abril de 1990. Seu nome foi dado ao campus da Udesc Joinville como reconhecimento aos serviços prestados à Instituição. Além disso, Joinville possui uma escola municipal com o nome de Professor Avelino Marcante, por sua trajetória e histórico na educação do município. Disponível em: https://www.udesc.br/noticia/udesc_joinville_homenageia_ex-diretor_avelino_marcante.

¹⁸⁹ Osni Piski nasceu em 19 de fevereiro de 1945, em Joinville - SC. Formou-se em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ). Desempenhou as seguintes funções: Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de SC (UDESC), em Joinville; Diretor de Ensino e Pesquisa da FURJ; Presidente da Fundação Municipal Albano Schmidt (FUNDAMAS), em Joinville; Administrador Regional da Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (CASAN), em Joinville; Secretário de Obras e Viação da Prefeitura Municipal de Joinville (1977-1980). Deputado Estadual na Assembleia Legislativa de Santa Catarina pelo Partido Democrático Social (PDS) (1983-1987).

Científico e, na época, ele ia para Paranaguá [PR] fazer o curso de Matemática. Ele, o Mário Cesar Moraes¹⁹⁰ e o Divo Schneider¹⁹¹ que iam, mas o Divo não deu aula para nós. Eles iam de carro. O Piski deu aula para nós na área de Desenho e Geometria Descritiva.

Tínhamos também o professor Adil Calomeno¹⁹², que era Engenheiro, mas ele deu as disciplinas de Física. O Pedro João Bosco, o professor Bosco¹⁹³, era de Florianópolis, era da Matemática. E aí havia as mulheres que deram Pedagogia, Psicologia, estas coisas que tínhamos por ser curso para o magistério. No último ano, tinha Didática da Matemática, Didática da Física e Didática do Desenho Geométrico. Para você ver como o curso era direcionado mesmo a formar professores, das três disciplinas, porque na época tinha Desenho Geométrico no Ginásio e também no Científico, por isso precisava de professores. Era uma disciplina obrigatória. No Paraná, hoje tem uma aula por semana de Desenho Geométrico no fundamental de 6º ano a 9º ano. A geometria espacial do Ensino Médio era super difícil. Eu gostava de trabalhar geometria espacial. Uma vez, tive uma turma ótima, terceiro ano do propedêutico. Lembro que uma vez os mandei fazerem sólidos geométricos, planificarem, em cartolina, e depois montarem os sólidos. Depois disso, mandei calcularem toda a área e o volume dos sólidos. Eles adoraram. Foi a melhor turma que eu tive. Uma vez eu tinha uma menina tão boa lá em matemática, uma tal de Carmen, ela nunca foi fazer faculdade, pois não tinha dinheiro, uma pena, menina, ela era muito boa! Ela me ajudava bastante com os alunos.

Eu fui para o interior e não me arrependo, mas se eu tivesse ficado em Joinville, com certeza eu teria ido para uma universidade dar aulas, mas o bem que

Disponível em: http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/761-Osni_Piske. Professor Osni aceitou ser depoente desta pesquisa.

¹⁹⁰ Mario Cesar Moraes foi formado em Matemática e Filosofia e foi conhecido por sua forte característica humanitária. Na Educação, o professor fundou, deu aulas e foi diretor da Escola de Engenharias de Joinville. Atuou também no magistério do Colégio Celso Ramos. Foi Secretário de Educação de Florianópolis e Secretário da Casa Civil. Em Joinville se destacou também como Desenhista Industrial. Faleceu em Florianópolis, em julho de 2014, aos 82 anos. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/morre-professor-mario-cesar-moraes/>.

¹⁹¹ Não há informações sobre este professor.

¹⁹² Adil Calomeno foi físico e engenheiro civil, segundo diretor-geral da UDESC em Joinville, professor da Faculdade de Engenharia de Joinville (FEJ), entre os anos de 1966 e 1967. Fez parte da comissão de implantação da faculdade e foi professor da primeira turma de Engenharia de Operações – modalidade máquinas e motores, em 1965. Faleceu em agosto de 2015 com 86 anos. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/obituarioan/2015/08/29/morre-o-professor-adil-calomeno/>.

¹⁹³ Pedro José Bosco

eu fiz para estes alunos do interior é incalculável, não posso me arrepender disso. Tenho uma aluna que hoje é doutora em Química pela Universidade de Londrina, que era bem pobrezinha, era aluna do noturno, ela queria estudar, mas não tinha dinheiro, daí eu falei: “não, faz assim: você consegue juntar o dinheiro para pagar o vestibular? Porque você passa, você estuda e passa. Depois, para morar, você vai procurar a casa de um casal idoso, para trabalhar, fazer o serviço de casa, cuidar deles, que você vai conseguir”. Ela foi, hoje é Dou-to-ra em Química. Quando eu me lembro do caso dessa menina, eu me emociono. Nunca mais encontrei com ela, mas eu sei que ela está lá. Tinha alguns meninos que tocavam violão, e eu dizia: “por que vocês não vão para Curitiba fazer faculdade de Artes, pois tem música lá em Curitiba? Vai, toca num barzinho à noite, ganha para o sustento. Você tem mais chance do que os outros de ir lá e dar certo.” Então, ajudar eles a se decidirem, a se dedicarem, a irem, estudarem, isso me fez muito feliz, me fez muito bem.

Eu era linha dura de professora, eu não era de dar moleza, os meus alunos me encontram hoje e dizem: “a profe entrava na sala e o braço já estava no quadro, corrigindo exercícios da aula anterior.” Eu desenvolvi uma didática assim: eu sempre dava tema, e eu chegava na aula seguinte e corrigia o exercício. Era uma forma de revisar o que tínhamos visto na última aula. Aí dava continuidade, e depois disso eu fazia chamada. Hoje, se você olhar, o professor leva 15 minutos para acalmar os alunos e fazer a chamada. É complicado. Eu dei aula na época em que tinha o vestibular. Eu chegava no primeiro ano do Ensino Médio e dizia: “vocês vão fazer o vestibular”. Eu incentivava todos a fazer o vestibular. Inclusive o ministro da Agricultura foi meu aluno, sabia? Em São Miguel do Iguaçu - PR, foi meu aluno de matemática. Foi logo que eu retornei a Medianeira. São Miguel [do Iguaçu] era o município vizinho e ficava a 17 km da minha cidade e tinha o Colégio das Irmãs, o colégio tinha Ginásio e faltava professor de matemática. O Selinke¹⁹⁴ (esposo) e eu dávamos aula antes do recreio lá em São Miguel e depois do recreio nós voltávamos para Medianeira dar aula. E foi nessa situação que ele [Blairo Borges Maggi] foi meu aluno. Depois ele mudou para o Mato Grosso e construíram aquele império. Mas é isso, foi meu aluno.

Com relação à especialização, eu fui fazer depois, nunca consegui subir de nível na carreira, entrei na justiça contra o governo do Paraná, ganhei a causa, mas

¹⁹⁴ Alberto Selinke Jr. Professor de Matemática, formado pela UNIVILLE de Joinville. Colega de turma e esposo da professora Teresinha Selinke.

não sei quando vou receber. Para subir para o nível 6, que é especialização, depois o Requião já criou o nível 7, que é Mestrado. Daí criou o Pó de Giz¹⁹⁵, criou o auxílio transporte, mas tudo isso para não dar aumento para os aposentados. Daqui a pouco vou poder viajar de ônibus sem pagar, de tão defasado que estará meu salário [risos].

Lidiane: Profe, o que você elenca como as maiores dificuldades enfrentadas na sua formação?

No curso superior era ter que trabalhar e estudar. Era uma dificuldade muito grande, porque o curso era puxado, era difícil, e a gente trabalhava o dia todo no tempo em que se trabalhavam 48 horas semanais. Então, trabalhávamos 48 horas no serviço e fazíamos faculdade à noite. Virávamos madrugadas, estudando. Fazíamos grupo de estudo à noite, depois da aula, nas semanas de prova. A gente ia dormir às 4 da manhã e acordava às 7 para ir trabalhar, pois às 7 horas e 30 minutos precisava estar trabalhando novamente. Então, para tudo precisávamos arrumar tempo em outro horário, e as madrugadas é que pagavam o preço. O domingo de manhã também era sagrado, domingo era dia de estudar, nada de descansar e passear. Foi um tempo muito duro.

Lidiane: Vou fazer uma pergunta bem pessoal, caso a profe não queira responder, não tem problema: o que era para a época, a senhora, mulher, única menina da turma, fazer estes grupos de estudos, à noite e aos domingos? O que era isso para a sociedade?

Nunca ouvi ninguém falar não. Os meninos tinham o maior respeito por mim, tinham um cuidado. Se ficasse muito tarde, eles iam me levar para casa, me protegiam. Eu acho que as pessoas não falavam e, se falavam, não fiquei sabendo. Eu consegui me impor com os meninos, impor respeito, sabe? Eles me tratavam como se fosse uma irmã deles. O Selinke não, porque eu morava nos Santos Anjos e ele ia lá fazer serenata, era o tempo da serenata, um tempo muito bom. As serenatas eram frequentes por lá. Imagine 30 meninas dormindo no mesmo quarto, virava e mexia tinha um menino fazendo serenata. Eu e o Selinke começamos o curso juntos e terminamos juntos. Selinke era de lá [Joinville], morava com a mãe e um irmão, a mãe era separada e aí ele me convidava para ir a casa deles. Eu não

¹⁹⁵ Gratificação a título de incentivo à produtividade (pó-de-giz), embora a nomenclatura que lhe foi conferida, se caracteriza, efetivamente, como adicional compensador pelo exercício de atividades específicas e peculiares.

tinha televisão, aí ia lá assistir. Assisti a copa do mundo de 1970 toda na casa dele. Televisão preto e branco, jogo transmitido. Em [19]70, era aquele supertime do Pelé, Rivelino, oh que saudade, que timão! O Brasil foi ganhando um jogo em seguida do outro. E aí a gente foi para a Rua do Príncipe fazer festa. Lugar de concentração das pessoas, próximo ao correio em Joinville. Tinha o Hotel Colon, com o cinema embaixo, era a diversão da gente. No domingo à tarde nós íamos para a missa às 5 horase depois para a sessão do cinema, às 7. Vivíamos intensamente e temos muita história para contar. Eu sempre contei muita coisa para meus alunos, inclusive os episódios do regime militar, porque nos livros de história não tinha nada, foi tudo riscado. E hoje a história é contada de uma forma muito diferente do que realmente aconteceu. E eu sempre dizia para os meus alunos que o pior de tudo era o controle do que você falava, era não poder falar nada, não poder questionar, era a falta de liberdade mesmo. Então, quem foi meu aluno, sabe disso, pois nunca deixei de falar sobre minhas experiências com o regime militar. Eu digo sempre: hoje em dia, temos tanta liberdade de falar, e as pessoas falam cada coisa, cada loucura! Queria ver uma repressão hoje, o que iria dar. Mas olha, eu acho que tem gente que gosta, tem gente até pedindo Intervenção Militar. Não sabem nem quando é dia e quando é noite e quer falar de governo militar. Essa juventude de hoje me faz sentir temor. Estão pedindo porque não sabem o que é, o que foi. Sabe que o pessoal que viveu no interior, na agricultura, não sentiu nada disso. Foi um período bom, produtivo. Lá em Medianeira, por exemplo, ninguém incomodava. Eles têm saudade daquele governo. Eu entendo, pois eles não vivenciaram nada do que aconteceu nos grandes centros. E se a gente contar que as pessoas eram perseguidas só porque leram um livro de Marx, eles não acreditam, porque eles não sentiram isso na pele. Eles não acreditam que isso era motivo suficiente para torturar alguém. Às vezes, a gente escuta: tinha respeito, tinha disciplina, podia deixar a casa aberta, não tinha ladrão... E não tinha mesmo ladrão nesta época, mas já tinha no morro do Rio [de Janeiro] tráfico de drogas, tinha os que comandavam o morro. Pois eu li um livro, ainda na faculdade, que narrava muito bem como era comandado o morro. Naquela época, imagina. E eu pergunto: “Por que não fizeram nada contra os traficantes, que era um grupo pequeno na época?” Não. Deixaram crescer. E hoje está nisso, ninguém tem mais controle de nada. E isso influencia em tudo na nossa sociedade.

Lidiane: Bem, profe, sobre minhas questões, acredito que tenhamos contemplado. A senhora tem alguma informação que julgue relevante para esta pesquisa, que ainda não foi contemplada?

Não me lembro de nada, mas se eu lembrar eu mando mensagem. Vou mandar fotos dos documentos que eu tenho: diploma, histórico, carteirinha de professora, essas coisas. Se precisar, já estará com você. E se precisar de algo me mande mensagem.

Lidiane: Muito obrigada, profe Teresinha, por sua contribuição.

4.8 Osni Piske

Fotografia 8: Osni Piske



Fonte: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina

*Quando estive em Joinville
Para Piske entrevistar
Conheci alguns locais
Dos quais ouvi ele falar.*

*Foi uma entrevista diferente
Por vezes me senti a entrevistada
Piske invertia os papéis
Uma técnica ousada.*

*Sobre seu processo de formação
Iniciado em Paranaguá
Contou-me dos percalços
Que precisou enfrentar.*

*Um Ferry Bout e muita estrada
Eram as maiores dificuldades
Assim que pôde fez transferência
Daquele curso para sua cidade.*

*Hoje não é mais docente
e já esteve na política
tem um programa de TV
com uma opinião crítica.*

*Piske pouco participou
Daquele curso de formação
São lembranças bem antigas
Das quais não quer ter legitimação.*

Como é seu nome?

Lidiane: Meu nome é Lidiane Ronsoni Maier.

Japonesa? (risos)

Lidiane: (risos) Não, acho que não. Sou de origem Italiana. Sou de uma cidade bem pequena, próxima à Chapecó, no Oeste Catarinense, chamada Águas Frias, em torno de 2 mil habitantes

Isso é município?

Lidiane: Sim, é município, por enquanto.

Vai ser varrida do mapa?

Lidiane: Vai, parece que vai. Pelo projeto de lei vai juntar com um município próximo que é Nova Erechim. Professor Piske, vamos começar então com uma apresentação pessoal inicial. De onde o senhor é, quem o senhor é?

Sou de Joinville, nasci aqui. Fui professor. A minha primeira formação foi técnico mecânico, da primeira turma de Técnico em Mecânica da Escola Técnica Tupy¹⁹⁶. Foi em 1964. Faz tempo. A melhor escola técnica do Brasil. Virou a Unisociesc, hoje. É uma universidade. Dei aula e depois fui fazer magistério, no Ministério da Marinha, Escola Almirante Wandenkolk¹⁹⁷, no Rio de Janeiro. Então trabalhei um ano como técnico e fui dar aula. Escola boa, tinha 8 horas de aula por dia, estudava 4 idiomas: inglês, francês, alemão e espanhol. Saí de lá, já preparado para a universidade. Nossos livros eram do Granville¹⁹⁸, e alguns livros dos russos, cálculo nós aprendemos tudo, de resistência dos materiais era o Timoshenko¹⁹⁹, volumes 1 e 2, era muito forte. Como não tinha faculdade em Joinville e, eu gostava de Matemática, fui fazer Matemática em Paranaguá- PR, na Universidade Estadual. Ia todo dia para lá. Isso em 1968 e 1969. Era estrada de barro, eu ia para lá de carro todo dia. Saía de Joinville às 3 da tarde e chegava lá 7 horas da noite. Terminava às 10 horas e voltava. Era tudo estrada de barro. Em Guaratuba - PR atravessava o

¹⁹⁶ A Escola Técnica Tupy foi criada em Joinville – SC na década de 1960. Hoje, pertencente à rede de ensino UniSociesc possui cursos técnicos nas áreas de Edificações, Eletrotécnica, Enfermagem, Informática, Mecânica, Metalurgia, Plásticos e Química.

¹⁹⁷ A Escola da Marinha Almirante Wandenkolk foi criado como Centro de Instrução do Rio de Janeiro, com o Aviso de nº 1.255, de 1944, como sendo o conjunto de estabelecimentos existentes na Ilha das Enxadas, estabelecendo que seria constituído pelas Escolas Almirante Wandenkolk e Almirante Tamandaré, pelo Departamento de Educação Física e pela Escola de Tática Anti-Submarino.

¹⁹⁸ Evelyn Boyd Granville, escritora norte americana, com PhD em Matemática. Escritora de livros didáticos da época.

¹⁹⁹ Stephen Timoshenko autor de livros sobre resistência de materiais.

Ferry Boat²⁰⁰ e de Caiobá - PR até Paranaguá - PR já era asfaltado. Daí voltava para pegar o Ferry até a meia noite. Eu já dava aula naquela época no curso ginásial. A aula em Paranaguá era de segunda a sábado. Os professores vinham de Curitiba. O Ferry Boat fechava à meia noite, e em dia de prova, quando chegava em Paranaguá, às vezes o Ferry já estava fechado. Tinha duas opções, ou dormia lá ou, voltava por Curitiba, daí chegava em Joinville às 7 horas da manhã e 7 horas e 30 minutos eu dava aula. Era uma aventura. Neste período, na metade do ano, abriram a Faculdade em Joinville. A primeira faculdade aqui foi a Faculdade de Ciências Econômicas de Joinville, que era da comunidade evangélica. Depois foi criada a Fundação Joinvillense de Ensino, a FUNDAJE, que tinha 4 cursos: a Faculdade de Filosofia, Faculdade de Administração de Empresas e a Escola Superior de Educação Física e incorporou a Faculdade de Ciências Econômicas. A FUNDAJE era um sistema fundacional parecido com estes que tem aí hoje como a FURB de Blumenau.

A Faculdade de Filosofia tinha 4 cursos: Matemática, Letras, História e Geografia. Ela iniciou no mesmo ano em que eu comecei a frequentar em Paranaguá (1968). Quando o curso foi reconhecido eu pedi transferência para cá. Eu sou da primeira turma de formandos daqui. Como eu já dava aulas aqui e acabei me formando na FUNDAJE, no ano seguinte já comecei a dar aulas na Faculdade. Eu acabei sendo Diretor de Ensino e Pesquisa da FUNDAJE, logo no início. Depois a FUNDAJE mudou de nome para Fundação Universidade Norte Catarinense – FUNC, mas como não podia usar o nome de universidade, então mudou para FURJ – Fundação Universitária da Região de Joinville, que é hoje a mantenedora da UNIVILLE.

Dei aulas na UNIVILLE e fui diretor da Faculdade de Filosofia, Diretor de Ensino e Pesquisa da UNIVILLE e da Fundação, lecionei no curso de Economia, no curso de Ciências Contábeis, na Faculdade de Administração e no curso de Matemática, do qual fui chefe de departamento. Lecionei também na UDESC – Universidade Estadual de Santa Catarina. Dei aulas na Universidade Federal, e em 1995 eu saí. Mas antes disso, no início de 1971, eu montei em Canoinhas²⁰¹, a Fundação Universitária do Planalto Norte Catarinense – FUNPLOC. Tinha um curso

²⁰⁰ Ferry Boat é um transporte aquático com balsa para travessia da Baía de Guaratuba, que liga Guaratuba – PR a Caiobá-PR, para chegada, no caso do depoente a Paranaguá-PR.

²⁰¹ Município localizado na região do Planalto Norte do estado de Santa Catarina.

de Administração de Empresas. Fui para lá e montei, junto com um professor de Joinville, o que foi o embrião da Universidade do Contestado – UnC. Fui diretor de Ensino lá também. Inicialmente a Universidade queria fazer um curso de Pedagogia, mas já tinha o curso de Pedagogia em Mafra, e naquela época, começo da década de 1970. Mas como Canoinhas era uma cidade madeireira, tinha várias indústrias madeireiras lá, e elas exportavam madeira, eu sugeri abrir um curso de Administração ao invés de Pedagogia. Fizemos uma reunião com Bispo de Caçador, que era quem comandava a Diocese de lá, e acertamos para iniciar a Faculdade de Administração. Hoje Canoinhas transformou-se em uma cidade universitária, com vários cursos: Agronomia, Medicina Veterinária... e a criação foi aí, com a FUNPLOC.

Lidiane: Empreendedor, o senhor!!

É. Participei da construção do campus da UNIVILLE. Eu era secretário do Prefeito de Joinville Pedro Ivo. Construímos o campus em 6 meses.

Lidiane: O senhor teve uma vida política muito ativa! O senhor foi deputado estadual também.

Fui deputado estadual, diretor da CASAN, secretário da prefeitura de serviços públicos de infraestrutura, presidente da Fundação de Mão de Obra, foi uma experiência boa, ampla. Hoje dirijo uma empresa de Consultoria em Meio Ambiente.

Lidiane: Professor, o nosso objetivo aqui, é conhecer o professor, e conversarmos um pouco sobre o curso da UNIVILLE, conforme o roteiro que eu lhe passei.

O curso de matemática estava dentro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para formação de professores. Então o curso de matemática aqui começou em 1968. Eu comecei em Paranaguá no mesmo ano que iniciou aqui e só me transferi para Joinville quando o curso foi reconhecido. Na época era complicado o reconhecimento de um curso, era difícil. Me formei em 1971 e em 1972 já comecei a dar aula na universidade.

Lidiane: Havia falta de professores na época, eu imagino.

Contratavam as pessoas com melhor formação. Sobre o curso em Paranaguá, todos os meus professores vinham de Curitiba. Aqui, os professores eram de Curitiba ou de Florianópolis, e se não me engano eram da Universidade Federal. Não me lembro dos nomes, faz muito tempo. Faz mais de 50 anos.

Lidiane: O senhor lembra de colegas de turma?

Não me lembro, a maioria deles não está mais aqui para contar a história. Eu dava aulas só à noite, pois o curso era noturno, e eu já dividia a carga horária entre as aulas e a Diretoria de Ensino e Pesquisa, e também era presidente da Associação dos Professores de Joinville. Estava envolvido em muita coisa. Um dos professores eu acho que era o Sr. Jhoni Hass. Esse foi meu colega de turma, mas era assim antigamente. Começava com 40 e terminava com 10 ou 12. Pouca gente se forma nos cursos de Ciências Exatas. À noite eu trabalhava na Universidade e durante o dia eu era Secretário Municipal de Obras, depois fui Presidente da Fundação Albano Schmidt, que era uma fundação de formação de mão de obra. Eu chegava a acumular vários cargos. A última vez que eu participei de uma administração foi em 1992, quando fui Secretário de Serviços Públicos e depois Diretor Regional da Casan.

Lidiane: Professor, como eram as condições de estrutura física da FUNDAJE, na época?

Primeiro ela começou a funcionar no Colégio Marista da Congregação dos Irmãos Maristas, Depois passou para o Colégio dos Santos Anjos. Mas com a abertura do eixo JK, a avenida norte-sul, o Colégio dos Santos Anjos perdeu parte do terreno e o auditório.

Então em 1975 o prefeito decidiu montar o campus. O atual campus da UNIVILLE foi construído em 6 meses. Eram 11 mil metros quadrados. Fizemos tudo, terraplenagem, tudo, em 6 meses. Saímos do centro para ir para lá. Naquela época as pessoas achavam o campus longe. Então, em 1975 já teve sede própria. No início era para fazer de aglomerado, fizemos um orçamento, mas o Dr. Dieter Schmidt, que era presidente da Fundação TUPY e dono de uma construtora, TUPY-Keller, disse: “Nós vamos construir de alvenaria pelo mesmo preço que vocês iriam pagar de aglomerado”, e ficou muito bom, para a universidade. Tem várias salas de aula lá até hoje. 4 blocos. Eram 11 mil metros quadrados.

Lidiane: Professor, e como era o cenário político, social e cultural da época?

Era bem melhor do que hoje. A Escola Técnica Tupy tinha um auditório, um anfiteatro todo climatizado, estofado, com obras de arte do maior escultor de Joinville que foi Fritz Alt. Foi inaugurado em 1963, era uma escola de ponta. No sentido cultural a universidade aqui, aliás, toda a nossa sociedade está decadente, embora seja o maior município de Santa Catarina, mas está decadente, infelizmente.

Agora no ensino superior aqui aconteceu uma coisa diferente. Enquanto Itajaí, por exemplo, só tinha UNIVALI, Blumenau só tinha a FURB, aqui não, aqui pulverizou. Tinha UDESC, tinha a atual UNIVILLE, tinha a Associação Catarinense de Ensino que tinha curso de Direito e Pedagogia, e aí foi abrindo. Hoje devem existir umas 20 instituições de ensino superior. Tem campus da Federal aqui também.

Lidiane: Professor, qual foi o impacto do curso de matemática da UNIVILLE para esta região?

Pouco. Porque aqui se desenvolveu muito a indústria, na área da informática, de software, então muitos foram aproveitados nesta área.

Lidiane: E a formação docente? Não precisava de professores?

Não, não seguiram, mas também para ser professor, qual era a expectativa de ser professor? Ruim. A maioria dos professores vai fazer curso de especialização, depois faz mestrado, depois faz doutorado, tem exceções, mas a maioria faz para agregar uma letrinha lá, no plano de carreira. Na nossa cidade não há nada integrado com a comunidade, não há envolvimento nenhum. É muito pouco resultado para a comunidade. Não são como as universidades americanas, europeias, que participam de programas, se integram, resolvem problemas da sociedade. Não tem nada. Eu acho que esse é um grande erro.

Lidiane: E como foi a sua experiência enquanto deputado de Santa Catarina, algum projeto educacional?

Ah, foi bom. Mas fui candidato uma vez só. Não é minha vocação, embora sempre participei da vida política.

Lidiane: Além da sua graduação o senhor fez alguma especialização?

Não. Não fiz em razão dos cursos que existiam na época. Meu envolvimento com a comunidade era muito grande, também não sobrava tempo. Aliás, uma coisa boa que acho que deveria haver é o envolvimento dos professores com a comunidade. Mas daí ficam com a dedicação exclusiva, tempo integral na universidade. Esse envolvimento tem que ter.

Lidiane: Quais são os pontos positivos, na sua opinião, do curso de formação de professores de Matemática ter vindo para Joinville?

Ah, matemática é ciências exatas, é essencial para qualquer coisa, para a vida. Todo mundo precisa saber um pouco de matemática, por isso eu optei por fazer matemática, pois iria precisar para a vida, para poder raciocinar, entender a lógica

das coisas. O grande problema da matemática são os professores que não sabem ensinar. Todo mundo tem pavor da matemática, tem que ter algum problema.

Lidiane: E a que o senhor acha que isso está relacionado?

Eu acho que é na forma didática, como a Matemática é apresentada para os alunos. Eu procurava fazer sempre de uma forma bem didática. Eu dei durante muitos anos aula de Geometria Descritiva na Faculdade de Engenharia de Joinville – FEJ da UDESC, fazia tudo à mão, explicava e tal, o meu quadro era da época do giz ainda. Hoje não, hoje tem outros meios, não sei mais nem se está bom, se está ruim, não sei. Sei que tem muita universidade que é fábrica de diploma para vender, daí fica difícil. Quando montei minha empresa em 1995, tinham 3 empresas de Engenharia Ambiental em Joinville, hoje devem ter umas 103. Qualquer pessoa que se forma em Engenharia Ambiental ou Biologia, junta um, dois, já são consultores.

Lidiane: Profe, o senhor tem mais alguma contribuição que o senhor ache relevante para a pesquisa?

Não, sobre a parte educacional nada. Joinville tem um ensino fundamental bom, municipal, não é de agora, claro, hoje está meio decadente porque a parte cultural ficou muito abandonada aqui. O Museu Nacional do Sambaqui, o Museu Nacional da Colonização, estão abandonados, o museu do maior escultor de Joinville também está fechado.

Lidiane: O que houve para um abandono desta forma?

Eu acho que priorizaram outras coisas, é triste ver isso. O movimento cultural aqui era grande na época em que eu fui secretário, foi comprada a casa do primeiro prefeito de Joinville e foi feito um Museu de Arte. O Prefeito Luiz Henrique deixou um legado legal aqui que é a Escola Bolshoi²⁰², muito conhecida no mundo inteiro, mas precisa de apoio. A Arena está caindo aos pedaços. Não sei se é em Santa Catarina toda, mas aqui está muito ruim. E um povo sem cultura, é um povo ... daquele jeito.

A Unisociesc, a Escola Técnica Tupy, lamentavelmente foi vendida para um grupo de Minas Gerais, e aí virou aquele ensino que a gente conhece. Isso é um fenômeno brasileiro. Não sei se vai funcionar o ensino à distância, o pessoal que se forma é muito fraco. A Escola Técnica Tupy me deu uma formação maravilhosa que

²⁰² A Escola do Teatro Bolshoi no Brasil funciona desde 15 de março de 2000, na cidade catarinense de Joinville. É a única filial do famoso Teatro Bolshoi da Rússia. Proporciona a formação de artistas da dança, ensinando a técnica de balé segundo a metodologia Vaganova, dança contemporânea e disciplinas complementares. Possui alunos de diferentes estados brasileiros e do exterior. <https://www.escolabolshoi.com.br/institucional>.

leve para a vida inteira, porque eu tive uma base forte, 8 horas de aula por dia. Para ter uma ideia, naquela época, década de 1950 e 60, tinha aula de francês, que era a língua universal.

Lidiane: Profe, então, de minha parte é isso, o senhor quer falar mais algum detalhe?

Eu fiz Direito em Itajaí também, mas não me formei. Na época existia muita Faculdade de Filosofia para a formação de professores, e poucos cursos de outra natureza. Lembrei que fiz um curso em 1966, chamado CADES²⁰³, com o professor Bosco, da Universidade Federal. Ele era do curso de Matemática. Eu fui para Florianópolis e fiz o curso lá. Naquela época, a Lagoa da Conceição tinha dois restaurantes, o Andrino e o Oliveira, e o prato típico da Ilha era Caldo de Camarão e tinha uma casa da farinha lá, bem legal.

Lidiane: Como era o curso da CADES professor, pode me contar um pouco mais?

Não me lembro, apenas que era o professor Bosco quem dava o curso.

Lidiane: Está bem então, eu agradeço sua participação e seu empenho para conseguirmos um horário na sua agenda.

Vale observar aqui, finalizando as sensibilidades, as trilhas e as narrativas dos depoentes, que “o homem que se conta não é o mesmo homem que vive, pois este está em estado de vida, em carne e osso, é um sujeito em que corre sangue nas veias, já o sujeito narrado é um sujeito em estado de palavra, é feito de papel, é um sujeito em que corre tinta nas veias”²⁰⁴. Assim, no esforço de nos posicionarmos frente ao outro, as narrativas vão se constituindo, e as histórias contadas vão constituindo novas narrativas, nossas, carregadas das histórias já narradas por eles.

²⁰³ Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

²⁰⁴ Albuquerque Junior (2011, p. 254).

5 ESPAÇOS DE FORMAÇÃO E MOVIMENTOS DE PESQUISA

Estar inserida em um grupo de pesquisa, como o GH OEM, que possui uma relação extensa de pesquisadores que tentam subverter o processo de produção de um texto acadêmico, tanto em forma quanto em conteúdo, apresentando metáforas com textos literários²⁰⁵ para relacionar aos seus objetos de pesquisa, assim como modos diferenciados aos quais os textos acadêmicos são apresentados aos pares para avaliação²⁰⁶, é extremamente fascinante, por um lado, e, por outro, do mesmo tanto, desafiador. Fascinante, pois conhecemos os personagens da história desenvolvida no grupo, e desafiador, pois nos faz querer tentar subverter também.

Porém, esse processo de subversão – que podemos entender como uma oposição aberta e declarada ou até mesmo sutil e prolongada da forma como as situações e reflexões são encaminhadas – exercitado na escrita não é, e nem poderia ser, uma regra ao grupo. Mesmo porque, tudo o que é deveras regrado não nos deixa à vontade, não nos faz sentir libertos para explorar nossas próprias angústias, nosso próprio chão, nossos movimentos e trajetórias durante a escrita acadêmica.

Dito isso, este texto acadêmico não busca inovar e subverter na forma, pois, para isso, é preciso ter sensibilidade e requinte próprios, e essas qualidades são diferentes em cada um dos participantes do grupo, uma vez que levamos em consideração que “o conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo”²⁰⁷. Assim, cada pesquisador possui as suas experiências e suas sensibilidades, entendidas aqui como habilidades próprias para determinadas funções. Este texto busca, porém, tencionar as intencionalidades de se produzir uma tese sobre formação de professores de Matemática, analisando seu próprio processo de formação, tentando praticar uma “digestão longa, tortuosa, artesanal, atenta e compartilhada que defendemos como autêntica”²⁰⁸.

²⁰⁵ Como é o caso de FERNANDES (2014) e MORAIS (2017) entre outros membros do GH OEM.

²⁰⁶ Como aconteceu com as teses de FERNANDES (2011), GAERTNER (2004), BARALDI (2003), MARTINS-SALANDIM (2012), entre outros, as quais possuem formas diferenciadas de apresentação.

²⁰⁷ TABORDA DE OLIVEIRA (2018, p. 119)

²⁰⁸ GARNICA (2014, p. 39)

Nesse movimento de formar-se professor, há alguns questionamentos que não nos deixam inertes nas idas e voltas, tanto a Rio Claro como dentro do estado catarinense, para produção e tratamento dos dados da pesquisa. E essas dúvidas ficam ecoando: “Mudei com a mudança? Ou só mudei de espaços? O espaço mudou-me ou mudou-se comigo? Só levo um sotaque que não me permite mentir sobre minhas origens, ou levo, com esse, as falas daqueles que estão comigo?”²⁰⁹ E, para além desses questionamentos: “Isso me faz diferente? Me forma diferente? Sou outro por isso?”²¹⁰. Afinal, o que forma o professor? São as experiências? É a trajetória? É o espaço? Há outras variantes aí? Para pensarmos sobre isso, gostaríamos de começar discutindo o espaço e suas inter-relações de compreensão sobre a formação de professores de matemática em Santa Catarina e o formar-se professor – especialmente da pesquisadora – nesse processo.

5.1 A formação de professores de matemática nas décadas de 60 e 70

Pensarmos em espaços de formação pressupõe compreendermos que essa definição não é exata, fechada, bem definida. Podemos entender espaços, entre várias perspectivas, como “não apenas onde se habita, aquilo onde se está, mas como tempo: múltiplo, mutável, fluxo, possibilitando o acontecer histórico”²¹¹, ou, então, “como um mosaico de elementos de diferentes eras que sintetiza, de um lado, a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade”²¹².

Nos dois sentidos, espaço e tempo não seriam independentes, pois “um existiria com o, e em função do outro; a formar em si a noção de espaço-tempo”²¹³. Essas perspectivas de espaço e tempo nos ajudarão a compreender os lugares de formação existentes no estado catarinense entre as décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, tempo e espaço dividem experiências dos participantes da construção dos lugares de formação de professores de matemática catarinenses.

Quando falamos em tempo, mesmo desenvolvendo um trabalho historiográfico, cronológico, pautado em datas e nos atendo a uma história

²⁰⁹ MORAIS (2017, p. 123).

²¹⁰ MORAIS (2017, p. 123).

²¹¹ Idem (2017, p. 846).

²¹² SANTOS (1985, p. 22).

²¹³ MORAIS (2017, p. 846).

cumulativa (tempo Chronos), ainda nos reportamos ao tempo da memória (tempo Kairós), aquele “caótico, exigente e subversivo”²¹⁴ quando tratamos de discutir as experiências dos espaços de formação, por meio das memórias dos docentes envolvidos nesse processo.

O Estado de Santa Catarina tem uma longa trajetória histórica, contemplada desde 1515²¹⁵ com expedições que exploraram seu litoral, pelo fácil acesso que os navegadores europeus encontraram. As primeiras povoações datam de 1637, com a chegada dos bandeirantes. O primeiro município – Nossa Senhora do Desterro –, que hoje é a capital Florianópolis, foi fundado em 1660, seguido por Santo Antônio dos Anjos de Laguna em 1714²¹⁶, hoje Laguna. No século XIX, chegam ao Estado os alemães (1829) e os italianos (1877), instalando-se os primeiros mais ao litoral, e os segundos, no interior do estado (vindos do estado vizinho – Rio Grande do Sul).

O nome herdado à época – Santa Catharina²¹⁷ – ninguém sabe ao certo se foi uma homenagem à esposa do navegador italiano Sebastião Caboto (Catarina Medrano) ou em homenagem à Santa Catarina de Alexandria, comemorado em novembro pela Igreja Católica.

O Estado de Santa Catharina foi criado em 1891, tornando a antiga província de Santa Catharina um estado autônomo e independente, que integrava a República dos Estados Unidos do Brasil. Sua criação foi descrita na primeira Constituição do Estado de Santa Catharina, documento que regia a criação e o funcionamento do novo estado, dividindo-o em comarcas e distritos.

Havia no estado, à época, como podemos visualizar na sequência, no Mapa 1, três grandes regiões: Lages, situada na Serra Catarinense; São Francisco do Sul – ao norte do Estado; e Laguna – situada ao Sul. Havia também um vasto território ao Oeste, terras que estavam em litígio com o estado do Paraná. Mais tarde (1917 – Criação de Chapecó), parte delas passaria a integrar o território catarinense. Esses territórios em litígio foram motivo de muita disputa entre os dois estados, destacados em vários trabalhos acadêmicos sobre a Guerra do Contestado²¹⁸.

²¹⁴ GARNICA (2014, p. 62)

²¹⁵ Data citada no site oficial do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/historia>>.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Grafia da Língua Portuguesa utilizada no século XVIII e meados do século XIX.

²¹⁸ A Guerra do Contestado, que ocorreu entre 1912 e 1916 no agora localizado Meio Oeste e Oeste catarinense, teve, de um lado, posseiros e pequenos proprietários de terras e, de outro,

Mapa 1: Estado de Santa Catarina do século XIX



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Nesse sentido, durante o Brasil Colônia (1530-1822), Santa Catharina contava com três municípios – São Francisco, Laguna e Desterro (Florianópolis). Já no Brasil Império (1822-1889), Santa Catharina contava com 20 municípios. Após a proclamação da República (1889), até 1925, o estado havia aumentado o número de municípios para 34, atualmente conta com um total de 295, dos quais 36,8% têm menos de cinco mil habitantes. Muitos, inclusive, se encontram com problemas de sustentabilidade financeira, com grande possibilidade de extinção/incorporação a municípios vizinhos, conforme Projeto de Lei recente, em função da falta de receitas próprias.

No Mapa 2, podemos observar detalhadamente o limite dos municípios pertencentes ao estado catarinense e também os municípios que eram alvo de disputas territoriais com o estado vizinho em meados de 1907.

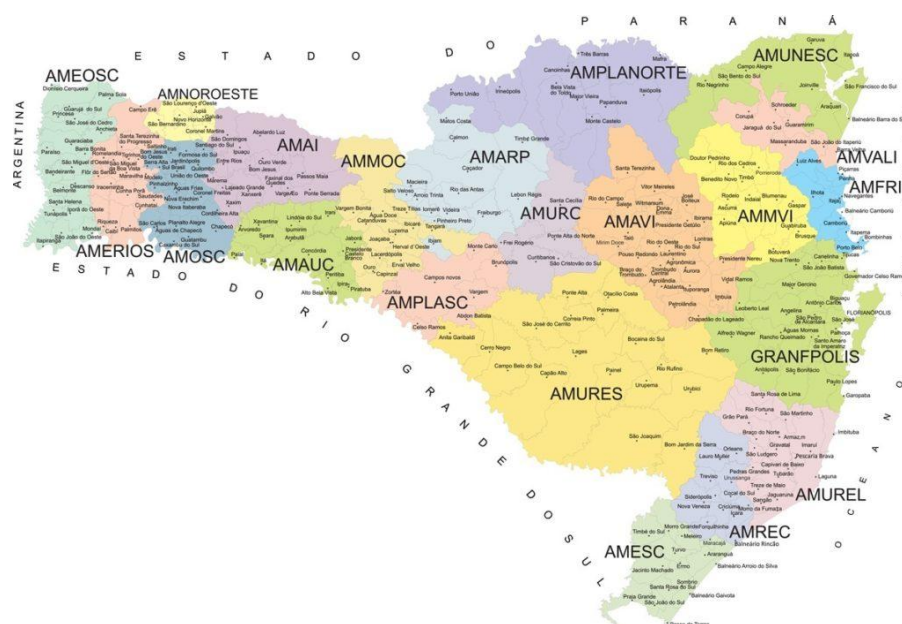
representantes dos poderes estadual e federal brasileiro, numa região rica em erva-mate e madeira, disputada pelos estados do Paraná e de Santa Catarina.

Mapa 2: Regiões de Limites

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Esses 295 municípios catarinenses são filiados à Federação Catarinense de Municípios (FECAM), que conta com 21 associações regionais, conforme mostra o Mapa 3, as quais se utilizam de tomadas de decisões conjuntas para ações específicas, como é o caso, atualmente (2021), das ações em torno da Covid-19.

A Covid-19 tem sido responsável por um grande número de mortes atualmente em todo o mundo. Seus efeitos no Brasil são catastróficos, chegando à assustadora marca de 358.000 mortes pela doença. Dentre essas perdas, sofremos em janeiro de 2021, com a prematura partida da professora Ivete Baraldi, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro e, avaliadora dessa tese, por ocasião da qualificação. Uma lástima para o Programa e ainda mais para sua família, esposo e filhos. Nesse período, por mais que alguns estados e municípios têm tentado, por diversas vias, acesso a vacinação, porém, o atual (2021) governo federal não tem feito consideráveis esforços no mesmo sentido.

Mapa 3: Municípios atuais de Santa Catarina e suas Associações²¹⁹

Fonte: Federação Catarinense de Municípios (FECAM).

Alguns dados interessantes do estado catarinense estão relacionados ao seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com valor de 0,808, o qual é considerado muito alto, conforme avaliação do Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil com dados relativos a 2017. O estado possui o terceiro melhor índice do país – estando atrás apenas do Distrito Federal e de São Paulo – e o primeiro melhor índice da região Sul.

Além disso, o estado ainda possui os índices de educação, renda e longevidade, analisados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD – Brasil), também como muito alto – 0,779 (terceiro em nível nacional), 0,783 (quarto em nível nacional) e 0,866 (terceiro em nível nacional), respectivamente. A taxa de fecundidade de Santa Catarina é de 1,57 filhos por mulher, a taxa mais baixa do Brasil há, pelo menos, uma década, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Com relação à imigração, Santa Catarina recebeu, em 1828, os primeiros alemães, em torno de 523, vindos de Bremen, pois o imperador Dom Pedro I queria povoar o sul do Brasil e, para estimular o desenvolvimento econômico, incentivou a

²¹⁹ As Associações dos Municípios (AM) descritas no Mapa 3, conforme sua Federação (FECAM) são instituições integrantes e partícipes do processo de organização e planejamento das administrações municipais.

vinda de imigrantes europeus. As colônias alemãs foram fundadas em diferentes regiões do estado, mas as mais prósperas foram as de Blumenau (1850) e de Joinville (1851)²²⁰.

A cultura alemã, como será destacada nos próximos capítulos, superou gerações e até hoje é cultivada nas regiões de Joinville e, mais fortemente, na região de Blumenau, onde ainda são mantidos seu idioma e hábitos culinários e culturais, como danças e festas típicas. O estado catarinense possui atualmente a maior quantidade de descendentes de alemães do Brasil.

A imigração italiana, que foi a maior corrente imigratória de Santa Catarina, iniciou-se em 1875, aproximadamente, vindos de Vêneto e Lombardia. Instalaram-se na costa catarinense e, em virtude das doenças tropicais e o clima mais quente que na Europa, as colônias acabaram se dizimando nesses locais, e os poucos sobreviventes procuraram lugares com clima mais condizentes para sua realidade, o frio. Porém, no início do século XX, italianos vindos do Rio Grande do Sul migraram especialmente para o Oeste de Santa Catarina, desenvolvendo ali suas colônias. Hoje, mais de 30% da população do estado têm ancestralidade italiana²²¹.

À época, também havia em Santa Catarina um considerável número de pessoas com ancestralidade²²² de poloneses, os quais se fixaram mais fortemente na região de Brusque. Em torno de 5% da população catarinense é, atualmente, de origem polonesa. Para completar a formação da população catarinense, também havia um percentual elevado de escravos africanos (em torno de 18% da população da época) e indígenas, sem cálculo de porcentagem para a época.

Conforme censo do IBGE de 2010, 83,85% dos catarinenses autodeclararam-se brancos, 12,61% pardos, 2,86% pretos, 0,41% amarelos e 0,25% se autodeclararam indígenas. Uma população majoritariamente branca. Conforme o IBGE, 99,81% eram brasileiros e 0,19% estrangeiros. Dentre os brasileiros, 95,45% nasceram na região Sul (82,11% em Santa Catarina) e apenas 4,55% nasceram em outras regiões do Brasil. Ainda sobre composição genética²²³ do quadro catarinense,

²²⁰ PHILIPPI (1995),

²²¹ IDEM.

²²² A ancestralidade se baseia no estudo de ancestrais e antepassados, sem necessariamente avaliar as características físicas e culturais de um indivíduo ou população, e sim, a origem geográfica (<https://varstation.com/pt/blog/genetica/a-ancestralidade-pelos-olhos-da-genetica/>).

²²³ Conforme estudo Norte Americano Revisitando a ancestralidade genética dos brasileiros usando AIM-INDESLS Autossômicos, publicado no Jornal PLoS ONE em 2013. Mais informações relativas ao cálculo podem ser acessadas em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0075145#pone-0075145-g004>.

79,7% da população possui ancestralidade europeia, 11,4% ancestralidade africana e 8,9% ancestralidade indígena. Há de se destacar aqui que, além de uma genética e uma etnia majoritariamente europeia e branca, há comportamentos relacionados ao forte preconceito racial e étnico praticados atualmente no estado, conforme estudos de Bordignon (2016) em sua dissertação intitulada: *Inserção dos imigrantes nos contextos educativos escolares e não escolares no Oeste Catarinense*, que discute, entre outros pontos, a resistência dos também imigrantes, no caso europeus, na aceitação do imigrante haitiano no estado.

Com relação à economia, Santa Catarina possui uma diversidade muito grande de atividades, tendo em cada região um potencial diferente. O estado possui o 7º maior PIB do Brasil e concentra suas atividades econômicas principalmente na agricultura (cultura de grão: milho, soja, trigo, arroz; líder nacional na produção de maçã e cebola, além de ser grande produtor de alho e banana), na agropecuária (maior produtor e exportador de carne suína e de frango do Brasil), na pecuária (criação de bovinos), na indústria, com destaque para a agroindústria, têxtil, cerâmica, metal mecânica. É sede de um dos maiores fabricantes de motores elétricos do mundo (WEG) e de grandes fabricantes mundiais de eletrodomésticos (Consul e Brastemp), além das agroindústrias alimentares.

Santa Catarina possui também uma das menores taxas de analfabetismo do Brasil (2,8%), empatada com os dados do estado de São Paulo, ficando em terceiro lugar nos índices nacionais, atrás do Distrito Federal (2,6%) e do Rio de Janeiro (2,7%). Com relação às instituições catarinenses de ensino superior, destacam-se no setor público: a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que será uma das universidades tema do nosso próximo capítulo²²⁴; a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), no Oeste do estado; a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e o Instituto Federal Catarinense (IFC). As três últimas instituições – UDESC, IFSC e IFC – têm vários *campi* no estado. Já as universidades privadas e de caráter comunitário, destacam-se: Fundação Regional de Blumenau (FURB); Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC); Universidade do Contestado (UnC); Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI);

²²⁴ Há de se destacar aqui, para um melhor entendimento do leitor, que as quatro instituições das quais trataremos nos capítulos que se seguem são: UFSC, UNIPLAC, UNIVILLE e FURB, as quais foram escolhidas em função de serem as instituições que possuem os quatro cursos de formação de professores de matemática mais antigos do Estado.

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE); Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ) e Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC).

Algumas dessas instituições farão parte de nossas trajetórias e movimentos e terão uma seção especial no texto, destacando sua posição geográfica, suas características e uma discussão mais aprofundada sobre o curso de formação de professores de Matemática que foram – ou ainda são – ofertados nessas instituições. A seguir, apresentaremos o movimento inicial da trajetória desta pesquisa.

5.2 Os cursos e a formação catarinense em Matemática

A formação de professores sempre foi um tema que desejei²²⁵ pesquisar, mais especificamente a formação de professores de Matemática, pela afinidade com a área e também por minha formação inicial. Em minha pesquisa de Mestrado, concluída em meados de 2016²²⁶, na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), investiguei os desafios educacionais enfrentados pelas professoras de Matemática da 4ª Gerência Regional de Educação (GERED) de Santa Catarina, município de Chapecó²²⁷. Entre os desafios, estavam aqueles relacionados ao ensino, bem como os relacionados à profissão e, mais fortemente indicados, os relacionados à formação inicial das depoentes.

Tal indicativo despertou profundo interesse em juntar a vontade de pesquisar sobre formação e a necessidade de entender como se deu a formação inicial de professores de Matemática no estado catarinense, o que se tornou tema desta pesquisa de doutorado. Destacamos também que, além da formação inicial, foram dadas pelos depoentes, naquele trabalho de mestrado, informações relativas a cursos de pós-graduação e à formação continuada da época.

²²⁵ É preciso esclarecer que o emprego da primeira pessoa no singular se deve por representar experiências minhas; diferentemente, o emprego no plural destaca opiniões e discussões minhas e de meus orientadores, professor Vicente Garnica e professor Antonio Carlos de Souza.

²²⁶ MAIER, Lidianie Tania Ronsoni. História do ensino da matemática na educação básica catarinense (1970-1990): desafios educacionais enfrentados na formação e atuação docente. 145f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Fronteira Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Chapecó, 2016.

²²⁷ A 4ª Regência Regional de Educação de Santa Catarina, com sede em Chapecó, possui em sua abrangência nove municípios da região oeste catarinense: Águas Frias, Coronel Freitas, Chapecó, Caxambu do Sul, Nova Itaberaba, Guatambu, Cordilheira Alta, Planalto Alegre e Nova Erechim. À época, a 4ª GERED contava com quarenta e três (43) escolas em funcionamento e cerca de 24.000 alunos ativos.

A intenção original do projeto de pesquisa apresentado para o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro era investigar como foram criados e mantidos os cursos de licenciatura em Matemática no Estado de Santa Catarina entre 1950 e 1990 e onde seus professores foram formados. Porém, com o desenvolvimento das leituras, participações nas reuniões do GHOM e em eventos da área de Educação Matemática no país, ficou latente a necessidade de alterar a periodicidade fixada inicialmente para tratar do período entre as décadas de 1960 e 1990, uma vez que o primeiro curso de formação de professores de Matemática em Santa Catarina data de 1968. Outra mudança do projeto original foi a inclusão não somente de cursos de Licenciatura em Matemática, mas também aqueles conhecidos como os de “Habilitação em Matemática”.

Para iniciar o projeto inicial foram buscadas informações no Sistema Eletrônico dos Processos de Regulação, Credenciamento e Recredenciamento de Instituições de Ensino Superior (e-MEC)²²⁸ sobre autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos. Para a busca, foi utilizada como palavra-chave “Licenciatura em Matemática” e, no período então selecionado (1960 a 1990), foram encontrados²²⁹ quatro cursos de licenciatura em Matemática: o primeiro, aprovado em 1º de abril de 1968, na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE); o segundo, aprovado na Universidade Regional de Blumenau (FURB) em 1º de junho de 1968; o terceiro, da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) em Lages, criado em 1970; e o quarto aprovado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na capital, Florianópolis, em 1974.

Algumas discussões no GHOM, bem como os estudos relativos à legislação sobre as modificações na estrutura do sistema de ensino nacional²³⁰, no entanto, nos levaram a pensar sobre a formação inicial dos professores de Matemática do Estado de Santa Catarina que poderiam cursar, à época, Licenciaturas em Ciências. Diante disso, no segundo semestre de 2017, durante o Encontro Anual do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOM), realizado em Belo

²²⁸ <http://emec.mec.gov.br/>

²²⁹ A consulta no sistema e-MEC traz a relação de aprovação dos cursos, o que difere da data de criação e início das aulas, como é o caso do curso da UFSC, que foi reconhecido uma década após a criação (1964).

²³⁰ Entre essas legislações, está a Resolução CFE nº 37/1975, que impunha a formação de professores segundo a Resolução CFE 30/1974, isto é, segundo essa nova resolução, os cursos de Biologia, Física, Matemática e Química deveriam ser convertidos para licenciatura em Ciências, com habilitações.

Horizonte, alunos ingressantes no grupo apresentaram suas intenções de pesquisa que causariam impacto significativo na minha proposta de Doutorado.

Após minha apresentação, alguns professores integrantes do grupo contribuíram com sugestões para o desenvolvimento da pesquisa, entre eles a professora Maria Laura Magalhães Gomes, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Uma das principais sugestões foi a de que eu analisasse as publicações da *Revista Documenta*²³¹ com relação à criação e ao reconhecimento de cursos de ensino superior analisados pelo Conselho Federal de Educação. Uma coleção integral da *Revista Documenta* foi doada ao Grupo para ser incorporada ao Acervo de Documentos e Livros do GHOM; já havia alguns trabalhos de Iniciação Científica e Mestrado em desenvolvimento sobre esse material.

Em contato com membros do GHOM da Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru, tive acesso aos trabalhos de Gomes (2014)²³², Gomes (2016)²³³ e Luiz (2017)²³⁴. Essas três pesquisas analisam todos os exemplares da *Revista Documenta* desde sua primeira edição, de 1962, de modo a registrar todos (e, posteriormente estudar alguns dos) os cursos de formação de professores de Matemática do país, criados/autorizados pelo Conselho Federal de Educação.

Após a leitura dessas três pesquisas e levando em consideração a formação também em Ciências com habilitação em Matemática, observamos que mais seis cursos, além dos que havíamos inicialmente destacado, foram criados/reconhecidos entre o início da década de 1960 e o final da década de 1990. São eles:

²³¹ A Revista Documenta expõe um conjunto de atos normativos referentes à educação brasileira, trazendo o registro dos debates ocorridos no Conselho Nacional de Educação e os pareceres dos conselheiros sobre criação, reconhecimento de cursos e afins solicitados por instituições públicas federais e privadas do Brasil.

²³² Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica – ISB – PROPE, intitulado “Revista Documenta: constituição de acervo e sistematização para estudos em História da Educação Matemática”, desenvolvido pela bolsista Letícia Nogueira Gomes, sob orientação da Profa. Dra. Maria Ednéia Martins Salandim, em 2014.

²³³ Relatório final entregue ao CNPq relativo ao Projeto de Iniciação Científica intitulado “Revista Documenta: um mapeamento da criação de cursos de graduação que formavam professores de Matemática nas décadas de 1960 e 1970”, desenvolvido pela bolsista Letícia Nogueira Gomes, sob orientação dos professores Antonio Vicente Marafioti Garnica e Maria Ednéia Martins-Salandim, em 2016.

²³⁴ Relatório final de Iniciação Científica do curso de Licenciatura em Matemática apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desenvolvido pela bolsista Tamiris Corrêa Luiz, sob orientação da Profa. Dra. Maria Ednéia Martins Salandim, intitulado “Revista Documenta (1980-2000): levantamento de dados e sistematização para estudos em história da educação matemática”, em 2017.

- Matemática, aprovado e reconhecido em 1974, com sede na Fundação Universitária de Criciúma, em Criciúma²³⁵;
- Ciências e Matemática na Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (UNISUL), aprovado e reconhecido em 1977, com sede na cidade de Tubarão²³⁶;
- Matemática, reconhecido em 1978, com sede na Fundação Educacional do Norte Catarinense, mantenedora da Faculdade de Ciências e Letras de Mafra²³⁷;
- Ciências licenciatura de 1.º grau, reconhecido em 1978, com sede na Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe, mantenedora da Faculdade de Pedagogia, Ciências e Letras de Caçador, na cidade de Caçador. Esse curso passou, em 1987, a ser ofertado em Regime Especial²³⁸;
- A Licenciatura em Ciências e Estudos Sociais, posteriormente Licenciatura em Matemática, aprovada em 1989, com sede em Chapecó na Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste (FUNDESTE), atualmente UNOCHAPECÓ; e
- Ciências – Licenciatura de primeiro Grau com habilitação em Biologia e Matemática, aprovado em 1996, com sede na Universidade do Vale do Itajaí, em Itajaí.

Tendo em vista o expressivo aumento no número de cursos criados e reconhecidos em Santa Catarina entre as décadas de 1960 e 1990, se comparado ao nosso levantamento inicial, foi necessário adequar também a forma como seria feita a produção dos dados. Isso incluiu redimensionar, por exemplo, a seleção de depoentes que compuseram o quadro dos entrevistados. Nossa previsão inicial era entrevistar professores das primeiras turmas e coordenadores dos cursos. Porém,

²³⁵ Em 1975, a instituição solicitou a transformação desse curso para Ciências, com habilitações em Biologia e em Matemática.

²³⁶ Esse curso foi posteriormente transformado em Licenciatura de 1.º grau e Licenciatura plena, com habilitação em Matemática.

²³⁷ Posteriormente, esse curso passou a ser um curso de Ciências, licenciatura de 1.º grau e licenciatura plena, com habilitação em Matemática.

²³⁸ O Regime Especial, solicitado pela instituição de Caçador, faz referência a estudos concentrados em períodos de recesso e férias escolares, uma vez que a justificativa junto ao Conselho Federal de Educação era a impossibilidade de frequência dos alunos devido a fatores como distância dos alunos de seus locais de origem, precárias condições das rodovias, falta de transporte, além do seu alto custo, longos períodos de frio e chuva, dificuldade de frequência, baixo padrão socioeconômico e baixa remuneração do professor, entre outros (LUIZ, 2017). Conforme a justificativa, o regime especial não implicaria perda de qualidade e seria menos cansativo e oneroso para os alunos.

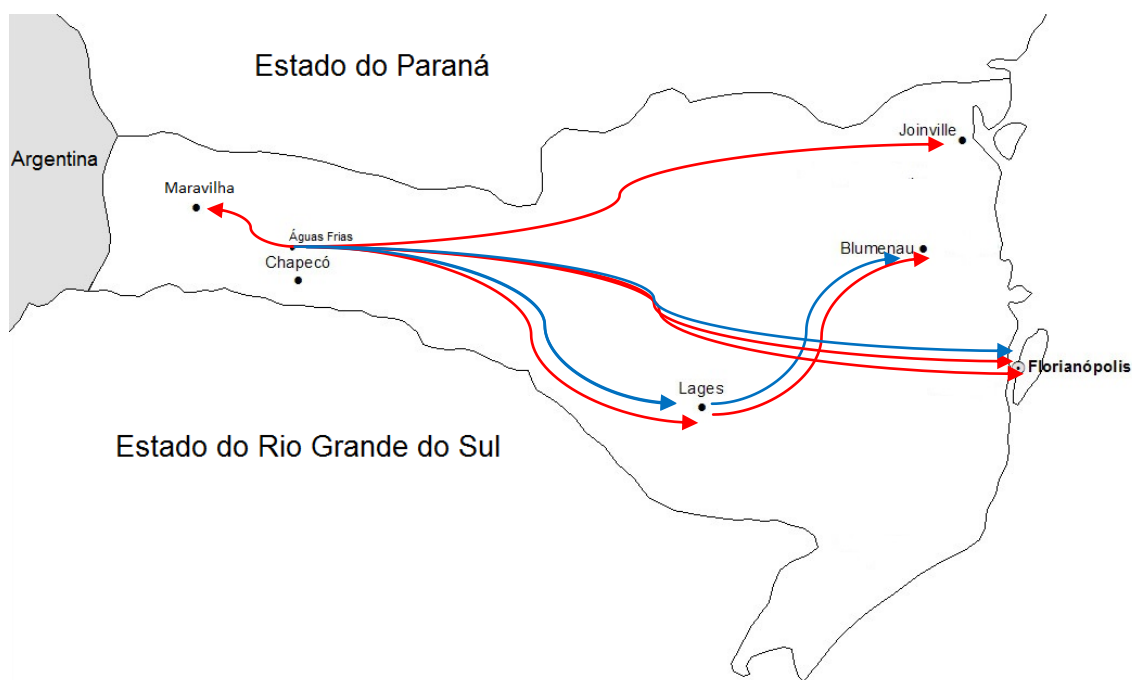
em dado momento da pesquisa, na atividade inaugural do PPGEM²³⁹ de 2018, quando o projeto dos ingressantes de 2017 foi discutido, a professora Regina Grando sugeriu que incluíssemos na lista de depoentes alunos formados das primeiras turmas desses cursos, em função de que seria inviável encontrarmos os primeiros professores e coordenadores, visto que essas turmas datam de mais de meio século.

Essa sugestão foi extremamente significativa para a seleção dos depoentes. Um movimento é iniciado aqui, ao destacar a importância da constituição de um cenário que leve em consideração as fontes de natureza arquivísticas tanto quanto as fontes orais com sujeitos diversos para o objeto de pesquisa, “não se tratando de ouvir apenas os excluídos, mas de também ouvi-los”²⁴⁰. Os autores podem ter destacado, nesse trecho, a importância de se produzir fontes com multiplicidade de pontos de vista sobre determinado fenômeno, por exemplo, a formação de professores, e, de como é importante ouvir pessoas que estão em diferentes posições em uma relação de poder, pensando em questionários diferentes para cada um desses atores, professores, alunos.... Porém, o movimento que foi feito aqui, foi entrevistar alguns ex-alunos, uma vez que, alguns dos docentes das primeiras turmas, já não poderiam mais contribuir com essa pesquisa. Dessa forma, o que tencionamos é, mesmo dentro de um mesmo grupo, no nosso caso com docentes e ex-alunos, ainda assim, pudemos ouvir, ao menos, duas versões – das várias existentes – de pontos de vistas diferentes – professores e ex-alunos, que também se tornaram professores daqueles cursos.

Optamos, então, por iniciar a produção dos dados considerando, cronologicamente, os cursos da década de 1960 (UNIVILLE, FURB e posteriormente UFSC), e o curso do início da década de 1970 (UNIPLAC), para analisarmos, pelas entrevistas, a necessidade de adentrarmos nos demais cursos, em função da quantidade de material para analisarmos.

²³⁹ Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP Campus Rio Claro.

²⁴⁰ GARNICA; FERNANDES; SILVA (2011, p. 242).

Mapa 4: Trajetórias da pesquisa

Fonte: Adaptação dos autores, 2020.

No Mapa 4, na sequência, podemos localizar geograficamente algumas das trajetórias que foram possíveis traçar pelo estado, “incompletas, pois outros/as historiadores/as poderão no futuro construir, a partir de nossa pesquisa, outros caminhos dessa história”²⁴¹. As linhas em azul, detalhadas no Mapa – de Águas Frias a Lages, de Lages a Blumenau e de Águas Frias a Florianópolis – são os primeiros movimentos feitos no contato inicial com os coordenadores dos cursos. Já as linhas em vermelho representam o movimento feito pelo estado, para as entrevistas de Águas Frias a Lages, de Lages a Blumenau, de Águas Frias a Florianópolis, por duas vezes, de Águas Frias a Maravilha e de Águas Frias a Joinville. Vale ressaltar que Chapecó consta no mapa em função de que é a maior cidade da região oeste catarinense, o que facilita a localização do leitor.

Cronologicamente, tínhamos ciência da aprovação do MEC para os cursos da UNIVILLE (abril de 1968), FURB (junho de 1968), UNIPLAC (1971) e UFSC (1974). As indicações de depoentes foram feitas, em um primeiro momento, pelos coordenadores dos cursos, como é o caso das professoras da FURB – Neda e Lili – indicadas pelo coordenador do curso, professor Carlos Althoff. Quanto aos professores da UNIPLAC, Ailton e Valdeci, a indicação foi da coordenadora,

²⁴¹ NECKEL; KÜCHLER (2010, p.13).

Professora Neusa de Barros. Já a professora da UFSC – Mirian Buss Gonçalves – foi indicada pela coordenadora, Professora Sonia Castro. No decorrer das entrevistas, foram indicados fortemente o nome do Professor Aroldo Moretto, discente da UFSC e professor da UNIPLAC, pelo Professor Ailton Durigon e pela Professora Mirian Buss Gonçalves, e o nome da Professora Teresinha Selinke, discente da UNIVILLE, pela professora Mirian Buss Gonçalves. Durante a entrevista com a professora Teresinha Selinke, também foi citado o nome do Professor Osni Piske – aluno e, posteriormente, professor da UNIVILLE – como forte contribuição para esse trabalho. Dessa forma, a definição pelos depoentes se deu por meio da indicação das coordenações e, seguindo o critério de rede²⁴², pela indicação dos próprios depoentes. Assim, nosso quadro de depoentes, com os quais projetamos iniciar a pesquisa, está representado a seguir.

Quadro 1: Depoentes e Universidades

Depoente	Universidade/Cidade	Categoria	Ingresso
Neda de Mello Altemburg	FURB – Blumenau	Discente do curso	1968
Lili Althoff Kavelage	FURB – Blumenau	Discente do curso	1968
Ailton Durigon	UNIPLAC – Lages	Discente e Professor	1988
Valdeci Costa	UNIPLAC – Lages	Professor	1985
Aroldo Moretto*	UNIPLAC – Lages	Professor	1972
Mirian Buss Gonçalves	UFSC – Florianópolis	Discente e Professora	1972
Teresinha Selinke	UNIVILLE – Joinville	Discente	1969
Osni Piske	UNIVILLE – Joinville	Discente e Professor	1970

Fonte: criação dos autores, 2020

* Professor Aroldo Moretto além de professor da UNIPLAC, contribuiu nesta pesquisa como discente da UFSC (1968-1971).

Após o diálogo com os coordenadores e as entrevistas com os depoentes, constatamos que a ordem de aprovação dos cursos de formação de professores de Matemática em Santa Catarina passou a ser: UFSC (maio de 1964); UNIVILLE (abril de 1968), FURB (junho de 1968) e UNIPLAC (maio de 1970). Os próximos capítulos

²⁴² Adotar o critério de rede significa dizer que a escolha dos depoentes se dá, quando um colaborador sugere a participação de outro, que, por sua vez, indicará novos colaboradores.

tratam, portanto, cronologicamente, sobre a apresentação histórica dos quatro primeiros cursos de formação de professores de Matemática aprovados pelo MEC para o estado de Santa Catarina.

6 A PRECURSORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

*Ser precursor em algo
Requer um trabalho árduo
Perseverança em busca do novo,
E enfrentamento assíduo.*

*É um tanto para a vida,
Outro tanto na busca da formação,
Assim como para as instituições catarinenses
Um momento de reflexão.*

*Ao ver tua identidade, tua logomarca
Lembro-me logo do meu Estado,
Em minhas origens navego
Buscando-te por todo lado.*

*Fostes a primeira nessa área
A ofertar formação institucionalizada
Outras, porém, te seguiram
Para não deixar-te marginalizada.*

*Houve uma Mirian, um Aroldo...
Pessoas que te conhecem bem
Deixaram suas marcas registradas
Mostrando a todos o que aqui tem.*

*A primeira instituição catarinense
E a importância de tua plenitude
Para tal foi preciso superar
Muitas vicissitudes.*

*Para descrever nesses versos,
Quantos por aqui passaram
Que disseminaram tuas ideias,
E o Estado todo ocuparam.*

*Eis que hoje te olhamos
De uma forma diferente
Como alguém que produziu história
E a faz frequentemente.*

*Encerramos nossos versos
Não como forma de partir,
Mas de discutir contigo
Como podemos seguir...*

No início da década de 1960, Santa Catarina era um estado basicamente agrícola, com um interesse eminente em seguir um movimento nacional de criação de instituições de ensino superior. E é nesse cenário que é criada e implantação da primeira universidade pública do estado²⁴³.

Quando pensamos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o que vem a nossa mente – ao menos à minha mente catarinense – é o símbolo da instituição, sua imagem visual, seu brasão. Talvez essa seja uma forma de identificarmos de qual das instituições públicas federais do estado estamos falando. Nesse sentido, traremos a seguir da identidade visual da instituição.

Ilustração 1: Logo da Universidade Federal de Santa Catarina



Fonte: Sistema de Identidade Visual da UFSC.

O brasão (logomarca) da Universidade Federal de Santa Catarina foi institucionalizado em 1976 (Portaria nº 267/78). Com relação aos seus elementos, temos presentes a caracterização da história da padroeira de Santa Catarina e valores da própria universidade. Os brasões são elaborados e interpretados como símbolos de nobreza. Assim, o ouro, representado pela cor amarela, significa a força e a riqueza, e o azul, a justiça e a beleza. Há no brasão elementos externos (que traduzem seu cargo, honrarias e posição) e internos (que traduzem os feitos de uma família ou instituição).

²⁴³ Há de se destacar um importante trabalho realizado em 2010, em comemoração aos 50 anos da UFSC, trazendo reflexões acerca do processo inicial de sua criação, destacando o cenário político, cultural, econômico e social da época, bem como a instituição como um cenário de disputas de interesses, como é o caso da disputa de sua localização no bairro Trindade, atual localização de sua sede. Trata-se do livro de Neckel e Kückler, publicado pela editora da UFSC em 2010, intitulado “**UFSC 50 anos: trajetórias e desafios**”. Esse estudo considerou metodologicamente os preceitos da História Oral, tendo como materiais analisados, documentos institucionais, legislações e 113 entrevistas com depoentes que participaram do processo inicial de criação da instituição.

Como elementos internos, têm-se: *Ars et Scientia* – lema da universidade (artes e ciência), que também já foi interpretado como “Artesania e ciência”; roda dentada quebrada, principal característica de Santa Catarina de Alexandria, relacionada ao fato milagroso de a roda ter quebrado quando tocou seu corpo durante o martírio; palmas – glória daqueles que deram a sua vida para testemunhar a fé (cristianismo)²⁴⁴.

Os elementos externos são: carvalho – significa trabalho, simboliza honra e vitória entre os povos germânicos; louro – simboliza vitória, visto que as folhas de louro estão relacionadas à glória, enfeitaram cabeças de imperadores, cônsules, poetas e esportistas; tocha acesa – simboliza o fogo que ilumina a escuridão, dando uma visão ilimitada ao portador, e significa sabedoria, conhecimento; flâmula – carrega o nome da universidade, identificando-a no brasão; Cruzeiro do Sul – simboliza a presença da UFSC na região Sul do país²⁴⁵.

Quais as origens dessa instituição? A gênese do ensino superior catarinense se deu em meados de 1932, com a criação da Faculdade de Direito, a qual foi oficializada por decreto estadual somente em 1935. Daí germinou a ideia da criação da primeira universidade pública de Santa Catarina²⁴⁶.

Assim, em 18 de dezembro de 1960, “reunindo as Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia, Odontologia, Filosofia, Ciências Econômicas, Serviço Social e Escola de Engenharia Industrial, criou-se pela Lei 3.849 a Universidade de Santa Catarina”²⁴⁷, primeira nomenclatura da instituição, a qual foi instalada oficialmente em março de 1962.

Esses cursos tinham uma forte ligação com o Instituto Politécnico – fundado em 1917 com apoio do governo estadual – e a Academia de Comércio – instituição privada subsidiada pelo governo estadual, a qual incorporou o Instituto nos anos 1930. A estrutura organizacional da instituição à época previa:

CONSELHO UNIVERSITÁRIO: órgão supremo de deliberação em matéria de administração e política universitária. Reunia-se mensalmente, tendo o reitor como presidente; CONSELHO DE CURADORES: órgão deliberativo e consultivo em matéria de fiscalização econômica e financeira da universidade. Reunia-se quatro vezes ao ano. REITORIA: órgão executivo e coordenador da administração superior da universidade, sendo exercida pelo Reitor, e nas suas faltas e afastamentos pelo vice-reitor. UNIDADES

²⁴⁴ Disponíveis no Manual de Identidade Visual da UFSC (2007).

²⁴⁵ Idem.

²⁴⁶ NOGUEIRA (1999).

²⁴⁷ NOGUEIRA (1999, p. 37).

UNIVERSITÁRIAS: para melhor cumprir suas finalidades a universidade desdobrava-se em unidades para estudos básicos e de formação profissional. Eram as unidades universitárias: Faculdade de Direito, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Ciências Econômicas, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Faculdade de Medicina, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Escola de Engenharia Industrial e a agregada Faculdade de Serviço Social.

Além da estrutura deliberativa, a Reitoria compreendia três órgãos executivos: Secretaria Geral, Departamento de Finanças e Departamento de Educação e Cultura.

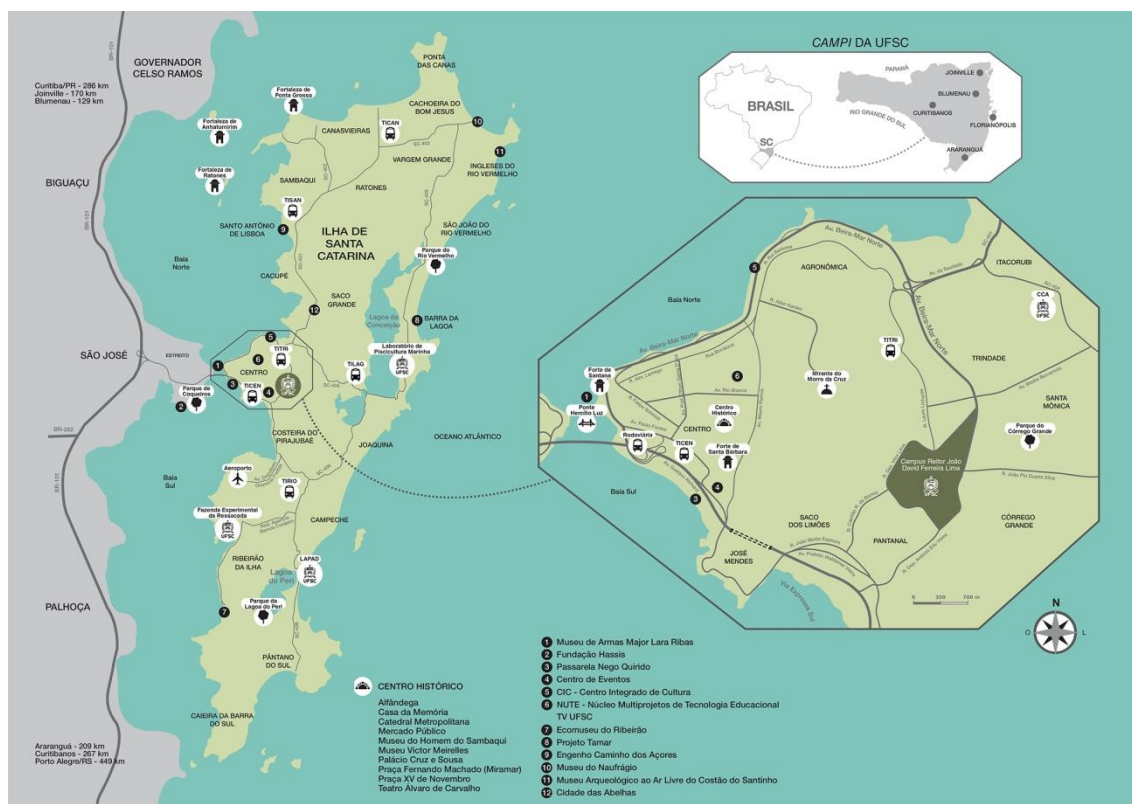
O movimento de constituição da UFSC, conforme documentos oficiais da instituição, estava fortemente relacionado ao movimento que ocorria no país, ou seja, nesse período foram criadas a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade de Porto Alegre, hoje Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e consolidou-se a Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Nacionalmente, nesse período, houve um crescente aumento na criação de universidades públicas também em cidades consideradas de porte médio, como é o caso das atuais universidades federais do Rio Grande do Norte, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal Santa Maria. Houve também a federalização de faculdades e institutos isolados.

Vale ressaltar também que, no caso catarinense, cinco anos após a criação da UFSC, criou-se, em 1965, a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, hoje denominada Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sendo as duas instituições pioneiras na oferta de ensino superior público no estado.

No processo histórico relacionado à UFSC, destacamos a denominação de universidade federal pela lei nº 4.759, de 20/08/1965 e a reforma universitária de 1969 (decreto nº 64.824, de 15/07/1969), quando as faculdades deram lugar às unidades universitárias, com a denominação de centros, os quais agregavam os departamentos.

Com relação à localização geográfica, a UFSC se estabeleceu no Campus da Trindade, na região central de Florianópolis, conforme podemos situar no mapa a seguir.

Mapa 5: Campus Trindade (sede) da UFSC

Fonte: <https://estrutura.ufsc.br/mapa/>

Durante a década de 1960, a instituição foi realizando alguns convênios importantes para ampliação de sua estrutura e sua consolidação: Convênio com o Hospital de Caridade da Irmandade de Senhor Bom Jesus dos Passos (1962), para os cursos ligados à saúde (o Hospital Universitário só foi implantado na década de 1970); Convênio com a Alemanha, para construção de um Planetário (1964). Ainda na década de 1960, foram criados cursos novos, como o curso de graduação em Enfermagem e o curso de Matemática. Antes disso, “o ensino das “ciências” estava muito mais relacionado à formação básica e complementar dos currículos dos cursos de graduação de outras áreas de formação acadêmica do que à sua própria especificidade”²⁴⁸.

O curso de Matemática da UFSC foi criado em maio de 1964, por ato da congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que, dias depois, encaminhou ao Conselho Federal de Educação o pedido de sua autorização. A Resolução nº 24/64, do Conselho Universitário, homologou o ato da Faculdade de

²⁴⁸ ALBERTONI (2010, p. 280)

Filosofia, tendo o curso iniciado no ano seguinte (1965). Porém, o curso só foi reconhecido uma década depois, em 1975.

Os registros históricos do curso fazem menção à oferta de uma turma de Licenciatura em 1965, a oferta de uma turma de bacharelado em 1966, voltando a oferecer a Licenciatura nos anos subsequentes e retomando a oferta do bacharelado somente em 1980. *“A primeira turma começou em 1965, eram professores que vinham de Porto Alegre, e as aulas davam-se sexta, sábado e domingo de manhã. O curso fazia parte da Faculdade de Filosofia, então a gente fazia vestibular para Filosofia”*²⁴⁹.

Com o início do curso e a falta de profissionais formados para atuarem como docentes no ensino superior,

*“Quase”*²⁵⁰ *todos os professores eram oriundos da Federal [de Porto Alegre, na época, hoje a UFRGS] ou da PUC de Porto Alegre... Vários deles, professor de Topologia, professor de Álgebra, professor de Geometria, professor de Análise Real, pegavam um avião às seis e meia da manhã em Porto Alegre, desciam aqui [Florianópolis] sete e quinze, e sete e meia começava a aula na Universidade, no fim do dia voltavam porque tinham trabalho nas universidades de Porto Alegre”*²⁵¹.

Destaca-se aqui a necessária urgência na formação de professores de Matemática para atuarem no ensino superior do estado naquela época, uma vez que os interessados em formar-se nessa área precisavam frequentar cursos em outros estados. Em função dessa demanda, foi necessário contratar professores dos estados vizinhos. Para uma locomoção mais ágil em função de outros compromissos assumidos, os docentes externos a UFSC, em sua maioria, utilizavam voos comerciais. A utilização de voos, no final da década de 1960 e início da década de 1970, ainda era um pouco tumultuada, visto que, mesmo Florianópolis possuindo aeroporto desde a década de 1920, a primeira pista de pouso foi inaugurada em 1942 e somente em 1955 inaugurou-se o terminal de passageiros.

²⁴⁹ Aparício Siqueira Filho em entrevista concedida a Júlia Albertoni em Florianópolis, no ano de 2010. Tal entrevista consta em anexo a este estudo.

²⁵⁰ Marcaremos em itálico, a partir deste texto, os excertos das narrativas de nossos depoentes, os quais nos possibilitam refletir sobre suas versões históricas com relação ao assunto abordado. O excerto será referenciado com o sobrenome do depoente e o ano da entrevista, para que o leitor possa ter facilidade na identificação. Não se trata de citarmos autores, conforme normas da ABNT; assim, utilizaremos os excertos recuados a 2 centímetros da margem, entre aspas.

²⁵¹ MORETTO (2018).

Fotografia 9: Primeiro avião do tipo Convair aterrissando na cidade em 1965



Fonte: Acervo Família Comicholi/Divulgação: <https://ndmais.com.br/noticias/a-historia-do-aeroporto-de-florianopolis-desde-a-pista-de-grama/>

Além de propiciar a chegada de professores de outros estados para ministrarem aulas nas instituições de ensino superior de Santa Catarina que estavam no processo inicial de criação de cursos de formação, Florianópolis também era o destino aéreo de turistas e empresários.

“Os professores traziam na bagagem uma visão muito grande, já que no Rio Grande do Sul esses cursos funcionavam há bem mais tempo, e eles tinham uma forma específica da época, uma cobrança muito forte, quem soubesse ia adiante e quem não soubesse ficava”²⁵².

Precisamos considerar que, mesmo o depoente exaltando a visão de ensino (bagagem) dos professores externos a UFSC, naquela época, a UFSC era a única instituição de ensino superior do estado, e havia pouquíssimas pessoas formadas, o que dificulta comparar com o conhecimento/bagagem de outros profissionais da área.

A história da formação de professores de Matemática em Barreiras/Bahia²⁵³ destaca a criação de um aeroporto na década de 1940, possibilitando o acesso à cidade e intensificando as relações comerciais. Porém, ter aeroporto e não ter educação (o Ginásio, no caso de Barreiras, e o ensino superior, no caso de

²⁵² MORETTO (2018).

²⁵³ Trabalho escrito por Bordignon (2016).

Florianópolis) “dá indícios de que, desde aquela época, havia descompasso entre o desenvolvimento econômico e educacional”²⁵⁴. Mesmo assim, no caso da UFSC, a infraestrutura possibilitou a interação com um público específico, o qual contribuiu significativamente, em particular, para o ensino de matemática em nível superior no estado.

Ainda na década de 1960, houve um movimento do Conselho de Reitores das universidades brasileiras, no sentido de criar uma reforma universitária em nível nacional, a qual proporcionaria às instituições a “modernização através da racionalização do ensino e a aplicação de uma nova política financeira”²⁵⁵. No início da década de 1970, com a reforma universitária²⁵⁶, foram extintas as faculdades e escolas e substituídas pelos Centros Básicos e Profissionais. Além disso, ocorreram duas mudanças significativas, uma relacionada ao sistema de créditos (“um crédito correspondia a quinze aulas de 50 minutos”)²⁵⁷, e outra relacionada à departamentalização (Decreto nº 64.824, de 15 de julho de 1969, criou os Departamentos de Química, Física e o Departamento de Matemática, “*que ministra aulas de Matemática para toda a Universidade*”)²⁵⁸. Em setembro do mesmo ano, ocorre na UFSC “a desintegração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em quatro áreas: Ciências Físicas e Matemáticas, Ciências Biológicas, Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Educação”²⁵⁹. Esses centros, pensados para a profissionalização, “aglomeraram disciplinas ‘básicas’ de conhecimento e instituíram as chamadas licenciaturas curtas da política militar”²⁶⁰, criadas em 1971, com a reformulação da Lei de Diretrizes e Bases²⁶¹ da educação brasileira.

Vale a reflexão de que a publicação da LDB de 1971 ocorreu dentro de um cenário de período da ditadura militar, e as Licenciaturas Curtas “eram formatadas

²⁵⁴ BORDIGNON (2016, p. 156).

²⁵⁵ ALBERTONI (2010, p. 281).

²⁵⁶ A Reforma Universitária, publicada em 1968, visou fundamentalmente a modernização e expansão das instituições públicas, principalmente das universidades federais. O surgimento do “novo” ensino superior privado constitui um desdobramento da Reforma de 1968, uma vez que as modificações introduzidas nas universidades federais não conseguiram ampliar satisfatoriamente suas matrículas para atender à crescente demanda de acesso (MARTINS, 2009).

²⁵⁷ NOGUEIRA (1999, p. 42).

²⁵⁸ GONÇALVES (2018).

²⁵⁹ ALBERTONI (2010, p. 282).

²⁶⁰ Idem (2010, p. 283).

²⁶¹ Decreto-lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 que fixou as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º grau.

para durar menos tempo e para formar profissionais com foco nas necessidades do mercado de trabalho, profissionais ligados ao magistério”²⁶².

Em 1972, a prática no Centro de Ciências Físicas e Matemáticas da UFSC, para os alunos, consistia em

“escolher o que a gente queria, só depois de feito o Básico, entrávamos todos juntos, aquele monte de gente. Essa forma não deu muito certo, acabaram mudando depois. Imagina o curso de Engenharia, todos queriam Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica. Na área da Ciências da Saúde era ainda pior, pois todos queria Medicina. Para conseguir escolher a área específica era pelas notas, as notas mais altas se classificavam, os que não tinham as notas mais altas, continuavam no básico, repetindo as mesmas cadeiras para melhorar o índice”²⁶³.

O “Básico” (Centro de Estudos Básicos) era o conjunto de disciplinas para as áreas profissionalizantes. Esse sistema objetivava uma universidade atrelada a uma nova ordem de conhecimento na sociedade. Nesse sentido, o governo da época “reconduziu o ensino brasileiro a uma racionalidade técnica, incumbida pela Reforma Universitária e alocada por uma organização tecnicista e, portanto, refletida na dinâmica da Universidade”²⁶⁴.

Há, nesse sentido, críticas com relação ao ensino praticado à época. Isso porque se entende que esse sistema propiciava a formação de um professor executante e não de um pesquisador, pois “acabava por criar um fenômeno de esvaziamento científico, com um ensino voltado apenas para a transmissão de conhecimento, bem como a lógica de uma educação focada em competências”²⁶⁵.

Houve ainda outras adaptações legislativas relacionadas ao funcionamento do curso nesse movimento de construção do curso de formação de professores de matemática da UFSC. Citamos algumas delas:

- **1973** – O curso passou a ser “Curso de Licenciatura em Ciências de 1º grau e de 2º grau em Matemática”, autorizado pela Portaria nº 218/73, reconhecido pelo Decreto número 75759, de 10 de abril de 1975. O currículo mínimo foi definido pelo Parecer número 1687/74, objetivando a formação do professor em Ciências Físicas e Biológicas para o 1º grau e em Matemática para o 2º grau, conforme a lei número 5.692 (LDB de 1971).

²⁶² ALBERTONI (2010, p. 283).

²⁶³ GONÇALVES (2018).

²⁶⁴ ALBERTONI (2010, p. 283).

²⁶⁵ CHAUI (1997, p. 213).

- **1980** – Foi criado o curso de Bacharelado em Matemática, autorizado pela portaria nº 426/80. Na época, a legislação reconhecia automaticamente uma nova habilitação de um curso já reconhecido.
- **1988** – Licenciatura e Bacharelado foram reunidos num curso único, podendo o aluno optar pela habilitação a partir do quinto semestre do curso.
- **1991** – Começa a funcionar o curso noturno, habilitação Licenciatura, com o mesmo currículo do diurno, em 10 fases.
- **1994** – O curso passou por uma grande reforma curricular, iniciada em 1992 por um grupo de professores do Departamento de Matemática, liderados pela então coordenadora do curso, Professora Neri Both Carvalho. As habilitações Licenciatura e Bacharelado foram separadas, com entradas distintas no vestibular.

Essas adaptações, tanto no currículo quanto na estrutura e no funcionamento do curso, seguiram legislações nacionais e, em alguns casos, normativas internas da instituição. Destacamos, com maior ênfase, a intermitência entre o oferecimento ora de um curso de Licenciatura, ora de Bacharelado. Cabe destacar a disputa interna, que ocorre dentro dos departamentos de Matemática em função das formações (bacharelado-licenciado). Há, nesse sentido, a vivência de nossa depoente, em seu contexto universitário:

“Me formei no doutorado em Engenharia de Produção, e eu queria fazer pesquisa, mas o pessoal da Matemática não aceitou minha formação, pois eles são Matemática Pura, e eu não servia para aquilo. Daí eu fiquei como voluntária na Engenharia de Produção”²⁶⁶.

No corpo docente do início do curso, havia uma preocupação excessiva com a qualidade do ensino no curso:

“Vim para cá e aí não tem curso de Engenharia Química, então vou fazer de Matemática. Fiz a inscrição para o Processo Seletivo de Matemática e no início de fevereiro fiz vestibular. Me classifiquei e comecei o curso, isso foi em 1968. Em 1971, consegui me formar, estudando muito, como te falei, porque o curso era muito exigente e os professores não queriam saber de recuperar trabalho. Era prova e a avaliação em cima da prova, sobre o que você demonstrou ali e acabou-se”²⁶⁷.

O curso de Matemática da UFSC, no final da década de 1960 e início da década de 1970, era oferecido no turno matutino, com exceção dos casos que assim

²⁶⁶ GONÇALVES (2018).

²⁶⁷ MORETTO (2018).

necessitavam, por exemplo, os professores que não eram da instituição, *“um coronel do Exército que trabalhava na Economia, no centro da cidade de Florianópolis. A disciplina desse professor foi ofertada à noite, mas o curso era basicamente das sete e meia ao meio dia, todo dia, de segunda a sábado”*²⁶⁸, ou então

*“um dos professores, no terceiro ano da faculdade, com o qual tivemos a disciplina de Topologia, o professor Penido²⁶⁹, ele vinha de Porto Alegre, naquele esquema de vir cedo e voltar de tarde de avião, ele só podia se ausentar da Universidade de Porto Alegre para trabalhar na UFSC aos sábados, com aulas de Topologia, que eram das sete e meia ao meio-dia”*²⁷⁰.

Com relação ao quadro docente, em função da falta de profissionais formados para atuarem no ensino superior, como já destacado, os docentes ainda ministravam aulas, além do curso de Matemática, também para as engenharias. Depois da reforma universitária, eles precisaram optar a qual departamento ficariam vinculados. O quadro inicial de professores do curso da UFSC, conforme registro do Departamento de Matemática, era composto por:

- Adalberto Luiz Verani Deppizzolati;
- Antônio João da Silva;
- Aparício Siqueira Filho;
- Carlos Büchele Junior;
- João David de Souza;
- João Maria de Oliveira;
- Luiz Alfredo Soares Garcindo;
- Luiz Alves Rodrigues;
- Luiz Meneghello;
- Márcia Ligocki Lins;
- Maria da Graça Araújo;
- Maria Emilia Nunes Pires Wieggers;
- Maria Helena Maia Oltramari;
- Orlando da Silva Filho;
- Paulo Frederico Wieser;
- Pedro José Bosco;

²⁶⁸ MORETTO (2018).

²⁶⁹ Penido Fontoura da Silva, professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁷⁰ MORETTO (2018).

- Penido Fontoura da Silva;
- Zilá Maria da Silva;
- Walter de Bona Castelan;
- Zulmar J. Quadro.

Vários dos docentes relacionados influenciaram a formação de professores de Matemática no Estado Catarinense. Exemplos disso são o Professor Bosco (Pedro José Bosco), citado em entrevistas desta tese, nos cursos de Joinville (UNIVILLE) e de Blumenau (FURB), e o Professor Penido Fontoura da Silva, também citado pelos depoentes da UNIPLAC (Lages), da FURB (Blumenau) e da UNIVILLE (Joinville). Por ser o centro precursor de formação de professores de Matemática do estado, o curso de Matemática da UFSC formou docentes para o ensino superior de todo o estado.

Porém, o que levava um aluno a frequentar um curso superior em Matemática no final da década de 1960 e início da década de 1970 na Universidade Federal de Santa Catarina? Além de ser o único disponível até 1968, também é possível que houvesse motivos econômicos relacionados às decisões de escolha desse curso.

“Nossa condição financeira exigia que trabalhássemos durante o dia e estudássemos à noite; não tínhamos dinheiro para sermos sustentados. E a Engenharia Civil da UFSC era diurno, aulas pela manhã e à tarde. Tínhamos que comprar os materiais, livros e não sei o que mais, e Matemática era só um período. Então, naquela época, eu já trabalhava no Colégio Catarinense como secretária, à noite, e, pela manhã, eu ia para a faculdade aqui na Trindade [bairro de Florianópolis, onde está localizada a UFSC]”²⁷¹.

Mesmo sendo um curso gratuito, as necessidades de sustentar-se fora de casa eram eminentes, e essa era uma das questões essenciais no momento de opção por um curso superior, principalmente para os alunos que vinham de outros locais do estado.

Apesar de ser um curso de formação de professores de Matemática, o que se entende por formar docentes também para a rede básica de ensino, após a conclusão do curso, poucos docentes tiveram como destino as escolas públicas estaduais e municipais.

“Os pontos de concentração de egressos da UFSC são os institutos federais, universidades estaduais e universidades federais que, em sua maioria, possuem condições melhores de ensino. As condições de ensino sempre foram muito

²⁷¹ GONÇALVES (2018).

*precárias nas escolas públicas. Formar professor para ir para essas escolas públicas era algo que não atraía o professor. Ele tem que pensar nele e na família dele. Eu acho que desde aquela época não vejo muita mudança*²⁷².

O impacto que esse curso causou pelo estado, entre outros fatores, está relacionado à formação em nível superior de grande parte dos docentes que estão inseridos em universidades, desenvolvendo o ensino, a pesquisa e a extensão nos mais diversos locais desse estado e também fora dele.

A UFSC foi a única universidade federal em território catarinense por meio século (1950 a 2010), quando se criou, ao oeste do estado, a UFFS, que possui *campi* nos três estados da região sul do país. O estado vizinho, Rio Grande do Sul, na mesma época, por exemplo, possuía seis universidades federais: Federal do Rio Grande (FURG); Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Federal do Pampa (UNIPAMPA); Federal de Santa Maria (UFSM); Federal de Pelotas (UFPe) e Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

Se analisarmos também o outro estado vizinho, Paraná, até 2010 ele possuía duas universidades federais, a Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e a Federal do Paraná (UFPR). Essas são as universidades federais mais antigas criadas na região sul do país, datadas de 1909 e 1912, respectivamente. O Paraná teve duas universidades federais criadas em 2010, a UFFS, com campus em Realeza e Laranjeiras do Sul, e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), situada em Foz do Iguaçu, na região de fronteira entre o Brasil, Argentina e Paraguai.

Se pensarmos nos cenários vizinhos, podemos levantar alguns questionamentos: por que há tanta disparidade com relação à quantidade de universidades federais em cada estado? Por que há uma diferença considerável no tempo entre a criação das primeiras universidades de cada estado, 1909 – criação da UTFPR, 1934 – criação da UFRGS e 1960 – criação da UFSC? Por que Santa Catarina não investiu no desenvolvimento intelectual no seu território, assim como os estados vizinhos?

Questões dessa natureza talvez possam tornar-se um movimento interessante de pesquisa para um próximo momento de estudo. Traçando novas trajetórias, fazendo movimentos diferenciados de pesquisa e buscando compreender

²⁷² GONÇALVES (2018).

os fatores que influenciaram as gestões estaduais no oferecimento de ensino público no último século.

7 O PLANALTO CATARINENSE E A UNIPLAC: A INTERVENÇÃO

*Por aqui, a neve não está presente,
Porém o chimarrão quente,
Se faz minha companhia,
Nas madrugadas frias.*

*Essa região do meu estado,
Não possui histórias do Contestado,
Porém sua beleza natural,
Cria um acervo de identidade cultural.*

*Uma serra espetacular
Você estava esperando o mar?
Santa Catarina nos desafia
A conhecê-la um pouco a cada dia.*

*Ainda são campos de Vacaria?
Essa planície é muito fria
Tropeiros aqui fizeram morada
Trouxeram couro para a terra afamada.*

*Um camargo e um bom pinhão
Muitas histórias e aquele chimarrão.
Há muito a se escutar
Quando se está fora do lar.*

*Ouvir e escrever
Verbos fáceis de se ver
Na prática um desafio
Quando de um passado com brio.*

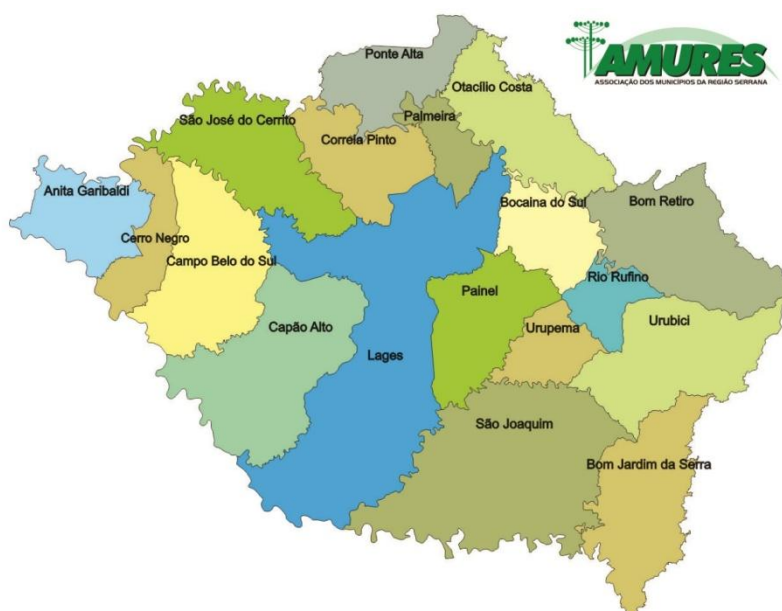
*Uma Universidade criada...
UNIPLAC consolidada...
Um curso concreto
Um futuro incerto.*

*Ciências ou Matemática?
Decisão sistemática
Grande impacto regional
E um ato Institucional.*

*As andanças por Lages
Me fazem pensar no futuro
O que será da formação
Com esse presente inseguro?*

A região serrana do estado catarinense compreende dezoito municípios próximos: Anita Garibaldi, Bocaina do Sul, Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Campo Belo do Sul, Capão Alto, Cerro Negro, Correia Pinto, Otacílio Costa, Paineira, Palmeira, Ponte Alta, Rio Rufino, São José do Cerrito, São Joaquim, Urubici, Urupema e Lages. Em função da altitude, essa região concentra as cidades mais frias do país: Lages, São Joaquim, Urubici e Urupema, com grande possibilidade de neve nesses locais. A exemplo de quando viajamos a essa região para as entrevistas desta tese, a temperatura estava abaixo de zero (-1°), no dia mais frio do ano de 2018, em Lages.

Mapa 6: Região da Amures



Fonte: Associação dos Municípios da Região Serrana (AMURES).

Essa é uma região de campos de altitude, florestas e grandes cânions. Nos campos, principalmente de Lages, ficam as fazendas, forte em turismo rural e com histórico de ser o Caminho de Tropeiros que faziam o transporte de gado entre o Rio Grande do Sul e São Paulo. Algumas fazendas que ofertam turismo rural possuem séculos de história. “Houve um tempo, mais recentemente, em que a Região de Lages possuía 276 indústrias de base florestal que geravam 6.900 empregos diretos e mais de 15.870 indiretos. Em salários circulam R\$ 3,38 milhões mensalmente”²⁷³.

²⁷³ FLORIANI (2007, p. 38)

Algumas das características dessa região são o frio, o chimarrão, o pinhão, as histórias de tropeiros contadas ao pé do fogo de chão, um tipo de bebida típica da região é o camargo (café misturado com o leite tirado na hora e bebido ao pé da vaca), além da hospitalidade do povo serrano.

Fotografia 10: Serra do Rio do Rastro – SC



Fonte: Portal Revista Visão, 2018²⁷⁴

Lages, na região serrana de Santa Catarina, é uma típica cidade de interior, tendo 92% de seu território (2.429 Km²) concentrados na área rural. Com aproximadamente 160 mil habitantes, possui o título de capital nacional do turismo rural. Não sabemos quais são as motivações que se usam para conceder tais títulos

²⁷⁴ Crédito da foto: Cristiano Rigo Dalcin – Agência de Desenvolvimento Regional de Lages – ADR Lages e Flávio Vieira Junior – Assessoria de Imprensa da Defesa Civil de Santa Catarina. Disponível em: <http://portal.revistavisao.com.br/post/29187/serra-do-rio-do-rastro-tera-r-20-milhoes-em-obras-para-contencao-das-encostas/>.

a essas cidades²⁷⁵, porém, no caso de Lages, seu vasto território rural, aliado às paisagens de serra, transforma o lugar em um espetáculo a céu aberto.

Lages é a maior cidade da região serrana, e os principais pontos turísticos dessa região concentram-se na neve, atraindo turistas do Brasil todo e também na Serra do Rio do Rastro, a 130 quilômetros de Lages, situado entre os municípios de Bom Jardim da Serra (pertencente a região da Amures) e Lauro Muller (pertencente à Associação do Municípios da Região Carbonífera – AMREC). As paisagens são um espetáculo da natureza, nas duas opções.

Fotografia 11: Neve na Região Serrana em São Joaquim



Fonte: Portal da Serra Catarinense, 2020²⁷⁶.

Lages tem seus primeiros registros históricos datados de 1766, como um lugar de parada dos tropeiros que transportavam gado. Esse pequeno lugar era a continuação dos campos de Vacaria - RS, onde tinha uma grande quantidade de gado selvagem. No intuito de garantir território e “proteger tropeiros e viajantes do ataque de castelhanos e índios que infestavam as estradas da região”²⁷⁷, foi fundada, em novembro de 1766, a povoação de Nossa Senhora dos Prazeres de

²⁷⁵ Lembro aqui de minha cidade (Águas Frias com cerca de 2.300 habitantes), no oeste do estado, que possui o título de Capital Catarinense do Abraço, isso não significa dizer que as pessoas saem às ruas abraçando a todos que chegam, mesmo assim, recebe tal título.

²⁷⁶ http://serracatarinense.com/galeria_de_fotos.html

²⁷⁷ <http://www.portallageano.com.br/lages/historia>.

Lajens, até então território Paulista²⁷⁸. Em 1820, a vila passou a ser território Catarinense e, em 1860, assumiu a categoria de cidade. O significado do nome da cidade está relacionado com a presença, na região, da Pedra Laje, um tipo de arenito²⁷⁹, e, a partir de 1960, por decreto governamental, assumiu o nome geográfico de Lages, com “G”. Uma cidade de origem cristã tem seu feriado municipal comemorado em 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Boa Viagem.

A colonização dos campos lageanos foi feita por tropeiros portugueses vindos, especialmente, da Província de São Paulo, mas também de Minas Gerais. Vale destacar aqui que os registros históricos contam sobre a chegada da colonização branca a essas terras, porém, não destacam as culturas aqui já existentes ou pouco se discute sobre isso. Há menções de trilhas de cruzeiros deixadas pelos padres jesuítas nessa região em suas missões de catequização, as quais eram utilizadas pelos tropeiros para se localizarem. Há menções também sobre “infestação de indígenas”²⁸⁰, conforme registros locais, entretanto, nada consta sobre essa descendência ancestral na composição da cidade de Lages, nem ainda sobre uma mesma “infestação” de europeus praticada nos “idos” de 1700 em terras lageanas. E como essa constituição alterou a composição de agrupamentos humanos e/ou comunitários? E o que os registros relatam sobre a constituição do território lageano?

Durante o século XVII, o governo português, por meio dos governadores das províncias (no caso de Lages, província de São Paulo), distribuíram áreas de terras a produtores rurais como forma de demarcar território por meio de sua ocupação. Os Campos Lageanos foram ocupados por Antônio Correia Pinto de Macedo, “comerciante abastado, homem de títulos e terras, acompanhado por uma comitiva (famílias, empregados e escravos), que chegou às terras lageanas, para além dos ‘sertões de Curitiba’, em 1766”²⁸¹, incumbido de ali se estabelecer, ocupar e se apropriar daquele território.

²⁷⁸ Até 1766 o território ao qual intitulamos hoje ser Santa Catarina, pertencia à província de São Paulo.

²⁷⁹ Rocha sedimentária formada de grãos agregados por um cimento natural silicoso, calcário ou ferruginoso que é destacado, em geral, pela qualidades de dureza e compactação

²⁸⁰ O termo Infestação é pejorativo, sabemos. Porém, resolvemos apresenta-lo mesmo assim, como forma de representação de como eram tratados os indígenas na época e também pelas versões históricas regionais.

²⁸¹ GARCIA (2013, p. 19)

Existem registros datados de 1791²⁸² que relatam, entre outras preocupações, o número pequeno de habitantes da Vila de Lages, a presença de mulheres, escravos, crianças, velhos e de “gentios”, termo usado pelos novos proprietários das terras para denominar os índios que ali viviam:

Sendo a criação d'esta villa erigida a 22 annos so compõe-se athe o prezente com 16 cazas, das quaes 9 se achão com moradores, e 7 estão feixadas. E da certidão do Reverendo Paroco desta Villa Vossa Excelência verã, que entre mulheres, escravos, agregados, velhos, adultos, e Meninos So se achão 456 pessoas de confição; e que os adultos são somente 125; dos quaes nunca pude prontificar quarenta Pessoas capazes para as deligencias de Rebater os Gentios, quando nos assaltão²⁸³.

Preocupações repetidas na descrição do historiador e geógrafo Aires de Casal ao analisar a Vila de Lages, já em 1815, descrevendo características típicas da Vila em questão.

A Villa das Lages, aliás de N.S. dos Prazeres, Padroeira da sua Matriz, a mais Meridional da Provincia, não tendo já mais passado de pequena em razão da má vizinhança dos Selvagens, acha-se hoje reduzida a pouca coiza de meia legua ao Norte do Rio das Caveiras, e um quarto afastada da Ribeira Carahá, que toma o nome de uma casta de cana ou bambú, que cresce em abundancia nas suas beiradas, e sam as melhores da Provincia; alguns tem o verniz atartarugado, que parece obra de habil artifice. Na mesma torrente ha boas pedras de amolar²⁸⁴.

Nesse sentido, conforme descrição do pároco da Vila e do historiador, na época, havia uma resistência dos índios da região (nomeados para o primeiro como “gentios” e para o segundo como “selvagens”), com a ocupação das terras, demonstrada por meio de assaltos frequentes à vila. Cabe aqui uma reflexão: por que os portugueses que aqui se instalaram não foram tratados pela história como os “gentios” invasores, uma vez que essa terra já era habitada? Uma possível resposta é: os gentios europeus registraram suas versões históricas dessas ocupações, enquanto os nativos não tiveram a oportunidade desse registro oficial.

Há também um dado estatístico de 1817, onde consta que Lages era a vila da Província de São Paulo com menor número de escravos (7) e com 73 lavradores, “números insignificantes, especialmente quando comparados com os de Campinas (3.464 escravos, 294 lavradores) ou Itu (3.317 escravos, 361 lavradores e 128

²⁸² BOGACIOVAS (1999, p. 17-18)

²⁸³ BOGACIOVAS (1999, p. 17) Esse excerto obedece às regras de língua portuguesa da época.

²⁸⁴ IDEM (1999, p. 21)

engenhos de açúcar)²⁸⁵. Talvez o baixo número de escravos em Lages pode estar relacionado ao tipo de atividade que se praticava na época (pecuária), a qual demandava menor número de mão de obra, enquanto outras vilas da província se dedicavam à produção açucareira, na qual a mão de obra, em sua maioria escrava, era essencial.

A partir do início do século XIX, começaram a se desenvolver, nas rotas dos campos lageanos, o comércio de animais, charque, couro e derivados. Porém, o ponto de escoamento da produção não era bom, visto que Lages fica acima da região da serra, tendo como referência a capital Florianópolis. O comércio local era feito na praça, que depois se transformou em feira livre aos sábados e depois em Mercado Público. Lages também passou por um período de grande riqueza com a extração de madeira, ocasião em que as araucárias foram extintas.

E, assim, os campos lageanos já não eram mais uma continuação dos campos de Vacaria, passando, através das rotas de animais e pelo comércio, a constituir uma nova localidade (criada com a denominação de Lages em 1768), posteriormente uma nova vila (com a denominação de Lages, por Carta Régia, de janeiro de 1765, desmembrada da antiga Capitania de São Paulo, por alvará de novembro de 1820), uma nova cidade (pela lei provincial nº 500, de maio de 1860), tornando-se a cidade de Lages da qual reconhecemos hoje.

Durante o século XX, o território lageano incorporou, desmembrou e emancipou vários distritos, como é o caso de Lages, Bocaina do Sul, Capão Alto, Campo Belo, Corrêa Pinto, Anita Garibaldi, Palmeira, Paineira, São José do Cerrito, Cerro Negro e São Francisco do Cerro Negro, Índios, Campo Belo do Sul, Celso Ramos e Octacílio Costa. Com a última divisão territorial no início do século XXI, Lages possuía apenas três distritos: Lages, Índio e Santa Terezinha do Salto²⁸⁶.

Atualmente, o município de Lages possui uma extensão territorial de 2.631,504 quilômetros quadrados e uma população de 180.125 habitantes. Também é conhecida nacionalmente como Terra da Festa do Pinhão.

²⁸⁵ BOGACIOVAS (1999, p. 22).

²⁸⁶ Dados que podem ser acessados na Biblioteca do IBGE, pelo link: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/lages.pdf>

Mapa 7: Lages

Fonte: ResearchGate²⁸⁷, 2020.

Com toda essa extensão territorial, Lages não é somente o maior município da região da Amures, como também é o maior município em extensão territorial do Estado Catarinense, como podemos verificar no Mapa anterior. Algumas das atividades que se destacam atualmente são: agropecuária; processamento de madeira; comércio; setores metalomecânicos, de autopeças, de produção de alimentos e desenvolvimento de softwares; polo petrolífero.

Educacionalmente falando, Lages possui uma das universidades mais antigas do estado (1964), a Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Podemos ver na figura que segue, à esquerda, a primeira logomarca da instituição, a qual era formada pela letra “U”, sobreposta de uma araucária (árvore típica da região) e do nome da instituição. Essa primeira logomarca foi criada por um aluno em um concurso promovido pela Instituição. Essa logo ficou vigente até 2008, quando o marketing da UNIPLAC apresentou à comunidade acadêmica a nova Identidade Visual, formada pela letra “U”, que significa a união entre o conhecimento e a

²⁸⁷ https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-com-a-localizacaodelages_fig1_308948531.

aprendizagem, e a sobreposição das cores indica a fluidez e a adequação da instituição aos novos tempos (leia-se aqui, tempos de intervenção judicial – 2008).

Ilustração 2: Logotipo da UNIPLAC



Fonte: <http://eronportal.com.br/>

A UNIPLAC tem mais de meio século de história. Essa história tem início com a Associação Catarinense de Cultura (ACC), criada em julho de 1959 e declarada de utilidade pública no mês de novembro do mesmo ano. A ACC tinha como finalidade a fundação e manutenção de estabelecimentos de Ensino Superior e de Ensino Médio – Escolas Técnicas do Comércio. Assim, no tempo de sua constituição, foram fundadas pela ACC as Faculdades de Ciências Econômicas e de Ciências Contábeis e Jurídicas de Lages, que teve aula inaugural em 06 de abril de 1964.

Nesse mesmo ano, em agosto, foi fundado o primeiro centro acadêmico denominado Centro Acadêmico 8 de Maio. A FACEP teve seus cursos de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis efetivamente implantados no ano de 1966.

Em 1965, a partir de novembro, pela Lei Municipal n.º 255, é criada a Fundação Educacional de Lages (FEL), para reger o ensino superior de Lages, uma entidade autárquica, com função técnica desmembrada da administração municipal, porém, tutelada por ela. Em 1969, se transformou na Fundação Universidade do Planalto Catarinense (UPC), com novas prerrogativas da atuação municipal e a definição como entidade de direito público e de administração indireta da prefeitura.

Após sua criação, foi autorizada para funcionamento, em maio de 1970, a Faculdade de Ciências e Pedagogia de Lages (FACIP), com os cursos de Pedagogia, Letras e Ciências Sociais.

A UNIPLAC deixou de funcionar no Colégio Diocesano, no Centro da cidade, e se transferiu para onde hoje funciona o Centro Universitário da Universidade da UNIPLAC, no antigo aeroporto, em sua sede própria. As instalações eram muito precárias, porque era interior, a dificuldade financeira era muito grande, as instituições basicamente viviam do que arrecadavam dos alunos e de alguns projetos que eram encaminhados em busca de algum recurso. Era trabalhar com o que se recebia da contribuição dos alunos e alguma outra doação.²⁸⁸

Em 1974, no contexto da organização do Sistema Fundacional Catarinense (ACAFE), foi criada a Fundação das Escolas Unidas do Planalto Catarinense (UNIPLAC). No mesmo ano se iniciaram as construções dos blocos A, B e C, que abrigaram as duas unidades de ensino da UNIPLAC – FACEC e FACIP.

A UNIPLAC era formada por duas Instituições: a FACIP e a FACEP. A FACIP - Faculdade de Ciências e Pedagogia era a área das Licenciaturas, tinha: Ciências Sociais, Letras, Matemática... E a FACEP – Faculdade de Ciências Econômicas tinha os cursos de gestão: Economia, Contabilidade, Administração... Depois, não lembro exatamente qual foi o ano, fundiram as duas Instituições e fundaram a UNIPLAC. A área das Pedagogias, da qual eu fazia parte, tinha o curso de Matemática, com uma estrutura bastante tradicional no início, muito próximo dos cursos da região, da UFSC de Florianópolis, de universidades de Porto Alegre – UFRGS e PUC – e Universidade de Curitiba²⁸⁹

Fotografia 12: Construção dos primeiros blocos da UNIPLAC



Fonte: Revista de Divulgação Científica e Cultural.

²⁸⁸ MORETTO (2018)

²⁸⁹ MORETTO (2018)

No início da década de 1990, surge a necessidade de transformações na estrutura do ensino superior e, em 1994, é tomada a decisão de acionar o processo de transformação da UNIPLAC em Universidade. Em 1995, após eleição, posse e trabalho da Comissão Instituinte, a Carta Consulta foi protocolada no Conselho Estadual de Educação.

No ano seguinte, em 1996, foi lançado o Projeto da Universidade. Em dezembro de 1996, instalou-se a Comissão Especial de Acompanhamento, que tinha como objetivo verificar o andamento do processo e do cumprimento das recomendações feitas pelo Conselho Estadual de Educação e as demais atividades relativas à consolidação da UNIPLAC como universidade.

Em 15 de junho de 1999, através da Resolução 31/99, o Conselho Estadual de Educação reconhece a Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Já em 23 de junho, o Governo do Estado também reconhece a UNIPLAC como Universidade, através do Decreto 312/99. Em julho de 1999, a Universidade do Planalto Catarinense é oficialmente instalada, passando, assim, a usar de todas as prerrogativas inerentes ao status universitário.

No primeiro semestre de 2004, a UNIPLAC completou cinco anos como universidade e passou pelo processo de renovação do credenciamento universitário, para a Sede em Lages e na unidade fora de sede em São Joaquim.

Em 2008, foi instalada ação de intervenção da Fundação Pública de Direito Privado pelo Município de Lages-SC e, em fevereiro de 2009, por meio do Ato interveniente nº 05, é instituída a nova organização administrativa da Fundação UNIPLAC e da Universidade do Planalto Catarinense.

Em 2008 houve uma intervenção judicial na Universidade, pois estávamos com sérios problemas financeiros, atrasos de salários... houve uma decisão de uma intervenção judicial, então a Justiça, por meio de um Juiz, indicou um interventor, para estar à frente da universidade. Este interventor extinguiu uma porção de coisas, entre elas os departamentos. Extinguiu os cargos de pró-reitores, dissolveu parcialmente os conselhos, deixando-os com poderes reduzidos, enfim, fez todo um reordenamento na instituição, que permitiu a recuperação judicial frente aos bancos, aos credores, enfim... Os cargos da instituição que haviam sido eleitos, foram mantidos, os coordenadores, por exemplo, com algumas limitações e poderes reduzidos. Essa intervenção aconteceu, pois a universidade é pública de direito privado, ela é do sistema da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE), é pública (municipal), mas considerada de direito privado, pois sobrevive das mensalidades. Então, a prefeitura, em comum acordo com a reitoria, solicitou a intervenção. Na época, o reitor continuou sendo reitor, pois havia sido eleito. Os pró-reitores foram exonerados dos cargos, e foi nomeado um diretor de ensino e um diretor

*administrativo. O reitor continuou, mas com poderes muito restritos, quase que figurativo, resolvia, em sua maioria, questões burocráticas. E isso teve impacto no andamento da Universidade. E, em função disso, hoje a Universidade conseguiu se reerguer e sair do processo de intervenção.*²⁹⁰

Essa intervenção judicial na Universidade do Planalto Catarinense aconteceu em função dos sérios problemas financeiros enfrentados, como atrasos de salários e dívidas com bancos, entre outros.

*A UNIPLAC é uma instituição pública (municipal) de direito privado (sobrevive das mensalidades dos alunos), pertencente ao sistema da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE), é pública (municipal). Houve, então, em comum acordo entre a reitoria da UNIPLAC e a Prefeitura Municipal de Lages, um pedido de intervenção à Justiça. O Juiz determinou a indicação de um interventor. Houve várias extinções: departamentos, cargos de pró-reitores, dissolução parcial de conselhos, deixando-os com poderes reduzidos, visando a um reordenamento da instituição, que permitiu a recuperação judicial frente aos bancos e aos credores. Os cargos eleitos foram mantidos, porém, com limitações e poderes reduzidos.*²⁹¹

A partir da intervenção, foi criada também uma nova identidade visual da UNIPLAC e lançada como a reafirmação do compromisso da Universidade, que através da revitalização da sua logo, caracterizou o marco de um novo momento.

Em 2014, a UNIPLAC inicia o processo de migração para o Sistema Federal de Ensino no que tange ao seu acompanhamento institucional e avaliações, deixando de ser monitorado pelo Conselho Estadual de Educação. Em setembro do mesmo ano, é determinado pela Justiça o fim do processo de intervenção da Fundação UNIPLAC.

Durante esse período histórico da UNIPLAC, foi criado, em 1970, o curso de Licenciatura em Matemática, o qual será discutido a partir daqui. Essas discussões contemplarão a criação, a constituição e o desenvolvimento do curso. Dentre os tópicos, discutiremos o ingresso, a urgência na formação de professores da região serrana, sobre os primeiros professores, o incentivo da universidade para a formação docente, o curso e o ensino praticado, além do impacto do curso para a região. Refletiremos também sobre algumas preocupações atuais, apontadas pelos depoentes.

²⁹⁰ COSTA (2018).

²⁹¹ DURIGON (2018).

O curso de Licenciatura em Matemática da UNIPLAC foi autorizado pelo Decreto Federal N. 66.849 de julho de 1970, sendo reconhecido somente sete anos mais tarde, em julho de 1977, pelo Decreto N. 799.

E o interessante é que as primeiras turmas do curso de Matemática quase que 100% dos alunos – eram turmas pequenas, no máximo vinte e cinco alunos – que faziam o curso de Matemática nessas primeiras turmas eram professores de Matemática no Estado, ou escola privada, mas basicamente nas escolas do Estado, que, porém, não tinham formação em Matemática²⁹²

Os registros históricos do curso, arquivados na Instituição, relatam que entre 1973 e 1998 foi oferecido o curso de Licenciatura em Ciências de 1º Grau.

Em 1988, eu vim pra Lages fazer o vestibular, fiz o vestibular para o curso de Matemática na Universidade Federal de Santa Catarina, mas não passei, e aí eu fiz vestibular pra UNIPLAC aqui e passei, e aí cursei, na época, Ciências de 1º grau, pois não tínhamos o curso de Matemática, isso era 1988²⁹³.

Por ser um dos únicos cursos da região a época, o curso da UNIPLAC atendia a demanda de docentes das redes municipais, estaduais e particulares de toda a região dos municípios da AMURES e de municípios vizinhos do estado rio-grandense.

Tínhamos alunos de muitos lugares: do Rio Grande do Sul, tinha gente de Vacaria, de Vila Ipê, pessoal que vinha de muito longe. Eles vinham, frequentavam as aulas e voltavam, não estabeleciam vínculo. [...]depois de 74 já começou a aparecer outro tipo de aluno, que era o que vinha da escola pública, mas que não exercia Magistério. E aí, eles chegavam com muita dificuldade, com relação à nova visão da Matemática²⁹⁴, Dificuldades com relação ao material didático também, mas em sua maioria, estavam lá, pois queriam aprender, mas também buscar uma formação/titulação, uma vez que a legislação começou a apontar exigência para professor formado na área de atuação²⁹⁵.

Além disso, havia uma busca visível de formação em nível superior por profissionais da educação, principalmente pelos que estavam inseridos em escolas da região, os quais se tornavam público para o curso que estava em fase inicial.

²⁹² MORETTO (2018)

²⁹³ DURIGON (2018).

²⁹⁴ O depoente se referiu ao Movimento da Matemática Moderna caracterizado como forte mudança no ensino de matemática no país. Tal movimento modificou consideravelmente o rigor e a formalidade do ensino no Brasil.

²⁹⁵ MORETTO (2018).

*Eles tinham a prática, mas não tinham a formação, e era em busca disso que eles estavam. Em meio aos primeiros alunos, tinha: diretores de colégio, alunos com vinte anos de experiência como professor de Matemática, entre outros. Alunos que faziam atualizações de metodologia de ensino, de didática, em cursos do MEC, porque o conteúdo eles iam buscar dentro dos livros, do material que eles tinham, e desenvolviam aquilo. Então, nenhum dos alunos que estavam fazendo curso de Matemática tinha experiência de trabalho em nível superior. A experiência deles era de escolas públicas, eles eram profissionais que aprenderam a Matemática pelo próprio esforço, buscando em livro, em apostila.*²⁹⁶

A demanda por profissionais formados em ensino superior aumentava na medida em que as primeiras turmas iam se formando. Aos que conseguiam se inserir e se formar, havia ofertas de trabalho em diversas escolas da região.

*Quando iniciei meu curso superior, em março de 1988, já comecei a dar aulas, pois eu tinha Magistério, e isso foi a única coisa que eu fiz aqui em Lages em termos de trabalho: dar aulas... A minha carga horária semanal até agora foi sempre 60 horas, enquanto eu estava na fase de estudante, fazendo a faculdade, eu dava aula o dia todo e a noite frequentava o ensino superior, e aqui em Lages trabalhei na escola Itinerante*²⁹⁷.

*Quando eu saí da rede privada em 2010, eu trabalhava em 3 instituições, tinha o SENAI, tinha a UNIPLAC e tinha o Estado, e ainda na UNIPLAC eu tinha os cargos administrativos, e aí, quando ingressei na rede Federal, o máximo de aulas por semana aqui é 18 horas/aula. Isso é uma benção. Eu cheguei a ter 72 aulas dadas por semana em alguns períodos, você tem ideia disso? 72 aulas dadas, gente, era assim uma loucura*²⁹⁸.

Por estar inserida em uma região na qual não havia cursos de formação de professores de Matemática, a UNIPLAC não teve problemas com falta de alunos nos primeiros anos de existência do curso. Até mesmo os docentes que ministravam aulas no curso estavam inseridos na rede pública de ensino, em função da urgência e da carência de formação de professores de Matemática da região.

*Eu tinha uma carga horária de oito horas semanais no curso de Matemática e quarenta horas no Estado. Mas eu entrei no Estado como convidado, hoje se chama ACT, Caráter Temporário, pois o Estado, desde 64, não fazia mais concurso para admissão de docentes, e então os professores eram convidados pelo diretor ou pela Gerência de Educação para trabalhar nas escolas. Era assim que funcionava. No Estado de Santa Catarina abriu o primeiro concurso no ano de 1978, e aí me efetivei como professor do Estado*²⁹⁹.

²⁹⁶ MORETTO (2018).

²⁹⁷ DURIGON (2018)

²⁹⁸ DURIGON (2018)

²⁹⁹ MORETTO (2018)

Aqui na região, sempre houve falta de professores de Matemática, e professores bons nunca ficaram sem trabalhar. Eu ia lá, em São Joaquim, era um dia por semana, quarta-feira, eu ia lá e dava 10 aulas, das 8h às 12h e das 13h30 às 17h30, e 18h30 eu estava já dentro da Universidade dando aulas (na verdade 18h30 não: começava 20 pras 7, mas 18h30 eu tava lá porque eu era coordenador do curso, então eu ia direto). Fazia São Joaquim-Lages em 45 minutos e são 80 km, uma estrada ruim³⁰⁰.

Além disso, os docentes que se propunham a ministrar aulas de Matemática até aquele período não possuíam formação específica em Matemática.

Vou te dar um exemplo: eu, em Anita Garibaldi, quando fiz o meu Ensino Médio, eu não tive professor formado em Matemática, quem deu aula pra mim foi um engenheiro, depois um outro engenheiro, depois um agrônomo, cada um que chegava dava o que gostava e a gente assistia a aula que não tinha muito controle, não existiam muitos professores, sempre houve carência³⁰¹.

Essa urgência na formação de professores de Matemática em Lages era notada não somente no Ensino Básico, como também no curso de Matemática recém criado. Assim, chegaram os primeiros licenciados: *“Fui o primeiro professor, contratado para o curso, que tinha Licenciatura em Matemática, a chegar em Lages. Havia uma professora com formação em Matemática, mas não era Licenciatura, era Bacharel”³⁰².*

Por ser uma instituição relativamente nova, com um curso novo, a UNIPLAC também sentiu dificuldades relacionadas ao corpo docente inicial, uma vez que o mesmo era formado majoritariamente por engenheiros e arquitetos, os quais, sendo docentes, não sentiam a mesma valorização profissional de sua formação original.

Foi um período muito difícil esse período inicial da Instituição. Com a formação dos primeiros alunos das primeiras turmas, alguns se propuseram a trabalhar na Instituição, prestaram concurso, foram classificados e puderam contribuir, uma vez que o pessoal, os primeiros docentes – engenheiros e arquitetos – foram deixando a instituição³⁰³.

Além dessas dificuldades, havia ainda as relacionadas aos docentes que atuavam nesse período em função das novas diretrizes relacionadas ao ensino de matemática.

O curso de Matemática, em Lages, começou em meados de 1970, se não me engano, deve ter sido no segundo semestre de 1970. Então, quando eu cheguei,

³⁰⁰ DURIGON (2018)

³⁰¹ DURIGON (2018).

³⁰² MORETTO (2018).

³⁰³ MORETTO (2018).

*o curso estava no seu quarto semestre. Eu assumi as disciplinas de Álgebra I e II, visto que o professor que trabalhava com essa disciplina era um arquiteto e não tinha formação para tal, conforme a nova visão da Matemática. Trabalhar com as estruturas algébricas, estruturas de anel, de grupo, não, ele era um operacional, fazia contas, fazia cálculos, e o curso de Matemática nós sabemos, não é só isso. Engloba muito raciocínio, muita formação...*³⁰⁴

Entre os docentes da primeira turma do curso da UNIPLAC, estava também um professor que se deslocava de Florianópolis para ministrar aulas em Lages.

*Lembro do professor Willy Brum*³⁰⁵*, arquiteto, hoje falecido, ele trabalhava com Geometria Analítica. Professor João Carlos Duarte que morava em Florianópolis e trabalhava com Cálculo. Professor Galeno Vieira, arquiteto, trabalhava com Álgebra. Ele levantou as mãos para o céu o dia que me viu, deu graças a Deus (risos): “Vou deixar minha disciplina para alguém que entende de Estruturas Matemáticas, porque aquilo que eu estou dando aula, os alunos dizem que não é, e não sei dar outra coisa.” Uma figura boníssima. João Argon Preto de Oliveira, arquiteto que trabalhava com Geometria e Geometria Diferencial. João Preto de Oliveira foi colega desde a primeira hora de UNIPLAC e trabalhamos juntos no Ensino Médio. Ele também se aposentou como professor do Estado, que, na época, era o top*³⁰⁶.

Após essa estruturação docente do curso e os primeiros egressos se inserirem na instituição como docentes, houve ainda a interferência política da qual é citada, nesse episódio, como uma das dificuldades no decorrer da história do curso da UNIPLAC.

*A UNIPLAC havia sido criada por um ato do prefeito municipal, logo, a escolha das direções, que era FACIP e FACEP, era escolha do prefeito, bem como os dois diretores e o presidente da Instituição: indicação do prefeito. Não era eleição. Então, estes cargos, na época, eram indicações do prefeito. No final de 1972 teve a eleição municipal e aquele grupo que estava na prefeitura perdeu. A partir de janeiro de 73 assumiu um novo grupo, que era oposição. E aí começou a dificuldade de comunicação com o poder público, pois eles queriam se meter na Universidade. Foram dois anos em que a prefeitura – mantedora da UNIPLAC – praticamente não repassou nenhum recurso para a instituição. Deixou de passar o nosso salário. Ficamos quatro ou cinco meses sem receber da Instituição, pois o que a Instituição recolhia/recebia, não era suficiente para pagar os funcionários, as despesas... Então, foram 4 ou 5 meses para receber o salário, devido a interferência política dentro da Instituição. Houve alguns embates, depois as coisas se normalizaram*³⁰⁷.

³⁰⁴ MORETTO (2018).

³⁰⁵ Professor do início do curso de Matemática da UNIPLAC. Deixou o magistério para cuidar de sua empresa na área de construção civil.

³⁰⁶ MORETTO (2018).

³⁰⁷ MORETTO (2018).

Para além desse inconveniente, ainda são citados outros fatores, os quais, segundo os depoentes, não contribuíam para melhorar a qualidade do ensino no curso de Matemática,

Uma coisa ruim é que a gente era, na universidade, horista, era por carga horária, bem ruim. Nós não tínhamos apoio, não tínhamos como fazer atendimento ao aluno, extraclasse, não tinham muitos programas de extensão, de pesquisa, e nós tínhamos que correr atrás. Era bem delicado. A gente não tinha uma estrutura de apoio para o trabalho, mas também, por outro lado, eram as condições que a Universidade tinha para nos oferecer naquele momento³⁰⁸.

Hoje, ainda há muitas instituições privadas que trabalham nesse sistema de contratação de professor horista, porém, existem acordos coletivos de trabalho, nos quais as questões relativas às práticas de ensino ficam estabelecidas:

Os professores que atuarem com carga horária semanal igual ou maior a 20 horas ou que possuem contrato de trabalho com carga horária semanal igual ou maior a 20 horas receberão, a título de atividades pedagógicas relativas aos cursos de graduação, o percentual de 25% sobre o total de horas de ensino (atividades de ensino na graduação, exceto orientação de monografias, TCCs e estágios) limitado ao total de 40 horas semanais³⁰⁹.

Quando falamos em ensino privado, precisamos refletir, entretanto, que todo custo extra com estrutura e outras atividades vinculadas à grade curricular do curso, que, em instituições não públicas precisa ser liquidado com os valores de mensalidades cobradas, uma vez que o poder público não pode arcar com esses gastos.

Poderia ter sido melhor, tinha também condições físicas para isso, e que isso impactava em custos também e aí você tem alunos de escolas, nossos alunos todos eram egressos de escolas públicas. Dá pra contar nos dedos. Foram pouquíssimos alunos que eu tive, que eram egressos de escola particular e foram meus alunos na Licenciatura. A grande maioria era de alunos de Escolas Públicas. Eles também tinham dificuldades e por isso não tinham condições de pagar uma mensalidade tão alta. Então, se você aumenta as condições estruturais de funcionamento do curso, alguém precisa pagar, é preciso compensar de alguma forma. Sem contar que a Instituição também precisava de lucro³¹⁰.

Ainda assim, para os docentes que frequentavam Pós-Graduação em nível *stricto sensu*, a instituição auxiliava com uma bolsa de 20 horas/aula, as quais, “se ganhava sem ministrar, mas aí a gente tinha que ficar na instituição por, no mínimo,

³⁰⁸ DURIGON (2018).

³⁰⁹ SINPROESTE (2019, p. 1).

³¹⁰ DURIGON (2018).

*o mesmo tempo que levamos para cursar o Doutorado, senão teríamos que repor, enfim, para ajudar a instituição*³¹¹. Isso era determinado para dar o retorno do investimento que a instituição havia feito com o docente. A instituição precisava de docentes com formação nesse nível de ensino, porém, precisava garantir que esse investimento geraria frutos, relacionados, por exemplo, ao credenciamento da instituição junto aos órgãos de fiscalização. Com relação à estrutura física, a UNIPLAC também tinha algumas dificuldades.

*Tínhamos as salas de aula para as aulas normais, o Laboratório de Física, o Laboratório de Matemática, tínhamos somente uma sala de professores que era pra todos os professores da instituição, todos na mesma sala, mas ninguém usava a sala, era uma sala mais de passagem. A gente tinha um gavetão nessa sala que deixávamos alguns materiais lá dentro. Não tínhamos mesa de trabalho, não tinha nada disso*³¹².

Além da estrutura física, o material pedagógico em face à reestruturação da “Nova Matemática” da época também deixava a desejar.

*A partir da implementação da Matemática Moderna foram introduzidos novos conteúdos: análise das proposições, dos conectivos, dos condicionais, entre outros e quando eu cheguei à UNIPLAC não tinha nem bibliografia para isso. Estava começando mesmo. Consegui um material e levei para lá, pois a biblioteca, não tinha um material que fosse dessas áreas*³¹³.

O curso de Matemática da UNIPLAC passou por várias reestruturações curriculares, oferecendo turmas de Licenciatura em Matemática, Ensino de Ciências, Licenciatura em Matemática novamente, ficando alguns períodos sem oferecer turmas por falta de demanda de alunos, entre outros fatores. Porém, há alguns períodos que, em função de nossos depoentes citarem veemente e por repetidas vezes, acreditamos ser importante constar nessas discussões, como o início do curso, com um currículo basicamente com disciplinas específicas do curso de matemática (Álgebra, Geometria, Análise Matemática...) e uma carga horária alta, com aulas no período noturno, durante a semana e, aos sábados, no período diurno.

Então, em 1972 eu comecei na UNIPLAC, e o curso era estruturado, basicamente, pelas disciplinas fundamentais. Algumas foram introduzidas mais tarde, mas a parte inicial do curso foi assim: Geometria, Álgebra, Física, Cálculo, enfim, essas disciplinas básicas que se trabalhava no curso. O curso funcionava no Colégio Diocesano, cedido, gratuitamente para a Instituição, e nós tínhamos

³¹¹ DURIGON (2018).

³¹² DURIGON (2018).

³¹³ MORETTO (2018).

*aula a semana toda, e aos sábados à tarde também. Eu fui um dos contemplados, por ser novato no curso, a ministrar aulas no sábado à tarde*³¹⁴.

Com o passar dos anos, foram ocorrendo reestruturações curriculares conforme as exigências das normativas publicadas, introduzindo algumas disciplinas mais pedagógicas, didáticas de ensino e filosóficas. Assim, nessas versões históricas da formação de professores de Matemática da UNIPLAC, percebemos que houve a necessidade de adaptações – no sentido do curso adequar-se à legislação vigente – e reestruturações – pensadas internamente conforme necessidades do curso e da instituição – para que se mantivesse ativo.

Dentre as adaptações, podemos pensar, por exemplo, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971, que, dentre outras proposições, contemplou a formação docente “no ensino de 1º grau, da 1ª a 8ª séries, habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada por licenciatura de 1º grau obtida em curso de curta duração”³¹⁵, abrindo precedente para os cursos de Licenciatura Curta, frequentados em dois anos.

Em uma das reestruturações, entre os anos de 1981 e 1990, o curso passou a ser oferecido não somente no regime regular com aulas semanais. O Estado de Santa Catarina se propôs, juntamente com a UNIPLAC, a formar professores do interior do estado, que não tivessem curso de ensino superior. Os alunos provinham desde o litoral até o oeste catarinense, alguns de cidades vizinhas do Rio Grande do Sul, *“e eles também valorizaram muito, pois era a oportunidade que tinham de realizarem e aprenderem, se titular para melhorar a questão da remuneração, já que estavam vinculados ao Estado”*³¹⁶.

O curso de férias, na época, era uma das modalidades de ensino presencial, que dispunha de aulas durante as férias escolares nos meses de janeiro, fevereiro e julho. Essa modalidade cessou com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, que descreve o ensino superior e com o “ano letivo regular, independente do ano civil, tem, no mínimo, duzentos dias de trabalho acadêmico efetivo, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver”³¹⁷.

A duração do curso de férias era de 4 anos.

³¹⁴ MORETTO (2018).

³¹⁵ BRASIL (1971, p. 5).

³¹⁶ MORETTO (2018).

³¹⁷ BRASIL (1996, p. 21).

Depois de um período, o curso sofreu algumas alterações. Foi oferecido em período de férias: janeiro, fevereiro e um complemento em julho, nas férias escolares, e nós tivemos a felicidade de trabalhar, em torno de uma década, no período de férias, com professores de escola pública ou privada do interior do estado, não da cidade de Lages, porque estes tinham o curso semanal, mas para os do interior era mais difícil o acesso, o trabalho, as horas de estrada. Então, este curso de férias foi pensado exatamente para este público com dificuldade de acesso ao curso normal.³¹⁸

Além disso, após a oferta de turmas de Licenciatura Curta, já entre 2008 e 2010, conforme a legislação da época permitia, também foram ofertadas turmas de complementação, com frequência obrigatória de mais 18 meses, para titulação como Licenciado em Matemática.

e o curso de Matemática foi uma coisa interessante: ele começou com o curso de Matemática, aí devido à baixa demanda, a instituição migrou para o curso de Ciências de 1º grau. Em vez de quatro, eram três anos, com uma carga muito grande de aula, 27 ou 28 créditos por semestre. Esse pessoal recebeu o título de Licenciatura Curta, só que baixava o salário, pois não tinha a Plena [Licenciatura], logo, fazia a complementação no curso de Matemática. Então, quem queria, é claro, fazia mais um ano e meio e tinha direito de receber o título da Licenciatura Plena. O curso de Licenciatura Curta de 1º grau foi extinto, e aí então voltou ao normal, e o curso de Matemática funciona até hoje³¹⁹.

Entre as reestruturações, o curso também passou por um período chamado de Licenciaturas Compartilhadas, como forma de contenção de custos com a contratação de profissionais e de estrutura física, em função da baixa procura nos vestibulares da época. Tal movimento consistia em compartilhar disciplinas de tronco comum entre todos os cursos de licenciatura da universidade, lotando turmas principalmente de disciplinas formativas.

O que fizemos foi ofertar várias disciplinas para todos os cursos de Licenciatura no mesmo horário. Então, você tinha, por exemplo, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Didática, Pesquisa e Prática Pedagógica, Contexto e Organização do Discurso (Português), Metodologia Científica... Essas disciplinas eram oferecidas num mesmo horário para todos os alunos, então formavam-se turmas com 40 alunos. Encheu. Incluía alunos de Pedagogia, Matemática, de Letras, de Biologia, de Educação Física, de Artes que eram nossos cursos. E, no outro dia, as aulas eram específicas a carga horária de [disciplinas] Pedagógicas, de formação humana aumentou muito, porque pra poder fazer essa integração³²⁰.

³¹⁸ MORETTO (2018).

³¹⁹ MORETTO (2018).

³²⁰ DURIGON (2018).

Esse processo não durou muito tempo, pois, em função de não se sentirem integrantes de um grupo, “os alunos acabavam por não se identificar com as turmas, com o curso e acabavam desistindo. O que não era nada bom para o curso de Matemática”³²¹.

O perfil dos alunos do curso da UNIPLAC era, em sua maioria, de pessoas que trabalhavam durante o período diurno e frequentavam o curso de formação no período noturno.

O impacto desse curso de formação de professores de Matemática da UNIPLAC está diretamente relacionado à área de abrangência da instituição na região serrana.

*Não sei se havia cursos de formação para além do curso da UNIPLAC. Penso que não, pois das universidades que nós temos aqui hoje: a UDESC não trabalha com formação nessa área; os polos da UNIVALI e da UNISUL, aqui próximos, em Palhoça, não tinham Matemática. Os únicos que tinham Matemática aqui na região, que eu lembre, era Joinville na UNIVILLE, Blumenau na FURB, que eu sei de certeza, porque depois eu fiz uma parte da Pós ali, mas aqui nas redondezas, a única que tinha era a Federal [UFSC]*³²².

A região serrana tem um diferencial se comparada a regiões como o vale e o norte do estado, onde a densidade demográfica é muito alta. Por exemplo, nessa região, as extensões territoriais são grandes, e o número de habitantes é pequeno, fazendo com que os cursos de formação ficassem concentrados em polos regionais, como era o caso de Lages.

*Anita Garibaldi, 8 mil habitantes, Campo Belo do Sul, 10 mil habitantes, essas ficavam a 100 km de distância de Lages. Os alunos de São Joaquim, que faziam mais de 160 km todos os dias para frequentarem as aulas. Na Serra Catarinense, em lugar nenhum havia curso, na Serra Catarinense foi só a UNIPLAC. Num raio de, aproximadamente 150 km, nós éramos os únicos*³²³.

Alguns dos motivos pelos quais os alunos também optavam por frequentar o curso da UNIPLAC a outros cursos da região eram, por exemplo, distância de outras cidades que possuíam cursos de formação, acesso precário e o alto custo de vida.

A UNIPLAC atingia um grande raio, éramos um polo para a região. Especificamente na Matemática nós tínhamos alunos que vinham das proximidades de Lagoa Vermelha no Rio Grande do Sul; aqui de Urubici, de Santa Cecília, Curitiba, de Ponte Alta (de Ponte Alta tinha muitos alunos),

³²¹ COSTA (2018).

³²² MORETTO (2018).

³²³ DURIGON (2018).

São Joaquim... então assim era a nossa região de abrangência – enorme. De Anita Garibaldi, tivemos vários excelentes alunos, Campo Belo, Odacir Costa, certeza que de cada cidade sempre tinha um ou dois alunos, fora os alunos aqui da sede. Sempre fomos um Polo. Os alunos queriam ir para a UNIPLAC. Os alunos de Vacaria, por exemplo, poderiam estudar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Caxias, mas a questão distância e a questão estadia eram limitantes fortes para eles, e até hoje isso permanece. Para um aluno se manter na UFSC, é muito caro, o custo de vida em Florianópolis era altíssimo, então os alunos preferiam vir a Lages todo dia, uma hora e quarenta e cinco minutos de ônibus para vir e uma hora e quarenta e cinco pra voltar... então eu penso que o impacto foi muito positivo, nós mantivemos um diferencial muito importante, nós mantivemos aqueles cérebros interessados em trabalhar com Matemática³²⁴.

Há registros que, em 1995, antecipando-se à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96), o estado catarinense ofereceu formação em serviço, a partir de um programa chamado MAGISTER. Na região de Lages, o programa foi ofertado pela Universidade da Região de Blumenau (FURB). O programa consistia em oferecer *“formação em serviço aos professores sem habilitação, atuantes nas escolas públicas da rede estadual e das redes municipais de ensino”*.³²⁵

Esse curso era ofertado por meio de convênio entre o Governo do Estado e as IES com sede em Santa Catarina, nesse caso, a FURB.

O Estado assumia a integralidade dos custos da oferta do curso, além da concessão de ajuda de custo aos professores-alunos para fazerem frente às despesas de transporte e alimentação no decorrer de sua realização³²⁶.

O currículo adotado para tal curso era o currículo da instituição proponente (FURB), e o diferencial era que os alunos, os quais eram docentes das redes municipais e estaduais da região, frequentavam as aulas em regime especial, concentradas em períodos de recesso escolar e finais de semana, às sextas-feiras e aos sábados.

Precisar os impactos desse curso (MAGISTER) para a região é difícil, mas certamente sem essa instituição, sem a seriedade que as coisas eram conduzidas, nós não teríamos bons profissionais³²⁷.

Os dois impactos mais fortes que eu vejo sobre o curso foi: possibilitar o pessoal que já era professor, mas não tinha a titulação, a acessar a titulação do curso. As primeiras turmas, de 72 a 74, 75, que a UNIPLAC habilitou e eles tiveram então a titulação como professor licenciado. Então eles eram enquadrados

³²⁴ COSTA (2018).

³²⁵ HENTZ (2013, p. 203)

³²⁶ HENTZ (2013, p. 204)

³²⁷ DURIGON (2018)

dentro do estado em outro patamar, no plano de carreira deles; e a outra contribuição muito grande foi titular professores do interior que trabalhavam com Matemática, mas não tinham formação Matemática. Inclusive muitos, eu lembro, professores do interior que chegavam iam trabalhar com turmas do Ensino Médio, eles iam até uma altura do conteúdo, aquela parte inicial, Funções, Progressões, um pouquinho de Trigonometria, chegando até Matrizes e Determinantes e, quando entrasse numa Matemática um pouquinho mais exigente, Estrutura de Polinômios, Matrizes..., eles não davam, porque não se sentiam seguros. E isso tudo a gente conseguia trabalhar. Conseguimos trabalhar um pouquinho aquelas unidades do Ensino Médio que eles tinham dificuldades, da nossa estrutura de grade, que conseguimos fazer eles saírem de lá mais seguros para ensinar. São lições para trabalhar, além, claro, de uma melhora salarial, que era o que eles buscavam³²⁸.

Para além dos impactos do curso de formação de professores de Matemática da UNIPLAC, precisamos pensar no impacto social que foi a criação de instituições privadas, não somente para a região do planalto catarinense, mas para o estado como um todo.

É preciso lembrar que o estado catarinense, em todo seu período histórico, possuiu somente uma universidade pública – UFSC – até bem pouco tempo – 2009 – e que, em função disso, a maneira com a qual se pensou universidade no interior do estado foi essa, em instituições privadas e comunitárias. Logo, a criação e a importância delas para Santa Catarina é visível e inquestionável.

Esse modo de se pensar universidade, dispendioso para grande parte da população, foi o que Santa Catarina teve até o final do século XX, Universidades comunitárias e privadas, com cobrança de mensalidades para a formação superior. A partir do início do século XXI, com a política de expansão das universidades públicas no interior dos estados e, principalmente, nas regiões onde a universidade precisaria estar, regiões periféricas com grande necessidade de formação, Santa Catarina passou a ter uma segunda universidade pública, a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), em 2009, representando a interiorização do ensino público por aqui.

³²⁸ MORETTO (2018)

8 O ALTO VALE DO ITAJAÍ E A FURB: UMA ALIANÇA FORTE

*Uma linhagem imersa,
Em uma região adversa,
Faz uma população dispersa,
Um município criar.*

*As terras imperiais,
Eram bens materiais,
Que se tornaram essenciais,
Para a riqueza acumular.*

*Vindos de uma cultura europeia,
Aqui nos traz a ideia,
De uma escrita epopeia
Para a descendência admirar.*

*Fundada por um doutor,
Deixa transparecer o horror,
Que dos nativos era o terror,
Para a comunidade prosperar.*

*As disputas e as guerras,
Sempre vinculadas às terras,
Eram, às vezes, contra as feras,
Que precisavam lutar.*

*No ensino também poderia
Mostrar o que conhecia,
A elite então contraria,
Uma iniciativa popular.*

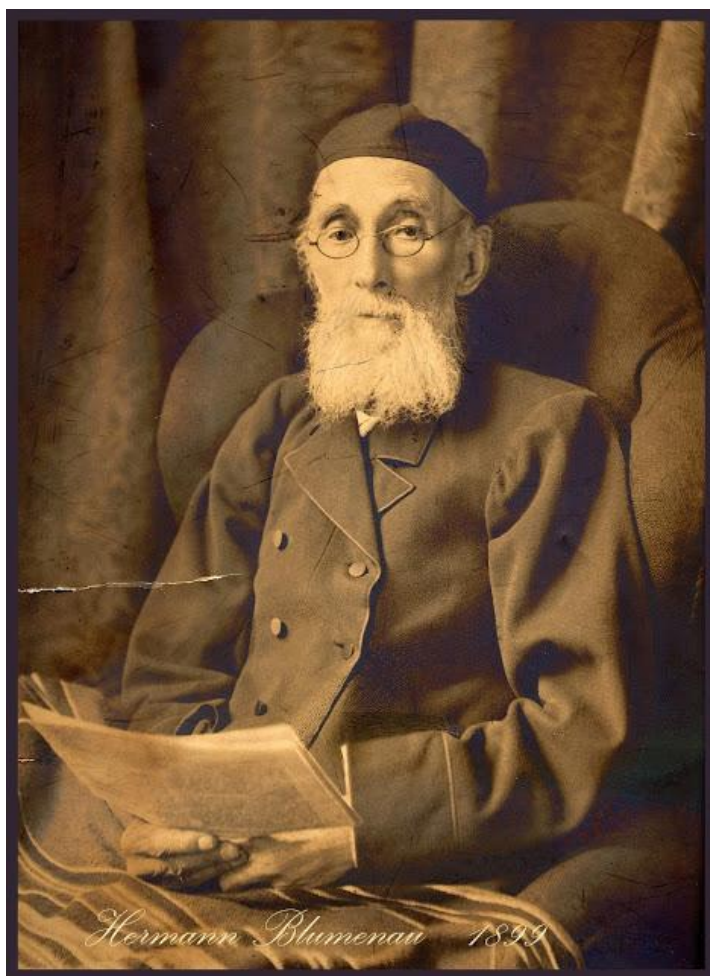
*Assim mesmo a FURB foi criada,
Tratada como inapropriada,
Foi com o tempo incorporada,
Pela cultura do lugar*

*Rivadavia foi o precursor,
Para um curso promissor,
Porém a falta de professor,
Fora do estado foi buscar.*

*Lili e Neda se formaram,
Para o curso retornaram,
Toda região auxiliaram,
A Matemática ensinar.*

Versões históricas de uma região que giram em torno de um nome: Hermann Bruno Otto Blumenau. Nascido em Hasselfelde, na Alemanha, em dezembro de 1819, foi químico farmacêutico, filósofo e fundador da Colônia de São Paulo de Blumenau, atual município de Blumenau em Santa Catarina, que leva seu sobrenome. São mais de um século e meio de história, desde a fundação da colônia de Blumenau (1850).

Fotografia 13:Hermann Bruno Otto Blumenau



Fonte: <https://cortinadopassado.com.br/>

O movimento de andar por Blumenau em 2018 nos mostrou o quanto essa cidade é germânica. Culinária, danças, festas e arquitetura representam um pedaço da Alemanha no Brasil. Muito dessa cultura, dessa tradição, está registrada no

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva³²⁹, que, além de possuir arquivos físicos, possui um grande acervo digital, com publicações mensais do Blumenau em cadernos³³⁰, jornal mensal publicado desde 1957, com registros, inclusive, das cartas de Hermann Blumenau nos primeiros anos de colonização.

Dr. Blumenau, como carinhosamente é chamado pelos habitantes daquela cidade, chegou naquela região em 1850, trazendo consigo dezessete colonos alemães. Ganhou do governo da província uma área de terras de duas léguas para produção agrícola juntamente com os imigrantes europeus. E ali foram desenvolvendo a região de Blumenau.

Porém, essa região já era habitada por índios Kaigangs, Xoklengs ou Botocudos, os quais viviam na região conhecida como Belchior, que ficava às margens dos rios Ribeirão Garcia e do Rio Itajaí-Açú. Os meios de comunicação³³¹ locais da época descrevem os conflitos entre os imigrantes e os índios, bem como descreve os ataques de onças aos fazendeiros da região.

No início, as terras eram de propriedade do Dr. Blumenau, que ficou administrando a colônia de imigrantes por dez anos, mantendo, por vezes, os custos do próprio bolso. Em 1860, solicitou socorro financeiro ao governo Imperial, foi atendido e mantido no cargo de direção até 1880, quando Blumenau foi elevado à categoria de município. Os munícipes dessa cidade atribuem ao Dr. Blumenau a responsabilidade de ter feito da Colônia “um dos maiores empreendimentos colonizadores da América do Sul, criando um importante centro agrícola e industrial influente na economia do país”³³².

Os registros dão conta de que Dr. Blumenau pensou em fazer uma colônia puramente de alemães, porém, a demanda por mão de obra foi aumentando enquanto a mão de obra da Alemanha foi se reduzindo, além da chegada de vários italianos ao local. Por vezes, registrado em cartas, o fundador da cidade expressava

³²⁹ Possui registros impressos e digitais sobre histórias de Blumenau e da região do Alto Vale do Itajaí. O acervo online pode ser acessado em: <http://arquivodeblumenau.com.br/blumenau-em-cadernos/>.

³³⁰ Hemeroteca Digital Catarinense com acervo digital sobre a cidade de Blumenau, dividida em cinco seções: 1957-1959; 1960-1969; 1970-1979; 1980-1989; e, 1990-1999. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/blumenauemcadernos.html>

³³¹ SILVA (1960, p. 10)

³³² SILVA (1959, p. 110)

O território em amarelo no mapa representa hoje duas regiões: Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí (AMAVI) e a Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí (AMMVI). Blumenau pertence à AMMVI, juntamente com os municípios Rio dos Cedros, Doutor Pedrinho, Benedito Novo, Timbó, Pomerode, Rodeio, Ascurra, Indaial, Gaspar, Apiúna, Guabiruba, Brusque e Botuverá.

Mapa 9: Municípios pertencentes à AMMVI



Fonte: <https://static.fecam.net.br/uploads/1534/imagens/1806763.jpg>

Também como podemos verificar no mapa anterior, o rio Itajaí-Açu atravessa a cidade de Blumenau. Em 1880, no ano em que Blumenau foi titulado como município, ocorreu a maior de todas as enchentes já registradas por lá, causando *“sérios prejuízos à população e à administração pública, com a destruição de pontes e estradas, a reconstrução do município só foi possível no início de 1883”*³³³. Duas novas enchentes, um século depois em 1983 (entre os meses de março e setembro)

³³³ Mueller (2016, p. 2).

e 1984 (agosto), tiveram proporções semelhantes³³⁴, causando transtornos e prejudicando a população com dias de angústia, desespero e perdas totais.

As águas mal haviam baixado, e os blumenauenses iniciaram a reconstrução da cidade. E foi nesse cenário que surgiu um dos eventos mais típicos do sul do Brasil, a Oktoberfest, *“inspirada na de Munique, na Alemanha, teve início por iniciativa da prefeitura com o auxílio da comunidade.”*³³⁵ O intuito era desenvolver esse projeto que já estava planejado e que foi adiado em função da enchente do ano anterior.

Essa primeira festa *“aconteceu em apenas um Pavilhão da Proeb”*³³⁶, com espaço de 3 mil metros quadrados e contou a presença de 102 mil pessoas, a venda de 103 mil litros de chope e de 12 toneladas de alimentos. A Oktoberfest durou inicialmente 10 dias.³³⁷

Ilustração 3: Convite da Primeira Oktoberfest de Blumenau



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

³³⁴ <http://alertablu.cob.sc.gov.br/p/enchentes>.

³³⁵ Mueller (2016, p. 4).

³³⁶ Fundação Promotora de Exposições de Blumenau.

³³⁷ SILVA (1984, p. 340).

Algo interessante sobre a cidade de Blumenau é seu brasão, obrigatório por lei municipal em todos os documentos oficiais do município. Criado em 1936, por um historiador chamado Affonso d'Escagnolle Taunay, o brasão destaca diretamente registros históricos da cidade.

Ilustração 4: Brasão do município de Blumenau



Fonte: <https://www.blumenau.sc.gov.br/blumenau/simbolos-civicos>

Para melhor visualização da representatividade desse brasão, fizemos um mapa explicativo.

Como componente número 1, temos, acima do escudo, uma coroa mural amarela, com “três torres visíveis e três subentendidas fora da visão – as quais representam a glória e nobreza de Blumenau”³³⁸.

No componente número 2, temos as figuras de dois homens sustentando o escudo, um que representa o fundador – Hermann Blumenau – e outro que representa um lenhador com o machado na mão, figura ilustrativa dos colonos que residiam em Blumenau.

O escudo é dividido em sete partes, com algumas representações de “*regiões existentes e que faziam parte da Alemanha unificada em 1871 – de onde vieram o maior contingente de imigrantes para a região*”³³⁹. Existe, por exemplo, o elemento

³³⁸ WITTMANN (2017, p. 2).

³³⁹ WITTMANN (2017, p. 3).

leopardo, que significa “*parte do brasão da cidade alemã de Braunschweig, cidade onde o fundador de Blumenau – Hermann Blumenau residiu seus últimos dias e faleceu*”.³⁴⁰

Mapa 10: Componentes do Brasão



Fonte: Autora, 2021.

Os itens 3, 4 e 5, representados no mapa, fazem referência ao “*trancelim – uma faixa verde, representando a bandeira da Saxônia*”, a “*águia vermelha segurando o cetro e o gládio (espada) que representam a Prússia e o Tirol*” e “*o leão azul representa a Bavaria*”³⁴¹, respectivamente. Por esses elementos, podemos visualizar a influência germânica também nos símbolos-cívicos de Blumenau.

Ao centro, nos lados direito e esquerdo, há uma junção de culturas brasileiras e germânicas: de um lado, o símbolo das armas do Brasil; de outro, o antigo escudo de Santa Catarina, com “*a roda navalhada de Santa Catarina, a âncora e a chave de cruzada em cor prata*”³⁴² – elementos da figura 6.

³⁴⁰ WITTMANN (2017, p. 3).

³⁴¹ WITTMANN (2017, p. 3).

³⁴² WITTMANN (2017, p. 3).

Algo bem interessante e representativo são os elementos da figura 7, que têm, ao centro, a presença do Cruzeiro do Sul (firmamento brasileiro), um campo florido e um rio na cor branca: grande rio Itajaí-Açu. A junção dos elementos representa Blumenau, que, em alemão, significa “Campo Florido”.

Voltando à Ilustração, temos uma faixa azul com a escrita “*Pro Sancta Catharina Et Brasilia*”, que significa “Por Santa Catarina e Pelo Brasil”. E há também uma engrenagem de ferro, ao centro, representando a indústria local e o início da industrialização em Santa Catarina.

Um município sempre bastante representativo, com muitas informações e uma ligação muito grande com os registros históricos. Assim como os registros da cidade são muito bem organizados em museus e disponibilizados em versão online para que, especialmente nós, não blumenauenses, possamos ter conhecimento dessas versões históricas da cidade, sua cultura e seu povo, assim também o é com relação ao início da educação superior do município.

Em 1995, sob coordenação do Professor Balbino Simor Rocha, foi iniciado um projeto chamado Centro de Memória Universitária (CMU)³⁴³, o qual arquivava diversos documentos institucionais relacionados à história do ensino superior em Blumenau e mais especificamente sobre a FURB.

Fazia parte desse projeto o tema “Universidade Regional de Blumenau e sua História”, e, a partir daí, o que para nós, do Ghoem, é tão caro em História Oral, a produção de fontes orais. Nessa produção, encontramos uma entrevista de 1997, do professor Rivadavia Wollstein³⁴⁴, citado nesta tese como Wollstein (1997), e cuja entrevista constitui o anexo 1.

O professor Rivadavia teve um envolvimento muito grande com a criação da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) no início da década de 1960, assim como com a criação do curso de Matemática dessa instituição, em 1968. Nascido e criado em Blumenau, esse professor cursou Bacharelado e Licenciatura

³⁴³ Informações relacionadas ao registro histórico da FURB estão disponíveis em: <https://bu.furb.br/CMU/site/index.php/historico-do-cmu>.

³⁴⁴ Blumenauense de nascimento, professor Rivadavia foi citado pelas depoentes Lili Kalvelage e Neda Altenburg, professoras depoentes dessa tese, ex-alunas e docentes do curso de Matemática da FURB de Blumenau.

em Matemática na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na década de 1950, retornando a Blumenau no início da década seguinte.

Professor Rivadávia³⁴⁵ tinha uma dificuldade de locomoção, o que, conforme ele mesmo especifica intensificou sua indicação para assumir cargos administrativos na FURB. Acreditamos sinceramente que isso não se deu por motivos de suas dificuldades motoras, mas por sua capacidade intelectual e administrativa. Mesmo assim, ao longo de sua carreira docente, ele registrou cerca de trinta e seis mil alunos que acompanharam suas aulas.

A FURB foi idealizada a partir da década de 1960, e algo interessante a se pensar foi a forma como ela foi conquistada.

*Porque uma vez que o ensino superior criado e reconhecido só havia aqui em Santa Catarina em Florianópolis, como fazer no interior do estado? Onde as pessoas, por exemplo, não podiam largar seu trabalho, simplesmente, para fazer um curso em Florianópolis? Como fazer isso?*³⁴⁶

A primeira universidade do estado catarinense, a UFSC, foi criada em 1960, e a FURB foi criada em 1964. O contexto de sua criação envolve, em primeira instância, decisões políticas e, no momento posterior, conta com o envolvimento grande da comunidade regional. Porém, nem todos concordavam com a criação de uma universidade no início da década de 1960, e os motivos eram inúmeros.

*Porque implantar uma universidade é, em primeiro lugar, um ato de rebeldia, anticonservadorismo. Quer dizer, vai ficar alguma coisa que está colocada, que vai ter que ser desfeito para o surgimento de outra. Então, uma sociedade conservadora como a de Blumenau custou a assimilar a ideia de uma universidade*³⁴⁷.

Mas o que a universidade poderia trazer de tão ruim para a região, para que fossem contra um investimento em ensino, sendo que a maior parte de sua população era de imigrantes vindos de uma potência intelectual como a Alemanha?

Respostas como *“Quando determinadas atividades mexem nos bolsos das pessoas elas começam a ficarem críticas: Quem vai perder ou quem vai ganhar com*

³⁴⁵ Em seu registro oral, em 1997, o professor Rivadávia especifica: “eu fui aprender a andar em São Paulo, aos cinco anos e meio de idade, fui de navio, embarcamos em Itajaí no Aspirante Nascimento”.

³⁴⁶ WOLLSTEIN (1997, p. 19).

³⁴⁷ WOLLSTEIN (1997, p. 20).

*isso? Qual a fatia que eu vou perder ou ganhar com isso?*³⁴⁸ começam a fazer algum sentido. Aliado a interesses pessoais e, principalmente, comerciais, a resistência no apoio à criação universitária foi ganhando força juntamente com questionamentos no sentido de “Como é que eu vou fazer? Os meus funcionários mais graduados, eles não terão que receber muito mais que os funcionários não graduados?”³⁴⁹.

Era possível que esses questionamentos estivessem relacionados com o *modus operandi* no qual a cidade vivia, tentando conservar os empreendimentos, fortunas, culturas impregnadas, ou simplesmente o poder, pois, em nossa opinião, o conhecimento é uma “arma poderosa” – para falar na linguagem atual brasileira – no sentido de libertação do indivíduo.

Quando falamos em manter costumes e culturas ancestrais, podemos entendê-las de diversas formas; aqui, estamos falando da resistência, da dificuldade de assimilar as mudanças. E essa dificuldade estava presente na sociedade blumenauense da época, pois *“aqui não tinha nada da Alemanha, aqui era um outro lugar, uma outra cultura, não é a cultura alemã, porque essas coisas não se veem na Alemanha, aqui se manteve alguns valores que lá já não existem mais”*³⁵⁰.

E assim surgiram as primeiras dificuldades na criação da universidade de Blumenau, *“porque não foi fácil, uma entidade como a universidade obter credibilidade numa região muito conservadora onde se cinco aceitavam bem a ideia, outros cinco não aceitavam”*³⁵¹. Ao longo do tempo, a instituição foi se reafirmando como necessária, não só para o município, mas para toda uma região.

As dificuldades não pararam aí. No princípio, a FURB foi instalada em salas cedidas, na escola Barão do Rio Branco, e, posteriormente, na escola Julia Lopes de Almeida. A partir daí foi trabalhado para possuírem sede própria.

O início das atividades na FURB contou, entre outros fatores, com falta, especialmente, de equipamentos. *“As salas eram boas, grandes, mas não havia*

³⁴⁸ WOLLSTEIN (1997, p. 25).

³⁴⁹ Idem.

³⁵⁰ ROCHA (1997, p. 26).

³⁵¹ WOLLSTEIN (1997, p. 24).

*nenhum ar-condicionado, não tinha ventilador*³⁵². As condições iniciais não eram as desejáveis, mas as possíveis de se ter. “A FURB, na época, era pequena. Era no primeiro bloco, subindo as escadas. Depois foi aumentando, era só um, digamos assim, retângulozinho, depois foi para trás, para cima, mas a sala de aula era bem confortável”³⁵³.

Uma universidade que precisou fazer rifa para construir sua sede própria e conseguiu engajar seus colaboradores e uma comunidade regional, também traz em seu logotipo, até hoje, a representação dos prédios construídos, conforme depoentes: com muito suor de toda comunidade.

Ilustração 5: Logotipo da FURB



Fonte: <https://www.furb.br/web/1444/multimidia/download/apresentacao>

Além dos blocos dos prédios, o logo também traz a representação de um livro aberto, que se junta à imagem dos prédios. As cores vibrantes em azul e amarelo estão relacionadas ao brasão do município, bem como a forma e o conceito estão relacionados com as tradições dos blumenauenses. Nesse sentido, a logomarca da instituição carrega, além de sua identificação, as marcas históricas de um tempo, as memórias e as experiências de toda uma comunidade, a qual lutou pelo ensino superior dessa região.

Além das dificuldades iniciais, houve também uma época de dificuldades financeiras,

³⁵² KALVELAGE (2018).

³⁵³ ALTENBURG (2018).

*em que nós abdicamos de uma parte dos nossos salários para que todos pudessem receber, abdicamos, para que a FURB continuasse aberta e o curso de Matemática não fechasse, porque era de Blumenau, então sabíamos da importância dela para a cidade*³⁵⁴.

A FURB tem quatro marcos regulatórios importantes: ser a primeira faculdade de ensino superior criada no interior de Santa Catarina, em 1964; ter sido reconhecida e credenciada como Universidade pelo Ministério de Educação (portaria ministerial 117), em fevereiro de 1986; ter sido municipalizada em 1995, pela Lei Complementar Municipal nº 80; passar a ser uma Autarquia Municipal de regime especial, com plena autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial.

Após decorridos quatro anos de sua fundação e por influência do professor Rivadávia, foi criado o curso de Matemática na FURB.

*O professor Rivadávia foi o único professor formado atuando em Blumenau. Ele era diretor da Faculdade na época. Foi ele quem começou o movimento para criar o curso de Matemática. Ele foi um dos pioneiros, dos primeiros que fez o movimento, mas foi ele que tomou a iniciativa de fundar o curso de Matemática, porque ele viu a necessidade, viu que não havia professores formados em matemática em Blumenau, nem cursos de formação de professores por perto. O que havia era em Florianópolis, na Universidade Federal*³⁵⁵.

Até 1964, o estado de Santa Catarina possuía uma única instituição de ensino superior do estado era a UFSC, e os professores licenciados eram muito raros. *“Quando nós começamos a lecionar aqui, época em que só havia dois professores licenciados em matemática em todo o estado de Santa Catarina, um aqui (eu), e outro em Mafra”*.³⁵⁶

A urgência de formação de professores de matemática no estado, à época, era visível, uma vez que *“não era preciso fazer pesquisa para saber se eles eram necessários, porque não havia professores, e havia quatro aulas semanais de matemática”*³⁵⁷.

Assim, em 1968, iniciou-se o curso de Matemática da FURB. *“Eu comecei o curso de Matemática em 1968. Fui da primeira turma de Matemática da FURB e me*

³⁵⁴ ALTENBURG (2018).

³⁵⁵ ALTENBURG (2018).

³⁵⁶ WOLLSTEIN (1997, p. 16).

³⁵⁷ WOLLSTEIN (1997, p. 16).

*formei em 1972. Terminei em 1971, porém, o curso ainda não havia sido reconhecido*³⁵⁸.

Para o processo de reconhecimento do curso, era preciso ter professores formados na área, principalmente para as disciplinas específicas. Porém, Santa Catarina não possuía tal mão de obra qualificada para isso. O que fazer?

Os professores que lecionavam disciplinas no último semestre do curso de Matemática aqui em Blumenau provinham de Porto Alegre. Eles vinham nos finais de semana, davam aulas na Federal e depois vinham para cá, para Blumenau. Nós conseguíamos, assim, professores mais complicados para o processo de reconhecimento da [do curso de] Matemática, que eram os de Topologia e de Análise Matemática, os dois eram de Porto Alegre, da UFRGS. O professor Penido vinha para dar aula na Federal na sexta-feira de manhã e, à tarde, nós o trazíamos para Blumenau para dar aulas à noite. O professor de Análise Matemática, o professor Meneghel, que tinha escritório de engenharia em Porto Alegre, ele era trazido para as aulas na Federal aos sábados de manhã, e aqui, na Faculdade de Filosofia da nossa FURB aos sábados à noite³⁵⁹.

Nesse sentido, o curso foi criado em 1968 e reconhecido após a conclusão da primeira turma, em 1972, em função da exigência de profissionais habilitados na área para fins de reconhecimento do curso. “Tínhamos vários docentes muito bons, e o professor Rivadavia foi muito inteligente na seleção dos docentes. Tínhamos professores que vinham de Florianópolis, muito bons; e os professores de Porto Alegre, tinha um que vinha de Curitiba, também muito bom”³⁶⁰.

Com as mudanças legislativas, em 1974, após a publicação da LDB de 1971 e suas especificações para a formação docente, a oferta do curso de Matemática foi suspensa e passou a ser oferecido o curso de Ciências do 1º Grau, com duração de dois anos e com habilitação em Matemática, Ciências Biológicas e Química, pois *“eram cursos relativamente baratos para se criar e tinham um impacto social muito grande. Havia necessidade de formar esse tipo de profissionais, e a própria Universidade tinha a necessidade de formar professores para ela”*.³⁶¹

Essa adaptação legislativa do curso foi apresentada pelos professores como a mais radical entre as adaptações, pois *“foi uma necessidade formar mais professores, a procura era muito grande, e eles desanimavam porque o curso era*

³⁵⁸ KALVELAGE (2018).

³⁵⁹ WOLLSTEIN (1997, p. 28-29).

³⁶⁰ KALVELAGE (2018).

³⁶¹ KALVELAGE (2018).

difícil, muito longo, dispendioso. Notamos que a maior parte dos alunos seguia para a longa³⁶² depois³⁶³.

A Licenciatura Curta da FURB permaneceu entre 1975 e 1986, e, quando havia demanda, a Universidade oferecia a complementação de Licenciatura Plena em Matemática. No final da década de 1980 (1987), a FURB voltou a oferecer o curso de Licenciatura e Bacharelado em Matemática. Logo, o currículo do curso sofreu várias alterações ao longo dos anos. Uma das mais significativas, conforme a depoente, foi a criação de uma disciplina de matemática básica, para alunos que não frequentaram o Científico³⁶⁴.

Eu lembro que, com relação às disciplinas, quando comecei a lecionar, nós tivemos que introduzir, no nosso curso aqui, de Matemática, eu acho que foi inédito em Santa Catarina, Matemática Básica, porque os alunos começavam no Cálculo e não sabiam nada do conteúdo do segundo grau. Não sabiam uma função exponencial, o que era uma função exponencial, logaritmo, não sabiam trabalhar com essas operações. Então, era assim, meu Deus, era uma dificuldade tremenda. A gente ia conseguir entrar no Cálculo mesmo praticamente depois de um mês de aula. Então, a gente decidiu, nós mesmos, introduzir essa disciplina no curso, Matemática Básica, que era uma revisão dos conteúdos do segundo grau, na época, hoje Ensino Médio³⁶⁵.

Os alunos que chegavam no curso de matemática nem sempre tinham a mesma formação. Alguns vinham do Científico, e eles tinham uma noção maior de Matemática, e outros vinham do Magistério e não tinham noção nenhuma, por exemplo, de trigonometria, de Física Básica, não conheciam nada. Para que todos cursassem na disciplina de Cálculo com a mesma base, criamos uma disciplina chamada Matemática Básica, e os que não queriam fazer a disciplina poderiam fazer a prova de Conhecimento Prévio. Se fossem aprovados eliminavam a disciplina sem frequentar e nós cumpríamos o nosso objetivo de deixar todos os estudantes no mesmo nível para ingressar no Cálculo. Funcionou tão bem que acabamos colocando Matemática Básica também no curso de Engenharia. Nosso objetivo principal, assim como o da FURB, era não perder alunos³⁶⁶.

Com relação aos alunos, como Blumenau era uma cidade polo, tanto industrial, como comercial e educacional, os alunos vinham de diferentes locais, geralmente eram professores, que procuravam o curso para ter formação. “O curso

³⁶² Licenciatura Plena, tratada aqui pela depoente como longa pois, a processo de formação era maior, em torno de 4 anos.

³⁶³ KALVELAGE (2018).

³⁶⁴ O Científico na época representava o ensino técnico, com currículo voltado a cada uma das áreas de formação pertinentes aos cursos.

³⁶⁵ ALTENBURG (2018).

³⁶⁶ KALVELAGE (2018).

de Matemática mais próximo daqui era na UFSC³⁶⁷, em Florianópolis. Depois, mais tarde, criaram o de Joinville e, bem mais tarde, o de Itajaí. Quem vivia aqui [Blumenau] estudava aqui ou partia para a Federal³⁶⁸.

Porém, as condições para se estudar em Florianópolis, na época, não eram muito favoráveis, uma vez que *“para ir daqui a Florianópolis eram mais de 6 horas de viagem, quase 8 horas... então era muito difícil”³⁶⁹*, para um trajeto de aproximadamente 150 quilômetros.

A urgência por formação era tamanha que a primeira turma a se formar no curso de Matemática foi chamada para ministrar aulas na universidade:

Também lecionamos em praticamente todos os cursos em que havia matemática. Eu lecionei Desenho, Estatística, mas eu não me encontrei nesta área de Estatística, aí eu fiquei mais na Álgebra. Então eu tinha várias disciplinas nos cursos. Aí começou a abrir mais cursos, e o leque foi se abrindo mais. Então, aqueles alunos que foram nossos alunos começaram a ser professores também³⁷⁰.

Depois que terminei a faculdade, entrei direto como docente da FURB. Ministrei várias disciplinas: Cálculo, Geometria, Análise Matemática, Topologia... Os alunos do curso de Matemática tinham aulas do primeiro ao último semestre comigo. Foram 25 anos de FURB no total. Além de docente, desempenhei as funções de Coordenação de Departamento, fui também do Conselho de Estudos e Pesquisas (CEP)³⁷¹.

A urgência da formação para a região também fez com que os novos docentes do curso, recém-formados, se preocupassem com sua formação continuada. Alguns cursos nessa modalidade foram citados, como um curso do IMPA³⁷² no Rio de Janeiro. Há também registros de uma especialização em Ijuí, no

³⁶⁷ Universidade Federal de Santa Catarina.

³⁶⁸ KALVELAGE (2018).

³⁶⁹ KALVELAGE (2018).

³⁷⁰ ALTENBURG (2018).

³⁷¹ KALVELAGE (2018).

³⁷² Os cursos na década de 1970 estão relacionados com o salto qualitativo e ampliação de suas atividades, inclusive constituindo um corpo próprio permanente de pesquisadores, podendo, assim, serem criadas novas áreas de pesquisa, tais como geometria algébrica, geometria diferencial, probabilidade, estatística, pesquisa operacional, otimização e economia matemática. Anteriormente, as atividades estavam concentradas em sistemas dinâmicos, análise e topologia diferencial. Mais tarde, seriam consolidados os campos de equações diferenciais parciais, dinâmica dos fluidos e computação gráfica e, mais recentemente, geometria simplética e matemática discreta (IMPA, 2021, p. 3).

Rio Grande do Sul, ofertada na FIDENE³⁷³, pela Universidade Estadual de Campinas. Retomaremos a oferta desses cursos na seção Movimentos outros de formação.

Outro curso registrado nas fontes orais produzidas com essa pesquisa foi pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ). Tal curso, explicitado pelo Centro de Referência de Modelagem Matemática no Ensino (CREMM)³⁷⁴, fazia parte do programa de divulgação e desenvolvimento da Modelagem Matemática no Brasil, coordenado por três grandes nomes da Modelagem: Aristides Camargo Barreto, Ubiratan D'Ambrósio e Rodney Carlos Bassanezi.

Veio a Blumenau um Doutor³⁷⁵, ele veio ministrar especialização para nós. Em vez da FURB pagar uma pessoa para ir para o Rio de Janeiro, pagou uma pessoa para vir para cá e, assim, atingir um grupo maior³⁷⁶.

Além desses cursos de formação continuada, há também um relato importante, que era uma inovação na época, porém, datado anteriormente ao curso da FURB iniciar.

Uma coisa bem legal que fizemos antes de abrir o curso de Matemática foi criar um grupo de estudos que na época era bem grande e acabaram restando apenas 8 pessoas. Era um grupo de estudos sobre [Movimento] Matemática Moderna. Isso aconteceu ao longo da década de 1960, acredito que começamos o grupo em 1964 ou 1965, pois a Matemática Moderna trouxe um grande impacto na época, e precisávamos entender o que era, o porquê da mudança e o que fazer com essa mudança. Então criamos um grupo de estudos. Nos reuníamos uma vez por semana. E quando abriu o curso de Matemática, o grupo todo foi para a Faculdade, alguns como professores, outros como alunos. E por esse motivo, por estarmos sempre estudando, demos muitos cursos para as prefeituras da região, para explicar estas mudanças na Matemática³⁷⁷.

Como podemos verificar, um grupo de professores, sem formação superior, conseguia, em meados da década de 1960, se reunir e estudar juntos um conteúdo/metodologia atual para a época. Como essas pessoas já eram professores da Educação Básica, e com o auxílio dos colegas, tornavam o movimento de ensino

³⁷³ Fundação de Integração, Desenvolvimento, e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE). Curso de pós-graduação ofertado conjuntamente entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí - RS e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), coordenada pelo professor Mauro Bianchini.

³⁷⁴ Mais detalhes sobre esses cursos podem ser consultados em: <http://www.furb.br/cremm/portugues/cremm.php?secao=Precursores>.

³⁷⁵ Aristides Camargo Barreto um dos precursores responsáveis pelo impulso e a consolidação da Modelagem Matemática no Brasil.

³⁷⁶ KALVELAGE (2018).

³⁷⁷ KALVELAGE (2018).

mais produtivo e mais qualitativo para os alunos. Um movimento totalmente novo, baseado na formalidade e no rigor dos fundamentos da teoria dos conjuntos e da álgebra, quer dizer, algo que não era tão fácil de se assimilar.

Isso nos leva a refletir sobre as condições de ensino da época, mas, principalmente, sobre os lugares de formação de professores de matemática espalhados por esse estado em tal período, e constatar que, mesmo os movimentos de criação das instituições/cursos tendo sido tardios, os movimentos de formação sempre existiram. Se tomarmos como base, por exemplo, os estados vizinhos, Paraná e Rio Grande do Sul, a formação de professores de matemática teve desenvolvimento na década de 1940, são duas décadas e meia antes do primeiro curso catarinense.

O Estado do Paraná, até 1990, possuía nove centros de ensino de matemática, destacando-se Curitiba, por possuir dois dos cursos mais antigos do Estado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), criado em 1940, e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), criado em 1953. No Rio Grande do Sul também não foi diferente, nove centros de formação de professores de matemática foram criados até a década de 1990, com destaque para a capital Porto Alegre, com três centros de ensino: a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – antiga Universidade de Porto Alegre – com os cursos mais antigos, datados da década de 1940, e a Faculdade Porto Alegrense (FAPA)³⁷⁸.

Alguns fatores podem, no nosso entendimento, ter tardado o movimento de formação de professores de matemática em Santa Catarina: falta de envolvimento político com os órgãos competentes, falta de estrutura física e profissional do estado e falta de profissionais formados, bem como de formas de trazer esses profissionais de outros locais para exercer a docência nesses cursos. Esses movimentos de formação somente se intensificaram com a criação do curso de formação de professores de matemática na região.

Quando nós começamos o curso no primeiro semestre, a enxurrada de convites que recebemos foi muito grande, dos Colégio. Todo mundo queria que fôssemos professores lá. Eram escolas particulares que pagavam super bem. Tínhamos

³⁷⁸ MAIER, RICHIT (2016).

muito reconhecimento na sociedade, as pessoas falavam: “Óhh, é a fulana, que faz Matemática”, e isso me enchia de orgulho. Com o curso começamos a fazer vários eventos para os professores da região: semana acadêmica de matemática, cursos para as prefeituras... Nos reuníamos muitas vezes para organizar estes eventos³⁷⁹.

E o impacto desse curso de formação de professores de Matemática da FURB está além da interiorização dessa formação no estado, parte do princípio do atendimento regional e da constituição de lideranças estratégicas para a educação estadual, bem como para a formação docente da região.

Eu tinha alunos que vinham de várias cidades e, depois de formados, eles se tornaram líderes, chefes de departamentos das escolas, diretores de escola, muitos diretores de escola foram alunos do curso de matemática... Aqui da região próxima, muita gente vinha para cá para fazer o curso, muita gente mesmo, de Gaspar, Indaial, Timbó, Jaraguá, vinham todo dia, de várias cidades. Entendo que nós fomos as raízes de toda essa turma que está lecionando matemática hoje em dia aqui em Blumenau e nas cidades vizinhas³⁸⁰.

E o formar-se professor no interior do estado catarinense, em meados da década de 1960, em uma universidade privada, foi o possível a ser feito na época, com poucos acessos terrestres, com falta de profissionais da área, mas com muito envolvimento da comunidade e de toda região.

Ser um professor “raiz” está diretamente relacionado com escolhas. Entretanto formar-se em determinadas circunstâncias, em determinado local, com determinadas variantes é, talvez uma escolha ou, a única opção.

³⁷⁹ KALVELAGE (2018).

³⁸⁰ ALTENBURG (2018).

9 A CIDADE DOS PRÍNCIPES E A UNIVILLE

*Uma terra, uma herança,
Um dote em confiança,
Um príncipe com esperança,
De aos conterrâneos a bem-aventurança.*

*Joinville do além Mar,
O nome deu a esse lugar,
Que tentava prosperar,
Com seu público a avançar.*

*A Europa te viu florescer,
A Rua dos Príncipes vistas encher,
E nos fez compreender;
As vozes a exclamar.*

*Lugar de Sambaquis,
De Teresinhas e Osnis,
De histórias para refletir,
O que foi colonizar.*

*Os índios daqui expulsos,
Resistiam mesmo que avulsos,
E os colonos no impulso,
Muitos índios vieram a matar.*

*A cidade assim cresceu,
Tornou-se grande, fortaleceu,
Uma instituição estabeleceu,
Com discernimento ao dialogar.*

*Um curso novo, uma esperança,
Um alento para a lembrança,
Mesmo que tivesse cobrança,
Aqui iria se destacar.*

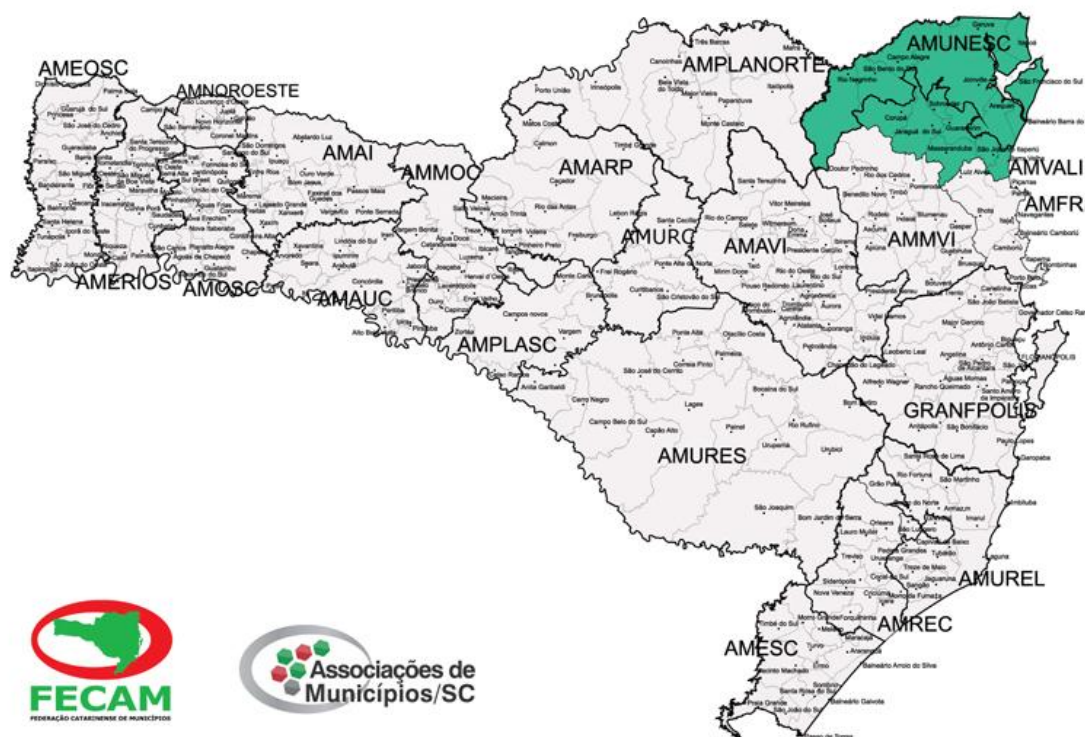
*Movimentou gerações,
Desenvolveu regiões,
Fez surgir compreensões,
Para além do muro escolar.*

*Muita gente se formou,
Para a escola se voltou,
E esse período usou
Para vidas transformar.*

Joinville é a cidade mais populosa de Santa Catarina, e as estimativas do IBGE para 2020 foram de 590.000 habitantes. Com um pouco mais de um século (1851) da chegada dos imigrantes europeus a essas terras, Joinville é hoje o polo da microrregião nordeste do estado catarinense.

Essa microrregião possui a Associação dos Municípios do Nordeste do Estado de Santa Catarina (AMUNESC), composta por nove municípios: Araquari, Barra do Sul, Campo Alegre, Garuva, Itapoá, Joinville, Rio Negrinho, São Bento do Sul e São Francisco do Sul, conforme podemos visualizar no mapa a seguir.

Mapa 11: Municípios pertencentes à AMUNESC



Fonte: FECAM, 2013.

Uma região próspera, na qual se destaca, principalmente, o município de Joinville, responsável por cerca de 20% das exportações catarinenses. A região é conhecida como o “Caminho dos Príncipes” e possui versões históricas relacionadas à família real portuguesa, instalada no Brasil e também da família real francesa. Uma quantia de terra de aproximadamente 25 léguas (Colônia Dona Francisca), na região nordeste do estado, foi doada à princesa Francisca Carolina, irmã de D. Pedro II, as quais foram dadas como dote de seu casamento ao príncipe François Ferdinand Phillippe Louis Marie, de Joinville (cidade situada na França).

Por volta da década de 1840, uma grave crise econômica, social e política assolou a Europa, década em que o príncipe cedeu à Sociedade Colonizadora Hamburguesa uma propriedade de 8 léguas de terras. E, em 1851, os primeiros imigrantes europeus (alemães, italianos, suíços, húngaros, tchecos, ucranianos, noruegueses, poloneses) chegavam em terras joinvilenses. Vale ressaltar, porém, que não foram apenas os municípios colonizados que receberam essa influência, mas toda a região do entorno dos municípios.

Mapa 12: Caminho dos Príncipes



Fonte: Mapas Blog, 2011.

Porém, a diversidade étnica da região não para por aí fazendo parte do processo de colonização de Joinville; a população luso-brasileira e negra também se juntaram à colonização europeia dominante daquele lugar e, em março de 1851, “fundaram” a cidade de Joinville.

Há registros históricos municipais que a colonização se deu há mais de 8 mil anos.

Há cerca de oito mil anos, grupos de caçadores/coletores frequentaram a região. O registro de suas atividades é representado pelos sítios

arqueológicos compostos por fogueiras, vestígios alimentares, resíduos de lascamento de pedras para a produção de instrumentos, além de belas pontas de flecha. No período entre cerca de 6 mil anos e 2 mil anos atrás, as pessoas que habitavam a região ficaram famosas por construir monumentos em forma de colinas, que hoje nós chamamos de sambaquis. Nesses monumentos, comparáveis às pirâmides, aquelas pessoas sepultavam seus mortos. Além de esqueletos humanos, é possível encontrar vestígios de fogueiras, cestarias, instrumentos em pedra, belíssimas esculturas em pedra (zoólitos), além de adornos como colares e tembetás (uma espécie de piercing)³⁸¹.

Os sambaquis³⁸² são elevações formadas intencionalmente por populações pré-coloniais que viveram, principalmente, em locais de costa litorânea, há mais de 2 mil anos. Esses monumentos são a comprovação de que as terras joinvilenses já eram colonizadas muito tempo antes da chegada dos europeus. Em função disso, há vários registros de confrontação dos colonizadores europeus com índios na disputa desse território. E mais uma vez destacamos o quão cruel foi esse processo de extermínio indígena e recolonização europeia no estado catarinense.

Foram esses grupos que enfrentaram os colonizadores europeus. Nos anos de 1800, antes mesmo do contrato com a Companhia Colonizadora, estabeleceram-se na região famílias de origem portuguesa, vindas provavelmente da capitania de São Francisco do Sul. Também foram trazidas neste período, pessoas negras escravizadas. Essas famílias adquiriram grandes lotes de terra (sesmarias) nas regiões do Cubatão, Bucarein, Boa Vista e Itaum, e aí passaram a cultivar mandioca, cana-de-açúcar, arroz, milho, entre outros³⁸³.

Entre 1850 e 1888, a Colônia Dona Francisca foi o destino de aproximadamente 17 mil imigrantes europeus, “eram em sua maioria protestantes, luteranos, agricultores sem recursos, estimulados pela propaganda que apresentava o lugar como se fosse um verdadeiro paraíso terrestre”³⁸⁴. Porém, por parte da Sociedade Colonizadora, as intenções com essas oportunidades giravam em torno dos grandes lucros que seriam obtidos com a *“exportação dessa carga humana e o estabelecimento de uma colônia alemã, vinculada aos interesses comerciais alemães, como, por exemplo, a especulação imobiliária”*³⁸⁵. Em 1866, Joinville passou a ser uma vila, emancipando-se politicamente de São Francisco do Sul,

³⁸¹ SEPUD (2018, p. 13).

³⁸² Devido à presença frequente de sepultamentos humanos, muitos sambaquis vêm sendo entendidos como sítios funerários, resultantes de um ritual que envolvia o depósito contínuo e organizado de conchas e outros vestígios sobre os indivíduos sepultados. Santa Catarina reserva um grande sítio arqueológico de sambaquis. Para mais informações, pode-se consultar: <https://floripaarqueologica.com.br/sitios-arqueologicos-em-floripa/sambaquis/>.

³⁸³ SEPUD (2018, p. 14).

³⁸⁴ Idem.

³⁸⁵ SEPUD (2018, p. 14).

chegando à categoria de cidade em 1877. Na década de 1880, começaram a surgir as primeiras indústrias têxteis e metalúrgicas, tornando a cidade um potencial polo industrial.

Fotografia 14: Rua do Príncipe - Joinville, 1866



Fonte: IPPUJ, 2016 - Arquivo Histórico de Joinville

Durante o período de Monarquia, a administração da cidade era feita pelos diretores da Colônia, que, a partir de 1969, passou a ser exercida pelos presidentes da Câmara Municipal.

Os diretores eram nomeados pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo, para administrar toda a Colônia Dona Francisca. Com a instalação da Câmara Municipal, os vereadores eleitos pelo voto popular escolhiam o presidente da Câmara, que passou a acumular a função de chefe do executivo, tornando-se responsável somente pela administração da cidade

de Joinville, ficando a Colônia Dona Francisca (que abrangia os atuais municípios de São Bento do Sul e Jaraguá do Sul) ainda sob a direção da Sociedade Colonizadora de Hamburgo³⁸⁶.

Durante a República, eleitos pelo voto popular, os superintendentes eram quem desenvolviam as atividades executivas, que, mais tarde, em 1930, foram substituídos pelos prefeitos municipais.

O país adentrou o século XX com algumas situações que contribuíram para o desenvolvimento de Joinville:

Inauguração da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, que passava por Joinville, rumo a São Francisco do Sul; Surgia a energia elétrica; O primeiro automóvel; O primeiro telefone; e, o sistema de transporte coletivo. Na área educacional, o professor paulista Orestes Guimarães promoveu a reforma no ensino em Joinville. Em 1926, a cidade tinha 46 mil habitantes. Na economia, percebia-se o fortalecimento do setor metalomecânico. Surge, assim, o capital acumulado durante décadas por imigrantes germânicos e seus descendentes³⁸⁷.

A partir daí, o município tornou-se o maior polo industrial de Santa Catarina. Para além da indústria, Joinville tornou-se também uma potência na arrecadação de receitas geradas aos cofres públicos, sendo a terceira maior arrecadação do sul do país, atrás somente das capitais: Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR).

Entre os símbolos da cidade, encontramos o Brasão, criado pela Resolução nº 443, de 27 de maio de 1929. Em de 16 de agosto de 1948, foi restaurado pela Lei Municipal nº 71; em 12 de dezembro de 1971, foi retificado pela Lei Municipal nº 1.173; em 1998, restaurado digitalmente pela Fundação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville (IPPUJ).

Entre os componentes do Brasão, destacam-se a representação das armas do Brasil (1º quartel), do príncipe da França (2º quartel), armas da Suíça e Noruega (3º quartel), Oldemburgo (Alemanha) e Prússia (4º quartel), a constelação do Cruzeiro do Sul (ao centro), Coroa Murada (acima do escudo) representando a Sagrada Escritura, a Roda Dentada (abaixo do escudo) representando a cidade de Joinville, os elementos laterais, cana de açúcar e arroz, representando as principais culturas da época, além da inscrição na faixa central, “MEA AUTEM BRASILIAE MAGNITUDO”, que significa “A minha grandeza se identifica com a grandeza do Brasil”. Ou seja, um brasão europeu para representar um pedaço de terras catarinenses.

³⁸⁶ IPPUJ (2016, p. 139).

³⁸⁷ SEPUD (2018, p. 16).

Ilustração 6: Representação do brasão de Joinville



Fonte: SEPUD, 2018

No final da década de 1930, houve um movimento no Brasil, chamado “Campanha de Nacionalização”, no qual “A exaltação da nacionalidade, a valorização dos símbolos, do idioma, da cultura nacional passaram a integrar o processo de derrubada do poder oligárquico, valorizar o espaço e a população passou a ser o objetivo nacional”³⁸⁸. Joinville passou a sentir os efeitos dessa campanha promovida pelo governo da época em função do grande número de imigrantes que residiam no município.

Vários estudos tratam do impacto que essa campanha teve em vários segmentos da sociedade. Em especial, Rosinéte Gaertner, em sua tese de doutoramento intitulada “A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau”, trata, entre outros assuntos, desses impactos no ensino da região de Blumenau, região muito próxima a Joinville, com o fechamento de escolas alemãs.

Com a instalação do “Estado Novo”, Nereu Ramos é nomeado interventor federal de Santa Catarina. Investiu ele, então, num projeto rigoroso de nacionalização do sistema escolar catarinense, principalmente a partir de 1938, lançando medidas como: a proibição do uso da língua estrangeira nos estabelecimentos escolares, a criação da Superintendência Geral das Escolas Particulares e a Nacionalização do Ensino. Em consequência, centenas de escolas primárias particulares foram fechadas³⁸⁹.

³⁸⁸ WASSERMAN (2002, p. 163).

³⁸⁹ GAERTNER (2004, p. 103).

“A língua alemã foi proibida, as associações alemãs foram extintas, alemães e descendentes foram perseguidos e presos. Foi o período mais triste da história da cidade”³⁹⁰. Essas ações intensificaram-se ainda mais com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra os países do Eixo (Itália, Alemanha e Japão).

Após o término da guerra, o Brasil deixou de receber produtos industrializados da Europa, o que forçou cidades a desenvolverem meios de produção para compensar a escassez desses produtos. Joinville estava entre essas cidades, desenvolvendo fortemente suas linhas industriais, ficando conhecida como “Manchester Catarinense”³⁹¹ (referência à cidade inglesa de mesmo nome)³⁹². Com toda essa reviravolta no sistema econômico, foi necessária muita mão de obra para produção, modificando-se, desse modo, o perfil da população joinvilense. Os imigrantes, que chegavam de várias regiões do país, buscando melhores condições de vida, juntavam-se aos imigrantes colonizadores e seus descendentes, formando a potência industrial que se tornou Joinville.

Os traços da cultura (europeia) dos imigrantes ainda podem ser vistos nos espaços turísticos da região, nas comidas e bebidas, na arquitetura, na dança, no ensino, entre outros aspectos.

No ensino, por exemplo, Joinville é a única cidade do mundo que possui uma filial da famosa escola de Teatro Bolshoi de Moscou, com alunos de várias regiões do Brasil e do mundo.

O período pós-guerra também surtiu efeitos na educação, com a criação, em 1965, da Faculdade de Ciências Econômicas de Joinville na antiga Escola Alemã – Deutsche Schule, que deu início para a criação, em 1967, da Fundação Joinvilense de Ensino (FUNDAJE), por meio da Lei Municipal nº 871/1967. Em 1971, teve alteração de nome, passando a chamar-se Fundação Universitária do Norte Catarinense (FUNC), que foi transformada, em 1975, em Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ), legalizada por meio da Lei Municipal nº 1423/1975.

³⁹⁰ SEPUD (2018, p. 17).

³⁹¹ Manchester é uma grande cidade no noroeste da Inglaterra com uma rica herança industrial. Manchester teve papel importante na Revolução Industrial e entrou para a história ao usar a máquina a vapor na indústria têxtil pela primeira vez em 1789. O sistema de canais do século XVIII da área de conservação de Castlefield lembra os dias da cidade como uma potência têxtil, e os visitantes podem acompanhar essa história no interativo Museum of Science & Industry. <https://www.viajonarios.com.br/museu-da-ciencia-e-industria-em-manchester/>

³⁹² SEPUD (2018, p. 17).

O atual campus da UNIVILLE foi construído em 6 meses. Eram 11 mil metros quadrados. Fizemos tudo, terraplenagem, tudo, em 6 meses. Saímos do centro para ir para lá. Naquela época as pessoas achavam o campus longe. Então, em 1975 já teve sede própria³⁹³.

Em 1989, a comunidade joinvilense elaborou uma proposta pedagógica para viabilizar a transformação da FURJ em Universidade, a qual foi protocolada em 1990, no Conselho Federal de Educação. Porém, em 1992, essa proposta precisou ser refeita a fim de contemplar a visão interdisciplinar de ciência “embasada no holístico crítico, na visão ecológica de mundo nas atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade”³⁹⁴. Em 1995, foi aprovada, por unanimidade, a transformação da FURJ em Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE).

Em 2015, o ensino superior de Joinville contava com 14 instituições de ensino, de direito público e privado, somando 24.111 matrículas no ensino superior tanto presencial quanto à distância. A UNIVILLE é uma universidade com forte representatividade da região nordeste do estado catarinense. Sua identidade visual é reconhecida como sinal de tradição e inovação, princípios da UNIVILLE.

Ilustração 7: Logomarca da UNIVILLE



Fonte: Diretoria de Comunicação da UNIVILLE.

³⁹³ PISKE (2018).

³⁹⁴ SEPUD (2018, p. 19).

A UNIVILLE ainda é a instituição de ensino superior de Joinville que possui o maior número de matrículas ativas na cidade, passando de 6.900 matrículas em 2015, conforme podemos visualizar na tabela a seguir.

Tabela 1: Educação superior em Joinville

Instituições de Ensino Superior Presenciais	Nº de Vagas	Alunos matriculados	Quantidade de Cursos
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC	370	2.656	9
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC Campus Joinville	160	520	2
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC Campus Joinville - Centro de Engenharia da Mobilidade	400	1243	8
Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE	2.439	6.924	37
Instituto de Ensino Superior Santo Antônio - INESA	320	316	2
Faculdade Cenecista de Joinville – FCJ	850	1.390	12
Católica de Santa Catarina em Joinville	2.125	1.735	12
ACE - Faculdade Guilherme Guimbala	560	1.255	5
Associação Educacional Luterana Bom Jesus/ IELUSC	335	947	6
Centro Universitário SOCIESC - UNISOCIESC	1.410	5.711	24
Faculdade de Tecnologia SENAI	160	236	4
Assessoritec	440	328	4
Faculdade Anhanguera de Joinville	950	850	19

Fonte: IPPUJ, 2016.

O Curso de Matemática da UNIVILLE teve seu início em 1968, quando foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville. O funcionamento foi autorizado pelo Parecer nº 31/68, de 25 de março de 1968, pelo Conselho Estadual de Educação, com os cursos de Geografia, História, Letras e Matemática e integrava a então Fundação Joinvilense de Ensino (FUNDAJE).

E, portanto, foi criada a FUNDAJE, que era Fundação Joinvilense de Ensino, a qual abriu o curso de Matemática, que tinha formação de Física e Desenho Geométrico junto, o curso de Letras que era com Inglês, além do curso de Geografia e o curso de História. Esses cursos formavam a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Joinville³⁹⁵.

Através do Parecer nº 1.147/72, aprovado em 4 de outubro de 1972, o Conselho Federal de Educação expressou seu voto favorável ao reconhecimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville, com os cursos de Geografia, História, Letras e Matemática, com limite de matrícula para 40 vagas anuais por série dos cursos mantidos. Esse ato foi homologado pelo Decreto Presidencial nº 71.351 de 9 de novembro de 1972. Quatro anos depois (22 de dezembro de 1975), a Lei nº 1.423 modificou a denominação para Fundação Educacional da Região de

³⁹⁵ SELINKE (2018).

Joinville (FURJ), tendo sua forma organizacional alterada pela Lei nº 1.490, de 10 de dezembro de 1976.

Neste período, na metade do ano, abriram a Faculdade em Joinville. A primeira Faculdade aqui foi a Faculdade de Ciências Econômicas de Joinville, que era da comunidade evangélica. Depois foi criada a Fundação Joinvillense de Ensino, a FUNDAJE, que tinha 4 cursos: a Faculdade de Filosofia, Faculdade de Administração de Empresas e a Escola Superior de Educação Física e incorporou a Faculdade de Ciências Econômicas. A FUNDAJE era um sistema fundacional parecido com estes que tem aí hoje como a FURB de Blumenau.³⁹⁶

Na época de sua implantação, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras funcionou nas dependências do Colégio Santos Anjos onde ficou até o final de 1974. Em 1975, a faculdade mudou-se para as instalações próprias da então FUNC, no Campus Universitário, onde se encontra hoje.

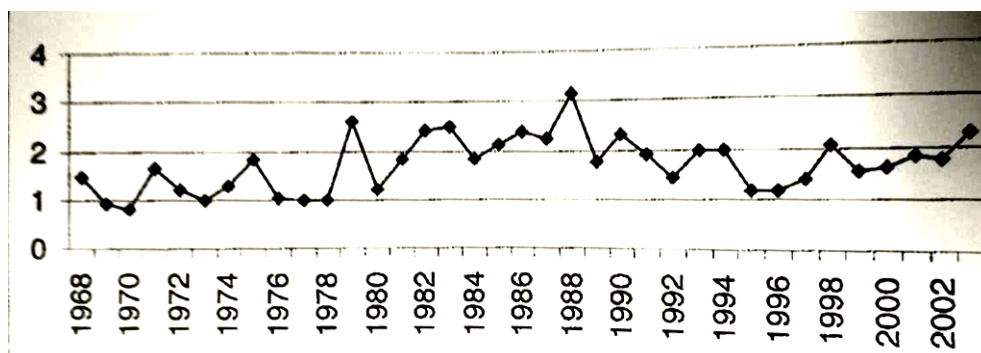
A Faculdade de Filosofia tinha 4 cursos: Matemática, Letras, História e Geografia. Ela iniciou no mesmo ano em que eu comecei a frequentar em Paranaguá (1968). Quando o curso foi reconhecido eu pedi transferência para cá. Eu sou da primeira turma de formandos daqui. Como eu já dava aulas aqui e acabei me formando na FUNDAJE, no ano seguinte já comecei a dar aulas na Faculdade. Eu acabei sendo Diretor de Ensino e Pesquisa da FUNDAJE, logo no início. Depois a FUNDAJE mudou de nome para Fundação Universidade Norte Catarinense – FUNC, mas como não podia usar o nome de universidade, então mudou para FURJ – Fundação Universitária da Região de Joinville, que é hoje a mantenedora da UNIVILLE³⁹⁷.

Entre 1969 e 1997, o curso de Matemática da UNIVILLE passou por, pelo menos, 20 reestruturações curriculares, com ampliação/diminuição de carga horária das disciplinas, exclusão/inclusão/junção de disciplinas. E, em 1990, o Departamento de Ciências Exatas da FURJ, visando à melhoria da qualidade de ensino e a sua adequação à realidade político-sócio-econômica, propôs a expansão da duração do curso de Matemática de quatro anos para quatro anos e meio, com acréscimo de disciplinas, alterações de carga horária, remanejamento de conteúdos e melhores condições para realização do Estágio Curricular.

Também, o Projeto Político Pedagógico do curso, apresentado ao conselho da UNIVILLE, em julho de 2003, possuía alguns gráficos, que acreditamos ser importantes para discutirmos aqui. A ilustração do gráfico a seguir mostra a relação de procura pelo curso, desde o ano de criação de 1968 até 2002.

³⁹⁶ PISKE (2018).

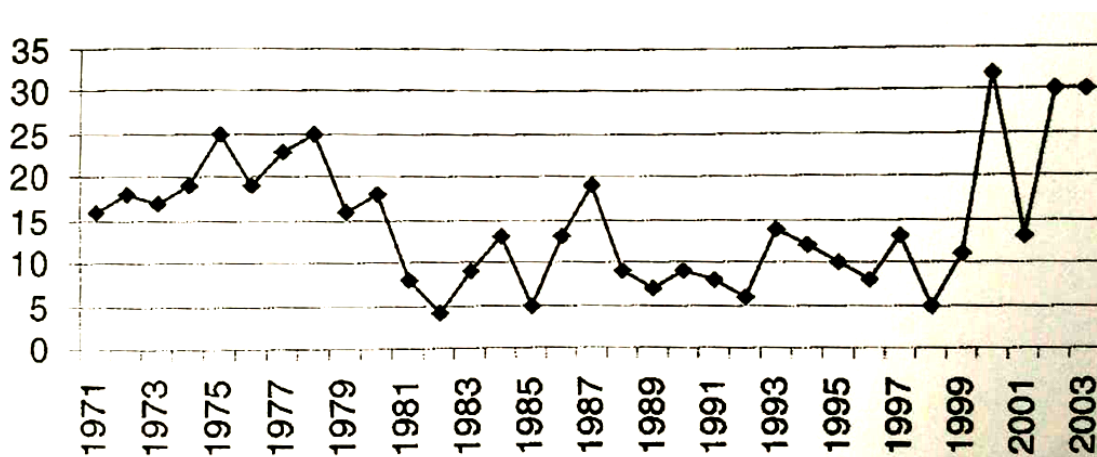
³⁹⁷ PISKE (2018).

Ilustração 8: Gráfico de Relação candidato/vaga

Fonte: PPP do curso de Matemática da UNIVILLE, 2003.

Como podemos verificar no gráfico 8, o ápice de procura pelo curso de Matemática foi no final da década de 1980, tendo uma relação próxima a 3 candidatos para cada vaga ofertada no curso. Com a mudança de alteração de 4 para 4 anos e meio, o curso teve uma leve diminuída na procura, baixando para dois candidatos por vaga. O ano com menor procura do curso nos primeiros 35 anos de curso foi 1970, quando o número de candidatos por vaga não chegava a 1.

Quando analisamos o número de formandos por ano, notamos um leve acréscimo no final da década de 1990 e início dos anos 2000, chegando ao número máximo de formandos das três primeiras décadas, com mais de 30 alunos. Também verificamos que durante a primeira década do curso, a média de formados foi maior do que nas duas décadas seguintes.

Ilustração 9: Número de alunos que colaram grau em Matemática

Fonte: PPP do curso de Matemática da UNIVILLE, 2003.

Muitos dos alunos que ingressavam no curso não conseguiam concluí-lo. “O curso tinha 40 vagas, outros cursos mantinham um número maior de alunos, porém,

a Matemática, como imagino que ocorria com cursos de Matemática da época, por ser mais difícil e pesado formava poucos alunos³⁹⁸.

Com relação à estrutura física, a universidade utilizava um local alugado, até a construção dos prédios definitivos.

No início, a faculdade funcionava em um prédio alugado, lembro que, no primeiro ano, funcionou no Colégio Marista³⁹⁹, era próximo ao [Colégio] Santos Anjos⁴⁰⁰, bem perto do Hospital Regional de Joinville. Como eram quatro cursos no primeiro ano, eram só quatro turmas. No segundo ano, eram oito e, com o tempo, foram precisando de mais salas; a partir do terceiro ano, foi para o colégio Santos Anjos, porque lá tinha um número maior de salas. E foi nesse local que me formei, lá no [Colégio] Santos Anjos. Só depois é que foi construída a UNIVILLE, quando juntaram os cursos de Ciências Econômicas, Educação Física que funcionavam em outro local; juntaram todos no mesmo lugar e formaram o local da UNIVILLE⁴⁰¹.

Antes da criação do curso de Matemática em Joinville, as pessoas procuravam outros cursos na região. Um dos cursos citados foi o curso da Universidade Estadual do Paraná⁴⁰², Campus de Paranaguá. A distância de Joinville a Paranaguá é de 122 km e a distância de Joinville a Florianópolis é de 180 km. Essas eram as duas cidades, com cursos de Matemática, mais próximas a Joinville, antes de 1968. Assim, alguns dos joinvilenses, interessados em ser professores de Matemática, partiam para o Paraná, pois a distância a Florianópolis era muito maior.

Como não tinha faculdade em Joinville e, eu gostava de Matemática, fui fazer Matemática em Paranaguá – PR, na Universidade Estadual. Ia todo dia para lá. Isso em 1968 e 1969. Era estrada de barro, eu ia para lá de carro todo dia. Saía de Joinville às 3 da tarde e chegava lá 7 horas da noite. Terminava às 10 horas da noite e voltava. Era tudo estrada de barro. Em Guaratuba [PR] atravessava o Ferry Boat⁴⁰³ e de Caiobá até Paranaguá já era asfaltado. Daí voltava para pegar o Ferry até a meia noite. Eu já dava aula naquela época no curso ginasial. A aula em Paranaguá era de segunda a sábado. Os professores vinham de Curitiba. O Ferry Boat fechava à meia noite, e em dia de prova, quando chegava em Paranaguá, às vezes o Ferry já estava fechado. Tinha duas opções, ou dormia lá

³⁹⁸ SELINKE (2018).

³⁹⁹ Rede de 11 escolas particulares baseadas em valores cristãos e de solidariedade, inspirados nos princípios de São Marcelino Champagnat. Foi fundada na França, em 1827, como o Instituto Marista. A rede tem hoje 20 escolas situadas nos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Goiás e no Distrito Federal.

⁴⁰⁰ O Colégio dos Santos Anjos faz parte da Rede Divina Providência. Foi fundado em 1907 em Joinville - SC.

⁴⁰¹ SELINKE (2018).

⁴⁰² A Universidade Estadual do Paraná foi criada no final dos anos 2000, com a junção de sete faculdades de várias regiões do Paraná. Antes disso, em Paranaguá, existia a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá – FAFIPAR, criada em 1956.

⁴⁰³ Ferry Boat é um transporte aquático com balsa para travessia da Baía de Guaratuba, que liga Guaratuba - PR a Caiobá - PR, para chegada, no caso do depoente a Paranaguá - PR.

ou, voltava por Curitiba, daí chegava em Joinville às 7 horas da manhã e 7:30h eu dava aula. Era uma aventura⁴⁰⁴.

Logo, a criação do curso de Matemática em Joinville foi no sentido de amenizar a necessidade de formação em Matemática, não só em Joinville, mas em toda região, visto que o curso mais próximo, dentro do estado catarinense, ficava a quase 200 km da cidade, na capital. “A faculdade [curso superior] foi uma “mão na roda”. Eu terminei o Científico, já entrei direto para o curso de Matemática que estava no segundo ano, começou em 68, e eu entrei em 69”⁴⁰⁵.

O curso de Matemática estava dentro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para formação de professores. Então o curso de Matemática aqui começou em 1968. Eu comecei em Paranaguá no mesmo ano que iniciou aqui e só me transferi para Joinville quando o curso foi reconhecido. Na época era complicado o reconhecimento de um curso, era difícil. Me formei em 1971 e em 1972 já comecei a dar aula na universidade. Contratavam as pessoas com melhor formação. Sobre o curso em Paranaguá, todos os meus professores vinham de Curitiba. Aqui, os professores eram de Curitiba ou de Florianópolis, e se não me engano eram da Universidade Federal. Não me lembro dos nomes, faz muito tempo. Faz mais de 50 anos⁴⁰⁶.

Com relação aos professores do curso de Matemática da UNIVILLE, com o início do curso, o corpo docente era de pessoas da comunidade que possuíam ensino superior, não necessariamente na área de formação que estavam ministrando aulas, mas em áreas próximas, como é o caso de engenheiros, arquitetos e outros. Como não havia professores formados na região e por necessitarem de docentes formados em Matemática, em função do reconhecimento do curso, a UNIVILLE buscou esses profissionais em Florianópolis e em Curitiba.

Eu me lembro da minha professora de Psicologia e Pedagogia, que era de Florianópolis. Ela dava aulas aos sábados, porque as pessoas de Florianópolis e de Curitiba vinham na sexta à noite e eram divididos os horários para conciliar entre os quatro cursos da Faculdade. No final das três disciplinas, a gente fez estágio de Matemática, de Física e de Desenho Geométrico. Tinha didática de cada matéria e estágio de cada matéria, não era moleza a faculdade não. Era puxado. Alguns não tinham formação de professor. Eu lembro, por exemplo, Cálculo. Era o Spartacus⁴⁰⁷ que dava para nós, ele tinha três engenharias. Eu lembro também que Cálculo Numérico quem deu foi um tal de Malchisky⁴⁰⁸, que também era engenheiro em Joinville. Veio um professor com formação de

⁴⁰⁴ PISKE (2018).

⁴⁰⁵ SELINKE (2018).

⁴⁰⁶ PISKE (2018).

⁴⁰⁷ Spartacus Sonnesen.

⁴⁰⁸ Lourival Malchisky professor de Cálculo Numérico.

magistério, que era o Avelino Marcante⁴⁰⁹. Ele era um irmão Marista que saiu da Congregação e veio dar aula na universidade também. Então, na verdade, ele era formado em curso de magistério, provavelmente com um curso de Matemática, Física, Ciências da Computação, não sei, mas ele tinha algum curso superior, pois na universidade só podia dar aulas quem tinha formação superior. Os professores que vinham de Florianópolis eram da área das Exatas, os que vinham de Curitiba também, o Moraes tinha feito Matemática em Paranaguá, o Piski também, acho que ele está vivo e morando em Joinville, Osni Piski⁴¹⁰. Ele deu aula para mim no Científico e, na época, ele ia para Paranaguá [PR] fazer o curso de Matemática. Ele, o Mário Cesar Moraes⁴¹¹. Eles iam de carro. O Piski deu aula para nós na área de Desenho e Geometria Descritiva. Tínhamos também o professor Adil Calomeno⁴¹², que era Engenheiro, mas ele deu as disciplinas de Física. O professor Bosco⁴¹³, era de Florianópolis, era da Matemática. E aí havia as mulheres que deram Pedagogia, Psicologia, estas coisas que tínhamos por ser curso para o magistério. No último ano, tinha Didática da Matemática, Didática da Física e Didática do Desenho Geométrico. Para você ver como o curso era direcionado mesmo a formar professores, das três disciplinas, porque na época tinha Desenho Geométrico no Ginásio e também no Científico, por isso precisava de professores. Era uma disciplina obrigatória⁴¹⁴.

O Ensino Fundamental da época, além da disciplina de Matemática, possuía também a disciplina de Desenho Geométrico, e, em função disso, o curso de Matemática da UNIVILLE formava profissionais em Matemática, Física e Desenho Geométrico. Isso significa que a urgência em formar profissionais nessas áreas era evidente na época, pois a demanda era para duas disciplinas do Ensino Fundamental (Ginásio) e uma para o Ensino Médio (Científico ou Magistério).

Com a falta de profissionais para a educação básica, a Universidade precisava pensar em um curso que possibilitasse que as pessoas que trabalhavam

⁴⁰⁹ Avelino Marcante era graduado em Física, mestre e doutor em Ciências pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Ligado ao Departamento de Engenharia Elétrica foi o primeiro professor da UDESC Joinville com título de doutor. Morreu em 18 de abril de 1990. Seu nome foi dado ao campus da UDESC Joinville como reconhecimento aos serviços prestados à Instituição. Além disso, Joinville possui uma escola municipal com o nome de Professor Avelino Marcante, por sua trajetória e histórico na educação do município. Disponível em: https://www.udesc.br/noticia/udesc_joinville_homenageia_ex-diretor_avelino_marcante.

⁴¹⁰ Osni Piski depoente deste estudo.

⁴¹¹ Mario Cesar Moraes era formado em Matemática e Filosofia e foi conhecido por sua forte característica humanitária. Na Educação, o professor fundou a Escola de Engenharias de Joinville, onde deu aulas e foi diretor. Atuou também no magistério do Colégio Celso Ramos. Foi Secretário de Educação de Florianópolis e Secretário da Casa Civil. Em Joinville, se destacou também como Desenhista Industrial. Faleceu em Florianópolis, em julho de 2014, aos 82 anos. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/morre-professor-mario-cesar-moraes/>.

⁴¹² Adil Calomeno foi físico e engenheiro civil, segundo diretor-geral da UDESC em Joinville, professor da Faculdade de Engenharia de Joinville (FEJ), entre os anos de 1966 e 1967. Fez parte da comissão de implantação da faculdade e foi professor da primeira turma de Engenharia de Operações – modalidade máquinas e motores, em 1965. Faleceu em agosto de 2015 com 86 anos. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/obituarioan/2015/08/29/morre-o-professor-adil-calomeno/>.

⁴¹³ Pedro José Bosco.

⁴¹⁴ SELINKE (2018).

durante o dia pudessem frequentá-lo. Então, se pensou “em cursos noturnos, para este público trabalhador, e eles até facilitavam a presença à noite, por exemplo, porque tinha os alunos que estudavam à noite e precisavam de professores”⁴¹⁵. A demanda por docentes era grande.

Nos 4 anos, todos os dias, íamos para a aula das 7 às 11 da noite e, aos sábados à tarde, das 2 às 6 horas. Hoje, se você falar para alguém fazer alguma coisa no sábado só falta jogar pedra, e nós tivemos aula durante os quatro anos. Eles saíam de Florianópolis, da UFSC, na sexta, às cinco da tarde, pegavam uma Kombi e vinham. Eram professores dos quatro cursos que vinham, daí terminava sábado à tarde, e eles eram levados de volta. Havia de Curitiba também. Havia a necessidade de se ter professores com habilitação e mais tempo de experiência para poder ter o reconhecimento do curso. Quando eu me formei, eles ainda continuaram ministrando aulas lá, depois, com tempo, foram entrando novas gerações, e os próprios formados da FUNDAJE⁴¹⁶ começaram a dar aula na faculdade⁴¹⁷.

Nesse sentido, a UNIVILLE precisou de professores, em um primeiro momento, para formar seus quadros docentes, pois não havia professores com ensino superior para suprir essa demanda nem para toda a educação básica da região. Esse movimento também pode ser visto em várias instituições da região, como é o caso da FURB e da UNIPLAC.

A necessidade de docentes para a região era tamanha que os alunos do curso de Matemática nem terminavam o curso e já estavam com a carga horária cheia de aulas.

Eu, no terceiro ano da faculdade, passei a dar aula também, porque não tinha professor. E até a faculdade fechava o olho para as faltas, assim, a gente compensava com outras coisas, porque eles sabiam da necessidade do professor estar lá pra dar aula. Eu lembro que no Celso Ramos⁴¹⁸ tinha 10, 12 turmas de primeiro Científico no período noturno. Então, começou aquela valorização do ensino⁴¹⁹.

No último ano, várias aulas no colégio noturno, nos terceiros anos, eu tinha oito aulas no Colégio noturno, por falta de professor. O próprio colégio ligava para a faculdade, implorando que deixasse o aluno tal pegar as aulas no noturno, que, por amor de Deus, arrumasse alguém. Era meio assim que funcionava⁴²⁰.

Eu tinha muitas aulas de Física, porque não existia quem desse aula. Fui me enchendo de aula e pensava: “vou levar até onde eu der conta com a faculdade”,

⁴¹⁵ SELINKE (2018).

⁴¹⁶ Fundação Joinvillense de Ensino.

⁴¹⁷ SELINKE (2018).

⁴¹⁸ Escola Estadual de Joinville, umas das mais antigas do Município.

⁴¹⁹ SELINKE (2018).

⁴²⁰ SELINKE (2018).

mas só que começou mais estágio e como eu conseguiria fazer o estágio em outros horários? Tanto que os horários do estágio de Física, meus colegas fizeram todos nas minhas turmas de aula, lá no estado, porque o professor conversou comigo, a gente acordou que eles assistiriam uma aula, porque não tinha outro lugar para ir [risos] e davam aula prática para os meus alunos. O professor ia na minha turma, assistia a aula junto com os alunos. E isso foi o que me permitiu dar essas aulas à noite. As aulas de Matemática eu dei no Colégio Bom Jesus, que era o colégio dos protestantes, colégio particular, pois tinha o Santos Anjos, que era só feminino, e o Bom Jesus⁴²¹, que era misto⁴²².

Esse movimento pode ser percebido também nos demais cursos da Faculdade de Filosofia da UNIVILLE, não somente no de Matemática: *“a Dolo [Dolores, outra irmã] fez Geografia em Joinville, fez mestrado no Rio [de Janeiro], e daí ela fez o concurso para entrar na UFSC. Meu irmão [Alcides] também fez concurso para entrar na UFSC, e os dois ficaram lá”⁴²³.*

Em Santa Catarina, havia falta de profissionais formados, porém, as condições de valorização do professor e as estruturas organizacionais auxiliavam para que os estados vizinhos fossem escolhidos no momento pós-formação. *“Quando me formei em Santa Catarina, o pessoal queria que eu ficasse lecionando por lá, mas eu sabia que o Paraná tinha condições melhores para os professores, pagavam mais, e as condições eram outras, então resolvi retornar, assim que eu me formei”⁴²⁴.*

Quando colocamos em pauta que universidades como a UNIVILLE, criadas no final da década de 1960, foram pensadas para atender, não somente uma cidade (Joinville), mas toda uma região no entorno da cidade sede, compreendemos que a UNIVILLE cumpriu seu papel social na formação dos docentes da região, uma vez que

Na primeira turma, havia vários alunos que eram professores, assim como na nossa. A UNIVILLE atendia toda a região. Eu lembro que nos quatro cursos que nós tínhamos lá, tinha uma Kombi de São Francisco do Sul [SC], outra de Jaraguá [SC] e Guaramirim [SC], que ia todo dia para Joinville. Eu acho que o

⁴²¹ A história da Associação Educacional Luterana Bom Jesus começou em 1866, com a criação da Escola Alemã (*Deutsche Schule*). No entanto, a fundação do Colégio Bom Jesus, com sede na Rua Princesa Isabel, 438, deu-se, em 1926, pela Professora Anna Maria Harger e tornou-se propriedade da Comunidade Evangélica de Joinville, em 1968.

⁴²² SELINKE (2018).

⁴²³ SELINKE (2018).

⁴²⁴ SELINKE (2018).

curso da FURB, de Blumenau, começou depois do nosso de Joinville⁴²⁵, seguindo o nosso exemplo⁴²⁶.

Porque eu lembro que vinha de Guaramirim [45 km de Joinville], e eles não vinham somente para o curso de Matemática, vinham para Geografia, História, Letras. Os alunos vinham toda noite, de ônibus, estrada de terra, saíam do trabalho e vinham direto porque a faculdade começava às sete. Tinha alunos de São Francisco do Sul [50 km de Joinville], Araquari [40 km]. Eu tinha uma colega de lá. A maioria vinha de Kombi, porque não tinha tanto aluno. Eu acho que depois que foi tendo mais alunos talvez viessem de ônibus. Alguns vinham com carro, davam carona, faziam lotação de carros, aquela compartilhada⁴²⁷ que eles querem que faça hoje já tinha na época⁴²⁸.

Dentre as maiores dificuldades apontadas pelos depoentes, estão grandes distâncias percorridas para a formação e trabalhar durante o curso. *“Era uma dificuldade muito grande, porque o curso era puxado, era difícil, e a gente trabalhava o dia todo no tempo em que se trabalhavam 48 horas semanais. Trabalhávamos 48 horas no serviço e fazíamos faculdade à noite”⁴²⁹.*

Virávamos madrugadas, estudando. Fazíamos grupo de estudo à noite, depois da aula, nas semanas de prova. A gente ia dormir às 4 da manhã e acordava às 7 para ir trabalhar, pois às 7h30 precisava estar trabalhando novamente. Então, para tudo precisávamos arrumar tempo em outro horário, e as madrugadas é que pagavam o preço. O domingo de manhã também era sagrado, domingo era dia de estudar, nada de descansar e passear. Foi um tempo muito duro⁴³⁰.

Com relação aos impactos do curso de Matemática da UNIVILLE, podemos citar a formação de docentes para toda a região do Caminho dos Príncipes e também para estados vizinhos. Esse é o caso de uma de nossas depoentes e seu esposo, que, após se formarem, migraram para a cidade de Medianeira, no estado do Paraná, em busca de melhor valorização salarial e condições adequadas de trabalho.

Quando terminamos a faculdade [curso de Matemática], nós fomos para o Paraná, voltei para minha cidade, onde estava minha família, para Medianeira. Ele [esposo] lecionou somente Matemática, e eu acabei dando muita aula de Física, porque, mesmo dentro da Faculdade, fui a única que assumi mais a parte de Física, eu gostava, estudava, ia bem e me dediquei à Física. E, como sempre faltaram docentes desta área, e em Medianeira, onde eu morava, faltava mais

⁴²⁵ O curso de Matemática da FURB de Blumenau foi aprovado em 1º de junho de 1968, dois meses depois da aprovação do curso de Matemática da UNIVILLE (1º de abril de 1968).

⁴²⁶ SELINKE (2018).

⁴²⁷ Transporte particular compartilhado, no qual as pessoas dividem os custos e utilizam um mesmo carro para o deslocamento.

⁴²⁸ SELINKE (2018)

⁴²⁹ SELINKE (2018)

⁴³⁰ SELINKE (2018)

*ainda. Trabalhava 20 horas com Física e 20 horas com Matemática, mas na escola acabava dando praticamente só Física.*⁴³¹

Outro impacto foi a utilização dos professores formados para a criação de escolas e turmas de educação básica no interior dos estados brasileiros. *“Eu tinha o registro do MEC com Física, sem contar que eles [escolas estaduais e escolas particulares] ocupavam quem tinha esse registro para abrir todos os cursos, para o Ministério de Educação e Cultura (MEC) autorizar”*⁴³². Na época, para autorização de funcionamento de novos cursos de ginásios e segundo grau o MEC solicitava o registro de professor habilitado.

*Com relação ao curso de Matemática, a FUNDAJE formou professores da região toda de Joinville, um salto educacional muito grande, uma vez que esses professores retornavam para suas cidades e trabalhavam nas escolas, municipais e estaduais. O curso teve impacto não somente para Joinville, mas para todo o seu entorno*⁴³³.

Para Joinville, acreditamos que esse curso, bem como a UNIVILLE, tenha sido o marco inicial para, além da formação, uma mudança radical da cultural local. Isso porque *“as empresas, participaram da formação da FUNDAJE, e, a partir disso, encaminhavam as pessoas para se formarem, para retornarem e trabalharem na empresa com mão de obra especializada, e o povo começou a estudar para melhorar as condições de vida”*⁴³⁴.

Então, para Joinville, que era uma cidade industrial com uma grande demande de mão de obra, em função da quantidade de empregos, a formação do pessoal oportunizou a melhoria dos salários, as condições de vida e, conseqüentemente, a economia da cidade. A necessidade de formação acabou atingindo todos os setores, não somente o setor educacional, mas também ele. Foram abrindo novas escolas novas nos bairros e precisando de professores formados, professores para as escolas particulares, entre outras demandas. *“A população da cidade foi crescendo e foram aparecendo muitos interessados em estudar”*⁴³⁵.

Há que se destacar, porém, que, para algumas pessoas, como é o caso de um de nossos depoentes, o curso da UNIVILLE não teve muito impacto regional,

⁴³¹ SELINKE (2018)

⁴³² SELINKE (2018).

⁴³³ SELINKE (2018).

⁴³⁴ SELINKE (2018).

⁴³⁵ SELINKE (2018).

uma vez que “a expectativa de ser professor é muito ruim. A maioria dos professores vai fazer curso de Especialização, depois faz Mestrado, Doutorado, tem exceções, mas a maioria faz para agregar uma letrinha no plano de carreira”⁴³⁶. Mas por que isso acontece? Estamos preparados social e economicamente para valorizarmos a carreira docente? Por que vamos em busca de formação complementar em pós-graduações *lato* e *stricto sensu*? Será somente para agregar uma letra no plano de carreira? Será essa uma luta coletiva de uma classe inteira?

Além disso, nosso depoente explica que a interação com a comunidade nesses cursos ficava muito a desejar, não que isso seja exclusivo da UNIVILLE.

*Na nossa cidade não há nada integrado com a comunidade, não há envolvimento nenhum. É muito pouco resultado para a comunidade. Não são como as universidades americanas, europeias, que participam de programas, se integram, resolvem problemas da sociedade. Não tem nada. Eu acho que esse é um grande erro*⁴³⁷.

Podemos olhar para esse recorte por vários ângulos, uma vez que essa situação de comparação está relacionada a distintos fatores: nossa colonização foi totalmente diferente da colonização americana; o nosso sistema educacional é diferente do sistema de deles; os nossos investimentos também são diferentes, assim como nossas prioridades.

Não há como compararmos se não pudermos olhar para as ações da mesma forma, e, mesmo que nosso depoente acredite que o curso em questão teve pouco impacto para a região, acreditamos que os impactos estão além dos professores que o curso formou. Eles estão relacionados com o desenvolvimento social, educacional, econômico, enfim, com o conjunto de fatores relativos à potência que Joinville se tornou para o estado.

⁴³⁶ PISKE (2018).

⁴³⁷ PISKE (2018).

10 A POESIA NÃO PODE PARAR: MOVIMENTOS E PARTICULARIDADES

Nesse capítulo discutiremos alguns assuntos abordados durante a apresentação das regiões, instituições e cursos de formação de professores de Matemática em Santa Catarina.

Para tal, dividimos esse texto em três seções principais: Movimentos do interior catarinense, que aborda a interiorização do ensino superior no estado. Complementado com a seção que segue: As marcas de um Estado, que aborda temas como a colonização do estado, as relações políticas do estado, o trânsito de docentes de outras instituições/estados, o impacto dos cursos de formação de professores de Matemática para o estado, a carência e urgência na formação docente no estado, as adaptações legislativas nos cursos, o formar-se professor nas décadas de 1960 e 1970. Para finalizar, na seção Movimentos Outros de Formação, apresentamos e indicamos leituras sobre os cursos de especialização na área de Matemática, questões de gênero nos cursos catarinenses de Matemática e o ensino no período militar.

10.1 Movimentos do interior Catarinense

O estado de Santa Catarina possui em torno de 96 mil km², esse território é um pouco menos que metade do território paranaense (200 mil km²) e, aproximadamente a terça parte do território rio-grandense (281 mil km²). Um território pequeno, se comparado aos vizinhos, e com grandes marcas de diferenças regionais. Essas marcas podem ser percebidas em vários setores, na indústria com grande destaque para o Norte/Nordeste do estado, no setor da agricultura e da pecuária do centro ao extremo-oeste catarinense, no setor portuário do litoral. E também no setor educacional.

Santa Catarina teve seu primeiro curso de ensino superior em 1917, com os cursos de Engenharia, Comércio, Farmácia e Odontologia⁴³⁸, cursos que mais tarde (1960) passaram a integrar a primeira universidade pública do estado (UFSC), como já vimos e, somente em 1964 foi criado o primeiro curso de ensino superior no ensino de Matemática.

⁴³⁸ CEE – Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina, Disponível em <http://www.cee.sc.gov.br/>.

A interiorização do ensino superior no estado se deu a partir da década de 1960, com a criação de diferentes instituições pelo estado. Um exemplo dessa interiorização é a Universidade Regional de Blumenau (FURB), criada como a primeira instituição do movimento comunitário que resultou na construção do Sistema Fundacional de Educação Superior.

Depois da FURB, a cidade de Tubarão foi contemplada com a Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (FESSC) em 1967, que passou a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Depois disso, Itajaí recebeu a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e o ensino superior em Santa Catarina foi se interiorizando com a “criação das fundações públicas, instituídas por lei municipal e de direito privado. Importante lembrar que não são fundações particulares, são fundações públicas, cujo regime jurídico é de direito privado”⁴³⁹, sendo elas: UNIDAVI, UNIVILLE, UNESC, UnC, UNIFEBE, UNIBAVE, UNIARP, UNIPLAC, UNOCHAPECÓ, UNOESC, USJ.

Nesse movimento de criação de instituições pelo interior catarinense e, para, além disso, a criação de vilas, cidades, municípios pelo interior do estado, podemos destacar pontos que se sobressaem: a colonização do estado, as relações políticas do estado, o trânsito de docentes de outras instituições/estados, o impacto dos cursos de formação de professores de Matemática para o estado, a carência e urgência na formação docente no estado, as adaptações legislativas nos cursos, o formar-se professor nas décadas de 1960 e 1970, os cursos de especialização na área de Matemática, questões de gênero nos cursos catarinenses de Matemática e o ensino no período militar.

Essas são algumas das questões que nos tocaram, que fizeram sentido para nós no decorrer desse movimento feito para a realização dessa tese. Dessa forma, o que nos toca, nos deixa marcas, nos faz sentido, será tratado nas próximas seções desse capítulo.

10.2 As marcas de um estado

Você já parou para pensar que a forma como você se comunica, seja pela escrita ou por outro meio, está relacionada com a forma como você entende sobre

⁴³⁹ MELLO (2017, p. 1)

tal assunto? O modo como você escreve e o que você escreve é a sua opinião sobre determinado assunto, ou é, ao menos, o que você gostaria que fosse.

Quando escrevo, por exemplo, sobre as marcas de um estado, isso está relacionado com o que acredito que seja uma marca, algo que ficou registrado, algo que se sobressaiu, que foi importante para mim, que me chamou a atenção. Uma das situações, das quais, andando e conhecendo sobre os primeiros cursos de formação de professores de Matemática do estado me fizeram perceber, foi o quanto os colonizadores (e talvez seus descendentes) vindos da Europa não puderam descrever sobre a vida dos índios que vivam aqui antes de sua chegada.

Por que não puderam? Porque não sentiram sua rejeição, porque não mensuraram o que foi o extermínio daquele povo, a expulsão de suas terras, a dignidade do seu ser. Não puderam, talvez por falta de empatia, de não se colocaram em seus lugares, e dessa forma, talvez tenha sido fácil chama-los de nativos, gentis, invasores e tantos outros os adjetivos que encontramos no decorrer das muitas páginas lidas sobre a colonização do interior do estado.

Das quatro regiões de estudo (Florianópolis, Lages, Joinville e Blumenau), ao menos três citam a colonização como algo avassalador, os conflitos com os índios como algo hostil, de natureza totalmente contraditória a resistência daquela população.

Uma ação interessante e inovadora, nesse sentido, foi a criação do Programa de Acesso e Permanência dos Povos Indígenas (PIN) pela Universidade Federal da Fronteira Sul, em 2013, dentre vários propósitos, a resolução se constitui em instrumento de

Promoção de valores democráticos, de respeito à diferença e à diversidade socioeconômica e étnico-racial, mediante a adoção de uma política de ampliação do acesso aos seus cursos de graduação e pós-graduação e de seu estímulo à cultura, ao ensino, à pesquisa, à extensão e à permanência na Universidade⁴⁴⁰.

A resolução também prevê ações para ingresso e permanência do povo indígena nos cursos de graduação e pós-graduação da universidade, como:

Nos cursos de graduação o ingresso ocorre mediante Processo Seletivo Exclusivo Indígena, com 2 (duas) vagas suplementares por curso, excetuando-se aqueles para os quais a Universidade não tem autonomia para ofertar vagas suplementares. Também ficam reservadas 2 (duas) vagas em cada um dos cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto*

⁴⁴⁰ UFFS (2013, p. 2)

sensu ofertados pela UFFS para candidatos autodeclarados indígenas, classificados no processo seletivo.

Para a permanência do estudante indígena ingressante na Universidade foram previstas as seguintes ações: apoio acadêmico; atenção à formação político-social do acadêmico; promoção da educação das relações étnico-raciais a estudantes, docentes e técnicos-administrativos nos diferentes âmbitos da vida universitária; celebração de convênios e parcerias com órgãos públicos federais, estaduais e municipais; apoio financeiro; adoção de uma política de moradia estudantil. Como forma de garantir o bom andamento do programa, para fins de acompanhamento das ações implementadas, foram constituídas uma comissão geral e uma comissão local em cada campus⁴⁴¹.

Após sua criação, a ação foi, por diversas vezes, revista, analisada e modificada. Existem alguns quesitos nos quais a legislação fica fragilizada e que requer discussões profundas, como o deslocamento dessa população do seu espaço, para o espaço educacional da universidade, pois o índio precisa se deslocar à universidade, que não possui condições culturais iguais à tribo indígena.

Porém, as marcas do passado do estado estão relacionadas ao extermínio dessa população e, ações como a citada anteriormente, têm como propósito diminuir as disparidades econômicas, sociais e educacionais entre pessoas de diferentes etnias. É uma forma de reparação histórica pelas ações do passado.

Outra marca do estado que gostaríamos de destacar aqui, está relacionada às relações políticas/sociais/educacionais que Santa Catarina possuía com o governo federal. Destacamos isso no sentido de, até o final do século 20, o estado possuir somente uma única universidade federal⁴⁴², enquanto os vizinhos, Rio Grande do Sul, por exemplo, possuir cinco universidades federais públicas⁴⁴³ e mais uma universidade estadual⁴⁴⁴, e o Paraná possuir uma universidade federal⁴⁴⁵ e cinco universidades estaduais⁴⁴⁶.

⁴⁴¹ UFFS (2013, p. 3-4)

⁴⁴² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

⁴⁴³ Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); Universidade Federal de Pelotas (UFPEl); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Universidade Federal do Rio Grande (FURG); e, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

⁴⁴⁴ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

⁴⁴⁵ Universidade Federal do Paraná (UFPR).

⁴⁴⁶ Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual de Maringá (UEM); Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO).

Com o processo de interiorização do ensino superior público⁴⁴⁷, no início do século XXI, Santa Catarina passou a ter mais uma universidade federal, dessa vez, a *multicampi* Universidade Federal da Fronteira Sul, com *Campus* sede em Chapecó. Entretanto, os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul também foram contemplados com *campi* dessa nova universidade em Cerro Largo-RS, Erechim-RS e Passo Fundo-RS, além de Laranjeiras do Sul-PR e Realeza-PR. Esses estados, na mesma época, também criaram novas universidades: Universidade Federal dos Pampas (UNIPAMPA) no Rio Grande do Sul e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) no Paraná.

Santa Catarina possuía somente uma universidade pública federal e uma estadual⁴⁴⁸, e essa falta de instituições públicas no estado foi suprida com a criação de universidades privadas, como é o caso de três instituições destacadas nessa tese⁴⁴⁹. Nesse sentido, qual o lugar de Santa Catarina no cenário educacional brasileiro? Nereu Ramos⁴⁵⁰, que foi vice-presidente do Brasil, assumiu o estado na época da Campanha de Nacionalização, fechando escolas e fazendo com que a demanda por professores brasileiros aumentasse ainda mais, agindo de forma coerente com os indicativos e orientações federais da época.

A Universidade Federal de Santa Catarina, por ser um dos espaços precursores do ensino de Matemática no estado, auxiliou outros cursos como o curso da FURB de Blumenau e o curso da UNIVILLE de Joinville, no contato com docentes formados de outras instituições, possibilitando que estes ministrassem

⁴⁴⁷ Vale ressaltar aqui que, o processo de interiorização também ampliou o número de institutos federais em Santa Catarina, os quais possuem ensino superior. Porém, como estamos tratando de Universidades Federais, não iremos nos ater em tais informações.

⁴⁴⁸ Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

⁴⁴⁹ Universidade do Planalto Norte Catarinense (UNIPLAC), Universidade Regional de Blumenau (FURB), e, Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE).

⁴⁵⁰ Nereu de Oliveira Ramos nasceu em Lajes (SC). Em 1911 iniciou sua participação no jornalismo e na política. Em 1921 fundou o jornal *A República* e foi um dos organizadores em seu estado da Reação Republicana. Em 1932 foi um dos fundadores da Faculdade de Direito de Santa Catarina, onde passou a lecionar direito constitucional e teoria do estado, foi um dos 26 deputados integrantes da Comissão Constitucional encarregada de examinar o anteprojeto de Constituição preparado pelo Governo Provisório, e as emendas a ele apresentadas. Em 1º de maio de 1935 assumiu o cargo de governador do estado, dando início a um período de dez anos em que esteve à frente do governo de Santa Catarina, um dos aspectos relevantes de sua administração foi o conflito com parcela da colônia alemã em Santa Catarina. Em março de 1951, Nereu foi eleito presidente da Câmara dos Deputados, passando a ser o segundo nome na linha de sucessão do presidente da República. Assumiu por duas vezes a presidência da república. Foi Ministro interino da Educação em 1958. Durante a sua gestão como Governador transformou o Ginásio Santa Catarina no Ginásio Catarinense, instituiu Grupos Escolares no Estado, investiu na educação - que ampliou o número de matrículas em vários níveis. Fontes: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Nereu_Ramos e, http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/725-Nereu_Ramos.

aulas nesses cursos. Posteriormente, esse trabalho foi desenvolvido pelos próprios docentes da UFSC, bem como pelos novos docentes formados daquelas instituições, para as disciplinas específicas do curso de Matemática, como Álgebra, Geometria, Topologia e Análise.

A primeira turma de formados já começou a dar aula para gente. Meus professores foram o Aparício, a Maria Helena, a Maria da Graça Rodrigues Araújo⁴⁵¹, a Balster⁴⁵², o Toninho⁴⁵³, o professor Bosco⁴⁵⁴. O professor Bosco foi diretor de centro. Já falecido. Faleceu muito novo. Então, ele não era da primeira turma, ele se formou em outro lugar. Mas tem gente que eu tenho certeza que se formou ali. A Maria Helena Balster⁴⁵⁵. Eles falavam sempre. Dourado⁴⁵⁶, Toninho, Tothi⁴⁵⁷, também são dessa turma, anterior a minha⁴⁵⁸.

O curso que eu fiz foi um curso muito puxado, muito exigente, quase todos os professores eram oriundos da Federal ou da PUC de Porto Alegre. Vários deles, professor de Topologia, de Álgebra, de Geometria, professor de Análise Real, pegavam um avião às seis e meia da manhã em Porto Alegre, desciam aqui [Florianópolis] sete e quinze, e sete e meia começava a aula na Universidade. No fim do dia, voltavam porque tinham trabalho nas Universidades de Porto Alegre. Então, eles traziam na bagagem uma visão muito grande, já que no Rio Grande do Sul esses cursos funcionavam há bem mais tempo, e eles tinham uma forma específica da época, uma cobrança muito forte⁴⁵⁹.

Nesse sentido os depoentes da UFSC destacam a importância que teve o trânsito de professores de outros estados e outras instituições para a formação inicial de professores de Matemática no estado catarinense. Foi um movimento que trouxe visões outras, de lugares diferentes com possibilidades diferentes.

Eu me lembro da minha professora de Psicologia e Pedagogia, que era de Florianópolis. Ela dava aulas aos sábados, porque as pessoas de Florianópolis e de Curitiba vinham na sexta à noite e eram divididos os horários para conciliar entre os quatro cursos⁴⁶⁰.

Segunda a sábado, sim. Um dos professores, inclusive, no terceiro ano da faculdade, com o qual tivemos a disciplina de Topologia, o professor Penido⁴⁶¹, não consigo lembrar o nome completo dele, vinha de Porto Alegre, naquele

⁴⁵¹ Professora pertencente ao quadro inicial de docentes do Departamento de Matemática da UFSC.

⁴⁵² Maria Helena Cordeiro Balster, professora da década de 1970, pela UFSC

⁴⁵³ Antônio João da Silva pertencente ao quadro inicial de docentes do Departamento de Matemática da UFSC.

⁴⁵⁴ Pedro José Bosco, pertencente ao quadro inicial de docentes do Departamento de Matemática da UFSC.

⁴⁵⁵ Aluna da primeira turma de Licenciatura em Matemática da UFSC.

⁴⁵⁶ Luíz Alves Rodrigues, aluno da primeira turma de matemática da UFSC.

⁴⁵⁷ Antônio Carlos Gandolfo Dutra, aluno da primeira turma de Licenciatura em Matemática da UFSC.

⁴⁵⁸ GONÇALVES (2018)

⁴⁵⁹ MORETTO (2018).

⁴⁶⁰ SELINKE (2018)

⁴⁶¹ Penido Fontoura da Silva, professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*esquema de vir cedo e voltar à tarde, de avião. Ele só podia se ausentar da Universidade de Porto Alegre para trabalhar com nós, no sábado, com aulas de Topologia, que eram das sete e meia ao meio dia, no terceiro ano da Universidade aqui, uma das disciplinas mais difíceis de Física*⁴⁶².

*Mas os meus professores, que foram os primeiros a se formar na UFSC, diziam que os professores que vinham do Rio Grande do Sul eram muito exigentes, e eles também tiveram uma boa formação. Então eles passavam uma boa formação para nós*⁴⁶³.

Os depoentes destacam o que eles chamam de qualidade de ensino, exigência, rigor e profissionalismo do qual os docentes vindos do Rio Grande do Sul se utilizavam ao ministrarem aulas nas instituições catarinenses nas décadas de 1960 e 1970.

*Ele fazia integral e diferencial com uma facilidade, o cara era gênio, e ele dava para nós o Cálculo Diferencial e Integral, mas ele era engenheiro, não era formado como professor. Eu sei que ele tinha Engenharia Civil, [Engenharia] Elétrica e parece que tinha mais uma Engenharia. Ele era formado em São Paulo. Ele era um gênio. Eu lembro também que Cálculo Numérico quem deu foi um tal de Malchisky, que também era engenheiro em Joinville. Lourival Malchisky era o nome dele. Ele dava Cálculo Numérico. Os professores que vinham de Florianópolis eram da área das Exatas, os que vinham de Curitiba também, o Moraes tinha feito Matemática em Paranaguá, o Piski também, acho que ele está vivo e morando em Joinville, Osni Piski, Tínhamos também o professor Adil Calomeno⁴⁶⁴, que era Engenheiro, mas ele deu as disciplinas de Física. O Pedro João Bosco, o professor Bosco⁴⁶⁵, era de Florianópolis, era da Matemática. E aí havia as mulheres que deram Pedagogia, Psicologia, estas coisas que tínhamos por ser curso para o magistério*⁴⁶⁶.

*Fui o primeiro professor contratado para o curso, que tinha Licenciatura em Matemática, a chegar em Lages. Havia uma professora que tinha formação em Matemática, mas não era Licenciatura, era Bacharel*⁴⁶⁷.

Continuam a destacar aqui a eminência pela formação de profissionais na área de Matemática, que pudessem ministrar aulas para o ensino superior catarinense, uma vez que não havia profissionais habilitados dentro do estado, tampouco cursos de formação nesse sentido.

⁴⁶² MORETTO (2018).

⁴⁶³ GONÇALVES (2018)

⁴⁶⁴ Adil Calomeno foi físico e engenheiro civil, segundo diretor-geral da UDESC em Joinville, professor da Faculdade de Engenharia de Joinville (FEJ), entre os anos de 1966 e 1967. Fez parte da comissão de implantação da faculdade e foi professor da primeira turma de Engenharia de Operações – modalidade máquinas e motores, em 1965. Faleceu em agosto de 2015 com 86 anos. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/obituarioan/2015/08/29/morre-o-professor-adil-calomeno/>.

⁴⁶⁵ Pedro José Bosco

⁴⁶⁶ SELINKE (2018)

⁴⁶⁷ MORETTO (2018)

Na época, que eu lembro, quem dava cálculo era a Maria Helena Ultramari, o Jaime Ultramari também era professor de Física, e os outros eram de Porto Alegre. Tinha o professor Ari Nunes Stitbow, professor Penido, que dava Topologia. E em Lages, me lembro de alguns deles, o professor Willy Brum⁴⁶⁸, arquiteto, hoje falecido, ele trabalhava com Geometria Analítica. Professor João Carlos Duarte, que morava em Florianópolis e trabalhava com Cálculo. Professor Galeno Vieira, arquiteto, trabalhava com Álgebra⁴⁶⁹.

A convergência na fala dos depoentes deixa visível a urgência na formação de professores de Matemática entre as décadas de 1960 e 1970 em Santa Catarina. Não haviam professores formados na área de Matemática para trabalhar com as primeiras turmas nas disciplinas específicas do curso, como Álgebra, Geometria, Topologia e Análise. A solução encontrada foi trazer docentes de instituições consolidadas, especialmente do Rio Grande do Sul, e com cursos já estruturados.

Houve a necessidade de criação do curso de Matemática, do curso de Licenciatura em Matemática, Licenciatura em... Biologia, Ciências Naturais, Pedagogia, porque eram cursos relativamente baratos para se criar e tinham um impacto social muito grande. Havia necessidade de formar esse tipo de profissionais, e a própria universidade tinha a necessidade de formar professores para ela, que, até então, não tinha professores, eram engenheiros, entre outras formações⁴⁷⁰.

Nesse sentido o curso de formação de professores de Matemática foi importante em cada uma das regiões, pois, desenvolveu e permitiu desenvolver a oportunização de um sistema de formação à população, não somente no ensino superior, uma vez que formou pessoas para formar outras pessoas.

Economicamente falando, as cidades nas quais foram criados os quatro primeiros cursos de Matemática do estado – Florianópolis, Joinville, Blumenau e Lages – são, além de cidades polos em suas microrregiões, também grandes potências econômicas, com atividades voltadas ao turismo urbano e rural, atividades industriais e comerciais.

Por isso, nosso foco principal foi se tornando a licenciatura, mesmo porque era objetivo da própria instituição formar professores de Matemática, pois estavam tendo um gasto enorme trazendo professores de fora⁴⁷¹.

⁴⁶⁸ Professor do início do curso de Matemática da UNIPLAC. Engenheiro civil de formação. Deixou o magistério para cuidar de sua empresa na área de construção civil.

⁴⁶⁹ MORETTO (2018)

⁴⁷⁰ KALVELAGE (2018)

⁴⁷¹ KALVELAGE (2018)

Um dos impactos desses cursos de formação de professores de Matemática em Santa Catarina tem relação direta com os primeiros formados assumirem cargos docentes dentro das instituições das quais cursaram a licenciatura, isso significa que os cursos formaram seus quadros iniciais de professores com os próprios alunos egressos, como é o caso das professoras Neda e Lili da FURB de Blumenau, Valdeci e Ailton da UNIPLAC de Lages, Mirian da UFSC de Florianópolis, Osni da UNIVILLE de Joinville. Além disso, o professor Aroldo é formado pela UFSC e ao formar-se fez concurso na UNIPLAC. Logo, dos nossos oito depoentes, sete assumiram cargos docentes nas universidades ao término de sua formação. Podemos perceber esse aspecto em alguns dos depoimentos

E hoje esses profissionais que se formaram comigo, todos aposentados, a maioria deles foram professores na Universidade aqui na UFSC, e eu, como tinha a tendência de sair de Florianópolis, então apareceu a oportunidade de ir para Lages fazer o Concurso Público. E eu fui⁴⁷².

E outra coisa que mudaram foi retirar as cadeiras pesadas do bacharelado, do curso de licenciatura: Equações Diferenciais, Topologia, Análise I e Análise II, Álgebra. Na minha turma, todas as cadeiras pesadas de bacharelado nós tivemos na licenciatura. Então nós somos formados para ser bons professores da universidade [risos]. Essa que é a verdade: mesmo que se dizia licenciatura em matemática, nós somos formados pra ser bons professores de cálculo, de todas as cadeiras de engenharia, principalmente da matemática⁴⁷³.

Como as instituições precisavam de professores que vinham de outros estados para lecionar algumas disciplinas, essa necessidade foi amenizada com as primeiras turmas de formados. Os custos com a contratação desses docentes locais era muito menor do que o deslocamento de pessoas vindas de outros lugares para a universidade. Além disso, a formação dos próprios quadros docentes foi um dos fatores que contribuíram para tornar as universidades independentes.

Então, quando eu cheguei, o curso estava no seu quarto semestre. Assumi as disciplinas de Álgebra I e II, visto que o professor que trabalhava com essa disciplina era um arquiteto e não tinha formação para tal, conforme a nova visão da Matemática. Trabalhar com as estruturas algébricas, estruturas de anel, de grupo, não, ele era um operacional, fazia contas, fazia cálculos, e o curso de Matemática nós sabemos, não é só isso. Engloba muito raciocínio, muita formação, o porquê das coisas⁴⁷⁴.

⁴⁷² MORETTO (2018)

⁴⁷³ GONÇALVES (2018)

⁴⁷⁴ MORETTO (2018)

Com relação às instituições apresentadas nesse relatório acreditamos que estava envolvida majoritariamente com a formação de professores para poderem atuar no nível superior do estado.

Então, é possível que tenha relação com o salário. Pode ver que tem. Os pontos de concentração de egressos da UFSC são os institutos federais, universidades estaduais e universidades federais que, em sua maioria, possuem condições melhores de ensino. As condições de ensino sempre foram muito precárias nas escolas públicas. Formar professor para ir para essas escolas públicas era algo que não atraia o professor. Ele tem que pensar nele e na família dele⁴⁷⁵.

Porém, a necessidade de formação de professores de Matemática não parava por aí, uma vez que os docentes da educação básica não possuíam formação condizente com o nível de ensino para o qual ensinavam. Muitos eram engenheiros, arquitetos ou possuíam o curso de Magistério.

O curso possibilitou o pessoal que já era professor, mas não tinha a titulação, a acessar a titulação. Os alunos das primeiras turmas, de 72 a 74, 75, que a UNIPLAC habilitou tiveram a titulação como professores licenciados. Eles eram enquadrados dentro do estado em outro patamar, no plano de carreira deles. E a outra contribuição muito grande foi titular professores do interior que trabalhavam com Matemática, mas não tinham formação Matemática⁴⁷⁶.

A falta de professores, na região de Joinville, fez prefeituras, alguns empresários e professores se unirem para trazer uma faculdade para Joinville⁴⁷⁷.

Os alunos, eles não tinham muitas condições, muitos, mas muitos mesmos, entravam e não tinham condições de permanecer na FURB, daí desistiam do curso. E não era só em função da mensalidade, era também por ser bastante pesado, trabalhar, estudar, pagar e não se apaixonar pelo curso, porque quando você se apaixona, não existem barreiras⁴⁷⁸.

E o interessante é que, das primeiras turmas do curso de Matemática – eram turmas pequenas, no máximo vinte e cinco alunos – quase 100% dos alunos eram professores de Matemática no Estado ou em escola privada, mas basicamente nas escolas do Estado, que, porém, não tinham formação em Matemática. Eles tinham a prática, mas não tinham a formação, e era em busca disso que eles estavam. Em meio aos primeiros alunos, tinha diretores de colégio e alunos com vinte anos de experiência como professores de Matemática, entre outros⁴⁷⁹.

⁴⁷⁵ GONÇALVES (2018)

⁴⁷⁶ MORETTO (2018)

⁴⁷⁷ SELINKE (2018)

⁴⁷⁸ KALVELAGE (2018)

⁴⁷⁹ MORETTO (2018)

Assim, para além dos quadros iniciais de professores de Matemática nas universidades do estado, as instituições formadoras também contribuíram para a formação de docentes para a educação básica, formando quadros das escolas públicas e particulares, nas cidades onde situavam as universidades, bem como em seus respectivos entornos.

Os quatro primeiros cursos de formação de professores de Matemática em Santa Catarina foram criados em 1964 na UFSC, em 1968 na FURB e na UNIVILLE, e, em 1971 na UNIPLAC. Logo, os currículos de tais cursos foram pensados conforme a legislação vigente (LDB de 1961). Uma legislação que previa que a “educação é direito de todos e será dada no lar e na escola”⁴⁸⁰. Uma educação obrigatória para o primário em quatro séries, a partir dos sete anos:

O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que o iniciarem depois dessa idade poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento⁴⁸¹.

A Lei de Diretrizes e Bases de 1961 previa que, para lecionar no ensino de Primeiro Grau e de Grau Médio na época – o que representa o Ensino Médio no nosso sistema de ensino atual – os docentes necessitariam ter formação em Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, porém para lecionar para o primário (4 primeiros anos da educação) era necessário possuir formação em nível de colegial (3 últimos anos do Ensino de Grau Médio). O nível Ginásial consistia no primeiro ciclo do grau médio, com duração de quatro anos, o que hoje representa os anos finais do Ensino Fundamental II. O nível Colegial, por sua vez, consistia no segundo ciclo do grau médio, com duração de três anos, o que hoje o Ensino Médio.

Nesse sentido, as instituições (faculdades) que precisavam pensar na formação do professor secundarista, organizavam os currículos de tais cursos para que os mesmos pudessem atender a legislação da época. Assim foram pensados os quatro primeiros cursos de Matemática de Santa Catarina.

A figura a seguir apresenta um organograma das etapas para a formação de professores na década de 1960. As etapas educacionais consistiam na Educação de Primeiro Grau – composta pela Educação Pré-Primária (não obrigatória para menores de 7 anos) e pelo Ensino primário (obrigatória para maiores de 7 anos) – e

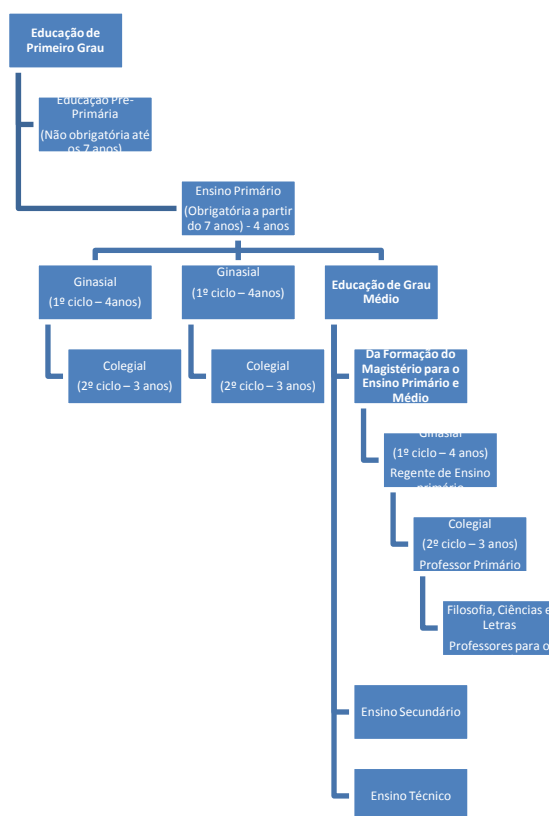
⁴⁸⁰ BRASIL (1961, p.1)

⁴⁸¹ IDEM (1961, p. 4)

pela Educação de Grau Médio – composta pelo ensino secundário, pela formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio e, pelo Ensino Técnico.

Logo, o caminho educacional percorrido por alguém que quisesse ser professor nessa época consistia em frequentar: quatro anos de Ensino Primário, ingressar na educação de Grau Médio (quatro anos de ginásial e três anos de colegial) – com essa formação já poderia ser professor do Primário se a opção do colegial fosse pelo Magistério – e ingressar da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, – neste caso formava-se para ministrar aulas no Ensino de Grau Médio – conforme podemos acompanhar pelo organograma a seguir.

Ilustração 10: Organograma para formação de professores – LDB 1961



Fonte: Produção da autora, 2021

Com as mudanças na legislação educacional em 1971, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, criando o Primeiro e o Segundo Graus, demandou um número maior de professores formados, uma vez que

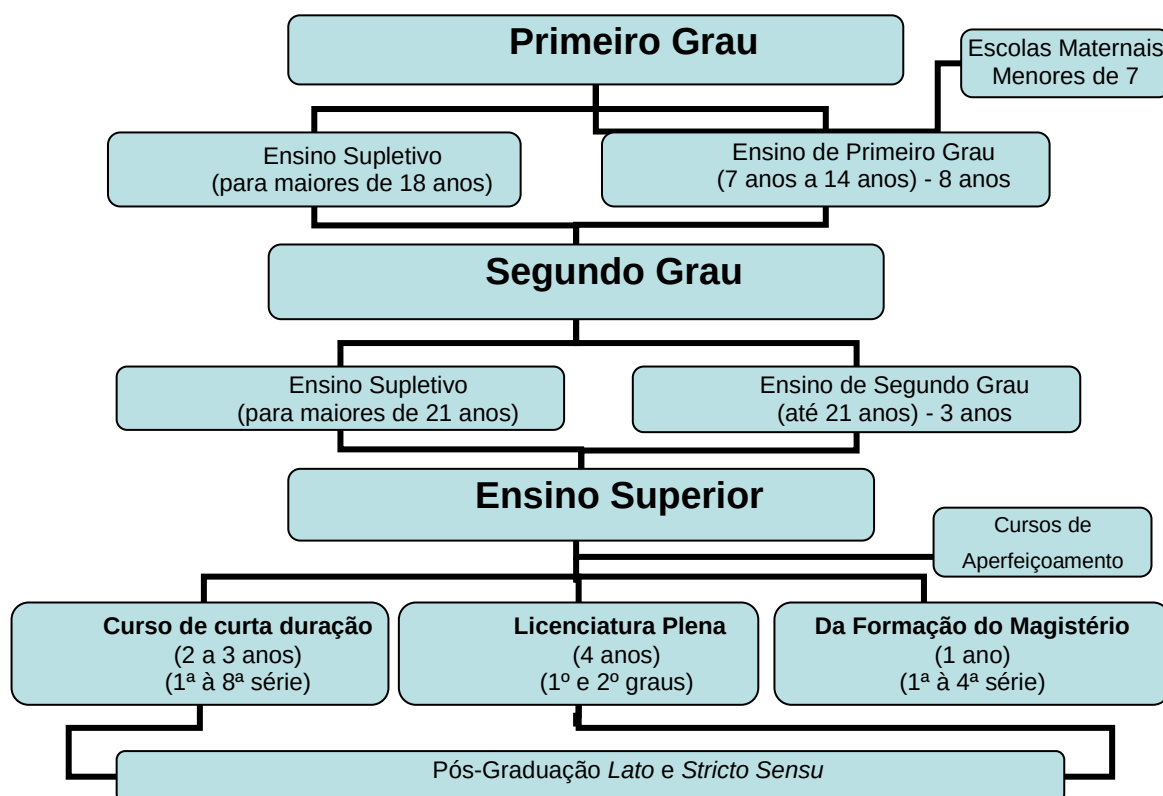
Art. 30. Exigir-se-á como formação mínima para o exercício do magistério:

- a) no ensino de 1º grau, da 1ª à 4ª séries, habilitação específica de 2º grau;
- b) no ensino de 1º grau, da 1ª à 8ª séries, habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada por licenciatura de 1º grau em curso de curta duração;
- c) em todo o ensino de 1º e 2º graus, habilitação

específica em curso superior de graduação correspondente a licenciatura plena⁴⁸².

Logo, o caminho educacional para ser docente passou a ser: oito anos de Ensino de Primeiro Grau, ingressar na educação de Segundo Grau com duração de três anos, ingressar no Ensino Superior com duas possibilidades: cursar Licenciatura Curta, com duração de 2 a 3 anos – que formava professores para o ensino de Primeiro Grau – e, cursar Licenciatura Plena, com cursos de duração de 4 a 5 anos – para formar professores para os quatro últimos anos do Ensino de Primeiro Grau, para todo o Ensino de Segundo Grau e para o Ensino Superior. Conforme esquematizado no organograma abaixo.

Ilustração 11: Organograma para formação de professores – LDB 1971



Fonte: Produção da autora, 2021.

Havia, porém, algumas ressalvas, em agosto de 1971, quando a Lei foi publicada, para os casos de ainda persistirem vagas ociosas de professores habilitados conforme a legislação

Art. 77. Quando a oferta de professôres⁴⁸³, legalmente habilitados, não bastar para atender às necessidades do ensino, permitir-se-á que lecionem,

⁴⁸² BRASIL (1971, p. 5)

⁴⁸³ Ortografia do documento original.

em caráter suplementar e a título precário: a) no ensino de 1º grau, até a 8ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 4ª série do 2º grau; b) no ensino de 1º grau, até a 6ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 3ª série do 2º grau; c) no ensino de 2º grau, até a série final, os portadores de diploma relativo à licenciatura de 1º grau⁴⁸⁴.

Com relação às adaptações legislativas para os cursos de formação, a criação dos cursos de curta duração tinha como uma das justificativas, “*uma necessidade de formar mais professores, porque a procura era muito grande, mas eles desanimavam porque o curso era muito difícil, muito longo, dispendioso*”⁴⁸⁵.

As primeiras turmas dos cursos de formação da UNIPLAC, UNIVILLE e FURB possuíam muitos alunos que já exerciam a profissão docente e, que buscavam a formação superior para que seu horizonte profissional pudesse ser ampliado.

*O curso de Matemática teve uma característica de fazer créditos. Por exemplo, tinha uma disciplina com quatro créditos, 60 horas aula, que a gente fazia nas férias, porque muitos alunos ali já eram professores de matemática, entende? Sem ter um diploma. Então fazíamos durante as férias, pois para os alunos também era melhor nas férias, para aliviar a carga horária durante a semana, porque eles tinham que trabalhar*⁴⁸⁶.

*Os alunos do curso vinham do interior, aqui da cidade também, mas mais do interior, geralmente eram professores, daí iam para fazer o curso, para ter a formação, pois a prática, a maioria deles já tinha, e aí nos identificávamos muito, pois todos tinham histórias parecidas*⁴⁸⁷.

*Na primeira turma, havia vários alunos que eram professores, mas a nossa, a segunda, também tinha vários que já eram professores. A UNIVILLE atendia toda a região. Eu lembro que nos quatro cursos que nós tínhamos lá, tinha uma Kombi de São Francisco do Sul [SC], outra de Jaraguá [SC] e Guaramirim [SC], que ia todo dia para Joinville*⁴⁸⁸.

*Bom, um ponto positivo, como eu falei, é que a gente tinha alunos que vinham de várias cidades, que já eram professores, traziam suas experiências de sala de aula, e a gente discutia*⁴⁸⁹.

*E o interessante é que, das primeiras turmas do curso de Matemática – eram turmas pequenas, no máximo vinte e cinco alunos – quase 100% dos alunos eram professores de Matemática no Estado ou em escola privada, mas basicamente nas escolas do Estado, que, porém, não tinham formação em Matemática*⁴⁹⁰.

⁴⁸⁴ BRASIL (1971, p. 9)

⁴⁸⁵ KALVELAGE (2018)

⁴⁸⁶ ALTENBURG (2018)

⁴⁸⁷ KALVELAGE (2018)

⁴⁸⁸ SELINKE (2018)

⁴⁸⁹ ALTENBURG (2018)

⁴⁹⁰ MORETO (2018)

Os destaques dos depoentes indicam que, ao menos, as primeiras turmas dos cursos em questão eram formadas, em sua maioria, por docentes das redes estaduais, municipais e privadas de ensino das regiões de Lages, Blumenau e Joinville. Essa demanda recorrente pela formação em serviço parte do pressuposto da

Sensibilização da sociedade e da *união de forças* no investimento em uma formação e prática pedagógica que respondam ao momento de transformações sócio-político-culturais dadas à importância que o papel do professor passa a assumir a partir de então⁴⁹¹.

E nesse sentido, esse movimento de sensibilização de toda sociedade trouxe para o cenário, uma luta coletiva, da qual

[...] políticos e intelectuais, mesmo com interesses divergentes, juntaram suas vozes clamando pela dignificação dos professores, pela valorização da profissão docente, por uma maior autonomia profissional, por uma melhor imagem social. Para pregar o civismo ou para imaginar o futuro, nada melhor que os professores. É para eles que se viram as atenções dos políticos e da opinião pública quando não encontram resposta para os problemas⁴⁹².

Vale ressaltar também que, mesmo que ainda não sejam as desejadas, as preocupações, até a época inexistentes, não somente mobilizaram a sociedade organizada, como também, “geraram investimentos financeiros, políticas públicas e consideráveis mudanças”⁴⁹³. Podemos citar aqui, o movimento ocorrido com a criação da FURB, na qual a sociedade assumiu o compromisso com a criação da instituição, confeccionando e vendendo rifas para a instalação de uma sede própria, mesmo que, a alta sociedade desconfiasse de sua legitimidade, conforme a fala de nossos depoentes.

As universidades, *lócus* dos cursos de formação discutidos nessa tese, enfrentaram no decorrer de sua criação e consolidação dificuldades várias, muitas delas financeiras, como o processo de intervenção judicial da UNIPLAC, a falta de demanda de alunos em diversos cursos, e como exemplo, nos cursos de Matemática, chegando, nesses últimos anos a fechar o curso, como na UNIVILLE e na UNIPLAC, respectivamente. Por algumas vezes, reestruturações internas foram feitas para que se evitasse o fechamento, como a implantação das licenciaturas

⁴⁹¹ RAMOS (2011, p. 106)

⁴⁹² NÓVOA (2000, p.13)

⁴⁹³ RAMOS (2011, p. 107)

compartilhadas. Nossos depoentes citam alguns exemplos dessa modalidade, em alguns períodos dos cursos. *“Porém, havia um diferencial. Por problemas financeiros, os primeiros anos desses cursos funcionavam todo mundo junto. Aula de metodologia, didática, era tudo junto, todos os cursos...”*⁴⁹⁴.

A forma encontrada para a contenção de custos, em algumas dessas instituições, era ofertar disciplinas compartilhadas por diversos cursos, para todos os alunos, como na fala de um de nossos depoentes,

*Nós corríamos o risco de não abrir novas turmas. Então, fizemos um processo na Universidade que foi bem interessante. Chamamos de Licenciaturas Compartilhadas. O que fizemos foi ofertar várias disciplinas para todos os cursos de Licenciatura no mesmo horário. Então, você tinha, por exemplo, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Didática, Pesquisa e Prática Pedagógica, Contexto e Organização do Discurso (Português), Metodologia Científica... Essas disciplinas todas eram oferecidas num mesmo horário para todos os alunos; assim, formavam-se turmas com 40 alunos. Encheu. Incluía alunos de Pedagogia, Matemática, de Letras, de Biologia, de Educação Física, de Artes, que eram nossos cursos*⁴⁹⁵.

Era, para a época, a solução mais eficaz de controlar os custos, principalmente com contratação de pessoal para ministrar aulas de uma mesma disciplina em todos os cursos, concentrando a carga horária, uma vez que esse sistema de licenciatura compartilhada permitia que a instituição economizasse principalmente na contratação docente. Havia também, uma justificativa pedagógica para tal atitude, uma vez que a universidade passava a ser um espaço de reflexão interdisciplinar, investigação e planejamento de sua prática pedagógica, onde “a formação não se constrói por acumulação de cursos, conhecimentos e técnicas, mas sim, através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre práticas e de reconstrução permanente da identidade pessoal”⁴⁹⁶.

Ainda assim, esse movimento pedagógico interdisciplinar, não evitou que dois dos quatro cursos, aqui apresentados fechassem recentemente, sua oferta de vagas para a formação de professores de Matemática em Santa Catarina. Podemos pensar aqui em algumas justificativas possíveis para tal ação, elencadas pelos depoentes ao longo das entrevistas:

- Falta de demanda de interessados em cursar Matemática na região;

⁴⁹⁴ KALVELAGE (2018)

⁴⁹⁵ DURIGON (2018)

⁴⁹⁶ NÓVOA (1995, p. 25)

- Criação de outros cursos nas cidades sedes dos cursos e nos seus entornos;
- Criação de cursos de formação de professores de Matemática na modalidade EaD;
- Movimento nacional no sentido de valorização/desvalorização da classe docente;

Essas são algumas justificativas que apareceram ao longo de nossa pesquisa, são justificativas que nossos depoentes apontam como possíveis, dentre as experiências que tiveram durante sua vida profissional.

*Tínhamos muito reconhecimento na sociedade, as pessoas falavam: “Óhh, é a fulana, que faz Matemática”, e isso me enchia de orgulho.*⁴⁹⁷

*O Lente Catedrático*⁴⁹⁸. 60 horas mensais. Cerca de 12 horas por semana. No meu colégio, no Centro Educacional, eram 3 ou 4 apenas que prestaram concurso em 1964, até porque para prestar concurso tinha que ter uma formação superior. E pouquíssimas pessoas tinham formação superior na época. O salário de um Lente Catedrático, só para você ter uma ideia, por 60 horas mensais, era igual ao salário de um juiz⁴⁹⁹.

Tais justificativas, expressas nos excertos anteriores retratam a valorização, ou a falta dela perante a categoria professor. Porque nos apegamos tanto a justificativas? Há diferentes modos de pensarmos sobre justificativas. Talvez como um meio de nos exirmos de um sentimento culposos, nesse caso, de abandono, de encerramento de um ciclo. Talvez como forma de nos solidarizarmos com um processo histórico de abertura, prestação de serviços, impactos para uma região, encerramento...

Ou ainda, como forma de querermos que algo seja diferenciado, que seja reflexivo, que possamos dialogar sobre uma etapa importante para a formação docente no estado.

O curso de Matemática, no início, tinha um status muito bom, todo mundo queria fazer, até os funcionários do Banco do Brasil na época entraram no curso, mas depois desistiam, pois era muito difícil. E eu acho que até hoje a Matemática tem este status de Ciência superior, plena, cheia de si, um curso para poucos. Ser

⁴⁹⁷ KALVELAGE (2018)

⁴⁹⁸ Categoria de professor efetivo do Estado, com ingresso por concurso público em 1964. Para o concurso era preciso ter formação em nível superior.

⁴⁹⁹ MORETTO (2018)

professor de Matemática é diferente, é um curso difícil. Qual professora de Matemática que, quando questionada sobre sua formação, não recebeu: “Você é louca”? É isso. É como as pessoas veem a Matemática, é a cultura, a tradição de uma disciplina forte, robusta e difícil⁵⁰⁰.

Quero falar um pouquinho da questão do trabalho do professor. Teve um momento melhor para se trabalhar, porque nós tínhamos muito apoio do quadro funcional, da estrutura do Estado, das famílias cobrando dos próprios filhos, as associações de pais e professores funcionando nas escolas, o que permitia que a gente trabalhasse e exigisse mais do aluno, no ensino fundamental e médio. Infelizmente, hoje isso se perdeu um pouco. O professor está jogado à própria sorte. Está sentindo muita dificuldade, os alunos são outros, são totalmente digitais. O aluno não é mais dependente do professor, ele é autodidata. Os pais já não conseguem controlar, e isso vai adentrando o espaço da sala de aula. E o professor vai acumulando preocupações, de ensinar, de cuidar do aluno, de educar, de fazer o aluno aprender, de fazer pensar na vida..⁵⁰¹

O formar-se professor não é um movimento único que inclui conteúdos, metodologias, estratégias e saberes. Também ficará incompleto sem estes elementos. Mas o formar-se está intrinsecamente relacionado ao movimento que se faz na procura por ser o professor que se é. Está intimamente associado à experiência, ao modo como se pensa e como se pratica a educação, à sua ideologia de educação. E nesse movimento de formar-se não somente professores, mas, uma população culta e reflexiva, pensamos em diferentes justificativas para a atual situação da formação: a quem interessa ter uma população assim?

A formação é um processo, longo e lento, de reflexão constante sobre experiências, sobre influências exercidas e absorvidas, sobre sensibilidades existentes e, principalmente, as inexistentes em nossas práticas, sobre estarmos prontos e, ainda assim, sermos seres inconclusos⁵⁰², sobre nossas adaptações, sobre o quanto conhecemos, não somente de conteúdo, mas de nós mesmos.

Essas reflexões entre as idas e voltas a Rio Claro e também nas visitas as regiões de Santa Catarina me fizeram perceber que a mudança não foi só de espaços, foi também de pensamentos, de vivências e de partilhas. O espaço mudou-me, o meio acadêmico mudou-me, os depoentes mudaram-me... Minhas experiências pelo estado me moldaram, não no sentido de me limitar ao meu próprio traço, no sentido de me formar, me transformar e me constituir. Não deixo de levar meu sotaque, pois ele é parte de mim, me constitui e, com ele levo minhas origens, minha representatividade levo o “eu”, agora transformada, reflexiva...

⁵⁰⁰ KALVELAGE (2018)

⁵⁰¹ MORETTO (2018)

⁵⁰² FREIRE (1996, p. 22)

Enfim, isso me faz diferente, me faz única, com minhas experiências, com reflexões conjuntas, com tensionamentos e discussões de colegas, professores e orientadores, me fez formar-me, e não por assim dizer, evoluir, mas desconstruir e reconstruir, e me construir novamente, a cada contato, a cada discussão, a cada questionamento.

Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único. E é ao redor deste ponto singular que se dispõe todo o existir singular de modo singular e irrepetível. Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca⁵⁰³.

E sim, existem outras variantes, para além das experiências, da trajetória e do espaço. Existe o tempo, o entendimento, o olhar para si, entre tantos outros potenciais sentidos. Existe a compreensão de que a cada nova fase de formação existe a possibilidade de estarem inclusas todas, ou grande parte dessas variantes, e se, não fosse dessa forma, não seria a pessoa da qual me transformei.

Mesmo parecendo minha essas falas, “as palavras próprias com que falamos somente são próprias porque foram esquecidas as origens. Não há próprio na linguagem. Em cada palavra há vozes, há uma plurivocalidade”⁵⁰⁴. Assim, essa narrativa, foi e é marcada “pelas vozes que me constituíram neste percurso”⁵⁰⁵: docentes, orientadores, depoentes, colegas, família, autores, entre outros, com os quais dialoguei.

10.3 Movimentos outros de Formação

Para além dos movimentos de formação inicial de professores de Matemática no estado catarinense, citados na subseção anterior, também identificamos, no decorrer dessa pesquisa e nas narrativas dos depoentes, movimentos relacionados a cursos de especialização na área de Matemática no Estado, questões de gênero na educação catarinense, as questões relacionadas ao ensino no período militar e, as instituições religiosas no ensino catarinense. Nossa intenção nessa subseção é indicar as abordagens de tais assuntos e leituras complementares, as quais auxiliarão o leitor a tencionar sobre o assunto.

⁵⁰³ BAKHTIN (2010, p. 96)

⁵⁰⁴ GERALDI (2013, p. 25)

⁵⁰⁵ NACARATO (2017, p. 769)

10.3.1 A formação complementar

Nas narrativas dos depoentes, identificamos alguns registros diferentes de formação complementar na área de Matemática no estado catarinense, ou com ligações fortes com o estado, durante as décadas de 1960 e 1970, a saber: curso de formação em Matemática pura no IMPA, curso da CADES, e, curso de especialização realizado na FIDENE do Rio Grande do Sul.

O primeiro curso citado foi um curso de três meses, realizado por uma das depoentes no IMPA, no Rio de Janeiro, com bolsa paga, e uma bolsa considerável segundo a depoente

Com relação à formação, a FURB não oferecia formação, eu sempre tive que pagar tudo do meu próprio bolso. A única vez que ganhei algo foi quando fiz o curso do IMPA. Tinha uma bolsa muito boa, isso faz quase 36 anos. Eu aluguei um apartamento mobiliado no Rio, em Copacabana, porque eu tinha um filho de 6 meses, e minha mãe tinha que ficar com ele lá no apartamento enquanto eu ia para o centro, que o IMPA ficava bem no centro. E não digo que a bolsa foi suficiente para tudo, mas ela pagou o básico⁵⁰⁶.

Um dos cursos foi pelo IMPA, do Rio de Janeiro, que foi oferecido pela FURB de Blumenau, e nós, eu e o professor José Carlos⁵⁰⁷, que também é professor da UNIPLAC, nos inscrevemos e fomos fazer. Quando eu estava fazendo a última disciplina, me acidentei gravemente e tive que suspender o curso. Então, não tenho a titulação, porque eu não pude completar esse período. O professor Aristides Barreto⁵⁰⁸, que era do Rio de Janeiro e inclusive tem livros publicados, estava dando curso para nós, mas ele não abriu mão da presença, não permitiu que eu fizesse trabalhos, compensações... E eu não recebi a titulação⁵⁰⁹.

O curso citado pela depoente, realizado em meados da década de 1970, está descrito nos relatório do IMPA, como uma das atividades praticadas na época: “Elaboração de currículos e realização de cursos de pós-graduação bem como

⁵⁰⁶ KALVELAGE (2018)

⁵⁰⁷ José Carlos Prado, aluno da UNIPLAC e, posteriormente, professor do Departamento de Matemática.

⁵⁰⁸ Aristides Camargo Barreto professor da PUC-RJ e pesquisador da área de Modelagem Matemática na década de 1970, utilizava como estratégia de ensino nas disciplinas de Fundamentos da Matemática, Prática de Ensino e Cálculo Diferencial Integral. Em 1976, realizou a primeira experiência pedagógica com 212 alunos de um Curso de Engenharia. Conjuntamente com os alunos, elaborou vários modelos em áreas específicas como Linguística, Ecologia, Biologia, dentre outras. A partir de 1989, Barreto passou a interpretar e produzir textos literários em prosa e verso, com ênfase em letras de música. Muitos desses trabalhos ele divulgou por meio de artigos e de eventos. Também, a convite do professor D'Ambrosio, fez palestra na UNICAMP, sobre este tema. Disponível em: <http://www.furb.br/cremm/portugues/cremm.php?secao=Precursores>.

⁵⁰⁹ MORETTO (2018)

cursos avançados extracurriculares, e, intercâmbio de pessoal científico por meio de estudo e missões científicas no país e exterior”⁵¹⁰.

Nesse sentido, uma das metas do IMPA, em 1972 era

Cooperar para a formação, no Brasil, de uma equipe de matemáticos capazes de dar ao país o funcionamento adequado dos departamentos de Matemática de suas universidades e o exercício da pesquisa matemática como atividade permanente, que constituirá a base teórica do desenvolvimento científico e tecnológico da nação⁵¹¹.

Logo, a oferta de curso do IMPA também influenciou o ensino de Matemática em Santa Catarina. Em caso do leitor se interessar sobre o assunto, há, nas referências desse trabalho, uma coleção de textos da professora Circe Mary Silva da Silva⁵¹² sobre os movimentos de ensino e de pesquisa no IMPA, desde sua criação, passando por discussões teóricas sobre valorização do campo científico no Brasil, e, históricos de suas origens e trajetórias.

Entre outras várias publicações, há também o trabalho de dissertação de Diogo Franco Rios⁵¹³, no qual apresenta a implantação e consolidação das atividades científicas realizadas no IMPA a partir de 1952 como parte de um projeto maior de institucionalização de novos padrões científicos no Brasil, além de informações disponíveis no site do IMPA⁵¹⁴.

O segundo curso citado por um de nossos depoentes foi um curso frequentado durante a década de 1960 em Florianópolis, o curso da CADES, *“Lembrei que fiz um curso em 1966, chamado CADES⁵¹⁵, com o professor Bosco, da Universidade Federal. Ele era do curso de Matemática. Eu fui para Florianópolis e fiz o curso lá⁵¹⁶”*.

Nas décadas de 1950 e 1960, a CADES prestou serviços à educação brasileira gerenciando a realização de cursos de treinamento para professores do ensino secundário, jornadas de diretores, simpósios de orientação educacional, encontros de inspetores do ensino secundário, cursos para secretários de estabelecimentos de ensino, bem como de publicações, entre elas a “Revista da Escola Secundária”. Nesta época, existiam as Inspetorias Seccionais do Ensino Secundário espalhadas por todo o país. Tais inspetorias eram instâncias “menores”, subordinadas às

⁵¹⁰ IMPA (1979, p. 2)

⁵¹¹ IMPA (1972, p.1)

⁵¹² SILVA (1994, 2000, 2004, 2005, 2005a, e, 2009)

⁵¹³ RIOS (2008)

⁵¹⁴ <https://impa.br/sobre/historia/>

⁵¹⁵ Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

⁵¹⁶ PISKE (2018)

Secretarias Estaduais da Educação, responsáveis pela administração do ensino nas cidades⁵¹⁷.

Além do treinamento para orientação educacional, os cursos da CADES, durante a década de 1950, também promovia cursos intensivos de preparação aos exames de suficiência e “conferiam aos aprovados o registro de professor do ensino secundário e o direito de lecionar onde não houvesse disponibilidade de licenciados por Faculdade de Filosofia”, de acordo com a Lei nº 2.430, de 19 de fevereiro de 1955.

Esses cursos, geralmente, tinham a duração de um mês (janeiro ou julho) e eram elaborados a fim de suprir as deficiências dos professores, até então leigos, referentes aos aspectos pedagógicos e aos conteúdos específicos das disciplinas que iriam lecionar ou que já lecionavam⁵¹⁸.

Nesse sentido, ao narrar sua participação no curso da CAPES, realizado com o professor Bosco, na UFSC, nosso depoente destaca que o estado catarinense estava alinhado com as políticas nacionais de educação da década de 1960, uma vez que esse curso era promovido pelo Ministério da Educação em parceria com instituições de ensino superior.

Uma leitura mais completa sobre as ações da CADES no Brasil nas décadas de 1950 e 1960 pode ser encontrada na tese da professora Ivete Baraldi⁵¹⁹ que destaca, entre outras discussões, falas de seus depoentes sobre a frequência e a importância desses cursos para o treinamento. Outras discussões importantes podemos encontrar na tese de Bruna Camila Both Miranda⁵²⁰ que discute as diferentes frentes de atuação da CADES, que visavam à criação de um novo modelo de professor Secundário no período de sua vigência, as décadas de 1950 e 1960.

Além desses textos há, também, artigos importantes que discutem o tema na região do Mato Grosso do Sul⁵²¹ os quais discutem a constituição e as contribuições da CADES para a formação de professores que ensinaram Matemática no Ensino Secundário daquela região. Sobre as atividades da CADES em Santa Catarina destacamos a dissertação de Jorge Oliveira⁵²² que discute sobre o desenvolvimento

⁵¹⁷ BARALDI; GARNICA (2005, p. 71)

⁵¹⁸ IDEM (2005, p. 72)

⁵¹⁹ BARALDI (2003)

⁵²⁰ MIRANDA (2019)

⁵²¹ LOPES; SOUZA (2014 e 2016)

⁵²² OLIVEIRA (2019)

da Campanha em Santa Catarina registrando a fisionomia histórica e sociológica da formação de professores por esse instrumento governamental.

O terceiro curso foi citado por mais de um depoente e trata-se de um curso de pós-graduação realizado em Ijuí, no Rio Grande do Sul, em parceria com a FURB de Blumenau, do qual participaram professores de toda região, como destacam nossos depoentes.

E como a gente se formou e logo foi lecionar, nós fizemos, por dois anos (eu e a Lili), fizemos um curso de especialização que foi no Rio Grande do Sul, na FIDENE⁵²³, uma Universidade chamada FIDENE, uma Fundação. Então, lá na FIDENE a gente fez esse curso de especialização, com professores da UNICAMP. Assim, por exemplo, o professor Mauro Bianchini⁵²⁴ foi um professor que veio de lá. Ele ministrou Introdução à Álgebra Linear. Tivemos também Topologia, e assim foi. Então, a gente fez por dois anos, nas férias, em julho. Teve também o professor Rodney Bassanezi⁵²⁵, são professores que eram professores “de peso” naquela época⁵²⁶.

E com o professor de Campinas⁵²⁷, eu fiz outra especialização em Ijuí [RS]. O pessoal do Rio Grande do Sul se organizou e o levou nas férias para formar os professores, e o pessoal daqui também foi para lá fazer o curso. Na época, passávamos as férias fazendo cursos⁵²⁸.

Tal curso sobre Modelagem Matemática fez parte do cronograma de ofertas de cursos com esse tema, que foi estudado com maior profundidade na tese da professora Leoni Malinoski Fillos⁵²⁹, que mesmo tendo outro recorte temporal e regional, a década de 1980 e o estado do Paraná, ainda assim, fala sobre os movimentos dos cursos de formação em Modelagem Matemática e apresenta o quadro docente que idealizou tais cursos.

⁵²³ Fundação de Integração, Desenvolvimento, e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE). Curso de pós-graduação ofertado conjuntamente entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí - RS e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), coordenada pelo professor Mauro Bianchini.

⁵²⁴ Docente aposentado do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da UNICAMP.

⁵²⁵ Um dos precursores da Modelagem Matemática no Brasil. Durante a década de 1980 coordenou alguns cursos promovidos pela UNICAMP, oferecidos em diversas Instituições de Educação Superior do sul do Brasil. Foi, por exemplo, coordenador de um Curso de Pós-Graduação organizado pela Universidade Estadual de Guarapuava - PR.

⁵²⁶ ALTENBURG (2018)

⁵²⁷ O professor citado é Rodney Bassanezi, também um dos precursores da Modelagem Matemática no Brasil. Durante a década de 1980 coordenou alguns cursos promovidos pela UNICAMP, oferecidos em diversas Instituições de Educação Superior do sul do Brasil. Foi, por exemplo, coordenador de um Curso de Pós-Graduação organizado pela Universidade Estadual de Guarapuava - PR.

⁵²⁸ KALVELAGE (2018)

⁵²⁹ FILLOS (2019)

Com relação à formação complementar para os docentes da FURB, este curso de especialização do qual lhe falei, esse de Ijuí - RS, depois, se quisesse fazer mestrado havia bolsa. Eles liberavam algumas horas da carga horária para poder fazer o Mestrado e o Doutorado. Sempre teve esse incentivo, não sei se hoje em dia tem, mas enquanto eu estava lá, muitos fizeram isso, a maioria, aqueles que foram nossos alunos é que fizeram, eram mais novos. Como a gente já estava praticamente garantida, a gente se acomoda. Então, eram os alunos que começaram a procurá-los para ter maior titulação para poder conseguir vaga como docente da FURB. Mas havia a preocupação, por parte da FURB, de formação dos seus docentes⁵³⁰.

Esses cursos frequentados por docentes catarinenses nos fazem perceber que a demanda por formação continuada era tratada com grande rigor, uma vez que a universidade, por vezes, assumiu essa questão junto a outras instituições, como a FIDENE, de Ijuí, e a UNICAMP, de Campinas.

Esses movimentos de formação complementar/continuada presentes no estado durante as décadas de 1960 e 1970 nos parecem condizentes com os movimentos feitos em nível de país para a época, tanto com relação aos cursos de curta duração como os movimentos de expansão dos cursos de pós-graduação da época.

10.3.2 As questões de gênero na educação catarinense

Nosso cotidiano está, por vezes, relacionado a algum tipo de discussão: questões relacionadas ao futebol, a ideologias, a convicções, ao preconceito, as questões de gênero, entre outras. Mas, porque resolvemos discutir aqui, questões relacionadas a gênero na educação catarinense? Por essas questões emergirem em algumas de nossas entrevistas. E, se elas apareceram, é sinal de que fizeram sentido para nossas depoentes, assim, resolvemos trazer alguns excertos, para que possamos pensar juntos sobre essas questões.

O intuito dessa subseção, não é discutirmos conceitos e talvez preconceitos relacionados a esse tema, mas pensarmos juntos quais são as possíveis justificativas para os episódios descritos por nossas depoentes envolvendo essas questões.

⁵³⁰ ALTENBURG (2018)

Alguns teóricos⁵³¹ que pesquisam sobre esse tema, acreditam que as discussões relativas a gênero estão relacionadas não somente a diferença de sexo, mas às questões estruturais da sociedade: identidade, cultura, território, patriarcalismo, relações sociais, políticas, econômicas e culturais. Assim, existe uma identidade sociocultural da qual se manifesta “através da cultura, pelos estilos de vida, hábitos, costumes, comportamentos, linguagem, música, arte, religiosidade, alimentação, no modo de vestir, na organização social, econômica e política da comunidade”⁵³².

*E aí começaram as dificuldades das quais falei: uma mulher ir trabalhar na universidade no meio dos homens. Eu era jovem, tinha 20 e poucos anos na época. Então, tive muita dificuldade de ser aceita pelos alunos, não só pelos professores, porque todo mundo me conhecia, mas pelos alunos*⁵³³.

Na organização social da época, as mulheres possuíam costumes, comportamentos, hábitos, linguagens, modos de se vestir, próprios daquele período, enfim, “eram oprimidas pela ideologia patriarcal”⁵³⁴.

Patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo, à política, à legislação e à cultura. Os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo. É essencial, porém, tanto do ponto de vista analítico quanto político, não esquecer o enraizamento do patriarcalismo na estrutura familiar e na reprodução sociobiológica da espécie, contextualizados histórica e culturalmente⁵³⁵.

Quando falamos da identidade sociocultural da população catarinense, citamos, especialmente, três conceitos “identidade, cultura e território”⁵³⁶. A Identidade, vemos se manifestar de forma silenciosa e se refletir por meio da cultura passada de geração em geração até tornar-se hábito. O território está além do espaço físico, ele

⁵³¹ LOCKS (2010); GROSSI (1998); SANTOS E MARQUES (2012); PEIXER (2002); LOURO (1997); CASTELLS (2013)

⁵³² LOCKS (2010, p. 5)

⁵³³ KALVELAGE (2018)

⁵³⁴ GROSSI (1998, p. 3)

⁵³⁵ CASTELLS (2013, p. 169)

⁵³⁶ LOCKS (2010, p. 6)

compreende muitos aspectos da realidade vivida por uma comunidade ou sociedade. É o resultado das relações estabelecidas pelos sujeitos ou indivíduos que vivem num espaço físico. São as pessoas que fazem o território através de suas relações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais⁵³⁷.

E a realidade vivida em Santa Catarina entre as décadas de 1960 e 1970 era a de uma “cultura das sociedades industriais que ‘educavam’ as mulheres para assumirem uma personalidade feminina e uma identidade de gênero específica. As mulheres eram condicionadas ao espaço familiar, longe dos espaços de poder”⁵³⁸. Neste sentido, nas décadas de 50 e 60 “intensificavam-se as matérias sobre o comportamento da mulher, a idealização da “rainha do lar”, a imagem santificada do casamento”⁵³⁹.

Eu sempre digo assim, Lidiane, eu admiro os meus pais, porque não é que eles deram o estudo para a gente, eles deixaram a gente sair para estudar. Porque, para os padrões da época, eu principalmente, por ser mulher, ficar fora, estudando, não era normal. Eles tinham uma confiança muito grande em nós, um respeito muito grande por nós, pelas ideias políticas, não ficavam implicando, sabe? Pegando no pé, nada disso. Eles eram muito compreensivos, fugiam dos padrões da época, pense em pais assim em 1960, era muito raro. Em função disso, é que eu consegui levar a Dolores e a Mirian [irmãs da depoente que também saíram de casa para estudar] para lá. Depois, os outros tiveram oportunidade de estudar na região, daí tinha faculdade em Cascavel [PR], bem mais próximo, e Cascavel também tinha curso de Matemática. Quando voltei a Medianeira, já tinha curso de Matemática em Cascavel, era Ciências com Habilitação em Matemática⁵⁴⁰.

E assim, as diferenças são construídas, e vão além das características biológicas de sexo, das quais podemos observar diariamente. “Elas perpassam as ações dos sujeitos sociais ao longo de sua vida sócio-político-histórica e, estão presente em seu meio social e no contexto das relações de poder”⁵⁴¹.

Uma coisa interessante: o curso de Letras tinha mais mulheres, pois na época era mais destinado a formar professoras, e o curso de Matemática só tinha homens; eu fui a única mulher a fazer vestibular entre os homens na época. Uma das coisas interessantes da época! Já Geografia e História tinham tanto homens quanto mulheres⁵⁴².

Em Santa Catarina nessa época, as mulheres das classes populares, quando se estabeleciam na cidade, procuravam desenvolver atividades com retorno

⁵³⁷ LOCKS (2010, p. 6)

⁵³⁸ GROSSI, 1998

⁵³⁹ PEIXER (2002, p. 162-163)

⁵⁴⁰ SELINKE (2018)

⁵⁴¹ SANTOS; MARQUES (2012, p. 3)

⁵⁴² SELINKE (2018)

econômico, como “lavação de roupa para fora, empregadas domésticas, doceiras e vendedoras de produtos ambulantes. Essas estratégias eram importantes para a sobrevivência econômica da família”⁵⁴³. Essas informações são referentes ao estado catarinense, não significa dizer que só acontecia aqui.

O que esta representação expõe são as condições ou características do que mulher e homem podem ou devem fazer, sendo, em grande parte, a descrição do que submete as mulheres, como por exemplo, dos preconceitos de que

mulheres são frágeis, enquanto aos homens não cabem tarefas como os cuidados com as crianças, entre outros estereótipos que acabam por submeter as mulheres ao trabalho caseiro, à invisibilidade, e os homens a condição de quem trabalha duro e cuida da família⁵⁴⁴.

Há em informações de ordem social e política um certo empoderamento das mulheres, com a possibilidade de ingressar em espaços públicos, a visibilidade e a necessidade de manter a família ou lutar pela sobrevivência, fatores que contribuem para a formação de novos valores sociais, o que podem contribuir para a desconstrução de um sistema que tem julgado as mulheres por séculos, enquadrando-as à condição de inferioridade e de objeto à serviço dos homens comuns, simplesmente por serem mulheres e não serem socialmente empoderadas.

Movimento semelhante podemos perceber nas discussões feitas na dissertação de mestrado⁵⁴⁵ intitulada Histórias do ensino de Matemática na educação básica catarinense (1970-1990): desafios enfrentados na formação e atuação docente, a qual teve como depoentes cinco professoras de matemática que ministraram aula em tal recorte temporal.

Em meio a estudos de gênero, conhecer o que houve em espaços sociais pode ser uma boa forma de contribuir na conscientização das mulheres sobre sua condição – e, também, sobre as condições da sociedade catarinense em geral – de que, as definições e atribuições pensadas como características femininas são construções culturais que podem ser modificadas. Se somos, mulheres e homens, seres de direitos iguais, nos faltam então possibilidades e oportunidades iguais.

⁵⁴³ PEIXER (2002, p. 163)

⁵⁴⁴ FARRA; LOCKS; GRAUPE (2016, p. 4)

⁵⁴⁵ MAIER (2016)

10.3.3 Outros movimentos no ensino

Durante a produção dessa tese, especificamente nas entrevistas, mais alguns movimentos relacionados com o ensino catarinense entre as décadas de 1960 e 1970 emergiram. Ao menos dois desses movimentos: inserção de oficial do exército em salas de aula e em movimentos estudantis na UNIVILLE, a forte formação cristã espalhada pelo estado.

O primeiro movimento foi citado na entrevista da professora com Selinke (2018) a qual destaca momentos de pânico e pavor, de silêncio forçado nesse período da História Brasileira. *“O pior de tudo era o controle do que você falava, não poder questionar, era a falta de liberdade mesmo. As pessoas eram perseguidas só porque leram um livro de Marx. Hoje as pessoas não acreditam que isso era motivo suficiente para torturar alguém”*⁵⁴⁶.

*Já estava no segundo ano do curso de Matemática, que tinha começado em 68, e eu entrei em 69, no auge do governo militar. E em Joinville, a repressão era violenta. Nessa época, no meu curso de matemática, de repente chegou um capitão do exército na nossa turma, para estudar conosco. Mas, claro, a gente tinha consciência que era para estabelecer um controle ali dentro da faculdade, um controle dos alunos. Mas na época a gente não podia abrir a boca pra dizer alguma coisa. Ele veio pra nossa turma, sei lá onde tinha feito o primeiro ano, porque ninguém nem tinha coragem de chegar e perguntar isso pra ele, porque no regime havia um limite de fala, era extremamente rígido. Sei que ele se infiltrou no diretório acadêmico, em tudo ele estava inserido, a gente sabia, na época, que ele veio para cuidar da gente*⁵⁴⁷.

Questões dessa natureza podem não ter influenciado o ensino da Matemática em nível superior no estado, existe porém, indícios de uma vinculação da educação pública aos interesses e necessidades do mercado⁵⁴⁸ e toda uma discussão de ideologias que pode ser aprofundada, conforme interesse do leitor.

Com relação ao segundo movimento, também acreditamos que pode ser um tema potencial para futuras pesquisas, uma vez que, seis (de um total de oito) de nossos depoentes citaram a passagem por alguma instituição cristã de ensino. Essas instituições vão desde as Irmãs da Divina Providência, passando por tios padres que facilitavam o ingresso nessas instituições, colégios de freiras, escolas

⁵⁴⁶ SELINKE (2018)

⁵⁴⁷ SELINKE (2018)

⁵⁴⁸ SAVIANI (2008)

presbiterianas, comunidades evangélicas fortes (na região de Blumenau), escolas de seminaristas, internatos, entre outras.

Terminei meu científico em Joinville aí fiz vestibular. Nessa época, eu morava no Colégio Santos Anjos, que era das Irmãs, foi onde meu tio arrumou para eu morar em Joinville, mas o Colégio Santos Anjos não tinha Científico na época, então eu frequentava o Estadual Celso Ramos. Nós éramos duas internas que íamos para o Celso Ramos estudar⁵⁴⁹.

Fiz o quarto ano adiantado e, como tradição de família, com onze anos de idade – hoje nenhum pai, nenhuma mãe deixa um filho sair de casa – saí de casa e fui para o seminário. Em nossa família, temos muitos religiosos, irmãos do meu pai são quatro Irmãos Maristas⁵⁵⁰ e na família da minha mãe são três religiosas, três freiras e um Irmão Jesuíta⁵⁵¹. Então, nós tínhamos oito religiosos na família, e aquilo passou um pouquinho para a gente, muito seminário, ensino religioso, uma vida mais tranquila, mais pacífica, viver dentro de uma estrutura....⁵⁵²

Essas instituições religiosas têm, até hoje, a fama de serem tradicionais, com ensino pautado na disciplina, rígido e forte. Em Santa Catarina, não é difícil de ver, pelas cidades onde andei durante o período de pesquisa, *outdoors* com propaganda da quantidade de alunos aprovados em vestibular de tais instituições de ensino.

Esses dois movimentos, não foram explicitados aqui como elementos de aprofundamento, mas como pontos superficiais de apontamento para pesquisas futuras. Talvez, os movimentos outros de formação elencados nessa seção, possam servir de inspiração para alguém que esteja lendo essa tese e queira pesquisar sobre o ensino catarinense da época.

Discutir sobre esses movimentos de formação me fez perceber, que mesmo nascendo e sempre morando nesse estado, jamais tive conhecimento sobre os quatro primeiros cursos de formação de professores de Matemática do meu estado, e todas as discussões que, a partir das entrevistas, puderam ser disparadas.

Escrever sobre a criação dos cursos de Licenciatura em Matemática de meu estado, entrevistando professores que viram e sentiram os primeiros desafios do ensino de Matemática por aqui foi algo muito gratificante. Apropriar-me, aprofundar

⁵⁴⁹ SELINKE (2018)

⁵⁵⁰ Congregação cristã fundada na França, em 1817, que tem por missão educar crianças e jovens, com valores humanos, éticos e solidários. Nos quatro cantos do mundo, em mais de 80 países, aproximadamente 500 mil pessoas são atendidas diariamente com base na filosofia de São Marcelino Champagnat, fundador do instituto. Mais informações em: <https://colegiosmaristas.com.br/sobre-o-colegio/quem-somos/>.

⁵⁵¹ Congregação cristã fundada na França em 1540, que tem objetivo de oferecer educação de qualidade. Atualmente, há aproximadamente 16 mil jesuítas atuando em torno de 100 países dos cinco continentes destacados pelo forte trabalho missionário, indo às fronteiras das dificuldades sociais.

⁵⁵² MORETTO (2018)

em temas extremamente importantes para mim e para minha formação me fazem compreender que, mesmo sendo um trabalho longo e intenso, ainda assim, é preciso assimilar tudo aquilo que nos é ofertado, em contatos telefônicos, em conversas informais, em entrevistas, em discussões com autores e, ainda assim, trazemos parte de nós, e, conseqüentemente levamos parte desses entes participantes desse processo.

Me fez pensar também em, em que a Lidiane, que torna-se agora Doutora em Educação Matemática, irá contribuir com essa região, ainda tão necessitada de formação acadêmica em Doutorado? O que essa formação irá trazer para essa região (Oeste Catarinense)? Com toda certeza contribuirá em várias outras formações ao longo das próximas décadas.

É nesse sentido que nos permitimos reconstruir, a cada leitura, releitura, avanço, pausa, recomeço, a cada processo cíclico de novos pensamentos, novas reflexões, novos desafios de nossa identidade pessoal. Temos a compreensão, em grande parte do tempo, que esse não é um movimento, fácil, e que por muitas vezes nos deixam marcas, mas são essas marcas que irão nos construir como sujeitos históricos que somos.

*Àqueles que, por meu caminho passaram
No decorrer desse movimento
Me fizeram aprender
Sem mágoa nem sofrimento
Que por mais difícil
Que a vida possa parecer
Há sempre um alento
Uma forma de compreender
Que lá fora, ou, aqui dentro
É preciso compartilhar
Todo esse ensinamento.*

11 LINHAS PARA PRÓXIMAS TECITURAS

Quando do registro do desenvolvimento de uma pesquisa devemos destacar a responsabilidade de expressar as impressões principais dos autores após um árduo trabalho de exploração de um tema. Há, porém, que se atentar para alguns pontos em que as discussões ainda parecem soltas ou insuficientes nos textos que geramos. Para esse momento, cumprimos o sentido e os objetivos desse trabalho, deixamos aqui, algumas linhas que poderão ser tecidas num futuro próximo, distante ou apenas futuro.

Penso ser necessário, em meu caso, ressaltar que venho de um programa com outra área de concentração – Educação –, e com dinâmicas diferentes das praticadas pelo PPGEM da UNESP. Em meu antigo Programa⁵⁵³, talvez por ser então recém-criado (2012), não havia a prática sistemática de discussões mais amplas acerca das temáticas dos projetos de pesquisa com pesquisadores da área externos ao curso, o que – agora percebemos – permitem discussões mais profundas, mais diversificadas, mais plurais. Esses apontamentos resultantes de pontos de vista externos, quando do meu mestrado, só foram feitos na qualificação do projeto, realizado cerca de seis meses antes da defesa. No doutorado, essas discussões já começaram ocorrer no primeiro semestre do ano de ingresso (2017), tanto no grupo de pesquisa (GHOEM) quanto na aula inaugural de 2018 (quando ocorre uma apresentação formal e pública dos projetos que até então eram elaborados e encaminhados apenas entre orientador, pesquisador e Grupo de Pesquisa). Pensamos que essas novas experiências constituem parte importante da formação de um professor e de um pesquisador, estratégicas para o desenvolvimento de discussões e para a produção de novos conhecimentos.

Outro ponto a destacar nesse meu histórico de envolvimento com Programas de Pós-graduação são as práticas diferentes dos grupos de pesquisas. Destacamos aqui a importância das atividades desenvolvidas pelo GHOEM, para aprofundamento de teorias, conversas sobre metodologias e percepções de temas de pesquisas dentro de uma área de conhecimento.

⁵⁵³ O Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), criado em 2012, com ingresso em 2013, foi o primeiro programa na área educacional, público e gratuito, criado na região oeste catarinense, e possui duas linhas de pesquisa: Políticas Educacionais e Formação de Professores: Conhecimentos e Práticas Educacionais.

É importante pensarmos quão significativas são essas práticas solidárias para os docentes que somos ou seremos e o quanto isso torna diferenciado e potencializa nosso processo de formação. Minha experiência no doutorado, com discussões dessa natureza, direcionou, por vezes, a pesquisa, sugerindo novos rumos.

Alguns temas foram abordados, talvez com pouca profundidade, no corpo desse relatório, em função da quantidade de assuntos abordados pelos depoentes, como por exemplo: o ensino cristão frequentado por parte dos depoentes em sua educação inicial, o ensino durante o período militar e as questões de gênero durante o recorte temporal selecionado (1960 e 1970). A abordagem que demos aqui foi somente para conhecimento de apontamentos de nossos depoentes, podendo esses tópicos serem propostos em pesquisas posteriores.

Além dos temas citados, alguns outros temas também foram mencionados por nossos depoentes, porém, não há como, em um único trabalho acadêmico dimensionar todos os assuntos disparados pelo material oral que temos. Um dos assuntos, porém, é a disputa do campo científico nos espaços universitários entre matemáticos e educadores matemáticos.

Para além dessas discussões podemos elencar também, algumas considerações sobre os tópicos dos quais abordamos com maior profundidade nesse relatório, quais sejam, a criação e constituição dos primeiros cursos de formação de professores de Matemática em Santa Catarina. Apontamos que, o estado de Santa Catarina possui um movimento de colonização datado de meados do século XIX, que em grande parte foi feito por colonizadores europeus, isso justifica sua população majoritariamente branca com traços de ancestralidade europeia.

O estado desenvolveu seu ensino superior em meados da década de 1930 com a Faculdade de Direito que germinou a ideia de criação, no início da década de 1960 da primeira – e por muito tempo a única – universidade federal do estado. Na mesma década de criação da universidade também foi concebido o primeiro curso de formação de professores de Matemática do estado, em 1964 (UFSC). Tal curso tem sua importância destacada em virtude de seus docentes também lecionarem nas primeiras turmas dos cursos de Joinville (UNIVILLE) e Blumenau (FURB), assim como formar docentes que, posteriormente, ingressaram em instituições de ensino superior do estado, como é o caso de Lages (UNIPAC).

Um destaque válido para esses cursos é de que, as instituições, em um primeiro momento, formaram professores para completar seus quadros docentes, uma vez que não havia profissionais habilitados para tal demanda. E após esse período, atenderam a toda uma região de abrangência fazendo com que os impactos de tais cursos fossem percebidos por uma grande extensão territorial.

Outra discussão é a de que em função da falta ou, a pouca oferta, de um ensino público e gratuito no estado, o indicativo que se teve foi a criação de instituições de direito privado para atender a demanda reprimida de formação superior. Tais instituições possuem taxas de mensalidades, o que tornava a permanência dos estudantes um processo dificultoso.

Com relação aos quatro primeiros cursos de formação de professores de Matemática no estado, destacamos pontos convergentes, como os signos da urgência e da carência como marcas da necessidade de qualificação profissional para atuar no ensino superior, já constatados em diferentes pesquisas; as mudanças legislativas/educacionais propostas em cada um dos cursos; além de outros movimentos surgidos a partir do processo de criação de tais cursos.

Quanto ao objeto de estudo, ao pesquisar o processo de constituição dos quatro primeiros cursos superiores que habilitavam professores de Matemática nas diversas regiões de Santa Catarina, construímos versões históricas sobre esse objeto e trazemos, portanto, uma contribuição deveras importante para a história política e social desse estado que, certamente, não está contemplada em outras pesquisas, outros registros, outros documentos. Destacamos assim, a relevante contribuição a um dos movimentos empreendidos no GHODEM, o projeto Mapeamento, que, junto a outras pesquisas, permite entendimentos sobre a formação e a atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil.

Com relação ao objetivo conseguimos compreender, historicamente, a partir de nossas fontes orais e documentais, como se deu o processo de criação e constituição dos quatro primeiros cursos superiores de formação de professores de Matemática em Santa Catarina compreendendo também as circunstâncias de formação e atuação de seus professores.

Respondemos ao nosso objetivo registrando de forma menos lacunar os cursos de licenciatura em Matemática ofertados em Santa Catarina entre as décadas de 1960 e 1970, a partir dos textos Espaços de formação e movimentos de

pesquisa, A precursora Universidade Federal de Santa Catarina, O Planalto Catarinense e a UNIPLAC: a intervenção, O Alto Vale do Itajaí e a FURB: uma aliança forte, e, A cidade dos Príncipes e a UNIVILLE, desse relatório. Também compreendemos aspectos da criação dos cursos de licenciatura em Matemática no estado catarinense, como os movimentos regionais instituídos para que se possibilitasse a criação das instituições de ensino superior e, posteriormente, dos cursos.

Além disso, produzimos oito fontes orais sobre a formação de professores de Matemática no Estado de Santa Catarina entre as décadas de 1960 e 1970 sendo duas relativas a UFSC (Mirian Buss Gonçalves e Aroldo Moretto) duas delas relativas a FURB (Lili Althoff Kalvelage e Neda de Mello Altenburg); duas fontes orais relativas a UNIVILLE (Teresinha Selinke e Osni Piske); e, duas relativas a UNIPLAC (Ailton Durigon e Valdeci Costa). Tais registros orais foram apresentados nessa tese no texto Sensibilidades, Trilhas e Narrativas.

Sobre estas fontes orais, deixamos aqui registrado que, embora não concordemos com algumas das falas dos depoentes, é direito deles, que as falas permanecerem no texto, uma vez que expressam suas opiniões, resultado de suas próprias experiências.

Enfim, compreendemos as proveniências e as instituições em que se formaram os professores de Matemática que ministravam aulas nos primeiros cursos de licenciatura em Matemática no estado catarinense. E as descrevemos no texto A poesia não pode parar: movimentos e particularidades, narrando os movimentos do interior catarinense, as marcas de um estado, e movimentos outros de formação.

Por fim, destacamos, a importância desse movimento de pesquisa na formação e constituição do formar-se professor no desenvolvimento desse processo. A pesquisadora que vos escreve já não é mais a mesma de quando iniciou essa pesquisa e, posso garantir, jamais será a mesma após finalizá-la.

Novas linhas trarão novas tecituras. Novos caminhos serão traçados e a outros entrelaçados ao longo de nosso caminhar.

REFERÊNCIAS

- ALBERTONI, Júlia Pedrollo. Centro de Ciências Físicas e Matemáticas: tempos e percepções. *In*: NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana. **UFSC 50 anos: trajetórias e desafios**. Florianópolis: UFSC, 2010.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Em Estado de Palavra: quando a história não consegue que se meta fora a literatura. *In*: FLORES, Maria Bernadete Ramos. (Org.); PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. (Org.). **História e Arte: Movimentos artísticos e correntes intelectuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 249-261.
- BAKHTIN, Mikahil. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BARALDI, Ivete Maria; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Traços de uma paisagem: os anos 60 e 70 e a formação de professores de Matemática na região de Bauru (SP). **Revista de Educação PUC-Campinas**, núm. 18, 2005, p. 65-74.
- BARALDI, Ivete Maria. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. 240f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.
- BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; MITRULIS, Eleny. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no País. *Estudos Avançados*, v. 15, n. 42, p. 103-144, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Textos Escolhidos** – Walter Benjamin et al. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. Antigos Proprietários rurais de Lages. **Revista da ASBRAP**, n. 6, p. 9-91, 1999. Disponível em: http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev6_art1.pdf. Acesso em 25 jan. 2021.
- BORDIGNON, Fábio. **“Venha Cá” e comece a ensinar matemática: uma história da formação de professores na região de Barreiras-BA**, 2016. 212 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016.
- BORDIGNON, Sandra de Ávila Farias. **Inserção dos imigrantes haitianos nos contextos educativos escolares e não escolares no Oeste Catarinense**. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Comunitária da Região de Chapecó, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 25 jan. 2021.
- _____. **Decreto-lei nº 64.824, de 15 de julho de 1969**: Aprova o Plano de Reestruturação da Universidade Federal de Santa Catarina. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 15 jul de 1969. Disponível:

<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto64824-15-julho-1969-406147-publicacao-1-pe.html>. Acesso em: 21 out. 2020.

_____. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**: Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º grau e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 11 ago. de 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm. Acesso em: 21 out. 2020.

_____. **LEI Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4024.htm. Acesso em: 10 fev. 2021.

CASTELLS, Manuel. **O Fim do Patriarcalismo**: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. São Paulo: Paz e Terra, 2013. p. 169-285.

CHAUÍ, Marilena. Lei nº 5.692, Ciências Humanas e o ensino profissionalizante. In: PILLETI, Nelson. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 1997.

CURY, Fernando Guedes; SOUZA, Luzia Aparecida de; SILVA, Heloisa da. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Boletim de Educação Matemática**: Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 910-925, 2014.

DAVIDOV, August. **Geometria Elementar**. Moscovo: Wikisource, 1878.

FARRA, Lizonete Dal; LOCKS, Geraldo Augusto; GRAUPE, Mareli Eliane. Gênero, educação e patriarcado no Planalto Catarinense. **Revista Gepesvida**, UNIPLAC, 2016, p. 1-17. Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/109/58>. Acesso em: 10 fev. 2021.

FERNANDES, Dea Nunes; GARNICA, Antonio Vicente Marafiotti. **Formar professores de matemática no estado do Maranhão, Brasil**: aspectos historiográficos. *Resgate: Revista Interdisciplinar De Cultura*, v. 20, n. 1, p. 42-47, 2012.

_____. **Sobre a formação do professor de matemática no Maranhão**: cartas para uma cartografia possível. 2011. 388f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

FERNANDES, Filipe Santos. **A quinta história**: composições da educação matemática como área de pesquisa. 2014, 233f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

FILLOS, Leoni Malinoski. **Modelagem Matemática nos anos 1980**: narrativas e itinerários de cursos de especialização. Tese (Doutorado em Educação Matemática). 376 f. Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2019.

FLEMMING, Diva Maria; GONCALVES, Mirian Buss. **Cálculo A: Funções, limite, derivação e integração** - 6a. Edição Revista e Ampliada. 6a.. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. v. 1.

_____. **Cálculo A: Funções, limite, derivação e integração**. 5. ed. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora Ltda, 1992. v. 1. 617p.

FLORIANI, Guilherme dos Santos. **História Florestal e Sócio-Lógica do Uso do Solo na Região dos Campos de Lages no século XX**. 230 f. Dissertação (Ciências Agroveterinárias / UDESC). Lages, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAERTNER, Rosinete. **A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968**: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. 2004, 248f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

GARCIA, Fabiano. **Rupturas, permanências e transição: “A força do povo” em Lages – SC (1977-1982)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). 76f. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. Florianópolis, 2013.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação**. Zetetiké, São Paulo, v.11, n. 19, p. 9-56, 2003.

_____.; FERNANDES, Dea Nunes.; SILVA, Heloisa da. **Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral**. Bolema (Rio Claro), v. 25, n. 41, p. 213-250, 2011.

_____. **O pulo do sapo: narrativas, história oral, insubordinação e educação matemática**. In: D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 181-206.

_____. **Cartografias Contemporâneas: mapear a formação de professores de matemática**. Curitiba: Appris, 2014.

_____. (Org.). **Mosaico, Mapa, Memória: ensaios na interface História Oral-Educação Matemática**. 1.ed. Bauru - SP: Canal 6, 2006, v. 1. CD ROM.

_____. **História oral em Educação Matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa**. **História Oral**, v. 18, n. 2, p. 35-53, 2015a.

GERALDI, João Wanderley. **Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: ou os educadores podem dizer muito com Bakhtin**. In: FREITAS, Maria Teresa. (Org.). Educação, arte e vida em Bakhtin. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 11-28.

GOMES, Letícia Nogueira. **Revista Documenta: um mapeamento da criação de cursos de graduação que formavam professores de Matemática nas décadas de 1960 e 1970**. Relatório Projeto de Iniciação Científica. Bauru, UNESP, 2016.

_____. **Revista Documenta: constituição de acervo e sistematização para estudos em História da Educação Matemática**. Relatório Projeto de Iniciação Científica. Bauru, UNESP, 2014.

GONCALVES, Mirian Buss; Gonçalves, Daniel. **Elementos de Análise**. 1. ed. Florianópolis: UFSC/EAD/CED/CFM, 2009. v. 1.

_____.; FLEMMING, Diva. Marília. **Cálculo B: Funções de várias variáveis, integrais múltiplas, integrais curvilíneas e de superfície**. 2a. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. v. 1.

_____.; FLEMMING, Diva. Marília. **Cálculo C: Funções Vetoriais, integrais curvilíneas e de superfície**. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2000. v. 1. 425p.

_____.; FLEMMING, Diva. Marília. **Cálculo B: Funções de várias variáveis, integrais duplas e triplas**. 1. ed. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora Ltda, 1999. 450p.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade: Antropologia em Primeira Mão**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Florianópolis, 1998.

HALLIDAY D.; RESNICK R. **Physics for students of Science and Engineering**. New York: John Wiley & Sons, 1963.

HENTZ, Paulo. Memórias de formação docente. *EntreVer - Revista das Licenciaturas*, v. 3, p. 200, 2013.

IMPA, Instituto de Matemática Pura e Aplicada. **Breve Histórico**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em <https://impa.br/sobre/historia/>. Acesso em 10 jan. 2021.

_____. Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada. **Relatório de atividades do Impa**. Rio de Janeiro, 1979.

_____. Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada **Relatório de atividades do Impa**. Rio de Janeiro, 1972.

IPPUJ, Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável de Joinville. **Joinville Cidade em Dados 2016**. Joinville: Prefeitura Municipal, 2016, 158p.

JOCHEM, Toni Vidal. **Pouso dos Imigrantes**. Florianópolis: Papa-Livro, 1992.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LOCKS, Geraldo. Algumas Categorias úteis para pensar a territorialidade da Serra Catarinense. In: **Educação do campo: novas práticas.** Lages, 2010.

LOPES, Marcos Henrique Silva; SOUZA, Luzia Aparecida da. **A CADES e suas contribuições para a formação de professores de Matemática no sul de Mato Grosso nas décadas de 1950 a 1970.** In: Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática, 8 Anais...Campo Grande: UFMS, 2014. p. 128-139.. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/sesemat/article/view/3073>. 5 fev. 2021.

LOPES, Marcos Henrique Silva; SOUZA, Luzia Aparecida da. **Um manual para formação de professores de Matemática pela CADES e sua perspectiva sobre como ensinar.** In: Encontro Nacional de Educação Matemática, 12 Anais...São Paulo: SBEM, 2016. p. 1-12. Disponível em http://www.sbem.com.br/enem2016/anais/pdf/5302_4377_ID.pdf. Acesso em 1 fev. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pósestruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

LUIZ, Tamiris Corrêa. **REVISTA DOCUMENTA (1980-2000): levantamento de dados e sistematização para estudos em História da Educação Matemática.** Relatório Projeto de Iniciação Científica. Bauru, UNESP, 2017.

MAIER, Lidiane Tania Ronsoni; RICHIT, Adriana. **História do ensino de matemática na Educação básica Catarinense (1970-1990): desafios educacionais enfrentados na formação e atuação docente.** Dissertação. 152 f. Universidade Federal da Fronteira Sul: Chapecó, 2016.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15-35, 2009.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. **A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960.** 2012. 379f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MELLO, Ana Claudia Collaço de. **100 ANOS DE ENSINO SUPERIOR EM SANTA CATARINA.** Florianópolis: Conselho Estadual de Educação, 2017. Disponível em: <http://www.cee.sc.gov.br/index.php/noticias/1516-100-anos-de-ensino-superior-em-santa-catarina>. Acesso em 1 fev. 2021.

MIRANDA, Bruna Camila Both. **A CADES e um novo modelo de professor secundário nas décadas de 1950 e 1960.** Tese (doutorado em Educação Matemática). 248 f. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2019.

MORAIS, Marcelo Bezerra de. **Se Um Viajante...** Percursos e Histórias Sobre a Formação de Professores de Matemática no Rio Grande do Norte. 2017. 1009f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

MUELLER, Carlos Braga. **Blumenau e a perda de território:** Como foi que o município de Blumenau ficou tão pequeno? Blumenau, 2016. Disponível em: <http://adalbertoday.blogspot.com/2016/03/>. Acesso em 20 dez. 2020.

NACARATO, Adair Mendes. Práticas de formação e de pesquisa do professor que ensina matemática: uma construção narrativa. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 10, n. 24, Mato Grosso do Sul, 2017, p. 768-779.

NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana. **UFSC 50 anos:** trajetórias e desafios. Florianópolis: UFSC, 2010.

NOGUEIRA, Christiane Wenck. **Um pouco da história do Departamento e do Curso de Matemática da Universidade Federal de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1999.

NÓVOA, Antonio. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigação em Educação**. 2 Série, número 3, 2015, p. 13-22.

_____. **Vidas de Professores.** Portugal: Porto Editora, 2000.

_____. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo.** 1995. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=12894>. Acesso em: 18 fev. 2021.

OLIVEIRA, Jorge Fredmann Santos. **A Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) em Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado em Educação). 206 f. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2019.

PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus Tempos:** o processo de constituição do espaço urbano em Lages. Lages: UNIPLAC, 2002.

PHILIPPI, Aderbal João. **São Paulo de Alcântara – A Primeira Colônia Alemã de Santa Catarina.** Florianópolis: Do Autor, 1995.

PORTELLI, Alexandro. **Tentando aprender um pouquinho:** algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História. São Paulo, n.15, 1997.

_____. **História oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAMOS, Rosenaide Pereira dos Reis. **A formação inicial em serviço:** lugar de encontro e de (re) significação do ser-saber-fazer de professores. Tese (Doutorado) 274 f. São Carlos: UFSCar, 2011.

RIOS, Diogo Franco. **Memória e história da Matemática no Brasil**: a saída de Leopoldo Nachbin do IMPA. Dissertação (Mestrado). 143 f. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Feira de Santana, 2008. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/189074/DM.diogofrios.2008.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 out. 2021.

ROCHA, Balbino Simor; EHMKE, Clarice; HUEWES, Richard; COSTA, Viegas Fernandes da. **Entrevista com Rivadavia Wollstein**: Projeto Universidade Regional de Blumenau e sua História. CMU FURB: Blumenau, 1997.

ROLKOUSKI, Emerson. **Vida de professores de matemática**: (im)possibilidades de leitura. 2006. 288f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985. Disponível em http://www.tonijochem.com.br/col_saopedro.htm. Acesso em 20 out. 2021

SANTOS, Renato Ferreira; MARQUES, Ana José. Diversidade étnico-racial: conceitos e reflexões na escola. **Encontro Regional de História da ANPUH-Rio, 15, Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2012.

SANTOS, Elciane de Jesus. Movimento da Matemática Moderna no Brasil. **Boletim Cearense de Educação e História da Matemática**, v. 7, n. 20, p. 370-379, 2020.

SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do regime militar . **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 5 jan. 2021.

_____. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto Brasileiro. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, 2009.

SEPUD, Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável. **Joinville Cidade em Dados 2018**. Prefeitura Municipal de Joinville: Joinville, 2018.

SILVA, Heloísa da. **Centro de educação matemática (CEM)**: fragmentos de identidade. 2006. 480f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

SILVA, Viviane Clotilde da; GARNICA, Antônio Vicente Marafiotti. **Mostruário de Práticas**: considerações sobre a formação e a atuação de professores dos Anos Iniciais a partir das Feiras Catarinenses de Matemática. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 29, n. 53, p. 909-935, 2015.

SILVA, José Ferreira da. **Blumenau em Cadernos, Tomo II**, n. 6, Blumenau: Jun 1959, p. 100-123. Disponível em http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1959/BLU1959006_jun.pdf. Acesso em: 5 jan. 2021.

_____. **Blumenau em Cadernos, Tomo III**, n. 1, Blumenau: Jan 1960, p. 1-24. Disponível em http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1960/BLU1960001_jan.pdf. Acesso em: 5 jan. 2021.

_____. **Blumenau em Cadernos, Tomo XXV**, n. 11/12, Blumenau: Nov/Dez 1984, p.316-370. Disponível em <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1984/BLU19840011-012.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2021.

SILVA, Circe Mary Silva da. Entrevista Elon Lages Lima. **Matemática Universitária**, n.16, p.1-18, 1994.

_____. **Lélio Itapuambyra Gama e a modernização do ensino da matemática no Brasil**. In: Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia , 7. Anais... São Paulo: Edusp; Ed da Unesp; Imprensa Oficial, 2000. p. 369-377.

_____. Formação de professores e pesquisadores de matemática na Faculdade Nacional de Filosofia. **Cadernos Pesquisas**, n.117, p.103-126, nov. 2002.

_____. Construção de um instituto de pesquisas matemáticas nos trópicos: o Impa. **Revista Brasileira de História da Matemática**, v.4, n.7, p.37-67, 2004.

_____. **O Impa e a formação de pesquisadores em matemática no Brasil**. In: COLÓQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA, 1. Anais... Natal, 2005. p.81-105.

_____. **Some german contributions to mathematics research in Brazil**. In: HOFFMANN, M.; LENHARD, J.; SEEGER F. (orgs.) Activity and sign: grounding mathematics education. New York: Springer, 2005a.

_____. O IMPA e a comunidade de matemáticos no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.138, p. 897-917, 2009.

SINPROESTE, Sindicato dos professores do Oeste de santa Catarina. **Acordo Coletivo de trabalho 2019/2020**. Chapecó: Unochapecó, 2019. Disponível em: <https://sinproeste.org.br/wp-content/uploads/2019/10/ACT-Unochapeco-IC-Registrado-1253458956.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2021.

SOARES, Endrika Leal; FRANCO, Vivian Nantes Muniz; SOUZA, Luzia Aparecida de. O que pode uma pesquisa em Educação Matemática que faz ecoar as narrativas que produz? **Perspectivas da Educação Matemática**. INMA/UFMS: v. 12, n. 29, 2019.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Educação dos sentidos e das sensibilidades: entre a moda acadêmica e a possibilidade de renovação no âmbito das pesquisas em história da educação. **História Educação (Online)**. Porto Alegre, v. 22, n. 55, 2018, p. 116-133.

TAYLOR, Howard E.; WADE, Thomas L. **Cálculo Diferencial e Integral**. México: Limusa Wiley S. A., 1967.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOILLIER, Jean Sebastian. **A formação do professor (de matemática) em terras paranaenses inundadas**. 285 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91144>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

UFFS. **RESOLUÇÃO Nº 33/2013 – CONSUNI**. Institui o Programa de Acesso e Permanência dos Povos Indígenas (PIN) da Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó: UFFS, 2013. Disponível em <https://www.uffs.edu.br/UFFS/atos-normativos/resolucao/consuni/2013-0033>. Acesso em: 10 fev. 2021.

WASSERMAN, Claudia. **Palavra do Presidente**. Porto Alegre: Edufgrs, 2002, v.1000, 199p.

WITTMANN, Angelina. Angelina Wittmann em Arte, Cultura, História e Antropologia: **Brasão da Cidade de Blumenau**. Blumenau, 2017. Disponível em <https://angelinawittmann.blogspot.com/2017/01/brasao-de-blumenau.html>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Outras Referências

<http://alertablu.cob.sc.gov.br/p/enchentes>.

<http://arquivodeblumenau.com.br/blumenau-em-cadernos/>.

<http://emec.mec.gov.br/>

<http://eronportal.com.br/>

<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/blumenauemcadernos.htm>

http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/761-Osni_Piske

<http://portal.revistavisao.com.br/post/29187/serra-do-rio-do-rastro-tera-r-20-milhoes-em-obras-para-contencao-das-encostas/>.

<http://portal.revistavisao.com.br/post/29187/serra-do-rio-do-rastro-tera-r-20-milhoes-em-obras-para-contencao-das-encostas/>.

<http://revista.uniplac.net/ojs/index.php/uniplac/article/view/1675> e
file:///C:/Users/Windows/Desktop/Doutorado%202019/Artigos/Lages%20%20UNiplac%20Escola%20Itinerante.pdf

<http://wp.clicrbs.com.br/obituarioan/2015/08/29/morre-o-professor-adil-calomeno/>.

<http://wp.clicrbs.com.br/obituarioan/2015/08/29/morre-o-professor-adil-calomeno/>.

<http://wp.clicrbs.com.br/obituarioan/2015/08/29/morre-o-professor-adil-calomeno/>.

<http://www.cee.sc.gov.br/>.

<http://www.cnec.br/nossa-historia>

<http://www.furb.br/cremm/portugues/cremm.php?secao=Precusores>.

<http://www.furb.br/cremm/portugues/cremm.php?secao=Precusores>
<http://www.furb.br/cremm/portugues/cremm.php?secao=Precusores>
<http://www.irmaosdelasalle.org/sobre-a-congregacao/quem-somos>
<http://www.portallageano.com.br/lages/historia>
<http://www.russobras.com.br/educacao.php>
<http://www.sc.gov.br/historia>
<http://www2.fc.unesp.br/ghoem/>
<http://www2.fc.unesp.br/ghoem/emporio.html>
<http://www2.fc.unesp.br/ghoem/trabalhos.php>
<https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-com-a-localizacaodelages>
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/lages.pdf>
<https://bu.furb.br/CMU/site/index.php/historico-do-cmu>
<https://colegiosmaristas.com.br/sobre-o-colegio/quem-somos/>
<https://colegiosmaristas.com.br/sobre-o-colegio/quem-somos/>
<https://cortinadopassado.com.br/>
https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Nereu_Ramos
http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/725-Nereu_Ramos
<https://estrutura.ufsc.br/mapa/>
<https://floripaarqueologica.com.br/sitios-arqueologicos-em-floripa/sambaquis/>
<https://identidade.ufsc.br/>
<https://impa.br/sobre/historia/>
<https://ndmais.com.br/noticias/a-historia-do-aeroporto-de-florianopolis-desde-a-pista-de-grama/>
<https://ndmais.com.br/noticias/morre-professor-mario-cesar-moraes/>
<https://ndmais.com.br/noticias/morre-professor-mario-cesar-moraes/>
<https://noticias.ufsc.br/2012/12/trajetoria-do-professor-stemmer-foi-marcada-por-conquistas-importantes-para-a-universidade/>
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91144>
<https://static.fecam.net.br/uploads/1534/imagens/1806763.jpg>
<https://varstation.com/pt/blog/genetica/a-ancestralidade-pelos-olhos-da-genetica/>
<https://www.amfri.org.br/>
<https://www.blumenau.sc.gov.br/blumenau/simbolos-civicos>
<https://www.escolabolshoi.com.br/institucional>
<https://www.furb.br/web/1444/multimidia/download/apresentacao>
<https://www.new.acao.org.br/acao/>

https://www.udesc.br/noticia/udesc_joinville_homenageia_ex-diretor_avelino_marcante.

https://www.udesc.br/noticia/udesc_joinville_homenageia_ex-diretor_avelino_marcante.

<https://www.viajonarios.com.br/museu-da-ciencia-e-industria-em-manchester/>

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA – PROFESSORES DO CURSO

APRESENTAÇÃO

- ✓ Apresentação pessoal;
- ✓ Formação inicial (locais, características das escolas, professores...);
- ✓ Vida escolar (como eram: o ensino, os professores, as escolas...);
- ✓ Formação Superior (instituição, local, estrutura física, quem eram os professores e a formação deles, participação na vida acadêmica, como avalia o curso...);
- ✓ Formação na pós-graduação (cursos, linhas de pesquisa, locais, características...);
- ✓ Vida profissional (experiência docente, locais, disciplinas ministradas, funções e cargos desempenhados).

O CURSO

- ✓ Histórico do curso, ano de criação, vagas, características iniciais, circunstâncias de criação.
- ✓ Condições físicas e estruturais para realização do curso.
- ✓ Cenário político e social e cultural da época;
- ✓ Condições da Instituição;
- ✓ Objetivos do curso;
- ✓ Estrutura curricular;
- ✓ Os alunos;
- ✓ Espaços e horários das aulas;
- ✓ Cursos de formação de professores de matemática próximos;
- ✓ Impacto do curso para a região;
- ✓ Como foram os primeiros anos deste curso;
- ✓ Apoio institucional;
- ✓ O colegiado do curso;
- ✓ Sua experiência profissional no curso (atividades desenvolvidas, relação com os alunos, com os colegas docentes, com o currículo das disciplinas...);
- ✓ Dificuldades enfrentadas;
- ✓ Pontos positivos do curso;
- ✓ Informações que julgar relevante sobre o curso.

APÊNDICE B – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, (NOME DO DEPOENTE), RG _____, declaro ceder à Lidiane Ronsoni Maier RG 4.523.909, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista, que lhe concedi em (dia) de (mês) de (ano), com duração de (horas/minutos/segundos) e, também os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

Assinatura do Depoente

ANEXO I – ENTREVISTA RIVADÁVIA WOLLSTEIN

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

ENTREVISTA COM RIVADÁVIA WOLLSTEIN

Entrevista concedida ao Projeto "Universidade
Regional de Blumenau e sua História", em
09/12/97.

Entrevistadores: Balbino Simor Rocha
Clarice Ehmke
Richard Huewes
Viegas Fernandes da Costa

BLUMENAU
1997

R.W.: Rivadavia Wollstein

B.S.R.: Balbino Simor Rocha

C.E.: Clarice Ehmke

R.H.: Richard Huewes

V.F.C.: Viegas Fernandes da Costa.

B.S.R.: - Eu andei vasculhando quem era o Professor Rivadavia Wollstein. Como eu não sou daqui, eu não o conhecia. Então, comecei a vasculhar.

R.W.: - Ai é bom porque fica mais isento (Risos).

B.S.R.: - Não, falaram tão bem do senhor que ...

R.W.: - Não, mas pode se falar bem, pode se falar mal também!

B.S.R.: - Não ... não ... não, imagina! Mas enfim, o que eu acho muito importante nós não ... a idéia é não fazermos uma história tradicional, essa coisa de mil isso, mil aquilo, mil aquele outro. Não. Trabalhar exatamente essa coisa do global, ou seja, como foi pensado a Universidade, e aí todos os reitores, todas as pessoas que se envolveram na construção dela, que pensaram nela de uma forma ou de outra, vão poder participar. E num terceiro capítulo como é ...

R.W.: - Só um pouquinho! Nesta fase de pensar a Universidade, existe um pequeno livro editado, que é da professora Sueli Petry e do Luis Antônio Soares que, eu acho, que reflete com muita fidelidade aquilo que foi gerando a FURB aos poucos. Partindo dos estudantes, partindo dos professores, partindo da comunidade, às vezes contra, às vezes a favor, dependendo daquilo que doía ou não doía. Mas, eu acho que é um livro que, reflete um modo de se organizar a ... não a Universidade, mas o pensamento universitário no interior de Santa Catarina.

B.S.R.: - Hum hum...

R.W.: - Acho que é isso.

B.S.R.: - Eu fico com essa preocupação, porque o Professor Mércio, em princípio, propôs que a gente fizesse uma história mais linear, datada.

R.W.: - Na base da cronologia.

B.S.R.: - Aí eu pensei, fui e voltei. Ele me mostrou alguns exemplares que ele tinha trazido das viagens pelas universidades do mundo. Eu olhei e disse: "Olha professor, vamos fazer uma coisa mais interessante para a Universidade, vamos pensar numa coisa mais positiva até para os alunos se tornarem pesquisadores, enfim, criar um espaço maior para essa questão." E aí a proposta de se criar uma coleção chamada "Coleção Furbiana" que traria toda a História da FURB e o envolvimento dela com a comunidade. A partir daí, teríamos o primeiro volume e mais uma parte que seria da Professora Sueli e do Professor Colombi, que escreveriam sobre o que seriam as imagens do semestre da FURB com textos referindo-se a elas e os fatos mais representativos de cada semestre.

R.W.: - Semestre por semestre?

B.S.R.: - Semestre por semestre!

R.W.: - A partir de 1964?

B.S.R.: - Exatamente. E aí sim, cronologicamente, porque são os fatos mais marcantes para a vida do campus.

R.W.: - A cronologia, totalmente, não pode ficar de fora! Porque senão a gente não se situa.

B.S.R.: - Não, não, não! Tem que ficar, claro

R.W.: - Eu não quero ensinar professores de história, mas ...

B.S.R.: - Não, não! Não, o que nós, temos feito na história, hoje, professor.

Não sei se o professor entendeu qual é a nossa preocupação, é a de resgatar o espaço, ou seja, as coisas acontecem num tempo, num tempo que tem o seu espaço, se não for assim elas também não se realizam. Criou-se a FURB em "1930". Sim, mas onde? Como era esse lugar? Quem eram

essas pessoas? Como é que elas viviam? Como é que se relacionavam? O que elas escreviam? Como elas davam suas aulas? Como eram os alunos? Então, se nós trabalhássemos num processo só linear da História nós deixaríamos todas essas questões de fora.

R.W.: - É, essa parte interpretativa da sociedade ia ficar de fora.

B.S.R.: - Com certeza, porque é importante se fazer, afinal, a História da FURB, não como uma coisa feia, não como uma coisa para se esconder e sim, uma História para ser mostrada.

R.W.: - Acho que nisso está uma das grandes bondades da FURB, porque, veja, bastou que a FURB começasse a existir em 1964 que, imediatamente as outras entidades, as fundações que foram se criando ao longo do tempo em Santa Catarina começaram a verificar “como vocês fizeram isso?” Então, me lembro muito bem, o Professor Diderot pode atestar essa parte da História que, em julho de 1964, nós fomos convidados para ir a Tubarão tentar instalar alguma coisa de ensino universitário, lá. Porém, não chegamos lá porque eu ainda não estava acostumado a dirigir e bati no caminho. A bordo estavam o Professor Diderot e mais dois alunos. O exemplo começara logo a frutificar. Ninguém! Olha, ninguém sabia fazer universidade em Santa Catarina. Olha, nós não sabíamos nem que, uma vez que o Conselho Estadual de Educação autorizando o vestibular, ele, com este ato, estava ao mesmo tempo autorizando o funcionamento do Curso de Economia. Isso a gente não sabia, porque não se conhecia! Portanto, muitas coisas foram feitas a partir da própria experiência, aliás, eu acho que, esse é um processo que funciona, não adianta fazer muitos regulamentos, regimentos enfim, colocar muita coisa no papel para valer, depois se a gente não viveu uma parte disso. O ideal ao meu ver, não quero ser absoluto nisso não. O ideal ao meu ver é começar da experiência, parar um pouco para respirar e depois de um pequeno período em que as vivências começaram a ser mais sentidas, depois de um pequeno período de experimentação, aí então, estabelecer regras, regimentos, estatutos, enfim, isso tudo a partir de um começo de experiência já vivida. Acho que é assim que funciona dentro

da minha concepção e acredito que tenha sido assim durante todo tempo. Foi por exemplo assim que, nasceu a Assessoria de Planejamento da FURB em que eu fui o primeiro assessor, tínhamos dois membros só, era o professor Arnaldo Rosa de Andrade e eu que, agora está acabando o doutoramento em Barcelona, aliás ele deve estar voltando hoje da Espanha, dia 9 de dezembro, segundo me comunicou em maio. Trata-se de uma pessoa super organizada. Ele deve fazer isso se for realmente considerado aquilo para o que ele foi para Espanha, ele deve ser parte do Planejamento Estratégico da FURB. É para isso que ele está estudando, está se doutorando nisso.

B.S.R.: - Eu sou colega do professor Arnaldo. Eu não sou do Departamento de História, sou do Departamento de Administração.

R.W.: - De Administração? Então já o conheceu?

B.S.R.: - Professor, voltando. Onde o senhor nasceu?

R.W.: - Em 27 de novembro de 1931, em Blumenau, Santa Catarina. Estudei aqui, fiz o primário no Colégio Sagrada Família, estudei Admissão no Colégio Santo Antônio, famoso quinto ano. Podia ser feito, podia não ser feito, podia passar, eu passei por cima da quarta série. Não fiz a quarta série. Não precisava. Não tinha muito dessa parte, podia sair, podia pular o quarto, passar para o quinto, se desse conta podia passar de primeiro para terceiro, se desse conta depois, claro, do contrário fazia o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto. Terminei o meu curso científico em 1949, também no Colégio Santo Antônio. No tempo em que o Santo Antônio era um dos estabelecimentos tradicionais e modelares aqui no estado de Santa Catarina. Não digo que não seja hoje, hoje já está um pouco mais, vamos dizer, a liderança um pouco mais questionada. Não sei se naquela época era Colégio Catarinense e Santo Antônio aqui na parte mais do norte do estado. Depois disso, fui tentar o vestibular para Engenharia na PUC do Rio de Janeiro, não passei, mas passei para o Curso de Matemática. Aí eu digo: "Bom, uma vez que, com as minhas dificuldades de movimentação que, não eram muito sensíveis naquela época,

existiam, mas, eram muito menos que se fosse hoje. Talvez não seja uma boa, andar em andaimes por aí, mas em sala de aula dá para se agüentar, é melhor". Depois de três meses de curso eu achei que não valia mais a pena, larguei a idéia de fazê-lo inteiro. Particpei muito da vida estudantil da PUC do Rio. Conheci aquela famosa série da UNE na praia do Flamengo, freqüentava à noite, muitas vezes. E terminei o bacharelado em 1955 e a licenciatura em 1957, também, na PUC do Rio de Janeiro. Estou no final de 56, o que fazer? Professor, eu era bacharel e licenciado, comecei a procurar lugar para ensinar, recebi algumas ofertas, algumas e outras sugestões muito interessantes, muito importantes de estabelecimentos do Rio de Janeiro. Inclusive o nosso Colégio Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, os Franciscanos aqui, onde o Frei Leovigildo - diretor desse colégio - me disse; " - o senhor é novo, não comece no científico não, tem que começar de baixo, o pessoal do científico irá comer as suas energias". Então, fui lecionar em Bom Sucesso, no subúrbio Carioca, fiquei quatro anos lá. O Ginásio Aliomar Pereira, ginásio na parte diurna e escola técnica na parte noturna. Fiz uma espécie de ligação entre as duas coisas, lecionava de manhã e de tarde. Quando comecei a lecionar lá no colégio que, foi em 1958 no ano de 57. Tenho uma trajetória bastante interessante. O registro de diploma era complicado lá, porque a burocracia era severa, então não consegui obter o registro logo. O professor sem registro podia atuar como professor substituto, mas não como titular. Então, o que eu fiz? Em 1957, comecei a me infiltrar na História, na História com "H", fui ao mosteiro de São Bento no Rio e falei com o monge recepcionista: "Escuta Godofredo, não dá para freqüentar a biblioteca para eu tentar fazer uma pesquisa sobre História Eclesiástica naquela época?" E foi o que eu fiz durante todo ano. Comecei pela pesquisa e depois fui lecionar. Foi uma experiência importantíssima, abriu um leque enorme de assuntos mais antigos... Eu sempre gostei de História, não tem aqueles livros do Spengler, do Toynbee, principalmente esses dois e tudo que fosse da grande História, sempre

gostei muito. Eu me sinto bem a vontade para participar com os historiadores, porque acho que sou um deles. Nós só não iniciamos na Faculdade de Filosofia aqui em Blumenau no Curso de História porque havia o Curso de História nascente em Itajaí. E nós achamos que fazer o Curso de História em Blumenau e outro em Itajaí não ia prestar, porque não havia tanto candidato a professor em duas cidades vizinhas. Aulas de História eram duas por semana, aulas de português, quatro ou cinco, de matemática...

B.S.R.: - Até seis...

R.W.: - Uma coisa que a gente geralmente faz, já em função, pensando também nas oportunidades de trabalho em quem vai sair do curso. Hoje não há demanda para tanto aluno de História. Não pelo menos para o ensino de História, para a pesquisa não, para pesquisa eu acho que a demanda é permanente. É só saber aproveitar bem os recursos que existem. Isso é mais para vocês também (risos). Não quero falar, ex-cátedra, nisso, mas é minha percepção das coisas.

B.S.R. - Professor, voltando. Como é que era...

R.W. - Agora eu vou deixar vocês falarem um pouco, porque estou falando demais.

B.S.R. - Não! Não é demais. É só para nós não passarmos despercebido. Como era a vida de estudante no primeiro e no segundo grau de Blumenau nesta época?

R.W. - Bom, é uma pergunta, no que me diz respeito, muito interessante porque enseja uma enorme pesquisa, enorme. Veja bem, uma cidade que tinha poucas linhas de ônibus, praticamente só tinha ônibus para o bairro Velha e para o bairro Itoupava Seca. O bairro Garcia, o nosso bairro, era inexplorado. Então, o deslocamento que a gente fazia era sempre para os locais mais próximos. E alguns detalhes: como era durante a segunda guerra mundial? O Brasil tinha entrado, tinha declarado guerra ao eixo, isso parece muito bom, poucas coisas, aí tinha alguns desses ônibus que eram a gasogênio. Queimava-se madeira e com a energia dessa queima, moviam-se os ônibus, depois duma adaptação. Não havia combustível, andava-se a pé mesmo.

De manhã a gente tomava café saía, pegava a lancheira, colocava o lanche e ia para a escola. De uniforme! Isso servia tanto para o Sagrada Família (onde eu fiz o primário) quanto para o Santo Antônio (onde fiz o chamado secundário). E os tipos de curso que haviam na época, por exemplo: o Pedro II, que era um Colégio do Estado, ele tinha todos os cursos e funcionava no período diurno e noturno; no período noturno funcionava o magistério, o chamado normal. No Santo Antônio, de manhã, funcionava o ginásio, após o ginásio, o científico. No período da tarde, funcionava o .. aquele... era o técnico de primeiro grau, que hoje não existe mais. Logo, mesmo no Santo Antônio, estes aos poucos vão começando a se extinguir. Existia o curso técnico de primeiro grau à tarde e à noite existia então, o primeiro auxiliar de contabilidade, depois o contador. Num tempo em que houveram muitas, muitas passagens, assim níveis, desníveis, mudanças, não mudanças. O Colégio que dispunha de 4, 5, ou 6 professores leigos e o restantes 14 eram todos sacerdotes, coisa que hoje está totalmente modificada. Até a inexistência de tanto sacerdote, para alimentar a juventude, os tempos são bastantes diferentes. E dentro do Colégio Santo Antônio, então, a gente ia para lá com a sua “muchilazinha”, o seu uniforme, os seus galardões aqui em cima. O primeiro galardão, era 1, o segundo eram 2, o terceiro eram 3, o quarto eram 4 e no científico já não se usava mais uniforme. Depois, para não trazer muitas dificuldades para os alunos, esses dragões, esses galardões, essas faixas, conforme ainda hoje se usa na aviação civil, isso foi caindo em desuso, porque achou-se que não ficava bem, assim, marcar demasiadamente o nível em que cada pessoa estava. Não sei se isto era certo ou errado, mas na época era assim! O Sagrada Família ele tinha o Curso Primário, tinha o Jardim de Infância que eu frequentei. O Primário tinha séries que eram matutinas e séries vespertinas. Por exemplo, me lembro do meu segundo ano primário foi vespertino, e a vida era aquela.

B.S.R. - E além da escola, como era essa coisa do divertimento, do lazer...?

R.W. - Era uma boa! Como isso aqui era pequeno. Em todo canto tinha um campinho de futebol. Nós tínhamos um barranco, chamado barranco, lá perto de casa, onde à tarde a gente se reunia...

B.S.R. - Escuta, onde o senhor morava?

R.W.: - Morei naquela época, na rua Sete de Setembro, número 1694. Isto é, onde hoje... quase na esquina da rua Amadeu da Luz. Ali onde é o ... o setor de separação do INSS, por ali um pouco mais abaixo, quase na esquina da rua Amadeu da Luz e o barranco era perto da loja Móveis Rosmarkt, na própria rua Getúlio Vargas. Então, a gente se deslocava para lá e batia uma bolinha. E outra coisa que a gente fazia, à tarde, era jogar clica e jogar botão. Uma beleza! Cada um tinha o seu time de futebol de botão, jogava-se lá em casa e a minha mãe que, ainda era viva na época, quando chegava 13h 30 min., recebia aquela chamada: "Dona Hilda, podemos entrar?" Dava permissão para entrar. "Pode entrar". Então, podia-se começar o jogo de futebol de botão, quando a gente cansava do botão, então a gente ia bater uma bolinha mesmo, lá em casa.

B.S.R.: - E o rio?

R.W.: - Olha, eu desconhecia o rio. Eu não conhecia o Rio Itajaí-Açú, mas conheci o Rio Hercílio aquele lá de Ibirama, e aquela parte lá do Itajaí, mais ao norte do Hercílio, alguns afluentes do Hercílio: Como Kraul, o Índios, isso eu conheci porque tinha parentes morando naquela região. Passávamos as férias de julho lá no verão. Era o mês inteiro e as férias grandes eram grandes mesmo!

B.S.R.: - Dezembro à março.

R.W.: - Mas, não sei se isso é bom ou não. Era muito bom. Eram férias, férias mesmo. E como o meu pai trabalhava o tempo todo, o dia todo... Olha férias, a gente necessita! É ruim abrir mão delas, isso não é uma boa. Férias! Férias! mesmo! Hoje em dia, a gente tem um período de férias bem mais restrito. E, o Colégio Santo Antônio, por exemplo, encerrava as aulas lá pelo dia 15 de dezembro e recomeçava no dia primeiro de março. Nessa época eram férias mesmo. Eu

acho que a gente viveu uma infância muito interessante. Tínhamos vizinhos, tínhamos conhecidos. Blumenau tinha as suas escolas de dança. Isso também deve ser apurado por vocês.

B.S.R.: - Para moças e rapazes ou...

R.W.: - Sim, escola de dança.

B.S.R.: - Ah é!?

R.W.: - Sim, existia mais de uma! As pessoas aprendiam a dançar porque as moças debutavam aos quinze anos.

B.S.R.: - Os rapazes tinham que ser pares.

R.W.: - Os rapazes não debutavam, mas, tinham que ser par.

B.S.R.: - Ou como é que ia conhecer a moça, fazer a corte.

R.W.: - É exatamente.

B.S.R.: - E como foi essa saída daqui para o Rio de Janeiro, professor? Na época devia ser uma epopéia, um lugar longe.

R.W.: - É, mas como eu estava resolvido a ser engenheiro, eu lutei muito para que isso acontecesse. E meu pai e minha mãe sempre me deram muita força para que isso pudesse acontecer. Sempre lutaram muito e ... nós... o meu pai tinha uma ele era o diretor gerente de uma companhia de seguros, a Mútua Catarinense que, tinha agência no Rio de Janeiro. Então, ele fez um acordo lá com um representante, um português ...(incompreensível) ...e que iria me alimentar daquilo que fosse necessário, isto é, só precisando de dinheiro para me sustentar nos primeiros tempos. E o interessante também é que eu, quando estava no 2º Científico, isso em 1948. Eu comecei a trabalhar num escritório de engenharia, eu comecei a me preparar. Então, eu estudava de manhã no Santo Antônio, e à tarde eu ficava naquele escritório de engenharia do Dr. Rosek. Estudei topografia, fechávamos poligonais como quem fosse ser engenheiro, que acabei

não sendo. Mas, acabei me tornando professor, acho que serviu bastante. Tanto é que aí estão os meus, cerca de 36.000 alunos ...

B.S.R.: - Com os quais o Sr. trabalhou?

R.W.: - Com os quais eu trabalhei durante esses anos todos.

B.S.R.: - Aí o senhor foi para o "Mosteiro de São Bento", o senhor começou a trabalhar ...?

R.W.: - Isso foi para fazer aquela pesquisa. O título da pesquisa era "História Eclesiástica da Inglaterra dos Primórdios até São Bento Venerável". Eu tinha delimitado isso. O Mosteiro de São Bento tem uma biblioteca riquíssima. Tem aquela coleção toda da patologia? grega, de patologia latina, aquela "Analecta Bolantiana" da Companhia de Jesus dos jesuítas. Isso tudo eles têm completo.

B.S.R.: - Quem tem uma das obras mais completas sobre o século XIX são eles, com certeza!

R.W.: - É muito bonito, eu me entusiasmei!

B.S.R.: - É um lugar lindíssimo. O Mosteiro de São Bento, quem for ao Rio e não conhecer....

R.W.: - É, a divisa da ordem é a "hora ed labora" . A gente fazia aquela pesquisa lá na biblioteca e víamos os monges, torrando café. Isso aí foi uma época muito boa na minha vida.

B.S.R.: - E aí o senhor ficou lá no Mosteiro de São Bento e começou a trabalhar lá ...?

R.W.: - Mas isso só no período da manhã, trabalhava de tarde e dava aulas particulares. Durante um ano trabalhei num escritório de topografia. Mas isso só levou um ano. Foi o ano de 1951. Aí achei que era muito mais interessante eu dar as aulas que trabalhar no escritório de topografia que, não me realizava. Mas, os meus 12 anos passados no Rio de Janeiro, assim com períodos de férias em Blumenau, foi uma época muito interessante da minha vida. Eu aprendi muito. A vida de cidade grande ... aí eu me tornei um cidadão mais do mundo.

B.S.R.: - É preciso sair para ver. Não basta ler sobre os assuntos.

R.W.: - Não basta ficar no nosso mundinho, ele é muito pequeno, muito pequeno. E, olha, assim vamos dizer ... a escola daquela época era uma coisa! Mas as comunicações daquela época eram uma coisa infernal! Olha, daqui para Curitiba, dependendo da época, a gente saía de manhã cedo, às 5 da manhã, para chegar lá às 9 da noite. Não existia a BR - 101. A gente nem se faz idéia. A BR - 101 não existia! Então, para se ir à Curitiba passava-se por Mafra. Pegava-se aquela serra lá de Jaraguá. Ia-se por Mafra já havia estrada "Dona Francisca" que liga o planalto a São Francisco do Sul. Era só a estrada "Dona Francisca", essa existia e era muito ruim! Então, quando chovia era um problema! A "Catarinense" ia daqui a Joinville, passando por Jaraguá. E a empresa que ia para Curitiba chamava-se "Viação Cometa" a mesma possuía uns ônibus para 16 ou 17 pessoas. O ônibus saía daqui levando correntes, porque se precisasse ... tinha que usar correntes para subir a serra. Porque era serra mesmo!

B.S.R.: - Então até o Rio de Janeiro era uma ...

R.W.: - Até o Rio de Janeiro era uma aventura completa! (risos)

B.S.R.: - E aí a viagem era mais ... Quando o senhor ia para o Rio de Janeiro, o senhor ia de navio ou de ...?

R.W.: - Não, avião! Era mais rápido. Acho que eu fui um dos primeiros passageiros de linhas regulares. Embarcava-se em Itajaí, que era o aeroporto e descíamos no "Santos Dumont".

B.S.R.: - O senhor nunca foi de ônibus ou de carro para o Rio? Nunca fez essa epopéia?

R.W.: - Não! Essa epopéia nunca fiz. Eu já fui de trem a São Paulo. Isso sim! Mais de uma vez.

B.S.R.: - De trem era mais fácil porque?

R.W.: - Embarcava-se em Jaraguá, pernoitava-se em Ponta Grossa e no começo da noite seguinte, depois de dois dias, estávamos em São Paulo. Mas, fiz uma vez a minha viagem inaugural para São Paulo, onde fui tratar da minha saúde, eu fui aprender a andar em São Paulo,

aos cinco anos e meio, fui de navio, embarcamos em Itajaí, minha tia, meu pai e eu, num navio chamado “Aspirante Nascimento”. Existia a linha do “Hoepcke”. Esse não era do “Hoepcke”, esse era outro dono. Tinha o Carlos Hoepcke, tinha o “Hanna” e tinha o Otto, não sei se você lembra. Saímos de Itajaí e fomos até Santos. Em Santos, tomamos o trem para São Paulo – Rio para subir a serra e chegar a São Paulo. Isso levava 3 dias. Isso quando a gente chegava bem! Se viesse uma tempestade pelo caminho era ... Olha, viajar de navio nunca mais! Não vale a pena, não aconselho para ninguém. Quem enjoa, passa muito mal.

B.S.R.: - Isso foi quando professor?

R.W.: - Isso foi em 1937. Eu saí daqui em fevereiro para começar a andar em julho de 37. Cheguei bem!

B.S.R.: - Naquela época, era diferente. Os próprios navios não tinham tantos recursos?

R.W.: - Não, a gente ... eu não saí do camarote o tempo todo! E, eu sempre fui muito dado a enjoar. E eu tenho esse meu equilíbrio muito instável. Então ... minha última viagem de sucesso num navio foi em 1969, em Natal, lá no Rio Grande do Norte. Onde meu irmão ficou baseado, em Natal. Eu assisti a última viagem de um “naviozinho” da marinha brasileira, era um navio de madeira, estava saindo da esquadra. Como foi uma viagem pequena era só sair da barra. Conhece Natal?

B.S.R.: - Conheço!

R.W.: - Era só sair, passava-se por aquele forte dos 3 mares, saía-se para o alto mar e jogava-se umas flores para o marinheiro desconhecido. E voltava-se.

B.S.R.: - Era só um ritual?

R.W.: - É, um coquetel a bordo. O meu irmão, esse é da marinha, ele, atualmente, está no penúltimo posto da marinha. Ele é vice-comandante, está indo para almirante de esquadra, eu acho que chega lá. Ele também estudou no Colégio Santo Antônio. Fez o ginásio aqui, naquela

época eu já estava no Rio de Janeiro, então eu acabei de colocá-lo lá. Colocá-lo não é um modo completo, o modo certo de dizer as coisas. Eu o levei junto porque ele ia ficar no Colégio Naval, portanto, era ali perto. Esse rapaz, de 60 anos, está hoje na marinha desde 1954 ininterruptamente. Foi quando ele entrou no Colégio Naval. Só para dizer quando ele esteve em Natal, baseado lá, eu fui fazer uma pequena viagem de navio de madeira (RISOS).

B.S.R.: - Em quantos irmãos vocês são?

R.W.: - Atualmente, somos, vivos tem esse irmão almirante, tem a minha irmã que se formou na "Federal de Santa Catarina" como professora e eu. Somos nós três agora. Mas éramos em 5, porém 2 são falecidos. Nossa pequena turma.

B.S.R.: - E aí o senhor passou esse tempo no Rio, e quando o senhor voltou?

R.W.: - Do Rio de Janeiro eu voltei em 1960, é uma outra passagem muito interessante. Voltei em 1960 para tratar de saúde. Fiquei aqui durante o ano de 1960. Em julho de 1960, fui me oferecer como professor no colégio Santo Antônio, no colégio Sagrada Família e no colégio Pedro II. Então eu já digo: "Olha, no Rio de Janeiro não vai durar muito, porque essa... olha doze anos de vida de pensão você enjoa!"

B.S.R.: - Cansa?

R.W.: - Cansa! Porque a gente não é... a gente toda vez que vem para cá, depois de ter que procurar um lugar para morar . . . O Rio de Janeiro é uma cidade terrível, faltava água, faltava luz, faltava telefone, faltava tudo. Melhor é Blumenau. Quem me acolheu aqui foi o então diretor do Colégio Santo Antônio, Frei Ernesto. E o Frei Ernesto diz: "Olha professor, terei muito prazer em recebê-lo, as aulas começam no dia primeiro de março de 1962. E lembre-se professor, o colégio dá treze salários!". E olha, eu ganhava muito mais no Colégio Santo Antônio do que no meu colégio do Rio de Janeiro. A diferença era mais ou menos assim: era de vinte e cinco mil cruzeiros aqui no Santo Antônio e era de dezessete mil no Colégio Aliomar Pereira. Todavia, o

Ginásio Aliomar Pereira foi muito bom para mim, muito bom mesmo. Porque lá, eu tinha praticamente carta branca para fazer as coisas e o Santo Antônio é um colégio que nasceu em 1877, quer dizer, já tinha uma tradição bem definida. Enquanto, que o Ginásio Aliomar Pereira, Escola Técnica de Comércio Santa Cruz era propriedade de um médico baiano, muito bom, Aliomar Pereira que, deixava a gente mais ou menos fazer as coisas como achasse melhor, desde que fizesse alguma coisa que prestasse. Voltei de lá para cá. Mas alguma coisa que consegui implantar naquele colégio foi o que aprendi no Colégio Santo Antônio enquanto aluno do Santo Antônio, por exemplo, no Rio de Janeiro os alunos não marchavam, não faziam desfiles de Sete de Setembro. Aquilo era para as forças armadas, os alunos não desfilavam. "Se o senhor colocar os seus alunos para marchar um pouquinho vai não ficar ruim, vão gostar, pode ter certeza". Marchavam meio rebolado, mas marchavam. Aí eu vim para cá...quando eu vim para cá do Rio de Janeiro para Blumenau, o meu pai me apresentou ao Dr. Martinho Cardoso da Veiga, foi aí que conheci o Dr. Martinho, primeiro reitor da FURB, que era chefe jurídico, pense bem. . Ele foi ao Pedro II, falou com o diretor, não sei se conhece, era o irmão do Professor Valdir Floriani se tinha lugar para um professor licenciado em matemática, mas não tinha. As vagas estavam tomadas por professores que não eram licenciados mas eram concursados, tudo bem até (incompreensível)... Porém na primeira oportunidade, quando surgir uma vaga vou te chamar, não conte com isso, porque o Colégio Santo Antônio ele não vai me dispensar e nem o Colégio Sagrada Família vai conceder isso. Não sei quando vou poder lecionar no Pedro II, uma vez que lecionava no Santo Antônio de manhã, no Sagrada Família à tarde e logo depois começou a surgir a FURB, com o Curso de Ciências Econômicas que era noturno. Então, vou trabalhar com vocês como? Em que período? Nunca gostei de dar aulas demais, conversava isso em sala. Quem precisa de férias, tem que ter férias mesmo.

B.S.R.: - Tem que ter tempo para pensar também, para construir conhecimento, para pesquisar um pouco...?

R.W.: - Eu sempre gostei de buscar muita informação, e sou um curioso, não sei o que vou fazer com tanta informação, mas enfim, enquanto puder vivenciar eu vou aproveitar. Agora por exemplo, se eu não estivesse aqui, estaria vendo televisão, estaria recebendo mais informação. Tem um setor da FURB que eu achei muito interessante, leve isso lá como contribuição, eu acho que eles merecem. O SPVT está funcionando muitíssimo bem, aqueles jornais da FURB, aqueles da...

B.S.R.: - Assessoria de Marketing?

R.W.: - É, aquilo tudo, todas aquelas informações que eram ditas a mim... Eu sei, olha, eu acho que sei melhor como é que está a FURB hoje do que vocês.

B.S.R.: - É possível.

R.W.: - Porque tenho informação.

B.S.R.: - E professor, como é que o senhor se envolveu na fundação da FURB, como é que essa idéia vai surgir?

R.W.: - Pois é, o Dr. Martinho, ele, além disso, aquele programa da Rádio Nereu Ramos, "Preto no Branco" que está citado naquele "livrinho" que eu falei no começo, fui entrevistado lá. O Lazinho, um chefe político daqui, ele me convidou para fazer um "Preto no Branco" e isso foi começando a surgir a idéia. O Dr. Martinho me apresentou o Milton Pompeu e começamos a trabalhar em conjunto. Naqueles, chamados tempos heróicos da FURB. Na realidade o que havia mesmo era o Dr. Martinho, o Milton, foi de uma dedicação extraordinária. (PAUSA).

R.W.: - Para ver como é que estavam as coisas em Santa Catarina na época, a Universidade Federal de Santa Catarina era... nasceu em 1962, exatamente o ano em que eu vim para cá. Era a única universidade que havia em Santa Catarina e não havia nenhum curso superior em todo

interior de Santa Catarina. E os professores licenciados eram muito raros. Quando nós começamos a lecionar aqui, onde na época, quando me ofereci no Pedro II para lecionar, em todo estado de Santa Catarina, só havia dois professores licenciados em Matemática, um aqui e outro em Mafra. Então não precisavam fazer a pesquisa, sobre se os professores, se eles eram necessários ou não, porque como não havia...e o número de aulas era de quatro por semana de Matemática. A Matemática foi um dos cursos que foi logo colocado na Faculdade de Filosofia. Essa é uma conversa que pode ir... Nós podemos conversar sobre isso ... dias. Só o senhor me perguntar, que eu vou dizendo tudo aquilo que eu acho. Algumas coisas devem ser conferidas porque eu posso estar errando em alguma coisa dado que não sou infalível. Como até agora não citei pessoas a não ser o Prof. Martinho e Prof. Milton, que realmente foi e até hoje é meu amigo e que considero muito. Ele e o Dr. Martinho são os pais da nossa Universidade. E sou uma figura assim mais de estado maior do que assim da ativa, sabe? O Dr. Martinho tinha os contatos políticos, e como havia só dois partidos na época, o PSD e a UDN, quem não era de um era de outro, isso quando alguém era de algum. Graças ao Dr. Martinho eu fui para... No primeiro ano de funcionamento, conseguimos a Escola Barão do Rio Branco para funcionar, deve ser sabido de todos. Em 64 funcionamos na Escola Barão do Rio Branco à noite, o falecido professor Mário Wisintainer era o secretário da entidade, ele fazia a limpeza das salas de aulas, depois que as aulas terminavam, porque eram umas "carteirinhas pequeninhas". Ele fazia a limpeza depois da aula. Isso em 64. Em 65, nós fomos à Escola Júlia Lopes de Almeida, na rua Venezuela, era uma escola do Estado, nós ganhamos uma ala lá porque a escola era grande demais e os alunos não ocupavam a escola toda. Todo período noturno estava vago. Então ganhamos uma ala para Biblioteca e para salas de direção, foi ali que no período da tarde quando não estava dando aula no Sagrada Família, eu tinha aula lá três vezes por semana - nas outras tardes eu passava lá na Rua Venezuela, tentando fazer a FUB transformar-se em FURB, em uma Universidade. Então,

que isso terá que ser novamente corroborado pelo professor Milton, estava colocado assim, que o Dr. Martinho faria a parte externa e o professor Milton e o professor Rufino ele, José Fernandes da Câmara Canto Rufino que foi o primeiro diretor da Faculdade de Direito. Não sei se já sarou do derrame que teve recentemente, não sei. Eles funcionavam mais na parte interna. Um era vice-reitor administrativo, no caso o professor Milton e outro era o vice-reitor de ensino, no caso o professor Rufino. Criamos então, uma estrutura de centros. Interessante, essa estrutura de centros era completamente nova em Santa Catarina. Criou-se alguns centros, mas a idéia que se tinha aqui em Blumenau, era que nós saíssemos por aí criando logo uma Universidade. Porém, essa idéia não vingou, quer dizer, ela não foi muito adiante porque os fatos não estavam a nosso favor. E que essa foi uma das primeiras providências quando assumiu o Pr. Orlando, o segundo reitor da FURB, ele teve que passar no Conselho Federal de Educação para colocar isso ali. “Sim escuta?”, ele foi falar com a direção do Conselho Federal de Educação, naturalmente, Conselho Nacional de Educação, naquela época chamava-se Conselho Federal de Educação. “Como é que são as coisas? Como é que ficam as coisas com a Fundação Universidade Regional de Blumenau?”. Bom, ali disseram o seguinte: “Vocês não podem usar oficialmente o nome FURB porque vocês não são Universidade, vocês podem ter toda uma estrutura de Universidade, mas não são Universidade, porque quem começa o ensino superior criando Faculdades, vai ter que continuar a criar faculdades até que essas sejam cinco, das quais pelo menos uma tem que ser Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Essa era obrigação em termos de legislação vigente no Brasil. (PAUSA). Bom, criadas as Faculdades tem que se ir até o fim faculdades, cinco, então, nós tínhamos uma solução para a FURB, que, como eu lhe disse no começo, nós não sabíamos nada, nós não sabíamos nem que a autorização de vestibular significava autorizar uma Faculdade a funcionar, nem isso a gente sabia! Coisa absolutamente nova, tínhamos que fazer assim. E foi assim que fomos fazendo. Então, Ciências Econômicas era a primeira Faculdade: Direito,

Ciências Jurídicas: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, só faltava criar mais duas. Criou-se então, a Faculdade de Educação Física e a Faculdade de Engenharia no correr do tempo. Essa e outras coisas assim muito, um outro grande problema que nós enfrentamos foi que, como não tinha muita gente sabendo das coisas, também não tinha muita gente para fazer as coisas. Então, por exemplo, um processo de reconhecimento, como é que se faz? Essa era outra pergunta que tinha que ser respondida. O reconhecimento tinha que ser feito para valer os diplomas dos alunos, bom como se faz o processo de reconhecimento? Tem que sentar alguém e fazer. Tem que fazer professor por professor, disciplina por disciplina, aprovação por disciplina ou conjunto de disciplinas, valia. Eu sei que nós ficamos devendo, Faculdade de Ciências Econômicas, nós ficamos devendo para os nossos alunos esse reconhecimento durante um par de anos. Não por má vontade, mas exatamente por não saber como fazer. E não ter quem fazer. Porque pedir, por exemplo, a alguém, "olha você vai fazer o processo de reconhecimento da Faculdade de Ciências Econômicas"? "Pois é, por onde é que eu começo? Faço como? O que eu faço?" Não é? Tinha que ser feito. Então, esta foi uma das grandes virtudes do Pr. Orlando que, assumiu a FURB na época, depois daquela briga que houve entre o Professor Milton e o Professor Rufino, que não conseguiam se entender direito, um puxava para um lado e o outro puxava para o outro. Um tinha o ensino e o outro a administração, quem tem a administração tem o dinheiro. Portanto, é difícil ensinar alguma coisa tendo que pagar alguém que a gente tem que pagar, se a gente não tem uma colaboração mais efetiva entre os órgãos que devem fazer essas coisas. Esses foram um dos piores períodos da minha vida porque eu estava envolvido nisso até a medula, e não era nenhuma coisa nem outra e tinha que ouvir as queixas dos dois lados. E era coisa séria! Bom, ali então, finalmente, o Professor Rufino nomeou uma secretária "ad doc" para fazer o processo com ele. O Professor Milton, ele também nomeou uma pessoa para colaborar no processo, para fazer o processo. Mas isso levou muito tempo. Há pessoas que gostam de falar. Em geral, quem gosta

muito de falar não é dito que goste muito de escrever, antes o contrário. Então, falar é mais fácil. Sentar e escrever é mais complicado. Principalmente quando envolve muitas minúcias. Porém, o problema, felizmente, acho que isso eu posso dizer com toda isenção, o problema não era só nosso. Porque existe uma revista do Conselho Federal de Educação que normatiza todas essas situações. É a documenta. Eu que fui durante sete anos, de 1970 à 1977, fui reserva de membro do Conselho Estadual de Educação. Quando fui lá pela primeira vez, eu descobri que o próprio Conselho Estadual de Educação, o órgão normatizador de todo o ensino em Santa Catarina, ele também não tinha, ele nem sabia o que era isso! Eles não tinham essas revistas. Então os pareceres eram dados muito mais em função da sabedoria de alguns conselheiros do que propriamente de alguma coisa mais fundamentada.

B.S.R.: - O Conselho ... O Conselho mesmo ...?

R.W.: - E isto teve que ser mudado, porque nessa época começam também as outras Fundações de Santa Catarina a serem implantadas com seus cursos, suas Faculdades, todas as suas atividades de ensino, pesquisa e extensão também. Mas diga professor!

B.S.R.: - Não. Tá interessante! Professor, como é que era a educação? Porque tem duas coisas aí, o tempo em que vocês se reuniam, mas como é que surgiu essa idéia de criar a universidade?

R.W.: - Da necessidade! Vide uma colaboração para o ... aquele "livrinho", que conta tudo certo! Porque uma vez que ensino superior autorizado e reconhecido só havia aqui em Santa Catarina em Florianópolis, como fazer no interior do estado? Onde as pessoas, por exemplo, não podiam largar o seu trabalho, simplesmente, para fazer um Curso em Florianópolis. Como fazer isso?

B.S.R.: - Isso tudo. Fico pensando essa questão da idéia, da mentalidade para nortear essas coisas, porque naquela época tem que se pensar que, olha no interior. O ensino superior lá em Florianópolis estava distante das pessoas, em geral, isso vai ter um impacto na cidade.

R.W.: - Era o interior sem BR - 101 professor! Ainda isso! Para ir daqui até Itajaí não tinha estrada asfaltada! Quer dizer, as comunicações eram muito mais precárias do que hoje. Portanto, a dificuldade de se criar um Curso em Florianópolis era muito maior.

B.S.R.: - Exigia aporte de recursos ?

R.W.: - E a presença da pessoa lá. E em virtude disso é que foi surgindo o ensino superior disseminado por toda Santa Catarina, que tem um sistema no Brasil, que é o sistema de Fundações. Fundações municipais que foram sendo implantadas aos poucos, criando-se com isso a ACAFE.

B.S.R.: - Isso tudo professor, teve um impacto muito grande na cidade. Porque ao mesmo tempo, claro, que havia a necessidade, tinha pessoas que tinham essa necessidade por não terem a oportunidade de saírem daqui, também devia ter alguma oposição. Ou não?

R.W.: - Sim! A oposição sempre houve. Porque implantar uma Universidade é primeiro lugar um ato de rebeldia, anticonservadorismo. Quer dizer que, vai ficar alguma coisa que está colocada, que vai ter que ser desfeito para o surgimento de outra. Então, uma cidade conservadora como Blumenau custou a assimilar a idéia de uma Universidade. Custou mesmo!

B.S.R.: - Porque isso mexia com os empresários, com todas essas pessoas, enfim, com todos ...

R.W.: - Um empresário imaginava que o curso deveria que ter em Blumenau era o curso de Química. O outro imaginava que devia ser o outro curso "que nada química! O bom mesmo é o Curso de Ciências Econômicas". O outro já pensava em um curso de Administração, que era uma novidade na época. Enfim, não havia unanimidades.

B.S.R.: - Nem entre eles próprios?

R.W.: - Nem entre eles próprios! E mais uma coisa! Naquele “livrinho” está consignado de uma forma muito interessante, quem fosse do PSD provavelmente teria problemas em frequentar alguma coisa da UND e vice versa. O jogo partidário que, depois ficou resolvido pela revolução. Acabou com tudo isso, inclusive com UDN e PSD.

B.S.R.: - Juntou UDN com PSD. Aqui não tinha o Partido Comunista.?

R.W.: - Não.

B.S.R.: - Não havia a possibilidade de ele existir?

R.W.: - Aqui tinha uma “celulazinha” do PSP, mas era muito pequena.

B.S.R.: - Mas, que depois também vai acabar se juntando ao ARENA?

R.W.: - É! Sim, era ARENA e MDB.

B.S.R.: - Para se polarizar as relações?

R.W.: - Com tudo isso, a gente teve que construir essa Universidade que hoje eu acho que está bem. Está bem! O movimento pró sede própria acho que é outra epopéia. Eu posso falar isso de cadeira porque não é obra minha. Aquilo é obra do Professor Pompeu! Tem que se dizer que ele ia, ele que estragou não sei quantos carros dele andando por aí para fazer aquela ... famosa, aquela reunião em Ibirama onde todos os municípios do Vale do Itajaí imaginaram uma única ... uma única voz para tornar no Vale do Itajaí o processo Universitário coeso.

B.S.R.: - Como é que foi essa reunião em Ibirama?

R.W.: - Convocou-se entidades, lideranças políticas e econômicas, industriais e comerciais, e então uma vez que já existia porque, ainda tem mais uma coisa professor, se a gente não tivesse nada para oferecer ninguém ia acreditar na gente. Então aqueles blocos “A, B e C”, já em construção e quase final de construção, eles foram uma espécie de aval para que a gente pudesse dizer “olha, está surgindo isso daqui, vocês estão vendo?” E então se fizeram os conchavos

políticos, econômicos, industriais, comerciais enfim, de toda a sociedade para que essa idéia então prosperasse. O monumento atesta isso : “unidos construímos a nossa Universidade”.

B.S.R.: - Por que essa reunião foi feita em Ibirama?

R.W.: - Para não tornar muito ostensiva a idéia que Blumenau era a cabeça disso. Para tornar isso tudo menos ostensivo. Porque Ibirama era uma cidade neutra. Não tinha curso superior algum, nem cogitava ter. Se fizessem em Blumenau ou Rio do Sul, “a não, aí tem interesse de fulano, beltrano, sicrano.” Então se fez em Ibirama porque era um ... era neutro!

B.S.R.: - Não se particularizava?

R.W.: - É. Há outros detalhes aí que precisam ser bem vistos. Que dada a quase total ignorância das coisas do ensino superior aqui em Santa Catarina, principalmente do interior de Santa Catarina. Pensava-se que, abrindo-se um determinado curso de Administração em Rio do Sul se podia fazer uma filial dele aqui em Blumenau. Como, aliás, isso se pensou. Pensou, foi até feito, mas não prosperou porque não podia prosperar. Porque a Faculdade de Administração de Rio do Sul era uma coisa, e a Faculdade de Ciências Econômicas aqui em Blumenau era outra. Eram entidades distintas.

B.S.R.: - E porque a Universidade não é como um negócio onde se vai montando filiais em todos os lugares onde se quer. Não dá para pensar dessa forma?

R.W.: - Exatamente! Embora, às vezes se queria.

B.S.R.: - É. Algumas pessoas têm essa perspectiva. Mas, quando se pensa em Universidade se pensa em pesquisa, se pensa em extensão, já para não pensar assim.

R.W.: - Já não dá para pensar assim. (SILÊNCIO) Então, eu sei que as dificuldades foram muitas. Está a par do movimento pró sede própria? Aquela onde se venderam bilhetes de rifa de cinco carros. Sabe?

B.S.R.: - Eu vi fotografias suas, eu vi até um exemplo do bilhete.

R.W.: - Eu andei vendendo alguns bilhetes na rua XV de Novembro, lá na praça Dr. Blumenau, aos domingos à tarde . Ali, eu acho que os empresários começaram a colocar um pouco mais de fé.

B.S.R.: - Porque tinha visibilidade?

R.W.: - Além de eles estarem vendo os prédios serem construídos, eles começaram também... quem é que ia comprar os bilhetes da tómbola de uma rifa que não era oficial? É uma temeridade, porém, os empresários... eles... as principais indústrias... aquilo se dividiu de tal maneira que as indústrias, quer dizer, as principais indústrias ficavam cada qual com a sua cota. Os industriais e os comerciantes ficavam com uma parte da cota e a outra parte da cota era repassada para os funcionários. Então, foi um movimento comunitário por excelência, que não foi nem o Rivadavia, nem o Milton, nem o Rufino, nem o Dr. Martinho que fizeram a Universidade. Foi toda a comunidade que fez. Houve uma participação de todo mundo.

B.S.R.: - Aí a comunidade sente o quanto é importante?

R.W.: - E depois, também se começou a ver o seguinte: aqueles que... aqueles rapazes e aquela moça, a Meri, que se formou no Curso... na Faculdade de Ciências Econômicas, na primeira turma, eles eram pessoas que tinham outros horizontes, o normal das pessoas que não tinham curso superior. Isto começou a se notar também. Notando-se isso, nós temos um outro aliado para a divulgação, o ensino superior.

B.S.R.: - Essa pessoa que se arrisca e se dispõe tem todo um outro olhar de mundo?

R.W.: - Quando um formado, primeiro aluno da nossa primeira turma, "Mário Hegel", por exemplo, foi para Joinville trabalhar para numa grande indústria, puxa pensei, ele é uma pessoa bem talhada para aquilo, tem autoridade sobre o que diz e o que faz não é? Tivemos outros alunos que foram para a Volkswagen, também das primeiras turmas, enfim, aquilo foi se disseminando. Os alunos que se formaram nas primeiras turmas não ficaram só aqui, eles foram se disseminando

pelo estado todo e por outras cidades fora do estado, e aí o movimento mesmo eclodiu, mas passamos tempos complicados. O ano de 1970 foi um ano complicadíssimo... (problemas na gravação). Porque essas fundações do interior de Santa Catarina, por exemplo, para se criar uma fundação em Joaçaba ou em Concórdia ou em Videira, onde nós, atualmente, temos os melhores cursos de Direito do Brasil, segundo a pesquisa do Ministério. E isso tudo não nasceu por acaso. Agora a nossa... Eu tenho consciência de uma coisa, fazendo justiça ao Dr. Rufino, a concepção da nossa Faculdade de Direito foi uma obra dele. Foi com aqueles estágios, os professores eram todos juizes. Porque, pelo que ele sempre dizia, e olha, quem passou por um curso de juiz não precisa a rigor se sujeitar a mais um concurso para professor, embora seja uma atividade diferente, mas ele tem um conhecimento básico para ensinar no Curso de Direito. Enquanto que, por exemplo, o ingresso para as Faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia, Ciências e Letras era feito por concurso público. Eu ingressei na FURB por concurso público. O professor Milton e o professor Diderot também é da velha guarda. O professor Brancher também, e outros que estão hoje aposentados. O Orlando Gomes, um dos articuladores da faculdade de Engenharia, também, fez concurso na época para Faculdade de Ciências Econômicas. Eu acho que no fim tudo isso fez com que o movimento, uma vez que, a árvore apresentou bons frutos, ela começou a ser aceita. Com muita dificuldade, porque não é fácil a uma entidade como Universidade obter uma credibilidade numa região muito conservadora onde se cinco aceitam bem a idéia, outros cinco não a aceitam.

B.S.R.: - Professor, o Senhor disse “uma região muito conservadora...”.

R.W.: - Pelo menos era.

B.S.R.: - É sim, mas o que era uma região muito conservadora!?

R.W.: - Uma região que não aceita muito as mudanças, pelo menos mudanças rápidas. Talvez para descrever melhor a situação, “como é que eu faço”. essas coisas não tem assim uma

definição propriamente. Mas, exemplo surge. Quando determinadas atividades mexem nos bolsos das pessoas elas começam a ficar críticas. Quem vai perder ou quem vai ganhar com isso? Qual a fatia que eu vou perder com isso? Qual a fatia que eu vou ganhar com isso? Como é que eu vou fazer? Os meus funcionários mais graduados, eles não terão que receber muito mais que os funcionários não graduados? Portanto, isso começa a mexer com o bolso. Então, isso se sente muito. Sentia-se ao menos. Veja, por exemplo, o que está acontecendo, agora com os grandes capitães da indústria, estão saindo daqui. Já saiu uma de Joinville para São Paulo, ou para centros maiores ainda, de modo que, começa-se a dizer de repente: “Olha manter uma indústria em funcionamento aqui começa a ficar muito oneroso, eu tenho condições de baratear os meus custos de produção em outras regiões do Brasil com mais sucesso. Esquecendo porém, que é preciso primeiro preparar a primeira mão-de-obra nesses outros lugares. Esse é o grande problema do conservadorismo. Ficar no *laisse faire*.

B.S.R.: - *Laisse fare, laissez fasset*. É verdade. É porque eu não sou natural de Blumenau, gosto muito daqui, estou aqui há dez anos, vim para trabalhar com o Nelson Budag na Hering, ele é professor da FURB.

R.W.: - Sim, sim o Nelson Budag era da nossa primeira turma de Química.

B.S.R.: - É o professor que eu considero muito, porque ele é muito meu amigo... Lá na Hering, me ajudou muito e a gente conversava muito sobre essas coisas. Sobre as características da cidade. Não como características ruins, mas como características sobre a dificuldade da cidade assimilar esses tempos de mudanças que estamos passando, que são tempos muito rápidos. Esses últimos 30, 40 anos, houveram grandes mudanças no mundo todo e a cidade procura viver ainda de uma mesma forma? Eu sempre lembro, tinha uma pessoa que estagiou comigo na Hering, Eberardh era um rapaz que veio da Comunidade Econômica Européia e ele dizia que aqui não tinha nada da Alemanha. Que aqui era um outro lugar, uma outra cultura que não era a cultura

alemã, porque essas coisas não se via na Alemanha, hoje. Ele era muito jovem, ainda tinha 18 anos, esse rapaz fazia uma análise muito interessante, pois aqui nós mantivemos alguns valores que lá não existem mais.

R.W.: - Sociedades de Caça e Tiro ainda existem lá em alguns lugares, por exemplo, lá na região de Munique, na Baviera e em outros lugares.

B.S.R.: - Mas, com algo folclórico, não como cotidiano?

R.W.: - Aqueles “programinhas” que a “Deutsche Welle” nos apresenta nos fins de tarde de domingo. Alguns apresentadores interessantes vestidos à caráter, mas é folclórico mesmo. Me lembro bem do Nelson Budag. Aliás, o Curso de Química, praticamente nasceu por acaso. Não era para ter curso de Química no início. Mas, como vice-diretor nomeado para a Faculdade de Filosofia era um químico. Então, ele começou: “mas Rivadavia, escuta, você tem o Curso de História Natural, tem muitas disciplinas de química, porque não abrimos o Curso de Química de uma vez, já que a área têxtil está muito interessada neste curso, depende da área de química.” E era verdade, ele tinha razão.

B.S.R.: - O processo de tingimento de água, essas coisas?

R.W.: - Tudo isso interessava muito. E o Curso de Química, o mais interessante, ele prosperou muito melhor que o de História Natural. Tanto é que, o Curso de História Natural acabou sendo extinto por portaria ministerial. Em pleno processo de reconhecimento da Faculdade de Filosofia, tivemos que amargar a extinção do Curso de História Natural que, era um dos nossos carros chefes. Tendo que transformar-se, obrigatoriamente, em um ano, no Curso de Ciências Biológicas. Como fazer isso? Tem que fazer! É O Conselho Federal de Educação que manda, a nós não compete discutir isso.

B.S.R.: - Nós obedecemos? (RISOS)

R.W.: - Nós temos que cumprir. Se nós queremos o reconhecimento da Faculdade temos que fazer isso. Então, estes são alguns pontos do início desse movimento todo que, vamos dizer assim, com a sequência desse projeto a gente vai, eu acho que dá para fazer muita coisa boa.

B.S.R.: - Com que atividades administrativas o senhor se envolveu?

R.W.: - Olha, eu, principalmente, me envolvi com a atividade administrativa, essa de colocar as coisas no papel, estatutos, regimentos, enfim, tudo aquilo que representava a parte burocrática. Como era professor e me movimentava muito mal, isso ficava bem para mim. Que não me trazia nenhuma dificuldade maior, e como tinha o conhecimento das coisas como elas ocorriam fora, principalmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo, então ficava fácil para eu procurar. Eu escrevia para todos esses centros para me informar como é que eram as coisas lá. Para aprender com eles.

B.S.R.: - Quando o senhor morou no Rio de Janeiro, o Rio de Janeiro era a capital da República? E, então, todos os órgãos federais, os ministérios, tudo estava lá. O Ministério da Educação demorou bastante para ir a Brasília, foi na década de 70.

R.W.: - Conheci aquele prédio de cabo a rabo!

B.S.R.: - Aquele prédio sob “pelotisa” (?) onde morava o Portinari?

R.W.: - É, morava o Portinari. Até obter o reconhecimento do meu diploma lá, foi uma África.. contei 14 idas ao Ministério para obter o reconhecimento. É, aí se enfrenta a mesma burocracia.

B.S.R.: - Esse reconhecimento ... por que era assim tão ...?

R.W.: - Bom, tinha que justificar tudo. Tudo tinha que dizer o seu porquê. E depois, também o seguinte, se o senhor pode ter uma idéia que, se os professores formados em Matemática no estado de Santa Catarina em 1967, havia dois, o senhor pode verificar quais eram as grandes “defecções” que haviam em toda a parte. Então, um dos grandes problemas que a gente enfrentava nesses processos de reconhecimento, e eu acho que, o principal de todos era o

problema da titulação dos professores. Não havia um Mestre, não havia um Doutor, uns poucos havia. Havia Mestres e Doutores nas áreas de História Natural, Pr. Raulino Reitz, Prof. Humberto ... lá do Herbário Barbosa Rodrigues, Humberto Klein, também já falecido. Esses eram doutores! Mas, não havia um único Doutor na área de química, nem Mestre! E muito menos na área de Ciências Econômicas. Então, acho que essa é uma dificuldade que, de certa maneira, justifica o tempo que se levou para o reconhecimento da Faculdade de Ciências Econômicas. Era complicado isso! Porque numa coisa a FURB sempre primou, pela honestidade. Então, nós nunca tivemos, por exemplo, professores que, digamos, morassem no Rio de Janeiro ou em São Paulo e que, estivessem citados no processo de reconhecimento das nossas escolas daqui. Isso nós nunca fazíamos. Nunca fizemos!

B.S.R.: - Como se fossem professores?

R.W.: - Como se fossem professores!

B.S.R.: - É. Alguns se usam desse expediente. Contratam, pagam. Como é que se conseguiam as pessoas naquele tempo? Só tinha a Universidade Federal formando profissionais. Também não havia, a Universidade era nova, a Federal, também não tinha ...

R.W.: - Em 62, não tinha lá grandes coisas. Mas, havia uma coisa muito importante que era o excelente relacionamento dos reitores da Universidade Federal com o Doutor Martinho. Isso foi, outra vez, fundamental. Por exemplo, no reconhecimento do Curso de Matemática, só para citar um exemplo pelo qual eu passei, os professores que lecionavam disciplinas nos últimos semestres do curso de Matemática aqui em Blumenau, eles provinham de Porto Alegre. Eles vinham de Porto Alegre nos finais de semana, davam aulas na Federal e depois vinham para cá, para Blumenau. Nós conseguíamos assim, por exemplo, uns professores mais complicados para o processo de reconhecimento de Matemática que, eram os de topologia e de análise matemática, os dois eram de Porto Alegre, da UFRGS. O professor "Penido", vinha para dar aula na Federal

na 6ª feira de manhã e à tarde, nós o trazíamos para Blumenau para dar aulas na 6ª feira à noite; o Professor de Análise Matemática, o Professor Meneguel, que tinha escritório de engenharia em Porto Alegre. Ele era trazido pela Universidade Federal, para dar aulas no Curso de Matemática da Federal aos sábados de manhã, e dar aula aqui na Faculdade de Filosofia da nossa FURB aos sábados à noite.

B.S.R.: - O tempo de vocês é muito bom. Vocês nem têm mais aulas aos sábados à noite?

R.W.: - Nem se pensa mais nisso!

B.S.R.: - Se eu marcar uma aula sábado de manhã ...

R.W.: - ... Já chiam? Mas, nós enfrentamos esse problema por dois anos seguidos.

B.S.R.: - Mas não tinha mão-de-obra disponível no país?

R.W.: - Não, especialmente, para isso não! O próprio Ensino Superior no Brasil, ele é relativamente recente. A própria criação da USP, que foi a primeira grande Universidade criada no Brasil, é de 33 ou 34 com professores todos italianos, porque eles também não tinham de onde trazer esses professores. Olha, se nós chegamos até aqui, eu acho que nós vamos muito longe!

B.S.R.: - E como era a questão da pesquisa, do ensino e da extensão? Como isso começou a surgir no corpo da Faculdade?

R.W.: - Bem, a extensão estava definida como ensino, pesquisa aplicada. Eu me lembro, por exemplo, que (SILÊNCIO) ..., com a criação do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (o IPT já é velhinho, é de 1972, 73, não me lembro ao certo) mas, então, aí começaram a ser oferecidos serviços à comunidade. Aqueles primeiros serviços de aferição de vapores pouco condizentes ... pouco ecológicos, soltados pela fumaça dos veículos a óleo diesel, por exemplo, isso tudo foi uma maneira de o IPT começar a apresentar serviços. Outra, de repente os nossos químicos começaram a achar com os químicos e os geólogos lá da Universidade, começaram a achar que o material tinha todas as condições para fabricar uma boa porcelana. Então, essas minas

começaram a ser implantadas, a ser descobertas, a ser usadas, a ser exploradas. Esse material calcário ... Isso foi dessa maneira. Então, onde se via alguma coisa que, a comunidade pudesse usar e que a FURB tivesse condições de produzir, essa informação era repassada para a comunidade, perguntava-se de uma maneira muito simples, "Escuta, você pode estar interessado nisso?" "Podem as bombas "HOH" estarem interessadas em bombas de sucção?" " Então, vamos ver como vamos fazer isso?" "Como é que a FURB através do IPT pode ajudar nisso?" Foi assim que aconteceu... Mas, não foi sem traumas, não!

B.S.R.: - O senhor trabalhou um tempo no IPS, professor?

R.W.: - Fui o fundador do IPS. Agora ele surgiu de uma coisa um pouco diferente. E essa história deve ser continuada porque, eu acho que, ela está interrompida e meio que abandonada. Eu numa certa ocasião, fui participar em São Paulo, num curso sobre aproveitamento de recursos para criação de atividades desse setor industrial, que eram, aqueles que obtinham isenção do imposto de renda, inclusive, então, o IPS, ele surgiu e, como se chamava (silêncio) ... nós criamos uma, criamos, bem entendido, não só eu, mas o grupo, criamos uma entidade que carregava recursos para a FURB no sentido de desenvolver esses tipos de pesquisas sociais, ou voltadas para a sociedade. A Associação dos Amigos da FURB, se chamava isso, mas essa Associação dos Amigos da FURB, atualmente, está "paradona!" Eu acho que, ali há condições de se prestar bastante serviço. O senhor não se incomoda porque eu vou, eu vou de vez em quando dar um "toquezinho" no Sálvio, no Mércio, porque algumas chatices desse tipo eu me permito.

B.S.R.: - (RISOS) Porque o instituto não pode morrer professor, ele está numa situação assim, porque eu sei, quando penso em pesquisa na área de Ciências Sociais, penso, não é que ela não traga retorno, ela traz sim, só que ela não é vista como um produto que se possa pegar imediatamente, enfim.

R.W.: - É um problema que se demanda um certo tempo ...

B.S.R.: - Exatamente, porque eu sei que nessa Associação dos Amigos da FURB, sei que alguns empresários faziam parte, sei que professores...

R.W.: - Tivemos o concurso do Sr. Ingo Hering até ele falecer, do diretor-gerente da TEKA também até falecer, do SR. "Stribel", pai da Norma e outros empresários, que gastaram algumas de suas tardes e manhãs fazendo reuniões com gente lá da FURB para dispor melhor sobre isso. Eu acho que esse é o recurso permanente que está ali e só precisa ser buscado. Nós tivemos que dar muito chá de cadeira para isso. Nós éramos uma comissão de três: o Professor Glauco, o Professor Rápido e eu que, fomos fazer visitas aos empresários, marcávamos horários, esperávamos até que terminasse a reunião do Conselho de Administração, em geral, e depois então nós fomos conversar com eles, tivemos muitos sims e muitos não, mas, valeu a pena. A Universidade teria tido muita dificuldade em ser reconhecida não fosse a Associação dos Amigos da FURB. Patrocinava muitas bolsas de estudo para professores da FURB até no exterior. O Vilmar é um desses.

B.S.R.: - É, e quem me falou muito foi a Professora Deodete Packer. Deodete me contou: "Olha, é..." Ela me contou uma parte disso, como foi a relação dela, a importância que isso tinha no desenvolvimento dos professores, não sou só eu, não é só porque eu me beneficiei disso. Porque alguns professores vieram exatamente para a Universidade sob uma perspectiva...?

R.W.: - Sim, trazidos por causa da Associação dos Amigos da FURB. Então, isso faz falta. Uma outra coisa que faz falta e que seria, essa eu acho que precisaria ser transmitida ao professor Mércio amanhã, não pode nem esperar para depois de amanhã. Aquele plano de ajuda aos alunos carentes com bolsas rotativas, que está em vigor na PUC do Paraná, eles têm recursos orçamentários especialmente para este fim. Bolsas rotativas. O aluno usa a bolsa por um certo tempo, depois repõe os recursos no todo ou em parte, e assim vão se criando novas bolsas para

estimular outros alunos a usarem. Esse movimento é um movimento contínuo. Isso leva o nosso reitor lá da Universidade Católica do Paraná que é um antigo chefe do gabinete do Ministério da Educação, o Professor Euro Brandão, ele gosta disso, se entusiasma com isso.

B.S.R. - Permite que ao tempo a Universidade financie outras bolsas e que as pessoas se autofinanciem também. Quase como um crédito educativo, só que da própria Universidade, sem depender das bolsas do governo ?

R.W. - Ah, não! Se depender só do crédito educativo, a coisa é muito devagar. Outras atividades... todas as atividades prestadas pela Associação dos Amigos da FURB, tinham isenção do imposto de renda. Todas, absolutamente todas! Inclusive um dos alunos da 1ª turma, o Norton Siqueira, ele foi durante a época da implantação da Associação, ele era o Diretor Regional do Imposto de Renda para esta região. Então, conseguiu-se o parecer dele sobre essa possibilidade de isenção. Foi uma coisa fácil, porque podia. E se podia, porque não fazer? Então, conseguir recursos pode parecer uma coisa difícil. Ela não é fácil, porque os recursos não estão nascendo em árvore. Mas, não é tão difícil assim como se pode imaginar, às vezes.

B.S.R. - Pois é, porque eu, às vezes, fico pensando, que no processo de passagem da Fundação para a Universidade, nós (eu vou usar uma palavra que não é bem essa), nós perdemos uma característica, que era a da criatividade mesmo.

R.W.: - Perdemos naquela ocasião e perdemos mais hoje, dois anos depois. Quando a FURB , com a Constituição de 88, de repente começou a ser uma entidade de direito público.

B.S.R.: - Porque eu acredito que naquele período em que a Universidade foi fundada, enfim, juntar esses recursos era muito mais difícil. Como o senhor mesmo contou, vender uma rifa de algo que nem se sabia se ia se ter. Quer dizer, nem sabia se aquilo que se estava vendendo existia. Existiria, que não existia!?

R.W.: - Não, porque o senhor não conhece uma outra Faculdade, Universidade que foi criada com o auxílio de uma rifa. Isso não existe!

B.S.R.: - Com cotas para empresas, para empregados?

R.W.: - Com cotas para empregados, para dirigentes de empresas. Isso só existe aqui! Mas, esse tipo de coisa requer primeiro uma grande credibilidade. Porque ninguém também vai dar os recursos e essa credibilidade e aí vem outra vez o conservadorismo numa região como a nossa, ela só se dá depois que as pessoas vêem as construções. Só depois!

B.S.R.: - Por que o senhor acha que as pessoas demoram tanto, só acreditam vendo?

R.W.: - Isso já não está na Bíblia? São Tomé não foi assim?

B.S.R.: - Ver para crer? Mas, as pessoas da nossa região que, fundamentação cultural elas teriam para agir dessa forma? Por que não eram pessoas desnutridas, certamente, de uma certa informação, até intelectual assim, porque o ato de ler havia, o teatro havia, os clubes de dança, todas essas coisas são importantes no desenvolvimento intelectual das pessoas?

R.W.: - Agora, uma das características mais antigas da nossa região, não só de Blumenau, mas de toda região, é o amor ao trabalho. Isso faz com que pelo trabalho é que se adquire a credibilidade. Veja outra coisa, isso são hipóteses. Outras coisas que podem levar a isso é a diferença de religião, por exemplo. Em Blumenau, aqui nessa região, os evangélicos (os não-católicos), eles sempre foram muito mais bem abonados na fortuna do que os católicos que, eram mais pobres. Mas de onde surgiu isso? Do trabalho. É a mentalidade do trabalho. Existe nesse aspecto (comentei isso uma vez com o Mércio que, aceitou isso tranquilamente), existe uma ética protestante nisso; no trabalho. Acho que o trabalho é que é abençoado sabe! E isso se transmite. Exemplo: Eu tive um primo (ele é falecido, hoje), ele tinha, porque meu pai, principalmente, o ajudou a ter algumas ações na Cônsul, da Tupy lá de Joinville. Ele achava que os filhotes (que ele não deveria subscrever elevação de capital dessas sociedades), porque aquilo não foi

conseguido pelo trabalho dele. E esse era católico. Pela mentalidade dele era essa. Quer dizer, para ele assim o mundo dos negócios, esse efeito dominó dessas bolsas do Japão, de Taiwan e etc, para ele isso não faria o menor sentido. Então, é um tipo de acumulação de riquezas que provém de outro tipo de idéia, ou digamos assim, a acumulação de capital entre muitos evangélicos é considerada um prêmio divino. Exatamente, porque a pessoa está se ... é assim que a pessoa adquire uma ... o esforço dele, ele, está sendo recompensado dessa forma. Essa é uma interpretação que eu dou, pode haver outras, pode ser até que eu me engane! Mas, sem dúvida, essa será uma delas. Mas, veja professor, se o responsável, hoje, pela nossa FURB que, tem sobre si carrear recursos para a instituição, se ele começar a estudar com afinco todos os modos pelos quais esses recursos podem ser carreados para a FURB, sem ônus para a FURB, ele vai ter feito uma grande coisa! E veja que, eu não estou falando *economês*, não estou falando nada disso.

B.S.R.: - Porque dá sustentação a outros projetos da Universidade. É um olhar para o futuro, eu compreendo o que o senhor está dizendo. É uma discussão que eu sei que, o Professor Egon e o Professor Mércio tem trazido constantemente à gente e ...?

R.W.: - E agora que exigem, olha isso, exige trabalho, muita reflexão e acho que o tempo que eles nem sempre tem. Porque, às vezes, é melhor não ter um reitor caixeiro viajante, tê-lo lá dentro de quatro paredes para pensar.

B.S.R.: - Mas, já tem os pró-reitores...?

R.W.: - Olha essa instituição Pró-Reitores, ela é relativamente recente, antigamente não tinha.

B.S.R.: - Porque Professor, temos os pró-reitores, os chefes de divisão essas pessoas tinham que estar pensando em seus espaços.

R.W.: - Pois é mas, não sei se estão pensando assim ou se estão pensando baseados em alguma experiência que eles tem vivido. E olha, quem não viveu a experiência não chega lá, ou chega

muito mais dificilmente. Essa é a diferença. É o que eu posso fazer agora, colocar a minha experiência acumulada a disposição. Faço todo dia gostosamente. Nem espero que façam tudo o que eu diga, mas, que de vez em quando saia uma coisa que de repente é... adquirir aquele local da Maju quando faliu e colocar lá algum curso ou algum estacionamento, coisas assim não são difíceis de pensar. Estão ali na frente. O próprio funcionamento hoje em dia do pensamento comunitário eu acho que ajudaria muito porque cada um traz a sua experiência pessoal e esse somatório de experiências pessoais se às vezes não um resultado mostruosamente grande, mas muda um pouco a mentalidade das pessoas. Olha gente, eu acho que dentro desse projeto nós vamos ter inúmeras ocasiões que... falar dessas coisas. Coisas que faço gostosamente, por que afinal de contas o que eu ainda posso fazer pela FURB? É isso.

B.R.S.: Não. Tem bastante coisa.

R.W.: Ainda posso fazer.

B.R.S.: Muita coisa.

R.W.: Sim, sim.

B.S.R.: Pode fazer um monte de coisa. Acho que o Sr. deveria estar sentado lá do lado do Prof. Mércio...

R.W.: Se ele estiver lá para me ouvir ... (RISOS). Não quer dizer que ele seja o caixeiro viajante. Se ele não fizer isso, ele não obtém recursos.

B.R.S.: É que algumas pessoas defendem essa perspectiva que o reitor deve viajar, visitar outras universidades, levar o nome da universidade.

R.W.: Também tá certo.

B.R.S.: Mas não só isso.

R.W.: Mas não, eu acho que ... olha, se eu hoje fosse Reitor eu tiraria, por exemplo, um dia assim meio morto que é a sexta-feira durante o dia para pensar nessas coisas. Formaria meu grupo de

trabalho, olha vamos ter um “brainstorms” nós agora. Garanto que seriam muito realizadores ... e trabalhar. Não é isso que faz a professora Sandra Cavalcante no Rio de Janeiro até hoje? Ela só faz isso. Ela tem uma salinha e uma auxiliar, e só. Só pensa. Nem tudo o que ela pensa é aproveitável, naturalmente. Mas tem algumas coisas que se tornam viáveis, porque ela pensou e soube pensar. Além de ser uma pessoa que sempre trabalhou com ensino universitário. Conhece-a?

B.S.R.: Sim. É uma pessoa que tem uma vida pública imensa.

R.W.: Mas, eu sei que a FURB deve ter uma porção de pessoas engajadas nessas atividades. Certamente o Carlos Schramm é um . Se o Sr. conseguir lá algumas horas por mês, que seja, do Hans Prayon, do diretor atual da ACIB- Associação Comercial, acho que será uma outra coisa boníssima, por que ele como é Cônsul Honorário da Alemanha aqui em Blumenau, ele tornará fatíveis de imediato certas coisas ligadas com a Alemanha. E ele tem coisas para dizer. Eu vejo pela televisão. Professor, eu vejo televisão todo dia.

B.S.R.: Eu trabalhei com ele. O Sr. Hans Prayon poderia facilitar isso, inúmeros convênios com universidades alemãs.

R.W.: Pois é. Fundos de pesquisa, levar alunos em sistema de convênio, como ele tem levado ao longo dos anos.

B.S.R.: Pois é. Mas a universidade até então, tem sempre estabelecido convênios com universidades americanas, portuguesas, espanholas e não com as universidades que seriam até características para ela, como as alemãs, até como característica comum. Não que seja igual de um lugar...

B.S.R.: Não existe um lugar igual ao outro, não é possível. Mas há cultura semelhantes, elas têm muitas semelhanças.

R.W.: Justamente. É, e a nossa cultura ancestral é germânica.

B.S.R.: Isso é uma coisa que me chama muito a atenção também.

R.W.: Quer dizer, eu acho que essas pessoas a gente não pode jogar fora...

B.S.R.: Até porque são lideranças comunitárias.

R.W.: Sim

B.S.R.: Tem gosto pelas coisas da cidade, enfim...

R.W.: Ele (Hans Prayon) mora aqui.

B.R.S.: Sim é daqui, nasceu aqui.

R.W.: Aqui nasceu. Construiu aqui, tem casa com piscina, tem família aqui. Quer dizer, não é uma pessoa que de repente vá mudar para "São José dos Bruzunduns". Agora, a FURB no momento me agrada, realmente me agrada. É uma movimentação muito intensa. Ela está indo certo. Se uma coisa que eu acho que tem de conseguir é um maior aporte de recursos orçamentários. Isso tem que ser conseguido e pode ser conseguido. Não é tão difícil assim. Uma outra situação que nós tivemos aqui, o ... a Alemanha como perdedora da 2ª guerra, no seu orçamento ela teve que dedicar 2% à entidades religiosas. Um por cento (1%) para católicos e um por cento (1%) para evangélicos. Então, esses recursos orçamentários, que o orçamento da Alemanha não é qualquer um, da Alemanha proporcionaram muitos recursos nesses países em desenvolvimento. Os católicos em menor número porque eles vinham muito "pingados", muito inibidos, são os "bancáritas". Mas os evangélicos, aqueles da "miséria" são recursos ponderáveis, são grandes recursos.

R.W.: - Eu acho que os alemães, eles já chegam finalmente a aceitar a idéia de que é muito melhor desenvolver uma região ligada à Alemanha por tradições culturais como é o sul do Brasil.... (incompreensível). Santa Catarina, jogar esse recurso para o Nordeste como se fazia até então, e onde esses recursos eram perdidos. Então, recursos do "Miséria de repente iam cair nas mãos dos usineiros, em vez de cair nas mãos de um diretor da FURB que, queria construir um

hospital com isso, um hospital que nós precisamos aqui. Nós não temos um Hospital Regional, nós temos o Santa Isabel que é grande, mas, eu acho que a última grande contribuição que recebeu o Santa Isabel foi nos tempos de Delfim Neto, em 1973, isso está longe, isso faz 24 anos. E permitiu a construção desses blocos, agora, ali. O próprio Hospital Santa Isabel tem muito lugar para aumentar. As Irmãs da Divina Providência tem muito lugar para crescer naquele local. Se houvessem recursos provindos de instituições que fizessem sessões desses recursos por pouco mais que nada. Eu acho que nós teríamos condições de ter um Hospital Regional para mais ou menos já.

B.S.R.: - A questão é conseguir alternativas de financiamento. Esta é a grande questão?

R.W.: - Porque sempre vão haver os alunos inadimplentes, vão haver sempre.

B.S.R.: - Isso em qualquer lugar (RISOS), na Universidade de Blumenau,...

R.W.: - Não, isso não é só aqui, de um modo geral, no mundo todo. E agora se nós, por exemplo, dermos para esses alunos inadimplentes, condições de bolsas rotativas, eu penso, puxa eles não precisariam ser inadimplentes, aí eu volto a questão dessas bolsas rotativas. Veja por exemplo, uma PUC de Curitiba com 1,5 milhões de reais em 1997 para bolsas rotativas, isso ajuda bastante...

B.S.R.: - Ah! Com certeza.

R.W.: - É dinheiro que volta, ele sai por três semestres e volta depois, algum um ou outro se perde pelo caminho, mas a maioria volta. E os próprios alunos cobram isso.

B.S.R.: - O interesse não é deles...

R.W.: - Lógico, porque não fazer um DCE por exemplo, participar disso, enfim, bom isso só com a ... eu não quero ser o dono da verdade, nada disso, algumas idéias a gente poderia trocar.

B.S.R.: - Claro que sim. Como é que eram as relações professor, assim no interior da Universidade?

R.W.: - Críticas...

B.S.R.: - (RISOS) É mesmo?

R.W.: - Sim, críticas, eu já lhe contei essa história de um vice-reitor Administrativo e outro vice-reitor de Ensino, onde o vice-reitor Administrativo dificilmente soltaria os recursos para o vice-reitor de Ensino, se não estivesse de acordo com a aplicação desses recursos. Criava-se uma briga entre os professores. Duas pessoas muito queridas, mas a disputa pelo poder é mais forte.

B.S.R.: - Nem as próprias pessoas percebem que estão disputando o poder?

R.W.: - Exatamente, estão disputando o poder e nem sentem isso.

B.S.R.: - Faz parte de um imaginário, do inconsciente.

R.W.: - Isso faz parte de um imaginário, do inconsciente coletivo.

B.S.R.: - É até porque num ambiente onde trabalham muitas pessoas fica, dificilmente, em mesmo manter uma relação muito boa, enfim, uma Universidade onde as pessoas vão pensar. Pelo menos se espera que pensem na Universidade. E aí vão pensar diferente das outras, por isso a Universidade...?

R.W.: - Porque se não for para ter pensamento próprio, nem em nível de Universitário, então de onde vem esse pensamento próprio?

B.S.R.: - Onde vai ter?

R.W.: - Pois é.

B.S.R.: - Ih! Como ficou essa questão da UDN, PSD no âmbito da Universidade?

R.W.: - Bom, ficou assim: O Dr. Hercílio Deeke, prefeito da UDN, criou a Faculdade de Ciências Econômicas em 1964. Mas, na eleição seguinte, o governo passou para as mãos do PSD, como o Carlos Curt Zadrozny. Então, o Hercílio Deeke fez a parte dele e o Carlos Curt Zadrozny fez a parte dele ... e o Dr. Martinho que era chefe político, se dava bem com um e com outro, tinha

trânsito livre. Coisa muito boa. E nós tivemos uma Faculdade de Ciências Econômicas que no primeiro ano de sua vida era gratuita.

B.S.R.: - Quem bancava? O município?

R.W.: - O município, mas em 1966, quando foi eleito o Prefeito Carlos Curt Zadrozny, ele viu que o município não teria condições de suportar isso. Então, ela passou a ser paga. Mas, ele mesmo patrocinou a ida a São Paulo de cinco ou seis professores para se especializarem em alguma disciplina que estavam sendo oferecidas para os cursos que iam ser implantados, por exemplo, nós tivemos na Faculdade de Filosofia um professor da área de Farmácia Bioquímica que, depois foi aproveitado como Professor de Bioquímica Especializada. Isso foi no tempo do Carlos Curt Zadrozny do PSD. Sei muito bem desse detalhe por uma coisa, eu fui durante esse governo do PSD, fui nomeado como um dos componentes da Comissão de Planejamento. A parte educacional, ela estava mais ou menos para ser planejada pela minha pessoa, realmente nós assim o fizemos. Começamos a estabelecer onde colocar as escolas a quem estas escolas deveriam atender. Quais os tipos de escolas? Porque nós tínhamos aqui em Blumenau, ainda nessa época. Professores e Mestres únicos em sala. Lá pelo interior de Pomerode...

B.S.R.: - Todas as disciplinas, todos os alunos na mesma sala...?

R.W.: - É todos os alunos na mesma sala, um professor só dando aulas de 1º à 4ª série.

B.S.R.: - Tinha um quadro...

R.W.: - Então, tudo isso teve que ser levado em conta. Se instalou um processo de melhoria de implantação de escolas, certos parâmetros foram indicados. E o que eu achei mais espetacular disso tudo, foi que ele que era do PSD (Prefeito de uma Legislatura). Ele pouco daquilo pode colocar em prática, porque o tempo não permitia. Eu fiquei lá de 66 a 67, 68, 69, foram quatro anos. Então, o "Lazinho" que foi o prefeito seguinte, Evilásio Vieira, ele teve o consenso de aproveitar tudo aquilo que havia sido planejado para ele colocar em funcionamento...

B.S.R.: - Dar continuidade...?

R.W.: - Dar continuidade...

B.S.R.: - Que é uma raridade?

R.W.: - É, que é uma raridade! Isso é uma coisa raríssima!

B.S.R.: - Geralmente, um faz e o outro desfaz?

R.W.: - É, todo mundo quer coisa nova, dele.

B.S.R.: - ... imagem do outro ...?

R.W.: - É sobrepujar a imagem do outro. Mas nesse aspecto ele foi muito sensato, eu acho, e ele também, esse prefeito, ele teve que resolver aquelas grandes dificuldades, a exoneração do Dr. Martinho e do Milton ao mesmo tempo e o Dr. Rufino que não queria ser exonerado de modo nenhum. Ele exonerou na marra, por decreto.

B.S.R.: - Exonerou todos?

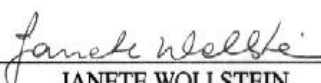
R.W.: - Não, dois se exoneraram e o terceiro que não queria, também foi exonerado. Isso claro que, isso deu trabalho, deu discussão, deu problemas, principalmente de ordem financeira, credibilidade que tiveram que ser reconquistadas calmamente, depois pelo reconhecimento das Faculdades que não estavam reconhecidas pelo poder público. Então, o que nós tínhamos para apresentar ao povo? Faculdades reconhecidas. Vejam, para crer! E outra vez o problema está acontecendo... vocês não tiveram nenhuma Faculdade reconhecida nesta época. Pois é, passaram a ter três, em 2 anos, e depois imediatamente criaram-se as outras Faculdades, porque a credibilidade havia sido reconquistada. Essa história precisa ser confrontada com a história do Professor Pompeu. Ele deve ter outra interpretação.

TERMO DE DOAÇÃO

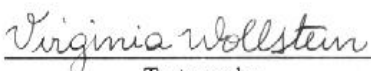
Pelo presente documento, eu RIVADAVIA WOLLSTEIN, cedo ao CEMU- Centro de Memória Universitária, da Universidade Regional de Blumenau, todos os direitos de uso e divulgação que me corresponderem, do conteúdo de gravação em fita de vídeo, em fita magnética e transcrição literal, em documentos anexos e por mim rubricados, concedida aos integrantes do "Projeto Universidade Regional de Blumenau e sua História", Professor Balbino Simor Rocha, Clarice Ehmke, Richard Huewes e Viegas Fernandes da Costa, em data de nove de dezembro de um novecentos e noventa e sete, 09/12/97, na cidade de Blumenau, composto de fita de vídeo, fita cassete e transcrição literal.

Declaro também que, pela natureza do trabalho apresentado, o conteúdo das gravações pode ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data.

Blumenau, 7 de maio de 2001.



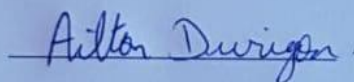
JANETE WOLLSTEIN
P/RIVADAVIA WOLLSTEIN
Entrevistado e doador (In Memoriam)



Testemunha

ANEXO II - CARTAS DE CESSÃO DE DIREITOS ASSINADAS**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS**

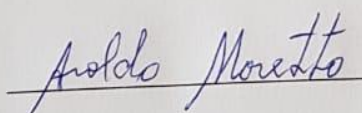
Eu, AILTON DURIGON, RG [REDACTED] declaro ceder à Lidiane Ronsoni Maier RG [REDACTED], sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista, que lhe concedi em 23 de maio de 2018, com duração de 01h45min33seg e, também os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.



AILTON DURIGON

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

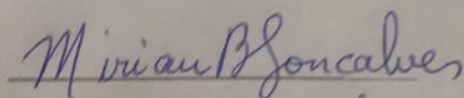
Eu, AROLDO MORETTO, RG [REDACTED], declaro ceder à Lidiane Ronsoni Maier RG [REDACTED] sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista, que lhe concedi em 25 de junho de 2018, com duração de 01h29min33seg e, também os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.



AROLDO MORETTO

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, MIRIAM BUSS GONÇALVES, RG [REDACTED] declaro ceder à Lidiani Ronsoni Adelar [REDACTED] sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista, que lhe concedi em 25 de junho de 2018, com duração de 01h04min01seg e, também os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.



MIRIAM BUSS GONÇALVES

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, NEDA DE MELLO ALTENBURG, RG [REDACTED], declaro ceder à Lidiane Ronsoni Maier RG [REDACTED] sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista, que lhe concedi em 25 de maio de 2018, com duração de 39 min 52 seg e, também os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

Neda Melo Altenburg

NEDA DE MELLO ALTENBURG

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, TERESINHA SELINKE, RG [REDACTED] declaro ceder à Lidiane Ronsoni Maier RG [REDACTED], sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista, que lhe concedi em 4 de julho de 2018, com duração de 01h34min22seg e, também os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

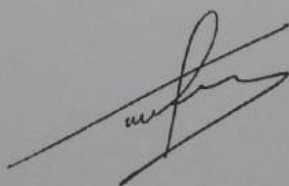


TERESINHA SELINKE



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

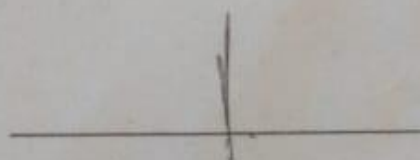
Eu, VALDECI JOSÉ COSTA, RG [REDACTED] declaro ceder à Lidiane Ronsoni Maier RG [REDACTED], sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista, que lhe concedi em 23 de maio de 2018, com duração de 29min11seg e, também os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.



VALDECI COSTA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, OSNI PISKE, RG [REDACTED] declaro ceder à Lidiane Ronsoni Maier RG [REDACTED] sem quaisquer restrições, os direitos sobre textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.


OSNI PISKE
RG [REDACTED]

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Eu, LILI ALTHOFF KALVELAGE, RG [REDACTED] declaro ceder à Lidiane Ronsoni Maier RG [REDACTED] sem quaisquer restrições, os direitos sobre a TEXTUALIZAÇÃO a mim apresentada e por mim conferida e validada.

Blumenau – SC, 1 de março de 2021.

Lili A. Kalvelage

LILI ALTHOFF KALVELAGE